

“maravilhoso, impossível de largar.” — noam chomsky

johann
hari

na fissura

uma história do fracasso
no combate às drogas



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JOHANN HARI

Na fissura

Uma história do fracasso no combate às drogas

Tradução

Hermano Brandes de Freitas



Para Josh, Aaron, Ben e Erin

Nota: Os áudios das declarações dadas diretamente ao autor podem ser encontrados na íntegra em <chasingthescream.com> — você pode escutar as vozes de todas as pessoas que falam no livro enquanto lê.

Sumário

Introdução

PARTE I: MONTE RUSHMORE

1. A Mão Negra
2. Os fracos
3. O mundo dos fortes
4. A bala na origem de tudo

PARTE II: FANTASMAS

5. Souls of Mischief
6. O lado da polícia
7. Cogumelos

PARTE III: ANJOS

8. Vergonha
9. O Anjo de Juárez e Bart Simpson
10. Conexão mexicana

PARTE IV: O TEMPLO

11. Experiências com animais
12. Cidade terminal
13. Batman estava errado

PARTE V: PAZ

14. Revolta dos adictos
 15. Nevascas e a força
 16. O espírito de 74
 17. Legalização da maconha no Uruguai
 18. Matar ou morrer
 19. A única desculpa
- Epílogo: Se você estiver só

Uma nota sobre técnicas narrativas

Agradecimentos

Notas

Referências bibliográficas

Introdução

Quase cem anos após o início da guerra às drogas, eu me vi em meio a um dos seus campos de batalha menos importantes. Nos subúrbios do norte de Londres, uma parente minha, muito próxima, afundava novamente na cocaína, enquanto meu ex-namorado trocava um longo relacionamento com a heroína por um cachimbo de crack. Eu observava tudo com certo distanciamento, em parte porque tomava punhados de enormes pílulas brancas para tratar narcolepsia havia anos. Só que eu não sou narcoléptico. Tinha lido muito tempo antes que, caso as tomasse, poderia escrever durante semanas a fio como um maníaco, sem pausa ou descanso, e funcionou — eu andava totalmente pilhado.

Tudo isso era muito familiar para mim. Uma de minhas memórias mais antigas é a tentativa de reanimar em vão uma parente minha que, drogada, caiu no chão desacordada. Desde então, me senti estranhamente atraído por dependentes químicos e adictos em recuperação — eles são minha tribo, meu grupo, meu povo. Mas, pela primeira vez, passei a me perguntar se eu mesmo não tinha me tornado um dependente. Minhas maratonas de escrita estimuladas por drogas acabavam apenas quando eu desmaiava de exaustão. E eu só conseguia acordar dias depois. Uma manhã me dei conta de que estava começando a parecer um pouco com aquela parente que eu tentara reanimar tantos anos antes.

Fui ensinado — pelo meu governo, pela minha cultura — que esse tipo de situação deve ser enfrentado com uma guerra. Todos conhecemos o roteiro: ele está entranhado em nosso subconsciente, como olhar para os dois lados antes de atravessar a rua. Trate os usuários de drogas e os dependentes como criminosos. Reprima-os. Envergonhe-os. Coloque-os contra a parede até que resolvam parar. Essa é a visão que predomina em quase todos os países do mundo. Por muitos anos, tenho me manifestado publicamente contra essa estratégia. Escrevi artigos de jornal e fui à televisão para falar que a política de punição e humilhação dos usuários de drogas só os torna piores — e cria vários outros problemas para a sociedade. Defendi, portanto, outra estratégia — legalizar as drogas pouco a pouco, usando a verba atualmente gasta em punir usuários para financiar tratamento humanizado.

Mas, ao mesmo tempo que observava as pessoas que amava através do meu olhar entorpecido, uma pequena parte de mim questionava se eu de fato acreditava no que defendia publicamente. As vozes na minha cabeça eram como a de um sargento em um filme sobre a Guerra do Vietnã, berrando insultos contra os recrutas. Você é um idiota por fazer isso. Isso é uma vergonha. Você é uma besta por não parar. Alguém deveria impedir que você faça isso. Você deveria ser punido.

Então, mesmo que criticasse a guerra às drogas, ela estava sendo travada dentro da minha cabeça. Não posso dizer que a disputa entre as duas partes estava bem equilibrada — meu pensamento racional sempre pendeu para uma política mais reformista —, mas o conflito interno era constante.

Por anos procurei uma maneira de me ver livre desse impasse — e, certa manhã, um pensamento me ocorreu. Nós e as pessoas que amamos são apenas pequenos borrões de uma tela muito maior. Se ficarmos concentrados somente nessas imagens menores, ou seja, se continuarmos parados onde estamos, nunca sairemos do lugar. Mas e se encontrássemos uma maneira de nos afastar para conseguir enxergar, de forma abrangente, o quadro geral?

Rabisquei algumas perguntas que me intrigavam havia anos. Por que a guerra às drogas começou e por que ela continua? Por que algumas pessoas conseguem usar drogas sem nenhum problema e outras não? O que de fato causa o vício? O que acontece quando se adota uma política radicalmente diferente? Decidi partir em uma jornada até as linhas de frente da guerra às drogas para encontrar as respostas.

Diante disso, desmontei meu apartamento, joguei na privada as pílulas que restavam e parti. Eu sabia que essa guerra havia começado nos Estados Unidos, embora ainda não soubesse quando ou como. Cheguei a Nova York com uma lista de especialistas no assunto. Hoje eu sei que foi muito bom não ter comprado uma passagem de volta. Ainda não havia percebido no primeiro dia que a viagem acabaria me levando a nove países e a percorrer 48 mil quilômetros em três anos.

Nesse percurso, cruzei com histórias que não tinha imaginado — e essas pessoas responderam às perguntas que me perseguiram havia tanto tempo. Uma transexual traficante de crack do Brooklyn que queria saber quem tinha matado sua mãe. Uma enfermeira de Ciudad Juárez perambulando pelo deserto para encontrar sua filha. Um menino tirado clandestinamente do gueto de Budapeste durante o Holocausto que, quando adulto, foi investigar as causas da dependência. Um junkie que liderou uma revolta em Vancouver. Um serial killer trancafiado em uma cela no Texas. Um médico português que levou seu país a descriminalizar todas as drogas, da maconha ao crack. Um cientista de Los Angeles que administra alucinógenos em um mangusto só para ver o que acontece.

Eles — e muitos outros — foram meus professores.

Fiquei assustado com o que aprendi com eles. Muitas das nossas premissas mais básicas sobre o assunto estão erradas. As drogas não são o que pensamos. O vício em drogas não é o que nos foi ensinado. A guerra às drogas não é como os políticos a venderam há mais de cem anos. E existe uma história muito diferente por aí esperando para ser ouvida — uma história capaz de nos alimentar de fartas esperanças.

PARTE I
MONTE RUSHMORE

1. A Mão Negra

Enquanto esperava em uma fila sonolenta de alfândega, sob as luzes de neon do aeroporto JFK, tentava recordar com precisão quando a guerra às drogas tinha começado. Achava que deveria ter sido na era Richard Nixon, anos 1970, quando a expressão foi difundida. Ou com Ronald Reagan, nos anos 1980, quando a campanha antidrogas “Just Say No” [Apenas diga não, em tradução livre] pareceu ter se tornado um segundo hino nacional.

Quando comecei a circular pela cidade de Nova York entrevistando especialistas em política de drogas, percebi que a história era mais antiga. Descobri que o juramento de travar uma “guerra implacável” contra as drogas foi proferido pela primeira vez nos anos 1930, por um homem quase esquecido hoje — ainda que ele tenha sido uma das figuras-chave para criar o mundo hostil aos narcóticos no qual vivemos. Descobri que havia um extenso arquivo com seus papéis na Penn State University — diários, cartas e outros documentos —, assim fui até lá de ônibus para ler tudo o que pude encontrar sobre Harry Anslinger. Só então entendi quem ele foi realmente — e o que significa para todos nós.

Através daqueles arquivos descobri que, nos primórdios da guerra às drogas, havia três pessoas que podem ser consideradas suas figuras fundadoras: se houvesse um monte Rushmore* da proibição às drogas, seus rostos, com expressões impassíveis, estariam esculpidos sobre a rocha da montanha, erodindo devagar. Pesquisei sobre essas pessoas em muitos

outros arquivos e conversei com quem ainda se lembrava delas. Hoje, três anos mais tarde, depois de tudo o que aprendi, imagino-as quando crianças, espalhadas pelos Estados Unidos sem saber como os primeiros sinais da guerra às drogas, que começava a surgir, impactariam a vida deles. É aí, me parece, que a história começa.

Em 1904, um garoto de doze anos foi visitar o casarão da fazenda do seu vizinho, em meio às plantações de milho do oeste da Pensilvânia, quando escutou um grito. O som desesperado, doído, que vinha de algum lugar acima dele, deixou-o confuso. O que estava acontecendo? Por que uma mulher adulta gritaria como um animal?

O marido dela correu escada abaixo e deu as seguintes instruções ao menino: pegue a carroça e vá até a cidade o mais rápido que puder. Pegue um pacote na farmácia. Traga-o aqui. Faça isso agora.

O garoto chicoteou os cavalos sem piedade, porque estava certo de que, se fracassasse, ela morreria. Assim que retornou com o pacote, o fazendeiro tomou-o das suas mãos e correu até a mulher. Ela se acalmou, e o gritos pararam. Mas o garoto nunca mais ficaria tranquilo.

“Nunca esqueci aqueles gritos”, ele escreveu anos depois. Daquele momento em diante, estava convencido de que certas pessoas podiam até parecer normais, mas, a qualquer momento, poderiam se tornar “emotivas, histéricas, degeneradas, doentias e deficientes mentais” se tivessem contato com o grande agente perturbador: as drogas.

Ao crescer, aquele garoto exploraria os temores mais profundos da cultura norte-americana — das minorias raciais, da intoxicação, da perda de controle —, canalizando-os para uma guerra mundial contra aqueles gritos. Em resposta, muitos outros gritos seriam provocados. Hoje, eles podem ser ouvidos em quase qualquer cidade do mundo.

Foi assim que Harry Anslinger entrou na guerra contra as drogas.

Alguns anos antes, no Upper East Side de Manhattan, um rico comerciante judeu ortodoxo viu uma cena que não conseguiu compreender. Seu filho de três anos segurava uma faca sobre o irmão mais velho, pronto para esfaqueá-lo enquanto o outro dormia. “Por quê, meu filho, por quê?”, perguntou o comerciante. O garotinho respondeu que odiava o irmão.

Ele odiaria um bocado de gente ao longo da vida — quase todo mundo. Mais tarde declararia que “a maior parte da espécie humana era composta de picaretas e paspalhões que fazem escolhas podres e não têm cérebro”. Ele enfiaria a faca em muitas pessoas, assim que se tornasse rico e poderoso o suficiente a ponto de pagar a outros para fazer esse trabalho por ele. Normalmente, um homem com uma personalidade dessas acabaria preso, mas esse não foi o destino daquele garotinho. A ele foi confiada uma indústria na qual sua capacidade de ser violento seria não apenas recompensada como também considerada essencial para os negócios, voltados para o incipiente mercado de drogas ilegais na América do Norte. Quando ele finalmente foi morto — depois de orquestrar inúmeros assassinatos e acumular milhões de dólares —, ainda era um homem livre.

Foi assim que Arnold Rothstein entrou na guerra contra as drogas.

Em uma outra tarde dos anos 1920, uma menina de seis anos escutava discos de jazz deitada no chão de um bordel em Baltimore. Sua mãe tinha a convicção de que esse tipo de música era obra do diabo e não a deixava ouvir em casa, então ela se ofereceu para fazer pequenos serviços de limpeza para a cafetina local com a condição de que, em vez de receber dinheiro como as outras crianças, pudesse ouvir jazz sozinha durante horas naquele quarto. Aquilo provocava nela um sentimento tão indescritível que resolveu que, um dia, causaria o mesmo nos outros.

Mesmo depois de ser estuprada, prostituída e de usar heroína para aliviar a dor que sentia, a música ainda estaria ali esperando por ela.

Foi assim que Billie Holiday entrou na guerra contra as drogas.

Quando Harry e Arnold e Billie nasceram, as drogas eram vendidas livremente em todo o mundo. Você podia ir a qualquer farmácia dos Estados Unidos e comprar produtos feitos com os mesmos ingredientes da cocaína e da heroína. Os xaropes mais populares para combater a tosse no país continham derivados do ópio; um refrigerante novo chamado Coca-Cola era feito da mesma planta que a cocaína em pó; na Grã-Bretanha, as lojas de departamento mais exclusivas vendiam latinhas com heroína para as mulheres da alta sociedade.

Mas eles cresceram numa época em que a cultura norte-americana estava procurando uma forma de extravasar um pouco a sensação de ansiedade que só se intensificava. Buscava-se um objeto físico e real que pudesse ser destruído, na esperança de acabar com o medo diante de um mundo que se transformava rápido demais. As substâncias químicas foram escolhidas para ser esse objeto a ser perseguido. Essa decisão foi tomada em 1914. Vamos destruir as drogas. Varrê-las da face da Terra. Vamos livrar o mundo desse mal.

Quando essa decisão foi tomada, Harry, Arnold e Billie viram-se no meio do primeiro campo de batalha e foram obrigados a participar do combate.

Billie Holiday subia ao palco com o cabelo preso com firmeza para trás, seu rosto era redondo e brilhante sob os holofotes, e sua voz se embalava pela dor. Foi em uma dessas noites, em 1939, que ela começou a cantar uma música que se tornaria lendária:

*Southern trees bear a strange fruit,
Blood on the leaves and blood on the root.***

Antes disso, mulheres negras — com raras exceções — só podiam subir ao palco para interpretar caricaturas sorridentes, ocultando qualquer sentimento real. Mas ali, naquele momento, ela era Lady Day, uma mulher negra expressando consternação e fúria pelo assassinato em massa dos seus irmãos no Sul, com seus corpos linchados pendurados em árvores.

“Foi extremamente corajoso, quando refletimos sobre isso”, me disse sua afilhada, Lorraine Feather. Naquela época, “todas as canções falavam de amor. Em hotéis não se cantavam músicas que falassem de matança de pessoas — que falassem de algo tão cruel e sórdido. Isso nunca acontecia”. Uma canção sobre linchamento, ainda por cima proferida pela voz de uma afro-americana? Mas Billie a compôs porque ela “parecia falar sobre todas as coisas que causaram a morte” do seu pai, Clarence, no Sul.

O público escutou, quieto. Muitos anos depois, esse momento seria considerado o “início do movimento pelos direitos civis”. Lady Day recebeu ordens das autoridades para parar de cantar essa música. Ela se negou a cumpri-las.

Começou a ser perseguida pelo Departamento Federal de Narcóticos de Harry no dia seguinte. Não demoraria para que isso tivesse um papel crucial na sua morte.

Desde seu primeiro dia no gabinete, Harry Anslinger tinha um problema, e todo mundo sabia. Ele havia acabado de ser designado diretor do Departamento Federal de Narcóticos — uma pequena seção enterrada nas entranhas do Departamento do Tesouro em Washington —, que parecia prestes a ser extinto. Era o antigo Departamento de Proibição, mas o álcool fora novamente legalizado e seus homens precisavam de uma nova função, rápido. Quando examinou a nova equipe, apenas alguns anos antes de começar sua perseguição a Billie, o que viu foi um exército derrotado que havia desperdiçado catorze anos em uma guerra contra o álcool só para ver o inimigo ganhar no final. Esses homens eram corruptos notórios, mas Harry estava incumbido de limpar a equipe e torná-la uma força-tarefa capaz de acabar com as drogas nos Estados Unidos.

Era apenas o primeiro obstáculo. Muitas drogas, incluindo a maconha, ainda eram legalizadas. A Suprema Corte decidira, na época, que os dependentes de substâncias mais pesadas não eram de responsabilidade da polícia e deveriam receber tratamento médico. Mas, pouco antes de Harry

assumir o cargo, o orçamento do departamento teve um corte de 700 mil dólares. Qual era o sentido daquilo tudo? Parecia que a qualquer momento seu trabalho de combate às drogas daria lugar à burocracia.

Em poucos anos, o estresse de tentar manter seu império proibicionista e de criar uma função para si mesmo faria com que todo o cabelo de Harry caísse, deixando-o parecido com um pôster antigo de um lutador.

A estratégia de Harry para reagir à ideia de que ele não tinha tanta importância era sempre apostar mais alto. Afirmou que erradicaria todas as drogas, em todos os lugares, e, em trinta anos, conseguiu transformar um departamento falido, ocupado por homens derrotados, no quartel-general de uma guerra global às drogas que já dura cem anos e não dá sinais de acabar tão cedo. Ele teve sucesso porque era um gênio da burocracia — e, ainda mais importante, porque havia uma tensão crescente na cultura norte-americana, que estava esperando por alguém como ele, com uma resposta categórica para as questões ligadas às substâncias químicas.

Desde aquele dia, na fazenda do seu vizinho, Harry sabia que queria liderar a cruzada para banir as drogas do mundo — mas, diante de suas origens, ninguém imaginara que ele conseguiria fazer isso, muito menos com tamanha rapidez. Seu pai, um cabeleireiro suíço, fugiu das montanhas para evitar o serviço militar e acabou na Pensilvânia, onde teve nove filhos. Ele não tinha como pagar pela educação de todos, então o oitavo, Harry, foi forçado a trabalhar na ferrovia aos catorze anos. Ele era um menino determinado, que insistia em ganhar seu dinheiro durante o período da tarde e da noite para conseguir estudar de manhã.

Mas o trabalho foi a verdadeira escola de Harry. Construindo as linhas férreas do estado da Pensilvânia, teve o primeiro contato com algo sombrio e proibido — e que se tornaria sua segunda obsessão. Ele tinha a tarefa de supervisionar um grande número de imigrantes sicilianos recém-chegados. Às vezes, escreveu, escutava-os sussurrando pelos cantos sobre algo que chamavam de “Mão Negra”.

Harry registrava o que ouvia seguindo o estilo dos livros de suspense baratos dos quais era fã. Não se falava sobre o assunto na frente de estranhos. Nem na frente da família, a menos que fosse obrigado. Mas ela podia, de uma hora para outra, acabar com você. O que era essa Mão Negra? Ninguém sabia responder.

Numa manhã, Harry encontrou um dos seus subordinados — um italiano chamado Giovanni — sangrando em uma vala. Havia levado vários tiros. Quando ele acordou no hospital, Harry estava lá, esperando para ouvir o que tinha acontecido, mas o operário estava aterrorizado demais para falar. Anslinger passou horas assegurando-lhe que garantiria a segurança dele e da família.

Finalmente, Giovanni abriu a boca. Contou que estava sendo forçado a pagar uma quantia em troca de proteção a um homem chamado “Big Mouth Sam” [Sam Bocudo, em tradução livre], um dos capangas que integravam um grupo chamado Máfia, que desembarcara nos Estados Unidos vindo da Sicília e se escondia no meio dos imigrantes italianos. A Máfia, Giovanni contou, estava envolvida em todos os tipos de crimes, e os trabalhadores da ferrovia eram obrigados a pagar um “imposto do terror” — se não dessem dinheiro à Máfia, acabariam no hospital como ele, ou coisa ainda pior poderia acontecer.

Anslinger foi confrontar Big Mouth Sam, um imigrante “corpulento e moreno”, dizendo: “Se o Giovanni morrer, vou cuidar pra que você seja enforcado. Entendeu?”. Big Mouth tentou responder, mas Harry continuou: “Se ele ficar bom e você o incomodar de novo, ou a qualquer um dos meus homens, ou tentar espancar um deles de novo, mato você com minhas próprias mãos”.

Anslinger ficou obcecado pela Máfia em uma época em que a maioria dos norte-americanos duvidava da sua existência. Hoje, para nós, é difícil acreditar nisso, mas a posição oficial das autoridades norte-americanas até os anos 1960 — desde J. Edgar Hoover até o último degrau da hierarquia — era de que a Máfia não passava de uma teoria da conspiração absurda, tão

fantasiosa quanto o Monstro do Lago Ness. Reagiam como nós reagimos quando alguém defende teorias conspiratórias sobre o Onze de Setembro ou sobre uma sociedade secreta que manipula os grandes acontecimentos mundiais, ou seja, como se fosse um absurdo.

Mas Harry tinha visto com os próprios olhos o que a Máfia podia fazer e estava convencido de que se seguisse os passos de Big Mouth Sam até os bandidos acima dele, rastreando os chefes, conseguiria desmascarar uma vasta rede global, talvez até mesmo um suposto “governo secreto mundial”, que controlava tudo o que acontecia. Logo, começou a guardar toda informação que encontrava sobre a Máfia, não importando se fosse pequena ou trivial. Recortava breves reportagens de revistas baratas e as guardava. Um dia, pensava, acabaria usando aquelas informações.

Assim que a Primeira Guerra Mundial começou, Harry tentou se alistar nas Forças Armadas, mas era cego de um olho — seu irmão tinha acertado uma pedra no seu rosto anos antes — e, por isso, foi rejeitado. Como era fluente em alemão, foi oferecida a ele uma vaga como agente diplomático na Europa. Assim, foi de navio para Londres, em meio a uma neblina cerrada que tornava as ilhas britânicas invisíveis. De lá, embarcou para Hamburgo e, depois, para Haia, onde seu trabalho era investigar informações sobre os diplomatas locais e cuidar dos cidadãos norte-americanos que estavam em apuros. Muitos marinheiros desempregados foram levados a ele para serem encaminhados de volta para casa, porque tinham se viciado em heroína. Harry olhava para suas faces esqueléticas e percebia que a raiva que sentira quando era menino só crescia. Prometeu acabar com aquilo.

Bem no final da guerra, quando ficou evidente para todos que os alemães tinham perdido, Harry foi enviado para sua missão mais importante até ali: levar uma mensagem secreta para o governante alemão derrotado. Conforme contou a história mais tarde, Harry foi mandado à pequena cidade holandesa de Amerongen, onde o Kaiser estava escondido em um castelo, com planos de abdicar. Anslinger devia fingir ser um oficial alemão para levar a seguinte mensagem do presidente Woodrow Wilson: “Não

renuncie”. Os Estados Unidos queriam mantê-lo no trono para impedir — como se temia — que houvesse espaço para “revolução, baderna e caos” caso ele renunciasse.

Os guardas holandeses posicionados no portão do castelo pediram que Harry mostrasse suas credenciais. “Mostrem vocês as suas”, ele respondeu, com seu alemão feroz. Amedrontados e pensando se tratar de um integrante da escolta do Kaiser, deixaram-no passar.

Anslinger conseguiu levar a mensagem — mas era tarde demais. A decisão havia sido tomada. O Kaiser renunciou. Pelo resto da vida, acreditaria que, se tivesse levado o pedido do presidente um pouco antes, “um acordo de paz decente poderia ter sido firmado, impedindo a chance de Hitler chegar ao poder no futuro, evitando a eclosão da Segunda Guerra Mundial”. Foi a primeira vez — mas não a última — que Harry sentiu que o futuro da civilização dependia de suas ações.

Ele viajou por uma Europa em ruínas. “A visão de uma cidade grande reduzida a escombros, sem uma casa em pé, provoca um sentimento que é difícil descrever”, anotou em seu diário. Pontes bombardeadas viraram destroços. As fábricas haviam sido completamente destruídas ou então saqueadas, com seus maquinários jogados nas estradas, retorcidos e inutilizados como fantasmas de metal de tempos idos. Havia enormes crateras de bombas e uma quantidade interminável de cercas de arame farpado. Não importa como você tenha imaginado essa cena, “multiplique-a por vinte”, escreveu.

No entanto, o que mais chocou Harry não foi o efeito da guerra nas construções, mas nas pessoas. Pareciam ter perdido por completo a noção de ordem. Famintas, passaram a se rebelar. A cavalaria tinha sido chamada para investir contra elas, e as ruas estavam em chamas. Harry estava no saguão de um hotel em Berlim quando revolucionários socialistas subitamente dispararam suas metralhadoras contra as pessoas — o sangue de uma delas espirrou nas mãos dele. A civilização, concluiu ele, era tão frágil quanto a esposa daquele fazendeiro em Altoona. Poderia ruir. Depois

disso, e pelo resto da vida, Harry manteve a percepção de que a sociedade norte-americana poderia desmoronar tão de repente quanto a europeia.

Em 1926, foi transferido da Europa destruída para a paradisíaca ilha das Bahamas, mas Harry não estava em busca de uma vida mais tranquila. Era o auge da proibição das bebidas alcoólicas: os norte-americanos queriam beber e os contrabandistas desejavam vender a mercadoria, por isso, o uísque saía aos montes da ilha. Harry estava furioso. Os traficantes eram originários das ilhas do Caribe e da América Central, e ele acreditava que estavam cheios de “doenças contagiosas horripilantes” e que quem consumisse a bebida deles seria contaminado.

“É só me dar um rifle de grosso calibre. Eu acabo com eles”, disse um dos colegas de Harry. Nesse espírito, ele anunciou aos seus superiores que havia uma forma de fazer com que a proibição funcionasse: usando a força máxima. Mandando a Marinha para caçar os traficantes ao longo da costa norte-americana. Banindo a venda de álcool para uso medicinal. Aumentando sentenças de prisão para quem contrabandeasse, até que todos estivessem presos. Travar uma guerra contra o álcool até que ele sumisse do mapa.

Em apenas alguns anos, Harry passou de um frustrado agente proibicionista nas Bahamas a diretor de um departamento em Washington. Como ele conseguiu? É difícil dizer, mas deve ter ajudado o fato de ter se casado com uma jovem chamada Martha Denniston, de uma das mais famílias ricas do país, os Mellon. O então secretário do Tesouro, Andrew Mellon, era agora um parente próximo — e o departamento responsável pela proibição estava subordinado a essa secretaria.

Desde o momento em que assumiu o cargo, Harry estava ciente da fragilidade da sua nova posição. Uma guerra apenas contra os narcóticos — a cocaína e a heroína, que haviam sido proibidas em 1914 — não seria suficiente. Elas eram usadas somente por uma pequena minoria, o que não

justificava a existência de um órgão inteiro para controlar um grupo tão inexpressivo. Ele precisava de mais.

Com isso em mente, começou a ver nos jornais reportagens que o intrigaram. As manchetes eram como a de 6 de julho de 1927, no *New York Times*: FAMÍLIA MEXICANA ENLOUQUECE. A explicação: “Uma viúva e seus quatro filhos enlouqueceram depois de comer uma planta de maconha, segundo os médicos, que dizem não ser possível salvar a vida das crianças e que a mãe ficará louca pelo resto da vida”. A mulher não tinha dinheiro para comprar comida, então decidiu comer as plantas de maconha que cresciam no jardim. Logo em seguida, “os vizinhos, ouvindo os acessos de risadas malucas, invadiram a casa e encontraram a família inteira em surto”.

Havia muito tempo Harry considerava a maconha um estorvo que apenas o distrairia de combater as drogas que importavam de verdade. Achava que a planta não viciava e declarou que “não havia falácia mais absurda” que considerá-la a causa de crimes violentos.

Mas, de uma hora para outra, começou a defender o contrário. Por quê? Ele acreditava que os dois grupos mais temidos dos Estados Unidos — os imigrantes mexicanos e os afro-americanos — estavam usando essa droga muito mais do que os brancos, e apresentou à Comissão Orçamentária da Câmara uma hipótese assombrosa de onde isso poderia dar. Ele disse ter sido informado de que “estudantes de cor da Universidade de Minn[esota] estavam confraternizando com estudantes mulheres (brancas) e ganhando a simpatia delas com histórias de perseguição racial. Resultado: gravidez”. Esse foi o primeiro sinal do que estava por vir.

Escreveu depois para trinta especialistas perguntando uma série de coisas sobre a maconha. Desses, 29 responderam que seria um erro banir a erva e que ela estava sendo deturpada pela imprensa. Anslinger decidiu ignorá-los, citando o único especialista a acreditar que ela era um grande mal a ser erradicado.

Com esse fundamento, Harry advertiu o público sobre o que acontece quando se fuma um baseado. Primeiro, você experimenta uma “raiva

delirante”. Depois, será envolvido por “sonhos... de natureza erótica”. E, daí, você “perde toda a capacidade de articular pensamentos”. Finalmente, chegará ao fim da linha: “insanidade”. Você poderia ficar chapado com facilidade, sair e matar uma pessoa, e tudo aconteceria sem você perceber que saiu do quarto, porque a maconha “transforma as pessoas em animais selvagens”, disse ele. De fato, “se o horrível monstro do Frankenstein ficasse frente a frente com o monstro da marijuana, cairia morto de medo”.

Um médico chamado Michael V. Ball entrou em contato com Harry para contradizê-lo, dizendo ter usado o extrato de cânhamo quando era estudante de medicina e que seu consumo só o fazia se sentir sonolento. Suspeitava que as alegações que circulavam sobre a droga poderiam não ser verdadeiras. Talvez, ele disse, a maconha pudesse deixar as pessoas loucas em um pequeno número de casos, mas isso aconteceria se a pessoa já tivesse algum tipo de problema mental latente. Ele implorou que Anslinger financiasse estudos laboratoriais para descobrir a verdade.

A resposta foi escrita com firmeza. “O mal da maconha não pode ser mais temporizado”, Anslinger explicou, e ainda disse que nunca financiaria uma pesquisa científica independente.

Por anos, médicos continuaram a abordá-lo com provas de que ele estava errado. Diante disso, Anslinger começou a ficar enfurecido e avisou aos médicos que estavam “pisando onde não deviam” e que deveriam pensar melhor antes de falar. Em vez disso, escreveu para policiais de todo o país mandando que achassem casos em que a maconha provocara assassinatos — e as histórias começaram a aparecer.

O caso que definiu os rumos dessa discussão para Harry e para o país foi o de um jovem chamado Victor Licata, da Flórida. Ele tinha 21 anos e era conhecido em seu bairro por ser “normal e quietinho”, até que, segundo a história, fumou maconha. Ele entrou em um “sonho emacanhado” no qual estava sendo perseguido por homens que queriam cortar seus braços e, por isso, reagiu pegando um machado e cortando em pedaços a mãe, o pai, os dois irmãos e a irmã.

Comandada por Harry, a imprensa tornou famosa a história de Licata. As pessoas passaram a acreditar que também poderiam ser feitas em pedaços se seus filhos fumassem maconha. Anslinger não foi o criador desse medo — que já era bem disseminado no México desde o final do século XIX, pois se acreditava que a maconha deixava as pessoas *locas*. Muito menos era o único responsável por fazer esse temor penetrar nos Estados Unidos — a imprensa amava essas histórias, em especial a mídia de massa de William Randolph Hearst. Mas era a primeira vez que os veículos de comunicação tinham o aval do governo federal para transmitir isso para o país inteiro, a todo o volume, atestando a veracidade das informações. Alertava-se que, por trás da fumaça de um baseado, havia Victor Licatas em todos os lugares.

Os avisos funcionaram. As pessoas começaram a reivindicar que o Departamento de Narcóticos recebesse mais dinheiro para salvá-las daquela ameaça terrível. O problema de Harry — a fragilidade do seu novo império — começava a ser resolvido.

Muitos anos depois, o professor de direito John Kaplan analisou o histórico médico de Victor Licata. Os psiquiatras que o examinaram disseram que ele sofria de loucura “aguda e crônica” havia muito tempo. A família dele apresentava problemas similares de saúde mental, sendo que três parentes tinham sido internados em hospícios. A polícia local tentara por anos conduzir Licata a um hospital psiquiátrico, mas seus pais insistiram em cuidar dele em casa. Para os psiquiatras, sua experiência com maconha era tão irrelevante que nem foi mencionada nos registros médicos.

Mas Anslinger agora tinha construído outra história. Em um famoso discurso de rádio, ele anunciou: “Cuidado, pais! Seus filhos estão sendo levados a um novo perigo, que vem na forma de um cigarro de droga, a maconha. Os jovens são escravos desse narcótico, prosseguindo no vício até que fiquem deteriorados mentalmente, se tornem malucos e cometam crimes violentos e assassinatos”.

Harry se apegou a essa história — em parte porque, em meio à onda de ceticismo diante da afirmação de que a maconha deixava as pessoas loucas,

descobriu algo incrível. Todo mundo havia ridicularizado sua crença na Máfia. Onde estão as provas?, questionavam sempre. Mas agora, através de seus agentes, Anslinger mostrava que a Máfia não apenas existia como também era maior do que qualquer um tinha imaginado. Ele passou a organizar num caderno os nomes e as informações de oitocentos mafiosos que atuavam na parte continental dos Estados Unidos. As batidas que ordenava provavam que estava certo, mas as autoridades ainda se recusavam a acreditar nele. Alguns faziam vista grossa porque eram corruptos; uma parte não queria que seu alto nível de desempenho nas forças policiais fosse manchado ao assumir uma missão tão complexa; outros tinham medo. O chefe da polícia de New Orleans, David Hennessy, acabou morto quando se aprofundou demais em suas investigações sobre a Máfia.

Anslinger começou a acreditar que seus palpites provariam isso. Ele precisava apenas derrotar os “especialistas” e seguir seu instinto, até finalmente mostrar que suas suspeitas estavam corretas.

Ele deu gás à campanha. Harry alertou que o efeito mais assustador da maconha era causado nos negros. Fazia com que esquecessem das diferenças raciais, deixando aflorar neles o desejo por mulheres brancas. Claro que todo mundo falava sobre raça de maneira diferente nos anos 1930, mas a intensidade de Harry era chocante até para a época. Quando se soube que ele chamou um suspeito de *nigger* em um documento oficial, o senador Joseph P. Guffey — que representava o estado da Pensilvânia, onde Anslinger nasceu — exigiu sua renúncia. Mais tarde, um dos seus únicos agentes negros, William B. Davis, reclamou ser chamado de *nigger* por um dos homens de Harry, então Anslinger o demitiu.

Harry logo começaria a tratar dessa forma todos os que o criticavam. Quando a Associação Médica Norte-Americana emitiu um relatório desautorizando algumas de suas crenças, ele declarou que qualquer um dos seus homens que fosse pego com uma cópia do documento seria demitido imediatamente. Depois, ao descobrir que um professor chamado Alfred Lindesmith defendia que os dependentes fossem tratados com compaixão e

cuidado, Harry instruiu seus subordinados a procurar a universidade onde trabalhava e acusá-lo falsamente de estar associado a uma “organização criminosa”; além disso, ele foi grampeado e recebeu ameaças para que ficasse com a boca calada. Harry não podia controlar a circulação das drogas, mas descobriu o poder de controlar a disseminação de ideias. E os cientistas não foram os únicos que ele tentou silenciar.

Fica claro pelos escritos de Harry que ele era obcecado por Billie Holiday, e senti que havia algo mais profundo aí. Então rastreei todo mundo que ainda estava vivo e que conheceu Billie para investigar isso. Uma dessas pessoas — o afilhado da cantora, Bevan Du y — me explicou que sua mãe tinha sido a melhor amiga de Billie e que ele acreditava que a cantora havia mesmo sido morta pelas autoridades. Bevan ainda mantinha alguns dos escritos de Billie em seu sótão, onde ficaram guardados por anos. Ele me perguntou se eu gostaria de lê-los. Quando os confrontei com os arquivos de Harry, com o que os amigos dela me contaram e com o que li nas suas biografias, comecei a ver a história com mais clareza.

O jazz era o oposto de tudo aquilo em que Harry Anslinger acreditava. É improvisado, relaxado, sem formato definido. Segue seu próprio ritmo. O pior é que tem uma origem mestiça, com influências europeias, caribenhas e africanas que se misturaram ao chegar aos Estados Unidos. Para Anslinger, era uma anarquia musical — a prova da recorrência dos impulsos primitivos que se escondem dentro dos negros esperando para emergir. “Soava”, segundo se lê em seus memorandos internos, “como as florestas na calada da noite.” Outro documento alertava que “os ritos incrivelmente antigos das Índias Orientais ressurgiram” com essa música dos negros. A vida dos músicos de jazz “fede de imundícies”, disse ele.

Seus agentes relataram que “muitos jazzistas acreditam estar tocando de forma tão magnífica quando estão sob a influência da maconha, mas, na verdade, estão confusos e tocando muito mal”.

O departamento acreditava que a maconha retardava muito a percepção do tempo, e por isso o jazz soava tão estranho — os músicos estariam literalmente vivendo em um ritmo diferente e não humano. “A música tem seus encantos”, ele dizia nos memorandos, “mas não essa música.” Harry via no jazz uma prova a mais de que a maconha deixava as pessoas loucas. Por exemplo, a música “ at Funny Reefer Man” contém o verso “*If he said he walks the ocean, any time he takes the notion*” [Se ele disse que consegue caminhar pelo oceano, todas as vezes que sente vontade]. Os agentes de Harry advertiam: “É o que ele realmente acha”.

Anslinger observava o ambiente formado por nomes como Charlie Parker, Louis Armstrong e elonious Monk, e — como o jornalista Larry Sloman registrou — ansiava por colocá-los atrás das grades. Ele ordenou que todos os seus agentes os seguissem, instruindo: “Por favor, reúnam todos os casos envolvendo músicos que violaram as leis da maconha em suas jurisdições. Faremos uma grande operação nacional para prendê-los em um único dia. Avisarei quando isso acontecerá”. O conselho que dava aos seus homens nas batidas de repressão às drogas era sempre atirar primeiro.

Ele garantiu aos congressistas que a repressão não afetaria “os bons músicos, apenas os sujeitos do jazz”. Mas, quando Harry os atacou, o mundo do jazz usou a arma que os salvou: a solidariedade absoluta. Os homens de Anslinger não encontraram quase nenhum deles disposto a denunciar o colega. Sempre que algum era preso, todos os outros se uniam para pagar a fiança.

No final, o Departamento do Tesouro disse a Anslinger que ele estava perdendo tempo com uma comunidade que não se fragmentaria, então ele resolveu se concentrar em um alvo único — que talvez tenha sido a maior cantora de jazz de todos os tempos.

Billie Holiday nasceu alguns meses depois do Harrison Act, a primeira lei a banir a cocaína e a heroína, e isso marcaria fortemente a sua vida. Pouco depois do nascimento de Billie, sua mãe, Sadie, aos dezenove anos, passou a

se prostituir, e seu pai, um jovem de dezessete anos, desapareceu. Ele mais tarde morreu de pneumonia no Sul, pois não encontrou um hospital que atendesse um negro.

Billie acabou nas ruas de Baltimore, sozinha e determinada. A favela onde morava era conhecida como Pigtown, e muitas pessoas viviam em barracos. Todos os dias, Billie lavava e limpava sua bisavó, enquanto ouvia suas histórias de infância sobre ter sido escrava em uma propriedade rural na Virgínia.

Billie logo aprendeu que havia muitos lugares aonde não poderia ir porque era negra. Uma lanchonete que vendia cachorro-quente a deixava entrar somente se ninguém estivesse olhando, mas a escoraçava se fosse vista tentando comer lá. Ela sabia que aquilo era errado e tinha que mudar; por isso, fez uma promessa: “Um dia simplesmente decidi que não faria nem diria nada a menos que fosse verdadeiro. Sem ‘por favor, senhor’. Nem um ‘obrigada, senhora’. Nada. A menos que fosse de coração. É preciso ser negro e pobre para saber quantas vezes você vai levar na cabeça por tentar fazer algo tão simples”. Esta promessa definiria sua vida — e sua atitude para com Harry.

Quando tinha dez anos, um dos seus vizinhos — um quarentão chamado Wilbert Rich — apareceu e explicou que fora enviado por sua mãe para levar Billie até ela. Ele a levou para uma casa e mandou que esperasse. Ela sentou e esperou, mas sua mãe não apareceu. A noite caiu, e Billie disse que estava com sono. O homem ofereceu uma cama. Quando ela se deitou, ele a imobilizou e a estuprou.

Ela gritou e arranhou Wilbert, pedindo socorro, e alguém deve ter ouvido, porque a polícia chegou. Quando invadiram a casa, julgaram que Billie era uma prostituta e tinha enganado aquele homem. Ela ficou trancada em uma cela por dois dias. Meses depois, Wilbert Rich recebeu uma sentença de três meses de prisão, e Billie foi condenada a passar um ano em um reformatório.

As freiras que dirigiam o centro de detenção olharam para aquela criança e concluíram que ela era má e precisava ser disciplinada a pauladas. Billie resistia a qualquer tentativa de controle, então decidiram que precisavam “dar uma lição” nela. Elas a levaram para um recinto que não tinha nada, exceto o corpo de um defunto, bateram a porta e a trancaram ali por uma noite inteira. Billie esmurrou as portas até suas mãos sangrarem, mas ninguém veio.

Quando escapou — do convento e da cidade de Baltimore —, estava determinada a encontrar a mãe, que estaria no Harlem. Ao desembarcar do ônibus em meio a um inverno congelante, foi parar no último endereço que tinha e descobriu que era um bordel. Sua mãe trabalhava no lugar por uma ninharia e não podia sustentá-la. Billie foi posta na rua e passou tanta fome que não conseguia nem respirar sem sentir dor. Havia apenas uma saída. Uma cafetina propôs a ela que ficasse com 50% da quantia cobrada ao fazer sexo com estranhos. Billie Holiday tinha catorze anos.

Em pouco tempo, ela tinha seu próprio cafetão. Ele, que se chamava Louis McKay, era violento e desbocado, batia nela até sangrar e quebrou suas costelas. Anos depois, ele conheceria Harry Anslinger e colaboraria com ele. A certa altura, a mãe de Billie a encorajou a se casar com Louis, porque era um “homem muito bom”.

Billie foi pega pela polícia se prostituindo e, novamente, em vez de ser resgatada da exploração sexual, acabou punida: foi levada detida até a Welfare Island.^{***} Assim que saiu, começou a usar substâncias químicas bem mais pesadas. No começo, sua preferida era o White Lightning, uma mistura tóxica que continha álcool 70%. Conforme o tempo passava, começou a experimentar outras drogas para anular sua dor. Uma noite, um rapaz branco de Dallas chamado Specks ensinou a ela como usar heroína. Era só esquentar com uma colher e injetar direto na veia. Quando Billie não estava bêbada ou chapada, afundava na depressão e era tão tímida que mal conseguia falar. Ainda acordava à noite gritando, lembrando-se do estupro e da prisão. “Adquiri um hábito e sei que ele não é bom”, ela contou a um

amigo, “mas é uma coisa que me faz saber que há uma pessoa chamada Billie Holiday. E eu sou Billie Holiday.”

Mas, então, se deu conta de outra coisa. Um dia, faminta, caminhou por algumas quadras do Harlem perguntando em vários botecos se havia algum trabalho para ela. Todos a rejeitaram. Finalmente, chegou a um bar chamado Log Cabin e explicou que poderia trabalhar como dançarina, mas deu alguns passos e ficou óbvio que não era boa o bastante. Desesperada, disse ao dono que talvez pudesse cantar. Ele apontou para um velho tocando um piano no canto e pediu que o acompanhasse. Enquanto ela interpretava “Trav’lin’ All Alone”, os clientes colocaram os copos sobre as mesas e ouviram. Quando terminou a música seguinte, “Body and Soul”, as lágrimas escorriam em seus rostos.

Ela era suave ao cantar e firme na vida. Em uma comemoração de Ano-Novo, um marinheiro viu que no bar estavam servindo bebida para ela e perguntou: “Quando começaram a servir crioulas vadias?”. Ela enfiou uma garrafa no seu rosto. Em uma ocasião, em outro bar, um grupo de soldados e marinheiros apagou vários cigarros no seu casaco de pele. Ela deu o casaco para alguém segurar, pegou um cinzeiro em forma de diamante e partiu para a briga.

Quando se tratava dos homens que passavam por sua vida, porém, o impulso de se defender não era o mesmo. Louis McKay, promovido de cafetão a “empresário” e marido, roubou quase todo o seu dinheiro. Depois de sua maior performance no Carnegie Hall, ele bateu tão forte em seu rosto que ela saiu voando. A história de Billie estava prestes a se chocar com a de Harry Anslinger. Ele estava observando cada passo que ela dava.

Harry sabia dos boatos que diziam que essa cantora negra em ascensão usava heroína, então colocou um agente chamado Jimmy Fletcher para segui-la. Harry odiava contratar negros, mas se mandasse um cara branco para o Harlem ou para Baltimore, daria muito na vista. Jimmy Fletcher era perfeito. O seu trabalho era enquadrar negros como ele, enquanto Anslinger

insistia que nenhum negro em seu departamento seria chefe de um branco. Jimmy podia passar pela porta, mas jamais poderia subir na escala. Ele era um “homem de arquivo” e assim permaneceria — um agente de rua cujo trabalho era descobrir quem vendia, quem fornecia e quem deveria ir preso. Carregava grande quantidade de drogas com ele e tinha permissão de vender para ganhar a confiança das pessoas que mais tarde incriminaria.

Muitos agentes nessa posição se injetavam heroína com seus clientes para “provar” que não eram policiais. Não sabemos se Jimmy usava heroína ou não, mas sabemos que ele não tinha pena dos dependentes: “Nunca conheci uma vítima”, disse ele. “Eles se vitimizam ao se tornarem drogados.”

A primeira vez que Jimmy viu Billie foi no apartamento do cunhado dela, bebendo como se fosse um poço sem fundo e cheirando muita cocaína. Na segunda vez em que ele a encontrou, ela estava em um bordel no Harlem fazendo o mesmo. O maior talento de Billie, depois de cantar, era xingar — era um grande elogio ser chamado por ela de “filho da puta”. Não sabemos qual foi a primeira vez que Billie insultou Jimmy, mas logo notou o cara, sempre ali por perto, e começou a gostar dele.

Quando Jimmy foi prendê-la, bateu na porta fingindo ter um telegrama para ela. A biógrafa da cantora, Julia Blackburn, estudou a única entrevista que havia de Jimmy Fletcher — hoje perdida nos arquivos — e escreveu sobre o que ele lembra em detalhes.

“Passe por baixo da porta!”, ela berrou.

“É grande demais para passar por baixo!”, ele respondeu.

Ela o deixou entrar. Estava sozinha. Jimmy se sentiu desconfortável.

“Billie, por que você não facilita e, se está com alguma coisa, entrega logo?”, ele pediu. “Assim a gente não tem que ficar revirando tudo, tirando sua roupa e tudo o mais. Por que não colabora?” Mas o parceiro de Jimmy chegou e mandou buscar uma mulher para a revista corporal.

“Vocês não precisam fazer isso. Eu tiro tudo”, Billie disse. “O que eu quero saber é — vão me liberar depois da revista? Tudo o que a policial vai ver é a minha xoxota.”

Ela tirou a roupa e começou a urinar na frente deles, insistindo para que olhassem.

Quando Billie cantou “Loverman, Where Can You Be?” [Meu amor, onde está você?], não estava se lamentando por nenhum homem — era da heroína que sentia falta. Ao descobrir que seus amigos no mundo do jazz estavam usando essa droga, implorou que parassem. Nunca me imitem, pediu.

Sempre tentou parar. Ela se trancava na casa de amigos por dias a fio enquanto encarava os surtos de abstinência. Quando corria de volta para os traficantes, chamava a si mesma de “covarde”. Por que não conseguia parar? “Já é bem difícil quando se tem alguém para amar, em quem confiar e que acredita em você”, ela escreveu. “Eu não tinha ninguém.” Na verdade, não era exatamente assim. Ela tinha os agentes de Anslinger, “apostando seu tempo, seus sapatos de couro e seu dinheiro sobre quando me pegariam. Ninguém consegue viver assim”.

Na manhã em que foi à casa dela, Jimmy puxou Billie para um canto e prometeu conversar pessoalmente com Anslinger sobre ela. “Não quero que você perca seu trabalho”, disse.

Não muito tempo depois, ele a encontrou em um bar, onde conversaram por horas, ao lado do cachorro dela, um chihuahua chamado Moochy. Então, uma noite, no Club Ebony, acabaram dançando juntos — Billie Holiday e o agente de Anslinger embalados pelo ritmo da música.

“Conversei tanto com ela, falamos sobre tantas coisas”, ele lembraria anos depois. “Ela era uma pessoa de quem todos gostavam porque era do tipo que ama.” O homem que Anslinger mandou seguir e prender Billie Holiday tinha, ao que parece, se apaixonado por ela. Confrontado com uma dependente de verdade, seu ódio acabou desaparecendo.

Mas Anslinger ganharia com Billie uma oportunidade que não teria com mais ninguém no mundo do jazz. Ela começou a aparecer nos shows

espancada de forma tão violenta por Louis McKay que eles tinham que enfaixar suas costelas antes de empurrá-la ao palco. Tinha muito medo de ir à polícia, mas acabou criando coragem para denunciá-lo.

“Como posso aguentar esse tipo de comportamento dessa vadia?”, reagiu McKay. “Se eu tenho uma vagabunda, ou tiro uma grana dela ou não tenho nada a ver com ela. Não me envolvo.” Ele soube que Harry Anslinger queria informações a respeito dela e ficou curioso. “Ela está levando a melhor em muita coisa”, disse McKay, revelando que queria vê-la afogada. Parece que esse foi o espírito. “Tenho o suficiente para acabar com ela”, considerou. “Vou ferrá-la tanto que ela vai se lembrar disso até o fim dos seus dias.” Viajou até Washington para ver Harry e concordou em armar uma cilada para ela.

Quando Billie foi presa de novo, acabou indo a julgamento. Apareceu diante do tribunal pálida e confusa. O caso se chamava “Os Estados Unidos da América versus Billie Holiday”, lembrou, “e parecia ser exatamente isso”. Recusou-se a chorar e disse ao juiz que não queria nenhuma complacência, só ser mandada para um hospital onde pudesse deixar as drogas e se curar. Por favor, disse ao juiz, “só quero me curar”.

Em vez disso, foi condenada a um ano na prisão de West Virginia, onde foi forçada a parar sem qualquer apoio e a trabalhar em um chiqueiro, entre outras coisas. Durante esse período, não cantou. Anos depois, quando sua autobiografia foi publicada, Billie foi atrás de Jimmy Fletcher e mandou para ele uma cópia assinada. Dentro, escreveu: “A maioria dos agentes federais é gente boa. Eles têm um trabalho sujo a fazer. Os mais legais são sensíveis o bastante para se sentir mal por terem que fazer o que fazem... Talvez tivesse sido melhor se fossem maus comigo. Daí, eu não teria confiado tanto neles para acreditar no que me diziam”. Ela estava certa: Jimmy nunca deixou de se sentir mal pelo que fizera a Lady Day. “Billie ‘pagou o que devia’ à sociedade”, escreveu uma de suas amigas, “mas a sociedade nunca pagou o que devia a ela.”

Depois de condenada, ela perdeu sua licença de cantora de cabaré, com a justificativa de que escutar sua música poderia ferir a moral do público. Isso significava que não podia cantar em nenhum lugar onde fossem servidas bebidas alcoólicas — ou seja, em todas as casas de jazz do país.

“Qual é a coisa mais cruel que se pode fazer?”, me perguntou sua amiga Yolande Bavan, em 2013. “É tirar a coisa mais preciosa de uma pessoa.” Billie tinha superado tudo, mas isso? “Você se desespera porque não tem controle. Não poder fazer uma coisa que é sua paixão e seu ganha-pão e que, além disso, levou muita alegria a pessoas do mundo todo”, disse Bavan. Billie, finalmente, foi silenciada. Ela não tinha dinheiro para se manter ou se alimentar. Não podia nem alugar um apartamento em seu próprio nome.

Uma noite, Billie se embabou e sua amiga Greer Johnson a encontrou chorando no chão.

“*Baby*, que merda! Juro por Deus que nunca mais vou cantar.”

“O que diabo você pensa que vai fazer se não cantar?”, perguntou Greer, de acordo com Julia Blackburn.

“Quero que se foda!”

“Ótimo! E então o que você vai fazer, Billie?”

Ela murmurou: “Vou cantar de novo”.

“Você vai, com certeza!”

Outra de suas amigas disse que ela poderia economizar dinheiro suficiente para comprar uma casa com um jardim, onde poderia criar filhos. Billie perguntou, incrédula, se a amiga realmente acreditava nisso. Sonhava ter uma fazenda grande para transformá-la em um orfanato onde cuidaria da cozinha. Às vezes, ela ia visitar seu afilhado bebê, Bevan Du y, no apartamento da família na rua 94, e dava de mamar a ele. Mesmo sem produzir nenhum leite, isso a deixava realizada. “Este é meu bebê, caralho!”, ela dizia para a mãe, rindo.

A outra única forma que encontrava de se acalmar era retomando seus próprios hábitos de infância. Deitava na cama e ficava um dia inteiro lendo quadrinhos do Superman, rindo. Um dia, foi com uma amiga adolescente ao

Central Park. Elas deram LSD para os cavalos e foram passear com eles. O cocheiro ficou intrigado: por que os animais não seguiam o caminho normal? Billie não conseguia parar de rir.

Mas, quando era obrigada a interagir com outras pessoas, ficava cada vez mais paranoica. Se Jimmy Fletcher era um deles, quem mais seria? Ela acreditava — corretamente, como se revelaria — que algumas pessoas em volta dela eram informantes de Anslinger. “Não dava para saber em quem confiar”, disse a amiga dela, Yolande Bavan. “Os supostos amigos eram mesmo amigos?” Em todos os lugares aonde ela ia havia agentes pedindo informações.

Ela começou a se distanciar até mesmo dos poucos amigos que restavam, porque acreditava que a polícia poderia plantar drogas neles também. Era a última coisa que desejava para aqueles que amava.

Um dia, contaram para Anslinger que também havia mulheres brancas, tão famosas quanto Billie, envolvidas com drogas — mas ele as tratou de maneira um pouco diferente. Harry chamou Judy Garland, também dependente de heroína, para um encontro. Tiveram uma conversa amigável na qual ele a aconselhou a tirar férias mais longas entre os filmes, e depois escreveu para o estúdio no qual ela trabalhava garantindo que a atriz não tinha nenhum problema com drogas. Quando descobriu que uma moça da alta sociedade de Washington que ele conhecia — uma mulher “linda e graciosa”, como notou — era dependente de drogas, explicou que não poderia prendê-la porque isso “destruiria a reputação de uma das melhores famílias do país”. Ele a ajudou a superar a dependência devagar, sem constrangimentos legais.

Debruçado sobre os arquivos, lendo as pilhas de papéis que sobreviveram desde o início da guerra às drogas, percebi uma coisa que considere difícil de entender no início.

Os argumentos que escutamos hoje para acabar com as drogas são de que precisamos proteger os adolescentes e prevenir a dependência em geral.

Presumimos que essas deveriam ser as razões para o conflito ter começado, mas não. Eram apenas motivos secundários. A razão principal para banir as drogas — a obsessão dos homens que lançaram essa guerra — era que essas substâncias estavam sendo usadas por negros, mexicanos e chineses, fazendo-os esquecer qual era seu lugar; ameaçando, assim, a posição dos brancos.

Levou um tempo para eu perceber que o comportamento contrastante entre o racismo dirigido contra Billie e a compaixão com que foram tratadas artistas brancas como Judy Garland não era uma falha desse sistema, mas seu objetivo principal.

Harry disse ao público que “o crescimento [no vício em drogas] era de praticamente 100% entre os negros”, enfatizando que era uma coisa aterrorizante, porque “os negros formam 10% da população total, mas já respondem por 60% dos dependentes”. Ele conseguiu implantar essa guerra apenas porque o povo norte-americano reagia diante desse medo. A cruzada de Harry foi bem-sucedida por causa do pânico racial.

Antes da aprovação do Harrison Act, o *New York Times* publicou uma história típica da época. A manchete era: COCAÍNA DO NEGRO É NOVO DEMÔNIO QUE AMEAÇA O SUL. Relatava o caso de um xerife da Carolina do Sul que fora informado de que um “negro até aquele momento inofensivo e bem conhecido estava ‘fazendo arruaça’, em meio a um frenesi de cocaína, e tentara esfaquear um vendedor... Sabendo que o agressor ainda poderia matar alguém, o policial sacou seu revólver, mirou bem na altura do coração do negro e atirou — ‘na intenção de matá-lo rápido’, segundo relato do policial, mas o tiro nem sequer o assustou”. Na imprensa da época, a cocaína era tida como capaz de dar poderes sobre-humanos aos negros, fazendo com que os tiros não os ferissem. Foi esse inclusive o motivo oficial para a polícia do Sul aumentar o calibre das suas armas.

Um médico especialista sentenciou: “O crioulo com cocaína seguramente é difícil de matar”.

Muitos brancos não queriam aceitar que os negros se rebelavam porque tiveram vidas como a de Billie Holiday — crescendo na miséria e proibidos de dar vazão a seu talento. Era mais reconfortante acreditar que um pó branco era a causa dessa fúria e que acabar com a droga faria com que voltassem a ser dóceis. (Esse fenômeno seria descrito no grande livro de Michelle Alexander *e New Jim Crow*.)

Mas Harry acreditava haver outro grupo racial que também precisava ser reprimido. Em meados do século XIX, os imigrantes chineses começaram a chegar aos Estados Unidos e, no século seguinte, estavam competindo com brancos por empregos e oportunidades.

Ainda pior, Harry acreditava que eles estavam competindo pelas mulheres brancas. Advertiu que, com a “maldade particular oriental”, os chineses desenvolveram “um gosto pelo poder da sedução das garotas brancas... de boas famílias”. Eles atraíam essas meninas para seus “antros de ópio” — uma tradição trazida de seu país de origem —, deixavam-nas dependentes e depois as obrigavam a atos de “indizível depravação sexual” pelo resto da vida delas. Anslinger descreveu esses bordéis com riqueza de detalhes: como as meninas brancas retiravam suas roupas devagar, como as “calcinhas” ficavam à mostra, como beijavam os chineses devagar, e o que acontecia depois...

Assim que os traficantes chineses deixavam a pessoa dependente de opiáceos, riam na cara dela e revelavam qual era o motivo de venderem aquela porcaria: era a maneira de garantirem que “a raça amarela mandaria no mundo”. “Eles eram muito sábios para tentar vencer no confronto direto, uma vez que ganhariam com a inteligência. Eles enfraqueceriam os brancos com drogas e, quando chegasse o momento certo, dominariam o mundo”, disse um juiz.

No início, alguns cidadãos comuns resolveram fazer justiça com as próprias mãos contra o perigo amarelo. Em Los Angeles, 21 chineses foram mortos, enforcados ou queimados vivos por gangues de brancos, enquanto em San Francisco as autoridades tentaram retirar à força toda a população

de Chinatown para uma área reservada a fazendas de porcos e outras atividades consideradas tão sujas e cheias de doenças quanto as realizadas pelos chineses, mas a Justiça declarou essa ação inconstitucional. Por isso, a polícia começou a fazer batidas sistemáticas contra residências e estabelecimentos, sinalizando que era hora de parar com o consumo do ópio. Os agentes fizeram uma enorme fogueira com equipamentos de fumar cujas chamas alcançavam “dez metros”, segundo descreveu um observador: “A fumaça sufocante se espalhou por toda a Chinatown como uma mortalha sobre um cadáver”. O Harrison Act veio logo depois.

Harry Anslinger não criou essa tendência. Sua genialidade foi apresentar seus agentes como um instrumento para acabar com esse medo. Ele sabia que, para assegurar o futuro do departamento, precisava de uma grande vitória contra a dependência e contra os negros, então se voltou contra Billie Holiday.

Escolheu seu agente mais duro para acabar com Billie, alguém que não correria o risco de se apaixonar por ela nem por nenhuma outra pessoa.

O japonês não conseguia respirar. O coronel George White — um homem branco, obeso e forte — apertava com as mãos a garganta dele e não a soltaria por nada. Não deu chance para o japonês. Assim que tudo acabou, White contou às autoridades que estrangulara aquele “japa” porque era um espião. Entre seus amigos, disse que não tinha certeza se a vítima era mesmo um espião, mas não se importava com isso. “Tenho muitos amigos assassinos”, gabou-se anos depois. “Sempre me diverti muito na companhia deles.” Ele também revelou ter uma foto do homem que estrangulara pendurada na parede do seu apartamento e que sempre olhava para ela. Sendo assim, enquanto perseguia Billie, o coronel White era observado por sua última vítima, e isso o deixava contente.

Ele era o agente preferido de Harry Anslinger e, quando olhou a ficha de Holiday, declarou que ela seria uma “boa freguesa”, porque o departamento “não tinha nada a perder”, e aproveitaria a chance de “acabar com ela”.

White tinha sido jornalista em San Francisco nos anos 1930 até entrar para o serviço antidrogas. O teste de personalidade aplicado a todos os candidatos a pedido de Anslinger apontou que ele era um sádico. Ele subiu com rapidez na hierarquia. Ganhou fama por ser o primeiro e único branco a conseguir se infiltrar em uma gangue de traficantes chineses, tanto que até teria aprendido mandarim para prestar o juramento junto com a quadrilha. No tempo livre, nadava no imundo rio Hudson, em Nova York, como se desafiasse a água a contaminá-lo.

Ficou enfurecido que essa cantora negra não soubesse qual era o seu lugar. “Ela ostenta seu estilo de vida, com seus casacos e automóveis caros, suas joias e seus vestidos”, acusava. “Por onde passava, ela sempre era o centro das atenções.”

Num dia chuvoso, quando foi atrás dela no hotel Mark Twain, em San Francisco, sem um mandado de busca, Billie estava no quarto e usava uma camisola de seda branca. Aquele era um dos poucos lugares onde ainda conseguia se apresentar, e precisava muito do dinheiro. Ela garantiu que não usava nada havia mais de um ano. A equipe de White declarou ter achado ópio escondido em uma lixeira ao lado de um quarto contíguo e, no quarto dela, os acessórios para injetar heroína, então Billie foi indiciada por posse. Mas quando os detalhes do caso foram averiguados corretamente, observaram-se várias coisas estranhas: uma lixeira não parecia ser o lugar mais provável para se esconder a droga, e os objetos usados para injetá-la nunca foram arquivados como evidência pelos policiais, que alegaram tê-los deixado no local. Quando os jornalistas questionaram White a respeito dessas incongruências, ele respondeu na defensiva.

Naquela noite, ele comparecera ao show de Billie no Café Society, na parte alta da cidade, e pediu suas músicas preferidas. Ela nunca perdeu a fé em sua habilidade musical para cativar e persuadir. “Quando tudo isso terminar e eles pararem de me perseguir, lembrarão de mim”, disse. George White não concordou. “Não pensei muito na performance da srta. Holiday”, disse com severidade ao empresário dela.

Billie repetiu muitas vezes que a droga havia sido plantada no quarto por White, tanto que prontamente sugeriu que fosse levada a uma clínica para comprovar que não exibia nenhum sintoma de abstinência, o que mostraria que estava limpa e havia sido vítima de uma injustiça. Ela se internou por vontade própria ao custo de mil dólares e quase não se abalou.

George White, na verdade, tinha um longo histórico de plantar drogas. Ele costumava fingir que era artista para atrair mulheres para um apartamento no Greenwich Village, onde colocava LSD na bebida delas para ver o que acontecia. Uma de suas vítimas foi uma jovem atriz que morava no seu prédio; outra, uma bela garçonete loira. Ao constatar que ela não tinha nenhum interesse por ele, drogou-a para ver se isso mudaria. “Eu trabalhava de forma sincera nas vinhas porque era divertido, divertido, divertido”, vangloriava-se White. “Onde mais [no Departamento de Narcóticos] um garoto norte-americano viril como eu poderia mentir, matar, roubar, estuprar e saquear com a sanção e a bênção do Todo-Poderoso?” Ele provavelmente estava drogado quando foi prender Billie por se drogar.

O processo contra a cantora continuou. “A perseguição e as tensões me fizeram pensar na solução final, a morte”, ela contou. Sua melhor amiga disse que Billie sofria de “uma ansiedade capaz de matar um cavalo”. No julgamento, doze cidadãos comuns ouviram todos os depoimentos. Eles ficaram ao lado de Billie contra Anslinger e White e declararam a inocência da cantora. Ainda assim, “ela desabou no auge da fama”, escreveu Harry Anslinger. “Sua voz estava acabada.”

Nos anos seguintes ao julgamento, outros cantores ficaram com medo de ser perseguidos pelas autoridades por cantar “Strange Fruit”. Mas Billie Holiday se recusou a parar. Ela continuou a cantar essa música sem se importar com as consequências.

“Ela era”, me disse sua amiga Annie Ross, “forte como poucas.” Billie Holiday manteve até o fim a promessa que fez para si mesma em Baltimore quando ainda era uma garotinha. Ela não abaixou a cabeça para ninguém.

Billie tinha 44 anos quando desabou de repente no apartamento de um jovem músico chamado Frankie Freedom, que estava servindo uma tigela de mingau de aveia para ela. Foi levada para o hospital Knickerbocker, em Manhattan, onde a fizeram esperar por uma hora e meia numa maca. Depois disseram que era uma dependente e a mandaram embora. Um dos motoristas da ambulância a reconheceu e a levou para a ala pública do Metropolitan Hospital de Nova York. Assim que a tiraram do oxigênio, acendeu um cigarro.

“Tem sempre algum desgraçado querendo me embalsamar”, disse. Mas os médicos explicaram que ela tinha diversas doenças sérias: estava desnutrida por não se alimentar direito; sua bebedeira crônica tinha levado a uma cirrose hepática; apresentava problemas cardíacos e respiratórios por causa do cigarro e possuía muitas úlceras nas pernas, porque voltara a injetar heroína. Disseram que ela não viveria por muito tempo — mas Harry ainda não estava satisfeito. “Pode anotar, querido. Eles vão me prender aqui nesta cama”, ela disse no hospital.

Agentes antidrogas foram enviados ao hospital para vê-la e alegaram ter encontrado menos de dois gramas de heroína dentro de um envelope que estava pregado na parede, a uma distância de quase dois metros da cama — um lugar que Billie não alcançava. Entraram na Justiça pedindo que ela fosse indiciada, ameaçando mandá-la direto para a prisão se não revelasse o nome de seu fornecedor. Eles confiscaram as revistas em quadrinhos, o rádio, o toca-discos, flores, chocolates e revistas. Algemaram-na à cama e puseram dois homens para vigiar a porta. Havia a ordem de impedir qualquer visita sem uma autorização por escrito, e os amigos de Billie foram informados de que não podiam vê-la de jeito nenhum. Sua amiga Maely Du y gritou com eles, dizendo que era contra a lei prender alguém que estava em estado crítico. Os agentes explicaram que esse problema fora resolvido: ela tinha sido retirada da lista de pacientes em estado crítico.

Dessa forma, além da cirrose hepática, Billie teve de aguentar a abstinência sozinha. Por insistência dos amigos, um médico foi levado ao

hospital para prescrever metadona para ela. O tratamento de dez dias fez com que ela começasse a se recuperar: ganhou peso e estava com uma cara melhor. Mas então a metadona foi retirada de repente, e ela passou mal de novo. Quando uma amiga finalmente conseguiu vê-la, Billie falou, em pânico: “Vão me matar, eles vão me matar aqui. Não deixe eles fazerem isso”. A polícia colocou a amiga para fora. “Eu tinha muita esperança de que ela sairia viva de tudo isso”, disse outra amiga, Alice Vrbsky, para a BBC. “Até que veio a gota d’água.”

Certo dia, o cafetão e ex-marido Louis McKay, depois de tê-la entregado, deu as caras no hospital e leu sem parar o salmo 23 ao lado da cama. Queria que ela assinasse uma concessão dos direitos da sua autobiografia para ele, a última coisa que Billie ainda controlava. Ela fingiu estar inconsciente. Assim que ele foi embora, ela abriu os olhos. “Sempre fui religiosa”, disse, “mas se esse sacana filho da puta acredita em Deus, vou reconsiderar.”

Nas ruas do lado de fora do hospital havia manifestantes liderados pelo reverendo Eugene Callender, do Harlem. Erguiam cartazes em que estava escrito “*Let Lady Live*” [Deixe a Dama viver]. Callender tinha uma clínica para recuperação de dependentes em sua igreja e tentava conseguir permissão para que ela se recuperasse lá. Seu argumento era muito simples, como me disse em 2013: dependentes “são seres humanos, como eu e você”. A punição os deixa mais doentes; a compaixão pode ser capaz de recuperá-los. Harry e seus homens recusaram o pedido. Tiraram as fotos de identificação dela na cama do hospital. Prenderam-na ao leito sem direito a um advogado.

Billie não culpou os agentes de Anslinger enquanto indivíduos. Culpou a própria guerra às drogas, que forçou a polícia a tratar doentes como criminosos. “Imagine se o governo fosse atrás de pessoas com diabetes, colocasse um imposto sobre a insulina — jogando-a no mercado negro — e dissesse aos médicos que não poderiam tratar os doentes, para depois colocá-los na cadeia. Se isso acontecesse, todo mundo acharia loucura.

Ainda assim, fazemos praticamente a mesma coisa todos os dias com os dependentes de drogas”, escreveu em suas memórias.

Apesar disso, uma parte de Billie Holiday acreditava que o uso de drogas e a forma como vivera a vida tinham sido abomináveis. Ela dizia que preferia morrer a voltar para a prisão, mas temia ir para o inferno — como sua mãe dissera tantos anos antes àquela menininha que ouvia Louis Armstrong deitada no chão de um bordel, tentando se esquecer de Baltimore. “Ela estava exausta, não queria mais passar por aquilo”, me disse uma de suas amigas.

Quando Billie morreu na cama do hospital, com policiais na porta do quarto para impedir o contato do público com ela, uma de suas amigas disse à BBC que parecia que “ela tinha sido arrancada da vida de forma violenta”. Havia quinze notas de cinquenta dólares amarradas em sua perna. Foi tudo o que deixou. Queria dar o dinheiro como agradecimento às enfermeiras que tinham cuidado dela.

Maely Du y repetiu para quem quisesse ouvir que Billie foi assassinada por uma conspiração orquestrada para acabar com ela — mas o que poderia fazer? No funeral de Billie, várias viaturas policiais estavam presentes, pois temiam a irrupção de um tumulto em reação ao que tinha sido causado a ela. Em seu discurso, o reverendo Eugene Callender afirmou: “Não deveríamos estar aqui. Esta jovem foi abençoada pelo Criador com um talento tremendo... Ela deveria ter vivido pelo menos oitenta anos”.

O Departamento de Narcóticos tinha outra opinião. Harry escreveu: “Acabou ‘Good Morning Heartache’ para ela”.

É fácil julgar Harry Anslinger. Mas, na verdade, suspeito que todo mundo que já amou um dependente ou que já foi dependente tem dentro de si esse impulso de destruir o vício, matá-lo com violência e requintes de crueldade. Harry Anslinger simboliza os nossos impulsos mais sombrios, e ele teve poder e licença para matar.

Durante minha pesquisa para este livro, viajei para muito longe das plantações da Pensilvânia, mas, a cada passo, sentia que estava perseguindo aquele grito que aterrorizou o pequeno Harry Anslinger tantos anos atrás — um grito que ecoou pelo mundo.

Nos seus arquivos particulares, Harry guardou um poema enviado diretamente a ele por um fã. Os versos definiram para Harry sua missão de vida: “Até o dia em que o Grande Juiz proclamar/ ‘O último viciado está morto’/ Então — e só então — você poderá descansar”.

* Monumento em Keystone, na Dakota do Sul, de rocha esculpida em homenagem a quatro presidentes norte-americanos: George Washington, Thomas Jefferson, Theodore Roosevelt e Abraham Lincoln. (N. T.)

** As árvores do Sul carregam um fruto estranho/ Sangue nas folhas e sangue na raiz. (N. T.)

*** Ao contrário do Brasil, onde se pune só a facilitação, nos Estados Unidos a própria prostituição é crime. (N. T.)

2. Os fracos

Nos arquivos de Harry Anslinger havia alguns nomes que o tiravam do sério. Em seus escritos, ele os definia como monstros que sabotavam seu trabalho e disseminavam as drogas pelo país. Nomes como Edward Williams e Henry Smith Williams. Fiquei intrigado. Quem eram essas pessoas?

Através de pastas, antigos arquivos dos tribunais e livros amarelados, segui pistas e descobri uma história que, até onde sei, permanecia enterrada havia mais de sessenta anos — e que tem o poder de mudar a forma como vemos as coisas.

A guerra às drogas nasceu nos Estados Unidos, assim como a resistência a ela. Bem no início, já havia quem soubesse que esse conflito não era o que vendiam. Era completamente diferente.

Harry Anslinger queria garantir que nunca chegássemos a essa conclusão.

Nos anos 1930 havia um médico em Los Angeles chamado Henry Smith Williams. Ele tinha um rosto longilíneo e não sorria. Usava óculos pequenos com armação de metal através dos quais olhava o mundo e seus habitantes com desdém. Esse médico e Harry Anslinger compartilhavam do mesmo ódio. Para ele, os dependentes eram “seres fracos” que nunca deveriam ter vindo ao mundo. Além disso, escreveu que “a ideia de que toda vida humana é valiosa e precisa ser preservada é de uma banalidade absurda. O mundo

seria um lugar muito melhor se 40% dos seus habitantes jamais tivessem nascido”. Na sua visão, as drogas só levavam à ruína e nunca deveriam ser usadas por ninguém.

No entanto, quando uma tendência histórica está se formando, existem pessoas capazes de antecipar o que ela significará para a humanidade. E esses profetas podem aparecer dos jeitos mais improváveis.

Henry Smith Williams estava prestes a anunciar uma descoberta notável em um novo livro bem detalhado — algo que, acreditava, tornaria a guerra às drogas insustentável. Enquanto Harry Anslinger lutava contra a Máfia em público, ele estaria, na verdade, trabalhando secretamente para ela. Na visão de Henry, a guerra às drogas fora criada por um único motivo: a Máfia pagava a Harry Anslinger para organizar a caça aos entorpecentes porque queria o mercado das drogas todo para ela. O golpe do século seria enfim revelado.

O longo caminho que levou Henry a construir esse argumento começou em 1931, quando um homem trêmulo entrou na clínica mantida pelo seu irmão, Edward Williams. Ele sofria todos os sintomas característicos da abstinência de heroína, então tinha chegado ao lugar certo: Edward era um dos maiores especialistas do mundo em derivados do ópio. “O homem está muito mal, perto de um colapso. Está morbidamente pálido. Não para de suar. Treme todo. Ele corre sérios riscos”, Henry escreveu.

Os irmãos recebiam pessoas assim havia muitos anos. Henry acreditava, com base no darwinismo social, que sobreviveram com suas fraquezas apenas porque a sociedade passou a mão na cabeça deles. Em um ambiente selvagem, eles seriam esmagados por indivíduos mais fortes. Mas Edward não suportava vê-los sofrendo, principalmente porque sabia aliviar sua dor. Esse era o motivo de ter aberto uma clínica, e também seria a razão da sua ruína.

“O médico não pode fazer nada? Ah, claro, o médico sabe exatamente o que precisa ser feito. É só escrever umas palavras num receituário e dá-lo ao paciente: ele irá até a farmácia mais próxima buscar o remédio que o levará à

recuperação imediata, fazendo com que volte à normalidade e a um estado de conforto físico e mental”, explicou. O médico pode prescrever a droga da qual o paciente é dependente. Isso não vai causar dano ao corpo: todos os médicos concordam que os opiáceos em estado puro não danificam a carne ou os órgãos. Após consumir a droga, o paciente ficará calmo. Voltará a ser funcional, a trabalhar, a sustentar uma família e a amar.

Assim, como tinha feito inúmeras vezes, Edward Williams preencheu a receita, e acreditava ter o suporte da lei para isso. Adquiriu ainda mais confiança quando a Suprema Corte decidiu, em 1925, que o Harrison Act não dava ao governo a autoridade de punir médicos que achassem melhor prescrever heroína para seus pacientes dependentes.

Mas, nesse dia em especial do ano de 1931, o dependente que foi parar na clínica de Edward não era o que parecia ser. Na verdade, ele trabalhava para Harry Anslinger como parte de um grupo de informantes que o departamento tinha recrutado em todo o país para pegar médicos em flagrante. Eram adictos desesperados que ganharam uns dólares para ir em busca de ajuda médica. Assim que a receita lhe foi entregue, a polícia invadiu o recinto e Edward Williams acabou preso, junto com outros 20 mil médicos do país, em uma das maiores ofensivas policiais contra a categoria na história dos Estados Unidos.

A maioria das pessoas que o departamento tinha apanhado até aquele momento — dependentes e afro-americanos — não tinha condições de se defender. Mas Henry Smith Williams era uma das autoridades médicas mais respeitadas do país. Dizia-se que ele sabia mais sobre a química e a biologia das células sanguíneas que qualquer outra pessoa nos Estados Unidos, tendo escrito uma coleção sobre a história da ciência em 31 volumes e muitos verbetes da *Enciclopédia Britânica*. Ele fez tudo isso durante seu tempo livre, enquanto não estava tratando cerca de 10 mil pacientes. Então, depois da prisão do irmão, Henry começou uma investigação por conta própria e descobriu algo inesperado.

Ao ver a carreira do irmão ser destruída pela polícia, Henry se lembrou de uma coisa que, pela primeira vez, lhe pareceu significativa.

Antes que a venda das drogas fosse proibida, ele atendeu muitos pacientes que as usavam — mas, desde então, as coisas tinham mudado. No passado, eles compravam os derivados do ópio, incluindo morfina e heroína, a preços bem baixos em farmácias locais. Eram vendidos em pequenos frascos como “remédios” ou “xaropes” para tudo, desde infecções no peito até depressão. Um dos mais populares era o Xarope Calmante de Mrs. Winslow, que continha 65 miligramas de morfina pura em sua composição. A grande maioria das pessoas que compravam esses produtos não apresentava nenhum tipo de problema. Mesmo quem era dependente consumia em pequenas doses.

“Ninguém pensava no uso desses remédios como tendo alguma relevância moral”, ele explicou. Um famoso ativista contra o álcool era dependente de morfina e ninguém via hipocrisia nisso. Havia muitas mulheres que usavam ópio diariamente na forma de “xarope” que “rezariam de joelhos pela alma perdida de suas filhas se vissem manchas de cigarro nos seus dedos”, disse.

Da mesma forma que a grande maioria das pessoas que bebem não se torna alcoólatra, a maior parte dos consumidores desse tipo de produto não era considerada dependente. Os opiáceos eram “apropriados para sistemas nervosos instáveis” — quase como beber uma taça de vinho no fim de um dia estressante.

Um número pequeno se tornava dependente — porém, mesmo entre os adictos, a vasta maioria seguia trabalhando e vivendo de maneira relativamente normal. Um estudo oficial do governo descobriu que, antes da proibição, três quartos dos autodeclarados dependentes (não simples usuários) tinham trabalhos dignos e estáveis. Cerca de 22% destes eram ricos, ao passo que apenas 6% eram pobres. Por causa do vício, eles aparentavam estar sedados, e, mesmo que fosse melhor interromperem o uso, raramente saíam do controle ou se tornavam criminosos. Em 1914,

porém, o Harrison Act foi aprovado, e dezesseis anos depois Anslinger chegou para mudar o jogo com grande rapidez.

Os médicos perceberam os resultados da mudança nessa política. “Havia dezenas de milhares de pessoas nas calçadas, procurando freneticamente por drogas que não conseguiriam de forma segura”, escreveu Henry. “Elas imploravam por drogas como um homem sedento por água. Precisavam delas a qualquer custo. Consegue imaginar uma situação dessas? Pense no que aconteceria se as drogas não fossem fornecidas. [Os legisladores] Deveriam saber que a lei era o equivalente a criar uma indústria de drogas ilícita. Eles deveriam saber que estavam contribuindo para a existência de uma corporação de contrabandistas de entorpecentes.”

O traficante podia agora cobrar preços abusivos. Nas farmácias, a morfina chegava a custar dois ou três centavos por grão. As gangues cobravam um dólar, e os adictos pagavam o preço que era cobrado.

O mundo que conhecemos hoje — em que os adictos se veem forçados a cometer crimes, em uma medida desesperada de financiar seu vício e pagar aos gângsteres — estava sendo criado. Os irmãos Williams observavam essas mudanças ao mesmo tempo que o departamento de Anslinger organizava duas modalidades do crime. Primeiro, possibilitou a criação de uma legião de criminosos que contrabandeavam a droga para dentro dos Estados Unidos, para mais tarde vendê-la aos adictos. Em outras palavras, enquanto Harry Anslinger dizia combater a Máfia, na verdade estava entregando nas mãos dela o monopólio de um mercado extremamente lucrativo.

Segundo, ao elevarem o custo das drogas a mais de 1000% em relação ao preço anterior, as novas políticas fizeram com que os adictos fossem impelidos a cometer crimes para conseguir a próxima dose. “Como o adicto médio — que, conforme revelado pelo censo oficial, era um cidadão comum — conseguiria dez ou quinze dólares por dia para pagar pela droga de que precisava? Você consegue adivinhar a resposta?”, perguntou Henry Smith Williams. “O adicto não obteria esse dinheiro por vias normais. Então, precisaria partir para meios dúbios, como esmolar, pedir emprestado,

falsificar dinheiro, roubar.” Os homens, ele escreveu, tornavam-se ladrões, e as mulheres se prostituíam.

“O governo dos Estados Unidos, na figura dos seus policiais [antidroga]”, acabara de se tornar, conforme explicou Williams, “a maior e mais poderosa fábrica de criminosos dos últimos séculos.” E, cada vez que Harry Anslinger criava novos criminosos, ele produzia também novos motivos para que seu departamento crescesse.

O caminho que levou Edward Huntington Williams à prisão começou quando ele, pouco a pouco, foi se convencendo de que havia uma forma melhor e perfeitamente legal de tratar o problema do vício em drogas.

O Harrison Act, promulgado em 1914, banindo a cocaína e a heroína, continha uma brecha muito clara e deliberada. Ele dizia que médicos, veterinários e dentistas podiam continuar administrando drogas quando julgassem necessário — e que, dessa forma, os dependentes deveriam ser tratados com compaixão. Essa brecha foi completamente ignorada, como se nunca tivesse existido, até que Edward Williams decidiu desenterrá-la e aplicá-la. Ele ajudou a construir uma clínica gratuita para dependentes e passou a trabalhar como voluntário. Prescrevia drogas para quem precisasse e esperou para ver quais seriam os resultados.

Ele mesmo ficou surpreso com o que viu. Pacientes que chegavam desempregados e debilitados conseguiram, pouco a pouco, voltar a trabalhar, sustentar suas famílias e cuidar de si próprios, exatamente como no período anterior à criminalização das drogas. A ordem e a tranquilidade que existiam antes da proibição retornavam aos bairros. O prefeito de Los Angeles considerava a clínica um presente para a cidade, e o procurador-geral da Califórnia declarou que a instituição fazia “um trabalho mais valioso em um dia do que a procuradoria em um mês”.

A milhares de quilômetros dali, o Departamento Federal de Narcóticos estava indignado. Harry continuava a tratar o vício como uma epidemia

contagiosa que precisava ser interrompida. Ou será que por trás disso havia, como Henry Smith Williams suspeitava, motivos espúrios?

Harry disse que construir clínicas para dependentes era o mesmo que fazer “lojas de departamento para cleptomaníacos” onde pudessem roubar o que quisessem. Os tabloides, orientados por boletins do governo, descreviam as clínicas como antros do pecado, e os informantes começaram a enquadrar médicos. Em Portland, no Oregon, um médico se manteve firme defendendo a clínica contra os homens de Anslinger, enquanto perguntava a eles, em tom de súplica, o que poderia fazer para ajudar os dependentes que estivessem dentro da lei. O agente respondeu: “Tem só uma coisa que você pode fazer. Jogue todos no mar, eles serão ótimos para alimentar os peixes. Só servem para isso”.

Depois que a clínica em Los Angeles fechou suas portas e pessoas como Edward Williams foram presas, quase todos os dependentes perderam seus empregos e viviam em uma luta constante para conseguir dinheiro para a próxima dose. Eles caíram na vida do crime e foram morar na rua. Dezenas deles morreram. O departamento descumpria a legislação da Suprema Corte sobre o Harrison Act, que permitia que médicos prescrevessem drogas como tratamento, mas a “Suprema Corte não possui um exército para fazer valer suas decisões”, registrou a imprensa da época.

Além de Edward Williams, cerca de 20 mil médicos foram acusados de violar o Harrison Act, e 95% deles foram condenados. A maioria pagou multas altíssimas, e alguns receberam penas de cinco anos por emitirem receitas médicas. Em muitos lugares, o júri, horrorizado, se recusou a condenar os réus, porque notou que os médicos só estavam tratando gente doente da melhor forma que podiam. Mas a repressão de Anslinger continuou com força total.

Harry queria que Edward Williams fosse aniquilado mais que qualquer outro médico, porque ele era respeitado, e muitas pessoas ouviam suas opiniões. “O efeito moral de sua condenação”, escreveu Anslinger, “certamente vai levar a uma maior circunspeção.” É preciso apenas destruir

alguns médicos para calar a boca do resto. Basta ir até um dos mais importantes e intimidá-lo quanto puder. Harry sempre agiu dessa maneira. “Qualquer um que ousou aparecer com algum trabalho acadêmico que fosse crítico a ele, ao seu departamento ou à sua filosofia acabou na cadeia”, disse Howard Diller, um dos seus agentes. “Ou foi decapitado.”

* * *

À medida que a guerra às drogas se disseminava, Henry Smith Williams — frio e arrogante — sentiu outra guerra começar dentro dele. Em parte, acreditava que os adictos eram o resultado de reminiscências de uma carga genética primitiva; então, quanto antes morressem, melhor. Mas ele também olhava para os rostos daquelas pessoas que estavam sendo arruinadas. Quando viu na prática a aplicação do trabalho de Anslinger, passou a questionar suas próprias convicções.

Ele se encontrou com Harry Anslinger em Washington para pedir a liberdade e defender a reputação do irmão. Pela primeira vez, possivelmente, Harry foi confrontado por uma de suas vítimas. Ele não defendeu suas atitudes e recuou. Disse que “não tinha ideia do que o departamento teria contra o dr. Williams e não entendia por que um homem como aquele tinha sido atacado”. Colocou toda a culpa no seu agente baseado em Los Angeles, um homem ruivo chamado Chris Hanson. Contudo, depois que Williams se retirou, Anslinger riu dele pelas costas, dizendo que o médico sofria de “histeria”.

No julgamento, todos os dezessete médicos que prestaram depoimento apoiaram Edward Williams, mas mesmo assim ele acabou condenado por violar o Harrison Act — o equivalente ao crime de tráfico — e foi sentenciado a um ano de liberdade condicional. Isso significava que ele — e gerações de médicos nos Estados Unidos — não poderia nunca mais prescrever drogas a um dependente. “Os médicos não podem tratar dependentes nem que eles queiram”, comemorou Harry.

Os próprios agentes de Harry começaram a pedir demissão, indignados. Um deles, William G. Walker, declarou: “Se as pessoas pudessem ver o sofrimento desses pobres coitados... entenderiam por que a gente precisa mudar”.

Um médico, que perdera o direito de prescrever drogas a adictos, decidiu que era hora de acabar com a crueldade de uma vez por todas. Viajou até Washington com uma arma escondida no casaco. Estava determinado a ir até o gabinete de Harry Anslinger e matá-lo. Ele esperou do lado de fora do escritório, até que foi autorizado a entrar. Anslinger, oferecendo-se para pegar o casaco do médico, sentiu a arma e a tomou para si. Harry diria depois que, mesmo se o médico tivesse podido atirar, ele teria atirado antes, transformando-o em uma peneira.

Nada disso fez Harry pegar mais leve. Os médicos eram muito emotivos, ele insistiu, porque eram corruptos. Não havia dúvida: eles queriam apenas o dinheiro das receitas, nada mais. Além disso, segundo ele, não faltavam provas de que o seu jeito funcionava. Desde que a repressão começara, o número de adictos havia caído drasticamente, para apenas 20 mil em todo o país. Anos depois, um historiador chamado David Courtwright fez uma requisição valendo-se do equivalente norte-americano à Lei de Acesso à Informação para descobrir como esse número fora calculado. Descobriu, na verdade, que era um dado fictício, inventado. As principais autoridades do Departamento do Tesouro admitiram que o número era “absolutamente inútil”.

De volta a Los Angeles, depois de um longo período de investigação, Henry Smith Williams estava finalmente pronto para anunciar algo que julgava ser capaz de mudar o século XX e encerrar a “Inquisição norte-americana”. Em 1938, publicou um livro com o título *Drug Addicts Are Human Beings*, apresentando provas de que toda a política de proibição às drogas era um grande golpe, implicando de forma direta as autoridades que

comandavam a repressão. Acusou categoricamente Harry de receber ordens da Máfia.

Se você quiser saber como esse esquema funciona, disse, precisa conhecer a história de Chris Hanson. Beirando os sessenta anos, era um homem atarracado, ruivo e com um rosto estranhamente liso e juvenil, conhecido por todos como “Big Chris”. Era o chefe do departamento de Harry na Califórnia e o mentor da grande onda de prisões de médicos que incluiu Edward Williams.

Sabemos hoje por que ele fez isso, escreveu Henry Smith Williams. Pouco depois de ter fechado a clínica de Los Angeles, a Justiça determinou que Big Chris estava trabalhando secretamente para um conhecido traficante chinês chamado Woo Sing. Ele recebia bastante dinheiro dos traficantes e fazia o que queriam. E era de seu interesse pagar para que Big Chris fechasse clínicas.

Tive que reler isso muitas vezes para entender o real significado dessa acusação. Bem nos primórdios da guerra às drogas, os homens que iniciaram a repressão a elas na Califórnia fizeram-no porque foram pagos *pelos próprios traficantes*, que queriam essa guerra. Tinham tanto interesse nela que pagaram para que fosse acelerada.

Henry Smith Williams instou a opinião pública a questionar: por que criminosos pagariam à polícia para aplicar as leis ligadas à proibição? A resposta, ele disse, estava diante de nossos olhos. Ao banir o comércio legal de drogas, colocava-se um mercado exclusivamente nas mãos dos traficantes. Assim que as clínicas foram fechadas, os dependentes se tornaram consumidores potenciais e uma importante fonte de renda.

Desde que a clínica do seu irmão fora interditada pelo Departamento Federal de Narcóticos, que havia sido subornado pela Máfia, Smith Williams ponderou que o mesmo aconteceria em nível nacional. Era provável que Anslinger também recebesse algum tipo de suborno — se os traficantes conseguiam escapar da repressão quando ninguém mais conseguia, a única explicação era que talvez Harry pudesse ser um deles.

Henry Smith Williams errou nesse ponto crucial. Não existe nenhuma prova de que Anslinger tenha algum dia trabalhado para a Máfia, e isso já teria vindo à tona se fosse verdade. O policial realmente acreditava ser o inimigo mais terrível dos traficantes, mesmo que estes pagassem a seus subordinados para aplicar suas políticas repressivas. Henry Smith Williams partiu do princípio de que Anslinger — e a própria proibição — era racional como ele, coisa que não era verdade. Ele simplesmente reagia, em pânico. Ninguém que está com medo consegue ver as falhas em seu próprio raciocínio.

Harry trabalhou de forma deliberada para manter o país em estado de pânico em relação às drogas, de maneira que ninguém via essas contradições lógicas. Sempre que elas eram apontadas, ele as abafava. Não podia deixar espaço para a dúvida — fosse na sua própria cabeça, fosse no país — nem para algum caminho alternativo para os Estados Unidos.

Henry Smith Williams nunca foi o mesmo depois após essas experiências. Antes, ele via a maioria dos humanos como seres fracos e desinteressantes, que quase não mereciam viver. Mas, depois, passou a defender que não era preciso viver permanentemente em uma brutal guerra darwiniana pela sobrevivência. Em vez de esmagar os fracos, sugeria que fossem tratados com gentileza.

Passou os anos seguintes organizando um grupo de ativismo contra a guerra às drogas, mas os homens de Anslinger escreveram a todos os que manifestaram interesse em participar do projeto dizendo que se tratava de uma “organização criminosa” que teria “problemas com o Tio Sam”. Henry Smith Williams morreu em 1940. *Drug Addicts Are Human Beings* esgotou no mercado, não teve reedições e foi esquecido.

O livro continha um presságio. Se a guerra às drogas continuasse, escreveu Henry Smith Williams, cinquenta anos depois haveria uma indústria ilegal de drogas no valor de 5 bilhões de dólares nos Estados

Unidos. Ele acertou em cheio — menos com relação ao ano, mas chegou perto.

A história dos irmãos Williams e de todos os outros médicos que foram arruinados foi apagada com tanto sucesso da memória coletiva norte-americana que, nos anos 1960, Anslinger chegou a dizer que os profissionais de saúde sempre foram seus aliados na repressão às drogas. “Gostaria de ver algum médico afirmar que não foi tratado com toda a gentileza possível”, declarou a um jornalista.

3. O mundo dos fortes

Enquanto Harry Anslinger acabava com qualquer alternativa à guerra às drogas nos Estados Unidos, elas ainda eram vendidas de forma legal no resto do mundo. Esse cenário mudou nas décadas seguintes e, nos anos 1960, a proibição foi generalizada.

Primeiro, cheguei a achar que isso aconteceu porque todos os países tinham seus medos próprios e os equivalentes locais de Anslinger — mas depois comecei a notar algo estranho, que não entendi mesmo após examinar os arquivos dele.

Em suas cartas, Harry emitia ordens para o mundo, incluindo o meu país, a Grã-Bretanha. Comportava-se como um “tsar das drogas” não apenas dos Estados Unidos, mas do mundo todo. A partir daí, comecei a estudar a influência dele na forma como essa guerra foi elevada a uma escala global.

Assim que os médicos deixaram de ser uma ameaça, Harry passou a se concentrar em uma coisa que ainda o deixava desnordeado. Ele fazia tudo certo. Reprimia adictos, traficantes e médicos. Elegeu, para que o resto do mundo visse, determinada cidade como modelo para a luta contra as drogas — Baltimore, que adotara legalmente sua visão. No entanto, algo parecia não estar funcionando. De forma inexplicável, Baltimore não havia se tornado um paraíso sem drogas com a proibição. Harry encontrou uma única explicação possível. Da mesma forma que via a Máfia operando de maneira

oculta sob a superfície da sociedade norte-americana, agora acreditava em uma força ainda mais perniciosa manipulando os acontecimentos.

Para ele, os comunistas estavam inundando os Estados Unidos com drogas como parte de um plano “frio, cruel, calculista e sistemático” para sabotar o país. Em um depoimento ao Congresso, detalhou o que chamou de onda da “heroína comunista” saindo das plantações chinesas direto para as veias dos norte-americanos brancos. Por que faziam isso? Para enfraquecer os brancos, “construir uma quinta-coluna no interior dos Estados Unidos”, um exército de adictos que estivesse “disposto a pagar por suas drogas com traição”. Agora, Harry advertia, cada adicto não era apenas um criminoso, mas também um traidor comunista em potencial.

Seus agentes falaram que nada daquilo era verdade. Um deles disse em uma entrevista: “Não havia nada para sustentar as acusações de Anslinger, mas isso nunca foi um impedimento para ele”. Mais uma vez, Harry mexia nos temores mais profundos de sua época para garantir a verba do seu departamento. Fosse qual fosse o medo dos norte-americanos — dos negros, dos pobres ou dos comunistas —, ele mostrava que a única maneira de lidar com isso era através da repressão às drogas.

Ao invocar essa conspiração comunista nos anos 1950, Harry encontrou uma maneira de transformar seu fracasso em motivo para elevar a escala da guerra. A proibição às drogas só funcionaria se fosse realizada por todas as pessoas no mundo inteiro. Então, foi até a ONU com uma série de instruções para a humanidade: façam o que nós fizemos. Travem uma guerra contra as drogas. Ou será pior. De todas as atitudes de Harry, esta última continua a repercutir no mundo de hoje.

Hospedou-se em um dos melhores hotéis de Genebra, olhava de cima para os representantes de países menores e mais fracos, dando-lhes ordens. Da mesma forma que Billie Holiday se recusava a baixar a cabeça, muitos países também o ignoravam. A Tailândia, por exemplo, negou-se terminantemente a banir o uso do ópio, dizendo que fumá-lo era uma

tradição ancestral, menos nociva que a proibição. Então, Harry começou a pressionar. Um de seus agentes mais importantes, Charles Siragusa, declarou: “Descobri que mencionar, nos lugares certos, de forma casual, a possibilidade de suspender nossos programas de ajuda internacional levava à permissão quase imediata de nossas operações”. Mais tarde, ameaçaram cortar todas as importações de mercadorias feitas pelos Estados Unidos, originárias de alguns países que não queriam cooperar.

Sempre que o representante de outro país tentava explicar para Anslinger por que suas políticas não estavam corretas, ele retrucava: “Estou convencido do que penso — não me confunda com os fatos”.

Assim, a Tailândia cedeu. Da mesma maneira que a Grã-Bretanha e todos os países sob ameaça. Os Estados Unidos eram, naquela altura, a nação mais poderosa do mundo, e ninguém ousava desafiá-la por muito tempo. Alguns países receberam melhor essa política do que outros. Afinal, praticamente todos eles apresentavam grupos minoritários, como os afro-americanos nos Estados Unidos, que desejavam manter em posições inferiores. Para muitos deles, as drogas eram uma boa justificativa. Também existia um desejo latente de punir os dependentes. “O mundo pertence aos fortes, sempre foi assim e sempre será”, acreditava Harry. O resultado é que ainda hoje somos reféns da visão de Anslinger.

Mas havia ainda mais uma coisa muito mais próxima perturbando Harry. Desde que começou a coordenar o departamento, seus pensamentos passaram a tomar rumos um tanto estranhos e desordenados. Seus escritos pessoais começaram a ficar confusos, afirmando que adictos eram “contagiosos” e que qualquer um poderia ser infectado se não fosse submetido à “quarentena”. E então, bem de repente, Harry desapareceu do departamento por meses.

Apesar de ninguém ter sido avisado na época, Harry, na verdade, teve um surto e precisou ser hospitalizado. Ao voltar, a paranoia parecia ainda maior.

Via inimigos, conspirações e tentativas secretas de controlar o mundo em todos os lugares.

Às vezes, enquanto eu lia os argumentos cada vez mais estranhos de Harry, pensava: como é que um homem assim convenceu tanta gente? Mas as respostas estavam ali, esperando por mim, nas pilhas de cartas que recebeu de pessoas comuns, de senadores e de presidentes. Elas queriam ser convencidas. Desejavam ter respostas simples para temores complexos. É uma tentação se sentir superior e ser condescendente com essas pessoas. Mas acredito que esse impulso está presente em todos nós. A população queria ouvir que esses problemas profundos e complexos — raça, desigualdade, geopolítica — aconteciam por causa de um punhado de pó e algumas pílulas, e que, se essas drogas fossem eliminadas do mundo, os problemas acabariam.

É um instinto natural do ser humano transformar medos em símbolos e destruí-los, na esperança de que isso acabará com esses temores. É uma lógica recorrente na história da humanidade, desde as Cruzadas, passando pela caça às bruxas até os dias de hoje. É difícil conviver com um problema tão complexo, como a compulsão humana por se intoxicar, e aceitar que uma coisa assim sempre estará dentro de nós e que vai causar problemas (tal como uma sensação de prazer). Uma mensagem diferente — de que existe uma solução — é muito mais bem-aceita. As pessoas querem acreditar que todos esses problemas podem acabar se apenas obedecermos a uma cartilha.

Depois que Harry se aposentou do departamento — com uma forcinha de JFK —, descobriu-se algo esquisito sobre a paranoia dele. Ele via as drogas serem fornecidas em todos os lugares, mas era cego para o que acontecia dentro do seu próprio departamento. Logo após sua saída, uma investigação conduzida por um grupo especial do Serviço de Receita Interna descobriu que o departamento não era imune à corrupção, levando o historiador John McWilliams a dizer que “o próprio departamento era o maior fornecedor e protetor de heroína nos Estados Unidos”.

Anslinger estava ocupado demais perseguindo médicos, cantoras de jazz, adictos e dragões chineses para perceber que ele esteve o tempo todo rodeado de traficantes.

Mas isso não importava. Harry tinha vencido. Na época em que se aposentou, não havia nenhum homem que tivesse assumido por tanto tempo um cargo de liderança de um departamento de segurança dos Estados Unidos — sua longevidade ultrapassou, inclusive, a de J. Edgar Hoover* — e não havia mais perigo de o Departamento Federal de Narcóticos ser extinto, pois tinha se tornado uma parte essencial da máquina do governo.

Anos depois, em 1970, a revista *Playboy* organizou uma mesa-redonda para debater as leis de drogas e o convidou a participar. Pela primeira vez, desde que conversou com Henry Smith Williams, nos anos 1930, Harry Anslinger era forçado a defender seus argumentos contra oponentes bem articulados. Também foram chamados o psiquiatra dr. Joel Fort, o advogado Joseph Oteri e o poeta beat especialista em narcóticos William Burroughs.

Dessa vez, Harry não se furtou a defender suas visões como tinha feito com Henry Smith Williams. Ele partiu para o ataque. “Uma pessoa sob a influência de maconha pode se tornar tão violenta que são necessários até cinco policiais para imobilizá-la”, disse. Falou ainda que existiam “provas de que o uso contínuo de haxixe acabava em internação psiquiátrica”.

Até aquele momento, ele fora tratado com um silêncio respeitoso, mas agora não mais. Quando questionado a apresentar evidências para corroborar essas declarações, ele citou o psiquiatra indiano dr. Isaac Chopra, “que disse de forma clara e categórica que a maconha pode levar à psicose”.

“Eu ouvi o dr. Chopra depor em Boston, durante uma acareação, e ele admitiu que seus estudos não tinham uma amostragem científica válida e que não havia ligação comprovada entre a maconha e a insanidade em uma relação de causa e efeito”, rebateu Oteri. Anslinger não teve como contestar.

Os debatedores apresentaram estudos, fatos e números sobre como a proibição não tinha funcionado. Anslinger seguia contando histórias, quase

sempre de cunho sexual: “Posso contar sobre o caso de uma festa em uma república de estudantes. Numa rodada da brincadeira Verdade ou Desafio, uma das garotas comeu um cubo de açúcar no qual havia uma gota de LSD. Ela ficou fora do ar por dois dias, durante os quais foi estuprada por vários colegas da república”.

As outras pessoas da mesa pareciam perplexas ao ouvirem essas histórias, que pareciam adaptadas de livros baratos dos anos 1930, sendo apresentadas para fazer frente a estudos científicos. Era como se um detetive criado pelo autor de romances policiais Mickey Spillane tivesse invadido um seminário para dizer aos médicos que estavam falando bobagem, porque uma vez ele tinha perseguido uma loira em um beco.

Anslinger voltou-se, então, para o que ele acreditava serem os fatos no intuito de tentar ganhar a discussão: “Desafio vocês a citarem um médico que tenha registrado algum efeito benéfico da maconha fora das regiões mais atrasadas do mundo”. A resposta veio logo em seguida: dr. Lloyd J. Tompson, professor de psiquiatria da Bowman Gray School of Medicine, e George T. Stocking, um dos psiquiatras mais importantes da Grã-Bretanha. Anslinger mais uma vez não conseguiu responder. Essa dinâmica continuou acontecendo durante o resto do debate: Anslinger afirmava alguma coisa, que era rebatida pelos especialistas, e ele se calava em seguida.

Quando suas impressões eram confrontadas com os fatos, ele era pego de surpresa. Em um momento, Anslinger se enfureceu. Começou a chamar todos na mesa de “monstros”, acusou-os de defender o vício e ter uma “mente transviada”. Depois, comparou-os a Adolf Hitler e, finalmente, desqualificou-os: “Estamos ouvindo aqui algumas das declarações mais ridículas já proferidas”.

Enquanto me debruçava nas caixas dos escritos de Harry — tudo o que restou dele, exceto uma guerra global —, descobri algo triste sobre essa cena. Ele era claramente um idoso que estava sofrendo, tanto de angina como por não ter mais o poder de acabar com aquela discussão. Ainda assim, tentou alegar que quem discordasse dele causaria a morte dos Estados Unidos: “A

história se ergue com os ossos das nações que toleraram a lassidão moral e o hedonismo”, disse.

O dr. Fort deu uma olhada na vasta careca de Anslinger e retrucou: “Você levou esta nação a tratar questões científicas da forma como eram abordadas na Idade Média”. O dr. Henry Smith Williams havia dito o mesmo logo no início da longa carreira de Anslinger. E naquela hora, enquanto outro médico repetia para ele precisamente a mesma coisa, Harry Anslinger proferiu suas últimas declarações conhecidas.

* Primeiro diretor do Federal Bureau of Investigation (FBI), que comandou por 48 anos, de 1935 a 1972. (N. T.)

4. A bala na origem de tudo

Enquanto me aprofundava na pesquisa, percebi que havia uma lacuna na história de origem da guerra às drogas. É possível reconstruir os passos dessa narrativa pela ótica dos médicos, dos policiais e dos dependentes. Ao mesmo tempo, descobri que faltava uma outra peça para completar o quebra-cabeça: os traficantes. Queria conhecer suas histórias e saber como viam o mundo. Mas os criminosos não deixam registros das suas atividades. Não existe um arquivo a ser consultado. Por bastante tempo, por mais que eu procurasse, parecia que essa era uma história que jamais seria recuperada. As memórias deles morreram com as pessoas que os conheceram e agora estavam todos esquecidos.

Contudo, encontrei uma exceção. O primeiro homem a realmente ver o potencial do tráfico de drogas nos Estados Unidos foi um gângster chamado Arnold Rothstein. Aos poucos, descobri ser possível reconstruir sua personalidade com uma grande riqueza de detalhes. Era tão egocêntrico que chegou a ponto de convidar jornalistas para escreverem sobre ele — também era tão poderoso que não se importava que os policiais lessem sobre ele, porque todos haviam sido comprados. Diversas biografias de Rothstein foram publicadas e, após a morte dele, sua mulher escreveu um livro detalhado sobre sua vida, explicando com exatidão como ele era.

Havia apenas um problema. Parecia que todas as cópias dessas memórias haviam desaparecido. Até mesmo a da New York Public Library tinha

sumido em algum momento dos anos 1970. Consegui rastrear o que parece ser o último exemplar na Library of Congress, em Washington, onde comecei a lê-lo. Em suas páginas, encontrei a história de como Arnold ensinou o mundo a traficar drogas.

Em meados dos anos 1920, Arnold Rothstein costumava ficar em pé numa esquina iluminada pelo neon da Times Square, esperando passar qualquer um que lhe devesse dinheiro.

As ruas da cidade estavam apinhadas de gente em dívida com Rothstein, e, como Anslinger, as pessoas sentiam medo só de olhar para ele. À primeira vista, não era fácil perceber o que causava tanto temor nas pessoas. Media 1,73 metro, era pálido, tinha um rosto infantil e mãos pequenas, femininas. Nunca ficava nervoso, não bebia ou levantava a mão. Nem mascava chiclete. Ele ostentava sobriedade e astúcia em seus ternos bem cortados, mas todo mundo em Nova York sabia que Rothstein poderia matar com um estalar de dedos e que tinha tantos políticos e oficiais do Departamento de Polícia de Nova York na mão que jamais seria punido.

A mulher de Rothstein, uma dançarina de musicais da Broadway chamada Carolyn, tinha o hábito de passar por ele de carro para chamá-lo. Mas ela também tinha muito medo. Mais tarde, escreveu:

Geralmente, no meu caminho para casa, dirigia devagar pela Broadway, passando pela 47 com a rua 15. Podia ser uma noite fria ou chuvosa. Podia até estar nevando. Mas Arnold quase sempre estava ali. Eu pedia a ele que fosse para casa. Ele fazia que não com a cabeça e respondia: “Estou esperando alguém para cobrar...”. Ele ficava na rua, não importando como estivesse o clima, para recolher pequenas somas de dinheiro, às vezes coisa de cinquenta dólares. Ele podia conseguir milhares de dólares num só dia fazendo isso. Sempre pareceu para mim

que a quantidade não importava para Arnold, apenas porcentagens. Ele jogava com fichas, e fichas sempre precisam dar lucro.

Era o auge da era do jazz, e Arnold Rothstein era o homem mais temido de Nova York. Depois de coletar dinheiro suficiente das pessoas durante o dia, ficava sentado até de madrugada no Lindy's, um café localizado na Times Square, orquestrando sua rede de fraudes, roubo e extorsão. O lugar era frequentado por membros do submundo e da alta sociedade de Manhattan: atores e compositores, boxeadores e seus empresários, colunistas e comunistas, policiais e criminosos. Carolyn dizia que era como uma “fonte de água na floresta onde predadores e seus inimigos naturais se encontravam para aproveitar uma trégua e tomar um refresco”.

Em uma dessas noites, podia-se ver dois homens escrevendo um musical cujos personagens principais eram baseados em Arnold e Carolyn. A peça se chamaria *Guys and Dolls* e seria uma comédia. Arnold não era engraçado. Quando ria, todo mundo achava estranhamente artificial. “Aprendi que, quando ele ria, sua risada era uma demonstração superficial, uma combinação de movimentos dos músculos da face sincronizados com um som, e o resultado era uma simulação, mas sem participação, que reagia ao que era considerado engraçado”, lembrou Carolyn, anos depois.

Para nós, Arnold importa apenas por um motivo. Ele estava prestes a operar o maior mercado negro da história.

* * *

Ninguém conseguia entender como Arnold tinha ficado assim. Seu pai — que testemunhou seu filho mais novo ameaçar com uma faca o irmão mais velho enquanto este dormia — era um dos integrantes mais amados da comunidade judaica de Manhattan. A família de Avraham Rothstein fugira de violentas manifestações antissemitas na Rússia para o Lower East Side nos anos 1880. Avraham começou a costurar gorros, conseguiu crescer no comércio de roupas e tornou-se um rico negociante de artigos de algodão.

Quando os judeus ortodoxos tinham algum problema dentro da comunidade, procuravam Avraham para resolvê-lo. Seu senso de justiça era tão apurado que era chamado simplesmente de “Abe, o justo”.

Seu filho seria chamado de muitas coisas, mas nunca de “justo”.

Ainda menino, para além da sua frieza, Arnold demonstrou um talento impressionante para a matemática. Conseguia trabalhar com números e variáveis de uma maneira que deixava as pessoas admiradas. Desde os doze anos, sabia que seu pai seguiria a tradição do Shaba e não carregaria dinheiro desde o pôr do sol da sexta até o dia seguinte. Por isso, Arnold roubava algumas notas da carteira do pai, jogava nos dados e ganhava sempre quantias tão altas que conseguia repor o dinheiro sem que ninguém notasse. Quando fugiu de casa, aos dezessete anos, para ser mascate, Arnold contava com sua habilidade no jogo de cartas.

Começava a se considerar uma espécie de super-homem, muito superior ao resto, como explicaria: “Existem 2 milhões de tolos para cada homem com cérebro”. Ele era o homem com cérebro e cobraria dos tolos o que lhe era devido.

E o Cérebro — como ele insistia em ser chamado — logo descobriria a maior verdade sobre o jogo: a única forma de ganhar sempre é sendo o dono do cassino. Então, organizou vários antros de jogatina no submundo de Nova York. Quando foram fechados um a um pela polícia, inventou o jogo de dados “flutuante”: uma jogatina interminável que era transferida de lugares obscuros para porões espalhados pela ilha. Ele carregava muito dinheiro, mais de 100 mil dólares de cada vez, e vivia contando as notas, uma a uma, à mão. Tinha uma relação tátil com elas. O farfalhar das cédulas era uma fonte de música e inspiração para ele. Não havia prazer no jogo em si, apenas no resultado final. Mesmo após anos apostando em cavalos, não sabia a diferença entre um e outro. Conhecia apenas as estatísticas e o dinheiro obtido no fim.

Não importava quanto tivesse, Rothstein sempre acreditava que tinha de encontrar uma maneira de conseguir mais. Quando conheceu sua futura

esposa, Carolyn, na festa de um amigo, disse que era um homem que gostava de praticar esportes. “Eu achava que um homem esportivo era alguém que caçava e atirava. Mais tarde entendi: a única coisa que ele caçava era alguém com dinheiro e só atirava dados sobre uma mesa”, ela lembrou. Na noite do casamento, ele lhe disse que precisava empenhar o anel de noivado para liberar alguns fundos. Ela entregou a joia e não reclamou.

Ele embolsava o dinheiro sem sorrir. Um dia, um jogador que Rothstein conhecia fez uma ligação interurbana para falar com ele. Disse que estava falido e que precisava desesperadamente de quinhentos dólares para voltar a Nova York e ao jogo.

“Não consigo ouvir”, disse Arnold ao telefone. O jogador seguiu repetindo o pedido. “Não consigo ouvir”, disse novamente Arnold. O pedinte prosseguiu com a chamada até que a operadora interrompeu:

“Mas, sr. Rothstein, eu consigo ouvi-lo com perfeição”, ela disse.

“Está bem. Então você dá o dinheiro para ele”, respondeu Arnold, desligando.

Ele estava acostumado a manipular as apostas. “Descobri minhas limitações quando tinha quinze anos de idade e, desde aquela época, nunca apostei contra quem eu não podia vencer”, ele disse. Nas corridas, pagava aos jóqueis para entregarem a corrida. Gradualmente, ano após ano, levou isso a um patamar superior. As apostas ficaram mais altas e seus ganhos mais improváveis, até que chegou ao maior, mais assistido e disputado jogo dos Estados Unidos: o beisebol. Cinquenta milhões de americanos esperavam o resultado da partida em 1919 quando, contrariando todas as probabilidades e previsões, o Cincinnati Reds bateu o White Sox, o favorito absoluto. Muito depois da partida, o motivo da zebra apareceu: Rothstein subornara oito jogadores dos White Sox para entregarem o jogo. Todos os oito foram acusados pela fraude e acabaram absolvidos por razões misteriosas.

Ao longo de toda a história de Arnold, a palavra “misterioso” repete-se à exaustão.

Um homem como Arnold Rothstein sempre encontraria uma maneira criminosa para se dar bem, mas ele ainda recebeu de bandeja duas das maiores indústrias norte-americanas. Livres de impostos. Ele logo enxergou que a proibição das bebidas e das drogas era a maior loteria na história do crime. Sempre houve e sempre haverá uma multidão que quer ficar bêbada ou chapada e que, se não conseguir pelos meios legais, fará pelos ilegais.

“A proibição durará um tempo e um dia será abandonada. Mas será mantida por um período considerável, com certeza. Vejo que cada vez mais pessoas ignorarão a lei, e podemos fazer uma fortuna suprindo essa demanda”, Rothstein disse aos sócios.

Com a Lei Seca, os contrabandistas descobriram, pode-se vender a porcaria que quiser: quem faria uma queixa na polícia porque foi envenenado com bebida ilícita? Houve em todo o país surtos de intoxicação em massa por álcool: em apenas um incidente, quinhentas pessoas ficaram permanentemente deficientes em Wichita, Kansas. O mercado ilegal de bebida alcoólica ainda se manteve por treze anos — ele voltou a ser legalizado em 1933, pois Franklin Roosevelt estava desesperado por novas fontes de arrecadação de impostos. O verdadeiro presente era, Rothstein percebeu, o mercado das drogas, que ainda ficaria ilegal por um longo período.

No início, o negócio era controlado por vendedores ambulantes nas ruas. Eles conseguiam seu produto de duas maneiras: assaltando hospitais para roubar remédios contendo opiáceos ou fazendo pedidos no atacado a fornecedores legais do México ou do Canadá usando empresas de fachada. Em 1922, o Congresso acabou com isso. Rothstein via que esses criminosos amadores estavam perdendo uma grande oportunidade: aquela era uma tarefa para a produção industrial e o contrabando de massa. Ele enviou seus homens para comprar o produto em grandes quantidades na Europa, onde as fábricas ainda produziam legalmente heroína, que era transportada de navio para os Estados Unidos para, depois, ser distribuída nas ruas de Nova York e de outras localidades.

Para que o esquema funcionasse, Rothstein precisou inventar a quadrilha de tráfico de drogas moderna. Já existiam gangues em Nova York havia várias gerações, mas eram grupos pequenos que passavam o tempo brigando uns com os outros. Os bandos de Arnold eram disciplinados como unidades militares, e ele se certificou de que só obtivessem resultados positivos. Foi por isso que, em meados da década de 1920, Rothstein e esse novo modelo de quadrilha assumiram o controle de todo o tráfico de cocaína e heroína da Costa Leste do país.

Na época em que Arnold estava esperando para cobrar suas dívidas na Times Square, as clínicas de heroína estavam sendo fechadas pelo Departamento Federal de Narcóticos. Esse é um ponto-chave da história. É quando o controle das drogas é transferido para as mãos de pessoas perigosas. Como resultado do Harrison Act e da sua interpretação linha-dura aplicada pelo gabinete de Harry, o domínio das drogas passou das mãos de médicos como Henry Smith Williams para as de gângsteres como Arnold Rothstein. Não foi uma decisão natural, mas sim uma escolha política.

Quando se tratava de dependentes, Rothstein tinha tanta repulsa quanto Anslinger. No dia em que descobriu que um dos seus homens estava fumando ópio em um cachimbo, mandou-o embora. Mas não é difícil adivinhar por que Arnold gostou desse negócio. O jornal *e World* escreveu: “Para cada mil dólares gastos na compra, contrabando e distribuição do ópio, aqueles que estão no topo da pirâmide recolhem 6 mil dólares ou mais de lucro”. Arnold logo descobriria que quando você controla a receita monstruosa das drogas fica fácil comprar policiais e políticos. Suas margens de lucro eram tão elevadas que ele conseguia pagar mais que os salários que recebiam do governo. Um jornalista escreveu em 1929: “A polícia tratava-o tão bem quanto a um comissário de polícia”. Era por isso

que, toda vez que Arnold Rothstein era pego cometendo um ato de violência, as acusações sumiam “de forma misteriosa”.

Ele dominou a polícia com um método que seus sucessores, os cartéis de drogas mexicanos, aprimorariam e definiriam em uma frase: “*plata o plomo*” — prata ou chumbo. Era aceitar o suborno ou levar um tiro. De vez em quando, apareciam alguns policiais que não aceitavam esse fundamento. Dois detetives, John Walsh e Josh McLaughlin, foram recebidos com tiros por Rothstein, quando adentraram um estabelecimento ilegal pertencente ao criminoso, pois achou que se tratava de ladrões. A Justiça não levou o caso para a frente. Um jornalista caçoou: “O que é dar uns tirinhos tendo dois policiais como alvo” quando se é Arnold Rothstein?

Ele fez com a polícia o que fez com o beisebol. Transformou tudo em uma performance para o público acreditar que era real quando, na verdade, era tudo um teatro. Ele comprava uma quantidade suficiente de atores para poder ganhar todas as vezes.

Mas não importava quanto dinheiro acumulasse, continuava frequentando o Lindy’s tarde da noite. Permitiu-se apenas um luxo. Pagou a um dentista para arrancar todos os seus dentes e colocar outros novinhos no lugar.

Houve um momento em que Arnold começou a matar. É aí que as coisas ficam um pouco confusas e é difícil saber como realmente aconteceram. Por razões óbvias, ninguém registrou os nomes e os pormenores dessas vítimas. Podemos apenas inferir pistas da sua existência. Todo mundo, até mesmo os gângsteres mais perigosos, tinha medo dele. Não se consegue uma reputação dessa por nada. Existe apenas uma vítima provável de Rothstein cujo nome ainda pode ser rastreado. O biógrafo David Pietrusza conseguiu desenterrá-la, e isso só foi possível porque a vítima era o terceiro homem mais rico do mundo.

Um dia, Arnold conheceu em um hotel o capitão Alfred Loewenstein, um financista tão rico que, segundo relatos, quando os alemães invadiram a

Bélgica, na Primeira Guerra Mundial, ele se ofereceu para comprá-la de volta com seu próprio dinheiro. Com Rothstein, o capitão assinou o maior acordo referente a drogas da história até aquele momento, um plano para abastecer um novo mercado de massa com derivados de ópio. Logo após selar o pacto, ele entrou em seu avião particular e voltou para a Europa.

Quando o avião pousou, Loewenstein não estava a bordo. A tripulação disse que ele foi ao banheiro e não voltou. O *New York Times* escreveu que era “praticamente impossível abrir a porta de um avião durante um voo em velocidade de cruzeiro”. Pode-se presumir que Rothstein tenha embolsado sua parte adiantado.

Enquanto construía a história de Arnold, fiquei pensando sobre todos os estudos de sociologia que li sobre a guerra às drogas, e eles começaram a fazer sentido. Explicam que, quando um produto popular é criminalizado, não desaparece. Em vez disso, grupos criminosos passam a fornecê-lo e distribuí-lo. Eles precisam levar o produto para dentro do país, transportá-lo para onde há demanda e vendê-lo na rua. A mercadoria fica vulnerável em todas as etapas. Se ela é roubada, não dá para procurar a polícia ou ir à Justiça para recuperá-la. Só é possível defendê-la usando a violência.

Mas ninguém quer tiroteios acontecendo todos os dias, não há negócio que se mantenha assim. Então, você precisa construir a reputação de ser temível. As pessoas precisam acreditar que você é tão cruel e violento que não vale a pena desobedecer-lhe. A única forma de atingir esse grau de infâmia é através de atos de extrema brutalidade.

O sociólogo norte-americano Philippe Bourgois chamaria esse processo de “cultura do terror”. Mas a primeira pessoa a notar e a começar a articular o funcionamento dessa dinâmica foi um jornalista meio bêbado e fumante inveterado chamado Donald Henderson Clarke. Ele costumava ir a bares com Rothstein e seus capangas.

É difícil explicar, ele escreveu, o “medo que Rothstein inspirava. Quando você fica mal com o comissário de polícia ou com o procurador do distrito ou com o governador, ou qualquer pessoa assim, você tem alguma ideia do

que poderá acontecer. Quando você fica mal com Arnold Rothstein, não é possível saber até onde ele pode ir. É verdade que pode não acontecer nada com você, exceto viver com medo. E essa é uma calamidade para qualquer pessoa”.

Os homens de Arnold distribuíam suas balas pela cidade. Um dos capangas mais importantes era Jack Diamond, conhecido como “Legs” [Pernas]: ele acabou sendo atingido tantas vezes que foi chamado de “depósito humano de munição”. Mas Rothstein e seus homens pareciam sempre sair por cima e, por isso, ninguém ousava desafiá-lo. Um dia, Arnold estava no metrô quando um ladrão roubou seu broche de pérola, o único adorno pelo qual tinha apego. No jantar, Rothstein explicou para outros bandidos, rindo, como tinha sido roubado: “Eu, que sou inteligente. O que acham disso?”.

No dia seguinte, um pacote chegou em sua casa. Continha o broche e um bilhete: “O cara que levou não sabia quem você era”.

Enquanto Arnold espalhava terror, sua mulher, Carolyn, era uma verdadeira prisioneira dentro de casa. Ele a proibia de ficar na rua depois das seis da tarde ou de ser procurada por qualquer pessoa. Dizia que era por causa da polícia. Controlava tudo: ela não podia usar bobes no cabelo, pois, se o fizesse, “perderia toda a dignidade”. À noite, ela recorda no livro, ficava ouvindo a roleta do cassino clandestino que seu marido mantinha do outro lado da rua. Ela conseguia saber se a casa estava ganhando pela movimentação do crupiê, se estava recolhendo as fichas rapidamente ou contando-as para pagar ao apostador.

Enquanto esperava por ele, Carolyn lembrava de fragmentos de sua vida. Quando era dançarina, percorrera o país com uma comédia chamada *e Chorus Lady*. Viajando em um trem pelo estado da Pensilvânia — ou Kansas, não lembrava direito — observava uma longa e preguiçosa sequência de casas iluminadas apenas por uma lamparina de querosene. Imaginava que a vida dessas pessoas devia ser calma e segura.

Arnold chegava em casa sempre por volta das cinco ou seis horas da manhã, quando sucumbia ao seu único vício: bebia litros de leite e comia bolo freneticamente. Havia uma cortina de couro para bloquear a claridade. Ele acordava às três da tarde e sempre se queixava de que não se sentia bem. Tinha dores de cabeça ou indigestão, talvez uma forma reprimida de lidar com o que deveria saber: que poderia ser morto a qualquer momento.

Ele sempre prometia para Carolyn que sairia daquela vida assim que acumulasse o bastante, mas ela foi se dando conta de que esse momento nunca chegaria. Além disso, se renunciasse àquele reinado de violência, seria morto por aqueles que queriam tomar seu lugar e que o espreitavam nos becos da Broadway. Qualquer sinal de fraqueza significaria ser recebido com uma bala em alguma viela. “É tarde demais, eu não consigo. Entrei e não consigo mais sair”, ele disse.

Sempre teve uma temeridade um tanto peculiar. Um dia, um bandido posicionou um revólver no seu estômago e disse que queria quinhentos dólares. “Quando você conseguir meus quinhentos dólares, vai ter que usá-los para pagar seu funeral. Pense bem nisso”, foi sua resposta. Mas, no ano de 1926, algo aconteceu com Rothstein que o deixou assustado pela primeira vez. Contaram que havia uma séria ameaça à sua vida e, não muito depois, um homem que se parecia muito com ele fisicamente foi pego por dois homens e obrigado a entrar em um carro. Demorou dois quarteirões para perceberem, aos palavrões, que haviam pegado o cara errado.

Uma noite, não muito tempo depois, Arnold acordou Carolyn com o rosto pálido.

“Acabei de ter uma experiência terrível”, disse. Tinha chegado ao prédio onde ficava seu apartamento e tentado abrir a porta, mas estava trancada. “Apertei a campainha e sabia que funcionava porque escutei tocar. Então, vi o ascensorista deitado no sofá. Pensei que estivesse amarrado e amordaçado.” Arnold correu várias quadras para encontrar um guarda, mas, quando voltaram, a porta abriu com facilidade. Não havia nada fora do normal.

Tudo estava em seu lugar, exceto pela sanidade de Arnold. Ele estava ficando louco.

Em 1927, um carro no qual costumava andar foi metralhado enquanto o esperava no Hotel Fairfield. Não muito tempo depois, Carolyn pediu o divórcio. Ela sabia o que estava por vir. Arnold Rothstein tinha 47 anos quando entrou cambaleante pela entrada de serviço do Park Central Hotel, na rua 56, às 22h50 do dia 5 de novembro de 1928. O Cérebro tinha sido baleado no intestino.

“Chamem um táxi”, pediu. Quando a polícia veio e perguntou quem tinha feito aquilo, murmurou: “Se eu sobreviver, cuido disso. Se morrer, a gangue resolve”.

Agonizou por mais de um dia antes de morrer em um hospital no Brooklyn. Enquanto estava em estado semicomatoso, o advogado e a amante, uma bailarina de 27 anos (mais uma) chamada Inez Norton, “guiaram” sua mão para escrever um novo testamento na esperança de que herdariam uma fortuna, mas a verdade é que as dívidas de Arnold superavam seus ativos e não sobrou nada. Rothstein tinha feito um seguro de vida no valor de 50 mil dólares no sábado anterior, mas o cheque não chegou à empresa e a apólice nunca foi paga.

A polícia não quis investigar o assassinato — não tinha interesse em abrir as portas de um caso que exporia policiais comprados por Rothstein. “Era como se ninguém, fosse uma autoridade, fosse um criminoso, quisesse ter algum envolvimento com essa morte”, escreveu o biógrafo de Rothstein, Nick Tosches. Um rival no jogo chamado George McManus foi acusado pelo assassinato e, mais tarde, absolvido pelo júri. Tosches escreveu que “até hoje o mistério só cresceu. Houve muita especulação sobre qual seria a identidade de quem puxou o gatilho e das forças ocultas por trás desse ato”.

Foi apenas um ano depois de saber disso, enquanto estava em Ciudad Juárez, que me dei conta da importância daquele momento.

Essa bala foi a origem da proibição das drogas, e ninguém sabe até hoje quem a disparou. Foi como a bala que matou o arquiduque Francisco

Ferdinando no início da Primeira Grande Guerra: o primeiro tiro de um massacre mundial.

O controle que Rothstein tinha sobre o tráfico de drogas foi o motivo pelo qual morreu. Daquele momento em diante, traficantes de todo o mundo entrariam em um conflito permanente pelo controle da distribuição de drogas.

O analista de repressão às drogas Charles Bowden diz que, na verdade, existem duas guerras paralelas: a guerra *contra* as drogas, na qual os Estados combatem usuários e dependentes, e existe a guerra *pelas* drogas, na qual criminosos se enfrentam para dominar o negócio.

A guerra pelas drogas foi declarada no Park Central Hotel, em Manhattan, quando Arnold Rothstein sangrou. Haveria muitas outras balas, e eu aprenderia nessa jornada que Arnold Rothstein ainda não morreu. Toda vez que é assassinado, surge uma nova versão sua ainda mais perversa. Ele foi o primeiro de uma linhagem de criminosos que passou por Pablo Escobar e El Chapo Guzmán, cada um mais sanguinário que o outro porque foi forte o bastante para matar o anterior. Como Harry Anslinger escreveu, em 1961: “Um grupo subiu ao poder escalando sobre os cadáveres de outro”. É a evolução de Darwin armada com uma metralhadora e segurando um saquinho de crack.

Como eu perceberia, assim como Rothstein, Harry Anslinger reencarnava em formatos ainda mais fortes. Antes que essa guerra termine, seus sucessores colocarão mais gente na cadeia que qualquer outra sociedade na história da humanidade e disseminarão veneno no ar para matar as plantações de drogas em países distantes. Os atores dessa guerra serão Anslingers ou Rothsteins: o proibicionista e o chefe do tráfico, dando continuidade a uma dinâmica perversa. A política da proibição inventou esses personagens e precisa deles. Enquanto ela existir, eles existirão.

O grito que traumatizou Harry Anslinger, a bala que matou Arnold Rothstein e as leis que arruinaram a prática médica de Edward Williams —

tudo isso faz parte da nossa vida, tenhamos ou não uma relação direta com as drogas.

Setenta anos depois, viajei de cidade em cidade e, através da história de três pessoas, consegui compreender melhor essa dinâmica.

Uma delas tentava ser Arnold Rothstein.

A outra tentava ser Harry Anslinger.

E a terceira estava na varanda de casa, brincando com uma boneca.

PARTE II
FANTASMAS

5. Souls of Mischief

Encerrei as pesquisas sobre Harry, Arnold e Billie resolvido a encontrar um traficante. Queria descobrir como a dinâmica estabelecida no tempo deles estava funcionando nos dias de hoje, não apenas em trabalhos acadêmicos e em meio a polêmicas sobre o conflito contra as drogas, mas nas próprias ruas de Nova York onde Arnold lutou e Billie morreu. Era hora de ver como as coisas aconteciam ao vivo.

Um amigo meu que trabalha para reformar as políticas de drogas em Nova York me deu o número de uma pessoa chamada Chino Hardin. Marque um encontro, disse. Ninguém pode explicar melhor que ele.

Encontrei Chino pela primeira vez do lado de fora de uma lanchonete em Greenwich Village. Ele apareceu fumando e sempre tem um cigarro aceso na mão. Seu cabelo estava bem preso para trás, com uma chamativa bandana cobrindo sua cabeça. Vestia um suéter com estampa do Hulk. Notei que sua voz era profunda e rouca.

Nos sentamos, e Chino me observou cuidadosamente enquanto eu dizia o que queria saber: como funciona o tráfico por dentro. Não consegui decidir se estava desconfiado ou ansioso, mas senti que ele me avaliava. E então ele disse, de maneira abrupta, como se tivesse tomado uma decisão: “Cresci em East Flatbush, Brooklyn... Nasci no Kings County Hospital, na rua debaixo da minha casa”. A partir daí, começou a me contar a história da sua vida. Faz mais de três anos que continuamos a falar disso.

Descobri mais tarde que Chino estava em uma transição para passar a viver como homem, e considerava uma cirurgia de mudança de sexo. A pedido dele, uso pronomes masculinos para contar sua história ao longo deste livro, mesmo que seja considerado mulher por todos à sua volta e pelo sistema — ele sempre sentiu que, por dentro, era um homem.

Naquela primeira tarde, notei que Chino falava muito rápido e ritmado, acompanhando uma batida inaudível que, com o tempo, comecei a ouvir. Foi uma das muitas coisas que aprendi com Chino.

Quase setenta anos depois de Arnold Rothstein se plantar numa esquina de Nova York para cobrar dinheiro de alguém, Chino fazia exatamente o mesmo. Também amedrontava todos só de estar ali. Tinha um pitbull ao seu lado e dentes de ouro na boca. O cabelo preso ficava dentro de um boné em cujas bordas guardava papelotes de crack. Sua pistola nove milímetros Smith and Wesson ficava escondida em uma lixeira próxima. Liderava uma gangue chamada Souls of Mischief [Almas do Crime], que lhe obedecia cegamente. Tinha catorze anos.

“Você tem?”, perguntavam seus clientes.

“Sim, tenho”, respondia.

Ficava no cruzamento da 38 Leste com a Church Avenue em East Flatbush, um trecho empobrecido do Brooklyn. As logomarcas famosas vistas em Manhattan desaparecem por esses lados, dando lugar a placas com nomes de lojas de bairro e incontáveis lojas de 99 centavos, além de igrejas evangélicas que prometem o caminho para a salvação. As casas certamente pareciam novas quando foram feitas, nos anos 1950, mas agora davam a impressão de estar sendo aos poucos tragadas de volta para a terra.

O crack de Chino vinha em lâminas brancas que pareciam lascas de sabão. Ele escondia o produto dentro da boca, mas isso amortecia as bochechas e a língua. Daí, ele passou a segurar na mão, mas a substância se dissolvia e ninguém mais queria comprar. Aprendeu, assim, que precisava ser criativo. Às vezes, grudava as lâminas em algum carro estacionado por

ali, usando um ímã. Depois comprou um colar para o pitbull Rocky e, nele, escondia o crack — “o Rocky era traficante também”, brincou. Mas o esconderijo definitivo foi a borda do boné.

Houve um tempo em que havia apenas um Arnold Rothstein na cidade de Nova York. Nas sete décadas seguintes, surgiu um Arnold Rothstein em cada esquina dos bairros pobres dos Estados Unidos. A fragmentação que começou quando Rothstein foi baleado chegou até esse canto do Brooklyn.

Chino traficava em sua esquina fizesse sol, chuva ou neve. Era a única forma que via de ganhar dinheiro no bairro — e de se manter seguro também. Ele sabe que isso pode soar estranho, transformar-se em um bandido por segurança. Ao observar seu bairro, quando menino, concluiu que no East Flatbush você precisava ser o predador para não virar a presa.

Você podia ver a Souls of Mischief na esquina — Chino e mais quatro meninos. Chino era o líder inquestionável, e seus subordinados lhe obedeciam com uma fidelidade canina. Admiravam sua raiva e agressividade, como se ele não fosse um ser humano, e sim uma tempestade elétrica.

Já naquela época, ele se vestia e se identificava como um garoto. Todos o chamavam de Jason. Sabiam que ele era uma mulher no sentido “biológico”, mas o tratavam como homem, e ele tomava o cuidado de ser ainda mais agressivo para reforçar essa posição. Nunca mandava o grupo fazer algo que ele mesmo não faria, pois também sujava as mãos junto com os companheiros. Se a gangue tivesse que atacar, ele estaria na linha de frente. Às vezes isso era necessário.

A gangue era parte de uma rede maior chamada Os Mais Procurados do Brooklyn, que controlava um trecho do Flatbush. Ele tinha como seu fornecedor Peter, um cara de vinte e poucos anos que morava na quadra de Chino e que mandava nele. Aos treze anos, Chino foi abordado por Peter, que perguntou se ele queria ganhar muito dinheiro. Explicou: você pega os papalotes, trabalha na esquina e faz render quinhentos dólares por semana. Depois disso, todos ficaram sabendo que ele estava sob a proteção de Peter.

Se alguma coisa acontecesse com ele, haveria retaliação de Peter, que estava entre os três maiores traficantes naquela região. Para Chino isso significou poder, respeito e um nome, além da liberdade de não sentir mais medo.

E dinheiro. Ele gastava dinheiro indo ao cinema, cuidando dos amigos, comprando roupas que usava apenas uma vez. E também ia muito a Coney Island, andava na montanha-russa ou jogava Mortal Kombat no fliperama.

Para manter esse estilo de vida, precisava ser muito temido. Como aprendemos com Rothstein, não se pode ir até a polícia se algum problema surgir. Você precisa se defender com armas e testosterona. Se vacilar alguma vez e mostrar alguma compaixão, “todo mundo vai roubar você... Vão roubar seu ponto, tomar sua área, fazer o que quiserem. Você precisa ser muito louco para sobreviver nesse paradigma louco... Precisa ser violento para não sofrer violência... Você cria exemplos a partir das pessoas. Algumas merecem o que recebem, elas pediram por isso; outras não”.

A gangue atirava em árvores, no ar, matava animais. Algumas vezes Chino disparava na direção de pessoas — quadrilhas rivais que precisava assustar. Ele garante que suas balas nunca atingiram ninguém. Há coisas que não pode contar.

Algumas vezes, a arma engasgava e todo mundo ficava com medo de destravar, exceto Chino. “Eu colocava aquela porra no eixo de novo, tirava a bala e colocava de novo no pente e o pente de volta na arma”, explicou. Havia duas gangues rivais que se chamavam Autobots e Decepticons, em referência aos brinquedos dos Transformers que eram (e ainda são) populares e com os quais ainda brincavam. Essas crianças-soldado viviam em uma paisagem mental construída com fragmentos de desenhos animados, hip-hop e uma decisão política que lhes dava um lugar fundamental na distribuição de uma das maiores indústrias do mundo.

Um dia, alguns criminosos mais velhos tentaram tomar a área de Chino, que recorda o momento: “Vieram uns vagabundos mais velhos... nós demos boas-vindas, fumamos com eles, rimos. Basicamente, eles estavam tentando nos afilhar [isto é, tratá-los como crianças — como seus filhos], dizendo

como deveríamos fazer, como se não tivéssemos nosso esquema. Houve um desentendimento e, de repente, nós estávamos batendo neles... Pulamos sobre os caras e acabamos com eles. Batemos com garrafas e lixeiras, botamos eles para correr dizendo para nunca mais voltarem”. Sobre a necessidade de defender sua gangue contra agressores mais velhos, ele diz: “É quase como no reino animal, não tem diferença na nossa cabeça. Eles acharam que eram leões maiores e mais velhos... mas nós não somos necessariamente leões, somos como um bando de hienas. Se você quer jogar seguindo as regras do reino animal, tem que escolher o bicho certo”.

A violência era vista como uma banalidade no bairro. Um morador disse a um repórter, em 1993: “Se você não escuta um tiro, estranha o silêncio”.

Mas não eram apenas as gangues rivais que Chino tinha que disciplinar pela violência: os seus próprios soldados também davam trabalho. Seu braço direito se chamava Smokie, um garoto jamaicano da sua rua. Um dia, Smokie começou uma briga com os Crips — uma das maiores gangues dos Estados Unidos — do lado de fora da casa de Chino, porque queria mostrar que aquela era a área deles e que deviam ser respeitados.

“Quem é o merda falando desse jeito na minha rua?”, ele exigiu saber.

“Ei... cresce aí”, eles cuspiram de volta, em uma provocação.

De repente, Chino percebeu que Smokie tinha iniciado uma briga que não poderia vencer. Estavam em maior número acabando com ele. Chino teve que intervir e percebeu que era uma situação em que não poderia “ser diplomático, pois seria um sinal de covardia”.

Ele mandou Smokie pegar a faca e cortá-los para provar que ninguém podia mexer com a gangue. Mas eles riram da faca e roubaram o cordão de ouro do Smokie, que se acovardou e correu.

Chino sabia que essa era uma situação potencialmente fatal para seu grupo e sua reputação. Se eles conseguiram humilhar seu número dois, o passo seguinte seria rebaixá-lo para tomar seu lugar. Ele acabaria sem nada. Carolyn Rothstein disse isso sobre Arnold: “Ele nunca deixou de punir alguém que o tivesse ofendido”. Ele precisava fazer o mesmo. O pitbull

estava rosnando contra eles, mas o cachorro não podia ajudar muito. A gangue rival sentia o cheiro do medo.

Chino puxou a faca. Precisava mostrar para eles que a usaria se precisasse.

Levou um soco do nada e tudo ficou enevoado. Mas ele tinha mostrado a eles que sua gangue não correria diante de uma ameaça. Lutaria de todas as formas.

Agora, Chino tinha que dar uma lição em Smokie. Ele havia colocado o grupo em risco e depois fugiu. Quando voltou para perto de Chino, alegou que tinha corrido para buscar uma arma para defender o grupo. Como líder, Chino não podia aceitar nenhum sinal de covardia. A gangue o levou para o 235 Park, um gramado um tanto deserto da região, e molhou sua camiseta com água.

Então, Chino tirou o cinto e bateu 31 vezes em Smokie.

Era apenas a primeira fase da punição por ter sido um covarde. Depois, tinha que esfaquear alguém da gangue rival. Smokie partiu cambaleante para a missão, mas deu tudo errado. Não pegou um rival. Aterrorizado e meio louco, acabou indo atrás de qualquer um e esfaqueou um velho numa loja. Não era isso o que Chino queria. Logo, Smokie foi preso de novo. Chino ficou furioso: ele queria mostrar que a gangue era forte e que ninguém deveria desrespeitá-la. Ao atacar um velho inocente, Smokie fez com que o grupo, na verdade, parecesse “mais fraco”.

Esse era o delicado equilíbrio do terror que precisava ser negociado todos os dias. Para Chino, a guerra às drogas nunca foi uma metáfora. Era um campo de batalha onde acordava e no qual ia dormir. Ele explicou: “Posso aceitar que você me decepcione, mas não posso tolerar que você faça alguém acreditar que sou fraco. Com isso literalmente não posso viver... (porque) vão vir me pegar”.

Ao sair dos meus encontros com Chino, eu me debruçava em estudos e artigos acadêmicos sobre o mercado das drogas, para ver como isso se encaixava no que ele estava me contando.

Comecei pouco a pouco a notar certos padrões. Quando ouvimos falar sobre “drogas e violência”, pensamos que alguém chapado vai matar uma pessoa, que a violência é um produto das drogas. Mas essa é só uma parte da verdade. A grande maioria da violência segue a cartilha da praticada por Chino: para definir e proteger um território e fazer um nome de modo a não ser ameaçado.

O professor Paul Goldstein, da Universidade de Illinois, realizou um estudo detalhado no qual ele e sua equipe analisaram todos os crimes “relacionados às drogas” em Nova York no ano de 1986. Descobriram que 7,5% deles aconteceram depois que uma pessoa teve uma mudança de comportamento após ter tomado drogas. Cerca de 2% foram resultado de assaltos que deram errado por parte de dependentes, que roubavam para sustentar seu vício. Mais de três quartos, a vasta maioria, foram ataques de gangues, como o que aconteceu com o bando de Chino. Essas mortes não foram provocadas pelas drogas, da mesma forma que o álcool não teve culpa pelos assassinatos perpetrados por Al Capone. Goldstein mostrou que a proibição das drogas foi o que causou esses assassinatos.

Assim como a guerra ao álcool ocasionou o surgimento de gangues que tentavam controlar o tráfico da substância, a proibição das drogas criou grupos armados que lutam pelo controle do comércio ilegal. O Centro Nacional de Gangues Juvenis apontou que bandos como o Souls of Mischief são responsáveis por entre 23% e 45% de toda a venda de drogas nos Estados Unidos.

Discuti isso com Chino uma vez, e ele concordou. Disse que a gangue não existia apenas para vender drogas, mas que elas dão “muito mais poder. Você tem acesso ao dinheiro e recursos para comprar armas, ostentar e manter a fama de valentão com roupas de marca e joias”. A gangue e a violência praticada por ela se tornam muito mais atraentes pelo fato de controlarem o monopólio de uma das poucas coisas que dão dinheiro na periferia.

Mas, quando tinha dezesseis anos, Chino começou a quebrar uma das regras mais fundamentais do tráfico, imortalizada por Biggie Smalls: “*Don’t get high on your own supply*” [Não use a droga que você vende]. Para entender o que aconteceu, precisamos voltar ao começo da história.

* * *

Chino me contou que sempre estranhou uma coisa sobre sua mãe. Se ela era abertamente lésbica, como acabou grávida — ainda mais de um policial, o tipo de homem que deveria detestar?

Ele descobriu a resposta quando tinha treze anos. Ao se mostrar confuso para sua tia Rose, ela lhe contou tudo friamente. Em 1980, a mãe de Chino, Deborah, foi estuprada por Victor, seu pai. Deborah era uma negra dependente de crack. Victor era um policial branco que estava lá para prendê-la. Chino é fruto da guerra às drogas no sentido mais literal. Foi concebido no campo de batalha do conflito.

Chino conhecia vagamente a vida da mãe. Ele a construiu a partir de fragmentos da própria memória e com o que ouviu de parentes. Deborah fora abandonada pela mãe biológica no hospital logo após seu nascimento — talvez porque a própria mãe era dependente química e estava prestes a ser presa. A bebê foi adotada por uma parente distante, Lucille Hardin, uma senhora negra mais velha e conservadora que veio da Carolina do Sul para Nova York e que se sustentava costurando sutiãs. Ela não falava muito sobre sua infância no Sul segregacionista, exceto para lembrar com orgulho que nunca tinha dito “sim, sinhô” para nenhum branco e que trabalhara nas linhas de montagem para salvar o país durante a Segunda Guerra Mundial.

Lucille Hardin criou Deborah como sua única filha, mimando-a como se fosse uma bonequinha. Mas contavam na família que, em algum momento da adolescência, Deborah foi sequestrada por homens e sofreu um estupro coletivo. Desde então, nunca mais foi a mesma. Ninguém parece saber detalhes do que aconteceu, ou de quando ela começou a tratar a própria dor com heroína. A sra. Hardin pagou clínicas de reabilitação para Deborah

algumas vezes, mas isso não resolveu o problema. Ela mergulhou fundo no vício e pegou a primeira onda do crack no começo dos anos 1980.

Deborah roubava o que podia de casa para conseguir drogas com os traficantes locais. A mãe adotiva teve que chamar a polícia várias vezes. Foi em uma dessas ocasiões, quando Deborah tinha 22 anos e estava na casa da mãe, que Victor apareceu.

Chino fala da noite de sua própria concepção com uma raiva contida. Policiais estupravam impunemente “porque ninguém vai acreditar em uma drogada, né? Quem vai ouvir alguém que faria tudo por uma substância, inclusive mentir? Quem vai acreditar em alguém que esteve na cadeia tantas vezes?”.

Eles entraram no quarto em que Deborah dormiu toda a vida e que viria a ser o da infância de Chino. Ninguém sabe o que aconteceu. Rose contou a Chino que foi estupro porque foi o que Deborah lhe disse. Mas Chino acha que pode ter sido diferente: “Talvez, não sei. Acredito mesmo que minha mãe foi estuprada. Mas também penso que ela pode ter se prostituído. Ou trocou a própria liberdade por sexo”. E isso era comum? “É comum ainda hoje”, ele me disse em 2012.

Deborah deu à luz em um bar. Chino nasceu com uma anomalia grave no sangue em um hospital a algumas quadras de onde Arnold Rothstein morreu. Pesava pouco e tinha uma fina camada de pele sobre os olhos. Os médicos disseram que ele tinha nascido assim porque a mãe usou drogas durante a gravidez, e achavam que ficaria cego e teria alguma deficiência mental. Assim como a mãe a tinha deixado, Deborah abandonou Chino, e ele foi acolhido pela mesma Lucille Hardin, agora sexagenária. Ela foi uma avó severa: tinha crescido em uma época em que as crianças tinham que catar no mato a vara com a qual seriam surradas. Ao mesmo tempo, era idosa e suas forças para controlar e compreender aquela menina estavam se esvaindo.

Chino chamava a sra. Hardin de mãe. De vez em quando, ele era levado a um lugar estranho para ver Deborah. Ela era uma mulher pequena e

nervosa que vestia roupas de homem e tinha um sorriso como o de Chino. “Era minha mãe biológica e ficava por aí.” Uma parte de Deborah nunca esqueceu o filho e tinha saudade dele.

Um dia, ela apareceu em Flatbush e levou o pequeno Chino pela mão para passarem um tempo juntos, em que ele seria dela, pelo menos uma vez. Ela o escondeu por dias e não contou a ninguém onde estavam. Tinham ido para um motel, onde a polícia apareceu procurando pela “filha de Victor”.

Durante todos esses anos, ele havia vigiado a filha à distância, e, quando soube que Chino tinha desaparecido, todos os seus colegas se mobilizaram para encontrá-la.

Anos depois, Deborah o levou de novo. Chino recorda estar brincando em uma casinha de bonecas com uma menina comendo salgadinho quando, de repente, uma mulher a quem Deborah devia dinheiro levou-o para um outro quarto. Chino viu uma faca com soco-inglês. Só se deu conta de que estavam em uma boca de crack anos depois. Do nada, aquela mulher tentou inserir a faca na vagina dela. Chino conseguiu bater nela com uns brinquedos e gritou o mais alto que conseguiu. Deborah chegou, viu o que estava acontecendo e arrastou a agressora, com a ajuda de uma amiga, para o telhado da casa. Elas começaram a espancá-la com tudo. “Não sei se morreu ou não”, Chino recorda. “O que eu lembro é de ver muito sangue e de a mulher ter parado de se mexer.”

Aos oito anos, ela se sentia feliz. Até aquele momento, essa tinha sido a maior demonstração de amor que tinha recebido da mãe.

Deborah aparecia de vez em quando na vida de Chino, com inconstância, em rompantes. Por que ela ia e voltava? “Acredito que as circunstâncias não permitiam que seu amor por mim crescesse”, Chino especula.

Sempre preferiu brinquedos de menino, especialmente Comandos em Ação. Ele só gostava do forninho de brinquedo que lhe tinham dado porque podia derreter a cabeça dos bonecos nele. “Minha avó tinha que me bater para que eu colocasse um vestido”, recorda. Aos oito anos, penteou o cabelo para cima, colocou um par de meias nas roupas de baixo e exigiu ser

chamado de Jason. A avó perguntou por que, e ele disse que “ser uma menina é uma droga e minha vida é uma droga por isso”.

Deborah foi a primeira pessoa a bater na cara de Chino. Quando tinha doze anos, encontrou a mãe dormindo em um arbusto no jardim de casa, então ficou envergonhado e com raiva — qualquer um podia vê-la ali, mendiga, homossexual, imunda —, então ligou a mangueira nela. Achou que haveria tempo suficiente para voltar para casa antes de Deborah levantar, mas calculou mal, então Deborah o esmurrou “como Mike Tyson”.

Ele aprendeu a bater primeiro quando a mãe aparecia: jogou um pote pela janela que abriu a cabeça de Deborah. Também atirou uma tesoura pela janela que abriu um dedo da mãe, e, por isso, no dia seguinte, ela o pegou na saída da escola e bateu nele de novo. Mesmo assim, às vezes, Chino ia procurá-la, fosse no parque, nos bancos ou na esquina onde poderia estar atrás de trabalho. Pois ele queria vê-la. Em geral, não conseguia encontrá-la.

Por volta dessa época, uma nova doença infecciosa do sangue estava se espalhando pelos Estados Unidos. As pessoas se internavam nos hospitais e definhavam. Os sintomas eram estranhos e parecia um câncer agressivo e fatal.

Os cientistas logo perceberam que as pessoas mais vulneráveis eram os homens gays e usuários de drogas que compartilhavam a mesma agulha. Recomendaram a distribuição de seringas descartáveis como medida de emergência. A cidade escocesa de Glasgow — que passava por uma epidemia de drogas injetáveis — foi a primeira do mundo a tomar essa atitude e o resultado foi que menos de 2% dos dependentes se tornaram HIV positivos. Em Nova York, as autoridades se recusaram a fazer o mesmo.

De modo que, em 1992, 50% dos usuários de drogas injetáveis da cidade tinham o vírus — incluindo Deborah. Quando as autoridades finalmente cederam, os novos contágios caíram 75%. Mas era tarde demais. As pessoas que tentaram dar aos dependentes seringas descartáveis eram ameaçadas com prisão.

Como adulto, Chino teria cerca de dez memórias de Deborah. A metade era violenta e desesperadora, a outra parte era boa. Uma vez, ela roubou as melhores roupas de Chino para vender. Em outra ocasião, foram andar de skate. Foram também a Coney Island e andaram na montanha-russa, onde Deborah segurou sua cabeça o tempo todo. Também assistiram a um filme chamado *Tina*, a cinebiografia da cantora Tina Turner. Em outra ocasião, conversaram sobre qual era a relação de parentesco deles, e quem era a mãe biológica de Deborah. Em dado momento, ela contou que tinha HIV, mas Chino não entendeu muito bem o que isso queria dizer.

Uma vez, quando tinha doze anos, Chino foi ver Deborah em uma ala psiquiátrica. Levou *knish*, um bolinho de origem judaica que era sua comida preferida. Deborah perguntou sem parar com quem Chino estava fazendo sexo. Ele explicou que não estava fazendo sexo com ninguém, mas a mãe insistia nisso. Tempos depois, Chino se deu conta de que ela estava tentando dar a ele qualquer tipo de orientação que podia nos poucos assuntos que dominava, sabendo que o tempo era escasso.

Da última vez que Deborah apareceu em casa após períodos alternados entre a prisão e a rua, anunciou ter descoberto Jesus e usava um vestido. Chino nunca a vira assim antes. Ela tinha um namorado, um cafajeste que Chino odiava — mas estava aliviado de ver a mãe limpa pela primeira vez.

Não durou muito. Um dia Chino chegou e a mãe revirava tudo. Acreditava que alguma coisa estava escondida no radiador. Ela e Chino iriam juntos ao cinema, mas ela estava claramente louca por causa do crack e logo saiu correndo de casa, gritando, e desapareceu na rua. Chino correu atrás dela, mas depois pensou: “Não vou, foda-se. Estou cansado de correr atrás dela. Se ela se for, já era”.

Mais tarde, naquela noite, ligaram do hospital. Chino e a sra. Hardin foram vê-la. Toda entubada na cama, parecia irreconhecível. O corpinho de Deborah tinha inchado como se já estivesse preenchido com o fluido embalsamador. O rosto e as mãos estavam distendidos e disformes. As enfermeiras disseram que Deborah tentara roubar uma mulher no ônibus e,

quando os policiais chegaram para prendê-la, bateram nela. Mas seu fígado já estava destruído e havia água no cérebro. Ela tinha 33 anos e não acordaria mais. No funeral, o namorado de Deborah provocou Chino: “Você vai chorar por ela agora?”.

Não muito tempo depois, Chino encontrou sua esquina e começou a vender crack. Aos dezesseis anos, fumaria pela primeira vez. “Eu queria saber qual era o barato pelo qual minha mãe tinha me trocado”, disse.

Na primeira vez em que Chino foi preso, tinha treze anos. Foi levado a um centro de detenção para jovens no Bronx por praticar ações violentas contra outros adolescentes, porque “o tráfico me coloca em uma situação onde minha emoção permanente é a raiva”.

A pintura descascava das paredes e havia um odor bolorento no ar, que não circulava direito, dificultando a respiração. Ninguém perguntou como se sentia, ou tentou saber por que tinha ido parar ali. O comportamento dos funcionários não era frio nem agressivo, era indiferença pura e simples. A equipe olhava os menores como peças em uma linha de produção e seu trabalho era inspecioná-los rapidamente. Como Chino define, em vez de tênis ou garrafas, havia pessoas naquela linha de montagem. Tem alguma doença? É sexualmente ativo? Próximo.

Nessa prisão para crianças, a única opção era ver TV ou jogar cartas. “Dizer que eu me sentia sozinho é pouco, eu me sentia um animal... Quando você é preso não é a carteira ou as joias que você deixa na entrada, mas sua humanidade.”

Ele estava aprendendo que a vida era uma série de traumas e tiroteios, entremeada por períodos de tédio.

Na prisão, “se você for humano, pode acabar se machucando... Coisas simples como alguém chegar na sua porta e pedir emprestada uma pasta de dentes ou uma xícara de açúcar, e você não se importar em dar todo o açúcar... Isso não existe na prisão... Não dá. Pois abre as portas para muitos abusos... As pessoas acham que você é fraco e podem tirar tudo. É uma

extorsão amigável... ‘Eu sei que você quer me dar isso, certo? Sei que quer me dar esse maço de cigarros.’ É uma ameaça velada — se não me der isso, eu vou quebrar sua cara... Eu estava com medo do desconhecido, do que viria com o próximo dia — eu era uma criança, porque era isso que eu era”, ele relembra.

Tinha dezesseis anos e estava em uma cela quando decidiu que essa história deveria terminar. Ele não aguentava mais o lento processo de se transformar na sua mãe.

O melhor era acabar com tudo de uma vez.

Tirou os cadarços e fez um laço com eles. Deu um nó duplo, de modo que pudesse cair suavemente, mas sem escapar.

Ele amarrou os cadarços no alto da barra.

Pulou.

Mas o laço estava um tanto folgado e foi o que o salvou. Achou que nem isso conseguia fazer direito. Tentou se matar outras duas vezes quando tomou um número excessivo de pílulas para dormir, mas fizeram lavagem estomacal e o colocaram na rua de novo.

* * *

Rikers Island é uma enorme fortaleza de concreto no East River, localizada entre o Queens e o Bronx. Mais de 14 mil pessoas estão presas dentro das suas celas de pedra, que se tornaram uma segunda casa para Chino e sua gangue, assim como para toda uma geração de adolescentes do bairro. Mas algo estranho estava acontecendo: as acusações de tráfico contra ele estavam desaparecendo. Ele era preso e denunciado, mas os documentos evaporavam. “Se você olhar minha ficha criminal, verá que fui liberado pela Justiça diversas vezes, sem sequer ver o juiz. E tem acusações contra mim que você não vai acreditar por que me deixaram sair”, disse Chino.

Ele estava com muita sorte. Se você é um traficante no Distrito de Columbia — um lugar com uma demografia e uso de drogas parecidos com os do leste do Brooklyn —, há 22% de risco de ser preso para cada ano de

atividade. Mas Chino traficava havia mais de uma década e nunca tinha sido preso por tráfico, sempre por outro crime. Parte do seu grupo começou a suspeitar de que era um informante, mas, se ele fosse, cedo ou tarde, as provas teriam aparecido durante o julgamento, só que isso nunca aconteceu. Chino estava admirado — por que os outros eram presos e ele não?

Gradualmente, Chino achou que tinha de entender sua situação. Victor havia procurado por ele quando era criança, tinha mandado seus colegas encontrá-lo quando foi sequestrado pela mãe. Agora que ele era adolescente, Chino estava convencido de que o pai continuava cuidando dele à distância, influenciando seus colegas para “perderem” as acusações de tráfico dentro de alguma gaveta.

Seria apenas prova de corrupção policial ou, como Chino queria acreditar, seu pai estuprador, apesar de tudo, o amava a ponto de operar na burocracia falha do sistema criminal para ajudá-lo?

Ele esteve com Victor uma única vez. Quando Chino era adolescente, um dos seus primos disse que o pai queria vê-lo e escolheu um local do Brooklyn para encontrá-lo. Victor apareceu em uma cadeira de rodas. Tinha levado um tiro e ficara paraplégico. Seu primeiro pensamento foi: “Uau, ele prende o cabelo em um rabo de cavalo, como eu”. Então, notou que tinha luvas de couro exatamente iguais às da sua mãe. Mas não queria ouvir o que Victor tinha a dizer.

“O que você quer?”, perguntou.

“Queria conhecer você.”

“Você deveria ter pensado nisso antes de ter estuprado minha mãe e me abandonado”, foi a resposta.

A conversa divagava. Victor dizia que Deborah era estourada como Chino. Que seus dois filhos tinham morrido em um desastre aéreo. Parecia meio louco. “A forma como me abordou era quase como se tivéssemos uma relação”, como se o conhecesse e conversassem sempre, explicou Chino. Ele não quis saber e foi embora.

Alguns anos depois, disseram a Chino que Victor havia morrido. Ele não foi ao funeral.

Aos quinze, Chino estava descobrindo crimes mais pesados. Agora que tinha formado uma gangue para vender crack, descobriu que todos trabalhavam bem juntos e poderiam ir além: a proibição funcionava para ele como uma saída para assaltar e roubar. Na prisão, eles constantemente aprendiam sobre novos crimes e novas técnicas, voltando para as ruas com conhecimentos cada vez mais aprimorados. Roubavam barcos no porto. Levavam carros. Espancavam pessoas.

O melhor amigo de Chino naquela época, Jason Santiago, me contou que ser um gângster era uma “armadura emocional” para Chino. Com uma arma e os versos de Tupac na cabeça, “você é intocável, não pode ser ferido”. Existe uma duplicidade no mundo das gangues. Precisa se mostrar forte para as pessoas não serem sacanas com você. Mas também é necessário se convencer da própria força para sobreviver.

Chino fazia tudo o que rapazes faziam — o que incluía ter namoradas. “Tinha que garantir que me vissem o tempo todo como um igual, como um cara, e não como uma mina. Fazia isso também para minha segurança”, ele recorda. “Quanto mais me viam como um deles, menor a probabilidade de sofrer abuso ou ter que matar alguém.” Se não tivesse criado uma reputação, “provavelmente teria sido estuprado. Morto. Ou preso”.

Ele enfrentava todos que o criticavam por ser lésbica — era visto assim na época. Todos tinham medo de ir além do falatório na rua.

À medida que Chino me mostrava seu mundo, fiquei pensando sobre as partes da cultura do gueto que parecem bizarras a quem vê de fora — a obsessão por território, a exigência constante por “respeito”. Comecei a deixar de achá-las tão irracionais. Não existe forma de recorrer à lei para proteger sua propriedade mais preciosa — o estoque de drogas —, então é necessário tomar medidas para que respeitem e fiquem longe do que é seu. E o respeito, comecei a entender, é a única forma pela qual essa economia pode funcionar. Se uma parte importante da economia local seguir essas

regras, elas passam a dominar o bairro, incluindo as pessoas que conseguem se manter fora do comércio de drogas.

Um dos amigos de Chino, um cara com apelido de File, tinha ligações com uma gangue de Newport, na Virgínia, que precisava de novos fornecedores. Eles foram até lá de carro para negociar, e foi longe de casa que Chino decidiu experimentar crack.

“O efeito foi exatamente o que eu sentia quando carregava armas e ficava louco, o coração dispara, você fica muito ligado”, recordou. “Dura cinco minutos. Aí precisa de mais e, quando percebe, quatro dias se passaram e você está péssimo, coisas que um dia foram bem mais importantes na vida — como tomar banho, escovar os dentes e, sei lá, comer, se tornam cada vez menos importantes que o crack. Ele tinha se tornado a minha missão”, definiu.

Daquela primeira vez, deixou rolar e ficou louco por uma semana. Ele sabe que deve ter cochilado algumas vezes, mas não chegou a ir para a cama, não teve sono REM, nem descanso — só crack, muito crack, e strippers e prostitutas entrando no quarto do hotel e uma festa rolando e Chino fazendo o que os caras fazem, trepando e se drogando.

Arnold Rothstein era um psicopata. Ele considerava fácil desempenhar o papel aterrorizante que a proibição das drogas lhe tinha dado. Chino me disse uma vez: “Tenho certeza de que as pessoas lerão isso e pensarão: ‘este cara tem uma personalidade borderliner e tendências sociopatas’”. Mas enquanto tentava desempenhar o papel que lhe fora designado nessa guerra, Chino descobriu algo constrangedor e indesejado, que o prejudicava no tráfico. Ele tinha empatia. Um dia, a mãe de um dos integrantes da sua gangue chegou para comprar crack. Chino lembra: “Ver a expressão no rosto do garoto quando sua mãe veio comprar... não era vergonha. Era dor. Às vezes você consegue ver a dor no rosto dos outros”. Mais tarde diria: “É difícil não sentir compaixão por alguém... Nós nascemos com compaixão... O que me quebra é que sinto não apenas o que acontece comigo, mas o que acontece com os outros”.

Eles venderam o crack para ela. Mas é duro ser um traficante com uma consciência.

Quanto mais a dor pelo que fazia chegava à sua consciência, mais ele a reprimia com violência ou drogas. Chino não era um psicopata, mas o sistema que criou a proibição exigia que ele interpretasse esse papel para participar do jogo. Então, ele se drogava até ficar psicótico.

A prisão não foi tempo desperdiçado para Chino. Um detento o ensinou a roubar carros em Spofford e, quando foi pego e preso de novo, ele aprendeu a ser um dos Bloods e subiu na hierarquia do crime.

Primeiro, os outros presos acharam que Chino era hispânico. Dependendo da iluminação, ele parecia negro, noutra índio. Mas as gangues latinas tentaram recrutá-lo porque ele se parecia com eles. No entanto, não falava espanhol nem tinha identificação com aquela cultura.

Foi então que uma garota chamada L.A. abordou Chino e disse a ele que poderia entrar para os Bloods — se estivesse preparado para trabalhar duro. Chino descobriu que os Bloods eram uma gangue saída da Costa Oeste a partir da fragmentação dos Panteras Negras e dos seus objetivos revolucionários. Os Bloods eram os “bastardos do partido”, um apelido tão marcante que foi feito até um documentário com esse título. Para fazer parte dos Bloods, teve que aprender a história do grupo e todos os seus códigos de ética, escritos como se fossem mandamentos. Não roubarás do teu fornecedor. Não entregarás ninguém (à polícia) se for pego. Não farás merda quando estiveres com uma identificação — vestido com as cores do grupo. Se essas regras fossem quebradas, as punições eram muito claras, de açoitação à morte.

Assim que aprendeu os códigos, nove bloodettes se acotovelaram dentro de sua cela para vê-lo prestar juramento. Começou com as palavras: “Blood é 410% gângster”. Agora que era um dos Bloods, tinha uma camada extra de proteção. Daquele dia em diante, quando estava na cadeia e separado do seu grupo, tinha toda uma facção velando por sua segurança.

Foi em uma daquelas celas que Chino se apaixonou. Ao ver uma garota chamada Nicole, sentiu um desejo louco, mas só conseguiu expressá-lo através de agressões e repulsa — aprendeu com sua mãe que o amor era assim. Ele foi até a cela de Nicole e disse que o chefe da gangue dela era um viado que tomava no cu e que ia matá-la. Fez sons simulando tiros com a boca. Então, um dia, chegou a notícia de que a namorada de Chino, que estava livre, havia sido estuprada. Não havia nada que pudesse fazer de dentro da cadeia e ficou perturbado. Nicole foi vê-lo e disse que estava muito triste de saber o que tinha acontecido. Chino não podia acreditar, depois de tudo o que tinha feito para ela, que pudesse ser tão boa. “Aquilo me transformou”, disse. “Aquele ato de compaixão humana... fui até a cela dela e começamos a conversar. E toda a minha loucura passou.”

Nicole foi solta e eles perderam contato, mas algo daquela experiência ficou com Chino.

Porém, nem os Bloods nem a descoberta do amor poderiam protegê-lo das pessoas que, por sua posição, pareciam ser o grupo mais forte de todos — os agentes penitenciários. Todas as vezes que um deles via Chino, começava a provocá-lo — você quer ser um homem, mas nunca será. É só um sapatão. Chino xingava de volta: “Por que tem tanto medo assim de mim? Não se garante?”

O agente ficou especialmente enfezado quando Chino começou a ficar com uma das mulheres mais bonitas da prisão, uma stripper que chamarei de Dee. (Esta é uma das três ocasiões em que o nome da pessoa foi mudado para proteger sua identidade; as outras duas serão indicadas mais à frente.) Ele tinha aprendido a amar com Nicole, e agora parecia ser mais fácil. Ele conseguia namorar. E isso enfureceu o agente, que um dia agarrou Dee, levou-a até o almoxarifado e a estuprou. Não havia nada que Chino ou Dee pudessem fazer.

Primeiro fiquei cético ao ouvir o relato, mas depois fui investigar. Alguns anos após o incidente que Chino descreveu, uma investigação do governo federal dentro da ala masculina do complexo descobriu que existe “uma

cultura de violência arraigada” contra os adolescentes, com um número “alarmante” de feridos. O pavilhão onde Chino estava preso não foi investigado, mas os mesmos problemas podem existir “em proporção igual” lá.

Um dia não conseguiu mais conter sua raiva. Abordou o agente estuprador e disse que ele era um “puta covarde” que se aproveitava dos fracos e que se ele tivesse coragem de levá-lo para o almoxarifado, ele é quem acabaria sendo comido. Mais tarde, em retaliação, Chino foi para a solitária. “Há muitas coisas que você pode fazer com uma pessoa — pode machucá-la física ou espiritualmente, mas a mais cruel e incomum é isolá-la e privá-la do convívio humano”, ele diz. “Especialmente quando se tem tantos demônios dentro de você, é demais.” Ele se imaginava em um mundo de fantasia onde era rico e livre.

Jogado de volta nas ruas, mais raivoso do que nunca, Chino começou a afundar cada vez mais no crack. Seu amigo Jason disse que, quando estava usando, Chino “não estava ali. Como que quando as luzes estão acesas, mas não há ninguém em casa... Não era uma coisa louca, de correr pela rua pelado... Ele parecia um robô, quase como se a alma estivesse apagada, não havia emoção nenhuma”. O que Chino obtinha, Jason continuou, era um “amortecimento emocional”, um estado em que “não acessava as emoções... Naquela época, estava passando por muito sofrimento emocional, sendo expulso de casa e lidando com a rejeição familiar”.

Os anos seguintes foram apagados pelo crack. Ele sabia que realizou ações violentas com sua gangue, traficou, ficou preso e assistiu à muita TV. Também começou a usar heroína. Ela fazia com que as coisas desacelerassem um pouco quando era necessário. Sentiu um raio de esperança ao ver o filme *Assassinos por natureza*, de Oliver Stone. “Acho que foi o primeiro filme que vi no qual os vilões se dão bem”, ele contou. “Os vilões sempre acabam mortos no final, a não ser que você seja tipo o Freddy Krueger ou o Jason do *Sexta-feira 13*. Porém se você é um assassino comum,

sempre termina mal, mas neste, os caras do mal têm filhos e vivem felizes para sempre.”

Um dia acordou e se deu conta de que estava tão magro que “parecia um modelo da Calvin Klein. Não aguentava mais aquilo”. Podia sentir que o destino de Deborah o aguardava. Entendeu que “minha mãe estava numa batalha constante com o trauma, sobre quem ela era, quem queria ser. Toda hora. Os demônios dela eram mais profundos que as drogas, que a prisão. Não sei quais eram. Eram os demônios dela. Tenho certeza de que muitos desses demônios passaram para mim, agora eu os carrego”.

Ele decidiu largar todas as drogas, exceto a maconha, de uma vez. Foi ficar com um amigo que o acalmava nas tremedeiras, limpava seu vômito e levava copos d’água. Não havia mais amortecimento, era inundado por sensações, em fluxos violentos, e começou a ler, a aprender e a pensar. Ele se fez a seguinte pergunta: teria sua vida sido definida por uma lei que não tinha que existir e que não precisava continuar?

Diante de uma multidão de mais de mil pessoas, Chino estava em uma esquina andando nervosamente e suando um pouco. Ao seu lado havia um deputado federal. Estava na Foley Square, Lower Manhattan, em um dia da primavera de 2012. Chino chamou e todos vieram andar atrás dele numa manifestação até a One Police Plaza, sede da polícia de Nova York. Ele marchou com determinação, sozinho, com os olhos focados no que via à distância. Quando chegamos, proferiu palavras de ordem com a garganta na qual tem tatuado um deus egípcio.

“Não reivindicamos nada absurdo”, ele diz. “Queremos justiça... Não justiça no Upper West Side, mas em Brownsville, Brooklyn também! Não na prefeitura, mas em Jamaica, Queens!... Hoje sabemos quem fuma mais maconha. E essas pessoas não se parecem comigo ou com vocês. Elas são como o [Michael] Bloomberg [então prefeito de Nova York]. Mas elas não estão sujeitas às consequências de serem deportadas, desapropriadas de suas casas, de perderem sua fonte de renda.”

A multidão começou a gritar com ele.

“Sem justiça!”, disse Chino.

“Sem paz!”, responderam. As vozes ecoavam pela sede da polícia toda vez que gritavam as palavras “paz” e “justiça”.

Ele chamou a manifestação de “Um Conto de Duas Cidades”.* Todos que estavam reunidos ali sabiam que o uso de drogas é distribuído por igual em toda a cidade — na verdade, os indícios são de que brancos são um pouco mais propensos a usar e vender drogas —, mas é nos bairros mais pobres que existem a repressão, a violência e a guerra, enquanto nas áreas nobres, com a população mais branca, há liberdade e clínicas de reabilitação para os poucos que caem no crack. As prioridades e os preconceitos de Anslinger continuam valendo.

“Nossas comunidades são o alvo”, ele disse para os manifestantes. “Nossas comunidades é que acabam sendo detidas e fichadas por eles” — e apontou para o prédio da polícia. “Assim, podem nos prender e garantir suas horinhas extras, porque em Nova York o que não dá dinheiro não tem sentido.” A manifestação terminou com todos — brancos, negros e pardos, em igual proporção — se sentando e bloqueando a entrada do prédio.

De lá, partimos para a aula que Chino dá todas as semanas para crianças que tentam não ingressar nas gangues do South Bronx. Entramos num táxi amarelo que acelerou por Manhattan, parando ao lado de uma placa que dizia “Sem Saída”. Atrás dela, em uma biblioteca, havia jovens que o aguardavam. Eles cresceram nas mesmas trincheiras da guerra às drogas que Chino.

“Não gosto de gente, eu mal saio de casa, fico sozinha”, disse uma menina de quinze anos. Ela viu um garoto levar um tiro no rosto, mencionou, quase casualmente. Sua linguagem corporal era recatada, como se quisesse ficar fechada. Chino sentou com ela e a escutou atentamente. Ao seu lado, um garoto da mesma idade reagia diferente: “Acho que poderia matar alguém se precisasse”, ele disse, com um sorriso arrogante e triste.

Até ter 21 anos, Chino via as leis antidrogas como uma força da natureza, tão incontrolláveis e irrevogáveis quanto o clima. Mas gradualmente, por etapas, ele descobriu algo que estava enterrado com Henry Smith Williams, mas sempre acaba retornando: não há “nada natural nisso”.

Da última vez que Chino saiu da prisão, ficou surpreso por ter conseguido sobreviver até os 21 anos. Muitos não conseguiram sobreviver até ali. Ele procurava um emprego que não envolvesse quebrar pedras ou virar hambúrgueres quando ficou sabendo de uma bolsa de estudos em uma comunidade local que fazia campanha para acabar com a construção de mais prisões no estado de Nova York. Pensou que era perfeito para sua namorada da época, ligou para pedir mais informações, começou a conversar e ofereceram a bolsa de estudos para ele na hora.

Lá, iniciou a leitura sobre as origens da proibição das drogas nos Estados Unidos e descobriu algo surpreendente. Que a história de seus pais poderia ter sido diferente, não era inevitável. E se conseguíssemos interromper esse ciclo, impedindo sua perpetuação para as próximas gerações?

Na quebrada de Chino, não havia traficantes de bebidas alcoólicas vendendo Jack Daniel's ou Budweiser com uma nove milímetros da marca Smith and Wesson na cintura. Mas foi isso o que aconteceu quando o álcool foi proibido nos anos 1920. O governo declarou uma guerra ao álcool que levou, de maneira inexorável, à formação de gangues e a uma cultura do terror e do crime. Passei semanas lendo sobre o assunto e só via a história se repetindo. Quando o governo interrompeu a guerra ao álcool, a guerra dos gângsteres pelo álcool também acabou. Toda a violência produzida pela proibição acabou. Por isso que hoje é inimaginável ver garotos vendendo Heineken e matando outros que vendem Corona Extra na esquina. E o dono da Budweiser não manda capangas para acabar com o dono da Coors.

Chino concluiu que não haveria “a mesma cultura de violência” se as drogas voltassem a ser vendidas de maneira legal. “Não seria uma cultura de extrema violência, que é contínua.”

Sempre haverá pessoas violentas, perturbadas e sádicas — mas os humanos respondem a incentivos. No bairro de Chino, as crianças são incentivadas a ingressar na criminalidade: se entrarem, terão acesso a um dos comércios mais lucrativos do mundo e, se não, ficarão o resto da vida na pobreza. Ele exemplifica: “Em situações extremas, o ser humano é capaz de qualquer coisa. Você nunca beberia sua urina em situações normais, mas experimente passar muitos dias com sede”.

Sua explicação me fez pensar nos estudos acadêmicos que estava lendo. O professor Jeffrey Miron, de Harvard, mostrou que as taxas de homicídios aumentaram demais nos períodos de proibição. No primeiro, de 1920 a 1933, quando o álcool foi criminalizado, e de 1970 a 1990, quando a proibição às drogas escalou drasticamente. Nos dois casos, pessoas como Chino reagiram aos incentivos sendo terríveis e matando para controlar o comércio ilegal. Em meados dos anos 1980, o vencedor do prêmio Nobel e economista preferido da direita, Milton Friedman, calculou que houve um aumento de 10 mil homicídios ao ano nos Estados Unidos. É mais que três atentados do Onze de Setembro por ano. O professor Miron considera essa uma estimativa baixa. Caso se acabasse com a violência gerada pelo tráfico de drogas nos Estados Unidos, as taxas poderiam cair entre 25% e 75%.

Chino viu os efeitos que tirar o comércio de drogas da mão de criminosos poderia ter na sua vida. Quando tinha vinte e poucos anos, começou a sair da vida criminosa e ordenou que sua gangue parasse de vender cocaína, crack e heroína. A decisão fez o bando dispersar. “O número de membros diminuiu... não havia mais dinheiro para comprar roupas e armas”, ele explicou. Muitos deles foram atrás de empregos regularizados. Tire as drogas, transferindo-as para outro lugar, e os grupos que promovem o terror desaparecerão.

Mas os efeitos da guerra às drogas foram mais profundos na vida de Chino. No meio de toda a violência, de gangues contra gangues, gangues contra polícia, polícia contra gangues, polícia contra qualquer um em áreas de tráfico, o estupro de uma dependente como Deborah passa impune. Não

era apenas “normal, era aceitável”, disse Chino. “Dependentes são vistos dessa maneira degradante, quase animalesca, estão tão abaixo do nível humano que a Justiça parece não ser aplicável a eles. Esse é um dos impactos mais tremendos da guerra às drogas.”

A pergunta mais difícil para Chino fazer e que fica remoendo dentro dele é: se houvesse uma política de drogas diferente, será que sua mãe ainda estaria viva?

“Acredito, sim, embora não saiba exatamente como, mas acho que ela ainda estaria viva... Talvez a tivessem tratado como uma doente. Talvez eu não fosse o produto de um estupro”, diz ele. É por isso que, hoje, ele acredita que as drogas devem ser tratadas não como um problema de polícia, mas de saúde pública, apesar de saber das dificuldades dessa ideia. Em 2012, quando estava prestes a chegar à idade na qual Deborah morreu, perguntei se tinha raiva de sua mãe.

“Acho que sim, embora eu sempre tente fazer as pazes com ela. É ruim ter raiva de alguém que já morreu, né? Mas é difícil quando tudo o que você tem são umas dez recordações, sendo cinco horríveis. Sabe? Não tenho muita coisa boa para lembrar. O que eu posso dizer é que ela poderia ter me abortado. Foi um estupro... Ela escolheu me manter no mundo. Isso diz muita coisa. O resto foram os demônios e as drogas que atrapalharam tudo.”

Chino fumava sem parar falando de Deborah. “Não tenho ilusões de que ela teria sido uma grande mãe se não tivesse se tornado uma dependente. Mas poderia ter sido um bom pai”, ri, cuspiendo fumaça. “É interessante que não tenho raiva por ela ter me batido e coisas assim, mas por não ter ficado por perto. Não tive chance de ajudá-la. Se ainda estivesse viva, teríamos encontrado uma resposta para o problema, de uma forma ou de outra. Sei que é mais fácil dizer porque não há mais essa possibilidade, mas acredito nisso. Eu me seguro nela como se fosse um cobertor.”

Por intermédio da namorada, Chino recentemente conheceu uma mulher chamada Cynthia, que tem quase sessenta anos, a idade que Deborah teria se ainda estivesse viva. Ela também perdeu décadas da vida para a heroína, o

crack e problemas com criminosos. Também tem o vírus HIV. Ela estava livre das drogas havia um ano e meio. Chino compareceu ao aniversário dela nos Narcóticos Anônimos e disse para seus filhos: “Sei que vocês, apesar de adorarem vê-la limpa, ainda têm memórias horríveis das coisas que ela fez, ou não fez, enquanto era dependente. Mas vocês têm sorte porque conseguiram algo que eu nunca terei, que é vê-la limpa. Concentrem-se nisso”. Vi quando Chino, em uma conversa com Cynthia, a chamou de “mãe”.

Quando a guerra acabou para ele, Chino tatuou um nome no peito: “Deborah”, em letras inclinadas.

Do lado oposto, para minha surpresa, uma tatuagem com o nome “Victor”.

“De muitas formas, ele também é uma vítima”, diz, cuidadosamente. “Foi um estupro... Ele precisa ter sido em algum nível uma vítima para ser capaz de fazer essa atrocidade, ou de não perceber como aquilo era uma atrocidade. Tenho mais pena do que raiva. Sem dúvida, acho que foi uma bosta o que fez. Mas é difícil contextualizar porque, mesmo sendo um crime, foi o que me fez existir... E eu queria ter nascido, mas não dessa maneira horrível.”

Com essa nova visão sobre a guerra às drogas, Chino se tornou ativista do movimento “Sem Mais Cadeias para Jovens”. Quando começamos a falar sobre isso, sua voz subitamente começou a mudar, e ele deixou de soar como num filme do Spike Lee para se transformar em um personagem roteirizado por Aaron Sorkin, o autor de *A rede social*. A cidade de Nova York, ele explicou, assumiu o compromisso de fechar a cadeia de Spofford, onde ele foi preso aos treze anos, para construir duas novas unidades melhoradas. Em vez disso, construíram presídios, reabriram Spofford e anunciaram planos para construir ainda mais cadeias para jovens. “Mesmo com as cadeias operando entre 79% e 81% abaixo de sua capacidade, a um custo de 64,6 milhões de dólares... isso sem incluir o valor operacional. Era apenas um projeto para mais cem celas.” Apesar de tudo isso, a “taxa de reincidência

é de mais de 80%... isso em oposição a um programa alternativo ao encarceramento, no qual os riscos de reincidência são mais baixos, além de ser mais barato”.

Por dois anos e meio, organizou marchas, fez lobby e pressionou a opinião pública. Organizou uma coalizão dos grupos que trabalhavam na área com a experiência que teve nas ruas. Contou aos legisladores e à imprensa como foi ser preso aos treze anos. Finalmente, foi anunciado que a expansão das construções de cadeias para jovens acabara no estado de Nova York. Spofford seria fechada.

“É bom, é muito bom”, disse. “Mas agora...” Ele balança a cabeça. “É uma sensação boa a de ter uma campanha bem-sucedida, mas faz pensar em quanto tem ainda para fazer. Cada pequena vitória na justiça social é uma porra de uma gota no oceano. Então, ao mesmo tempo que é bom, assusta.” Ele olhou para mim, depois virou para o outro lado.

Hoje, Chino gosta de acampar, de ficar no meio do nada.

Fica fantasiando em ser deixado no meio da natureza selvagem, sozinho, descobrindo uma forma de sobreviver.

“Você precisa entender que isso acontece o tempo todo”, diz Kyung Ji “Kate” Rhee, que trabalhou com Chino por dez anos e com outros jovens por mais tempo ainda. “Honestamente, não vejo sua história como excepcional”, ela diz sobre ele. “Não quero minimizar a dor pela qual ele passou. É só que acontece com uma frequência e em uma escala de que as pessoas não têm ideia... Essa distorção é imensa... Estamos a dez minutos de Brooklyn Heights e é um outro mundo”, ela diz, balançando a cabeça.

Durante minha viagem por outros países, comecei a perceber que essa história — a do traficante de rua — é apenas a primeira camada de violência e criminalidade causada pela transferência do comércio de drogas para a economia ilegal.

Para além de Chino Hardin, há mais uma camada de criminosos que controlam o bairro.

Para além deles, há uma rede de contrabandistas que levaram as drogas da fronteira dos Estados Unidos para Nova York.

Para além destes, a mula que trouxe a droga para dentro do país.

Para além dela, a quadrilha que controla o fluxo do México, da Tailândia ou da Guiné Equatorial.

Para além dela, a quadrilha que controla a produção na Colômbia ou no Afeganistão.

Para além dela, os agricultores que cultivam o ópio ou a folha de coca.

E em todos os níveis, a guerra contra as drogas, a guerra pelas drogas e a cultura de terror criadas pela proibição. Comecei a pensar em Chino e em tudo o que teve de passar como apenas uma granada que explodiu e foi descartada em um campo de batalha global.

* *A Tale of Two Cities*, no original, exatamente como a obra de Charles Dickens. (N. T.)

6. O lado da polícia

Dois grupos disputam essa guerra com armas e suor todas as noites. De um lado, os traficantes; do outro, a polícia. Enquanto passava tempo com Chino, me peguei pensando como o outro lado vê o que está acontecendo. Para descobrir, entrevistei quinze policiais em atividade ou aposentados, desde as montanhas da Suíça até a fronteira do México com os Estados Unidos. Houve, no entanto, uma policial com quem conversei por três anos, porque não conseguia entendê-la muito bem.

Conheci Leigh Maddox mais ou menos na mesma época que Chino, em um restaurante de Manhattan, não muito distante de onde o Occupy Wall Street havia surgido. Nosso encontro foi intermediado pela organização Law Enforcement Against Prohibition [Agentes da Lei contra a Proibição, Leap, na sigla em inglês]. Quando entrou no restaurante, pude ver que era uma mulher esguia de cabelos castanhos, com uns cinquenta anos, que caminhava com a confiança de quem mostrava o distintivo e realizava prisões.

Não importava o quanto conhecesse Leigh, ela sempre foi para mim como a personagem de Heather Locklear em *Carro Comando*, uma série dos anos 1980. Sempre achava que uma hora ia me mandar me proteger para que ela pudesse dar um tiro em um vilão que acabara de chegar. Ela pediu uma taça de vinho e começou a falar de como era estar na linha de frente da guerra às drogas.

No começo do século passado, Leigh Maddox trabalhava na I-95, uma autoestrada que acaba em Baltimore. Era capitã, tinha cabelo comprido e pavio curto. Seus homens combatiam na guerra às drogas mandando carros pararem para fazerem revistas para achar drogas contrabandeadas. Leigh prendia pessoas por posse de drogas desse jeito havia anos. Tinham ordens expressas: primar pela quantidade. Prender o máximo possível de gente, sem se preocupar com a gravidade do crime. Se alguém fosse encontrado com uma quantidade mínima, mesmo uma ponta, ia para a cadeia. Um sonho para Harry Anslinger, o precursor da repressão.

Todos os agentes sabiam que era permitido apreender os bens de qualquer pessoa presa e acusada de posse de drogas para leilão posterior. O grosso do recurso obtido — até 80% — ia direto para o orçamento da força policial local. “Se você para um carro e encontra, digamos, 4 milhões de dólares — o que não é raro — porra, é muito bom”, diz Leigh.

As drogas se espalharam tão rápido por Baltimore que encontrar usuários era como jogar uma isca em um lago cheio de carpas. A força policial aplicou todas as medidas que Anslinger nunca conseguiu colocar em prática na sua época. Todas as noites, equipes no estilo da SWAT, usando um equipamento militar mais moderno, faziam a limpa na região. As prisões estavam lotadas de pessoas cumprindo penas bem duras. As ruas estavam militarizadas. As pessoas que moravam lá sabiam que o lema não oficial dos policiais era “Atire primeiro”, seguindo a cartilha de Anslinger.

Para Leigh, aquela luta era, naquele momento, muito mais pessoal.

Ela era amiga de uma garota chamada Lisa Renee Taylor, que conheceu na aula de ginástica quando ambas tinham treze anos. Viraram amigas inseparáveis. Eram tão parecidas — magras e de cabelos castanhos — que, anos depois, dividiram uma identidade falsa para comprar bebida. Ninguém conseguia diferenciar uma da outra. Elas também fumavam baseados e iam juntas para festas, compartilhavam tudo. Até seus nomes eram parecidos. Leigh era de uma família rígida de militares. Seu pai era capitão de corveta da Marinha. Ela saiu de casa quando tinha dezoito anos para se casar com

um idiota — em parte para irritar os pais —, e Lisa foi dama de honra no casamento.

Quando Lisa foi estudar química na Universidade Salisbury, Leigh trabalhava como garçoneiro e entregadora de pizza, mas as duas sempre se falavam. Em junho, no ano de Lisa como caloura, elas se encontraram em Ocean City, onde passaram o dia na praia, conversando e tomando sol. Lisa vestia um maiô branco aberto na barriga. Leigh estava com uma peça semelhante, preta e dourada. Dois fotógrafos abordaram as duas, dizendo que poderiam ser modelos — uma cantada ridícula, mas que as fez rir. Lisa sentiu saudade do namorado John e decidiu que não conseguiria esperar mais para vê-lo. Ela não tinha carro nem dinheiro para o ônibus, então decidiu que iria até Nova Jersey pedindo carona.

No dia seguinte bem tarde, Leigh recebeu uma ligação da irmã de Lisa. Não sabia onde ela estava. Leigh garantiu que não havia com o que se preocupar, ela só tinha ido encontrar John.

No dia seguinte, bateram na porta dos fundos da casa de Leigh. Estava quente e ela não tinha ar-condicionado. Do outro lado da porta, ela viu a silhueta de John. “Leigh, ela não foi até Nova Jersey”, ele contou.

A polícia chegou, fez perguntas e concluiu que Lisa tinha fugido. Leigh disse que era impossível — ela não tinha levado o estojo de maquiagem, “meninas não fogem sem levar o estojo de maquiagem”. Mas se recusaram a investigar. O investigador garantiu que ela “apareceria mais cedo ou mais tarde”.

Só que isso não aconteceu. O verão passou e ninguém mais soube nada sobre Lisa. Leigh rezou muito e disse a Deus que se tirasse Lisa daquela, passaria o resto da vida fazendo o bem. Foi até a sede da polícia e pediu uma ficha para se inscrever. Trabalhava no bar do Hotel Sheraton de Bloomsbury quando viu a notícia na TV. “Corpo de jovem desaparecida é encontrado”, dizia. “Toda a minha vida parou, as pessoas seguiam bebendo e se divertindo e eu fiquei lá de pé”, lembra.

Assim que se formou na academia de polícia, foi até o terceiro andar do prédio da polícia de Salisbury, onde os arquivos são mantidos, e se forçou a ler todos os documentos sobre o caso de Lisa, ver cada fotografia, tentando entender o que tinha acontecido.

Lisa passou na casa da mãe, pediu dinheiro, as duas discutiram, e ela foi embora a pé para o dormitório da faculdade, que ficava a uns dois quilômetros. Nunca chegou lá. Foi pega por um grupo de traficantes de drogas de pelo menos dez garotos. Além de ter sido violentada por todos, foi esfaqueada treze vezes e deixada para morrer em um bosque próximo da universidade. Anos depois, quando Leigh já trabalhava havia muito tempo na polícia, viria a acreditar que a gangue estava se tornando mais unida, ao estabelecer uma reputação com base no terror, a partir do estupro coletivo, em uma espécie de ritual de iniciação.

A mulher que vivia na casa do outro lado da rua da universidade não entendia por que seu cão não parou de latir o verão inteiro. Lisa estava lá o tempo todo, apodrecendo, tanto que os animais começaram a comer partes do seu corpo. Quando a encontraram, já estava sem o tornozelo. Apenas uma pessoa foi presa e acusada pelo crime.

Então Leigh se tornou uma policial para honrar Lisa. Ninguém tinha uma razão mais forte para odiar as quadrilhas de traficantes do que ela. Ninguém estava mais determinado a acabar com elas.

Alguns anos mais tarde, a Ku Klux Klan (KKK) estava marchando por Elkton, uma cidade de 15 mil pessoas no interior de Maryland. Homens com capuzes brancos iam na frente, enquanto sessenta pessoas compunham o restante do cordão cantando: *“Hey hey! Ho ho! Niggers have got to go!”* [Negros precisam ir embora]. Ativistas que combatem o racismo apareceram para fazer uma manifestação contra o grupo e jogaram objetos como pilhas contra eles, xingando os membros da KKK enquanto passavam. No meio da marcha havia uma integrante orgulhosa da Klan, vestindo uma capa branca: Leigh Maddox.

Fazia um ano que ajudava a planejar as marchas e os piqueniques e a recrutar pessoas. Próximo a ela, também de capuz branco, estava um capanga do chefe local da organização, um homem que tinha cometido assassinato vinte anos antes e acabou solto alegando insanidade. Leigh marchava desviando das pilhas.

Seus chefes disseram que mulheres não poderiam se infiltrar no clã porque era muito perigoso. Mas ela insistiu. Explicou que estavam queimando cruzes diante das casas de afro-americanos em Elkton, ameaçando-os de morte, então a polícia precisava de alguém ali. Ela insistiu tanto que seus chefes consentiram. Mas, para Leigh, era um risco duplo, porque na época seu namorado era negro.

Seu nome no clã era Rosa Leigh. As mulheres geralmente não iam para as reuniões sozinhas, então ela teve que mentir sobre um namorado que vivia longe e não poderia estar presente. Ela se viu também forçada a inventar assuntos para ter o que conversar com aquelas pessoas. Percebeu que uma delas era aficionada por plantas, então falavam disso. Outro era louco por cerveja, e ela nem gostava de cerveja, mas fingiu gostar. Era um trabalho duro.

Obteve informações vitais para a segurança dos negros na cidade. Certa vez, em plena luz do dia, dois integrantes da KKK dirigiam por Elkton quando viram um negro acompanhado de uma branca parar o carro do lado deles em um cruzamento. Eles pegaram um cano de aço, o arrancaram do veículo e o espancaram quase até a morte. Leigh foi capaz de identificá-los através do depoimento de testemunhas, então foram retirados das ruas. E isso prosseguiu. Ela conseguia dizer à polícia quais veículos a caminho do evento deveriam ser parados por conterem armas e drogas, ou porque o motorista estava bêbado. Serviço de inteligência em tempo real.

A Klan logo começou a entrar em pânico. Haveria um informante? De que outro jeito a polícia poderia saber tanto? Quem seria o filho da puta que dizia tudo para a polícia?

Durante uma das reuniões, pediram a “Rosa Leigh” que se apresentasse e a acusaram de ser da polícia. Na frente de todos. Leigh sabia que estava junto de psicopatas com um longo histórico de violência e morte. Sua barriga gelou. Tudo o que conseguiu fazer para ter uma chance de sobreviver foi gritar.

“Vocês são um bando de filhos da puta. Eu não consigo acreditar que depois de tudo o que fiz pela organização vocês ousam questionar minha lealdade... Estou começando a pensar que vocês são uns bananas. Não sei nem o que estou fazendo aqui!” Insistiram. Queriam conhecer a casa onde morava. Seus avós. Leigh tinha que pensar rápido. “Então vocês querem ir até minha casa? Sério mesmo? Vocês querem ver minha avó num domingo sem avisar antes? Sabem que é uma senhora muito doente, vocês não são visitas que alguém gostaria de receber!”

Eles continuaram insistindo e ela não teve escolha.

“Beleza, beleza”, ela disse. Falou para seguirem o carro dela e, daí, disparou com tudo, correndo como nunca na vida.

Leigh sabe que fez a diferença em Elkton, desarticulando racistas. Graças a ela, menos norte-americanos sofreram com o terror.

Não era fácil ser uma policial mulher naquele tempo, mas Leigh provou sua coragem e contava com aliados importantes. Ela ia de carro trabalhar todas as manhãs dirigindo por quase 150 quilômetros com seu colega Ed Toatley, um negro com uma barbicha que cresceu em Baltimore e trabalhava infiltrado no tráfico. Ele era o líder do sindicato e enfrentou o machismo da organização para Leigh poder crescer na carreira.

No entanto, o trabalho que Leigh mais gostava era o de combater as quadrilhas de traficantes. Era isso que a motivava, e tinha certeza de que suas abordagens e batidas tornavam mais difícil o suprimento de drogas em Maryland — o que se traduziria em menos gangues, menos dependentes, menos violência e menos miséria no mundo.

Esse é um dos aspectos mais importantes sobre Leigh, algo que seria fácil para alguém com minhas posições políticas ignorar.

O apoio de Leigh à guerra contra as drogas era um ato de compaixão. Acreditava estar transformando o mundo em um lugar melhor ao proteger pessoas das drogas e das quadrilhas. Ela é uma pessoa boa e honesta, e foi isso o que a motivou a combater os entorpecentes.

Lembrava-se de Lisa e lutava por ela.

Ainda assim, nos Estados Unidos — e no mundo — policiais passaram a notar uma tendência estranha. Se você prende um grande número de estupradores, a quantidade de estupros cai. Quando você prende um grande número de supremacistas, o número de ataques de violência racial diminui. Mas não adianta prender muitos traficantes, porque o tráfico não diminui.

Outro policial, Michael Levine, também estava aprendendo essa lição. Como deixou muito claro durante entrevista em 2011, a guerra contra as drogas para ele era pessoal, assim como para Leigh. Seu irmão morreu de uma overdose de heroína no Harlem, na década de 1950. Seu filho foi policial e morreu atacado por um adicto na década de 1980. Então, quando foi enviado para um dos pontos de venda de drogas mais famosos de Manhattan — próximo da 92 — para “limpar o lugar de uma vez por todas”, ficou muito feliz. Em uma longa operação de vigilância, sua equipe identificou cem prováveis vendedores em um espaço de quinze metros que operavam do pôr do sol ao raiar do dia. Em duas semanas, oitenta deles estavam presos.

Ficou satisfeito e, por alguns dias, houve menos atividade criminosa. No prazo de uma semana, tudo estava de volta ao normal, “como se nunca tivessem passado ali”, de acordo com relato escrito de Levine. Por quê? Porque, “como todo traficante sabe, se ele é preso, há cem outros prontos a tomar seu lugar assim que ele sai”. Ele se perguntou: “Se todos os meus homens não conseguiram limpar uma esquina, qual é o propósito de tudo isso?”.

De volta às estradas que chegam a Baltimore, Leigh descobriu uma coisa que mudaria sua vida. Era ainda pior do que Levine suspeitava. Não é que a prisão de traficantes seja ineficaz na redução do crime. Sempre que traficantes eram presos, parecia que a violência aumentava, especialmente o número de homicídios. Primeiro ela achou estranho, mas percebeu que era um padrão.

Por que a prisão de traficantes faz aumentar o número de assassinatos? Gradualmente, chegou à resposta. “O que acontece é que tiramos um cara no topo da hierarquia, ninguém mais está no comando, então eles brigam entre si para ver quem assume”, explica.

Para compreender isso, imagine que Chino pegue um período longo de prisão ou seja morto. A demanda por drogas em Flatbush não diminuirá. Com pessoas comprando todos os dias, haveria uma disputa de poder dentro da gangue dele ou com uma quadrilha rival, que sentiria a fraqueza do grupo e partiria para conquistar território. É fácil ver por que o número de mortes cresce.

Mas será isso mesmo? Toda a repressão acaba em uma disputa por território? Voltei-me para estudos acadêmicos para investigar esse padrão. O professor Jeffrey Miron, da Universidade Harvard, estudou as estatísticas e descobriu que “a aplicação da lei faz aumentar o número de homicídios, ainda que outros fatores sejam controlados”. Outros estudos confirmam isso.

Então Leigh começou a perceber que, ao ir trabalhar determinada a reduzir a violência, estava, na verdade, contribuindo para aumentá-la. Ela queria extinguir as gangues, mas na verdade estava dando mais poder a elas. Já havia suspeitado por anos que esse era o caso — contudo, procurava não ver isso. Um dia não teve outra escolha.

Existe um trabalho na polícia que, conforme me disseram, é o mais difícil de todos. Ed Toatley — o líder do sindicato e amigo de Leigh que a ajudou a subir na carreira — tinha que fingir, diariamente, ser um traficante no meio dos traficantes.

Nos anos 1950, Harry Anslinger falou o que era necessário para fazer esse trabalho. Um agente infiltrado “precisa ser um ator melhor que qualquer vencedor do Oscar, ser rápido com os pés, mais rápido ainda com as mãos e dez vezes mais rápido com a cabeça... uma escorregada — uma palavra em falso — pode custar sua vida”.

Leigh e Ed, no final das contas, admitiam ser dependentes de adrenalina. “Não existe nada como saber que você quase morreu e passar a meia hora seguinte dizendo ‘Estou viva!’”, Leigh me disse, rindo. Por isso, ela não ficou surpresa quando, na manhã de 30 de outubro de 2000, Ed contou que estava muito feliz porque tinham lhe dado a ordem de levar a operação de monitoramento de um traficante à etapa seguinte — o trabalho já durava seis meses. Ele recebeu 3 mil dólares do diretor do departamento para ir a Washington comprar cocaína e realizar a prisão. “Este é o ponto mais alto de minha carreira”, ele disse.

Naquela noite, Leigh recebeu uma ligação do sargento de plantão. Ele foi breve. Quando Ed estendeu os 3 mil ao traficante, não recebeu cocaína, mas um tiro na cabeça. “Não senti nenhum remorso”, disse o traficante de 24 anos no julgamento.

Alguns minutos depois, enquanto corria para o hospital, ela recebeu uma ligação do seu chefe. “Leigh, aqui é o Mike”, ele disse, e tudo o que ela respondeu foi: “Quem é Mike?”. Não conseguia processar nada. Ao chegar ao pronto-socorro, mais de cem policiais estavam lá. Ed era o líder do sindicato e um homem popular. Quando souberam, todos vieram o mais rápido possível. Um deles colocou a mão no ombro dela e disse: “Ele partiu”. O chefe dela chegou e disse: “Vai ser difícil, mas você precisa ser forte pela tropa — precisam de sua liderança neste momento”.

Os policiais fizeram fila para ver o corpo de Ed, e Leigh entrou nela. A cabeça dele estava enrolada em um turbante improvisado para impedir que seu cérebro escorresse. Ela tocou o corpo e ainda estava quente e macio.

Anos depois, Leigh explicaria em um discurso: “Quando coloquei minha mão no peito dele eu rezei — por sua família, seus amigos e por mim

mesma. Quando fiz isso, senti a presença de cada policial que perdeu a vida para a guerra às drogas. Senti a presença de minha querida amiga Lisa e de todos que acabaram no fogo cruzado de nossas políticas fracassadas. Senti a presença dessas vítimas naquele quarto de hospital comigo. Os espíritos deles saíam daquelas paredes, zombavam de mim. Justiça? Justiça? E agora, cadê sua justiça? Para mim foi como a revelação do caminho de Damasco”.*

Leigh tentou voltar ao trabalho, mas dessa vez sabia demais. É mais difícil ser Harry Anslinger quando seus olhos e mente estão abertos.

Até o momento, tinha acreditado que reprimir quadrilhas era esmagar aqueles que haviam matado amigos queridos. Mas agora começava a ver que seu trabalho só colaborava para o aumento no número de mortos. Passou a acreditar que a lição que podemos tirar da proibição ao álcool é que de fato existe uma forma de acabar com a violência: legalizar as drogas e regulamentar seu comércio.

Ao saber da morte do pai, o filho de Ed, que tinha cinco anos, dizia que era para manter a luz do corredor acesa para o “papai conseguir encontrar o caminho de casa”.

Enquanto Leigh estudava direito à noite, outra parte da história da guerra às drogas ficava mais clara para ela. Sabia que o uso e o tráfico de drogas eram disseminados em todos os grupos raciais dos Estados Unidos — ela mesma tinha fumado maconha na juventude. Mas as prisões não refletiam essa diversidade. Estudos feitos em 1993 pelo Censo do Abuso de Drogas descobriu que 19% dos traficantes eram negros, mas eles somavam mais de 64% das prisões por esse crime. Como reflexo dessa disparidade, havia um número ainda mais impressionante. Em 1993, no fim do apartheid, a África do Sul prendeu 853 homens negros a cada 100 mil habitantes. Os Estados Unidos aprisionaram 4919 homens negros por cada 100 mil (versus apenas 943 brancos). Então, por causa da política antidrogas e da sua aplicação, os negros tinham uma probabilidade muito maior de serem presos na terra da

liberdade do que na famosa sociedade que defendia a supremacia branca no mundo.

De fato, em qualquer período considerado, de 40% a 50% dos negros entre as idades de quinze e 35 anos estão presos, em liberdade condicional ou com uma ordem de prisão contra eles, em grande parte por crimes relacionados às drogas.

É fácil colocar o preconceito de Harry Anslinger e o marco inicial da guerra às drogas apenas como produtos do seu tempo, algo há muito superado. Mas Leigh percebeu que não era bem assim. O pânico racial que iniciou a guerra às drogas continua presente.

Só que, mais uma vez, me vi forçado a ver que essa não é uma trama simples, com vilões e bandidos bem definidos.

Minha inclinação era presumir que essa desproporção nas prisões de negros era pura e simplesmente racismo dos policiais. Mas Leigh não é racista. Sabemos que ela se arriscou para reprimir a violência contra afro-americanos. E a maioria dos colegas, ela disse confiante, não é racista e ainda ficaria injuriada se algum colega fizesse declarações racistas. Mesmo assim, Leigh era — como compreenderia depois — uma engrenagem em uma máquina racista, contra sua própria vontade.

Muitos policiais também tentaram compreender como isso funcionava. Matthew Fogg é um dos policiais mais condecorados dos Estados Unidos, responsável pelo rastreamento de mais de trezentos dos criminosos mais procurados do país — de assassinos e estupradores até molestadores de crianças. Ele questionava por que a força policial só ia até os bairros negros fazer prisões por drogas. Procurou seu chefe para sugerir que fizessem operações similares em bairros brancos.

Ele explicou em um discurso o que seu superior lhe disse: “Fogg, você tem razão ao dizer que todo mundo usa drogas, mas, sabe? Se nós formos atrás desses caras, que conhecem juízes, advogados, que têm amigos políticos e sabem quem são os grandes nomes, se eles virarem nosso alvo, sabe o que vai acontecer? Receberemos um telefonema e vão nos exonerar.

Então, pense nas horas extras que vai receber. Vamos só correr atrás dos mais fracos. Vamos atrás de quem não pode pagar advogado e a gente pode prender”.

Continuei tentando compreender essa dinâmica e, quanto mais falei com policiais, gente que não é racista, mas que produz resultados racistas, ficou claro. Mais de 50% dos norte-americanos infringiram a lei antidrogas. Quando uma lei é desrespeitada nessa magnitude, não se pode aplicá-la contra todos os infratores. O sistema desabaria com o peso dessa medida. Então você corre atrás de quem tem menos condições de resistir, reagir e apelar — os mais pobres e rejeitados. Nos Estados Unidos, são os negros e hispânicos, com uma pequena parte de brancos pobres. Existe a pressão por entregar resultados. Precisa haver certo número de prisões. Por isso, vão atrás dos mais vulneráveis. Não é que estejam armando contra eles, pois estão, de fato, descumprindo uma lei. O que acontece é que o quadro mais amplo é ignorado.

Mas, para algumas pessoas, é impossível deixar de pensar nisso.

Leigh começou a se perguntar: como posso continuar fazendo isso? No entanto, ela sentia uma lealdade extrema aos seus colegas, sabia que eram boas pessoas. Eles estavam cada vez mais sendo processados pela American Civil Liberties Union [União pelas Liberdades Civis Americanas] — em geral, individualmente —, e sua reação era defendê-los. Eram os caras com quem ela tinha levado chumbo por anos. Como poderia abandonar o combate?

Nós, humanos, somos muito bons em esquecer nossas epifanias, especialmente quando nossos salários e amizades dependem disso. Ela sabia que uma boa parte do orçamento da polícia dependia do dinheiro levantado com a apreensão de bens dos suspeitos presos. O que aconteceria com seus empregos se isso acabasse? Ela se manteve ocupada de propósito para não pensar. “Não tinha tempo para refletir sobre isso.”

Ao me explicar isso, me dei conta de que, tanto para Chino quanto para Leigh, a proibição incentivava que prosseguissem disparando suas armas

sem refletir a esse respeito.

Mas ela começou a ver de maneira diferente a revista que fazia nos carros da I-95. Antes, encarava a cena como uma guerra justa. Hoje, vê isso como o encontro de pessoas cercadas por fantasmas. Quando ela aborda um carro, está cercada pelo fantasma de todos os policiais conhecidos que morreram, “os funerais a que compareci, todas as pessoas que foram mortas em semáforos — e foram muitas”, ela diz. E dentro do carro “tem aquela pobre criança negra”. Junto a ela, todos os seus fantasmas — seus parentes e amigos mortos em operações policiais ou desaparecidos dentro do sistema penitenciário.

Nenhum dos lados consegue ver os fantasmas do outro. Ambos só conseguem sentir ódio.

Um dia, Leigh descobriu que não estava sozinha. Um amigo contou a ela do grupo Law Enforcement Against Prohibition, uma organização de policiais, juízes e agentes penitenciários que luta pelo fim da guerra às drogas para desarticular as quadrilhas. Ela tinha muita curiosidade. Precisava encontrar resposta para a pergunta: qual teria sido o resultado prático de todo o trabalho policial que ela tinha feito naqueles anos?

Decidiu se arriscar pelas áreas de conflito em Baltimore, não fardada, mas como civil. Conversou com as crianças. Concluiu que elas cresciam em zonas de guerra. Há mortes quase todas as noites e elas assistem a isso. “O trauma é maior do que posso imaginar”, ela concluiu.

Mas um dos principais problemas é que, quando se é preso por uma infração relativa a drogas — aos quinze, dezessete ou vinte anos, perde-se a empregabilidade pelo resto da vida. O jovem não consegue fazer empréstimos estudantis nem consegue uma vaga em abrigos públicos. Será inclusive proibido de visitá-los. “Suponha que sua mãe viva em um albergue e você seja preso por posse de drogas e vá visitá-la”, diz Leigh. “Se as autoridades responsáveis descobrem que você esteve lá, dirão que os termos do acordo foram violados e toda a família é expulsa.” Conheci muitas

pessoas assim, cidadãos de segunda classe que perderam tudo, até o direito de votar, porque em algum momento da vida foram pegadas com drogas.

Leigh estava pasma por descobrir tudo isso: “Quando era policial, ninguém nunca me treinou para saber quais eram as consequências de uma prisão por porte de maconha. Eu não tinha ideia disso... Não nos ensinam isso. Mandam você às ruas para atingirem determinado número”.

Da mesma forma que Jimmy Fletcher — o agente enviado por Harry Anslinger para pegar Billie Holiday — nunca se perdoou pelo que acabou fazendo com ela, Leigh Maddox nunca se perdoou pelo que fez com todos os jovens que prendeu ao longo dos anos. Não era o bastante só pedir desculpas. Ela queria se redimir. Então, concluiu o curso para ser advogada, deixou o emprego como policial e começou a oferecer serviços em Baltimore para quem antes seria preso por ela. Abriu um escritório de advocacia a preços baixos chamado Just Advice [Conselho justo], onde ela e alguns estagiários tentam apagar os registros criminais de quem é pego com drogas. Escreve a universidades implorando por bolsas de estudo para estudantes com ficha criminal. Ela os defende na Justiça. Esta é a sua vida agora.

Parece um final reconfortante para sua história, mas Leigh não está satisfeita com isso. Com toda a honestidade, não se acha capaz de dizer que encontrou algum tipo de redenção. Ainda se sente mal ao receber casos como o de um homem de 45 anos que pediu para ter sua ficha criminal apagada, no qual precisa dizer “sinto muito, não dá” e ver a decepção no olhar dele. Ela luta contra um sistema legal em que mesmo um juiz sabidamente liberal como Thurgood Marshall diz: “Se é um caso de drogas, nem a petição eu leio. Não dou chance para traficante”.

Em 2011, Leigh viajou para a cidade onde Harry Anslinger começou tudo — Washington. Não muito longe do velho Departamento Federal de Narcóticos, ela fez um discurso.

“Para aqueles que exigem que os Estados Unidos não estendam a bandeira branca da rendição, pergunto — que bandeira branca? A bandeira

branca é hoje vermelha, suja e fétida do sangue dos incontáveis mortos, pessoas boas e ruins, sem contar os inocentes que apenas morreram no fogo cruzado.”

* Momento da conversão do apóstolo Paulo, segundo a Bíblia. (N. T.)

7. Cogumelos

Sem ter refletido muito sobre isso, sempre acreditei que quem morre na guerra às drogas escolhe ingressar nela: usuários, traficantes e policiais. Mas logo descobri que existe uma categoria muito diferente. Em Baltimore, ela é chamada de cogumelos.

Tiffany Smith estava próxima à calçada quando a noite caiu num dia quente do mês de julho em West Baltimore, no ano de 1991. Ela brincava com sua boneca Kelly e sua melhor amiga, Quinyetta. Elas estavam do lado de fora da casa de Quinyetta, onde ela ia dormir. Os pais estavam na varanda.

O jornal *Baltimore Sun* noticiou em detalhes o que aconteceu. O dia havia sido divertido: elas cantaram e bateram palmas em uma festa de rua, dançaram as músicas tocadas pelo grupo Pais e Estudantes contra as Drogas e depois foram brincar de boneca. O cabelo de Tiffany estava amarrado em tranças. Em algumas semanas, completaria sete anos.

Mas nunca chegaria a essa idade. Não sabemos se Tiffany viu os dois rapazes na esquina. Não sabemos se sabia o que era uma “guerra de gangues”. Não sabemos se escutou o tiro.

Diferentemente de Chino, Leigh e todas as outras pessoas que aparecem neste livro, Tiffany não teve chance de escolher seu lado na guerra às drogas. Tentei entrar em contato com os pais dela, mas eles não quiseram falar comigo.

Essas vítimas são chamadas de cogumelos porque podem aparecer em qualquer lugar. O nome do quarteirão onde ela morreu foi trocado para Tiffany Square. Drogas são vendidas livremente lá.

PARTE III
ANJOS

8. Vergonha

No verão de 2012, quando eu já trabalhava no livro havia um ano, passei a ter com frequência um sonho bizarro: via Harry Anslinger e Arnold Rothstein fugindo por uma porta todas as vezes que eu chegava a um novo campo de batalha da guerra às drogas.

Vi Chino e Leigh fracassarem ao tentar ser Anslinger e Rothstein, mas continuei ouvindo sobre como pessoas em todo o mundo conseguiram reproduzir o comportamento desses precursores e foram além. Eu me dei conta de que entenderam os impulsos mais sombrios da sociedade — reprimir os estímulos viciantes com violência, esmagando-os, na crença de uma vitória certa — e os seguiram cegamente. Precisava encontrar essas pessoas. Talvez tivessem respostas.

Então, comprei uma passagem para o Arizona e acompanhei presas dependentes de metanfetamina no seu trabalho em um deserto, em um esquema arranjado por um discípulo de Harry Anslinger. Fui depois ao Texas de avião e me vi dentro de uma cela conversando através do vidro blindado com um jovem que decapitou pessoas a mando do bisneto de Arnold Rothstein. E, então, fui até a cidade mais perigosa do mundo para ir atrás do sonho de uma mulher falecida.

As detentas se reúnem às cinco da manhã de todos os dias úteis, assim que o sol começa a nascer no deserto do Arizona. Elas se levantam em jejum

e saem de suas barracas, cercadas por arame farpado, onde são obrigadas a vestir camisetas que mostram ao mundo por que estão ali. EU ERA UMA DEPENDENTE DE DROGAS, lê-se em letras garrafais a uma longa distância. Observei-as vestidas em seus uniformes com braços e pernas tremendo de fome e cansaço. As pernas estavam presas a ferros. Os guardas mandam-nas cantar.

*Everywhere we go
People want to know
Who we are
So we tell them
We are the chain gang
e only female chain gang.**

Elas precisam bater os pés no chão com suas botas e chocalhar as correntes no ritmo da música, como se fossem integrantes de um musical distópico da Broadway. Daí, começam a marchar sob o calor do deserto.

Às vezes, elas são obrigadas a enterrar cadáveres. Naquele dia, subiram em um ônibus para serem levadas a uma ilha desértica e cheia de lixo para fazer uma coleta debaixo de um calor de 43 graus, sob cartazes que exibem o rosto do político que implantou esse tipo de punição.

Elas tentam descer do ônibus, mas ficam se trombando porque as correntes não deixam os pés mexerem. Pedem desculpas umas às outras, bem baixinho. Quando descem debaixo do sol, um protetor solar lhes é atirado. Notei que a data de validade do produto é 2009 — três anos antes. O que sai é uma pasta espessa.

Uma garota não fica acorrentada. É seu trabalho afixar uma placa em que se lê CUIDADO! PRESIDÁRIAS DO XERIFE TRABALHANDO e dar água para alguma mulher que esteja a ponto de desmaiar. Gabba é uma menina pálida e ossuda de dezenove anos e de origem italiana. Ela me conta que foi expulsa de casa quando era adolescente e, por isso, começou a usar heroína. “Era um jeito de escapar”, fala, com os olhos baixos.

Vejo Candice cambaleiar, parece exausta. É uma loira de vinte e poucos anos com um rosto muito vermelho que parece estar sendo comido por alguma coisa. Sangra onde ela coça forte demais. Os médicos lhe disseram que é uma reação alérgica aos alvejantes que são usados nas barracas, mas não há alternativa para ela. Conta sua história em um tom monótono, não há nada de especial sobre ela, porque não difere muito das outras ouvidas por aqui. Ela fugiu da família aos catorze anos e passou a trabalhar em um parque de diversões, onde começou a usar metanfetamina. “Foi a melhor coisa que fiz em toda a minha vida, todos os sentimentos ruins sumiam. Tenho medo de sair daqui porque não tenho o que fazer”, ela me contou. Como todos, Candice transpira constantemente, e o sal do seu suor faz com que sua alergia queime sua pele.

As outras camisetas que as mulheres são forçadas a usar têm as seguintes frases: ESTOU VENCENDO O VÍCIO EM MACONHA, (ME) LIMPA(NDO) e SOU USUÁRIA DE METANFETAMINA. Michelle, uma usuária de metanfetamina em recuperação, me conta enquanto cata lixo, meio sem jeito: “Muita gente que vem para cá já não tem muita dignidade, elas chegam aqui e o pouco que têm é arrancado delas. Tudo... é feito para nos humilhar até que não sobre nada”. Algumas horas depois, exposta ao sol do deserto com um protetor solar vencido, Michelle começa a vomitar e a tremer, e as outras presas precisam segurá-la durante o resto do dia.

Na véspera, ao me ouvir mencionar o nome de Harry Anslinger, o rosto do homem que inventou a chamada “turma da corrente” — junto com outras formas de punir dependentes — iluminou-se.

“Oh, uau! Você é incrível! É impressionante que você lembre desse homem!”, exclamou. Ele tinha o autógrafo de Harry na parede, bem ao lado de onde trabalhava. Tinha em Anslinger um herói, um exemplo a ser seguido, o cara que começou tudo. Ele repetiu incessantemente o nome de Anslinger ao longo da conversa. “Harry Anslinger. Aí está um homem legal.”

Anslinger contratou Joe Arpaio em 1957 para ser agente do Departamento Federal de Narcóticos, órgão dentro do qual foi subindo na

hierarquia ao longo de décadas. Desde 1993, mantinha o cargo de xerife eleito da cidade de Maricopa, Arizona. Tinha oitenta anos quando o conheci e estava prestes a ser eleito para o sexto mandato. Seu chapéu Stetson, o distintivo e o sarcasmo são símbolos de um tipo particular e datado de regionalismo norte-americano. A cidade onde mora no Arizona, com uma população de 4 milhões, é o último grande laboratório do projeto de Anslinger. O xerife Joe construiu uma prisão à qual se refere abertamente como “campo de concentração”, e os candidatos presidenciais aparecem em peso durante o período eleitoral sem poupar elogios à empreitada. Anslinger disse que os dependentes eram “leprosos” que precisavam ficar em “quarentena”, então Arpaio construiu para eles uma colônia no deserto.

Observo Gabba, Candice, Michelle e suas companheiras marcharem, em compassos arrastados, para dentro da prisão. De novo, precisam cantar:

*We're in a state of shame
Couldn't get our lives straight
We're headed back to intake
We're here without our kids
We lost our hope
We gave up dope.***

As mulheres reparam em mim enquanto cantam e, então, desviam rapidamente o olhar. Elas foram orientadas a olhar apenas para a nuca da companheira da frente.

Preciso de um momento para entender o que estão cantando agora. Os guardas também lhes deram ordens para entoar avisos de que levarão choques elétricos se responderem para eles de forma desrespeitosa:

*We're in stripes
ey're in brown
We walk in chains with them close by
We dare not run, we dare not hide*

*Don't you dare give them no lip
'Cause they got tasers on their hip.****

Essa canção não é gratuita: muitos detentos no Arizona foram eletrocutados até a morte com *tasers*. Quando entramos no ônibus para voltar à prisão, tiram as algemas das mulheres para serem submetidas a revistas íntimas, para ver se não há droga escondida no ânus ou na vagina.

Elas vivem em barracas que foram doadas pelos militares a Arpaio. Muitas delas existem desde a Guerra da Coreia. À noite, é possível ouvir os passinhos sorrateiros dos escorpiões e os guinchos dos ratos que saem de um lixão vizinho. É congelante no inverno e indescritivelmente quente no verão. Dentro das barracas, a temperatura chega a sessenta graus. As mulheres entram no chuveiro inteiramente vestidas, saem ensopadas e depois vão para a cama. Demora uma hora para secarem, mas é quando experimentam algum alívio.

Da primeira vez que entrei na Cidade das Barracas, as prisioneiras se aglomeraram ao meu redor, tentando desesperadamente contar o que acontecia ali.

“Isto aqui é o inferno”, disse uma. Elas recebem duas refeições por dia, ao custo de quinze centavos de dólar cada uma. Ela é chamada pelos guardas e pelas presas de “gororoba” — um montinho marrom de carne não identificada que Arpaio disse a um repórter que continha pedaços “podres” e custava no máximo quarenta centavos de dólar por porção. Quem está do lado de fora pode dar dinheiro para que elas comprem umas batatinhas no restaurante, mas muitas não têm ninguém que queira ou possa dar alguma coisa, então vivem sempre com fome. Não é permitido tocar nas visitas: todos os contatos são intermediados por vídeo. Quando recebem seus filhos, as presas ficam algemadas à mesa e não podem tocá-los, não importa a idade que tenham. Mesmo quando é uma criança que grita pela mãe e pede um abraço, a prisioneira não pode fazer nenhum carinho, ela apenas chora à vista de todos. Os guardas, pelo que contam, riem e abusam delas

abertamente. “Eles acham engraçado nos ver tristes, para baixo, sem os nossos filhos. Parecem treinados para ser cruéis”, conta uma delas.

Enquanto caminhava por entre as barracas, escutava lamentos de todos os lados. Uma diabética de vinte anos, presa por beber, diz que não recebe insulina. Ouço gritos de alguém implorando para não ser levado a um lugar chamado “Buraco”.

No dia seguinte tento descobrir mais, no entanto alguma coisa mudou. As prisioneiras que me procuraram na véspera fugiram de mim. Quando tento falar com elas nas barracas, ficam mudas e simplesmente balançam a cabeça. Todas se recusam a falar e me repelem quando eu insisto. Os lamentos viram silêncio absoluto. Uma mulher passa por mim, diz que não pode falar comigo, mas que gostaria de apertar minha mão. Quando me cumprimenta, percebo que me passou um bilhete.

Abro mais tarde. “Se falar a verdade para você eu vou para o Buraco e é horrível, a gente fica sem nada. Por favor, entenda. Queria falar com você, mas não posso. Estão nos vigiando. Todas nós nos demos mal ontem depois que você foi embora. Não deixe ninguém ver este papel.”

Acredito que não conseguirei mais nenhuma informação sobre a Cidade das Barracas. Mas, para minha surpresa, quando peço para ver o Buraco, concordam em me mostrar. Todo mundo chama o lugar assim, até os guardas, mas tecnicamente é uma Unidade de Isolamento. Quando passo pelas barracas e entro na estrutura de concreto da prisão propriamente dita, vejo que o Buraco consiste em um conjunto de pequenas celas solitárias dispostas em corredores em dois níveis diferentes. As portas das celas têm uma pequena fenda. Quando os guardas as destrancam, olhos aparecem do outro lado. Ao verem alguém de fora, imediatamente começam a berrar por socorro, as vozes parecem meio rachadas, como se as gargantas fossem estreitas demais para dar vazão à voz. Elas não podem falar com os guardas: precisam escrever tudo o que querem dizer em bilhetes e passar por baixo das portas. Querem falar comigo.

A pior coisa das celas é o cheiro, um fedor de fezes tão forte que me causou engulhos.

As detentas me deixam dar uma espiada. Há um beliche de ferro que acomodaria uma criança de dez anos e é só. Não tem rádio, nada mais. Dentro, elas não veem a luz do sol ou um rosto humano. Algumas dividem o espaço com uma companheira e, mesmo que mal consigam se mexer com outra pessoa lá dentro, consideram melhor ter companhia.

Quando você está no Buraco pode sair por uma hora para um banho e para esticar as pernas. Não pode falar nada durante essa hora nem é permitido fazer ligações telefônicas. É para esse lugar que você vai se descumprir as regras do xerife Joe, ou se algum dos guardas não gostar de você. Por exemplo, cigarros foram proibidos e uma mulher ia ser mantida por um mês no Buraco por ter sido encontrada fumando.

Em uma das celas, no nível superior de um canto do corredor, uma mulher grita como um alarme de carro no meio da noite, sem parar. Não consigo entender o que ela diz, exceto algumas palavras soltas, então informam que ela é uma jovem da Arábia Saudita. Estranhamente, é a única pessoa com algo positivo a falar sobre a Cidade das Barracas. “Isso tira toda a minha vontade de voltar a usar drogas. É por isso que são duros com a gente. Podem reclamar quanto quiserem, mas é por isso que são duros”, ela diz. Quando ela tenta falar alguma outra coisa, os guardas aparecem. Dizem que não posso mais falar com ela e que chamaram um médico.

Outras gritaram para mim que alguém tentou cometer suicídio na noite anterior. “Ouvimos tudo. Ela disse para o oficial para levar a gilete embora, mas ele não ouviu. Depois, só escutamos ele falar: ‘puta merda’”, contaram. A garota foi levada para a unidade médica antes de eu chegar e fui informado de que não poderia falar com ela.

O uso do confinamento é uma punição comum nas prisões norte-americanas. Não muito tempo antes dos fatos narrados aqui, um deficiente mental chamado Mark Tucker, preso em outro lugar do Arizona, foi mantido em uma solitária por tantos anos, tendo seus pedidos por um

companheiro de cela sempre recusados, que, no final, acabou ateando fogo em si mesmo. No hospital, com 80% do corpo queimado, foi informado de que o Departamento Prisional cobraria dele 1,8 milhão de dólares pelo tratamento médico dos seus ferimentos.

Em um escritório longe das barracas, no meio do complexo penitenciário, encontrei um psicólogo chamado Jorge de la Torre. Seu trabalho é orientar alguns prisioneiros. Ele tem um ar cansado, como se tivesse perdido alguma coisa que não conseguia mais encontrar. Cerca de 90% dos detentos “estão aqui por causa de um problema relacionado a drogas”, ele me contou. Todos estão traumatizados, de uma forma ou de outra. “Eles cresceram sem alternativa, com problemas familiares que não conseguem resolver”, explica. O que Jorge faz é ouvir uma em cada cem detentas, o resto fica a cargo dos guardas e do Buraco.

Existe uma prisão apropriada e com ar-condicionado próxima à Cidade das Barracas, mas Joe Arpaio preferiu transformá-la em um abrigo para animais. Cachorros e gatos abandonados podem relaxar em salas fresquinhas, enquanto dependentes ficam expostos ao calor e a tempestades de areia. Ele acredita que os animais merecem viver num lugar assim.

Quando explico para as pessoas que estão sentadas ao meu lado no ônibus o que vi na Cidade das Barracas, elas dizem que só pode ser uma exceção terrível dentro do sistema penitenciário. Mas quanto mais eu viajava, conhecia ex-detentos e lia estudos, mais percebia que esse é o tratamento típico destinado aos dependentes químicos nos Estados Unidos e no mundo.

Observei as estatísticas. Os Estados Unidos atualmente aprisionam mais pessoas por causa de drogas que toda a Europa ocidental por todos os crimes somados. Nenhuma sociedade humana prendeu uma parcela tão grande da sua população. É um número tão impressionante que, se todos os prisioneiros fossem somados, corresponderiam ao 35º estado norte-americano mais populoso entre os cinquenta que o país tem ao todo.

Mesmo em estados liberais, como Nova York e Califórnia, o encarceramento e a tortura de dependentes químicos são rotina. Para citar apenas um dado: o Departamento de Justiça estima que 216 mil pessoas são estupradas nessas prisões anualmente. (Esse é o número de vítimas, não de estupros, que é muito maior.) Como coloca o jornalista Christopher Glazek, os Estados Unidos devem ser a primeira sociedade na história da humanidade com mais homens estuprados que mulheres. O estupro da mãe de Chino não é um evento fora do comum na guerra às drogas, e acontece tanto com homens quanto com mulheres.

Os Estados Unidos também não estão sozinhos. Na China, os dependentes são, geralmente, enviados a campos de trabalho forçado, onde são obrigados a fazer atividades pesadas para cumprir a pena. O tratamento é desumano também na Rússia, Tailândia, na maior parte da América do Sul... A lista é grande e há um padrão. A Europa é um pouco menos dura e, mais tarde, lá eu veria um raio de esperança.

O xerife Joe Arpaio é o rosto que vende essa crueldade, mas há outras variedades de produtos baratos que vêm logo atrás e que todos compram. A guerra às drogas transformou os Estados Unidos em uma bela cidade das barracas localizada no cume de uma colina, servindo como inspiração para o mundo.

Para entender o que acontecia aos presos no Arizona, conversei com algumas pessoas que trabalham para melhorar os direitos deles no estado, incluindo Donna Leone Hamm, diretora de um grupo chamado Middle Ground Prison Reform.

Perguntei a ela uma questão-padrão: o que a deixou mais chocada em seu trabalho ao longo dos anos?

Ela, então, passou a enumerar vários casos e, no meio dessa longa lista, mencionou de passagem a história de uma mulher que acabou assada viva dentro de uma cela.

Desculpe, Donna, eu disse — podemos voltar um pouco? Fale-me mais sobre a mulher que assou dentro da cela.

Donna me encaminhou aos arquivos, e de lá parti em viagem pelos Estados Unidos para descobrir quem era essa mulher.

A prisioneira número 109 416 acordou em sua cela no complexo penitenciário de Perryville, no Arizona, e declarou que tinha pensamentos suicidas.

Era uma loira pequena dos seus quarenta anos com dentes podres e as faces chupadas, cujos pensamentos às vezes se dissolviam em uma torrente de paranoia e incoerência. Ela estava presa porque, um ano antes, um homem a abordara na rua em Phoenix e lhe prometera um saco de metanfetamina se ela chupasse seu pau. Ela aceitou, e por isso foi presa e levada até uma cela próxima do corredor da morte. Em toda a sua vida houve períodos de encarceramento, fosse por causa das drogas ou por vender o corpo para consegui-las.

Ela foi levada até a dra. Susan Kaz, que era a responsável pela prisão naquele dia. Constava nas fichas das detentas que ela tinha diagnóstico de transtorno bipolar, e sua incapacidade mental era tamanha que fora indicada uma pessoa para zelar por seus interesses. Quando a 109 416 passou um tempo no Buraco, na Cidade das Barracas, ela havia engolido uma lâmina de barbear porque — como sua ex-companheira de cela, Juliana Philips, diria — “ela queria falar. Ninguém queria conversar com ela, os guardas a tratavam como bosta. Ela só queria uma amiga”. Mas a médica concluiu que 109 416 era manipuladora e apenas queria ser transferida para uma unidade menos restritiva.

Então, os guardas levaram a prisioneira para uma cela ao ar livre no deserto. Não tinha cobertura alguma para protegê-la do sol. Não havia nada dentro da cela, nem água, nem um banco, nem uma cama. Fazia 41 graus.

A ideia era que essa cela fosse usada para deixar prisioneiros por no máximo duas horas, mas, na prática, são mantidos por muito mais tempo.

A jaula estava à vista dos guardas. A prisioneira pediu água. Os guardas riram. Um deles disse que ela era “doidona, que só queria cigarro e café”. Outro concordou e disse que ela “viajava muito”.

Ela cagou nas calças. Ninguém veio limpar.

As horas passaram e ela começou a ficar queimada do sol. Gritava. Os guardas, mais tarde, diriam que falava que “Jay-Z e Beyoncé conspiravam para matá-la”.

Uma hora, ela desmaiou, coberta de fezes. Com o rosto em contato com a areia do deserto, teve queimaduras de primeiro grau, como se tivesse se queimado com fogo. Dezesesseis guardas tiveram a oportunidade de fazer alguma coisa. Nenhum deles se mexeu.

A partir daqui a história diverge. Os guardas afirmam ter dito a ela para não deitar no chão porque era quente demais. Mas outras prisioneiras disseram que um dos guardas relatou ter sido “superengraçado” vê-la desmaiar.

As prisioneiras viram que alguma coisa horrível estava acontecendo e tentaram alertar. “Falamos que ela estava deitada lá por muito tempo sem se mexer. Vimos os guardas passando e ninguém parava”, contou a ex-companheira de cela, Juliana Philips. “Ela estava imóvel. Quem vai tirar uma soneca deitada no sol do deserto vestida com poliéster e sem uma sombra?”

Quando os guardas finalmente chamaram a ambulância, os paramédicos tentaram medir sua temperatura. O termômetro só indicava até os 42 graus, e foi essa a temperatura marcada pelo seu corpo, mas é provável que estivesse mais alta que isso. Seus órgãos internos assaram como se estivessem em um forno.

No hospital, tinham a obrigação legal de procurar a pessoa que zelava por seus interesses antes de qualquer decisão médica ser tomada, mas não procuraram. Foram as autoridades da prisão e do hospital que tomaram todas as decisões. Ela morreu pouco antes da meia-noite.

A autópsia acusou queimaduras severas pelo corpo. Seus olhos tinham ficado “tão secos quanto um pergaminho”.

Três funcionários da prisão foram demitidos logo depois disso. Nenhum agente penitenciário foi processado. Os guardas nunca falaram com a imprensa sobre o caso. Nas entrevistas transcritas feitas para a investigação oficial, alguns dos guardas em serviço negaram que tivessem zombado dela enquanto morria.

Essa é a história de Marcia Powell, de acordo com os arquivos da investigação sobre sua morte. O responsável pela prisão não é Joe Arpaio. É uma prisão estatal, e não do município: esse tipo de tratamento a dependentes não tem fronteiras, é de escala planetária. Um dos homens a cargo dessa prisão, e de outras como ela no Arizona, era Chuck Ryan, que trabalhou a vida toda no órgão responsável pelas penitenciárias de seu estado, exceto por um período no qual foi consultor do governo Bush sobre como administrar o sistema prisional do Iraque, uma experiência que culminou no escândalo de Abu Ghraib.

Ninguém sabia muito sobre a prisioneira 109 416. Ela seria enterrada como indigente até que a instituição de Donna interveio. Tiraram sua identidade na morte como o fizeram quando a prenderam naquela cela. Mas consegui encontrar, com a ajuda da ativista pelos direitos humanos dos prisioneiros Peggy Plews, o ex-namorado da detenta, Richard Husman, pai do filho dela e que mora em Springfield, Missouri. Para ele, seu nome era Marcia Powell.

Richard é um homem enorme com tatuagens de chamas de fogo cobrindo os braços, então me pareceu meio incongruente me mostrar logo a foto de uma criança. Colocou a imagem na minha frente. Eu coloquei ao lado dela todos os papéis que encontrei sobre Marcia: entrevistas com policiais, registros do tribunal e relatos sobre sua morte. Começamos a reconstruir juntos sua história.

Marcia viveu com sua mãe biológica até quase os três anos. Depois disso, passou outros três em um orfanato, até ser adotada. Alguma coisa deu errado com a família que a adotou na Califórnia. Ela nunca contou por que, mas foi “expulsa de casa aos treze anos e esteve fugindo desde então”.

Ela não tinha nenhum outro lugar para ir, fora a praia. Dormia na areia porque é quente e ninguém podia expulsá-la dali. Mas suas coisas são sempre roubadas, você precisa se lavar no banheiro do McDonald's (se tiver essa sorte) e vive com medo. As ameaças, segundo Richard, são “estupro, espancamento e morte”. Depois disso, ela ficou paranoica. Sem estudos e sem um lugar para tomar banho, não conseguiu emprego nem em um Burger King. “Ela precisou se prostituir”, contou Richard. Nesse momento, deve ter se tornado uma menina prostituta, como Billie Holiday, e as drogas passariam a servir como seu consolo.

Marcia precisava de proteção. As únicas pessoas que ela conheceu que ofereceram isso foram os Hell's Angels — a famosa gangue de motoqueiros traficantes. Richard acha que a usaram como mula porque uma menina branca e bonita não chama muito a atenção. Então, se transformou em uma “empregadinha” — uma das mulheres que viajavam com eles e faziam alguns serviços, limpava as motos e as casas. Uma amiga de Richard que o acompanhava disse que esse tipo de vida faz de você “uma escrava”. E é um esquema mafioso, não pode sair porque sabe demais.

Então Marcia aceitou esse papel em troca de um bom lugar onde poderia tomar banho e dormir, ter comida e consumir drogas. O namorado de Marcia nos Angels era um cara bem mais velho chamado Conrad Kurz, que era “muito duro, um nazista”. A casa deles era cheia de suásticas e bandeiras com o rosto de Hitler. Os dois tiveram uma filha chamada Eureka, e a bebê foi levada pelas autoridades do Arizona porque Marcia teria desenvolvido o vício em drogas. Conrad não aguentou perder a criança. Deu um tiro na própria cabeça no chuveiro.

Richard a conheceu em uma parada na estrada quando os dois estavam com pouco mais de trinta anos. Ele também faz parte dos Angels. “Ela me parou porque eu tinha a moto mais rápida... ela curti a velocidade”, conta. Imediatamente gostou dela: assava costeletas de porco e cozinhava uma refeição completa para seu cachorro. Eles foram juntos garimpar ouro — procuraram por pepitas na região dos lagos. “Teve uma época em que íamos

todos os fins de semana”, conta. Marcia adorava o contato com a natureza. A coisa que mais a deixava feliz era ficar na água.

Decidiram se estabelecer no Missouri. “Trabalhei um ano na ferrovia. Tínhamos casa, carro”, prossegue. Ele conseguiu que Marcia parasse com tudo, menos maconha. Ela começou a fazer coisas normais, cortava a grama, via TV, cultivava flores. Começou a desenhá-las, inclusive. “Ela estava muito feliz com a vida estável”, disse. Mas decidiu que precisava voltar ao Arizona para reencontrar a filha Eureka, pois ela não podia ficar sem a mãe.

Quando Marcia voltou ao Arizona, descobriu que tinha um mandado de prisão contra ela por 1,5 grama de maconha — dois baseados. A polícia a pegou, ela foi condenada, e sua pena foi um ano em prisão domiciliar. Richard vê esse momento como a grande reviravolta, quando sua estabilidade foi pelo ralo de novo. Ela tinha ficado bem por um ano, mas após sua prisão a paranoia voltou muito mais forte. Em um dia extremamente quente, teve um ataque de terror e saiu correndo pela rua, descalça. Teve queimaduras de terceiro grau na sola dos pés. Precisaram retirar pele das suas costas para colocar no lugar.

Lembrei-me de Billie Holiday e de como George White a perseguiu quando estava limpa.

Marcia e Richard tiveram um filho juntos, chamado Ritchie. Ela teve uma recaída depois da prisão e foi presa outras vezes. Richard afirma que deveria ter ficado claro para as autoridades que ela era “uma dependente... um caso para tratamento médico, não cadeia”. Ele acredita que a solução teria sido levá-la para uma clínica, dar Xanax, morfina, recuperar um equilíbrio químico. Ser respeitoso. Fazer com que ela aprendesse um ofício. Ele acha que se ela estivesse calma e se tivesse perspectiva, teria conseguido superar o vício aos poucos. Ao invés disso, foi constantemente rebaixada pelo sistema criminal. Um dia ela desapareceu dentro de uma viatura policial para nunca mais voltar.

Richard começou a viver com outra mulher e levou Ritchie de volta para viver com ele no Missouri, onde o garoto algumas vezes perguntou da mãe.

Então um dia, dez anos depois, Richard chegou em casa e ela estava em chamas. Descobriu que seu enteado havia estuprado e matado Ritchie e toda a família e incendiado a casa. Seu relato foi fragmentado, como se doesse demais contar tudo. Ele me mostra os recortes das reportagens de jornal sobre as mortes, todas com o mesmo tom desconcertante. O menino simplesmente enlouqueceu e matou todo mundo.

Richard não sabe se Marcia algum dia soube que o filho tinha morrido. Ela viveu ainda mais um ano, e ele espera que nunca tenha descoberto.

No boletim de ocorrência da prisão de Marcia Powell é possível escutar sua voz. Em 1996, ela fez sexo oral em um homem num beco em Phoenix, e um garoto de treze anos passou e viu. A polícia a acusou de atentado ao pudor contra o menor — acusação que geralmente é feita a pedófilos. A polícia anotou sua fala em um tom que parece gozador. Ela diz que o homem pediu sexo oral, mas “a vida não permitiria. Não poderíamos fazer isso por causa de um percalço na vida”. Ela então teria oferecido fazer sexo oral nos policiais que a estavam prendendo porque “há uma emergência federal! John está em apuros! Exército, Marinha, Força Aérea, Fuzileiros Navais, Forças Especiais e Guarda Nacional!”. Mas daí, de súbito, ficou novamente sã e triste. O boletim relata que declarou “não ser má pessoa, ‘não machucou o garoto nem nada’ e que não é uma ameaça à sociedade porque ‘ama as pessoas’”.

Richard apanha os relatórios que lhe estendo e fica lendo. Depois diz apenas: “Tenho saudade dela”.

Na prisão, observando o deserto, Marcia falaria em um tom delirante sobre a natureza. “Ela tinha umas crenças pagãs, que as árvores têm o mesmo DNA que a gente”, sua ex-companheira de cela, Juliana Philips, me contou. Marcia dizia que “tudo o que existe tem alma e é nosso irmão. Nós contaminamos a água, as pessoas não podem beber a água. Nós bebemos a da garrafa, mas os esquilos, vacas, cachorros, gatos e búfalos ainda beberão daquela água contaminada e ficarão envenenados”.

Richard afirma que “se o Arizona não tivesse colocado ela em cana por 1,5 grama de maconha, estaríamos ainda em Illinois. Eu estaria fazendo vinte anos de ferrovia. Tínhamos uma boa casa, um jardim enorme. Ela seria uma mãe, as crianças estariam grandes. Ritchie teria dezoito anos. Talvez meu filho ainda estivesse vivo se não fosse por um tiquinho de maconha”, ele diz. Talvez seja apenas uma história confortável que ele conta, já que Marcia tinha tantos problemas. Mas pode ser que seja verdade. Pode bem ser que a condenação tenha tirado dela a possibilidade de viver normalmente.

Para Richard parece que o pior de tudo é que gozaram da loucura dela enquanto morria. “Fizeram piada dela porque era doente.” Richard me dá a fotografia de Ritchie e me pede que dê um jeito de colocá-la no túmulo de Marcia. “Para ela saber que não era uma criminosa porque produziu anjos.”

Muitos dos agentes penitenciários que colocaram Marcia Powell em uma cela exposta ao sol no deserto e ignoraram seus gritos estão até hoje em atividade.

* A todo lugar a que vamos/ Todos querem saber/ Quem somos nós/ Então respondemos/ Somos a *chain gang*/ A única *chain gang* de mulheres. (N. T.)

** Estamos envergonhadas/ Perdemos o rumo de nossas vidas/ Voltaremos para a tranca/ Não estamos com nossos filhos/ Perdemos a esperança/ Paramos com a droga. (N. T.)

*** Vestimos roupas listradas/ Eles estão de marrom [os guardas]/ Andamos acorrentadas com eles por perto/ Não ousamos correr, não vamos nos esconder/ Não ouse discutir com eles/ porque têm *tasers* na cintura. (N. T.)

9. O Anjo de Juárez e Bart Simpson

A brisa de Ciudad Juárez tocava nas asas de um anjo de 2,5 metros, com sua pele prateada reluzindo ao sol. Ele olhava para baixo, para mais um corpo no chão. Era um jovem de vinte anos. Ele caminhava pela rua do lado da sua casa, na cidade mais perigosa do mundo, quando os atiradores apareceram. O anjo viu as feridas das balas, o sangue jorrar e o choro de dois familiares quando chegaram à cena do crime. O anjo segurava uma mensagem. Era para os assassinos — aqueles que massacraram mais de 60 mil pessoas no México em apenas cinco anos. Era dirigida nominalmente a Chapo Guzmán, o grande chefe. Aos Zetas, seus rivais mais malucos. À polícia. Ao Exército.

O TEMPO É CURTO, dizia a mensagem. PEÇAM PERDÃO.

Juan Manuel Olguín cresceu em Ciudad Juárez, localidade que fica na fronteira mexicana com El Paso, no Texas, enquanto a guerra às drogas a transformava no lugar mais letal do planeta. Eu o conheci algum tempo depois daquela morte, em uma noite de quinta-feira de 2012, em Juárez, quando estava com suas asas.

Eu acompanhei por anos os dados da guerra entre gangues do México, mas eles não me diziam muita coisa. Sabia que a estimativa mais otimista era que — vou repetir a cifra — 60 mil pessoas tinham sido mortas em cinco anos. Que 90% da cocaína consumida nos Estados Unidos passava por ali. Que os cartéis de drogas mexicanos fazem entre 19 bilhões e 29 bilhões de

dólares apenas vendendo para os vizinhos norte-americanos. Mas as histórias pessoais que ouvi eram tão extremas que não conseguia conectá-las à guerra às drogas. Todas elas pareciam ser de um sadismo tão inimaginável — decapitações postadas no YouTube, mulheres grávidas despedaçadas com garrafas — que não pareciam reais.

Foi por isso que em uma manhã de julho fui até Ciudad Juárez a partir dos Estados Unidos, passando sobre o Rio Grande. A ponte estava obstruída por carros e vendedores. Havia mulheres sentadas no chão, mendigando nas duas línguas. Os agentes de fronteira mexicanos não quiseram ver nada do que eu levava. Só me mandaram atravessar fazendo um sinal com a mão.

Uma das primeiras coisas que vi foi uma placa. TOUR PELO CENTRO HISTÓRICO DE JUÁREZ, dizia, com flechas apontando na direção dos lugares que eram famosos na época em que a cidade tinha uma das melhores vidas noturnas da América do Norte. Foi aqui que Billie Holiday tomou um porre e foi presa, e ela foi apenas uma entre milhões de norte-americanos que foram para lá se divertir. O caminho estava repleto de cartazes. VOCÊ VIU ELA?, perguntavam os avisos com fotos sorridentes de jovens mulheres. Uma delas estava de batom e cachecol colorido e chamou minha atenção. Tudo o que Juárez tem hoje são essas ausências. As atrações turísticas foram todas interditas ou incendiadas.

Meu anfitrião, Julián Cardona — correspondente da agência Reuters em Juárez —, deu uma volta de carro comigo para eu me ambientar. Enquanto a Manhattan de Arnold Rothstein é vertical e se ergue para o céu, essa cidade mexicana é espalhada horizontalmente e se confunde com o deserto. O centro é exatamente como o de qualquer fim de mundo norte-americano: tem um Wendy's 24 horas que fica ao lado de um shopping no qual se toca o tema de *Titanic* em versão flautas andinas enquanto as pessoas compram enormes televisões de tela plana. Ao seguir pela ampla autoestrada de oito pistas para fora dos limites do município, as fachadas das casas e das lojas denotam abandono. Quando se pensa que se chegou ao limite de Juárez, há

mais uma aglomeração de residências e lojas, e só depois as dunas de areia tomam conta da paisagem.

Mas, antes de Juárez se esvaír, fui encontrar os anjos.

Quando tinha onze anos, Juan começou a ver seus amigos entrarem para o tráfico e sumirem. As quadrilhas estavam em guerra para controlar a rota mais importante do tráfico de drogas para os Estados Unidos. Os cartéis preferem os mais novos: eles não entendem direito o que é a morte, por isso sentem menos medo. O melhor amigo de Juan entrou pelo dinheiro e para finalmente sentir que fazia parte de alguma coisa. Juan, na confusão dos hormônios, também pensou em entrar para um cartel. Para variar, teria dinheiro e alguma chance de fazer algo pela família, que estava afundada no alcoolismo e nas drogas. Mas, com pessoas sendo mortas por todos os lados, casas sendo incendiadas e lojas sendo abandonadas em todos os cantos, ele fez uma escolha diferente. Contou que aos dezesseis “decidiu ser um anjo”.

No início, as pessoas corriam das cenas dos crimes cheias de pavor. Depois, começaram a parar e a olhar. Em seguida, apenas passavam caminhando, como se não fosse nada. Em Juárez, isso já era normal. Elas treinavam não ver, como que amputando a parte do olho que consegue captar os corpos desmembrados.

Mas Juan e seus amigos adolescentes se recusaram a viver em uma cidade onde homicídios eram ignorados. Mesmo que todos os adultos que se manifestaram contra os cartéis, o Exército ou a polícia tenham sido mortos, ele e seu grupo da igreja decidiram ir até os locais dos crimes para protestar. Fizeram fantasias de anjos com asas de dois metros com plástico e plumagens. Cobriam sua pele de tinta prateada e subiam em um banquinho alto. As vestes longas cobrem todo o corpo deles e também o banquinho, então o anjo parece gigante, como se tivesse acabado de descer do céu. É difícil de descrever, parece uma alucinação. Esses meninos seguram cartazes com mensagens contra os assassinos mais cruéis da Terra nos locais onde acontecem os assassinatos.

Na noite em que conheci Juan, após uma tempestade de verão, ele estava indo para um acastamento à meia-noite para segurar seu cartaz. Ele me convidou para ir junto. Duas jovens iam atrás dele, carregando suas asas para que o vento não o detivesse. Quem passava de carro parecia atônito, perplexo e assustado.

“Eu não tenho medo. Se eu for morto ou se alguma coisa acontecer comigo, é porque fiz algo bom pela cidade. Falei para minha mãe se orgulhar de mim se algo acontecer”, disse Juan. Ele e seus amigos foram traídos pela geração que promove a guerra, segundo acredita: “Vamos mostrar a eles, através do exemplo, que queremos uma sociedade melhor”.

A maioria das pessoas em Juárez acha incrível que os anjos ainda não tenham levado um tiro. Dizem que é uma questão de tempo.

Arnold Rothstein tinha o sonho de uma Nova York onde o império da lei estivesse enfraquecido para que as únicas autoridades fossem criminosos como ele. Queria estabelecer o poder pela força e comprar os últimos fragmentos de Estado para poder usá-los também como armas. Ele nunca conseguiu realizar esse sonho. A bala chegou cedo demais. Mas seu sonho acabou virando realidade.

Eu queria entender o que isso significava para pessoas reais vivendo suas vidas reais. Essa é a parte da guerra às drogas mais distante de mim, pois vivo tranquilo em Londres. Mas começava a achar que estávamos todos conectados em uma rede global. O impulso de reprimir tinha gerado tudo aquilo, porém eu queria ver como isso acontecia.

Conheci muitas pessoas no norte do México, mas as que me fizeram compreender melhor o que ocorria foram três adolescentes. Um anjo, um assassino e uma garota apaixonada.

Assim como tive Chino para me explicar como era a vida dentro de uma gangue de traficantes, queria saber como era fazer parte de um cartel, mas todo mundo me dizia que era impossível. Os cartéis matam todo mundo que conversa com quem é de fora. São as pessoas mais paranoicas e cheias de

segredos do mundo. E, então, eu soube de uma pessoa, a única que conseguiu sair e que continuava a falar.

Escrevi para o Serviço Penitenciário do Texas. Depois de uma longa espera, me disseram que eu tinha meia hora. Quando cheguei a Tyler County, na região rural do Texas — uma enorme penitenciária de concreto e arame farpado —, uma guarda sorriu para mim. “Gosto do seu sotaque”, ela me disse, com seu jeito texano, “pode ficar quanto quiser.” Fui levado para dentro da prisão por outra guarda, até que estava num recinto amplo e cinza com uma parede de vidro na minha frente. Do outro lado, havia algumas celas brancas pequenas.

A guarda me disse: “Ficarei por perto, não posso deixá-lo sozinho”, e então saiu.

Por detrás de uma das celas, a porta se abriu e ele entrou, pequeno e ágil. Parecia um nerd que me apresentaria seu mais novo projeto científico. A única coisa que destoava dessa impressão eram suas tatuagens ao redor dos olhos — chamadas brilhantes dominavam todo o seu rosto.

“Então, qual é?”, disse, me olhando de cima a baixo. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, completou: “Em primeiro lugar, quero saber: o que você sabe sobre mim? É o que eu quero saber”.

Ele tinha uma voz baixa. Eu disse que sabia que estava preso porque era um integrante dos Zetas desde os treze anos. Ele assentiu.

Perguntei a Rosalio se poderia colocar um gravadorzinho entre nós. Havia um buraco no vidro e foi onde o coloquei com a luz vermelha ligada. Rosalio começou a falar. Depois de cada informação perguntava, nervoso, o que eu achava e se faria uma boa imagem dele. Era quase um apelo. Ele tinha passado muito tempo sozinho, na solitária. Conversamos por quatro horas. Esta é sua história, da forma como consegui construir a partir do que me contou e com alguma ajuda dos registros policiais.

Em 2005, Rosalio Reta estava em um acampamento de férias como qualquer garoto texano de sua idade. Tinha treze anos, cabelo arrepiado e

seu apelido era “Bart”, pela semelhança física com o personagem do desenho *Os Simpsons* e por andar de skate. Ele também gostava de Power Rangers, pop alternativo e Nintendo 64, especialmente os jogos *Zelda* e *Donkey Kong*. No acampamento, estava aprendendo coisas úteis das quais se recordaria pelo resto da vida. Só que nesse acampamento você não aprende a andar de canoa, cantar ou a fazer uma fogueira.

Ele lembra muito bem que aprendeu a técnica da decapitação. “Teve vezes em que vi eles usarem uma serra. O sangue jorra para todo lado. Quando atinge a jugular” — estala os dedos — “o sangue vai para todo lado. Eles colocam a cabeça bem ali. Ela continua se mexendo, fazendo caretas. Você vê os nervos dentro do osso, está tudo se mexendo. Como se estivesse com vermes. Eu vi se mexer quando cai no chão. Se faz uma cara de grito, às vezes fica daquele jeito. Às vezes, relaxa.”

O acampamento ficava nas montanhas do México, e Rosalio ficou seis meses lá, para se transformar numa máquina de matar. “Eles ensinam tudo, como se fosse um campo de treinamento militar. Você aprende a atirar, como se localizar... todos os tipos de explosivos, revólveres e pistolas, rifles, luta corpo a corpo”, contou. O lema do acampamento é: “Se eu recuar, me mate”. Com essas habilidades, matou mais gente do que consegue contar. Os assassinatos atingiam uma escala industrial, jogou granadas em boates lotadas e atirou em um homem na frente do seu filho pequeno e da mulher grávida.

Alguns anos antes da sua ida ao acampamento, o governo dos Estados Unidos decidiu treinar uma força de elite no México para combater as drogas. Os Estados Unidos levaram o grupo para Fort Bragg, a fim de proporcionar o melhor treinamento, serviço de inteligência e equipamento militar oriundos do 7º Grupo das Forças Especiais norte-americanas. Seu lema era: “Nem mesmo a morte pode nos parar”. Assim que o curso caríssimo acabou, eles tinham aprendido tudo o que podiam e receberam todas as armas que quiseram. Daí, quando voltaram para casa, desertaram em massa para trabalhar para os traficantes. Esses desertores começaram a

se chamar Zetas. É como se os fuzileiros navais desertassem das Forças Armadas dos Estados Unidos para ajudar a gangue dos Crips a tomar, com sucesso, a cidade de Los Angeles.*

A cidade de Rosalio, a desértica e poeirenta Laredo, no Texas, fica bem ao lado de Nuevo Laredo, no México. Ele conta que “todo cartel quer aquela rota. É um dos maiores pontos de travessia entre uma fronteira e outra. É um local cheio de comércio. Então, todo mundo briga pela Interestadual-35”. Se o cartel domina aquela estrada, controla um fluxo de bilhões de dólares. Se seus inimigos a controlam, podem tirar seu meio de subsistência. É a receita para criar uma guerra.

Há duas histórias diferentes sobre como Rosalio se tornou um Zeta. Tem a que ele contou para a polícia quando tinha dezesseis anos e a que relatou para mim, aos 23 anos. Não tenho como saber qual delas é mais precisa, então apresento as duas para que você decida.

O que sabemos com certeza é que ele cresceu em uma casa de madeira com base de cimento, sua mãe era cabeleireira e o pai era um imigrante ilegal que trabalhava na construção civil. A família tinha dez filhos. Laredo é uma das cidades mais pobres dos Estados Unidos, um lugar onde, como ele coloca, “se você não é policial, é traficante. Se não é traficante, trabalha para o cartel. É tudo o que dá para fazer lá”. Ele falou também: “Muitas pessoas [nos Estados Unidos] querem ser advogados, juízes, bombeiros, policiais. Lá [na fronteira com o México], os Zetas são idolatrados. As crianças dizem: ‘quero ser um Zeta quando crescer’”.

Mas ele insiste: “Não era muito pobre. Minha mãe e meu pai trabalhavam, tínhamos o que comer todo dia. Éramos normais. Uma família”. Tinha dois amigos com os quais passava o tempo todo junto: Jesse e Gabriel. Eles jogavam bola, andavam pelo lago, jogavam video game. Durante toda a sua infância, atravessava a fronteira. Refrigerantes e guloseimas eram mais baratos em Nuevo Laredo, então ia bastante para lá com os amigos. Quando era adolescente, o apelo eram as baladas, onde podia entrar mesmo tendo

apenas treze anos. Por isso, ele, Jesse e Gabriel passavam muito tempo lá. E é aqui que a história começa a ficar confusa.

Quando Rosalio foi interrogado pela primeira vez pela polícia, tinha passado três anos vivendo como um Zeta, um mundo no qual a cultura do terror foi levada ao extremo. Nas fitas, ele aparece sorridente e arrogante, procurando impressionar os policiais com seus assassinatos. Contou a eles que tinha treze anos quando soube de um cara que dominava aquele território: Miguel Treviño. Ele não era ninguém e acabou se tornando o líder dos Zetas. Como Arnold Rothstein, era um tipo baixinho, anônimo, que não bebia ou usava drogas, vestia jeans e camiseta do Walmart. Mas era o rei da cidade, pois controlava o tráfico, os militares e a polícia. Rosalio queria aquilo. Encontrou com ele e ofereceu sua lealdade a qualquer custo.

Contudo, existe uma história diferente sobre como entrou para esse mundo. Ele me contou que seu amigo tinha um irmão mais velho que trabalhava no cartel e, um dia, eles foram comer em Nuevo Laredo. O irmão recebeu um telefonema e disse que precisaria cuidar de uns negócios, então Rosalio se escondeu na parte de trás do carro porque estava curioso. Quando chegaram, percebeu que estava em uma das propriedades onde Miguel Treviño resolvia seus problemas e viu coisas demais.

Depois, as duas histórias voltam a convergir. Em ambas as versões, a fazenda era um típico local de trabalho dos Zetas. Havia cerca de trinta pessoas amarradas. Elas foram colocadas em barris de gasolina e queimadas até que restassem só as cinzas. Do outro lado, eram “cortadas em pedaços”. Os Zetas, em geral, torturam outras gangues, ou qualquer pessoa que os irrite, para, antes de matar, descobrir “esconderijos, rotas, para quem trabalham, o que fazem. Depois de mortos, são queimados quando se faz o *guiso* (ensopado) — mexem o corpo até ele dissolver”.

Foi nesse momento que Rosalio cometeu seu primeiro assassinato. “Não olhei o rosto dele. Estava amarrado, ajoelhado, com as mãos e os pés atados. Todos ali estavam chorando, implorando para não ser mortos. Alguns nem

diziam mais nada porque sabiam que todos estavam ali para morrer”, recorda.

Pegou a arma e deu um tiro na cabeça da vítima. Nunca descobriu quem era.

O Rosalio de dezesseis anos, recém-saído do convívio com os Zetas, disse aos policiais que adorou a experiência: “Eu me senti o Superman. Amei fazer aquilo, matar minha primeira pessoa. Eles tentaram tirar a minha arma, mas era como tirar doce da mão de uma criança”. Ele contou ainda que se oferecia para matar: “Era como um jogo do James Bond. Qualquer um pode fazer, mas nem todo mundo quer. Alguns têm a cabeça fraca e não aguentam carregar isso na consciência. Outros dormem tão bem quanto um peixe”. Ainda acrescentou: “Eu gosto do que faço, não nego isso”.

O segundo Rosalio, o que está detido numa prisão do Texas, disse que isso era um monte de asneira, dita em um momento de loucura “porque, depois de muito tempo, eu estava seguro. Estava vivo. Consegui voltar vivo do México. A maioria das pessoas que eu conhecia estava morta. Aqueles com que eu me importava, com quem cresci já estão mortos. Eu estava vivo. Saí vivo. Depois de quase morrer por um triz...”.

Disse que, na verdade, não gostou do que fez. Começou a matar naquele dia porque sabia que, depois de ver a fazenda, não o deixariam sair como uma testemunha. Tinha que participar ou morreria. Daquele momento em diante, “fui obrigado a fazer o que eles queriam. Tem que fazer, quer queira, quer não. Simples assim. Era matar ou morrer”.

Foi assim. A bala que ele disparou fez com que se tornasse um dos Zetas. “Não importa se você entra de vontade própria ou forçado; quando se está dentro, está dentro. Não tem volta”, disse. “Quer eu goste ou não, essas pessoas me transformaram em um dos seus soldados, para obedecer a suas ordens”, acrescentou.

Esse relato foi confirmado anos depois por uma investigação da polícia norte-americana. Rosalio é o caso raro de alguém que entrou para um cartel mexicano e conseguiu sair vivo. Por três anos, trabalhou diretamente para

Miguel Treviño. Ele era um paramilitar vivendo em esconderijos, ao lado do chefão, matando ao seu comando. Treviño e os Zetas chamam meninos como Rosalio, Jesse e Gabriel de Mercenários.

“Tudo aconteceu tão rápido, desde aquele primeiro dia. Dali em diante, tudo foi...” — Rosalio faz o som de “*pppp*” com a boca. — “Foi quando soube que já tinha passado a fronteira, estava em um mundo diferente.”

Ele não contou aos pais, porque estava convencido de que, se abrisse a boca, eles seriam mortos. Não contou a ninguém.

Quando o conheci, ele evitava dizer o nome de Treviño. Ele me disse: “É melhor nem falar dele”. Ainda insiste: “É melhor nem falar dele. Ele não tem limites. É por isso que muita gente não fala dele. Especialmente no México. Todo mundo tem medo até de dizer o nome dele”.

Pouco a pouco, no entanto, ele mostrou que Treviño é um homem que só pensava em dinheiro e que faria de tudo para consegui-lo, como Rothstein. Apesar de a violência ser mais extrema, seguia a mesma lógica ditada pela proibição. Ele conquistou o mercado com violência e o mantinha pelo terror. Suas matanças nunca eram aleatórias, mesmo quando eram psicóticas. Era tudo encenado, segundo Rosalio, com o objetivo de “intimidar. Os cartéis rivais. Decapitações em vídeo mostram que eles estão falando sério. Não estão brincando”.

Ele estava absorvendo as mesmas regras que Chino aprendeu na sua esquina, em um cenário mais extremo. Você precisa ser muito terrível para ninguém pensar em sacaneá-lo. Em Brownsville, isso quer dizer dar umas chicotadas e disparar uns tiros. Em Nuevo Laredo, cortar cabeças e queimar pessoas. Rosalio recebeu ordens de realizar uma série de assassinatos que tinham como alvo os cartéis rivais ou qualquer um que estivesse no caminho dos Zetas.

A cada dia, “não dava para saber o que iam fazer. Talvez quisessem torturar alguém até a morte, afogar, enforcar, desmembrar ou queimar alguém vivo. Não dava para saber o que iam fazer. Dependia de como estavam se sentindo”. Ele acrescentou: “Todo dia era igual. Matavam gente

todos os dias. Não havia um só dia em que não matavam, torturavam ou queimavam alguém vivo. Essa era a rotina. Essa é a vida deles”. Quando recebia a ordem para matar, não sabia nada sobre a pessoa nem o que havia feito. Só tinha de garantir que ela morreria.

Os cartéis mandam recados escritos na forma de carne humana. Eles têm um código conhecido por todos. Se você trair o cartel, eles atiram no pescoço. Se falar demais, o tiro é na boca. Se for um espião, leva um tiro na orelha. Cada parte do corpo é um quadro de avisos, mostrando que o seu cartel é o mais sanguinário.

Seus amigos Jesse e Gabriel começaram a trabalhar com ele para os Zetas. Ele não diz como isso aconteceu, mas as investigações confirmam o envolvimento deles. Não fica claro se foi ele quem os levou até o grupo. Mas o que estava se tornando claro é que aquilo “não era mais um jogo”.

Como precisavam ficar muito tempo acordados, às vezes uma semana inteira, às vezes duas, começaram a usar cocaína. “Todo mundo usava, e eles davam para a gente... Tínhamos de ir de um lugar a outro, então não podíamos dormir”, conta. Em determinado momento, Gabriel tatuou globos oculares nas pálpebras, então parecia que estava sempre acordado. E era isso que tinha que fazer se queria se manter seguro. Na casa de Treviño, “havia muita gente lá para cuidar do lugar, vigiando e coisas assim. Se encontravam rivais, chamavam todo mundo para o tiroteio”. Todo mundo tinha medo de todo mundo. Depois de um tempo, “eu não podia confiar neles. Nunca dava para saber se um deles ia tentar matar você pelas costas. Vi isso acontecer tantas vezes. Tem muita gente trabalhando para eles e, se alguém não gosta de você, ou se estiver no lugar errado, eles vêm por trás e matam você. As mesmas pessoas com quem você trabalha podem fazer isso”.

Todos sabiam que era só Treviño dar a ordem para matar que a pessoa desaparecia.

Ele ligava para a mãe de vez em quando apenas para dizer que continuava vivo. Não falava o que estava fazendo.

Os piores pesadelos não são aqueles em que você morre. São aqueles nos quais você é o assassino.

Mas no meio do terror havia algumas vantagens. “Eles jogavam dinheiro. Você tinha tudo o que queria.” Treviño fazia sorteios nos quais você podia ganhar um Mercedes novo. Havia mulheres sempre que quisesse, assim como cocaína. Rosalio tinha um rendimento fixo de quinhentos dólares por semana como adiantamento e ganhava muito mais por trabalhos maiores: 375 mil dólares por matar, aos quinze anos, um dos sócios de Chapo Guzmán. Esquecendo por um momento a história de que foi forçado a entrar para o cartel, Rosalio disse que, quando começou a receber essas recompensas, “não tinha que fazer nada. Mas quando você é atraído, é como se fosse uma armadilha”. Quando se dá conta do que disse, acrescenta rapidamente que falava dos seus amigos, não de si mesmo: ele foi forçado, insiste, foi forçado.

Às vezes, eles viviam em uma casa luxuosa do lado norte-americano, em Laredo. Gabriel ficava com a namorada. Rosalio e Jesse passeavam pelos seus bairros da infância e pelo lago, como costumavam fazer. Perguntei a Rosalio por que os cartéis usavam garotos norte-americanos em vez de mexicanos. “Por causa do acesso fácil aos dois lados da fronteira”, me respondeu. Mas qual seria a vantagem se matavam do lado mexicano? O que vocês faziam nos Estados Unidos para eles? “Não quero falar sobre isso. Tem muita coisa sobre a qual não quero falar.”

Mais tarde, quando escutava a gravação dessa entrevista sem parar, eu me voltava ao trabalho do sociólogo francês Philippe Bourgois, que me ajudou a compreender a história de Chino. Com a proibição, ele explica, se você é o primeiro a abandonar um princípio moral, ganha uma vantagem competitiva sobre seus rivais e um controle maior do mercado. Então, os Mercenários são enviados para matar não apenas os membros dos cartéis inimigos, mas também seus familiares.

Uma conversa entre Rosalio e Gabriel foi grampeada pela polícia. Gabriel contou como sequestrou dois adolescentes, primos de um rival. “Eles

morreram sozinhos por causa da surra que levaram”, ele contou. “Eles simplesmente morreram. Você tinha que estar lá. Devia ter visto o Pancho, cara. Ele chorava como uma bichinha. ‘Não, cara, sou seu amigo.’ ‘Que amigo, filho da puta? Cala a boca!’ E *pum!* Peguei a garrafa e abri a barriga dele. E *pum!* Ele estava sangrando. Peguei um copo! *Pum! Pum!* Enchi de sangue e *pum!* Daí fui de novo para cima dessa bicha e o cortei com o copo.” Rosalio riu. A polícia local se livrou dos corpos para Gabriel.

Rosalio disse depois: “Eu matei pessoas enquanto estavam amarradas e imóveis, mas não tem graça. Prefiro perseguir os meus alvos, caçá-los e, quando sei como se movimentam, eu as pego por trás, olho bem nos seus olhos e aperto o gatilho — esse é o barato”.

Se você é o primeiro a matar os familiares dos seus inimigos, incluindo suas mulheres grávidas, ganha uma breve vantagem competitiva: as pessoas ficam tão apavoradas que cedem parte do mercado. Então o outro lado faz a mesma coisa, e essa acaba se tornando uma prática comum. Se você é o primeiro a decapitar pessoas, ganha uma vantagem competitiva por um tempo, até o outro cartel fazer o mesmo. Se você é o primeiro a cortar a cabeça das pessoas e filmar para colocar no YouTube, tem uma pequena vantagem competitiva, para, em seguida, o outro cartel seguir esse exemplo. Se você é o primeiro a espetar cabeças humanas em estacas e exibi-las em público, ganha uma breve vantagem competitiva, até ser repetida por todos os cartéis. Se você é o primeiro a decapitar a pessoa, cortar sua cara e a costurar em uma bola de futebol, ganha uma breve vantagem. E por aí vai.

A proibição, Bourgois explica em sua obra, cria um sistema no qual a violência mais insana e sádica tem uma lógica funcional. Ela é obrigatória. E é recompensada.

No meio de toda essa matança, Rosalio e seus amigos nunca tiveram preocupação com a polícia. Rosalio começou a notar isso desde o primeiro dia em que trabalhou para Treviño. Carolyn Rothstein contou que seu marido, Arnold, em geral falava que “provavelmente o melhor emprego

público para ele seria o de comissário da polícia de Nova York”. Foi o que Treviño conseguiu.

Em todos os lugares para onde ia no México, Rosalio percebeu que a polícia era comandada por Treviño. “Agora não tem polícia. Tudo estava sob controle dele. Os militares. A polícia. Todo mundo”, disse. Ele subornava os policiais, andava para todo lado com 2 milhões de dólares em espécie, caso fosse necessário fazer algum pagamento de última hora. Caso isso não funcionasse, “eles sabiam que, se algo desse errado, acabariam mortos, então saíam do caminho”. Tanto que “a polícia escoltava a gente para realizar alguns assassinatos. Sequestrava pessoas e as entregava para o cartel”. Os homens de Treviño iam até o topo da hierarquia estatal mexicana. “Podiam estar trabalhando para o presidente de dia, mas de noite eram do cartel.”

Como essas quadrilhas conseguiram tomar o México, mas o mesmo não aconteceu com os Estados Unidos? Para compreender isso, pensei na proibição das drogas como o fluxo de um rio sendo direcionado para inundar uma cidade. Se a enchente passa por um prédio alto, pode erodir as paredes e quebrar algumas janelas. Mas se inundar uma casa de madeira, a água vai levar a estrutura inteira. No México, as bases da lei e da democracia são feitas de madeira — o país foi governado por um partido durante setenta anos até 2000 em uma espécie de regime semiditatorial, então não existe ainda uma cultura de que a lei deve ser construída em conjunto com os cidadãos e que todos devem obedecer a ela. O rio está correndo com muito mais rapidez e levando muito mais água em relação ao seu entorno: acredita-se que entre 60% e 70% da economia de Juárez seja mantida com lavagem de dinheiro do narcotráfico, enquanto o dinheiro das drogas representa uma fração bem menor da economia norte-americana.

Não há nada que consiga parar uma força assim.

Rosalio estava em um bosque. Ele podia ver isso, ainda que não conseguisse vislumbrar muito mais. Um olho estava fechado por causa do inchaço; só podia ver um pouco através do inchaço do outro.

Sua garganta estava sangrando.

Os homens de Treviño tentaram abri-la. Eles cortaram várias outras partes do seu corpo, e ele terá as cicatrizes desse ataque pelo resto da vida.

Então Rosalio correu.

Mais uma vez, existem duas versões da história sobre como chegou até ali, com a garganta cortada no bosque.

A primeira, que foi veiculada no documentário televisivo norte-americano *Nothing Personal*, é que depois de ter sido treinado para ser um assassino, os cartéis perderam controle sobre ele. Ele estava saindo das rédeas de Treviño e matando por conta própria. Eles o mandaram para matar um integrante de um cartel rival em Monterrey e, em vez disso, jogou uma granada em uma boate, matando quatro pessoas e ferindo outras 24. O sadismo dos cartéis é muito hediondo, mas tem sempre um propósito. Mortes aleatórias criam uma distração que eles não toleram.

A segunda história veio do próprio Rosalio. Depois de três anos, “não conseguia mais viver com essas pessoas me dizendo o que tinha de fazer, quem eu devia matar, aonde devia ir, como devia dormir, como cuidar de mim mesmo. Não posso viver o resto da vida assim. Não posso viver com medo de ser morto por eles. Tinha que parar de uma forma ou de outra”. No passado, ele viu pessoas levarem tiros e serem deixadas em paz, para seguirem com sua vida fora do cartel. Então, em um momento de desespero, aos dezesseis anos, resolveu dar um tiro em si mesmo.

Ele puxou a perna da calça e me mostrou a cicatriz. Era grande e feia. Alguns dos nervos foram destruídos: ele não sente muita coisa ali. Depois de se dar o tiro, injetou anestésico e limpou a ferida com uma técnica aprendida no acampamento. “Perdi um bife da perna, então pedi que alguém me ajudasse a costurar. Limpei, tomei antibiótico.” No primeiro dia, não sentiu muito. Mas no segundo...

Não funcionou. “Disseram para eu tratar o ferimento e me cuidar sozinho”, contou. Logo depois, o enviaram para uma missão na casa noturna em Monterrey. Mas ele não conseguiu realizar o trabalho. Não podia mais

matar. Já estava farto daquilo. “Não aguentava mais aquele estilo de vida.” Foi por isso que se voltaram contra ele.

Rosalio não conta como escapou dos degoladores. Mesmo depois de ter sido preso, não relatou como foi sua fuga. “Ninguém sabe o que aconteceu. Eu só tive de lutar pela minha vida, não ia deixar ninguém me matar”, disse.

Mas o que poderia fazer? Sabia que no México, mais cedo ou mais tarde, os Zetas iriam encontrá-lo e fariam com ele exatamente o que tinham feito com tanta gente nos três anos anteriores. Então, ligou para a polícia de Laredo e disse ter informações. Em 48 horas, estava de volta aos Estados Unidos. “Eu não queria morrer, não queria que minha família morresse por um erro que cometi aos treze anos. Não fui pego. Eu me entreguei. Nenhum policial foi me prender. Eu me entreguei. Só queria que aquilo acabasse. Não quero mais viver aquela vida. Não podia mais continuar daquele jeito”, afirmou.

Ele tomou a decisão certa. Anos depois, foram apresentadas como provas no tribunal as fotos do que foi feito com seu melhor amigo Jesse não muito depois de sua fuga. Rosalio viu as imagens: “Ele estava cheio de buracos. Foi esfaqueado em todo o corpo. Pescoço, cabeça, rosto, peito, braços, tinha um buraco bem na cabeça”. Rosalio parecia realmente comovido ao descrever o que tinha visto, talvez pela primeira vez durante nossa conversa.

“Ele ainda era um ser humano”, diz. “Ainda era meu irmão.”

Pelas mortes que cometeu do outro lado da fronteira, Rosalio está cumprindo duas penas de prisão perpétua consecutivas em uma penitenciária do Texas. Será solto quando já tiver passado dos oitenta anos, se viver até lá, o que é improvável. Quando passei pelo arame farpado e pelos detectores de metal para vê-lo, as guardas me disseram, alegremente, que “não seria nada para eles [Zetas] pegá-lo dentro da prisão”.

Um ano antes de conhecê-lo, dois outros presos pegaram Rosalio, esfaqueando-o três vezes nas costas e uma na cabeça. Ele me mostrou as cicatrizes. Seu corpo apresenta uma topografia complexa, em que cada ferida ou cicatriz marca fases diferentes da vida dele. Sua carne rasgada

conta a própria história da guerra às drogas. Acredita que tentaram matá-lo porque uma de suas vítimas era integrante da facção deles, então eram obrigados a vingá-lo. Agora, para sua própria segurança, está em “segregação administrativa”. As guardas dizem que “é igual à solitária, mas não a chamamos de solitária”. Rosalio explicou: “Você fica o tempo todo em um quarto. Não pode ir para lugar nenhum nem fazer nada... Só ficar na cela. Sozinho. Já estou assim há um ano”. Ele não pode fazer ligações telefônicas nem conversar com ninguém. “Do jeito que estou sendo tratado agora, às vezes acho que teria sido melhor ter deixado que me matassem.”

Ele provavelmente vai viver assim o resto da vida, numa espécie de quarentena eterna da humanidade. Está convencido de que os cartéis podem matar sua família e qualquer pessoa com quem converse.

“O que faz pensar que eles não vão pegar você?”, disse. “Você quer sentar aqui e dizer o que eles não podem fazer. Mas eles podem fazer qualquer coisa. Você não faz ideia do alcance dessas pessoas. O tipo de contato que elas têm. Quem recebe suborno delas. Você não viveu essa vida. Eu vivi. Sei do que são capazes. Sei até onde vão só para matar alguém. Eu vivi essa vida, não você.”

Ele pensa obsessivamente sobre o dia em que puxou o gatilho aos treze anos. Admite e discute abertamente todas as coisas que fez para os Zetas, mas passa mais de quatro horas tentando me convencer, em uma voz cheia de arrependimento e dor, de que fala a verdade ao dizer que foi forçado a matar pela primeira vez.

Agora me dou conta de que deveria ter dito que não foi aquele momento que selou seu destino. Foi o instante em que a guerra às drogas foi lançada. Não sei se ele teria entendido.

Claramente, Rosalio foi um adolescente perturbado, e teria sido assim não importa qual fosse a política de drogas. Mas foi a guerra às drogas que incentivou, alimentou e sustentou o desenvolvimento dessa perturbação, cultivando-a com dinheiro do tráfico. Mate e você vai receber muita grana, mulheres e carros. Foi a guerra que permitiu ter treinamento paramilitar

para realizar assassinatos eficientes. E foi a guerra que esvaziou a polícia mexicana para que pudesse continuar a matar com impunidade.

“Todo mundo que eu conhecia está morto”, me contou Rosalio, em um tom mais de choque do que autocomiseração. “Todo mundo com quem eu saía, estão todos mortos.”

Alguns meses depois de ter conhecido Rosalio, quando estava de volta a Nova York, a imprensa internacional noticiou que Miguel Treviño tinha chegado, por intermédio do extermínio de seus adversários, ao comando supremo dos Zetas. Alguns meses depois, foi noticiado que ele tinha sido capturado pela polícia mexicana em Nuevo Laredo — é quase certo que os policiais receberam alguma compensação financeira de alguma quadrilha rival para tirá-lo de circulação.

Ninguém duvida que, neste momento, outro criminoso controla as rotas do México para os Estados Unidos, com um esquadrão novinho de mercenários-mirins para garantir sua segurança.

* Os Crips são uma das maiores gangues de rua dos Estados Unidos, criada em Los Angeles em 1969. Têm uma longa rivalidade com os Bloods, a gangue que aceitou Chino. (N. E.)

10. Conexão mexicana

A história de Rosalio era tão terrível que tive certeza da impossibilidade de registrar o cotidiano dos mexicanos em meio à guerra do narcotráfico. Ele era um soldado e participava diretamente da violência. Fiquei me perguntando como seria a vida de quem não combate, de quem tem uma vida normal. Aquelas pessoas comprando lanches no Wendy's e televisores no shopping não trabalhavam para os Zetas. Queria saber como toda a matança afetava essas pessoas.

À medida que conversava com as pessoas de Juárez, comecei a vislumbrar como essa vida seria, mas só entendi quando investiguei a história de uma garota apaixonada e de sua mãe, que saiu em busca da filha. Soube desses fatos por meio de pessoas que as conheceram e dos registros da época.

Pode parecer, à primeira vista, que essa é uma história para um livro diferente, porque não tem nada a ver com drogas ou com o tráfico. Mas foi o mais próximo que consegui chegar de como a guerra às drogas alterou a mentalidade do México e de muitos países que estão na rota do tráfico.

* * *

Rubí Fraire estava de férias com sua família em Jalisco. Todos pararam para comer em um lugar onde o teto era feito de folhas de palmeira, ao lado de um riacho. Ela tinha onze anos, era uma jovem sarcástica e meio cheinha

que vivia brincando. Sua mãe, Marisela, aproveitava uma rara folga em sua extenuante rotina de trabalho. Era enfermeira no hospital local e, após o fim do expediente, vendia colares, correntes e anéis. Era exaustivo, mas acreditava no trabalho duro para economizar, comprar uma loja e melhorar a vida de toda a família.

Marisela contou os filhos que entraram no carro e — num momento em que a família lembraria uma cena do filme *Esqueceram de mim* — deve ter contado o filho de alguém por engano. Entraram todos no veículo, menos Rubí.

Foi apenas duas horas depois que perceberam que ela não estava com eles. “Onde ela estava?”, ofegou Marisela. Como isso aconteceu? Como puderam esquecê-la?

A família retornou, em pânico, até a última parada. Achavam que Rubí estaria aos prantos ou pior: sumida.

Entraram no restaurante e lá estava ela. Rindo. Tinha feito amizade com outra menina e comia peixe.

O irmão mais velho de Rubí, Juan, perguntou se ela tinha ficado com medo. Ela disse que não: “Sabia que mamãe voltaria para me buscar”.

Rubí sabia que Marisela sempre iria até onde ela estivesse, a qualquer custo. E estava certa. Só não imaginava até que ponto a mãe precisaria chegar.

Alguns anos depois, Rubí tinha um paquera. Um jovem de 22 anos, alto e magro, com orelhas de abano e que falava como homem-feito. Pediu emprego na loja de carpintaria da mãe dela, em Ciudad Juárez.

“Por favor, me ajude. Não tenho dinheiro para comprar comida para minha filhinha. Faça o que for preciso, me dê um emprego ao menos por alguns dias”, disse Sergio.

Marisela se comoveu e o colocou como assistente de carpinteiro. A filha dela, então, começou a andar com ele. Tinha catorze anos e estava impressionada com suas histórias sobre ser DJ em uma emissora de rádio, de

onde havia sido demitido por dormir com a filha do dono, e ter um rifle AK-47. Rubí tinha crescido bastante, tinha ficado bonita e cheia de curvas.

Não sabemos em que momento começaram a se envolver. Ele fez uma tatuagem com o nome de Rubí e dizia para ela que sua mãe não a amava. Por que Marisela ficava em cima dela por não tirar boas notas na escola, se realmente se importava?

Um dia, Rubí sumiu. A polícia se recusou a procurá-la. Alguns meses depois, Marisela a encontrou, grávida, e as duas fizeram as pazes — mas todas as noites ela ia procurar Sergio.

Em paralelo a esse drama doméstico, a cidade começava a se parecer com o set de filmagens do filme *Jogos mortais*. Corpos dilacerados apareciam nas ruas. Homens decapitados surgiam pendurados nos viadutos com mensagens dos cartéis declarando que estavam no controle. Mas isso não tinha nada a ver com Marisela e sua família. Como a maioria das pessoas em Juárez, olharam para o outro lado e procuraram seguir com a vida. O que mais podiam fazer?

Um dia, o irmão mais velho de Rubí, Juan, apareceu para redecorar o apartamento dela e encontrou o imóvel vazio. Havia apenas um bilhete dela dizendo que estava com problemas, porque a mãe criticava muito Sergio. Por isso, eles partiram para procurar uma vida nova longe dela.

Rubí já tinha desaparecido outras vezes. Ela sempre voltava.

O Natal chegou e Rubí não ligou.

Passou o Ano-Novo, e nada dela.

Marisela não entendia. Dessa vez, antes de desaparecer, elas não tinham brigado. Decidiu procurar a mãe de Sergio para ver se ela sabia de alguma coisa. Ao chegar lá, levou um susto: encontrou o bebê de Rubí. Estava com Sergio. Mas nada de Rubí.

Sergio disse que ela os tinha abandonado. O que, para Marisela, era inconcebível. Ela abandonaria Sergio, mas seu próprio bebê? Olhou de novo para a carta de Rubí e teve medo de que fosse forjada.

Ao voltar lá para ver o neto de novo, descobriu que Sergio tinha desaparecido junto com o bebê. Marisela e o filho mais velho, Juan, decidiram imprimir a foto de Sergio em panfletos para distribuir pelo bairro de Fronteriza Baja, pedindo informações sobre seu paradeiro.

Não conseguiram nada com isso.

Duas semanas depois, eles receberam uma ligação. Era um adolescente chamado Angel.

“Preciso falar com você. O que tenho a dizer é muito duro”, disse ele. “Não quero falar porque estou com medo. Mas tenho também um parente desaparecido. Sei como se sente. Sei como é estar procurando alguém e não encontrá-lo.”

Quando Marisela conheceu Angel, o corpo dele tremia. Ela teve que levá-lo de carro para longe do bairro, para que conseguisse formular o que tinha a dizer.

Meses antes, estava andando pelo bairro com alguns amigos quando Sergio apareceu e disse que precisava de ajuda. Tinha que tirar alguns móveis de sua casa e pagaria um dinheiro na hora para quem pudesse ajudá-lo. Então, o irmão de Sergio, Andy, Angel e um garoto de dez anos foram até a residência. Lá viram Rubí com a cabeça esmagada. Morta. Os garotos disseram que não queriam se envolver. Sergio ficou furioso. Se não ajudassem, morreriam.

Então, enrolaram o corpo de Rubí e o colocaram na caminhonete. Sergio saiu dirigindo com o menino de dez anos, e Angel teve que viver com aquilo desde então.

Marisela e Juan não sabiam o que pensar. O menino soava verossímil, mas não queriam acreditar. Ela implorou que Angel fosse até a polícia. Embora aterrorizado, ele acabou concordando. A polícia tomou seu depoimento e, mesmo assim, nada aconteceu.

Ela ia até a delegacia todos os dias perguntar: “O que vão fazer hoje para encontrar Sergio? Qual o próximo passo?”. Praticamente se mudou para a

delegacia para pressionar por uma investigação. Mas a polícia dava de ombros, dizendo que Sergio tinha sumido.

Marisela, então, decidiu ela mesma assumir o caso, já que a polícia não estava disposta a fazer seu trabalho. Ela ia se tornar uma detetive. No meio dos campos de extermínio de Ciudad Juárez, ela ia se tornar uma força policial de uma mulher só.

Viajou pelas montanhas dos arredores da cidade, procurando pelo corpo de Rubí. Depois, voltava ao bairro de Sergio para distribuir panfletos. Finalmente, uma mulher disse saber onde Sergio estava. Não posso revelar mais detalhes sobre a identidade dessa mulher porque pode ser morta, mas foi ela quem contou que Sergio estava em Fresnillo, a dezesseis horas de Juárez, e deu a Marisela seu telefone fixo. Ela levou tudo para a polícia e, mesmo assim, nenhuma atitude foi tomada.

Marisela se sentia doente havia algum tempo. Achava que era por causa do desaparecimento da filha, mas os médicos lhe disseram que, na verdade, tinha câncer de mama e precisava de uma mastectomia dupla urgente.

Alguns dias depois da operação, ainda determinada apesar de tudo, partiu para Fresnillo. Ela tinha tubos nos dois peitos para drenar para um recipiente o líquido e o soro que saíam de dentro dela.

Lá em Fresnillo, finalmente, ela o encontrou. A polícia local pegou Sergio, e ele imediatamente confessou. Sim, tinha esmagado a cabeça de Rubí. Ele queimou o corpo e o jogou nos arredores da cidade onde eram descartados os ossos e a banha de porcos abatidos. A polícia começou uma busca em Juárez. Conseguiram recuperar apenas um terço do corpo: um braço, algumas partes da cabeça — nem o crânio inteiro, apenas os fragmentos. Trinta e seis ossos no total. Os investigadores contaram a Marisela que, normalmente, quando você é queimado, sua cabeça explode através dos olhos e ouvidos, mas, porque o crânio de Rubí quebrou, o cérebro dela tinha explodido pelo buraco na cabeça.

Marisela queria achar mais partes da filha. Foi com Juan até o lixão do abatedouro, onde havia milhares de restos suínos e carrinhos de mão

chegavam o tempo todo com mais sobras animais. Eles começaram a procurar no meio da banha e dos ossos; Marisela ainda tinha o aparelho bombeando os líquidos que saíam dos seios. “Havia vermes, cheiro de morte e todos esses ossos. Nós procurávamos entre os ossos tentando achar algum pedaço dela. É claro que não achamos nada”, lembra Juan.

Angel testemunhou no julgamento. Descreveu tudo o que viu e contou que Sergio o ameaçou de morte se falasse.

Um dia, Sergio se voltou para Marisela do banco dos réus e disse: “Sei que provoquei um enorme dano que ninguém será capaz de reparar. Ela me disse que não vai me perdoar, mas peço seu perdão, Marisela, porque sei o mal que fiz. E é verdade o que você falou — ‘Onde estava Deus naquele momento?’. Infelizmente, ainda não conhecia Deus, mas tive a chance de encontrá-Lo na cadeia. Não tenho palavras... só isso”.

Parecia óbvio que ele seria condenado, mas houve uma mudança misteriosa nos rumos do julgamento. Os juízes disseram que não poderiam aceitar a confissão de Sergio porque o promotor deveria estar presente para a confissão ser considerada válida. Apenas com base nisso, disseram que não havia provas suficientes, e ele foi inocentado.

Marisela sempre acreditou fazer a coisa certa. Juan disse que “foi como ser traída pelo próprio povo, ela acreditava nas autoridades”. A mãe declarou: “Esses juízes mataram minha filha de novo”. Ninguém entendeu por que aquilo tinha acontecido, mas não era incomum: apenas 2% dos assassinatos em Juárez acabavam em condenação.

Angel — o jovem que depôs como testemunha — foi achado morto junto com toda a sua família, exatamente como Sergio tinha prometido.

Marisela começou a caminhar por Juárez com cartazes exigindo justiça para Rubí, segurando uma foto da filha. Chamou todas as mães com filhas desaparecidas para a acompanharem. Em todo o país, pessoas que protestavam acabavam sendo mortas, mas ela perseverou. Outras mães viram e começaram a segui-la pelas ruas, mostrando as fotos de suas filhas desaparecidas. Caminhavam o dia inteiro, na cidade mais perigosa do

mundo, recusando-se a aceitar que era assim que as coisas funcionavam. Ela disse em um discurso: “São apenas algumas de nós reunidas aqui, mas há muitas mais em casa, esperando, chorando... Perguntamos: quantas mais serão? Quantas vítimas? Estamos sozinhas nesta luta. Por favor, junte-se a nós e nos ajude”. A todo lugar que iam, as pessoas gritavam: “Continuem!” e “Estamos com vocês!”.

Ela foi abordada por um cartel rival dizendo que poderiam cuidar de Sergio, se ela quisesse. Alguns familiares ficaram tentados, mas ela recusou. Acreditava em justiça, não em violência.

Foi encontrar todos que conheciam Sergio, implorando por informação. Finalmente, alguém deu um endereço em Fresno, uma cidade quase 1,5 mil quilômetros distante.

Quando ela chegou, alguém disparou balas para o alto. Ela não fugiu. Alugou uma casa próxima e, então, um dia, viu Sergio na rua.

Ficou parada. Ela não o queria morto, queria que fosse levado à Justiça.

Marisela ligou para a polícia e contou tudo. Mandaram três homens, que chegaram à porta da casa fazendo bastante barulho, dando tempo para que Sergio escapasse pelos fundos.

Deixaram que ele fugisse de novo.

Seria incompetência? Corrupção? Medo?

Marisela tentou seguir em seu encalço, perguntando nas cidadezinhas próximas, mas o lugar era inteiramente controlado pelos Zetas, e eles não gostam de ninguém fazendo perguntas. Então, Marisela resolveu andar de Juárez até a Cidade do México, uma viagem de mais de 1,7 mil quilômetros, para pedir ao presidente que agisse. Em termos de distância, é como caminhar de Paris até o Kosovo, ou de Los Angeles até Denver. Era sua última opção.

Marisela começou sua longa marcha pelo deserto em um calor que os animais evitam — nessas condições, eles entram na terra e só saem depois que o sol se põe. Ela enfrentou dunas, montanhas e tempestades de areia. Já tinha gastado todas as suas economias. Por vezes, ela e as mulheres que a

acompanhavam passavam fome. Noutros dias, só comiam pão com maionese. Dormiam onde era possível. Às vezes, algumas pessoas deixavam que elas entrassem em suas casas ou deitassem nos caminhões.

O calor nessas estradas é tão intenso que, às vezes, parece que o asfalto diante de você derreteu e formou poças pretas. A poeira e a claridade eram tão fortes que os olhos de Juan infeccionaram, e ele ficou cego por dois dias. Tinha de caminhar segurando o ombro da mãe.

Era como se ela achasse que poderia superar sua dor. Todos no México estavam vendo e se perguntando: como que uma enfermeira sem recursos consegue encontrar o assassino e a polícia não consegue com tudo o que tem? O que está acontecendo com o país?

Ao chegar à capital, após três meses, o presidente Calderón se recusou a recebê-la. É possível ver em vídeos da época a expressão do seu rosto se contorcer com a dor que sentia.

Foi então que Marisela começou a ouvir os rumores que faziam toda a história fazer sentido. Sergio, contaram para ela, é um Zeta. Por isso que a polícia não podia pegá-lo e ele sempre escapava. Quando Marisela conseguiu achar a última pista sobre o paradeiro dele, a polícia foi finalmente honesta. “Se ele é um Zeta, nós não podemos fazer nada, porque eles mandam no Estado. Quando prendemos alguém é porque nos deixaram fazer isso, não prendemos assim do nada”, disseram. Pediram desculpas, mas explicaram que os Zetas lhes davam dinheiro para trabalhar para eles. Era aceitar ou morrer.

Pensei novamente nas origens da guerra às drogas. Arnold Rothstein matava policiais e ninguém fazia nada. A riqueza gerada pelo controle do mercado de drogas havia comprado uma posição acima da lei. Primeiro, ele comprou a liberdade de não ser processado por crimes envolvendo o tráfico. A partir dali, conseguiu imunidade em relação às leis que regulam extorsões e assassinatos, como uma camada de óleo que cobre toda a sociedade. Esse óleo é o que cobre o México hoje.

Traficantes primeiro compraram sua imunidade pelo tráfico. Depois, compraram a própria lei. Ao integrar os Zetas, Sergio estava acima da lei. Foi nisso que deu o desejo de reprimir as drogas.

Mas Rubí podia ter certeza de que sua mãe nunca a abandonaria.

Marisela ainda tinha uma carta na manga. Resolveu contar ao mundo o que estava acontecendo. Foi até a capital do estado, Chihuahua, e anunciou à imprensa mundial tudo o que tinha descoberto: os Zetas tomavam conta do aparato estatal e podiam fazer o que queriam.

O governador a desacreditou publicamente. Ela tinha chegado no começo de dezembro, e havia convidado o governador para uma ceia de Natal na porta do prédio do governo, porque não iria embora até que Sergio fosse preso. “O que o governador está esperando, que ele venha e acabe comigo? Então, deixe que ele me mate, mas aqui na frente, para ver se ficam envergonhados”, ela disse.

Era um dos locais mais vigiados do México, com a polícia federal, a polícia local e as Forças Armadas.

Mas uma noite, às oito horas, os portões do prédio começaram a se fechar e, subitamente, não havia mais policiais e soldados na rua.

Um homem se aproximou dela, bem diante das câmeras de segurança, por baixo das sombras da sede da polícia.

Ele sacou uma arma, colocou na cabeça dela. Apertou o gatilho, mas a arma não disparou, estava engasgada. O irmão de Marisela tentou jogar uma cadeira no matador, e ela correu.

O atirador foi atrás dela. Quando os dois estavam correndo, sacou outra arma e, dessa vez, acertou bem na cabeça.

Na manhã do seu funeral, sua loja foi incendiada, e um homem que se parecia com o namorado de Marisela foi sequestrado em uma rua próxima, asfixiado até a morte e largado à vista de todo mundo.

Aqueles que procuravam pelos desaparecidos desaparecem. Aqueles que buscavam justiça pelos assassinados são assassinados, até que não reste mais

nada além do silêncio. Tudo isso acontece em uma cidade com Walmart, Pizza Hut e várias unidades do KFC.

O filho de Marisela, Juan, foi viver nos Estados Unidos. Eu o conheci em uma cidade de lá que não vou citar por motivos de segurança.

“Quero que você compreenda quem são as verdadeiras vítimas dessa guerra. Não são os cartéis, não é a polícia, mas é o povo que fica no meio do fogo cruzado”, disse. Quando se fala nos 60 mil mortos, não pense em um traficante ou num adicto: pense em Marisela. Ela representa melhor as vítimas. E é tudo por nada. “Desde que essa guerra começou, os cartéis ficam cada vez mais fortes. As drogas não param, é só caminhar pelas ruas do México e dos Estados Unidos, elas ainda são vendidas nas escolas. Nada foi interrompido.”

“É claro que é o controle das drogas, das rotas, que dá o dinheiro para subornar policiais, militares, polícia federal, todo mundo”, prosseguiu Juan. “Se você as legalizar, eles perderão muito dinheiro.” Quando o álcool foi legalizado nos Estados Unidos, muitos bandidos faliram. Será que o mesmo aconteceria com o México se as drogas fossem legalizadas? “Claro, haveria menos fontes de renda.” Mas ele temia que o controle dos cartéis já estivesse tão enraizado que fosse simplesmente transferido para outros tipos de crimes.

Enquanto ele falava, me lembrei das palavras escritas pelo próprio Harry Anslinger nos anos 1960: “A proibição, concebida como uma tentativa moral de melhorar o estilo de vida norte-americano, colocaria o país em convulsão. Não se pode concluir outra coisa em retrospecto além de que a proibição, ao privar os norte-americanos de seus ‘vícios’, apenas criou as avenidas através das quais o crime se firmou”.

O outro filho de Marisela, Paul, que tem um autismo severo, não compreende muito bem o que aconteceu. Mas, quando nos conhecemos, ele quis me mostrar uma coisa. Era o Google Maps, no laptop. Ele olha obsessivamente para a casa onde viveu com a mãe. Diz, olhando para a tela:

“É perigoso. Não posso voltar. Mas minha casa é legal. Nada vai acontecer. Espero que não queimem. Tudo vai ficar legal por lá, espero que não queimem minha casa. Tudo vai ficar legal”. E ele solta um sorriso estranho e desvia o olhar.

Muitas perguntas difíceis continuaram a ser feitas sobre o caso e revelaram o alcance da corrupção e da guerra às drogas no México. Em novembro de 2012, a polícia cercou uma casa no estado de Zacatecas. Quatro pessoas foram mortas, sendo uma delas Sergio.

Não era o que a família queria. Agora não haverá julgamento nem a oportunidade de fazer perguntas ainda mais desconfortáveis.

Antes que tudo isso acontecesse, na época em que era enfermeira, Marisela gostava de tirar uma folga do emprego e dos seus compromissos como mãe, para subir na sua moto e dirigir pelo deserto, com a areia e o vento batendo na sua cara.

Enquanto viajava pelo México, fiquei me perguntando: se esse é um conflito que deixou 60 mil mortes violentas e acabou com o estado da lei, por que o país segue nessa guerra?

A analista mais bem articulada da guerra às drogas que encontrei foi Sandra Rodríguez, uma jornalista de quarenta e poucos anos. Ela se manteve no cargo de chefe de reportagem da editoria de polícia do jornal *El Diario*, de Juárez, mesmo após a morte de vários colegas. Enquanto bebíamos vinho no apartamento de um amigo seu em Juárez, perguntei por que isso estava acontecendo com a cidade, e ela disse, sem pestanejar: “O México não dita essa política... Essa guerra, a estratégia de criminalização, é imposta pelo governo norte-americano”.

Só a compreendi depois, quando pesquisei sobre o assunto. Nos anos 1930, o México observou o vizinho do Norte lançar a política de proibição e viu que não ia funcionar, então decidiu ir por outro caminho. Na Cidade do México, o maior especialista em drogas era um médico chamado Leopoldo

Salazar Viniegra, que administrava um hospital que tratava de dependentes de drogas; era então considerado a melhor pessoa para colocar em prática a política nacional de drogas. O presidente o indicou como chefe do Serviço de Álcool e Narcóticos.

O México começou a fazer as mesmas descobertas que o médico Henry Smith Williams, precisamente ao mesmo tempo. Ele publicou um estudo de catorze anos mostrando que a maconha não causa psicose, falando sobre o “mito da marijuana” e, com relação a outras drogas, explicou: “É impossível acabar com o tráfico por causa da corrupção policial e também pela riqueza e influência política de alguns traficantes”. A menos, é claro, que se resista à própria ideia de uma guerra às drogas. Mantenha as drogas legais, ele disse. Deixe que o Estado tenha controle sobre a venda e a legislação, de maneira a regular o uso, a pureza e o preço. Isso impediria que criminosos controlassem a venda e evitaria a violência e o caos causados pelo tráfico.

Da mesma forma que Henry Smith Williams teve que ser esmagado por Anslinger por mostrar que havia uma alternativa melhor à proibição, o mesmo aconteceu com Leopoldo Salazar. Harry começou a exigir que ele fosse demitido. Instruiu o representante mexicano na Liga das Nações de que os drogados “eram primeiro criminosos e depois dependentes”. Não demorou muito, ele acabou deixando o cargo por ordem dos Estados Unidos.

O México ainda não deixaria de lado suas convicções: alguns anos depois, seguiu com o fornecimento legal de narcóticos para quem precisasse, como forma de enfraquecer os cartéis que estavam surgindo. Harry respondeu cortando todo o fornecimento de opiáceos usados como anestésicos em hospitais. Os mexicanos gritavam de dor, literalmente. O México não tinha escolha. O governo começou a combater o tráfico de drogas obedientemente, e os oficiais do Tesouro dos Estados Unidos declararam: “Essa é uma vitória notável para Harry Anslinger”. O primeiro passo da longa marcha de Marisela foi dado naquele dia.

O governo dos Estados Unidos abordou o México da mesma forma que os criminosos — *plata o plomo*. Prata ou chumbo. Podemos dar uma “ajuda” econômica para que você entre nessa guerra ou podemos acabar com sua economia se não colaborar. Pode escolher.

O que nunca foi uma opção foi criar uma política racional para as drogas.

Em 2012, não muito depois da morte de Marisela, Michele Leonhart, a chefe do DEA, disse que o nível de violência e morte no México é um “sinal do sucesso do combate às drogas”.

Em um dos meus últimos dias em Juárez, fui de carro até as dunas que ficam um pouco depois dos limites da cidade e olhei aquela cidade semiabandonada onde Rubí conheceu Sergio e Marisela a encontrou em um amontoado de ossos de porco.

Arrastei meus dedos por aquela areia quente e tentei imaginar os três jovens que conheci juntos em uma festa em um México que pôde escolher uma política de drogas mais liberal. Lady Gaga toca ao fundo. Rubí manda uma mensagem de texto para a mãe, rindo. Juan, sem suas asas de anjo, conversa com Rosalio sobre o jogo World of Warcraft . Gosto de pensar que eles poderiam ter sido bons amigos.

PARTE IV
O TEMPLO

11. Experiências com animais

Às vezes, depois de viajar pelas linhas de frente da guerra às drogas em lugares como Brownsville ou Ciudad Juárez, entrava no quarto dos hotéis e me perguntava: por quê? Por que essas pessoas eram mortas a tiros, decapitadas ou cozidas? Qual o propósito dessa guerra? Voltei-me de novo para as justificativas oficiais. As Nações Unidas defendem a construção de “um mundo livre das drogas”. O governo dos Estados Unidos concorda, destacando que “não existe uso recreativo de drogas”. Então, não é uma guerra para acabar com a dependência, como a que existe na minha família, ou com o uso entre adolescentes. É uma cruzada para acabar com todo e qualquer uso humano das drogas. Todas essas substâncias ilícitas devem ser extintas do mundo. É por isso que se está lutando.

Comecei a ver essa meta com outros olhos depois que conheci a história dos elefantes bêbados, do búfalo-asiático drogado e do mangusto em luto. Tudo isso foi contado pelo renomado professor Ronald K. Siegel, de Los Angeles.

Uma tempestade tropical no Havaí reduziu a casa do mangusto a um monte de lama e, estirada ali, estava a companheira dele, morta. O professor Siegel, um homem de cabelos brancos que foi o consultor de dois presidentes norte-americanos e da Organização Mundial da Saúde (OMS),

observava a cena. Ao encontrar aquele corpo, o animalzinho quis esquecer o que tinha visto.

Dois meses antes, o professor havia plantado na região um poderoso alucinógeno chamado glória-da-manhã prateada. Todos os mangustos tinham provado da planta, mas não pareceram gostar: eles ficavam desorientados por algumas horas e, depois disso, mantiveram-se distantes da espécie. Mas não dessa vez. Devastado pelo luto, o mangusto começou a mastigar a planta, a substância fez efeito e ele apagou.

O que aconteceu não foi uma anomalia no reino animal, mas sim uma ação rotineira. Quando era um jovem cientista, Siegel tinha ouvido seu supervisor dizer de modo confiante que os humanos eram a única espécie a usar drogas por prazer. Siegel tinha visto gatos correndo atrás da erva de gato, que contém substâncias que imitam os feromônios contidos na urina de um macho, e questionou se seu supervisor estava realmente certo. Diante do número de espécies existentes no mundo, não haveria outras propensas a gostar de sentir um barato?

Ele passou 25 anos estudando os hábitos dos animais ligados às drogas, desde os mangustos que se drogam no Havaí, dos elefantes na África do Sul e dos gafanhotos na antiga Tchecoslováquia, então ocupada pelos soviéticos. Era uma missão tão insólita que, em uma plantação de maconha no Havaí, ele foi feito refém por traficantes. Ao contar que estava lá para ver o que acontecia quando mangustos comiam a erva, eles pensaram que Siegel era um policial disfarçado com a pior história que já tinham ouvido.

Num primeiro momento, parece estranho o que Ronald K. Siegel descobriu. Ele explica em seu livro *Intoxication: e Universal Drive for Mind-Altering Substances*:

Depois de coletarem o néctar entorpecente de algumas orquídeas, as abelhas caem no chão em um transe momentâneo, depois voltam para pegar mais. Pássaros se fartam com frutinhas inebriantes e, com isso, voam de modo inconsequente. Ao cheirarem plantas aromáticas por

prazer, gatos brincam com objetos imaginários. Vacas que comem um tipo especial de erva estremecem, balançam e tropeçam atrás de mais plantas como essas. Os elefantes ficam bêbados intencionalmente comendo frutas fermentadas. Quando comem cogumelos alucinógenos, os macacos sentam com a cabeça apoiada na mão à maneira de *O Pensador*, de Rodin. A busca dos animais pelo entorpecimento parece ao mesmo tempo apaixonada e sem propósito. Muitos animais consomem essas plantas, ou seu equivalente artificial, mesmo com o risco de sofrer efeitos tóxicos.

Ele descobriu que a Arca de Noé deveria se parecer muito com Londres no sábado à noite. “Em todos os países, em quase todas as classes de animais, encontrei exemplos do uso não apenas acidental, mas deliberado de drogas”, disse Siegel. Na Índia, uma manada de 150 elefantes entrou em um depósito clandestino e ingeriu uma enorme quantidade de bebida alcoólica. Ficaram tão bêbados que, ao saírem furiosos, mataram cinco pessoas, além de destruírem sete prédios de concreto. Se você der haxixe para um rato macho, ele fica excitado e corre atrás das fêmeas — mas logo percebe que não é capaz de fazer nada com elas, então desiste e começa a lambe o próprio pênis.

No Vietnã, os búfalos-asiáticos sempre rejeitaram as papoulas, não gostavam de comê-las. Mas quando os norte-americanos começaram a jogar bombas ao redor deles na guerra, os búfalos saíram dos seus pastos tradicionais e invadiram os campos de ópio para mastigar as papoulas. Eles, então, pareciam um pouco tontos e entorpecidos. Era como se tivessem feito isso para escapar do trauma, como fez o mangusto e como fazem os seres humanos.

Continuei pensando na pretensão da ONU de construir um mundo livre de drogas. Um dado sempre aparecia na minha cabeça antes de qualquer

outro. Parece óbvio e instintivamente errado. Mas apenas 10% dos usuários de drogas desenvolvem um problema com a substância. Com isso, 90% dos que usam não são prejudicados pelas drogas. Esse número não é tirado de alguma ONG que luta pela legalização, mas do próprio Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (Unodc), que coordena o conflito em escala global. Mesmo William Bennett, o tsar das drogas mais agressivo na história dos Estados Unidos e antigo diretor do Escritório de Política Nacional do Controle de Drogas da administração de George Bush, admite: “Os usuários que não se viciam são a vasta maioria da população que se envolve com drogas”.

É uma informação difícil de questionar e de absorver. Se pensarmos em quem conhecemos, ela faz sentido — apenas uma pequena parcela dos meus amigos que bebem se tornou alcoólatra, e só uma pequena parte de quem toma alguma coisa na balada acaba se viciando.

Mas a forma como somos treinados para pensar sobre as drogas, isso soa instintivamente errado, perigoso até. Tudo o que vemos na esfera pública é quem acabou mal. Não sabemos sobre os 90% que ficam numa boa e usam em casa; em contrapartida, esses 10% são os que vemos usando drogas nas ruas. O resultado é que esses 10% acabam parecendo o 100% do quadro oficial. É como se a única imagem que tivéssemos de quem toma bebida alcoólica fosse a de um morador de rua com sua garrafa plástica de pinga. É uma impressão reforçada de forma violenta pelo Estado. Por exemplo, em 1995, a OMS realizou um estudo científico amplo sobre a cocaína e os seus efeitos. Descobriram que o uso “experimental e ocasional é de longe o mais comum, e que o compulsivo e doentio é o menos comum”. Os Estados Unidos ameaçaram retirar o financiamento da OMS se o relatório fosse divulgado. Ele nunca foi publicado. Sabemos o que está escrito nele porque houve vazamento de informações.

Eu me sinto desconfortável ao escrever isso, pois entre esses 10% estão pessoas que amo. Há outra razão mais complexa para eu me sentir

incomodado. Para qualquer um que pense na necessidade de mudar a política de drogas, existe um argumento fácil e outro mais difícil.

É fácil dizer que todos concordamos sobre os malefícios das drogas — só que a proibição é muito pior. Já me vali desse argumento em muitas discussões. A proibição não acaba com o problema, simplesmente acrescenta vários outros problemas à já problemática questão do uso das drogas. Por esse viés, somos todos antidrogas. A única diferença é que os proibicionistas acreditam que a tragédia do uso das drogas pode ser resolvida com mais penitenciárias na Califórnia e mais jipes militares em Ciudad Juárez, enquanto os reformistas preferem que o dinheiro gasto nesse tipo de ação seja aplicado na educação de crianças e no tratamento dos dependentes.

Esse argumento é muito verdadeiro. Meus instintos pendem para ele. Mas preciso admitir que é apenas uma meia verdade.

Dito isso, é preciso apresentar agora o argumento mais difícil. O uso de drogas pode trazer um mal terrível, sei muito bem disso, mas a enorme maioria das pessoas que usam substâncias ilícitas faz isso porque extrai algo bom delas — divertem-se dançando durante uma noitada, entregam um trabalho dentro do prazo, conseguem ter uma boa noite de sono ou mesmo chegam a ideias que não teriam sozinhas. Para elas é uma experiência positiva, torna a vida delas melhor. É por isso que tanta gente se droga. Elas não estão iludidas nem são arrogantes. Não precisam que ninguém as faça parar, porque não estão fazendo mal para si mesmas. Como colocou o escritor norte-americano Nick Gillespie, “Muito longe de as drogas nos controlarem, nós é que as controlamos. Assim como o álcool, a principal motivação é a diversão, não a destruição... Existe o uso responsável da droga, e esta é a norma, não a exceção”.

Então, mesmo indo contra meus instintos, percebi que não poderia fazer um relato honesto sobre as drogas neste livro se falasse apenas dos seus malefícios. Preciso abordar também como o uso das drogas é bastante difundido, sendo positivo na maioria dos casos.

A história do professor Siegel sobre as vacas chapadas e as abelhas doidonas é sobre nós mesmos, na visão dele. Somos uma espécie animal. Assim que as plantas começaram a ser devoradas por animais — muito antes da Pré-História, antes que o primeiro homínídeo caminhasse —, elas evoluíram para criar substâncias químicas com o objetivo de se protegerem. Mas essas substâncias podiam causar efeitos estranhos. Em alguns casos, em vez de envenenar o predador, elas — por acidente — alteravam sua consciência. Foi assim que ficar doidão por prazer adentrou a história.

Todas as crianças experimentam esse desejo logo cedo: é por isso que giram até ficarem tontas e seguram a respiração para sentir um chacoalhão na cabeça. Pode-se até ficar enjoado, mas a vontade de alterar a consciência um pouquinho, de sentir algo novo e estranho, é maior que o medo de ficar nauseado.

Nunca houve uma sociedade em que os humanos não tenham buscado essas sensações. No alto dos Andes, em 2000 a.C., cachimbos eram confeccionados para fumar ervas alucinógenas. O poeta romano Ovídio falou que o êxtase induzido pelas drogas era um presente divino. Os chineses já cultivavam o ópio em 700 d.C. Resquícios de substâncias alucinógenas produzidas pela queima da maconha foram encontrados nos fragmentos de um cachimbo de barro na casa de William Shakespeare. George Washington insistiu que os soldados norte-americanos recebessem uísque como parte da sua alimentação diária.

“A ubiquidade do uso de drogas é tão absoluta que deve representar um apetite humano básico”, concluiu o médico Andrew Weil. O professor Siegel afirma que a vontade de alterar nossa consciência é um “quarto imperativo” em todas as mentes humanas, junto com o desejo de comer, beber e fazer sexo — sendo “biologicamente inevitável”. Ela traz momentos de alívio e libertação.

Milhares de pessoas faziam fila para participar de um festival de dez dias no mês de setembro, onde tinham a intenção — após meses de trabalho

duro — de ter uma experiência química, relaxar e se divertir. As drogas eram distribuídas na multidão, para qualquer um que as quisesse. Todos que tomaram sentiram uma euforia inacreditável. Logo vieram as alucinações, cada vez mais vívidas. Você sente, como disse um usuário, algo que é “novo, surpreendente e inexplicável pela razão cognitiva”.

Alguns voltavam todos os anos porque gostavam demais da experiência. Enquanto a multidão se aglomerava para cantar e gritar, ficou claro que era uma mistura extraordinária de tipos humanos. Agricultores que tinham terminado a colheita estavam ao lado de algumas das pessoas mais famosas do lugar, entre as quais incluíam — num intervalo de anos — Sófocles, Aristóteles, Platão e Cícero.

A cerimônia anual no Templo de Elêusis, que fica a dezoito quilômetros a noroeste de Atenas, era uma verdadeira orgia de drogas. Aconteceu durante todos os anos por dois milênios e era aberta a qualquer um que falasse grego. Harry Anslinger afirmou que o uso de drogas representava “nada menos que uma violação às fundações da civilização ocidental”, mas no local onde essa cultura nasceu, o uso de narcóticos era ritualizado e celebrado.

Descobri isso lendo o crítico britânico Stuart Walton em um livro brilhante chamado *Out of It*, depois prossegui com algumas de suas fontes bibliográficas, que incluíam obras do professor R. Gordon Wasson, do professor Carl Ruck e de outros escritores.

Todos os que eram introduzidos aos Mistérios de Elêusis eram obrigados a jurar segredo sobre o que acontecia, então o que se sabe foi o que ficou da pouca informação registrada nos seus últimos anos de existência, quando estavam sendo reprimidos. Sabemos que era compartilhado pela multidão um copo cheio de uma mistura alucinógena misteriosa contendo um parente molecular do LSD retirado de um fungo que infestava os cereais e que causava alucinações. O conteúdo químico desse copo era cuidadosamente guardado pelo resto do ano. As drogas eram legais — a cerimônia era, inclusive, organizada pelos governantes — e reguladas. Você poderia usá-la, mas apenas durante aqueles dez dias, no templo adequado.

Certa vez, no ano 415 a.C., um general chamado Alcebíades pegou um pouco do líquido misterioso e levou-o para casa a fim de usá-lo com os amigos em suas festas. Walton chama esse episódio de “o primeiro crime de posse de droga”.

Mas mesmo sendo um crime usar fora do templo e de outros espaços confinados, era a glória usá-lo nos lugares certos. De acordo com esses relatos, era uma mistura do Studio 54 com a Basílica de São Pedro — uma rave religiosa.

Eles acreditavam que as drogas os aproximavam dos deuses, ou mesmo permitiam que eles próprios se tornassem divindades. O classicista D. C. A. Hillman escreveu que os “fundadores” da civilização ocidental

eram pura e simplesmente usuários de drogas: cultivavam entorpecentes, vendiam-nos e, mais importante, usavam... O mundo antigo não teve uma Nancy Reagan, não financiou uma guerra bilionária contra as drogas, não aprisionou as pessoas que as usavam e não adotou a sobriedade como virtude. Estimulou o uso... e foi nesse mundo, em que as drogas eram universalmente aceitas como parte da vida, que vicejaram a arte, a literatura, a ciência e a filosofia... O Ocidente não teria sobrevivido sem esses supostos drogados e traficantes.

Por anos houve certa tensão política porque as mulheres se comportavam de forma muito livre durante os transes, mas o festival só acabaria quando entrou em conflito com a cristandade. Os primeiros cristãos entendiam que havia apenas um caminho para o êxtase, que seria rezar para o Deus único. Não se deveria sentir aquele prazer profundo, exceto nas cerimônias da igreja. A proibição teve como base a disputa de poder e a pureza da fé. Para se ter um Deus único e uma única igreja era necessário acabar com experiências que fizessem as pessoas chegarem sozinhas até o divino. Não é coincidência que quando novas drogas aparecem, os homens usam termos

religiosos para descrevê-las. As duas coisas competem pelo mesmo espaço no cérebro — nos centros de arrebatamento e prazer.

Então, quando o imperador Constantino se converteu ao cristianismo e levou todo o império com ele, os rituais no Templo de Elêusis passaram a ser condenados. Foram identificados como um culto e proibidos. O novo cristianismo promoveria apenas goles de vinho. A intoxicação foi perdendo força. Essa “repressão forçada pela cristandade marca o começo da repressão sistemática do impulso pela intoxicação nas vidas dos cidadãos ocidentais”, explica Walton.

Ainda assim, nas gerações posteriores, tentou-se reconstruir outros Templos de Elêusis, nas mentes das próprias pessoas e em qualquer lugar onde se pudesse escapar das versões locais de Anslinger — que, diga-se de passagem, representava uma tendência que vem desde o mundo antigo.

Quando Sigmund Freud sugeriu pela primeira vez que todos temos fantasias sexuais elaboradas, que é algo tão natural quanto respirar, foi chamado de lunático e pervertido. As pessoas queriam acreditar que as fantasias sexuais eram coisas que só aconteciam com gente suja e depravada. Elas pegaram as partes dos seus subconscientes que produziam sonhos e fantasias eróticas e as projetaram nos outros, nos degenerados, que precisavam ser contidos. Stuart Walton e o filósofo Terence McKenna escreveram que chegamos a esse ponto com relação ao desejo universal de buscar estados alterados da consciência. McKenna explica: “Nós estamos descobrindo que os humanos são seres com hábitos químicos com o mesmo horror e incredulidade com que os vitorianos descobriram que as pessoas têm fantasias e obsessões sexuais”.

Da mesma forma que precisamos resgatar o impulso sexual do subconsciente e do sentimento de vergonha, também temos que trazer à tona o desejo pelo entorpecimento. Stuart Walton convoca a criação de um novo campo do conhecimento humano chamado “intoxicologia”: “A intoxicação exerce, ou já exerceu, um papel na vida de praticamente todo

mundo que já existiu... Procurar negar isso não é apenas fútil, é negligenciar uma parte do que somos”.

Depois de 25 anos observando ratos chapados, elefantes bêbados e mangustos alucinados, Ronald K. Siegel afirma acreditar ter aprendido alguma coisa: “Não somos muito diferentes das outras formas de vida neste planeta”.

Quando vê pessoas enfurecidas contra o uso de drogas, ele fica confuso. “Estão negando sua própria química. O cérebro produz endorfina. E quando produz essas substâncias? Quando sente estresse e dor. O que são endorfinas? São compostos semelhantes à morfina. É algo que existe no cérebro para que nos sintamos bem... As pessoas, às vezes, se sentem eufóricas. São mudanças químicas do mesmo tipo que as plantas [que usamos para fabricar drogas artificiais] produzem, com as mesmas estruturas moleculares... Estamos produzindo a mesma coisa.”

Ele continua: “A experiência que se tem com um orgasmo é parcialmente química — é uma droga. Por que negar que se deseja isso? É divertido, é gostoso. E é químico. É uma intoxicação, não vejo nenhuma diferença de onde a substância química vem”.

Está em nós, em nosso cérebro. É parte do que somos.

Mas isso nos deixa com outro mistério. Se o desejo de se intoxicar está em todos nós, se 90% de nós conseguem usar drogas sem se viciar, o que acontece com os 10% que não conseguem? Qual é o problema deles? É uma pergunta que fiz a vida inteira. Procurei especialistas que pudessem respondê-la, e eles pareciam estar concentrados em Vancouver, no Canadá.

12. Cidade terminal

Desde criança, eu me pergunto qual é a causa do vício. Tive muitas explicações ao longo dos anos. É uma doença. Uma falha moral. Está nos genes. No fim das contas, seria um mistério, mas, quando cheguei ao Canadá, soube que um pequeno grupo de cientistas dissidentes estava havia décadas achando as respostas para minhas perguntas, de maneira praticamente imperceptível.

Suas descobertas eram tão diferentes de tudo o que já tinha ouvido sobre o tema que passei um tempo tentando absorver o que estavam dizendo.

A história de como chegaram a essas conclusões começa nos últimos dias do Holocausto, quando uma mãe judia conseguiu retirar seu bebê do gueto.

Judith Lovi acordou de um sonho no qual seus pais eram assassinados e descobriu que não tinha mais leite. Seu bebê de quatro meses, Gabor, chorava muito. Ela era filha de um médico rico, mas agora estava sozinha, amontoada em um prédio com mais de mil pessoas infestadas com piolhos, e havia excrementos nas portas porque os vasos sanitários estavam entupidos.

Ela sabia que não podia ir para a rua até o fim da tarde, porque era uma judia vivendo em Budapeste no ano de 1944, e ela poderia morrer se saísse de casa naquele horário. Só que, até lá, o leite que poderia comprar para seu filho já estaria azedo.

Ela tinha se casado com Andor alguns meses antes, mas ele tinha sumido, fora levado para o trabalho forçado. Poderia estar cavando trincheiras para o Exército húngaro ou ter morrido. Ela não tinha como saber. A única razão para acordar de manhã e continuar vivendo era seu filho. Tinha esperanças de que conseguiria tirá-lo dali. Mas duvidava disso. Achava que, aos 24 anos, seria morta com seu bebê.

O sonho de Judith estava correto: seus pais estavam mortos. A última vez que os viu foi em uma plataforma de trem em Budapeste. Ela queria ir junto com eles para sua cidade natal, mas, por instinto, disseram para ficar. À sua volta, 80% dos judeus do país foram reunidos e mortos com extrema eficiência. Seus pais e a irmã foram pegos quando chegaram em casa e levados para Auschwitz. À medida que o Exército Vermelho apertava o cerco sobre Budapeste, os nazistas retiravam os judeus do gueto e os matavam a tiros, próximo ao rio.

Judith chamou um médico porque estava com medo de que o choro contínuo de Gabor significasse que estava doente. “Eu irei, claro, mas todos os meus bebês judeus estão chorando”, o médico respondeu.

Muitos anos depois, a milhares de quilômetros dali, a lembrança desses gritos ajudaria Gabor, que se tornou médico, a fazer uma descoberta importante a respeito do vício. Ele se perguntou: como os bebês judeus sabiam que corriam grande perigo? Por que eles gritavam?

Um dia, Judith notou que outra mulher no gueto recebia visitas de um amigo cristão. Ela entregou Gabor a ele e implorou: leve-o daqui. Deu o endereço de um lugar fora do gueto onde um amigo estava se escondendo e, mais uma vez, disse para levar o filho até lá.

Sem o bebê, Judith estava inteiramente só, mas acreditava que pelo menos ele sobreviveria. Três semanas depois, o Exército russo libertou Budapeste dos nazistas, e ela rapidamente foi recuperar a criança. Um ano depois, encontrou Andor, que pesava apenas quarenta quilos e vestia um uniforme do Exército alemão porque era a única roupa disponível. A experiência de

perigo extremo, da separação da mãe em um momento tão crucial, deixou marcas permanentes no cérebro do pequeno Gabor.

Quando ele tinha quinze anos, sua família finalmente deixou a Europa por Vancouver, o ponto mais distante do mapa da América do Norte. Lá, Gabor encontraria um tipo de gueto diferente onde, junto com outros dois colegas, investigaria o mistério de como se cria um adicto.

Eu sabia o que causava o vício antes mesmo de sair de Londres. Todo mundo sabe. Enquanto cultura, temos uma história sobre como ele funciona. É uma boa narrativa, que fala de algumas substâncias tão quimicamente poderosas que, se você as usa o bastante, elas passam a dominá-lo. Mudam a química do seu cérebro, que acaba ficando doente. Depois disso, seu corpo precisará da droga. Então, qualquer pessoa que usasse diariamente pelos próximos trinta dias, ao fim de um mês, estaria completamente dependente. O vício, então, é o resultado da exposição repetitiva a certas substâncias químicas poderosas.

Era nisso que acreditava quando observava as pessoas queridas que haviam se tornado dependentes.

Esse modelo de dependência foi comprovado em experiências com animais. Coloque um rato sozinho em uma gaiola e dê-lhe quantidade ilimitada de cocaína. Nove entre dez vezes, o rato a usará de maneira tão compulsiva que acabará morrendo. Harry Anslinger e Henry Smith Williams não concordavam em quase nada, mas nisso sim. Anslinger achava que as drogas deixavam as pessoas dependentes para sempre, por isso tinham que ser detidas, e Smith Williams achava a mesma coisa, mas elas deveriam ser tratadas por médicos até o fim da vida. Um era cruel e o outro tinha compaixão, mas ambos culpavam a substância por provocar dependência. O nome chique para isso é “a teoria farmacêutica da dependência”.

Eu não sabia que existia outra teoria, com premissas muito diferentes, até encontrar um livro chamado *In the Realm of Hungry Ghosts: Close*

Encounters with Addiction [No reino dos fantasmas famintos: Encontros com o vício], escrito por Gabor Maté. Primeiro, achei suas ideias confusas, mas elas me fizeram pensar. Tinha que encontrar o autor. O relato a seguir tem como base minha conversa com ele, a observação de sessões de treinamento e os seus escritos, além de entrevistas com seus ex-colegas e pacientes.

Conheci Gabor em uma das suas sessões de treinamento para pessoas que tratam dependentes. Ele é magro e tem bochechas afundadas. Sua pele tem cor de oliva e seu tom de voz é baixo; ele fala rapidamente, com frases bem elaboradas. Aparenta certa tristeza. Entendi por que quando me contou sobre sua vida.

Ele já era um médico de família havia anos, como me explicou, quando se inscreveu para uma vaga no Downtown Eastside, um bairro de Vancouver, em 1998. Muita gente não entendeu a escolha. Aqueles dez quarteirões têm algumas das taxas de mortalidade mais altas do mundo desenvolvido. O bairro é conhecido pelos moradores da cidade por ter muitos dependentes de olhos vidrados se recostando em edifícios abandonados. Em um dia normal, alguns estão desmaiados e outros ficam olhando em volta como se estivessem tentando achar um inseto voando.

Enquanto andava por ali, tentei imaginar como deve ter sido na época em que Gabor começou a trabalhar lá. Há um pregão insistente e ritmado enquanto você passa pelos traficantes: “Pedra? Pedra? Pó? Pedra? Pedra? Pó?”. Mulheres com rostos chupados e lábios pintados de vermelho andam nervosamente, se oferecendo para fazer um programa aos carros que passam. Pombos gordos bicam o chão.

Os nomes glamorosos dos hotéis — como o Balmoral, por exemplo, que usa o nome de um castelo pertencente à rainha da Inglaterra — parecem uma piada de mau gosto com as pessoas que moram nos quartos apertados desses hotéis. O serviço de quarto oferece overdose e hepatite C para seus ocupantes. As ruas estão cheias de frascos de enxaguante bucal e

desinfetantes de mão, que foram bebidos por alcoólatras em busca do máximo de barato possível ao preço mais baixo. A polícia aparece periodicamente para levar uma ou outra pessoa presa, depois desaparece. A brisa do mar sopra com indiferença.

Esse bairro é o fim da linha do Canadá, o ponto final da Cidade Terminal. Não há mais para onde ir depois daqui.

É possível vislumbrar o que era Downtown Eastside pelos nomes dos prédios. Em uma rua há o Loggers' Social Club [Clube Social dos Lenhadores], que remete ao tempo em que lenhadores iam para lá descansar depois de cortarem árvores. As toras eram colocadas sobre fileiras de chapas de madeira, de onde deslizavam até os trens que iriam para os Estados Unidos. É por isso que o lugar foi chamado de Skid Row [Fileira Deslizante]. Os homens chegavam, torravam o dinheiro por um ou dois meses em festas e depois iam embora. Uma hora não teve mais árvores para cortar. A festa continuou por um tempo e depois parou.

Todos os estabelecimentos que serviam os lenhadores desapareceram. A loja de departamento Woodward's era como uma Macy's de Vancouver. Quando Gabor chegou, tinha se transformado em uma estrutura de concreto vazia, com homens injetando heroína na jugular de mulheres pelas vielas. Charles Demers, um escritor de Vancouver, explica: "Quem mora na cidade fala do Downtown Eastside da mesma forma que pessoas do Ocidente falam sobre a África. Alguns pedem caridade e outros, intervenção armada. Todo mundo concorda que é um grande problema, repleto de pessoas que vivem no caos e têm a si mesmas como seus maiores inimigos".

O que um médico poderia fazer de bom ali? Mas Gabor deixou sua profissão e começou a trabalhar com a Portland Hotel Society, uma entidade de assistência social que colocara em prática um experimento que os repressores locais viam como insano. Era comum que as autoridades retirassem as pessoas dos programas de habitação e assistência social quando descobriam que eram dependentes. Diziam: "Pare de usar ou nunca terá uma casa de novo". Nem os albergues aceitavam os dependentes.

Uma jovem enfermeira chamada Liz Evans, que trabalhava na Unidade de Crise Psiquiátrica de um hospital local, via os resultados dessa política passarem pela porta a todo instante. Olhava na ala onde atendia muita gente forçada a ir para a rua se deteriorando continuamente. Eles recebiam alguns remédios para resolver alguns problemas, mas nada para ajudá-los a lidar com a vida deles arruinada.

Então, ela decidiu por uma abordagem completamente diferente. Sua ONG ocupou um hotel e o transformou em um abrigo para quem não tinha outro lugar para ir — as pessoas com doenças mentais graves e com vício crônico. Liz foi nomeada a responsável por cuidar do lugar e assumiu o compromisso de nunca despejar ou tentar doutrinar os residentes. Em vez disso, recebiam um quarto só para eles e, sempre que quisessem, haveria alguém para ouvi-los. Só isso.

“Nosso método é o de ser humano com outros seres humanos. Estar lá para eles. Sem julgar. Sem dizer como devem viver. Só estar presente na vida deles. Ser uma presença gentil e constante. Não ser alguém que aparece e some da vida deles. Alguém que não os abandona e que não os manda embora”, explica Liz.

A reação praticamente universal foi a de que isso era uma maluquice. Os dependentes beberiam e se drogariam muito mais rápido se tivessem um lugar onde pudessem fazer isso sem ser julgados. Um médico disse a Liz que uma solução melhor seria soltar uma bomba no Portland Hotel e matar todo mundo. Gabor queria participar do experimento. No hotel Portland, teve tarefas tão variadas como costurar abscessos e prescrever medicamentos psiquiátricos. Mas seu trabalho mais importante era ouvir os problemas dos mais dependentes.

Eram pessoas que passaram a vida inteira sendo perseguidas ou castigadas. A maioria delas jamais tinha conversado com alguém disposto a ouvir de verdade. Na visão delas, as autoridades eram apenas pessoas que tirariam alguma coisa delas ou que lhes infligiriam algum sofrimento. A maioria dos usuários estava, na época, desconfiada. Eles achavam que

ninguém ofereceria ajuda nem daria um lugar para morarem em troca de nada. Qual era o truque aí, quando viria a punição?

Gabor estava dividido entre o desejo de escutar os dependentes e a repulsa instintiva que sentia em relação a eles. Quando estavam nas ruas pareciam figurantes de um filme do diretor italiano Federico Fellini. Quando o médico estava sozinho no consultório, acabava julgando. Por que faziam aquilo? Como alguém pode entrar nessa? “Tinha uma atitude um pouco moralista”, contou.

Como explica em seu livro, alguns dos moradores que foram conversar com Gabor começaram a se abrir com ele, como um homem de 36 anos chamado Carl. Ele tinha ficado órfão na infância e, por isso, pulou de casa em casa, sempre rejeitado. Quando se tornou hiperativo, um dos casais que o adotaram o amarrou em uma cadeira dentro de um quarto escuro. Quando falou palavrão, colocaram detergente líquido em sua boca. Carl aprendeu com eles que não se pode expressar raiva sem ser punido. Então, quando sentia raiva, pegava uma faca e começava a cortar o próprio pé. Como Gabor escreveu, Carl contou isso um pouco encolhido de tanta vergonha, esperando ser condenado como sempre.

O médico escutou histórias como essa muitas vezes. Os adictos se sentiam como seres repugnantes e tinham vergonha de si mesmos — apenas a droga afastava essa sensação. “A primeira vez que usei heroína, foi como receber um abraço quentinho”, disse uma mulher.

Depois de um tempo, Gabor começou a perceber os padrões na mente das pessoas que moravam no Portland. Enquanto ele falava, lembrei-me dos dependentes que aparecem no livro: Billie Holiday; a mãe de Chino, Deborah; Marcia Powell, que foi assada em uma jaula. O que todos têm em comum? Infâncias horríveis, marcadas por violência, abuso sexual ou pelas duas coisas.

Gabor descobria que praticamente todos seguiam esse padrão. Então, pensou: e se esses dependentes crônicos já não estavam perturbados *antes* de

descobrirem as drogas? E se ficasse provado que as drogas não eram o terremoto, mas apenas os tremores secundários das suas vidas?

Ele começou a ler muitos estudos científicos e descobriu algo fantástico.

Em todo o mundo ocidental, pessoas recebem doses diárias de opiáceos de maneira legal. Quando alguém fica gravemente ferido em um acidente de carro, ou se teve alguma outra lesão grave, ou precisa de anestésico para operar um dente, acaba sendo medicado com algum derivado do ópio, talvez por um longo período de tempo. São basicamente as mesmas substâncias que os pacientes de Gabor usam (mas sem os compostos contaminados acrescentados pelos traficantes). Então, se a teoria farmacêutica estivesse correta — que as drogas são tão poderosas que tomam conta do seu cérebro —, ao final de um tratamento com opiáceos, todos os que entraram em contato com eles ficam dependentes. À saída do hospital se seguiria uma busca por essas drogas.

Mas acontece o contrário: não se fica dependente.

E isso não é exceção. O *Canadian Journal of Medicine* avaliou a melhor pesquisa acadêmica conduzida com pessoas que receberam os derivados de ópio após as cirurgias. Segundo Gabor, concluiu-se que “não havia risco significativo de viciar, uma descoberta comum a todos os estudos que examinam a relação entre vício e o uso de narcóticos como analgésico”.

Isso acontece em todos os lugares e passa despercebido.

Pode-se tomar as mesmas drogas que um adicto por longos períodos e não ficar dependente. E o contrário também acontece: você pode não tomar nenhuma droga e ficar tão dependente quanto um adicto. Se parece estranho, vá a um encontro dos Jogadores Anônimos em sua cidade. Escute as histórias. Fui a uma dessas reuniões em Las Vegas. Descobri que não há nenhuma diferença perceptível fundamental entre eles e os dependentes químicos. Mas não se injetam cartas na veia nem se cheiram as fichas da roleta.

Como podemos entender isso? Depois de refletir muito sobre o assunto, Gabor chegou à conclusão de que “nada é viciante em si, é sempre a

combinação de uma substância ou um comportamento potencialmente viciante e a suscetibilidade individual. A pergunta que precisa ser feita é: o que cria essa suscetibilidade?”

Uma vez que a droga isolada não pode explicar o vício, claramente existe um elemento adicional, ou muitos — coisas que estão presentes em alguns indivíduos e ausentes em outros.

Gabor começou a ler sobre um grupo de cientistas norte-americanos que organizaram o Estudo das Experiências Adversas na Infância. É a pesquisa mais detalhada já feita sobre os efeitos de longo prazo dos traumas na primeira infância. Observou dez coisas terríveis que podem acontecer com uma criança, desde abuso físico e sexual até a morte de um dos pais, para monitorar como isso influencia na formação da criança ao longo da vida.

Esses cientistas descobriram que, para cada evento traumático que acontece a uma criança, havia de duas a quatro vezes mais risco de ela se tornar um adulto adicto. Quase dois terços dos casos de dependência por drogas injetáveis são produto de traumas de infância. A correlação é tão forte que os cientistas disseram que é de uma “magnitude raramente vista na epidemiologia ou na saúde pública”. Significa que o abuso infantil é uma causa tão importante para o vício em drogas quanto a obesidade é para doenças cardíacas.

Outro estudo a longo prazo publicado na *American Psychologist* acompanhou crianças dos cinco aos dezoito anos para ver como a qualidade da relação com os pais afetou sua relação com as drogas ao se tornarem adultas. Quando as crianças ainda eram pequenas, os cientistas davam uma tarefa para elas fazerem com os pais — como a de montar blocos —, e então observavam como eles incentivavam seus filhos através de um espelho unidirecional. Anotaram quais crianças tinham pais que eram amáveis e apoiadores e quais tinham pais que não incentivavam e eram rudes. As crianças que tinham pais indiferentes ou cruéis eram muito mais propensas a usar drogas de modo mais pesado que as outras. Quando cresciam, tinham

menos capacidade de se relacionar afetivamente, porque sentiam muita raiva e eram impulsivas.

Se conseguimos saber na idade de cinco anos quais crianças serão dependentes e quais não serão, isso nos diz muito sobre o vício. “A inadequação com os pais antecede o uso de drogas”, descobriu o estudo. De fato, o uso de drogas “é sintoma, não a causa, do desajuste pessoal e social”.

Gabor descobriu ainda que outro cientista, o dr. Vincent Felitti, realizou um grande estudo parecido sobre os efeitos dos traumas de infância, observando 17 mil crianças para a companhia de seguros Kaiser Permanente. Felitti concluiu, como Gabor escreveu, que a “causa básica do vício é predominantemente dependente das experiências na infância, não das substâncias. O atual conceito de dependência está mal fundamentado”. Esse fato nos força a reconsiderar muitas das histórias que nos contam sobre a epidemia das drogas — incluindo, como fui saber depois, a epidemia das drogas prescritas nos Estados Unidos.

Muitos anos antes, no Harlem, Billie Holiday disse: “Não sei muito de psicologia, mas sei que há coisas que acontecem na infância que influenciam sua vida inteira”.

Até Harry Anslinger viu isso. Os dependentes, ele notou, geralmente “crescem em lares que não são lares, com pais que não são pais, então buscam uma saída. Sejam garotos ou garotas, este é o padrão comum”.

Mas por que os traumas de infância tornam alguém muito mais propenso a ser um adulto adicto? Passei muito tempo com Liz Evans, a enfermeira do Portland Hotel Society, que viveu vinte anos com os dependentes mais problemáticos do Downtown Eastside. Ela conversa com eles, os abraça e passa muito tempo com eles. Ela já se perguntou a mesma coisa muitas vezes. Finalmente, em um café, ela me contou sobre a noite em que, após trabalhar um ano no Portland, conseguiu fazer a ligação.

Na época, havia uma mulher indígena morando no Portland. Vamos chamá-la de Hannah, porque Liz me pediu que não use seu nome verdadeiro. (Esta é uma das três ocasiões em que o nome da pessoa foi mudado para proteger sua identidade; as outras duas estão indicadas no texto.) Ela era uma mulher pequena de 38 anos, com vício crônico em heroína e álcool, tanto que todas as manhãs chegava cambaleando, vomitava na lata de lixo e depois ia vender seu corpo para conseguir pagar pela próxima dose. Hannah era atraída por homens violentos que batiam muito nela. Em geral, era tomada por surtos de raiva quando estava alcoolizada e acabava jogando objetos para fora da sua janela. Um dia, lançou uma bicicleta na rua.

Liz se recusava a expulsá-la. Em vez disso, colocou um revestimento na janela para que não pudesse mais abri-la.

Liz leu a ficha de Hannah, desde quando era criança. Ela tinha sido tirada de uma reserva indígena e, como outras crianças indígenas (ou das Primeiras Nações, como são conhecidas no Canadá), passou de uma família adotiva para outra. A polícia finalmente a encontrou, desnutrida, trancada em um quarto onde tinha ficado dos sete aos onze anos, não recebendo nada além de uma dieta líquida, porque a família adotiva dizia que ela tinha uma doença e essa era a única maneira de curá-la. Tentou cortar a própria garganta pela primeira vez aos treze anos. Liz se esforçou para trazer o assunto da infância algumas vezes, mas Hannah respondia apenas que “não tinha sido boa” e encerrava o assunto.

Uma noite, Hannah chegou tremendo, com sangue escorrendo da sua cabeça por causa de uma pancada. “Lembro que a segurei nos meus braços como se fosse uma criancinha”, e levou-a até o quarto, me contou Liz. Hannah balbuciou que tinha apanhado e sido estuprada. “E me recordo dela repetindo, muitas vezes: ‘a culpa é minha. Mereço isso. É minha culpa. Sou muito ruim.’” E na mesinha ao lado de Hannah havia bebida, heroína e uma agulha. E Liz, que nunca teve vontade de usar drogas, olhou para elas e para Hannah, perguntando-se qual delas faria a dor passar.

“E naquele momento entendi o que o vício faz pelas pessoas. Em um instante, fiz a ligação com os momentos mais sombrios da minha vida, quando me sentia daquela maneira... quando quis morrer, quando me senti uma péssima pessoa”, me contou. Liz percebeu que os sobreviventes de uma infância traumática geralmente convivem a vida inteira com esse sentimento de raiva de si mesmos. Era por isso que muitos deles optavam pelo anestésico mais forte que conseguiam encontrar. Não é um espasmo de irracionalidade, é a satisfação de uma necessidade. Faz passar a dor por um tempo.

Quando Liz me contou isso, percebi como tinha sido crítico com algumas pessoas dependentes que amava e, sem perceber, comecei a chorar.

Uma das amigas de Billie Holiday, Memry Midgett, contou em uma entrevista: “O motivo pelo qual tinha o vício era porque sua resistência para a dor era baixa”. Outra de suas amigas, Michelle Wallace, disse: “Pensa-se que as pessoas usam drogas porque são boas ou más. Às vezes, as pessoas mais doces usam drogas porque não conseguem suportar a dor”.

Isso ajudava a explicar a misteriosa disparidade entre os 10% de pessoas que usam drogas e sucumbem ao vício e os 90% que resistem. Um homem chamado Bud Osborn, que conseguiu se recuperar do vício em heroína com a ajuda de Gabor, me contou: “Os traumas de infância fazem com que você se sinta péssimo por tudo, por sua família, sua vida”, ele disse. “Quando você usa drogas, elas fazem com que você se sinta bem por sua vida, por você mesmo, por estar no mundo. As pessoas se perguntam por que dependentes fazem isso. É porque faz que eles se sintam bem enquanto o resto não.”

Depois de ouvirem tudo isso, algumas pessoas podem desenvolver um pensamento idealizado ou higienizado dos adictos. Essa não é uma opção na Portland Hotel Society.

Gabor algumas vezes foi agredido e xingado. A equipe tem que aguentar muita merda da forma mais literal possível. Ralph, um dos pacientes de Gabor, era um adicto em cocaína de meia-idade que usava um moicano

descolorido e um bigode de Hitler. Ele era um nazista e agredia Gabor dizendo “*Arbeit macht frei*” [o trabalho liberta, frase colocada nas entradas de vários campos de concentração do regime nazista]. Quando o médico explicou que seu avô tinha morrido num campo de concentração, Ralph disse que seu avô teve o que mereceu.

Gabor passou por algumas crises. Um dia, disse para mim, “estava costurando um abscesso em um paciente que me atacava verbalmente e perdi o controle. No calor do momento, comecei a brandir o bisturi para o alto. Não ia machucar ninguém, mas perdi o controle emocional. Aconteceu algumas vezes. Nesses momentos não se pensa, só se sente. Frustração. Raiva. Recriminação”.

Ele compreendeu como essas emoções entram no debate público, porque mesmo ele não conseguiu evitá-las. Mas acrescentou: “Assim que me acalmei, a vergonha bateu e quis pedir desculpa”.

Algumas vezes, Ralph estava quieto e reflexivo e recitava passagens da poesia de Goethe para Gabor. Na semana seguinte, voltava a murmurar “*Heil Hitler*”.

Gabor sentia que ainda tinha muito mais a ser investigado sobre o vício, mas estava distraído por uma coisa sobre a qual não gostava de discutir. Escondeu de todo mundo, até da mulher.

Muitas vezes, estava no meio dos seus afazeres médicos quando sentia uma ânsia incontrolável. Era uma compulsão que o fazia largar tudo. Ele ia para lojas e gastava compulsivamente centenas de dólares em CDs. Nem mesmo os ouvia, simplesmente os guardava. Isso pode soar inofensivo, mas uma vez ele sentiu a compulsão de comprar discos quando estava fazendo um parto. Quando seus filhos ainda eram crianças, ele os abandonava em lugares públicos para entrar em lojas de música. Por que fazia isso? Não sabia, apenas tinha consciência de que “se perdia em uma espiral de vício. Gradualmente, sinto minha força moral diminuir e eu fico vazio, e esse vazio

me encara por trás dos meus olhos”. Chegou a ter depressão e pensar em suicídio.

Mesmo que soubesse da ligação entre comportamentos compulsivos e experiências traumáticas na infância, começou a pensar na frase que o médico disse para sua mãe: “Todos os meus bebês judeus estão chorando”.

Os bebês obviamente não tinham a noção de que um genocídio estava acontecendo, mas sabiam, de alguma maneira, que suas mães estavam perturbadas e que não podiam atender algumas de suas necessidades. Sua mãe contava que estava “estressada, deprimida. Dizia que a única coisa que a fazia sair da cama era cuidar de mim. Então eu salvei a vida dela. É uma responsabilidade e tanto para alguém de quatro meses, salvar a vida da mãe... Ela carregava uma dor enorme e, como um bebê, você absorve isso”. Então, ele cresceu de uma maneira diferente que um bebê cuja mãe tem a capacidade de oferecer um amor sereno e consistente. Depois, já adulto, por vezes não conseguia se controlar em momentos estressantes. Para ele, a válvula de escape era comprar discos. Ele se lembra de que, quando era criança, sua mãe só relaxava quando ouvia música; por tabela, ele também ficava relaxado. E, agora, ele recorria a isso como se fosse uma fórmula de tranquilidade.

Ele viu uma dinâmica parecida entre seus pacientes, só que suas experiências eram ainda piores que as de sua infância. “Embora as circunstâncias históricas possam ter sido piores no meu caso, as experiências pessoais são bem mais traumáticas nos casos das pessoas que atendo”. Isso acontece “porque não fui traumatizado pelos problemas psicológicos dos meus pais... O trauma que eu tive veio de algo exterior. Assim que meus pais ficaram juntos, tive uma vida familiar estável. Não sofri maus-tratos. Não tive nada parecido com ser abusado sexualmente pelo pai ou pela mãe. Nada como ser deixado sozinho por pais dependentes enquanto estão se drogando”.

O trauma de Gabor era moderado, então seu comportamento também é moderado: ele é capaz de ficar presente no mundo a maior parte do tempo.

Os traumas dos pacientes são intensos, então seu vício é extremo: não se sentem bem em estar no mundo na maior parte do tempo. Mas o que é importante, em ambos os casos, é que algo aconteceu “antes que o uso de substâncias psicoativas começasse”.

Fiquei andando em círculos no Downtown Eastside depois de uma de minhas conversas com Gabor, passando por dependentes caídas no meio da rua. Elas estão com a maquiagem exagerada das prostitutas de rua, ou vendem drogas ou objetos que encontraram nas lixeiras — velhas fitas VHS e sapatos. Gritam comigo e com o mundo.

Consigo imaginar como uma pessoa que cai aqui por acaso julga o que vê. Alguém que vem de uma família bem estruturada deve olhar esses dependentes, balançar a cabeça e dizer: “Nunca poderia fazer isso comigo”. Sinto uma necessidade de pará-las e esfregar dados e estatísticas na cara delas, dizendo: “Não vê que só não faz isso consigo mesmo porque não precisa? Nunca teve de lidar com mais sofrimento do que pode suportar”. É a mesma coisa que ver alguém que teve as pernas amputadas em um acidente e dizer: “Eu nunca cortaria minhas próprias pernas”. É claro, você não sofreu nenhum acidente. As almas desses dependentes foram vítimas de uma série de acidentes de carro.

E então, enquanto ensaio esse teatro hipócrita em minha cabeça, percebo que eu também estou passando rápido por eles com uma expressão no meu rosto que é de quê mesmo? Medo? Nojo? Superioridade? Identificação?

Todas essas informações podiam ser encontradas em fontes esparsas antes que Gabor começasse a escrever sobre o assunto. Mas o que o surpreendeu foi que “todas essas informações ainda não haviam sido reunidas. Até então, ninguém tinha associado trauma de infância, desenvolvimento cerebral e as histórias dos dependentes com quem trabalho para montar uma teoria coerente sobre o vício”.

Mas Gabor é o primeiro a apontar que, mesmo diante de todas essas descobertas, o quadro não está completo. O vício não pode ser explicado apenas com o que aconteceu aos indivíduos enquanto crianças. É um fator importante, mas não é tudo. Enquanto Gabor trabalhava no Portland, não muito longe, em outra parte do Downtown Eastside outro homem estava trabalhando, um professor chamado Bruce Alexander. Ele concordou com a análise de Gabor sobre trauma de infância, mas tentava responder a outra pergunta: como algumas pessoas que não têm infâncias traumáticas acabam se tornando dependentes? O que acontecia com elas?

Jantei com Gabor em um restaurante grego e pensei como os fatos que ele descobriu podem mudar a forma como pensamos a guerra às drogas.

Ele mostrou que o cerne da dependência não está no que você engole ou injeta — está na dor que sente. Ainda assim, construímos um sistema que acredita em curar dependentes aumentando a dor que sentem. “Se tivesse que inventar um sistema que visasse manter as pessoas dependentes, seria como o que temos agora. Atacaria as pessoas, as isolaria”, disse Gabor. Ele descobriu que quanto mais se pressiona uma pessoa, mais ela usa. Quanto menos se pressionar uma pessoa, menos ela usa. Então, criar um sistema no qual você isola, marginaliza e criminaliza as pessoas, forçando-as a viver na pobreza e com doenças, é a garantia para mantê-las drogadas.

“Se consequências negativas levassem as pessoas a pararem não existiria mais nenhum paciente hoje, porque todos eles estão bem servidos de sofrimento. Foram presos. Espancados. Adquiriram HIV, hepatite C. Estão pobres”, enumera Gabor. “O que ainda não sofreram?”

E se nós trocássemos a guerra às drogas por uma guerra às causas do vício?

Gabor diz que, levando em conta que os maus-tratos a crianças são um fator importante para o vício, se quisermos mesmo diminuir o número de dependentes, temos que começar “na primeira visita pré-natal, porque o estresse na mulher grávida tem um impacto no potencial da criança a

desenvolver vícios ao longo da vida”. Nós identificaríamos as mães mais pressionadas e com menos capacidade de suportar isso, então seria fornecido um apoio específico para elas, além de orientações sobre como se relacionar com o bebê.

Depois do nascimento, as mães que estão com problemas para criar laços com o bebê seriam identificadas para que elas recebessem ajuda. É preciso ficar de olho nos pais que ainda não conseguem gerar um lar ideal para a criança ou apresentam comportamentos abusivos e, se necessário, encontrar um lar alternativo para a criança. Essas abordagens iriam, com o tempo, reduzir o número de dependentes, em vez de aumentá-lo ainda mais com a repressão. Serviços para auxiliar mães e crianças vulneráveis existem no mundo todo, mas fora da Escandinávia, geralmente são precários e carecem sempre de verbas. O que é melhor: investir nas crianças antes de se tornarem dependentes ou prendê-las depois?

De todas as ideias que ouvi, essa parecia ser a que tinha mais chances de salvar a mãe de Chino, Marcia Powell e Billie Holiday. Poderia funcionar. Mas o que fazer com o adulto que já está dependente?

Nos últimos dez dias de sua vida, Hannah — a dependente que foi retirada da reserva indígena quando criança e passou três anos trancada dentro de um quarto faminta — viveu em sua própria suíte na Portland Hotel Society, onde estava cercada por gente como Liz e Gabor, que a escutavam e lhe garantiam que nunca mais seria expulsa de lugar nenhum.

Liz a ajudou a encontrar a família que ela deixara tantos anos antes na reserva. A família a visitou em seu próprio quarto, ela cozinhou para eles, se sentiu orgulhosa. Quando Hannah entrava em uma de suas crises e se achava uma drogada inútil, Liz lhe dizia: “Você é um ser humano maravilhoso, mostra mais resiliência, tenacidade e força que qualquer pessoa que conheço. Você é linda. Pode dizer hoje que fez um excelente trabalho em sobreviver?”

Hannah nunca pararia de procurar relacionamentos abusivos, de beber e de se drogar — mas foi da heroína para a metadona. Ela contraiu o vírus HIV

na época em que não se distribuíam seringas na cidade, então morreu de aids aos 48 anos. Mas não morreu sozinha; estava cercada de gente que a amava e a admirava.

Para os proibicionistas, foi um fracasso, porque seguiu se drogando. Para Portland, foi uma vitória, porque ela sabia que era amada.

Um dia, um ministro de governo bem idoso foi visitar os quartos onde se pode injetar em segurança e conhecer os dependentes. Ele perguntou para Liz: “Qual é o percentual de pessoas que vêm para cá que você consideraria irrecuperáveis?”

Ela olhou para ele, pensando em uma maneira de dizer que a resposta para sua pergunta era zero.

13. Batman estava errado

A primeira lição que Bruce Alexander recebeu em relação ao vício foi do Batman. Ele foi criado em diferentes bases militares dos Estados Unidos, nas quais seu pai era um oficial em treinamento. Um dia, leu um gibi no qual criminosos batem em um drogado enquanto o Homem-Morcego se esconde atrás de um prédio e assiste a tudo, imóvel.

“Pai”, perguntou o garoto Bruce, “por que o Batman ficou ali parado enquanto batiam no drogado? O Batman não combate os bandidos?”

“Ninguém se importa se um drogado apanhar feio; eles são seres humanos desprezíveis”, respondeu o pai.

Bruce acreditou nisso. Mesmo assim, nas ruas do Downtown Eastside, quando se tornou adulto, fez duas descobertas importantes sobre dependência química, que mudaram a forma de se pensar sobre o vício.

Ouvi falar pela primeira vez de Bruce anos atrás, quando estudava psicologia na Universidade de Cambridge e li sobre as experiências que realizou com ratos. Num primeiro momento, elas me pareceram muito exóticas e intrigantes, nada mais. Mas resolvi me aprofundar no tema.

Conheci Bruce em um café no primeiro piso da biblioteca de Downtown Eastside. É um lugar sem luxo com cadeiras duras e iluminação em trilhos e quase todos os que estavam lá pareciam moradores de rua que entraram para se aquecer e tomar um gole de café. Bruce destoava um tanto do cenário: um homem genial de cabelos brancos com cara tanto do professor

que é quanto do canadense que se tornou. Vestia um suéter e sorria de maneira amistosa. Logo percebi que minha primeira impressão estava errada: ele pertence mesmo a esse lugar. Não demorou muito para que nossa conversa fosse interrompida por uma dependente que conhecia o trabalho de Bruce — ela disse como aquilo era importante para ela. Logo depois, ele começou a me contar a história de seu experimento. Isso mudaria completamente minha visão sobre a dependência, sobre algumas pessoas próximas a mim e sobre o mundo.

No começo dos anos 1970, Bruce era um jovem professor de psicologia da Simon Fraser University, em British Columbia, no Canadá. Estava à frente de um curso chamado Problemas Sociais, que ninguém mais queria ministrar. Sabia que as principais questões sociais daquele momento eram a Guerra do Vietnã e o vício em heroína. Como não podia ir para Saigon, dirigiu-se ao Downtown Eastside. Ele foi para lá de má vontade, aprender apenas o suficiente para poder ensinar alguma coisa aos estudantes e nada mais. Viu uma variedade imensa de dependentes e, como Batman, os viu como um bando de zumbis cujas mentes haviam sido reduzidas a partir em busca de droga.

Como Bruce tinha formação em terapia de família, pensou que a melhor maneira de aprender sobre o tema seria dar aconselhamento a dependentes em agências locais de tratamento.

Um dos seus primeiros pacientes foi o Papai Noel. Ele trabalhava todo Natal no shopping, aonde chegava de helicóptero, descia de uma escada feita por cordas, dizia “ho-ho-ho” para as crianças, injetava heroína no camarim e, depois, prometia trazer os presentes que elas queriam. Bruce convenceu Papai Noel a levar os pais para a terapia de família, já que ele tinha apenas 23 anos. Os pais tinham pavor de que seu filho morresse. Ele não achava que pudesse parar. Um dia, estavam discutindo seu trabalho como um Papai Noel chapado e todos começaram a rir incontrolavelmente.

Bruce ficou admirado com isso, porque sempre acreditou que dependentes não tivessem capacidade de autorreflexão, e aquele jovem conseguia entender como a sua situação era absurda. Havia uma humanidade nessa risada que ele não esperava ouvir.

Ele continuou entrevistando os dependentes de forma detalhada. Como Gabor, conseguiu perceber que os traumas eram fatores cruciais para eles se drogarem. Só que havia outras coisas deixando-o confuso.

Houve muitos momentos dos anos 1970 nos quais a polícia canadense impediu a entrada de heroína em Vancouver. Sabemos disso porque a polícia, ao testar a “heroína” vendida nas ruas, descobriu que havia 0% da droga naquele coquetel químico, composto apenas de contaminantes misturados com preenchimentos. A guerra às drogas estava, então, ganhando por lá.

É óbvio o que deveria ter acontecido durante esses períodos de escassez. Os dependentes de heroína deveriam todos ter entrado em síndrome de abstinência, passado semanas assim para, depois, perceber que estavam livres da dependência física.

Mas Bruce observava algo muito estranho e diferente disso. Não havia heroína na cidade, mas os dependentes estavam exatamente do mesmo jeito: desesperados, tentando de todas as formas arranjar dinheiro — roubando ou se prostituindo — para comprar aquele composto sem heroína. Eles não agonizavam com a abstinência. Achavam que o que estavam comprando era uma heroína fraca e compensavam bebendo mais álcool e tomando Valium. Mas o cerne da dependência não parecia ter sido afetado. Nada tinha mudado.

Não era um evento isolado: em diversas outras cidades da América do Norte, onde a polícia conseguia impedir a entrada de heroína, acontecia a mesma coisa.

O fenômeno era estarrecedor. Era possível evitar o suprimento da droga, mas o vício continuava igual. O que estava acontecendo?

Bruce começou a ensinar a seus estudantes que, ao contrário do senso comum, o vício nas drogas tem muito menos a ver com as substâncias químicas. Tinham dito para ele — como a todos nós — que um dos piores aspectos da heroína eram os efeitos terríveis da crise de abstinência no corpo. Henry Smith Williams acreditava que era um processo tão devastador que poderia matar. Mas Bruce via dependentes em abstinência o tempo todo, e esses sintomas eram contornáveis: na pior das hipóteses, era como ter uma gripe forte. Isso vai contra tudo o que aprendemos e, por isso, não parece ser real, mas os médicos de hoje concordam que é assim mesmo. A verdadeira dor trazida pela interrupção do uso é a volta do sofrimento psicológico que se tentava anular desde o princípio.

Bruce convidava dependentes do Downtown Eastside para falar com seus estudantes. Um deles contou sua história de vida e se colocou à disposição para responder a perguntas dos alunos.

“Nosso professor disse que os sintomas da abstinência não são tão ruins assim. É verdade?”, questionou um dos estudantes.

“Seu professor disse que não eram tão sérios, é? Que você não se arrasta no chão nem sobe pelas paredes? Queria saber se alguém notou que estou agora mesmo em abstinência”, ele respondeu.

E estava mesmo. Seu nariz estava um pouco entupido, e ele transpirava. Mais nada.

Os pesquisadores John Ball e Carl Chambers estudaram a literatura médica entre 1875 e 1968 e descobriram que ninguém morreu de abstinência de heroína nesse período. As únicas pessoas que podem morrer por causa desses sintomas são as que já estão muito debilitadas, como Billie Holiday, que sofreu consequências piores ao parar com a heroína por já estar com o fígado comprometido. É o mesmo caso das gripes que matam pessoas já muito velhas e enfraquecidas.

Em outra aula, quando Bruce defendia o argumento de que a substância química não é a causa primária da dependência, um estudante ergueu a mão.

“Isso é conversa fiada, sabemos por que as pessoas usam heroína. A droga toma conta do cérebro delas na hora em que é consumida... os experimentos em ratos provam isso.”

Como já dito anteriormente, as provas mais contundentes em favor da teoria farmacêutica foram, por anos, os experimentos com ratos. Um famoso anúncio veiculado na TV norte-americana nos anos 1980, financiado pela Partnership for a Drug-Free America [Parceria por uma América Livre das Drogas], explicava melhor. Um rato era mostrado em close-up lambendo uma garrafa de água, enquanto o narrador dizia: “Apenas uma droga é tão viciante, nove entre dez ratos de laboratório usam. E usam. E usam. Até que morrem. Ela se chama cocaína. Ela pode fazer o mesmo com você”. O rato corre meio histérico e, como prometido pela trilha sonora assustadora, cai morto. Experimentos semelhantes foram realizados para provar o quanto a heroína e outras drogas são viciantes.

Mas Bruce notou uma particularidade nesses experimentos: os ratos eram colocados em jaulas vazias. Estavam sozinhos, sem brinquedos, sem atividades recreativas e sem amigos. Não havia nada para eles fazerem a não ser tomar a droga.

E se, ele pensou, o experimento fosse feito de modo diferente? Ele construiu, com a ajuda de colegas, dois espaços para os ratos de laboratório. No primeiro, os animais viviam como se estivessem nos experimentos originais, em confinamento, apenas com seu suprimento de droga. Já o segundo era o paraíso dos ratos. Dentro da jaula de madeira compensada havia tudo com que um roedor sonhava: rodinhas e bolas coloridas, as melhores comidas e ratos com quem brincar e fazer sexo.

Ele chamou o lugar de Rat Park. Nesses experimentos, os dois espaços tinham acesso a duas garrafas. A primeira continha só água. Na segunda garrafa havia morfina, que é um derivado de ópio cujos efeitos são próximos aos da heroína e que os ratos processam de maneira semelhante aos humanos. No final do dia, mediam quanto havia de água e de morfina nas garrafas para saber quanto os ratos escolheram ficar sóbrios ou doidões.

Descobriram que os ratos isolados usaram até 25 miligramas de morfina por dia, como nos antigos experimentos. Mas os roedores que estavam nas jaulas com outras coisas para fazer usaram menos de cinco miligramas. “Os ratos no Rat Park tinham morfina disponível 24 horas, mas não usaram”, disse Bruce. Eles não se mataram, escolheram fazer outras coisas.

Então, os experimentos realizados antigamente parecem errados. Não é a droga que causa o comportamento autodestrutivo, é o ambiente. O rato isolado quase sempre vira drogado. O que tem uma vida boa quase não segue pelo mesmo caminho, por mais que tenha drogas disponíveis. Bruce descobria que o vício não é uma doença, é uma adaptação. O problema não é você, é a jaula na qual vive.

Bruce e seus colegas continuaram a fazer ajustes nesse experimento, de forma a ver como o ambiente pode determinar as compulsões químicas.

Ele pegou um grupo de ratos e fez com que tomassem a solução de morfina por 57 dias dentro da jaula, sozinhos. Se as drogas tomam mesmo conta do cérebro, deveria ser suficiente. Depois, ele colocou os ratos no Rat Park. Será que continuariam usando, mesmo em um ambiente diferente e melhorado?

No Rat Park, os ratos passaram pela síndrome de abstinência, mas pararam rapidamente com a morfina. Um ambiente social feliz os libertou. No Rat Park, escreveu Bruce, “nada do que tentamos fez com que os ratos tivessem uma ânsia forte por morfina ou produziu algum comportamento parecido com dependência química”.

Bruce naturalmente teve interesse em saber se o mesmo acontecia com os humanos. Por coincidência, um grande experimento com pessoas em condições similares tinha acontecido havia pouco tempo: a Guerra do Vietnã.

Naquele conflito, usar heroína era “tão comum quanto mascar chiclete” entre os soldados norte-americanos, como noticiou na época a revista *Time*.

Não foi uma hipérbole jornalística: cerca de 20% dos militares ficaram dependentes, conforme os *Archives of General Psychiatry*, citados por muitos autores. Isso significava que havia mais dependentes de heroína servindo nas Forças Armadas dos Estados Unidos do que entre a população civil do país inteiro. As autoridades militares reprimiram duramente o uso da maconha entre suas tropas, mandando cães farejadores e encarcerando em massa; então muitos dos homens — incapazes de encarar a pressão da guerra sem um relaxante — foram direto para a droga injetável, que passava despercebida pelos cães. O senador Robert Steele, de Connecticut, chegou do front e disse que “os soldados que vão para a guerra correm muito mais risco de se viciarem em heroína do que de serem abatidos em combate”.

Muitas pessoas nos Estados Unidos estavam aterrorizadas, e com razão. Cedo ou tarde a guerra acabaria e as ruas do país ficariam repletas de drogados. Elas acreditavam na teoria farmacêutica, então esse seria o único resultado possível. Os corpos e as mentes seriam tomados pela substância e, como o senador Harold Hughes, de Iowa, alertou: “Em questão de meses, nossas maiores cidades farão a era de Capone nos anos 1920 parecer um piquenique de verão”.

A guerra terminou e os dependentes voltaram para casa. Algo completamente inesperado aconteceu. O estudo do *Archives of General Psychiatry* e o que podia ser observado em todo o país mostraram que 95% deles simplesmente pararam de usar em um ano. Quem recebeu tratamento e passou por uma reabilitação não era mais propenso a parar do que quem não recebeu tratamento nenhum. Um pequeno número de veteranos seguiu usando. Estes eram aqueles que tiveram infâncias disfuncionais ou já eram dependentes antes da guerra.

A teoria na qual a droga escraviza as pessoas — e que é a base da guerra às drogas desde a época de Anslinger — não faz o menor sentido. Existe uma outra explicação. Como o escritor Dan Baum coloca: “Tire um homem da selva pestilenta onde pessoas que não pode ver tentam matá-lo por

motivos que ele não compreende e — surpresa! — sua necessidade de injetar desaparece”.

Depois de tudo isso, Bruce começou a desenvolver uma teoria que contradiz o que aprendemos sobre o vício e que, para ele, era a única forma de explicar tudo isso. Se o ambiente onde a pessoa se encontra é como o Rat Park — uma comunidade segura e feliz, com amizades e coisas prazerosas para fazer —, você não terá uma vulnerabilidade muito grande para a dependência. Se ela estiver num lugar como a jaula dos ratos — onde se sente sozinho, impotente e sem perspectiva —, será mais vulnerável a desenvolver o vício.

Enquanto Bruce me explica isso, lembro-me mais uma vez do Buraco na Cidade das Barracas, no deserto do Arizona. Para punir os dependentes, os defensores da repressão às drogas construíram um ambiente que favorece e aprofunda a dependência química.

Assim, Bruce acredita que a disparidade entre os 90% que usam drogas sem problema algum e os 10% que não conseguem é um produto de circunstâncias sociais. Ou seja, se as circunstâncias sociais são alteradas, essa taxa pode ser reduzida.

Ratos na solitária e soldados no Vietnã não estavam sendo necessariamente “dominados” pelas substâncias, mas encontrando uma forma de lidar com o fato de terem sido deslocados de tudo aquilo que dava sentido e prazer à vida deles. O mundo ao redor deles se tornou um lugar insuportável. Como não conseguiam sair dele fisicamente, escaparam de lá através da mente. Mais tarde, quando a vida deles recuperou o sentido, não precisaram mais das drogas e superaram a abstinência com relativa facilidade.

Bruce concluiu que a chave para compreender a causa oculta da dependência estava em um conceito acima de qualquer outro — deslocamento. Ter o sentido da sua vida arrancado de você. Ele começou a

organizar suas ideias em um livro chamado *e Globalization of Addiction* [A globalização do vício].

Passou a coletar a história de como isso ocorreu. Os seres humanos evoluíram a partir de pequenos grupos de caçadores-coletores nas savanas da África. A tribo era a forma de organização que garantia a sobrevivência. Se alguém era retirado dela e de seus rituais, se sentia profundamente infeliz: um homem sozinho na savana era condenado a uma morte quase certa. Os seres humanos parecem ter evoluído com uma grande necessidade de criar laços, porque era vital para sua sobrevivência.

Bruce investigou os momentos na história em que o vício disparou entre os seres humanos — e descobriu que isso acontecia com regularidade quando esses laços eram tirados das pessoas. Os povos indígenas da América do Norte tiveram suas terras usurpadas e sua cultura destruída, e acabaram sucumbindo em massa ao alcoolismo. Ingleses pobres foram expulsos do campo para cidades assustadoras no século XVIII e foram tomados pelo “*Gin Craze*”. Os centros de algumas cidades dos Estados Unidos tiveram suas fábricas fechadas e seu entorno abandonado nos anos 1970 e 1980, e os que ficaram por ali foram vítimas de uma epidemia de crack. A crise econômica de 1980 e 1990 também prejudicou as áreas rurais do país, com uma diminuição dos subsídios e dos mercados e, por isso, elas embarcaram no consumo compulsivo de metanfetamina.

Bruce chegou à conclusão de que “o fluxo elevado do vício hoje em dia é produto da nossa sociedade hiperindividualista, frenética e vulnerável a crises, onde a maioria das pessoas se sente isolada tanto social quanto culturalmente. O isolamento crônico motiva a busca por alívio. Esse alívio temporário é encontrado no vício, porque permite fugir dos nossos sentimentos, anular os sentidos e experimentar um estilo de vida viciante no lugar de uma vida plena”.

Essas descobertas não se opunham às de Gabor, só as aprofundavam. Uma criança que foi negligenciada, espancada ou estuprada, como a mãe de

Chino ou Billie Holiday, tem dificuldade de confiar nas pessoas e criar vínculos saudáveis. Por isso, ela se isola e sofre os mesmos efeitos que os ratos confinados nas solitárias.

O professor Peter Cohen, amigo de Bruce, escreveu que deveríamos substituir a palavra “dependência” por outra: “vinculação”. Os humanos precisam de vínculos. É uma de nossas necessidades mais primitivas. Então, se nós não podemos nos relacionar com outra pessoa, criamos o vínculo com algum tipo de comportamento, seja ver pornografia, fumar crack ou jogar. Se o único vínculo que o alivia e lhe dá algum sentido for ver vídeos de sexo no computador, ou injetar heroína ou apostar na roleta, você voltará a ele de maneira obsessiva.

Um adicto em crack e heroína em recuperação do Downtown Eastside chamado Dean Wilson resumiu bem: “O vício é uma doença da solidão”.

O Rat Park parece preencher algumas das lacunas do nosso entendimento sobre o vício, mas uma questão ainda fica sem resposta: e os que injetavam heroína falsa?

O sofrimento faz com que as pessoas busquem substâncias para alterar seu estado de consciência. Até aí nenhuma dúvida. Mas os dependentes de heroína com os quais Bruce trabalhava no Downtown Eastside não estavam tomando heroína de verdade nos períodos em que o suprimento de heroína foi interrompido em Vancouver. Eles não estavam alterando suas mentes em nenhum sentido físico, mas seguiam injetando compostos sem o princípio ativo da droga no braço. Por quê?

Bruce percebeu que, em todos aqueles anos entrevistando dependentes sobre a vida deles, a mesma história era contada. “As pessoas tiveram que explicar para mim várias vezes até eu entender”, disse.

Antes de se tornarem drogados, esses jovens ficavam sozinhos em seus quartos, com vidas vazias e sem sentido. A maioria deles tinha como perspectiva trabalhar no McDonald’s por um salário mínimo deteriorado pela inflação, em que passariam a vida virando hambúrgueres, vendo TV e se

sacrificando para adquirir produtos de consumo menores. “Meu trabalho era perguntar: por que você não para de usar drogas? Um deles me explicou muito bem: pense por um minuto. O que eu faria se parasse de usar? Talvez conseguisse um emprego como zelador ou algo assim. Compare isso com o que faço agora: tenho amigos e fazemos coisas excitantes, como roubar lojas e sair com prostitutas”, contou. De repente, a pessoa pertence a um mundo no qual, junto com outros dependentes, embarca em uma cruzada para roubar o suficiente para comprar drogas, fugir da polícia, ficar longe da cadeia e sobreviver.

Se o problema crônico for a falta de vínculos sociais, parte da solução é criar uma relação com a heroína e com o alívio proporcionado por ela. Mas uma parte maior disso é criar vínculos com a subcultura que vem junto com a droga, um grupo de usuários amigos que estão na mesma missão, enfrentando os mesmos riscos diante da morte. Isso dá uma identidade. Proporciona uma vida de altos e baixos ao invés de uma monotonia sem fim. O mundo deixa de ser indiferente e começa a se tornar hostil, e isso é uma prova de que você existe, que ainda não está morto.

A heroína ajuda os usuários a lidar com a dor de não conseguir criar laços normais com outros seres humanos. A subcultura da heroína faz com que se criem vínculos com outros seres humanos dependentes.

Isso me pareceu estranho e chocante quando li pela primeira vez. A vida de um adicto de rua é horrível. Você poderia sofrer algum dano a qualquer momento por causa de uma droga ruim, morrer de hipotermia, ser estuprado e perseguido pela polícia. Como Bruce, tive que voltar sempre para essa teoria na minha cabeça e aplicá-la aos dependentes que eu conhecia, até conseguir ver.

Lembre-se de que quando a heroína verdadeira sumiu, os dependentes continuaram a se comportar como dependentes. O fato horrível é que, de acordo com Bruce, “é muito melhor ser drogado do que ser um nada, porque é essa a alternativa que esses jovens enfrentam”. Mesmo sem a droga, eles “mantiveram a essência do vício em heroína, que é um vício na

subcultura”. Quando se ouve a vida toda que se é um merda, assume-se a identidade de ser um merda, aceitam-se outros merdas e vive-se abertamente como um merda — parece melhor que a solidão. Como um adicto disse a Bruce: “Esta é uma vida. É melhor que vida nenhuma”.

Quando ouvi as teorias de Gabor e Bruce, parte de mim se convenceu e a outra manteve-se cética. Qual é o outro lado da moeda desses argumentos? Não foi isso o que aprendi na escola nem no que a maioria de nós acredita. Por mais que fossem persuasivos, era difícil não pensar que as substâncias químicas causavam a dependência. É o senso comum.

A melhor pessoa para rebater essa posição era Robert DuPont. Ele é o fundador do National Institute on Drug Abuse [Instituto Nacional do Abuso de Drogas, NIDA, na sigla em inglês], que financia 90% de toda a pesquisa sobre substâncias ilegais no mundo. É um cientista muito respeitado e o homem que criou muitas das metáforas com as quais entendemos as drogas hoje. Fui atrás dele em uma conferência em Estocolmo, na Suécia. Por dois dias, estive junto a ativistas antidrogas de todo o mundo. DuPont é um homem alto, magro e gentil de Ohio, e fez um discurso espetacular — um chamado eloquente para a guerra às drogas, resumindo o mote da conferência que alertava para o poder das substâncias químicas de escravizar as pessoas.

Ele concordou que lhe apresentasse os buracos na teoria farmacêutica. Comecei perguntando quais seriam os efeitos negativos das drogas que acreditava serem causados por seus componentes químicos. Ele me olhou, pasmo. “Em relação a...?” E houve um silêncio.

Mencionei os traumas de infância e o isolamento. Ele continuou sem entender. “Acredito que o ambiente é muito importante”, ele disse. E citou apenas um fator ambiental: se as drogas são ou não legais. O uso delas deveria ser mantido como um crime, ou explodiria. Tentei apontar outros fatores possíveis, mas esse era o único que ele reconhecia.

Fiquei um pouco confuso, então perguntei uma coisa diferente. O instituto que você organizou diz que as drogas tornam o dependente um escravo da química — que as substâncias tomam conta do cérebro da pessoa —, mas estou tentando encaixar isso nos estudos que mostram que a maioria dos dependentes uma hora para de usar. Que escravidão é essa? Frederick Douglass não deixou a escravidão quando quis.* DuPont me olhou, pensativo. “Você tem um bom argumento, nunca pensei desta maneira. A escravidão de dois séculos atrás era mais absoluta, esta apresenta mais nuances”, explicou.

Sorrimos de modo desconfortável um para o outro. E sobre a outra metáfora, a de a mente ser sequestrada? A maioria dos sequestros não termina com as vítimas escolhendo deixar seus sequestradores para trás. “Claro. É um sequestro parcial. Tem razão nisso também.”

Fiquei um pouco desconcertado. Essas são as metáforas centrais que fundamentam a teoria do vício e aquele era o maior especialista no assunto falando em uma conferência que defendia esses ideais. Mas quando fiz perguntas básicas sobre como isso se relaciona com o ambiente, ele me responde — muito simpático — que nunca tinha pensado no assunto. O homem que tem um dos principais centros de pesquisa em drogas no mundo não conhecia teorias alternativas nem sabia coisa alguma sobre os estudos de Gabor e Bruce.

Para ser justo, ao me voltar para a literatura especializada, percebi que o problema não era de DuPont. Parece ser um padrão entre os cientistas desse campo, mesmo os mais renomados. Sua maior preocupação são a bioquímica e o cérebro. As questões sobre como as drogas são usadas nas ruas são ignoradas. Ninguém quer financiar estudos sobre isso, me disseram.

E por quê? O professor Carl Hart, da Universidade Columbia, é um dos maiores especialistas sobre como as drogas afetam o cérebro. Ele conta que, quando você explica essas coisas para cientistas que construíram suas carreiras a partir de ideias antigas e mais simplistas sobre as drogas, eles

dirão: “Olha, cara. Minha posição é essa, me deixe em paz”. É isso o que sabem, é com base nisso que suas carreiras foram construídas. Se aparecem ideias que ameacem as suas, eles simplesmente as ignoram. Pergunto se a ideia central que temos sobre as drogas pode ser tão vazia assim. “Se é tão vazia assim? Acho que você descobriu que é assim mesmo. É só olhar para as provas. É tudo vazio, uma ilusão”, respondeu ele.

Mas por que essas ideias persistem? Por que os cientistas com ideias melhores e mais conceituadas não substituíram os mais antigos? Hart me explica que quase todos os estudos que existem sobre as drogas ilegais são bancados pelos governos, e eles têm interesse em manter a guerra às drogas, e só financiam estudos que reforçarão as ideias correntes sobre elas. Por isso, os estudos para testar teorias diferentes, com implicações radicais, não recebem verba.

Eric Sterling foi o advogado que escreveu as leis dos narcóticos nos Estados Unidos entre 1979 e 1989. Quando todas essas leis ganhavam forma, ele as escrevia. Eu o encontrei em seu gabinete em Maryland, e ele me disse que qualquer cientista com verba governamental que não produzisse resultados corroborando a teoria farmacêutica teria que aparecer diante de um comitê do Congresso para responder sobre sua sanidade mental. Além disso, toda a pesquisa seria interrompida e muita gente perderia o emprego.

Por isso, todas as evidências relacionadas ao ambiente eram ignoradas e os estudos se concentravam nos efeitos químicos das drogas. Não são dados falsos, mas eles não veem o quadro mais amplo. Existe um grande interesse político em não investigar a fundo as causas do vício.

E foi isso o que aconteceu com Bruce. Assim que suas descobertas se tornaram mais claras, a verba que recebia pela universidade para a pesquisa no Rat Park foi abruptamente cortada, antes que a equipe conseguisse investigar outras questões. Anos depois, um integrante mais velho do conselho universitário revelou que isso aconteceu porque tinham vergonha das descobertas. Algo tão fora do convencional parecia maluco.

Para um filho de militar criado dentro de uma família conservadora, o experimento do Rat Park e da abstinência de heroína foi surpreendente, mudando a forma como Bruce via o mundo. “É incrível descobrir que algo tão comum de se acreditar é simplesmente falso”, ele disse.

Primeiro, ele achou que sua descoberta mudaria a forma como a dependência química era estudada. Ao invés disso, suas ideias foram desacreditadas, como se nunca tivessem acontecido. “Pode-se dizer que isso alterou de maneira negativa a forma como vejo o mundo”, comentou.

E ninguém jamais recebeu outro financiamento para fazer um novo experimento do Rat Park.

À medida que andava pelas ruas de Vancouver tentando digerir tudo isso, entendi algo que ainda não tinha percebido sobre o começo dessa história.

Nunca tinha conseguido responder a três perguntas. Por que a guerra às drogas tinha começado naquela época, no início do século XX? Por que as pessoas estavam abertas para as ideias de Harry Anslinger? E por que, mesmo quando ficou claro que o conflito tinha o efeito inverso do que era almejado — isto é, aumentava a dependência e os crimes violentos —, foi intensificado e não abandonado?

Acredito que a descoberta de Bruce Alexander possa conter a resposta.

“Os seres humanos só se tornam dependentes quando não encontram nada melhor com que viver e quando estão precisando desesperadamente preencher o vazio que ameaça destruí-los”, Bruce explicou em uma palestra em Londres, em 2011. “A necessidade de preencher o vazio interior não se limita aos dependentes de drogas, mas aflige a grande maioria das pessoas da nossa época, em maior ou menor grau.”

Uma sensação de deslocamento se espalha pelas sociedades de hoje como um câncer. Todos a sentimos: estamos mais ricos, mas menos conectados uns aos outros. Vários estudos mostram que isso não é só um pressentimento: a média de amigos próximos das pessoas tem caído de modo consistente. Como estamos cada vez mais sozinhos, nos viciamos

cada vez mais. “Aqui se trata de aprender a lidar com a era moderna”, acredita Bruce. O mundo moderno tem muitos benefícios, mas traz uma fonte de estresse singular: o deslocamento. “Ficar atomizado e fragmentado, sozinho, isso não é parte da evolução humana nem de nenhuma sociedade”, ele me disse.

E ainda tem mais um agravante. Ao mesmo tempo que os vínculos humanos enfraquecem, somos orientados todos os dias, por uma máquina de propaganda, a colocar nossas esperanças e nossos sonhos na direção do consumo. Gabor conta: “Toda a economia está fundamentada em criar desejos e necessidades falsos para vender produtos. As pessoas procuram o tempo todo satisfação e plenitude nos produtos”. Essa é a razão principal para que “vivamos em uma sociedade altamente dependente”. Nos separamos uns dos outros e nos voltamos para as coisas em busca de felicidade, mas as coisas só conseguem oferecer satisfações minúsculas.

É aí que entra a guerra às drogas. Esses processos começaram no início do século passado e a guerra às drogas chegou logo depois. O conflito não foi motivado apenas pelo pânico racial. Houve também um pânico do vício e teve uma causa real. Mas o problema não eram as drogas, era o deslocamento.

Tudo começou porque estávamos com medo de nossos próprios impulsos viciantes, que cresciam por todo lado porque estávamos sozinhos. Não será como um pastor evangélico que se volta contra gays por medo da própria pulsão homoafetiva que nós reagimos dessa forma aos dependentes, porque temos medo da nossa própria vulnerabilidade à dependência química?

Da última vez que encontrei Bruce, sentei em um banco em Pigeon Park, um espaço de concreto no Downtown Eastside onde os dependentes bebem, conversam, compram drogas, e tentei entender: de que maneira tudo isso muda a forma como devemos pensar a guerra às drogas agora?

Bruce afirma que hoje pensamos na recuperação dos dependentes apenas como uma questão individual. Acreditamos que o problema está no adicto e

que ele deve resolver a questão sozinho ou dentro do seu círculo mais próximo de dependentes.

Mas isso é como olhar para eles como os ratos isolados, vendo-os como se tivessem alguma falha moral, o que não chega ao cerne da questão. Precisamos olhar a coisa como um problema cultural. Deve-se pensar além da recuperação individual para falar de “recuperação social”.

Se pensarmos dessa forma, precisamos raciocinar de modo diferente a política para as drogas. Não é mais o jogo de fazer o adicto sentir medo, mas de como construir uma sociedade menos solitária e com menos medo para se forjar vínculos mais saudáveis. Como se faz uma sociedade em que buscamos a felicidade uns nos outros e não no consumo?

São perguntas radicais que vão muito além das drogas e dos temas deste livro. Mas elas precisam ser feitas. Não conseguimos reduzir a dependência porque estamos fazendo as perguntas erradas.

Bruce diz que essa dinâmica está produzindo algo pior que a guerra às drogas. Isolados uns dos outros, estamos todos dependentes, e nosso maior vício é comprar e consumir coisas de que não precisamos e nem mesmo queremos.

Todos sabemos lá no fundo que trabalhar sempre mais para comprar as coisas que vemos nos anúncios publicitários não faz ninguém feliz. Mas continuamos nesse ritmo, ocupando a maior parte do nosso tempo de vida. Poderíamos desacelerar, trabalhar menos e consumir menos. Pouparia o ambiente de ser destruído sistematicamente. Mas estamos isolados cada um em uma jaula. Nesse ambiente, a ideia de consumir menos nos deixa em pânico. Bruce acredita que o consumo serve para preencher o vazio onde as relações humanas deveriam estar.

A menos que compreendamos a lição do Rat Park, Bruce diz que enfrentaremos um problema mais sério. Estaremos em breve em um planeta destruído por nosso vício mais destrutivo: o consumo.

Ouvi muitas vezes as gravações com Bruce e Gabor tentando entender o que me diziam. Eles me convenceram de que há aspectos ligados ao vício que nada têm a ver com as substâncias químicas. Mas seria absurdo dizer que elas não têm relação nenhuma com o vício em crack e no cigarro. Então, quanto do vício vem da química e quanto vem dos fatores sociais? Qual é a proporção?

Com o avanço das minhas leituras, me deparei com o trabalho de um cientista incrível chamado Richard DeGrandpre, que nos dá uma proporção exata em termos percentuais.

Quando os adesivos de nicotina foram inventados, nos anos 1990, os profissionais da área de saúde ficaram encantados. Acreditava-se na teoria farmacêutica do vício, que era causada por princípios químicos viciantes presentes na própria droga. É só usar a droga por um tempo para que seu corpo comece a ansiar e precisar do composto químico. Não tem nenhum mistério: qualquer um que tente parar com o café sabe que a necessidade pela substância é real. Estou tentando fazer isso agora, enquanto escrevo, e minhas mãos estão um pouco trêmulas, minha cabeça dói e eu acabei de brigar com o cara que está sentado do meu lado na biblioteca.

Todo mundo concorda que fumar cigarro é um dos vícios mais fortes, comparável ao da heroína e ao da cocaína. Também é um dos mais mortais: fumar mata 650 de cada 100 mil pessoas que consomem o tabaco, enquanto a cocaína mata quatro. Sabemos também que a nicotina é a substância viciante do cigarro.

A maravilha dos adesivos de nicotina, então, é satisfazer a necessidade física do fumante pela substância reduzindo os efeitos danosos acarretados pelo ato de fumar. Se a ideia da teoria farmacêutica estivesse correta, os adesivos seriam um enorme sucesso. Seu corpo anseia pela substância química, que é fornecida pelo adesivo, portanto, não precisa mais fumar.

A farmacologia dos adesivos de nicotina funciona bem, pois dá aos fumantes a droga da qual estão dependentes. O nível de nicotina no sangue não cai ao usar os adesivos, por isso o anseio químico some. Só tem um

problema: mesmo com o adesivo de nicotina, você ainda quer fumar. Um departamento da Secretaria de Saúde dos Estados Unidos descobriu que apenas 17,7% dos usuários dos adesivos conseguiram parar de fumar.

A explicação é que o ato de fumar vai além da nicotina. Se resolver o problema do desejo pela substância fez com que apenas uma pequena parte deles conseguisse deixar o cigarro, é preciso entender o que acontece com os outros 82,3%.

A taxa de 17,7% não é desprezível. Um número considerável de pessoas conseguiu melhorar de vida. Seria enganoso e ingênuo dizer que a droga não tem efeito *nenhum*. Mas também seria ingênuo dizer o que ouvimos há um século: que a causa *principal* do vício se encontra na substância química. As evidências mostram o contrário dessa afirmação.

Vale a pena destacar aqui esse ponto. No caso da droga mais mortal presente em nossa cultura, o fator químico só está ligado ao uso compulsivo do cigarro em 17,7% das pessoas; o que acontece com o restante só pode ser explicado pelos fatores apontados por Gabor e Bruce.

Para conseguir chegar a essa conclusão conversei com cientistas que me mostraram a diferença entre a dependência física e o vício. A primeira ocorre quando seu corpo ficou dependente da substância, quando você tem os sintomas da abstinência ao parar de consumi-la. Eu sou um dependente físico da cafeína e sinto os efeitos em meu corpo advindos da falta dela.

O vício é diferente. É o estado psicológico de sentir que se precisa da droga para ficar calmo, ou louco, ou chapado, ou seja lá o que for que ela faz com você. Em dois dias, as dores físicas da minha dependência por café terão passado, mas daqui a duas semanas posso sentir a necessidade de me concentrar e acredito que só conseguirei fazer isso se tomar cafeína. Isso não é dependência química, é vício. Há uma diferença crucial. Se isso serve para uma droga um tanto inofensiva como a cafeína, também serve para o vício em drogas mais pesadas, como a metanfetamina. É por isso que se consegue ajudar dependentes no período da abstinência e ver os efeitos químicos viciantes sumirem, mas depois essas pessoas podem ter uma recaída após

meses ou anos, apesar de a necessidade física pela substância já ter passado. Não há mais dependência física, mas são adictas. Por muito tempo acreditamos que uma parte pequena do vício — dependência química — era a única coisa que havia.

“É como se ainda operássemos dentro da física de Newton na era da física quântica. Claro que a física newtoniana ainda é muito válida, pois trata de várias questões, mas ignora o cerne delas”, exemplificou Gabor.

* Escritor, abolicionista e reformador social afro-americano (1818-95). Depois de escapar da escravidão, tornou-se um dos líderes do movimento abolicionista, ganhando fama como orador. (N. E.)

PARTE V
PAZ

14. Revolta dos adictos

À medida que eu tentava me orientar no mundo do Downtown Eastside, muita gente me dizia que a região mudara radicalmente na última década. Passara por uma transformação. Não é o que era. Está muito melhor agora. Quis saber como, então me contaram uma história na qual um nome se repetia: Bud Osborn. Ele é poeta, me diziam, um adicto sem residência fixa que fez uma revolução. Falavam dele como uma figura mítica. Eu compreenderia quando o conhecesse.

Quando liguei para ele, sua voz me soou mal ao telefone. Para minha surpresa, comecei a pensar coisas ruins. Mais um drogado? Por que me dar ao trabalho? E me perguntei na hora de onde tinham saído aqueles pensamentos.

Fui até o pequeno apartamento de Bud, localizado a uma curta caminhada do Portland Hotel Society, onde Gabor trabalhava. Ele me aguardava no corredor. Era um homem alto, dos seus sessenta anos, cabelos grisalhos longos e um rosto juvenil. Ele me mostrou sua sala com muitos livros — de poesia, história, jazz — e logo começou a contar sobre vinte anos antes, quando ele era muito diferente, assim como Downtown Eastside, e parecia não haver solução. Esta é a história conforme ouvi dele, dos seus amigos e das pessoas contra as quais ele liderou uma rebelião.

Parecia que Bud só tinha ouvido sirenes. Durante todo o dia, toda a noite, a cada quinze minutos, o barulho irritante de sirenes de ambulância rasgava o bairro, e ele sempre se perguntava: “Será um dos meus amigos? Qual deles?”

Com quarenta anos, ele era um adicto em heroína que vivia na rua e via todos os seus amigos morrerem. Em meados dos anos 1990, a voz de Bud era já um pouco seca e sem entonação, como se as emoções tivessem sido apagadas, quando um dia, próximo ao parque, esbarrou em uma indígena norte-americana chamada Margaret, que conhecia havia alguns anos. Ele sabia que todos em sua família, um por um, estavam morrendo de overdose, como muitas das pessoas dali. Percebia que ela estava com medo e queria dizer alguma coisa, mas não conseguia.

Ele esperou que ela falasse.

Sua prima, finalmente disse, acabara de morrer de overdose, e seu companheiro, quando encontrou o corpo, usou um lençol para se enforcar — e tudo aconteceu diante de um menino, que observou do berço. Ela estava indo encontrar a família para ver quem cuidaria da criança, explicou um tanto distante.

Enquanto Margaret falava, Bud pensou no que havia acontecido na sua infância, em Toledo, Ohio, e sabia que agora aconteceria o mesmo com outra criança. Algo dentro dele decidiu: aquilo tinha que parar.

Mas o que ele, Bud, poderia fazer, se perguntou. Sou apenas um drogado. Não sou ninguém.

Ele olhou à sua volta. Ninguém mais estava se revoltando. Tudo bem, ele pensou. Se tiver que ser só eu, tem que ser só eu.

Foi com esse pensamento, e tudo o que veio em seguida, que nasceu a primeira rebelião de adictos contra o sistema criado por Harry Anslinger.

No mesmo ano em que a mãe de Gabor o entregou para um cristão desconhecido para tirá-lo do gueto de Budapeste, um piloto norte-americano chamado Walton Osborn Senior estava a pouco mais de 240

quilômetros de distância dali, em um bombardeiro sobrevoando Viena. As balas devem ter perfurado o motor do avião, que pegou fogo e caiu. Walton foi retirado dos destroços fumegantes com as pernas esmagadas. Quem o salvou de dentro do aparelho foram os camponeses austríacos que sobreviveram às bombas lançadas por ele. Estavam armados com forquilhas e tinham a intenção de linchá-lo. Oficiais nazistas chegaram em um jipe e enxotaram aquelas pessoas, levando-o para um campo de prisioneiros de guerra.

Não sabemos o que aconteceu com ele na prisão. Ele nunca contaria, mas, quando voltou a Toledo, Ohio, para retomar a vida de jornalista, Walton não parou mais de beber.

Toledo era uma cidade de classe média pequena e sonolenta na qual as memórias da guerra eram meticulosamente reprimidas. Walton viajava pelos Estados Unidos para procurar sobreviventes dos campos de prisioneiros de guerra como ele, pois eram os únicos capazes de entendê-lo. Quando foi forçado a voltar, jogou fora todos os móveis, deixando a casa vazia, como se estivesse tentando reproduzir o ambiente do campo de prisioneiros. Ninguém sabia de que forma lidar com uma ferida aberta como a de Walton: era como se alguém gritasse no meio de uma festa.

Para a mulher, Patricia, Walton era um substituto bêbado do homem que havia ido para a guerra, e ela não aguentava mais. Ex-modelo, ela era uma morena alta e elegante e, enquanto o marido passava os dias na cama, bebendo e lendo Walt Whitman, começou um caso com outro homem para se sentir menos sozinha. Quando Walton descobriu, começou a gritar e a espernear de maneira tão violenta que seus amigos ficaram preocupados que fosse se jogar de uma janela, então o levaram para a cadeia, onde os policiais prometeram que ficariam de olho nele até que estivesse sóbrio. Colocaram-no em uma cela e se esqueceram de sua existência, então ele se enforcou com as próprias roupas.

Na semana seguinte, o jornal da cidade noticiou o fato. Era uma consequência “dos ataques à moral sobre a qual nossa sociedade se ergue”.

Tinha uma fotografia da viúva, chamando-a de promíscua e a responsabilizando pela morte do marido. A história circulou por toda a cidade e fez com que ela e seu pequeno Walton Osborn Junior fossem expulsos da vida de classe média que levavam. Eles tiveram que se mudar para um trailer, depois passaram a dormir em qualquer quarto que encontrassem e, no final, passavam a maior parte do tempo pulando de bar em bar. Sua mãe precisava beber a todo momento, e ela o levava até os bares, onde o mandava brincar. Como era a única criança, ficava jogando sinuca sozinho.

Walton Junior, um garoto cheinho com cabelo loiro encaracolado, queria saber onde estava seu pai. Sua mãe dizia que estava sonhando: seu pai nunca havia retornado da guerra, nunca tinham se conhecido. “Eu tinha memórias genuínas dele”, contou. Ele se lembrava do pai segurando sua mão e o levando ao museu de arte de Toledo, colocando-o sobre uma pequena estátua de rinoceronte, além de várias outras lembranças. Então, “achei que tinha alguma coisa errada comigo. Mentalmente falando. Da minha percepção da realidade”.

Era comum que sua mãe o deixasse com pessoas que mal conhecia, dizendo que voltaria dali a algumas horas e então desaparecia por dias. Isso só o fez confirmar suas suspeitas: “Meu pai partiu e minha mãe estava sempre sumindo. Achava que meus pais não estavam comigo porque deveria ter alguma coisa de muito errada comigo”. Sempre que o garotinho escutava seu nome — “Walton” —, acabava se sentindo aterrorizado, mas não sabia por quê. Um dia, enquanto brincava, um outro menino disse para ele que seu nome verdadeiro era Bud, e não Walton. Foi como uma libertação. Quis, então, que todo mundo o chamasse de Bud, para espantar o fantasma do pai — de quem se recordava, mas que acreditava nunca ter existido.

Com frequência, sua mãe levava homens para o trailer de um quarto onde moravam, para tomar mais alguns drinques. Uma noite, ela levou um ator que rasgou sua blusa. Ela berrou enquanto ele a agarrava com um sorriso no rosto. Bud tentou proteger a mãe, então se jogou contra aquele

homem adulto, mas foi dispensado como um inseto. Bud se reergueu e novamente investiu contra o homem, só que dessa vez foi jogado com muita força contra a parede.

“Fica aí, fica aí”, a mãe gritou. Então Bud ficou parado e viu tudo. “Fiquei lá tentando não sentir, tentando me manter inconsciente. Eu meio que me fechei”, recordou. Mais tarde, ele escreveu que naquele momento “prometi nunca mais ser vulnerável a outro ser humano”.

Não muito tempo depois, Bud se jogou de um alpendre de pedra, caindo de cabeça no chão de concreto. Seu crânio rachou e começou a sangrar. “Ou estava imaginando aquilo com meus devaneios de criança”, o que não seria um problema, “ou eu odiava a vida que estava vivendo.”

Foi depois disso que descobriu uma saída. A resposta, concluiu, deveria estar no mistério das palavras. A profissão do seu pai era contar histórias, e as palavras deveriam conter alguma alquimia, alguma explicação para o que estava acontecendo. Bud recortava algumas palavras do jornal, escondia os recortes no bolso e levava para a escola, onde os comia em segredo. “Achava que se tivesse as palavras dentro de mim, seus significados me seriam revelados”, recorda.

Quando ficou mais velho, começou a praticar esportes obsessivamente — beisebol, basquete, cross-country, corrida, tudo o que pudesse fazê-lo parar de pensar, “apenas para tirar minha cabeça do fato de que minha casa estaria envolta pelo caos, com pessoas brigando ou simplesmente sem ninguém”. Mesmo em pleno inverno congelante de Ohio, ele ficava treinando arremessos na quadra de basquete, tentando não pensar. “Era como se estivesse em transe”, diz ele. Não havia prazer em ganhar. Ansiava por esse processo, quando não estava sozinho com seus pensamentos.

Porém não podia fugir o tempo todo. Aprendeu a viver a partir de transe quase hipnóticos: estava com as pessoas, mas ia para algum lugar em sua mente onde não as via nem as escutava, ficava sozinho e entorpecido. “Conseguia me fechar. Dissociação”, explica ele. “Você tira sua consciência do que está acontecendo à sua volta.” As pessoas perguntavam onde ele

estava com a cabeça, e ele as olhava de volta com uma expressão vazia. Começou a fazer isso desde pequeno, quando sua mãe desaparecia. “Eu pensava que se ficasse tempo suficiente em transe, ela voltaria”, explicou.

Da primeira vez que ouviu falar em buracos negros no espaço, Bud pensou que os compreendia de modo intuitivo. “Eles absorvem e aniquilam qualquer luz que se aproxima. Eu me sentia assim aqui”, diz, apontando para o interior do seu corpo.

Os transe eram uma forma de ficar alheio a tudo, mas logo descobriu algo melhor. Quando tinha quinze anos, tomou uma overdose de aspirina. Um policial foi ao hospital onde ele estava internado para passar por uma lavagem estomacal e lhe disse no leito: “Você sabe o que está fazendo com sua mãe?”. Pouco antes que terminasse o ensino médio, ela contou: você conheceu seu pai. Há uma notícia de jornal que deveria ler. Depois disso, Bud começou a beber, e “bebia para esquecer. Até desmaiar”.

Ele foi estudar jornalismo na Northwestern University, mas não conseguia se concentrar, então acabou largando o curso. Continuou tentando se matar, mas sua fé nas palavras permaneceu. Ele descobriu os poetas franceses do final do século XIX. Charles Baudelaire e Arthur Rimbaud foram seus amigos e sua fuga. “Vi que a vida deles era um caos completo”, mas “eles me davam uma razão para viver mais uma hora, mais um dia, mais uma semana”, explicou. As palavras deles o ajudaram a sobreviver. “Resolvi que talvez conseguisse fazer aquilo, porque eu sou perturbado, eles também são perturbados e, mesmo assim, conseguem fazer uma coisa que ajuda os outros a sobreviver.” Prometeu que escreveria poesias todos os dias, não importando o que acontecesse com ele. “Pensava que a poesia é uma coisa que nunca pode ser tirada de você. Só você mesmo pode perdê-la.”

Ele tinha uma ambição maior, algo que guardava para si e não contava a mais ninguém. Queria escrever um poema que fizesse por outra pessoa o que a poesia de Baudelaire e Rimbaud tinha feito por ele.

Bud tornou-se voluntário do Volunteers in Service to America [Voluntários em Serviço pela América, Vista, na sigla em inglês], um dos programas de distribuição de renda criado por Lyndon Johnson como parte de sua Guerra à Pobreza, que mais tarde seria substituída pela Guerra às Drogas de Richard Nixon. Ele chegou ao seu local de trabalho no East Harlem, um ano depois de manifestantes tentarem queimar o lugar. O quarteirão pelo qual ficou responsável era composto de cinco andares de apartamentos estreitos, com escadas de incêndio e varandas para a rua que estavam sempre lotadas de gente. Não era diferente do Harlem de Billie Holiday de quarenta anos antes. Ele foi orientado a se apresentar e a perguntar do que as pessoas mais precisavam. Ficou perturbado ao saber da quantidade de moradores em cada unidade: quando contou a um garoto que dividia sua casa com apenas três pessoas, o garoto não acreditou. Na dele moravam dezessete.

Ele passava o dia distribuindo fichas de metrô para as crianças que não tinham dinheiro suficiente para ir à escola, ou levando idosos para fazer seus primeiros óculos ou aparelhos auditivos, quando notou um cara que ficava sempre caminhando pelo quarteirão. Ele usava chapéu e óculos de sol pretos, e uma camisa e calças da mesma cor, não importassem as condições climáticas.

“Não se meta com ele, não fale com ele, não o incomode. Ele toma conta desta área”, falaram para ele.

Bud sabia o que era heroína porque lera *Almoço nu*, de William Burroughs, mas nunca tinha chegado tão perto da droga na vida real. Ele seguiu pensando naquele sujeito. “Senti que estava sendo impelido por algo vindo de dentro de mim que não sabia o que era”, disse Bud.

Depois que deixou o Vista, Bud começou a trabalhar no West Village em uma das primeiras lojas que venderam broches e pôsteres de Jimi Hendrix. Conheceu um poeta de Manhattan um pouco mais velho chamado Shelley, com quem começou a sair. Uma noite, foram ao apartamento dele e alguns amigos chegaram com heroína.

“Sempre me perguntava se aquela seria a noite em que eu me jogaria da Brooklyn Bridge”, conta Bud.

Eles fizeram carreiras de heroína e cheiraram. Logo, sentiu “esse calor quente dentro da minha barriga que estava sempre fria”, revela. “Quando saímos, estava congelando, mas eu me sentia aquecido. Estava quase flutuando.” Naquela primeira noite, se sentiu calmo e aéreo. Voltou a usar heroína logo depois e, quando passou a cheirar com regularidade, descobriu que “podia ir dormir na hora que quisesse, ou ficar acordado e me sentir ótimo quando quisesse. Nunca tinha me sentido tão bem. Mesmo praticando todos aqueles esportes, se eu ia bem ou se ia mal, não importava. Era apenas uma coisa para ocupar meu tempo”. Mas com a droga, “senti que não queria mais me matar. Eu me sentia bem. Não me odiava. Me achava tão bom quanto qualquer pessoa... Só aquele calorzinho, ao invés do buraco negro gelado”.

Muito antes de ouvir falar da heroína, Bud tinha tentado se colocar em um transe anestesiado, no qual ia para um lugar distante onde sua cabeça se veria livre dos seus pensamentos. Agora havia uma droga que o poderia levar até lá, por muito mais tempo do que podia imaginar, e ele estava feliz. “Pensei: ‘eu tenho isso, talvez consiga ter uma vida.’”

Todas as vezes que tentou fazer sexo, tinha a sensação de ver sua mãe sendo estuprada e nunca conseguia ir até o fim. Pouco depois de começar a usar heroína, estava em um bar no Lower East Side — ficava mais confortável em bares do que em qualquer outro lugar — quando uma negra alta e de cabelos pretos foi falar com ele. Ele a achou maravilhosa e disse que ele era o homem mais perdido de Nova York. Ela colocou um pedaço de frango frito diante dele.

“Quer uma mordida do meu frango?”, Misty perguntou.

Ele provavelmente era o único homem heterossexual da cidade que diria isso, mas respondeu: “Não, valeu, já comi”. Ela foi embora, e ele ficou se lamentando.

Mas a mulher voltou e perguntou de onde ele era.

“Ohio.”

“E onde fica isso?”

Naquela noite, ela o levou até a balsa para Staten Island, onde se abraçaram no deque. Ele estava aterrorizado quando foram ao apartamento dela, mas não ia recuar.

Misty acendeu velas, colocou um disco e foi pegar vinho. “A voz era tão bonita que doía, me atingiu em cheio. Nunca tinha ouvido uma voz como aquela antes”, contou Bud.

“Quem é esta cantora?”, ele perguntou.

“Vocês não sabem de nada em Ohio?”, ela debochou. “É a Billie Holiday.”

Com Misty e com Billie Holiday no toca-discos, ele fez sexo e foi muito feliz. “Uma experiência para lembrar para sempre.”

Logo depois, Bud recebeu a convocação para ir lutar no Vietnã. Mas não havia nenhuma possibilidade de ele ir até aquele país matar gente inocente, então passou a fugir. Foi condenado por um tribunal federal e sabia que, se fosse pego, poderia ficar até cinco anos preso. Escondia-se em cidades pequenas, onde não conseguia heroína, e isso o fazia pensar em suicídio de novo. Bud não queria se tornar um adicto, sabia que usar droga era uma má ideia por todas as razões óbvias. Então, ficou cinco anos sem usar, deprimido e frequentando os Alcoólicos Anônimos durante a noite em várias cidadezinhas pelo país.

Em um dia de Natal, decidiu terminar o que tinha começado quando menino, pegou um carro e acelerou contra um muro a cem quilômetros por hora. O último pensamento antes da colisão foi de alívio: “Estou morto agora”.

Acordou com um cirurgião removendo pedaços de vidro do seu rosto. Quando saiu do hospital, de muletas e com um turbante enrolado na cabeça, em meio ao inverno gélido de Ohio, pensou: “Não acredito que ainda estou aqui”. Ele andava com um martelo escondido na roupa, esperando alguém em quem bater para conseguir alguns poucos dólares para comprar um pico. Mas quando contemplava a ideia de quebrar um crânio, ele “via um buraco

negro abrir na minha frente” — um buraco que acabaria com ele — e ficava sem coragem para fazer isso.

Um dia chegou em casa e sua mãe telefonou. Ela estava internada em uma clínica psiquiátrica — fazia uns anos que vivia em estado maníaco — e tinha um anúncio importante. Concorreria à presidência da república. Ela acreditava ter chance por causa do apoio dos outros pacientes com problemas mentais, dos alcoólatras e dos dependentes de drogas. Ela disse para Bud pensar qual secretaria gostaria de assumir depois da eleição.

“Passei um bom tempo pensando e tentando decidir entre saúde, educação e bem-estar social”, ele recordou. Ainda refletiu: “Na minha família, se não contássemos as galinhas antes de os ovos serem chocados, acho que não íamos conseguir contar nada”. Soaria absurdo naquela época, mas Bud estava prestes a ter poder político real nas mãos.

Ele precisava sair dos Estados Unidos e deixar para trás a fissura por heroína. Sem certeza do que fazer, cruzou a fronteira para o Canadá, na direção do Downtown Eastside — um lugar que ele transformaria para sempre.

Enquanto escutava sirenes e a história de Margaret sobre como um menino viu sua mãe morrer de overdose e o pai se enforcar, sua vida passou diante dos seus olhos e pensou que não precisava ser assim.

Durante anos, ouviu os agentes da repressão apontarem para as overdoses e dizerem: viram? É por isso que precisamos financiar batidas policiais. É por isso que lutamos nessa guerra. Mas Bud sabia que a guerra contra as drogas não servia para prevenir overdoses; nesse cenário, elas aumentavam em grande medida. Ethan Nadelmann, um dos maiores reformistas dos Estados Unidos, explicou: “As pessoas têm overdoses porque nunca sabem se uma heroína é 1% ou 40%... Imagine se toda vez que pegasse uma garrafa de vinho, não soubesse se ela tem 8% ou 80% de álcool. Ou se, ao tomar uma aspirina, não soubesse se é de cinco ou quinhentos miligramas”.

Mais importante que isso, na proibição as pessoas precisam usar as drogas escondido para não serem presas. Bud e seus amigos se escondiam em lixões no Downtown Eastside para se injetar — o que significava que se tivessem uma overdose, ninguém os veria e eles morreriam. Bud pesquisou e descobriu que alguns países da Europa forneciam salas para os dependentes usarem heroína em segurança, enquanto eram monitorados por enfermeiras — com isso, as mortes por overdose zeraram.

Mas o que Bud poderia fazer? Quem o escutaria? Ele organizou um encontro no auditório de uma igreja e anunciou aos moradores do Downtown Eastside que era preciso lutar por mudanças. Ninguém apareceria para salvá-los. Eles teriam que salvar a si mesmos.

No primeiro encontro, apareceram umas oito ou dez pessoas, todos usuários de rua como ele. “Estavam lá para ver se íamos usá-los, formar uma organização e ficar com todo o dinheiro ou algo assim”, lembra Bud.

As primeiras ações foram muito práticas. Sugeriu patrulhas monitorando os becos para encontrar alguém que estivesse mal e chamar uma ambulância. Ele convidou o Corpo de Bombeiros para ensinar técnicas de reanimação para manter os companheiros vivos até a chegada do socorro.

Era tangível, todo mundo podia entender a importância daquilo. Os dependentes formaram brigadas e começaram a cuidar uns dos outros. Nos meses que se seguiram, pessoas que teriam morrido foram achadas a tempo e sobreviveram. Nos encontros seguintes, outros dependentes levaram sugestões sobre como poderiam se ajudar. Como conseguiriam um recinto seguro para usar heroína? De que forma se pode proteger profissionais do sexo dependentes? Logo, os encontros passaram a reunir tantas pessoas que foi preciso um auditório maior.

O grupo decidiu começar a aparecer em reuniões de centros comunitários e da prefeitura que discutiam a necessidade de reprimir o uso de drogas. Eles escutavam as pessoas falarem sobre como os drogados precisavam ser varridos do mapa e depois, educadamente, levantavam-se e diziam: vocês estão falando sobre a gente. Como podemos resolver isso e ser

bons cidadãos? Uma expressão de admiração e repulsa aparecia no rosto das pessoas. Nunca haviam conversado com aqueles caras, de quem tinham tanta raiva. Elas se voltaram para os dependentes e começaram a despejar todo o seu medo e desprezo sobre eles, dizendo: vocês enchem os parquinhos das nossas crianças com seringas para machucá-las. Bud garantiu que aquele problema seria resolvido: um grupo de dependentes recolheria esse lixo.

As pessoas ficaram desorientadas. Estão querendo nos confundir? Que negócio é esse?

Os dependentes insistiam em participar de todos os encontros nos quais a política de repressão às drogas era discutida. Adotaram o slogan dos movimentos de pacientes psiquiátricos que exigiam ser tratados com decência: “Nada sobre nós sem nós”. A mensagem era: estamos aqui. Somos humanos e estamos vivos, não falem de nós como se não fôssemos nada. De maneira hesitante, começaram a encontrar uma nova linguagem para se referir a eles mesmos enquanto dependentes. Temos alguns direitos inalienáveis: de estarmos vivos, de termos saúde, de sermos tratados como humanos. Vocês estão tirando esses direitos da gente. Vamos tomá-los de volta.

O prefeito de Vancouver era um político de direita chamado Philip Owen, um empresário rico, que gostava de ternos bem cortados e de soluções simples. Ele sabia como lidar com esse problema: era só reunir os dependentes e trancá-los todos dentro da base militar de Chilliwack. Descartou atender os pedidos de criação de espaços monitorados para o uso de drogas, mesmo com as evidências da redução dramática dos casos de overdose e transmissão de aids em Frankfurt, dizendo: “Eu me oponho violentamente”. Sua solução era que qualquer um que fosse pego vendendo drogas seria condenado de “25 anos de cadeia ou prisão perpétua”. “Pronto, assim. Assim. Só jogar a chave fora.”

Essa atitude era regra em Vancouver. Um integrante antigo do Departamento de Polícia da cidade chamou os dependentes de “vampiros” e

“lobisomens”. Quando um serial killer começou a matar as profissionais do sexo dependentes em Downtown Eastside, a polícia não fez praticamente nada por anos, autorizando, na prática, que as mortes continuassem. Uma policial declarou em uma investigação subsequente que a atitude dos seus colegas em relação aos dependentes era de que “nem sequer urinariam em um deles, mesmo se estivesse pegando fogo”. Bud foi a programas de rádio, e os ouvintes ligavam para dizer que “drogado bom é drogado morto”. Um outro perguntou: “Por que não isolam todo o Downtown Eastside com arame farpado e deixam que se injetem até morrer?”

No meio de tudo isso, uma orca chamada Finna morreu no Aquário de Vancouver e houve grande comoção em torno da sua morte. Em contraste, ninguém se importava com as mortes de milhares de dependentes.

Bud acreditava que era preciso um gesto dramático para que o bairro começasse a ser visto de maneira diferente. Então, o grupo que ele e seus amigos formaram, agora chamado de Vancouver Area Network of Drug Users [Rede dos Usuários de Vancouver, Vandu, na sigla em inglês], foi até o Oppenheimer Park, um dos maiores espaços verdes da cidade, e colocou, com a ajuda da Portland Hotel Society, mil cruces de madeira. Cada cruz representava alguém que tinha morrido no Downtown Eastside nos últimos quatro anos. Seus nomes estavam escritos em preto nas cruces. Parecia o cemitério dos combatentes da Primeira Guerra Mundial, uma grande faixa de vidas perdidas. Bud e seus amigos colocaram arame nos quarteirões em volta e penduraram um cartaz dizendo que aqueles eram os “campos de extermínio”. Distribuíram panfletos explicando que a overdose era a maior causa de mortes na província de British Columbia na faixa etária de trinta a 49 anos.

O protesto parou o trânsito e as ruas ficaram caladas, como se aquelas mortes importassem, como se a perda de milhares de dependentes merecesse um momento de reflexão. Gandhi disse que a tarefa crucial para qualquer um que tenha a intenção de mudar alguma coisa é tornar a opressão visível — dar a ela uma forma física.

Bud escreveu um poema chamado “mil cruces no Oppenheimer Park”. É assim:

*uma pergunta que cada uma dessas mil cruces nos coloca é:
por que ainda estamos vivos?*

Aqueles ativistas acreditavam que se a população soubesse — se conseguisse enxergar os drogados como seres humanos —, teria compaixão. Ann Livingstone, a namorada de Bud na época, disse que trabalhavam na crença de que “o canadense é decente e só precisa de informação”.

Os dependentes eram perseguidos desde 1914, e nenhum deles tinha reagido antes. Nunca pareceu ser possível. Bud não estava apenas criando uma rebelião, mas uma linguagem através da qual os dependentes poderiam se rebelar. Aconteceu em Vancouver e não em outro lugar porque, na maioria das outras cidades do mundo, declarar-se adicto e lutar por seus direitos faria com que você pudesse ser demitido, não ter mais acesso a benefícios sociais e ser expulso de casa. Mas com a Portland Hotel Society — onde Gabor e Liz Evans trabalhavam — havia pelo menos moradia e assistência médica garantida para os dependentes de Vancouver, pois a organização tinha a política de não expulsar ninguém. Esses dependentes, sozinhos no mundo, podiam contar com esse chão para se sustentar.

A Vandu construiu um caixão e começou a levá-lo para todos os encontros na prefeitura onde as questões das drogas eram discutidas. Em letras enormes, lia-se: QUEM SERÁ A PRÓXIMA VÍTIMA DE OVERDOSE? Eles forçaram o prefeito Philip Owen a ver o custo de sua política. Levavam uma mensagem com os dizeres: O USUÁRIO DE DROGAS TAMBÉM É GENTE.

Desde que Henry Smith Williams foi destruído, quem se opusesse à guerra contra as drogas ficava na defensiva. A alegação sempre era: “Não, não somos a favor do uso, não somos más pessoas, não somos como esses dependentes”. A Vandu era diferente. Pela primeira vez, os proibicionistas é que estavam sendo colocados na defensiva. O movimento dizia: “Vocês são

as pessoas que estão travando essa guerra. Aqui estão as pessoas que vocês estão matando. Por que elas estão morrendo? Contem para a gente”.

As autoridades observaram esse movimento com confusão e repulsa por meses. Após esse período, a Secretaria Estadual de Saúde decidiu que talvez enfraquecesse os protestos, parando de envergonhá-los, se colocasse Bud no conselho que decide os gastos de saúde do município — um órgão poderoso que monitora todas as despesas em saúde da cidade e tem nas mãos um orçamento maior que o da própria prefeitura. Em um dos encontros depois da entrada de Bud, um dos maiores dirigentes em saúde da província disse que as taxas de aids — a maior causa de morte entre os amigos e vizinhos de Bud — chegariam a um ponto de saturação no Downtown Eastside e cairiam por si mesmas, já que os dependentes morreriam.

Sentado, calmamente tomando notas, Bud entendeu aos poucos o que estava sendo dito. As autoridades declaravam categoricamente que ele e seus amigos morreriam e daí o problema seria resolvido.

Após muito diálogo e algum lobby, Bud conseguiu uma pequena verba do Conselho de Saúde para a Vandu, mesmo com os protestos do prefeito, e os integrantes do coletivo votaram uma agenda. A primeira demanda era simples: um lugar seguro e monitorado onde as pessoas pudessem se injetar. Era a diferença entre viver e morrer.

Por toda a Vancouver, pessoas começaram a ver os dependentes de outra maneira. Aqueles que antes estavam morrendo sozinhos agora faziam campanhas juntos e pareciam ter mais dignidade do que quem gritava com eles, dizendo que era melhor que partissem e se matassem. Muitas pessoas foram ensinadas a acreditar no que Bruce Alexander tinha aprendido com Batman e seu pai, que os dependentes não se importavam com suas vidas ou qualquer outra coisa que não fosse a próxima dose. Mas ali estavam eles, organizando-se e defendendo uns aos outros.

Os próprios dependentes começaram a se ver de forma diferente. Bud declarou: “Havia quem trabalhasse sessenta horas por semana” na Vandu. “Via no rosto das pessoas como mudaram. Elas se davam conta do seu

próprio valor. Posso ajudar alguém. Não sou mais aquilo que dizem nos jornais.” E Bud descobriu um outro efeito colateral: “Quando você está protestando, tendo reuniões do conselho, decidindo o que fazer, pensando sobre quais serão as próximas ações, em como pode ajudar, isso tudo faz você parar de se concentrar em ficar se drogando o tempo todo”.

Desde os cinco anos de idade, Bud queria morrer. Mas, naquele momento, diante dos que diziam que pessoas como ele estariam melhor mortas, descobria dentro de si algo diferente — a vontade de viver. Pela primeira vez sentia que tinha uma casa, uma comunidade, pessoas por quem lutar.

A história de Bud pode ser lida como uma comprovação da teoria de Gabor, de que traumas de infância induzem ao vício, mas também funciona como uma prova da teoria de Bruce. Em Toledo, quando parou de tomar heroína e beber álcool mas ainda vivia em uma jaula solitária, ele pensava toda hora em suicídio. Agora sua vida se tornava mais como o Rat Park, onde tinha amigos e sua vida fazia um sentido — com isso, seu desejo por drogas diminuía.

“Era isso o que eu queria, que meu espírito acordasse. Não queria parar de usar e me sentir mal, pior até”, disse Bud. Ele queria ter uma vida plena, fazer diferença no mundo, e agora isso estava acontecendo.

Mesmo com uma melhora na autoestima dos colaboradores mais ativos da Vandu, ainda havia muitas mortes. “Nós tínhamos 25 integrantes do conselho, porque nunca sabíamos quem estaria morto para participar da próxima reunião”, disse um dos cofundadores, Dean Wilson. Quando Bud saiu de uma das reuniões do Conselho de Saúde, viu um homem revirando metodicamente um lixão, um pacote de seringas usadas e uma blusa rosa. As sirenes ainda soavam sem parar.

Quando você se vê confrontado com forças que parecem ser muito mais potentes do que você — como uma guerra contra a sua gente que dura cem anos —, há duas escolhas. Você pode aceitar seu destino passivamente ou

pode se organizar com outras pessoas para resistir e possivelmente virar o jogo.

Bud escolheu resistir. Pedia que mais pessoas ingressassem na Vandu. Pesquisou na biblioteca qual seria a definição de uma emergência de saúde pública no Canadá e descobriu que Vancouver nunca tinha decretado uma. Ele começou a fazer movimentos para que o Conselho de Saúde formalmente declarasse situação de emergência — e, sob pressão, acabou cedendo. Foi o primeiro estado de emergência pública da cidade. De súbito, a Vandu se tornou assunto de reportagens internacionais, e Bud deu entrevistas para a BBC e o *New York Times*. Ele escreveu um poema dizendo que “a guerra às drogas/ é contra a esperança e a compaixão e o cuidado”.

Agora que sabiam que dependentes participavam das reuniões e que ajudá-los a sobreviver era um dever do Estado, os burocratas começaram a falar diferente. É mais difícil desmerecer a morte de outro ser humano quando eles estão olhando na sua cara. Bud conseguiu convencer o conselho a financiar a Vandu, que estabeleceu um centro permanente na cidade — uma velha vitrine de loja bem no coração do Downtown Eastside. Decidiram usar o dinheiro público que receberam para trazer especialistas da Suíça e da Holanda para que contassem como reduziram a taxa de óbitos entre dependentes abandonando a guerra às drogas. (Viajei depois para a Suíça para entender como isso funciona.)

Ainda assim, o prefeito Philip Owen seguia determinado a bloquear todos os avanços. Chegou a ponto de declarar o congelamento da verba de todos os projetos de ajuda aos dependentes — em pleno vigor do decreto de emergência de saúde. O cofundador da Vandu, Dean Wilson, tomou a palavra em um conselho municipal, olhou o prefeito nos olhos e disse: “É como se você nos condenasse à morte. Um adicto morre por dia, e se um de vocês morresse por dia, se todo dia acordasse e houvesse uma pessoa a menos na prefeitura, o problema seria resolvido em dois minutos”.

Owen ficou pálido, era como se não entendesse o que estava acontecendo. Quem era aquela gente?

Bud ganhou o City of Vancouver Book Award por uma antologia das suas poesias. Normalmente, o prêmio é entregue pelo prefeito, mas Owen se recusou a participar. Bud começou a se desesperar. Lutava tanto, mas o prefeito representava uma barreira intransponível.

Daí, algo que ninguém previa aconteceu. Constrangido pelos protestos permanentes, Owen decidiu que era melhor descobrir quem eram esses dependentes e como poderiam ser calados. Eram de um mundo diferente: por trinta anos ele tinha sido um homem de negócios, oriundo de uma dinastia política privilegiada na qual seu avô havia sido chefe de polícia e seu pai, governador-tenente. Ele nunca tinha conhecido um adicto em drogas, então decidiu ir incógnito ao Downtown Eastside e ouvir o que eles tinham a dizer.

Foi assim que o homem que dizia que todos os dependentes deveriam ser trancados em uma base militar mudou de opinião.

Conversei com ele em 2012, e ainda parecia admirado pelo que viu. “As histórias que eles contam são inacreditáveis”, definiu. Descobriu que aquelas pessoas tinham uma vida muito difícil. Ele se lembrou de uma moradora de rua de quinze anos e balançou a cabeça. Não são pessoas más, estão apenas destruídas. Então, organizou um “chá da tarde” para receber “os dependentes mais pesados” e escutá-los falar sobre a vida deles por horas. “As histórias eram simplesmente inacreditáveis”, repetiu Owen, balançando a cabeça de novo.

Agora que os usuários não eram mais criaturas fantasmagóricas, mas pessoas com histórias reais, Owen percebeu o quanto tinha a aprender. Ele foi conhecer Milton Friedman, o economista vencedor do prêmio Nobel, personalidade da direita neoliberal e um crítico da guerra às drogas. Friedman cresceu vendo o efeito da proibição às drogas em Chicago e aprendeu que a repressão causa mais danos que as substâncias. Ele concluiu que a guerra às drogas era o programa de governo definitivo — um desperdício de dinheiro criminoso. Owen, que sempre foi um conservador

fiscal, disse aos seus colegas de partido: “Vocês querem equilibrar o orçamento e colocar em ordem os gastos em saúde? Vamos ser realistas”.

Owen sempre soube que os políticos deveriam ignorar os fatos e continuar com a guerra às drogas, mas declarou ter ficado “cansado de tanta idiotice”.

Ele decidiu mudar a forma como conduzia as reuniões públicas e as coletivas de imprensa sobre drogas. Daquele momento em diante, teria sentados ao seu lado o chefe da polícia para responder perguntas sobre crime, autoridades médicas para falar de questões sobre saúde, e um adicto da Vandu responderia sobre vício e uso de drogas. O prefeito admitia que era leigo: por que não ter um adicto ali para responder em primeira mão? Com os dependentes ao seu lado, ele se comprometeu a abrir a primeira sala para injetar heroína na América do Norte, manter seus amigos da Vandu vivos e iniciar uma série de políticas para proteger os dependentes.

“Pensem nisso, deixem a política de lado e pensem no país”, o prefeito implorou aos políticos.

Quanto mais aprendia, mais ficava convencido de que as políticas proibicionistas não funcionavam. “Vamos começar legalizando a maconha, taxando e colocando-a sob controle do governo federal. Não é nada de outro mundo, é simples e funciona”, ele disse. “Não estou falando de cocaína e heroína, embora espero que cheguemos lá. Mas vamos começar um processo gradual. As evidências estão aí. Os fatos estão aí”, defendeu.

Os outros políticos o chamaram de maluco, não por causa da substância das suas políticas, mas por causa das suas políticas sobre as substâncias. Disseram que se daria mal. Ele acabou reeleito por ampla maioria.

Quando nos encontramos em um café no Downtown Eastside, as pessoas nos interrompiam para lhe agradecer pelo que tinha feito.

Mas foi demais para o Partido Conservador. Acabaram retirando-o da disputa eleitoral subsequente em favor de um candidato mais ligado a medidas proibicionistas, que perdeu. Seu sucessor, Larry Campbell, era um grande apoiador do espaço para injetar drogas, que recebeu o nome de

InSite. Passei por esse lugar e, de dentro, parece uma barbearia. Quando se entra, você atravessa o lobby para ir até uma cabine, onde recebe agulhas novas. Você usa a droga monitorado por uma enfermeira. As cabines são pequenas, limpas e bem iluminadas. Depois de usar, pode conversar com profissionais de saúde e receber toda a assistência que quiser. Assim que estiver preparado para parar, há um centro de desintoxicação no andar de cima, com um leito pronto para recebê-lo.

Por causa da revolta dos dependentes e de um prefeito conservador que deu ouvidos aos fatos, abriu o coração e mudou de ideia, Vancouver tem hoje a política de drogas mais progressista da América do Norte.

Mas muitas pessoas têm um medo compreensível desse experimento. Não abriria a porta para um consumo ainda mais violento de drogas, que levaria a mais mortes? Parece senso comum. O comerciante Price Vassage expressou a opinião de que a redução de danos poupa vidas: “Eles dizem que ter o local para se injetar vai salvar gente, mas isso é bobagem. Elas morrem de overdose porque se drogam. Se forem estimuladas a continuar se drogando, haverá mais overdoses”.

Em 2012, os resultados de dez anos dessa experiência surgiram.

A expectativa de vida no Downtown Eastside aumentou em dez anos, de acordo com os agentes de saúde da cidade. A manchete do jornal local dizia: EXPECTATIVA DE VIDA DÁ SALTO IMPRESSIONANTE. O tabloide *Province* explicou: “O médico dr. John Carsley declarou que é raro ver uma mudança tão brusca na expectativa de vida de uma população”. Alguns desses avanços resultam do fato de que o bairro não é mais visto como uma “zona de desastre”, por isso algumas pessoas de renda mais alta começaram a se mudar para lá. O *Globe and Mail* noticiou que as mortes relacionadas a drogas diminuíram 80% no período. Um crescimento na expectativa de vida desse nível só acontece com o fim de conflitos armados — que é exatamente o que se vê no contexto da guerra às drogas.

Philip Owen sorriu para mim do seu terno caro e declarou sentir orgulho de ter sacrificado sua carreira política por essa causa.

Em 2012, a Suprema Corte canadense decidiu que os dependentes de drogas têm o direito de viver e que os locais seguros para o uso de drogas injetáveis fazem parte disso, e jamais poderão ser fechados legalmente. Hoje não há mais necessidade de colocar cruzes no Oppenheimer Park. Os campos da extermínio se esvaziaram, e foram os dependentes que conseguiram isso.

Ao longo de todo o ano de 2013, Bud ficou doente. Ele tinha muitas dores nas costas — herança do tempo em que morava na rua — e foi internado com diagnóstico de pneumonia. Foi liberado e, no dia seguinte, morreu no seu apartamento aos 66 anos de idade.

Em memória dele, as ruas de Downtown Eastside foram fechadas e o trânsito foi interrompido — exatamente como no dia em que as cruzes foram colocadas no Oppenheimer Park. Todos, de dependentes a integrantes do Parlamento, leram seus poemas em voz alta, e houve uma marcha promovida pela Vandu. Muitos que caminhavam sabiam que só estavam vivos por causa da luta de Bud.

Ele viveu para testemunhar uma coisa que considerava impossível. Quando era um adicto, foi a poesia de Rimbaud que o manteve vivo. Ele me disse que queria “escrever um poema como aquele para outro ser humano poder se conectar de modo profundo com sua dor e seu sofrimento, da mesma forma que aqueles poetas tinham feito com ele”.

Alguns anos antes de falecer, ele realizou uma turnê de leituras pelas escolas de British Columbia, chegando a uma cidade chamada Smithers, onde leu um poema chamado “*When I Was Fi een*” [Quando eu tinha quinze anos] sobre uma tentativa de suicídio. Sem nenhuma pretensão de sabedoria, a composição tenta apenas descrever como tinha sido. Ele não sabia, mas havia uma garota ali que tivera uma overdose na véspera, e seus pais responderam a isso dizendo que ela não podia estar infeliz porque eles lhe davam tudo. A professora aconselhou que fosse à leitura de poesias para pensar em outras coisas.

No final da leitura, a menina se aproximou de Bud. Ela insistiu para a professora destrancar a sala onde havia uma máquina de xerox, pois ela queria uma cópia do poema. Não iria embora sem ele.

Ela se agarrou à folha com o poema e saiu, radiante.

E Bud pensou naquele momento: vivi tempo suficiente para cumprir minha promessa. Escrevi meu poema.

15. Nevascas e a força

Após um ano e meio conhecendo vítimas dessa guerra e me sentindo cada vez mais deprimido e com raiva, Vancouver fez com que eu voltasse a sentir um raio de esperança. Aprendi com Bud que as coisas podem melhorar drasticamente se as pessoas se organizarem e exigirem mudanças. Queria ver mais experiências inovadoras como aquela, para descobrir se era um resultado bizarro ou um prenúncio do que pode estar por vir. Descobri, pouco a pouco, que não havia outros casos parecidos na América do Norte. Algumas prisões dos Estados Unidos mantinham programas de tratamento da dependência química mais generosos. Governos estaduais promoviam a entrega de drogas mais fracas aos usuários mais crônicos. Só.

Mas sabia que os dois países europeus dos quais sou cidadão — Grã-Bretanha e Suíça — tinham experimentado alternativas mais substanciais. Eu me dei conta de que era hora de voltar para casa.

Tinha uma vaga lembrança de que, depois de ler o livro *Drug Crazy*, de Mike Gray, anos antes, no começo da década de 1990, no norte da Inglaterra, houve um experimento que prescrevia heroína, mas sabia pouco sobre isso. Procurei o responsável pela iniciativa e descobri que estava exilado na Nova Zelândia. Conversei com ele por telefone e, depois, fui até Liverpool encontrar todos que testemunharam o acontecido. A história que me contaram tinha passagens muito parecidas com as do início da guerra às drogas.

Quarenta e quatro anos depois do fechamento das últimas clínicas para dependentes de heroína na Califórnia, um homem chamado John Marks chegou a um consultório médico em Wirral, norte da Inglaterra, um lugar onde se construíam navios e hoje não se fabrica mais nada. Era seu primeiro dia como psiquiatra ali. John era um galês grande e barbudo, sempre envolto pela fumaça do cachimbo. Ele não estava otimista. Como Henry Smith Williams, era um intelectual, filho de um médico e, como ele, preferia estar em outro lugar fazendo outra coisa em vez de cuidar dos dependentes.

John tinha ido para lá com o intuito de descobrir o misterioso funcionamento da esquizofrenia, mas, como era novato, recebeu uma tarefa que ninguém queria. Seus colegas lhe disseram que poderia cuidar de todos os dependentes químicos, os alcoólatras e os drogados.

John sabia que haveria muitos deles, porque o condado de Merseyside, nos anos 1980, foi palco de uma das maiores batalhas classistas na história britânica. O governo conservador de Margaret Thatcher resolveu tirar os estímulos à indústria nacional, e seus ministros propunham em conversas particulares abandonar Liverpool, dizendo que tentar recuperar sua economia seria como “fazer a água escorrer morro acima”. O povo de Merseyside perdeu seu emprego e viu suas casas serem dilapidadas, e as ruas pegaram fogo em meio a manifestações nos centros das cidades. A heroína espalhava-se na mesma velocidade dos protestos. John sabia que toda a região estava desesperada e isso alimentaria o vício. Ele suspirou.

Toda quinta-feira os dependentes chegavam à clínica, e era o trabalho de John prescrever-lhes heroína. Eles sentavam, respondiam a algumas perguntas e recebiam um suprimento que deveria durar até a quinta seguinte. E era só isso. Primeiro, John achou a ideia bizarra: dar heroína de graça para os dependentes? Tinha inconscientemente herdado o último bastião no suprimento mundial de drogas que Harry Anslinger não tinha conseguido abolir.

Antes de voltar para casa, sempre acreditei que a política de drogas britânica seguia os passos da nossa diplomacia: uma cópia mal-acabada do que fazem os Estados Unidos. Nós prendemos muita gente, só um pouco menos do que eles. Nós apoiamos as guerras às drogas fora do país, mas sem a mesma intensidade que eles. Eu estava um pouco errado e um pouco certo. Existe um ponto específico no qual estamos muito piores: homens negros têm dez vezes mais probabilidade de ser condenados por crimes ligados às drogas do que os brancos na Grã-Bretanha, um número que supera o dos Estados Unidos e o da África do Sul no apartheid.

Isso acontece em parte porque — como no caso dos Estados Unidos — nossa repressão às drogas começou em meio ao pânico racial. Como explica o livro *Dope Girls*, de Marek Kohn, no dia 27 de novembro de 1918, uma jovem *showgirl* branca chamada Billie Carleton ficou acordada até as cinco da manhã com seus amigos em um apartamento próximo ao Savoy Hotel, com uma grande quantidade de cocaína. Ela foi encontrada morta mais tarde naquele dia. Houve um furor na imprensa contra as duas forças sinistras que estavam trazendo essas substâncias para as ilhas britânicas: o “grupo repulsivo de alienígenas diminutos”, como eram chamados os imigrantes chineses, e os “músicos’ crioulos” que tocavam jazz. (O jornal colocou entre aspas o termo “músico”, mas não a palavra “crioulo”.) As drogas foram proibidas para salvar o país dessas impurezas raciais. Depois da proibição, o jornal *News of the World* noticiou, aliviado: NEGRO MALIGNO PEGO, acrescentando que o “sacrifício da alma de mulheres brancas” finalmente acabaria. Tudo isso foi aplaudido pelo governo norte-americano, comemorando o fato de outras nações terem as mesmas preocupações.

Mas houve uma lacuna por muito tempo. Na mesma época em que os Estados Unidos mandavam seus médicos cortar o suprimento legal de drogas para dependentes e acabavam com o irmão de Henry Smith Williams, a Grã-Bretanha se recusou a ir pelo mesmo caminho. Os médicos britânicos diziam que os dependentes eram doentes e que seria imoral deixá-los sofrer ou morrer. Inseguro sobre como proceder, o governo

nomeou um homem chamado Sir Humphrey Rolleston, um baronete que presidia o Royal College of Physicians, para decidir que política adotar. Após coletar várias evidências, convenceu-se de que os médicos estavam corretos: “As recaídas parecem ser a regra, e a cura permanente, a exceção”. Sua posição era de que os médicos deveriam ficar livres para decidir prescrever ou não a heroína, a partir do seu julgamento subjetivo.

E assim, por duas gerações, as políticas de Henry Smith Williams foram a regra na Grã-Bretanha e em nenhum outro lugar no mundo. O resultado: enquanto nos Estados Unidos a heroína se tornava uma epidemia, na Grã Bretanha o cenário era diferente. A quantidade de dependentes nunca excedia mil, como explica Mike Gray: “A população de dependentes na Inglaterra manteve-se basicamente como era — velhinhas, médicos que se automedicavam, pacientes com dores crônicas, desocupados, ‘todos os de meia-idade’ —, sendo que a maioria levava uma vida normal”. Os médicos britânicos falavam em “adicto estabilizado” e diziam que, ao prescrever, essa era mais a regra que a exceção.

Quando Billie Holiday visitou Londres nos anos 1950, ficou admirada. Eles “são civilizados e não têm nenhum problema com narcóticos. Um dia os Estados Unidos aprendem e fazem o mesmo”, disse a cantora.

Toda vez que Anslinger era desafiado a falar sobre isso em público, simplesmente negava a existência do sistema britânico. Sua prova era de que não havia isso em Hong Kong, que era “uma cidade britânica”. Por baixo dos panos, na verdade, trabalhava para acabar com essas clínicas. Em 1956, o secretário de Saúde britânico falou à Câmara dos Comuns que, por pressão norte-americana, teria de acabar com a produção de heroína. Os médicos britânicos se revoltaram, dizendo que o “Serviço Nacional de Saúde existia para beneficiar cidadãos doentes que sofrem”. Eles não recuaram, e Anslinger não conseguiu acabar com eles, como fez com os médicos do seu país. A política foi mantida na Grã-Bretanha.

Mas, nos anos 1960, houve uma ruptura brusca. O governo britânico anunciou que o número de dependentes de heroína tinha aumentado de

maneira catastrófica: de 927 para 2782. Isso parece ter acontecido por duas razões. Os anos 1960 estavam mudando alguns costumes, promovendo mais experiências pessoais com drogas e, aparentemente, alguns médicos de Londres estavam vendendo prescrições de heroína para uso recreativo. Daí, o governo britânico se aproximou do modelo norte-americano, mas não completamente. O poder de prescrever heroína recaiu sobre o grupo pequeno e restrito dos psiquiatras.

John considerava isso razoável ao ver quem aparecia em sua clínica. Eram “alguns rapazes, às vezes uma garota, apareciam para pegar um pouco de droga. Operários, marinheiros, todos os tipos de pessoa, na verdade”. Ele dizia que precisavam parar, eles retrucavam que precisavam da droga. Decidiu acabar com o programa para poder pesquisar a esquizofrenia e a depressão maníaca em condições mais interessantes. “Achava chato e considerava que tinha coisa melhor a fazer”, resumiu.

Mas, enquanto se preparava para fazer isso, recebeu uma ordem da administração de Margaret Thatcher, que, inspirada em seu amigo Ronald Reagan, queria averiguar que políticas antidrogas existiam na Grã-Bretanha e qual era seu custo-benefício. Então, John encarregou o acadêmico dr. Russell Newcombe de dar uma olhada nisso. Acreditava que esses pacientes tinham o perfil dos dependentes de heroína nos Estados Unidos, desempregados e não empregáveis, criminosos, com alta incidência de HIV e elevada taxa de mortalidade.

Mas a pesquisa descobriu algo muito diferente. Newcombe viu que ninguém era portador do vírus, mesmo em uma zona portuária onde se esperaria ter uma incidência elevada. Na verdade, nenhum deles tinha os problemas mais comuns entre os dependentes: overdoses, abscessos, doenças. A maioria trabalhava e vivia normalmente.

Depois de receber o relatório, John mais uma vez olhou para seus pacientes. Havia um homem chamado Sydney, que era um “velho estivador de Liverpool com um casamento feliz e um casal de filhos lindos”. Ele

parecia viver uma vida decente e feliz, apesar de usar a heroína por décadas. Ao pensar sobre o assunto, concluiu que todos que iam à sua clínica eram assim.

Mas como podia ser? A heroína não danificava o corpo? Não era a causa de abscessos, doenças e mortes? Os médicos são unânimes em afirmar que heroína pura, injetada com agulhas limpas, não causa esses problemas. A proibição torna a droga impura, já que os traficantes a misturam com qualquer outra substância para lucrar mais. Allan Parry, que trabalhava para as autoridades de saúde locais, viu que os pacientes que não tinham uma receita médica injetavam heroína com “poeira de tijolo, café, cristais de detergente moídos, qualquer coisa”. Disse a um jornalista: “Não é necessário ser médico para saber que injetar cimento na veia vai causar problemas”.

Era nítida a diferença entre os dependentes de rua que entravam pela primeira vez na clínica e quem estava havia um tempo no programa para receber as prescrições. Os dependentes de rua tinham abscessos que pareciam um ovo cozido apodrecendo debaixo da pele, e com feridas abertas nas mãos e pernas que, segundo Perry, pareciam “uma pizza infectada. É pastosa, e o pus é como se fosse o queijo. E não para de crescer”. Uma combinação de drogas contaminadas e agulhas sujas proporcionou um lar para essas infecções na carne dos dependentes. Elas podem “perfurar o osso e sair do outro lado, então tem um buraco que atravessa uma parte sua. Você tem isso nas duas pernas, e o seu corpo não é forte o bastante, vai acabar com ele. Havia situações em que as pessoas estavam andando e as pernas delas quebravam”. Eles se pareciam com sobreviventes de guerra, com membros amputados e a pele queimada e cheia de cicatrizes.

Por contraste, os que recebiam as receitas na clínica se pareciam com enfermeiros, recepcionistas ou até como o próprio médico. Não havia como diferenciá-los.

Harry Anslinger acreditava que contaminar os usuários de drogas era bom porque desestimularia o uso. No ano de 1942, gabava-se do fato de os dependentes usarem heroína 99% adulterada. Mas Allan Parry viu os efeitos

disso em sua clínica. “Essas drogas ruins entopem sua veia quando você tenta injetá-las, e elas acabam com você. O problema é que, com uma heroína adulterada, uma veia vai embora com uma ou duas injeções.” Segundo ele, “se essa veia for danificada, você vai tentar usar em outra. Assim, acaba testando o corpo inteiro para encontrar as veias que ainda estão lá para injetar coisas nelas”, destruindo o corpo nesse processo.

Diante disso, John Marks começava a acreditar que muitos dos malefícios das drogas são causados pelas leis que as proíbem, não pelas próprias substâncias. Na clínica, começaram a chamar as infecções, os abscessos e as amputações de “ferimentos da guerra às drogas”. Daí, “aos poucos”, compreendeu que “a clínica fazia maravilhas” ao afastar a criminalidade, proporcionando formas mais seguras da droga. John passou a pensar: se a prescrição é tão efetiva, por que não fazemos mais isso? Se está evitando que menos pessoas sejam infectadas com HIV, injetem veneno nas veias e morram na sarjeta, por que não expandir o programa?

Decidiu fazer um experimento e começar a receitar heroína para mais de quatrocentas pessoas, em vez do número restrito exigido pelo programa. Com a ajuda de um farmacêutico local, foi o pioneiro em prescrever “baseados de heroína”, para a droga ser consumida na forma de cigarro. Também prescrevia cocaína, inclusive para fumar, a um pequeno grupo de dependentes de crack que moravam na rua. Ele sabia que, como o álcool, a cocaína faz mal para a saúde no longo prazo, mas explicou: “Se você fosse um alcoólatra na Chicago dos anos 1930 que tinha acabado de roubar a bolsa da avó para comprar um copinho de destilado adulterado a um preço absurdo do Al Capone, eu não veria problema algum em dar uma receita para você comprar o melhor uísque escocês”.

As primeiras pessoas a notarem a diferença foram os policiais. O inspetor Michael Lo s monitorou 142 dependentes de cocaína e heroína da região e descobriu que, nos dezoito meses anteriores ao recebimento das prescrições do dr. Marks, tinham, em média 6,88 condenações por crimes, na maioria roubos. Nos dezoito meses seguintes, este número caiu para 0,44

condenação. Em outras palavras: uma queda de 93% no número de roubos. “Você podia ver a transformação com seus próprios olhos. Eles estavam em uma condição deplorável, roubavam todos os dias para pagar pelas drogas ilegais, e daí a maioria deles se tornou mais amistosa, cumpridora da lei”, disse o inspetor à imprensa. Aconteceu como Henry Smith Williams havia dito muitos anos antes.

Um dia, uma jovem mãe chamada Julia Scott chegou à clínica e explicou que tinha passado a se prostituir para sustentar o vício. Confrontado com pacientes como ela, John disse, em uma entrevista, que começou a sentir “raiva, ficava furioso que jovens capazes tenham que se submeter a uma taxa de mortalidade de gente com varíola, entre 10% e 20% de óbitos. Não tenho coração mole, não acho que exista nenhum glamour nas drogas, tento fazer meus clientes enxergarem que o que fazem é chato, chato, chato”.

Ele queria que Julia ficasse entediada, não que se sentisse ameaçada ou com medo, por isso deu a ela uma receita. “Parei na hora”, ela disse depois a Ed Bradley no programa televisivo *60 Minutes*, da CBS, que gravou um segmento sobre a experiência de Liverpool. “Voltei só uma vez para ver e fiquei enjoada só de ver as garotas fazendo o que eu fazia”.

Agora ela trabalha como garçonete e pode cuidar melhor da filha. Enquanto Julia empurrava sua filha em um balanço, Bradley perguntou para ela: “Sem essa receita, onde você acha que estaria hoje?”. “Provavelmente estaria morta agora”, ela respondeu. “Preciso de heroína para viver.”

As mudanças que aconteciam com a expansão do programa sob a responsabilidade de John Marks não se limitavam aos seus pacientes. As gangues perdiam força nos bairros. John exagerou um pouco na época ao dizer que o tráfico de drogas tinha sido totalmente extinto — em reportagem na rua, o escritor Will Self saiu perguntando e encontrou ainda alguns traficantes. Mas a polícia disse que eram muito menos do que antes. O inspetor Lo s explicou na época: “Desde que as clínicas abriram, o tráfico

de heroína nas ruas, pouco a pouco, saiu dos bairros de Warrington e Widnes”. Era como voltar no tempo, a uma época anterior à proibição, revivendo um sonho californiano.

Mas John Marks tinha uma diferença importante em relação a Henry Smith Williams. Henry achava que os dependentes iam precisar das receitas para o resto da vida. Essa era a parte da história que mais me desconcertava. Parecia que a única alternativa para a guerra às drogas era a prescrição eterna das drogas.

Mas, desde então, houve uma descoberta sobre a dependência química. O primeiro psicólogo que a vislumbrou foi Charles Winick, que organizou uma clínica para dependentes químicos que tocavam jazz em Nova York, nos anos 1950. Winick, como todo mundo, acreditava que um adicto ficava desse jeito até morrer, mas acabou descobrindo algo muito diferente. “O uso de heroína mostra-se concentrado em quem tem de 25 a 39 anos”, escreveu. A maioria dos dependentes simplesmente parou por vontade própria. Eles “amadurecem e deixam o vício, possivelmente porque a vida se torna mais estável e porque os principais desafios da vida adulta já foram deixados para trás”.

O processo ganhou o nome de “amadurecimento” ou “recuperação natural”, e não é uma exceção: é o que acontece com a grande maioria dos dependentes. Essa descoberta é tão inusitada que tive de ler vários estudos antes de conseguir levá-la a sério: a maioria dos adictos simplesmente deixa de usar, com ou sem tratamento, se a repressão não os matar antes. O tempo médio de uso é de, geralmente, dez anos.

Assim que John Marks soube disso, passou a acreditar que seu trabalho era mantê-los vivos até que se recuperassem naturalmente. Por isso que, toda semana, os dependentes do bairro de Widnes apareciam na clínica de John para uma reunião, da qual saíam com a receita de heroína fumável e, em um número menor, cocaína. John explicou: “Se forem usuários determinados a usar drogas, as opções oferecidas são pegar drogas na clínica ou com o tráfico”.

Havia uma razão óbvia para as pessoas estarem preocupadas com o experimento de John. Se não havia uma punição, se você dá as drogas de graça, o consumo certamente aumenta. Essa era uma das objeções mais razoáveis de Harry Anslinger. Ele alertou que, com o retorno das prescrições, “os dependentes de drogas se multiplicariam de forma descontrolada”.

Parecia senso comum. Mas John, pelo contrário, acreditava que o consumo se manteria estável: se ser ostracizado pela família, ser tomado por doenças e cair na pobreza não faz com que se deixe de usar, como alguns baseados de heroína podiam fazer diferença?

Acontece que os dois lados estavam errados. O uso de drogas não aumentou nem se manteve estável. Na verdade, ele caiu, inclusive entre as pessoas que não receberam receita nenhuma. Uma pesquisa publicada por John no *Proceedings of the Royal College of Physicians of Edinburgh* comparou Widnes, que tinha uma clínica de heroína, com Bootle, um bairro de Liverpool que não possuía uma clínica e em condições muito semelhantes às de Widnes. Em Bootle, havia 207,54 usuários de drogas para cada 100 mil habitantes. Em Widnes, esse número era doze vezes menor: apenas 15,83.

Mas por que prescrever heroína para os dependentes significava menos pessoas caindo na dependência? O dr. Russell Newcombe, que trabalhava na clínica de John Marks, descobriu o que acredita ser a explicação.

Imagine que você é um adicto em heroína que fica na rua. Você precisava conseguir uma soma alta para manter esse hábito diário, quase cem libras por dia em Wirral. Como você consegue isso? Pode roubar. Pode se prostituir. Mas existe uma outra maneira, bem menos desagradável. Você pode comprar suas drogas, separar o que precisa, depois pode adulterar o resto com talco e vender. Mas, para fazer isso, precisa convencer alguém a tomar as drogas. Você precisa ser um vendedor e promover a experiência.

A heroína proibida, dessa forma, se transforma em um esquema de pirâmide. “Empresas de seguros adorariam ter corretores como os

dependentes”, por causa do nível de motivação que eles têm, John comparou.

Foi assim que a distribuição da droga na clínica causou o efeito reverso, acabando com a pirâmide, pois não há mais motivação para vender o produto. Você não precisa vender heroína para usar heroína. Isso explica o motivo de menos pessoas usarem heroína e cocaína quando se prescrevem essas drogas.

Quando Russell Newcombe me contou isso não pude deixar de pensar que Harry Anslinger sempre disse que o vício em drogas era contagioso. Em circunstâncias normais não é, apenas no sistema de proibição que ele criou.

Estavam gritando com John Marks. A reunião pública se tornara hostil, e ele estava sendo agredido. Não por um grupo conservador ou de direita. Liverpool na época era dominada por um coletivo comunista chamado Tendência Militante, que acreditava ser possível uma revolução socialista na Grã-Bretanha.

Eles achavam que a distribuição de drogas apaziguava as classes trabalhadoras e enfraquecia a luta, impedindo a revolução. O ópio das massas era, literalmente, os opioides. Marks prejudicava Marx.

O pai de um dos pacientes de John discursou em uma dessas reuniões. “No início, fiquei um pouco admirado que Jimmy recebesse heroína, porque achei que o tratamento deveria tirá-lo dessa. Mas sabe, desde que começou, ele agora senta com a gente à mesa para comer, voltou com a namorada, e sabe o que mais? Ofereceram a ele um trabalho semana passada”, contou.

John Marks esperava que a notícia do sucesso de seu experimento se espalhasse e que se repetisse em outros lugares do mundo. Quem poderia considerar ruim uma política que não apenas salva vidas como faz com que menos droga seja consumida, além de dispersar os traficantes?

Ao menos uma pequena reação como essa começou. Pediram que fizesse algo parecido com a clínica de Widnes no Metropolitan Centre de

Liverpool, e então decidiram que cada distrito de saúde da região deveria ter uma clínica de prescrição própria.

Os furtos no comércio caíram tanto que a loja de departamentos Marks and Spencer elogiou publicamente a política e decidiu financiar a primeira Conferência Internacional de Redução de Danos, em Liverpool, no ano de 1990. No evento, um dos policiais inspirados pelo experimento de John, Derek O'Connell, explicou: “Como policiais, parte do nosso trabalho é proteger a vida. Claramente, precisamos ajudar quem usa drogas. Mas também precisamos ajudá-los a se manter saudáveis, servimos a eles também”. Mesmo com tudo isso, John estava prestes a bater na mesma parede que Henry Smith Williams.

Junto com alguns colegas, John foi convidado a ir até os Estados Unidos para explicar como sua experiência podia ajudar a salvar a vida dos norte-americanos.

Em todos os lugares a que ia, contavam que o deputado republicano Jesse Helms fazia pressão nos organizadores para cancelar o evento e impedir que falasse. Ele não queria que ninguém interferisse na guerra às drogas. Alguns anos depois, esse mesmo deputado estava em um programa com participação da audiência na CNN e alguém ligou para dizer: “Obrigado por tudo o que fez para manter os crioulos quietos”. Ele respondeu, saudando a câmera: “Bem, obrigado, eu acho.”

Depois que sua clínica apareceu em um dos programas televisivos mais importantes dos Estados Unidos, o *60 Minutes*, em 1991, John recebeu um telefonema de Bing Spear, o inspetor-chefe para drogas do Ministério do Interior britânico.

“Estamos sendo muito pressionados em nossa embaixada em Washington”, ele avisou. “Perguntam qual é a desse cara distribuindo crack e cocaína em Liverpool. Exigem que a clínica seja fechada imediatamente.”

O governo conservador decidiu “fundir” a clínica de John com uma nova organização controlada por cristãos evangélicos que tinham como princípio

não distribuir drogas. Os pacientes entraram em pânico, porque sabiam que iam voltar a ter abscessos, overdoses e a mendigar drogas para traficantes. John não podia fazer nada.

Os resultados apareceram rápido. Enquanto o dr. Marks prescreveu legalmente, de 1982 a 1995, não houve nenhuma morte relacionada às drogas entre seus pacientes. Com a mudança, Sydney, o estivador, comprou droga adulterada na rua e morreu. Julia Scott, aquela que afirmou precisar da heroína para viver, estava certa e acabou morrendo por overdose. Sua filha ficou sem mãe.

Dos 450 pacientes que Marks atendeu, vinte morreram em um prazo de seis meses e 41 estavam mortos em dois anos. Muitos sofreram amputações e contraíram doenças potencialmente letais. A taxa de mortalidade de dependentes voltou aos níveis da proibição: entre 10% e 20%, similar à da varíola.

O dr. Russell Newcombe, que trabalhou na clínica, me contou que os sobreviventes “imediatamente foram forçados a voltar para as ruas... Quem tinha um trabalho perdeu o emprego. Relacionamentos acabaram. As pessoas voltaram a se endividar e a cometer crimes em menos de um mês”. Sempre que ele via algum dos pacientes na rua e perguntava o que estava fazendo, a resposta era: “Roubando para comprar droga”.

Hoje, o Merseyside está de novo tomado pelo vício em drogas e por gangues que se matam constantemente em meio à guerra.

John descobriu que tinha entrado para uma lista negra do governo. Acabou literalmente indo para o outro lado do mundo, em Gisborne, na Nova Zelândia, de onde me contou por telefone o seu lado da história em 2012.

“Eu fui exilado”, disse John Marks. Um dia, a Royal Astronomical Society pediu que ele interpretasse Galileu numa peça teatral. Ele tinha que atuar em uma cena em que era queimado na fogueira. Sua voz suavizou com a ironia, mas eu disse a ele que aquilo tudo tinha me deixado com raiva, e ele

respondeu, categórico: “De onde você tirou a ideia de que a autoridade funciona seguindo a razão? O problema é que você está sendo racional”.

Então a história dele devia ser igual à de Henry Smith Williams. Devia ser esquecida. Só que agora as coisas estavam diferentes.

Embarquei em um avião para Genebra, na Suíça, onde Harry Anslinger esteve em uma conferência das Nações Unidas para impor ao mundo sua visão proibicionista. Por ironia, era ali que estava acontecendo uma das mais importantes iniciativas para acabar com a repressão. Conversei com uma mulher, junto com outras pessoas, que estava à frente dessa mudança. Ela me contou sua história que, sem Marks saber, foi inspirada nele.

O policial que acompanhava Ruth Dreifuss tinha lágrimas nos olhos. Levava a futura presidente da Suíça por uma estação de trem abandonada de Zurique, na margem do rio. Todos os dependentes do lugar estavam arrebanhados ali, como gado contaminado.

Ruth assistia a cenas como aquela havia anos. Algum tempo antes, tinha ido a um parque em Berna que tinha o mesmo papel que aquele lugar. Meninas se prostituíam abertamente e outros dependentes químicos andavam a esmo, fora de controle. Havia pessoas injetando drogas em “lugares onde você não pode imaginar”, ela disse, porque qualquer outra veia estava destruída. No meio de tudo aquilo, traficantes anunciavam seus produtos e preços como em uma feira. Ao vê-los, Ruth lembrou-se dos operadores de Wall Street. A ameaça de violência pairava sobre o local, pois os traficantes brigavam com seus clientes.

A maioria dos suíços jamais viu algo assim. Os policiais não estavam apenas chorando, estavam com medo. Essa era a Suíça dos anos 1980 e 1990, e aquilo era uma afronta a tudo o que os suíços achavam deles mesmos.

A Suíça é o lugar mais fácil do planeta para se fingir que nada muda nunca e que tudo faz sentido. Meu pai era um garoto das montanhas dos Alpes, cresceu em um vilarejo e foi educado para acreditar que o último problema do país tinha sido a invasão de Aníbal montado em seus elefantes

no ano de 221 a.C. Todos os símbolos da nação remetem a ordem, limpeza e perenidade. Os relógios suíços operarão com precisão científica mesmo na eventualidade de uma catástrofe nuclear. Os cartões-postais mostram o jato de água azul saindo do lago Léman, com os Alpes imóveis e eternos ao fundo. Um suíço dirá a você que é um crime dar a descarga após as dez horas da noite, porque isso vai incomodar os vizinhos.

A Suíça observava, na época, a proibição às drogas produzir tempestades no meio das suas cidadezinhas impecáveis. Ruth Dreifuss não sabia ainda, mas seria a primeira judia e a primeira mulher a presidir o país.

O que foi ainda mais significativo, ela seria a primeira presidente no mundo desde 1930 a não fugir de uma reforma na política de drogas, mas sim correr em direção a ela. Em sua presidência, reuniu-se com os dependentes, escutou-os, defendeu-os e lhes forneceu drogas legalmente.

Soube dela quando especialistas em políticas antidrogas me falaram que havia uma liderança política no mundo que realmente entendeu o que havia de errado com a guerra às drogas. Escrevi imediatamente para ela. Foi assim que a visitei no início de 2013, em seu apartamento, enquanto ela fumava. Ela pediu desculpas pela fumaça. “Eu sou uma dependente!”, disse, aos risos.

Quando Billie Holiday foi presa nos Estados Unidos, as únicas pessoas que tentaram ajudá-la foram os suíços. “Um casal maravilhoso de Zurique me mandou mil dólares, dizendo que os Estados Unidos nunca me aceitariam quando eu saísse e que deveria ir encontrá-los na Europa”, ela escreveu.

Como todos os países, a Suíça vive um conflito constante entre a compaixão e a crueldade. Enquanto aquela carta era escrita, Ruth estudava em uma escola onde seus colegas, às vezes, diziam para ela que os judeus tinham matado Jesus e deveriam sofrer para sempre. Depois disso, Ruth ouviu que, enquanto mulher, era histérica e emocional e que, portanto, não poderia votar. Se fosse permitido às mulheres votar, advertiam os políticos, as famílias da Suíça desmorrariam e a nação sucumbiria ao caos. Foi

apenas depois que ela e milhares de outras mulheres marcharam por anos e exigiram seus direitos que, em 1971, o voto feminino foi implementado na Suíça. Então Ruth Dreifuss viu como algumas das certezas mais enraizadas podem cair por terra e parecer loucura para a geração seguinte.

Quando Ruth se tornou a chefe da saúde pública da Suíça, em 1993, havia um esqueleto no armário. A Suíça tinha a pior epidemia de HIV da Europa, e ninguém conseguia ver uma solução. A nação não tinha guetos onde a epidemia pudesse ser escondida. Não existe um “nós e eles” nos chalés suíços: se tem gente usando drogas, todo mundo vai ver. Então, ela se reuniu com os representantes das minorias mais desprezadas do país — gays, prostitutas e drogados — achando que esses grupos com maior incidência do vírus poderiam conter a solução para aquela crise. Descobriu que as prostitutas, quando recebem preservativos e informação, podem ser boas agentes de saúde pública. “Você precisa confiar nelas. Precisa aceitar o trabalho delas. A prevenção começa com respeito”, ela afirmou.

Como socialista, ela sempre acreditou que qualquer um pode ser empoderado, se fizer do jeito certo. Mas quando ela observava os dependentes, se perguntava: como?

Em sua luta contra a aids, a Suíça tinha um bom programa de reposição de agulhas, mantinha locais seguros para o consumo da droga e prescrevia metadona. Mesmo assim, a doença avançava. Descobriram que os dependentes odiavam metadona: eles a comparavam a um tofu quando o que você quer é um bife cheio de sangue escorrendo. Um dia, alguns médicos com quem Ruth conversava disseram que haviam conhecido um experimento em Liverpool, na Inglaterra, e que tinha excelentes resultados, embora o governo fosse acabar com o programa.

Descobriram que existia uma cláusula na lei suíça que permitia dar heroína aos cidadãos, caso fizesse parte de uma experiência científica. Até aquele momento, apenas um pequeno número de pessoas tinha recebido a droga.

Então Ruth declarou que tudo bem, vamos agora fazer um experimento bem grande. Vamos facilitar o acesso à metadona para quem quiser, e quem não gostar terá heroína. A Suíça tem um sistema político que se baseia no consenso. Nenhuma autoridade pode conduzir uma política sozinha. Precisava convencer seus colegas e os cantões do país. Então Ruth lutou para isso. Explicou que aquilo era uma emergência e que, diante dessas condições, medidas drásticas eram necessárias.

Vinte anos depois, Ruth Dreifuss vive em Genebra, bem em frente a uma das clínicas de heroína que se tornaram possíveis por causa de sua batalha política. Às sete da manhã, passo pelas gaiotas voando sobre o lago Léman. Está escuro como se fosse meia-noite, e nos pequenos cafés impecáveis, homens e mulheres bem vestidos leem jornais ou tomam café. Ninguém parece estar com os olhos vidrados. Os suíços vão dormir cedo e acordam quando ainda está escuro, sem reclamar.

No corredor branco da clínica, vi um jovem com fones de ouvido e um velho de terno de tweed com ombreiras de couro ao lado um do outro, esperando para se picar.

O mais velho segue uma enfermeira até uma das salas para se injetar, volta a seguir e se senta sozinho por vinte minutos, depois concorda em falar comigo. Ele parece o secretário de Estado de algum país da Europa central, com seus sapatos cuidadosamente polidos e aparência distinta. Fomos apresentados pelos médicos e ele concordou em me contar sua história, desde que eu não revelasse seu nome verdadeiro, porque estaria admitindo crimes que cometeu antes da mudança nas leis de drogas. Vou chamá-lo de Jean. (Esta é a terceira ocasião em que o nome da pessoa foi mudado para proteger sua identidade.)

“Eu estava doente e sujo quando cheguei aqui, era o típico dependente químico”, ele inicia. Não conseguia se concentrar para ver um filme por mais de alguns minutos. Não podia comer frutas nem nada gorduroso, porque seu sistema digestivo estava destruído pelos contaminantes das drogas de

rua. Ele se picava havia 35 anos. “Quando você usa as drogas nas ruas, vê a morte dentro de você, pode sentir que ela está avançando”, disse.

Ele tentou usar metadona, mas era o mesmo que nada. Ainda ansiava por heroína toda hora. Ele acordava suado todos os dias, se perguntando como conseguiria dinheiro para se injetar. Estava preso na lógica miserável de arranjar dinheiro, comprar heroína, injetar, conseguir dinheiro, comprar heroína, injetar, o dia todo, todos os dias.

“Não é apenas um vício, é um trabalho”, disse. Sobreviveu porque se envolveu com o tráfico — não quis dizer de que forma, só falou que era um “intermediário” —, até que um dia soube do programa de Ruth Dreifuss.

Era a única opção para uma pessoa que não poderia ser ajudada de outra maneira. Para entrar nele, precisava cumprir três exigências: ser maior de dezoito anos, ter passado por ao menos outros dois tratamentos sem sucesso e entregar a carteira de motorista.

“Não era fácil aceitar no princípio, todos os dependentes estão completamente confusos”, contou. De uma hora para outra, a procura constante por drogas havia acabado, e ele tinha que descobrir o que fazer durante o dia. Ele diz que todos ali “precisam reinventar suas vidas. Temos que reinventar nossa imaginação”. O programa da heroína é construído em torno da ideia de reconstrução: os clientes vão à terapia, arranjam uma casa para morar e conseguem um emprego. Um dos colegas de Jean no tratamento, por exemplo, é dono de um posto de gasolina, enquanto outros trabalham em um banco. Ele descobriu que “assim que as coisas se estabilizam, a velocidade dos eventos diminui e você volta a ter uma vida normal, e pensa: ‘O que vou fazer agora?’”.

É difícil fazer isso depois de ter passado tanto tempo adicto, mas Jean pondera: “A dor que sinto agora não é a de estar doente. É a dor do renascimento”. Pela primeira vez em décadas, “me sinto bem e feliz por ter recuperado coisas que tinha esquecido completamente”. Ele começou a comer frutas, assistir a filmes e escutar música. “Você volta para a realidade”, resumiu.

Harry Anslinger acreditava haver uma falha crucial nos programas de prescrição de drogas como aquele. O corpo dos dependentes gradualmente cria uma tolerância à droga, então disse que acabam sendo necessárias doses cada vez mais altas para chegar ao mesmo efeito. “O adicto nunca está satisfeito com a dose recebida, quer sempre mais”, explicou. Ele elogiou dois dos seus oficiais que criaram a chamada Primeira Lei da Dependência: “Uma pessoa em condição de dependência de opiáceos, com livre acesso a eles, continuará nessa condição e em um grau acelerado de consumo, a menos que seja detida por alguma força externa”.

A observação parecia fazer sentido. Mas me dizem nessa clínica suíça que descobriram uma coisa que contradiz essa afirmação.

Se você é um adicto e quer uma dose mais alta de heroína, pode pedir e eles lhe dão. A princípio, a maioria dos dependentes pede mais e mais, como Anslinger e seus agentes previram. Mas, em alguns meses, a maioria dos dependentes opta por estabilizar as doses.

Depois disso, a “maioria deles quer diminuir”, explicou a psiquiatra da clínica, dra. Rita Manghi. Jean, por exemplo, começou na clínica tomando heroína três vezes por dia — oitenta miligramas de manhã, sessenta de tarde e mais oitenta de noite. Atualmente, consome trinta miligramas de manhã e quarenta de noite. Acredita que, em breve, vai querer parar de vez. Ele não é uma exceção aqui.

Subitamente, a dicotomia entre a guerra eterna e a prescrição eterna parece falsa. Descobriram nessa clínica que essa não é a escolha a ser feita. Se você dá aos dependentes mais pesados a opção de obter a droga por uma receita legal e permite que controlem a dose, a grande maioria estabilizará seu consumo e, com o tempo, reduzirá suas doses. O fornecimento legal de drogas não é uma alternativa a parar com o uso. Para muitas pessoas, é uma etapa no processo de parar.

“Esse programa dá a oportunidade de você recuperar o controle que perdeu”, disse Jean. Um psiquiatra português que trata das pessoas aqui, dr. Daniel Martin, tentou me explicar com uma imagem visual.

A maioria dos dependentes aqui chega como um copo vazio por dentro. Quando usam a heroína o copo fica cheio, mas apenas por algumas horas, pois fica vazio de novo. O propósito desse programa é construir gradualmente uma vida para o adicto, para que ele possa colocar outra coisa dentro do copo vazio: uma rede de amigos, um trabalho, pequenos prazeres. Se você consegue isso, significa que o copo nunca está inteiramente vazio, mesmo se faltar heroína. Com o tempo, quanto mais vida você colocar dentro do copo, vai precisar de menos heroína para enchê-lo. No final, haverá o suficiente para não precisar de heroína alguma.

Os usuários podem se manter nesse programa pelo tempo que quiserem, mas a média dos pacientes é de três anos, ao final dos quais apenas 15% continuam com o uso diário.

No passado, ser um adicto em heroína era violento e empolgante — você era perseguido e precisava roubar. Na Suíça de hoje, é bem chato ser adicto. Você vai a clínicas, fica sentado esperando, toma um pouco de chá. Acabou a subcultura.

Depois que as clínicas abriram, os suíços notaram uma coisa. Os parques e as estações ferroviárias que antes estavam cheios de dependentes se esvaziaram. As crianças voltaram novamente a frequentar os parques. Com as receitas de heroína, 55% menos veículos são roubados e há 80% menos assaltos. A queda nos índices de criminalidade foi “quase imediata”, mostrou um estudo detalhado. A epidemia de HIV entre os usuários foi interrompida. Em 1985, 68% das contaminações por HIV na Suíça eram causadas pelo uso de drogas, mas, em 2009, esse número caiu para 5%.

O número de mortes de dependentes caiu drasticamente, a proporção deles com trabalho permanente triplicou e todos eles têm residência fixa. Um terço dos dependentes que recebiam pensão deixou de precisar do benefício. E, como em Liverpool, o esquema de pirâmide de dependentes vendendo para outros desmoronou: quem estava no programa de distribuição por um período longo tinha 94,7% menos probabilidade de vender drogas do que antes do tratamento. Jean me contou que os traficantes

para os quais ele costumava trabalhar eram “completamente contra o programa. Eles controlam melhor e fazem mais dinheiro quando os dependentes estão mais fragilizados. Se ainda estivesse no meio do crime, poderia ter me tornado um assassino, pois eu faria qualquer coisa”. Quando me conta isso, penso em Chino e Rosalio. “Mas agora? Não. Estou perdido para eles.”

O programa tem um custo de 35 francos suíços diários por paciente, poupando o contribuinte suíço de pagar 44 francos por dia com a prisão, o julgamento e a condenação de usuários. Então a resposta para a pergunta “por que devemos pagar por isso?” é pragmaticamente suíça: isso não custa dinheiro, é uma economia de recursos.

Mas ainda me perguntava como Ruth conseguiu vender uma política dessas em um país tão conservador. Meus parentes na Suíça são 100% de direita e ainda podem ser considerados moderados para os padrões locais. Não é como se as pessoas optassem por uma política liberal para drogas em San Francisco — seria como se isso acontecesse em Lubbock, no Texas.

Eu sabia que ela não poderia ter passado por cima de todos, porque a Suíça tem um sistema profundamente democrático. Se você é um cidadão suíço e não gosta de uma lei aprovada pelo Parlamento, tudo o que precisa fazer é reunir 50 mil assinaturas, o que levará a um referendo nacional que decide se a lei deve ou não ser revogada. No final dos anos 1990, um grupo conservador realizou um referendo nacional sobre a prescrição de heroína e houve um debate nacional turbulento — o mais turbulento que pode haver em se falando da Suíça.

Ruth e muitas das pessoas que concordavam com ela mencionaram uma coisa que ninguém nunca tinha trazido ao debate sobre drogas. Sempre que se falou do assunto, os agentes da repressão se colocavam como do lado da ordem, uma vez que o caos surgiria diante do relaxamento das políticas de drogas. Em um golpe de jiu-jítsu político, Ruth reverteu esse argumento. Os cidadãos suíços podiam ver como a repressão às drogas tinha levado caos às

ruas e, quando o governo passou a distribuí-las, o caos desapareceu. Então, argumentaram que a guerra às drogas significa desordem, enquanto pôr um fim a ela significa a restauração da ordem.

Esse argumento prevaleceu. Em 1997, cerca de 70% dos eleitores suíços votaram por manter a reforma. Em 2008, as forças conservadoras foram reagrupadas e houve novo referendo. A campanha de Ruth apelou para a foto de uma mãe com uma criança no colo dizendo: “Quero manter nossos parques sem seringas”. Outro cartaz mostrava um casal nos seus cinquenta anos dizendo: “Graças ao tratamento, nosso filho conseguiu deixar as drogas”. Dessa vez, o resultado foi 68% favorável à política reformista. Essas campanhas mostram como a proibição pode acabar no mundo.

As pessoas votaram para proteger a si mesmas, e não os dependentes. Essa, eu acho, é uma lição fundamental. Aqueles que acreditam em uma reforma na política de drogas já têm ao seu lado quem é liberal e de esquerda. São os moderados e os conservadores que precisam ser conquistados, e a fórmula para isso pode estar lá nos Alpes.

Um dia, quando era presidente, Ruth visitou uma clínica de heroína em Berna para conversar com os pacientes e, entre eles, havia um jovem bem vestido e bonito com quem ela tentou conversar, mas parecia muito retraído. Para sua surpresa, quando ela estava saindo, ele entregou um bilhete a ela, dizendo para lê-lo só quando chegasse a seu gabinete.

“Seis meses atrás, eu estava na rua. Eu me odiava, tinha perdido todo o respeito por mim mesmo. Estava sujo, dormia ao relento nas ruas e nos parques e, então, me admitiram na clínica... agora venho aqui três vezes por dia para receber minha heroína. Recuperei o respeito.” Daí, ele explicou que estava relutante em conversar com ela, porque agora trabalhava para ela, num departamento do governo.

“Ao ler uma carta assim, você tem certeza de que isso tem que continuar por muitos anos”, disse Ruth.

É difícil, disse para Ruth em seu apartamento em Genebra, imaginar um presidente norte-americano ou um primeiro-ministro britânico fazendo o que ela fez: ouvir dependentes e fazer com que sejam socorridos. “Eles deveriam”, ela disse. “Precisam aprender a ver com os olhos deles.” Se ela estivesse presa dentro de um elevador com Barack Obama e David Cameron, falaria para eles: “Vocês são responsáveis por todos os seus cidadãos, e ser responsável significa protegê-los e dar a eles os meios para protegerem a si mesmos. Não há um grupo que possa ser abandonado”.

As mesmas forças que reprimiram John Marks tentaram intimidar os suíços. A Comissão Internacional de Controle dos Narcóticos declarou: “Qualquer um que brinque com fogo acaba perdendo o controle” e disse que a Suíça mandava uma mensagem desastrosa para os países produtores de drogas. Mas Ruth Dreifuss não ia permitir ser intimidada por ninguém. Quando o tsar das drogas dos Estados Unidos, o general Barry McCaffrey, visitou a Europa, foi à Holanda e lá, em uma coletiva de imprensa, repreendeu o governo holandês pela sua perversidade, como se ele fosse um governante colonial falando com a população local. Ele ia para a Suíça em seguida. “Foi terrível o que disse na Holanda sobre as lojas de maconha”, disse Ruth.

Ela ligou para ele e disse: “Não haverá coletiva de imprensa na Suíça. Não aceitamos que você interfira no nosso debate político”.

Depois que deixou o governo, Ruth reuniu-se com outros chefes de Estado, como o ex-presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso, para formar uma organização chamada Comissão Global de Política sobre Drogas, exigindo o fim da guerra internacional aos entorpecentes. Ela visitou México, Gana, Hungria, Lituânia e Itália. Em todos os locais por onde passa, diz perceber que “as dúvidas estão aumentando” e as pessoas estão querendo ouvir sobre alternativas racionais.

É ainda mais difícil imaginar, digo a ela, que um ex-chefe de Estado norte-americano ou um ex-primeiro-ministro britânico vivam do outro lado da rua de uma clínica de heroína.

“Sempre quisemos que esses lugares estivessem nos centros das cidades”, ela diz. “Por várias razões. As pessoas precisam ir lá regularmente, não podemos mandá-las para muito longe. Se elas trabalham, precisam vir no intervalo de almoço. É prático.”

Fumando, ela olha pela janela na direção da clínica.

Depois que voltei da Suíça, conversei com norte-americanos sobre os resultados dessa iniciativa, dizendo que deveriam ser testados na sua terra. Em geral, a resposta deles me deixava pasmo.

Mas nós já prescrevemos opiáceos poderosos. Damos oxicodona, hidrocodona e outros analgésicos. Ao contrário do que você diz, é um desastre. É só olhar os jornais, mais e mais pessoas se viciam em medicamentos que elas usaram para aliviar a dor. Há mais overdoses. Mais gente entra para o crime e evolui para drogas mais pesadas, como heroína. Você quer mais disso?

Essa narrativa está em todas as partes, até mesmo em publicações liberais como a revista *Rolling Stone*. A conclusão parece ser que a prescrição de drogas no país não reduz os problemas, só os espalha ainda mais.

Isso parecia acabar com a ideia de fornecer acesso legal a drogas mais potentes nos Estados Unidos, e fiquei muito confuso. Observei os números e essas críticas pareceram corretas. A dependência em oxicodona e hidrocodona realmente está se alastrando pelos Estados Unidos, causando, de fato, mais criminalidade e overdose. O motivo é que os médicos receitam essas drogas de maneira irrestrita.

Como a prescrição de opiáceos funcionou tão bem na Suíça, mas era um desastre nos Estados Unidos? Existe alguma diferença cultural profunda? Ou existia alguma falha no modelo suíço que eu não via?

Foi apenas quando discuti com Meghan Ralston, especialista em drogas prescritas da Drug Policy Alliance [Aliança para a Política de Drogas], com o professor Bruce Alexander, em Vancouver, e com o dr. Hal Vorse, que trata dependentes de drogas prescritas em Oklahoma City, que comecei a

compreender. Esses três especialistas me colocaram questões que fizeram com que visse essa epidemia por outro ângulo.

A primeira questão que me fez repensar foi: quando é que os piores problemas associados à oxicodona e à hidrocodona começam? Quando é que os dependentes passam a invadir farmácias para conseguir uma outra dose, ou se prostituem, ou têm overdoses em massa? Meghan Ralston explicou que isso não acontece quando a droga é receitada, mas quando os médicos interrompem a prescrição.

Os Estados Unidos não têm uma política como a Suíça de receitar oxicodona, hidrocodona e outros opiáceos para quem está adicto; é exatamente o contrário. Se eu for um norte-americano que desenvolveu o vício em oxicodona, assim que o médico perceber isso, vai parar de me prescrever o remédio. Ele só pode fazer uma receita para mim para tratar a dor física, e não o meu vício. Se ele prescrever para tratar do meu vício, poderá perder sua licença e ser condenado a até 25 anos de prisão, como se fosse um traficante, como aconteceu com o irmão de Henry Smith Williams.

É nesse momento que um dependente químico, desesperado, pode pensar em pegar uma arma e ir assaltar uma farmácia. De acordo com Meghan Ralston, os problemas começam quando o caminho legal para a droga é interrompido. Ninguém que toma oitenta miligramas de oxicodona receitadas por um médico vai cometer um crime, ou morrer ou ter overdose. É quando o médico deixa de prescrever que o problema começa.

É tão diferente da forma como a crise das drogas prescritas é representada que demorei um pouco para absorver. Foi só quando eu comecei a pensar isso em relação à última vez que as drogas foram vendidas legalmente nos Estados Unidos — em 1914 — que passei a entender.

Lembre-se da transformação pela qual passou Henry Smith Williams. Antes da proibição, quase todos os usuários de opiáceos podiam comprar uma forma mais leve da droga por um preço justo na farmácia. Alguns se viciavam, o que significa que a vida deles era prejudicada da mesma forma que a de um alcoólatra hoje. Ninguém pode ignorar isso, é sofrimento

humano real. Mas quase nenhum deles cometeu crime algum para comprar drogas, ou saía do controle ou perdia o emprego. Foi quando o caminho legal para as drogas se fechou que todos os problemas começaram: roubos, prostituição e tráfico.

O mesmo padrão se repete com as drogas prescritas. Se sou um jovem adicto em oxicodona usando o remédio compulsivamente para lidar com a minha dor psicológica, minha vida será prejudicada. Se meu médico deixa de receitar a droga em que sou adicto, serei capaz de qualquer coisa para conseguir. Então, conclui Meghan, o problema da crise das drogas prescritas não desacredita a legalização, apenas a reforça.

Mas o que significa “legalização” quando se fala de drogas prescritas? Algumas pessoas defenderão que sejam vendidas abertamente, como o álcool, mas a experiência com a heroína na Suíça mostra um caminho melhor: pode-se expandir o critério da prescrição. Se você dá opiáceos para dor nas costas, por que não pode receitá-los para tratar uma dor psicológica? Imagine uma dependente de oxi de Oklahoma City que não fosse obrigada a parar de repente, aconselhada a ir aos Narcóticos Anônimos e deixada à própria sorte. Imagine se, em vez disso, ela tivesse a mesma ajuda que os dependentes suíços, em que recebesse uma dose legal segura pelo tempo que quisesse e, enquanto isso, ganhasse ajuda para reconstruir sua vida, obtendo uma residência fixa e mantendo seu emprego.

Parece razoável imaginar que os resultados serão os mesmos tanto em Vermont ou no Alabama como na Suíça — a maioria, com o tempo, escolheria diminuir a dose e, em algum momento, deixaria de lado as drogas à medida que a dor passasse.

Mas esse é só o primeiro passo: é a atadura que interrompe a hemorragia. Em seguida, é preciso ter uma estratégia mais profunda, aquela que pare de criar a ferida. Para fazer isso, é preciso mudar a cultura de forma que as pessoas não achem a vida tão insuportável. Temos que construir uma sociedade que se assemelhe ao Rat Park, e não a uma corrida de roedores. Se

isso parece impossível, lembre-se da alternativa: surtos de vício que apenas incham e, uma hora, explodem.

Isso nos leva à segunda questão: por que o problema da prescrição de drogas piorou tanto? Há duas explicações possíveis. A primeira qualquer um já ouviu. É que os médicos atendem aos interesses da indústria farmacêutica e receitam esses opiáceos para dor nas costas sem avisar os pacientes sobre a possibilidade de se viciar e eles acabam se tornando dependentes por acidente. Então, você toma o remedinho para sua hérnia de disco e, quando percebe, tem que tomar todo dia senão fica suando e não consegue mais dormir. Parece senso comum como motivo para a crise.

Mas tem uma informação que não é fornecida nesse cenário. Como já vimos, hospitais tratam seus pacientes com drogas muito mais potentes que oxycodona e hidrocodona a torto e a direito. Por exemplo, a diamorfina — que é heroína — é dada contra a dor e é três vezes mais forte que a oxycodona e é administrada até que você se recupere de uma operação. Ainda assim, como vimos antes, ninguém fica adicto. Então como um opiáceo dado nos hospitais, três vezes mais potente, não vicia, e o outro receitado por médicos vicia?

Isso sugere que devemos procurar por outras explicações. Bruce Alexander me contou essa história sobre as ruas do Downtown Eastside. Ele me mostrou que eu e você temos acesso a um número ilimitado de drogas, da vodca ao Valium. Na maioria das vezes, não as usamos, deixando-as intocadas nas prateleiras. Por que, em alguns momentos, recorreremos a elas? Não é porque estão disponíveis. É porque estamos desesperados. Os surtos do vício em drogas sempre acontecem, ele provou, quando há um aumento repentino no isolamento e no sofrimento, seja quem toma uma garrafa de cachaça na favela ou quem precisa de um pico para lutar no Vietnã.

Mais outra questão: o que aconteceu nas últimas décadas nos Estados Unidos para deixar mais pessoas desesperadas? Não é difícil de responder. Desde a Grande Depressão que os norte-americanos médios convivem com

crises econômicas, deixando-os em estado permanente de angústia e medo. Segundo a teoria de Bruce, é por isso que estão se voltando cada vez mais para o vício em oxicodona e hidrocodona, para aliviar a dor que sentem.

Essa visão coloca a crise da prescrição das drogas em um outro patamar. Pode ser que as mães dependentes de hidrocodona e os motoristas de caminhão dependentes de oxicodona estejam assim porque viram sua capacidade de sustentar sua família ser ameaçada. Sem esses remédios, eles teriam encontrado alguma outra coisa na prateleira do banheiro, porque, em crises parecidas em outras épocas, as pessoas fizeram coisas similares.

Não é que uma droga específica não cause nenhum efeito — é claro que isso acontece. A hidrocodona e a oxicodona possuem princípios viciantes que são também responsáveis pela dependência. Lembre-se da evidência de uma pesquisa anterior, de que apenas 17% das pessoas ficam dependentes da substância química. Uma vez que o tabaco é a droga mais viciante, é de esperar que as substâncias da oxicodona tenham um papel parecido na causa do vício. Sei que 17% é muito, e os médicos devem ter consciência quando estão distribuindo receitas para pessoas que poderiam tomar analgésicos mais leves, com menos princípios viciantes. Não importa como se lide com a situação, 17% é ainda uma pequena parte do efeito. Concentrar-se apenas no aspecto menor e ignorar o cenário maior é uma das razões pelas quais as respostas a essa crise estão falhando terrivelmente.

* * *

Mesmo após essa descoberta tive a sensação de que havia algo na crise das prescrições que não estava claro para mim. A terceira questão que se colocava era: por que os usuários de oxicodona e hidrocodona acabam evoluindo para a heroína?

A evolução para drogas mais pesadas está muito bem documentada e, em um primeiro momento, parece contrariar tudo o que aprendemos na Suíça. Essa dinâmica é tão intensa que se tornou uma questão dominante em vários estados. É um problema tão sério em Vermont, por exemplo, que o

governador, em 2014, dedicou um discurso inteiro sobre o uso de heroína, e foi declarado amplamente que a principal causa desse aumento era a prescrição de opiáceos.

Mais uma vez, essa história pode ser contada de duas maneiras. A primeira é que a crise é desencadeada pelo fator químico. Seu corpo fica viciado e precisa de drogas cada vez mais potentes para chegar ao mesmo estado de prazer. Quando o remédio não satisfaz mais, você vai para a heroína. É razoável pensar assim.

Porém há um outro lado da história que envolve um efeito bem diferente da política de drogas. Num primeiro momento, vai soar estranho, mas é um efeito comprovado. Na verdade, se quiser vê-lo em ação é só ir a qualquer jogo de futebol americano universitário nos Estados Unidos, em qualquer época do ano. É a “regra de ferro da proibição”. Para entendê-la, precisamos retornar para o começo dos anos 1920 com o reinado de Arnold Rothstein, no começo desta história.

Um dia antes de as bebidas alcoólicas serem proibidas, a bebida mais popular dos Estados Unidos era a cerveja, mas, imediatamente após a proibição, os destilados subiram de 40% para 90% de todas as bebidas vendidas. A reação das pessoas, com a proibição, foi procurar bebidas mais potentes. Isso parece confuso. Por que uma mudança na lei faria o gosto das pessoas mudar?

O que mudou não foi o gosto das pessoas, foi a oferta de bebidas. A razão é simples. Há uma análise muito boa sobre isso feita pelo escritor Mike Gray no livro *Drug Crazy*. Quando você contrabandeia uma substância, precisa “colocar o máximo dentro do menor volume possível”.

Imagine contrabandear um caminhão de cerveja pelos Estados Unidos. Você conseguiria fazer com que umas cem pessoas por noite consumissem a bebida. Mas se abastecer o mesmo caminhão com uísque, conseguirá que mil pessoas por noite comprem o seu produto. Então, você escolhe contrabandear o uísque e, quando as pessoas vierem comprar, tudo o que você terá para oferecer é uísque, junto com outras bebidas mais tóxicas.

A maioria das pessoas só quer ficar chapada com moderação. Poucos de nós querem se drogar até perder a consciência. Mas se variações mais fracas não estão disponíveis, muita gente vai usar a versão mais pesada, porque é melhor do que nada. A proibição restringe o mercado para a substância mais forte possível. É a lei de ferro.

Como prometido, se você for a um jogo de futebol americano universitário, como explica Gray, verá que: “Os estudantes que geralmente bebem cerveja optam por uísque, porque é proibida a entrada de álcool no estádio, então vale mais a pena levar algo mais forte escondido”. Os estudantes tomarão a bebida mais forte possível porque é melhor que não beber nada.

O mesmo acontece com a proibição de outras drogas. Antes que fossem proibidas, as formas mais populares de consumo dos derivados de ópio eram chás, xaropes e vinhos. O Xarope Calmante de Mrs. Winslow, por exemplo, continha morfina. Um vinho chamado Vin Mariani, que tinha traços de cocaína, era recomendado pela rainha Vitória e pelo papa Leão XIII. A coca era consumida em chá e na fórmula original do refrigerante mais popular do mundo. Mas a proibição fez desaparecer todas essas formas mais leves. Eram muito volumosas para serem contrabandeadas; ainda que existisse uma demanda, não valiam o risco. Foi quando o chá de coca foi substituído por cocaína em pó, e o xaropinho de heroína ganhou sua versão injetável.

Quanto mais forte é a repressão, mais pesada é a droga. Quando a maconha foi combatida nos anos 1970, surgiu o skunk e o superskunk. O crack foi criado em meio à repressão da cocaína em pó no início dos anos 1980. Muitos usuários querem e preferem as formas mais leves da droga, mas, como não conseguem ter acesso a elas, acabam usando as mais pesadas por causa da proibição.

É aqui que compreendemos a crise dos medicamentos prescritos. Se você recebe uma receita de oxicodona e depois seu médico deixa de dar, você quer continuar tomando a oxicodona. Com a proibição, é mais difícil

conseguir um medicamento brando como o oxi e é mais fácil e barato conseguir heroína. O dr. Hal Vorse, que trata de dependentes em Oklahoma City, conversou comigo sobre esses aspectos econômicos e me deu informações sem titubear. Seus pacientes lhe contam que, nas ruas, o oxi é três vezes mais caro que a heroína. “Os usuários evoluem para a heroína só porque é mais barata”, disse.

Da mesma forma que todas as vias legais para se conseguir álcool foram fechadas, a cerveja foi deixada de lado e o uísque emergiu. Quando os opiáceos deixam de ser fornecidos legalmente, a heroína vence. Não é algo que acontece por acaso; é a proibição, é a política que escolhemos que traz esses resultados. Assim que o álcool foi liberado, a cerveja voltou a ser a bebida preferida dos norte-americanos. Há dependentes de heroína por todos os Estados Unidos que seguiriam usando oxi se pudessem consegui-lo legalmente.

Vale a pena repetir isso, porque é tão surpreendente, e ouvimos tão pouco, apesar de todas as evidências. A guerra às drogas torna quase impossível aos usuários de drogas encontrar versões mais leves da droga, fazendo-os tomar as mais pesadas.

Depois de tudo isso, percebi que a história que é contada sobre a crise de medicamentos prescritos é mentirosa. Ela nos é apresentada seguindo a narrativa antiga da guerra às drogas, na qual o problema está na substância química e, se ela fosse erradicada, o problema sumiria.

É tentador porque é simples. Com isso, não olhamos para o fato de que o problema não foi criado pelos comprimidos, mas pelas próprias pessoas. O experimento suíço da heroína, combinado ao Rat Park, oferece a melhor resposta não apenas para a epidemia da heroína, mas também para a crise das drogas prescritas.

Em uma tarde, na clínica em Genebra, contei à psiquiatra dra. Manghi sobre como havia clínicas de distribuição de heroína em Los Angeles décadas atrás. A heroína era prescrita; as pessoas melhoravam; depois,

foram fechadas. O mesmo aconteceu em Liverpool. Ela pensou um pouco e definiu: “É como uma recaída. Pode parecer desalentador, mas, a cada recaída, você aprende algo novo”.

16. O espírito de 74

Havia anos sabia de um país onde todas as drogas — da maconha ao crack — tinham sido descriminalizadas em 2001. Queria entender o significado disso, mas adiei a visita por dois anos. Acabei me convencendo de que fiz isso porque queria terminar esta jornada com um tom otimista, apresentando algum tipo de solução. Mas havia um outro motivo, que eu só admitia quando estava para baixo. E se a alternativa à repressão às drogas não funcionasse? E aí, o que poderia ser feito?

Fui a Portugal no inverno ensolarado de 2013. Comecei caminhando pelas ruas de Lisboa e acho que esperava encontrar uma coisa diferente. Vi garotos e garotas andando de mãos dadas pelas sete colinas onde a capital foi erguida, perambulando pelas ruas medievais e caóticas e pelas regulares avenidas que desembocam no mar. Eles sentavam nos cafés e comiam mais doces do que parecia ser possível para pessoas com cinturas tão finas e baixo poder aquisitivo.

As pessoas vivem em pequenos apartamentos coloridos, uns diante dos outros, nos quais é possível ver o vizinho. Roupas de baixo ficam expostas nos varais, à vista de todos, sem nenhum pudor. As pessoas em Lisboa têm um olhar relaxado, ainda que estejam, em meio a goles de café, sempre observando você.

Conheci João Goulão em seu gabinete em um prédio público. Vestia terno e gravata marrons e falava com a polidez característica do médico de

família que ele foi por tanto tempo. Mesmo sendo delicado e até um pouco conservador no trato, liderou uma espécie de revolução na política de drogas. Ele sempre fez questão de dar o devido crédito a outras pessoas, mas a maioria insiste em colocá-lo como o pioneiro dessa transformação. Conversei muitas vezes com ele e com outros que participaram da revolução das drogas portuguesa, e eles me contaram a seguinte história.

Um estudante de dezenove anos folheava um livro de medicina no ano de 1973, em Portugal, quando encontrou uma mensagem secreta. Estava escrita em um pedaço de papel. Alguém que já havia sumido a tinha deixado ali. João Goulão leu a mensagem com atenção.

Era um jornal clandestino que exigia a revolução. João sabia que se a polícia o encontrasse com aquilo, ele desapareceria. Tinha visto cartazes espalhados pelo campus da universidade exigindo a volta dos “desaparecidos”. Nas raras ocasiões em que havia protestos, a polícia aparecia com cachorros e cassetetes e mais pessoas sumiam.

Alguns dias depois, um estudante perguntou a ele: “Encontrou alguma coisa no seu caderno?”

“Sim”, ele disse.

“E que achou?”

“Acho que temos que ter cuidado, mas eu gostei”, respondeu.

“Posso passar outros jornais para você discretamente, se quiser.”

Foi assim que João tomou parte do movimento para libertar Portugal. Sua família não esperava isso dele. Fora criado viajando pelo interior do país nos anos 1950 e 1960 durante a ditadura. O trabalho do seu pai, engenheiro, era desapropriar famílias de suas terras para construir represas a mando do governo e das companhias de energia elétrica. Não era muito popular, por isso carregava uma arma.

A família acreditava na propaganda do regime de que forças malignas estavam conspirando para tomar o país e destruir tudo o que conheciam. Onde cresceu, poucas pessoas discutiam sobre política para além das frases

prontas, usadas para afastar pensamentos mais perigosos. Ele tinha “uma ideia vaga da polícia secreta e de que algumas pessoas estavam desaparecidas. Não falávamos sobre isso. Era um tabu”.

Quando se mudou para a capital é que começou a descobrir a verdade. Em um ponto de ônibus, perguntou a um dos seus companheiros de resistência sobre um artigo que tinha lido no jornal clandestino. Seu amigo respondeu falando alto sobre futebol. João não entendeu nada, mas depois o amigo explicou: “Um agente da polícia secreta estava se aproximando para ouvir nossa conversa”.

João havia ouvido os rumores de que algo estava sendo preparado, mas não tinha ideia de quando aconteceria.

Nas primeiras horas da manhã de 25 de abril de 1974, o cunhado de João, um oficial do Exército português, ligou para a mulher e disse que estavam planejando uma revolução. Era hora. Ela estava começando. Os tanques chegaram ao centro de Lisboa. As autoridades pediram que todos ficassem em suas casas, e o rádio tocava apenas marchas militares, sem parar. Mas João, como outras dezenas de milhares de pessoas, foi ao centro. Estava frio e o clima era de apreensão. Havia um barco no rio Tejo com um canhão apontado em direção à sede do governo. Colunas militares dominavam a paisagem. Como as ruas de Lisboa são estreitas, os canhões pareciam ainda maiores e ameaçadores.

As pessoas sabiam que os militares não iam atirar nelas. Os tanques pararam diante de uma senhora que arrumava sua barraca de flores. Ela sorriu e, delicadamente, jogou um cravo vermelho para o comandante do veículo. Naquela tarde, garotas jovens se aproximaram dos soldados e colocaram cravos vermelhos nos canos de fuzis. O povo português não sentia mais medo. A população subiu nos tanques e dançou sobre eles. A ditadura tinha chegado ao fim.

Nos meses que se seguiram, houve uma profusão de debates e manifestações. Uma festa da democracia. Foi como se as represas que seu

pai havia ajudado a erguer durante aqueles anos tivessem estourado todas de uma vez.

Portugal aprendeu uma lição: nada precisa se manter como está. Se existe um dogma, por mais forte que seja, pode-se derrubá-lo e recomeçar. Um quarto de século depois, no começo do XXI, João ajudou seu país a fazer algo inédito. Para ele, “é o resultado de todos os processos desencadeados em 1974”, quando viu flores subjugarem a tirania.

O Algarve saiu de uma pasmaceira ditatorial para a loucura de uma interminável festa na praia. O litoral do sul de Portugal é um lugar de sonho: a areia é amarela como o sol, o céu é azul como o mar. O regime havia proibido a entrada de turistas estrangeiros por cinquenta anos e, por isso, nos anos 1980, os europeus foram em massa para lá, torrar seus corpos durante o dia e tomar vodca à noite. João era médico de família e viu a região receber muito dinheiro dos turistas durante o verão e depois ficar vazia no inverno e sem oferta de emprego.

A região era bipolar, vivendo a euforia do veraneio e depois a depressão do inverno. “Vi muita gente usar ecstasy, cocaína e outras drogas de festa, mas o maior problema era a heroína”, contou. Foi ao tentar combater o opioide que ele vislumbrou uma outra solução possível. Reuni o relato dele aos de seus colegas no setor de tratamento de drogas, acrescentei histórias de vários dependentes que são seus pacientes e também várias reportagens sobre o assunto. Cheguei, então, a esta história.

Portugal tinha, na década de 1980, um dos maiores problemas de vício em heroína do mundo. Um dia, um jovem músico e poeta chamado Vitor entrou no consultório de João. Era um rapaz “muito inteligente, sensível, tínhamos conversas de alto nível”, lembrou João. O jovem acreditava que as drogas liberavam seu potencial criativo para produzir sua arte. O médico não concordava e, com o passar do tempo, conseguiu fazer com que ele parasse de se injetar e atingir uma “recuperação estupenda”, que foi um exemplo para as pessoas ao seu redor.

Dois anos depois, Vitor teve uma doença misteriosa e morreu aos 23 anos. “Foi uma tragédia, sua mãe me ligou ontem para desejar boas-festas. Todo ano, antes do Natal, ela liga e começa a chorar”, contou.

Portugal não tinha nenhuma experiência com drogas. Os anos 1960 não aconteceram no país por causa da ditadura, então não existia nenhuma política oficial para drogas. O consumo da maconha e da cocaína era baixo para padrões internacionais, mas a heroína explodia. O governo estava desesperado e havia uma cartilha proibicionista pronta: criminalização, repressão, punição. Portugal seguiu essas orientações com entusiasmo.

Para surpresa de todos, o problema só piorou. João recebia cada vez mais dependentes e casos de aids. “A heroína começou entre os mais vulneráveis, mas chegou até as classes média e alta. Era quase impossível encontrar uma família portuguesa que não tivesse problemas em casa ou entre os vizinhos”, disse. No começo dos anos 1990, uma em cada cem pessoas era dependente de heroína.

Os dependentes tinham medo de procurar ajuda, mesmo com a oferta de serviços médicos. Em geral, eles chegavam em um estado desesperador à clínica de João, mas se recusavam a dar o nome completo ou outras informações para contato. Sabiam que havia uma guerra sendo travada, e eles eram o inimigo.

“Estamos sem opção, gastamos milhões para chegar a lugar nenhum”, disse João a um jornalista na época. Então, ele organizou o primeiro centro de tratamento de dependentes da história do Algarve, com base no princípio de que os usuários precisam de ajuda, não de desprezo. Suas equipes começaram a tratar centenas de pacientes, observando o que funcionava e o que não dava certo. Em 1997, ele passou a coordenar o tratamento de dependentes no país inteiro e, em 1999, foi convidado pelo governo a participar de uma comissão independente de nove médicos e juízes — presidida por um pesquisador acadêmico neutro — de forma a desenvolver um plano abrangente para tratar do problema das drogas.

Eles tinham autonomia total, o que lhes permitiu chegar a conclusões lógicas que eram ignoradas na maioria dos países. A primeira era que a maioria esmagadora dos usuários adultos consumia de modo recreativo e não se viciava. Por isso, decidiram que as autoridades não precisavam se preocupar com essas pessoas, e só tinham que oferecer informações sobre como usar as drogas de forma segura. A segunda era que o país já havia tentado a abordagem “terrorista” — como João a chama — criada por Anslinger, baseada em uma atitude ameaçadora sobre os dependentes, impondo sofrimentos terríveis se continuassem a usar. Em sua experiência na clínica, esse era “o melhor jeito de fazer com que quisessem continuar usando. Lidar com esse problema algemando-os e humilhando-os é a melhor forma de deixá-los com raiva do sistema e de fazer com que não queiram voltar à normalidade”.

Eles desejavam, portanto, tratar do tema de maneira mais sofisticada. João tinha visto em seus pacientes a dicotomia entre “querer usar e querer parar”. O proibicionismo sempre coloca o usuário no chão, dificultando o predomínio da parte que quer parar. “Era bem frustrante ver um paciente lutar muito contra o vício para depois dizer: ‘Que tipo de vida vou ter agora? Não estou pronto, não tenho para onde ir’”, disse.

Então, ele e seus colegas propuseram construir um sistema com base em uma noção completamente diferente: oferecer aos dependentes a “possibilidade de uma nova vida”, proporcionando-lhes “prazer” em vez de sofrimento. Seu objetivo como médico era sempre “tentar identificar o que aconteceu no passado” de um dependente para que achasse sua vida insuportável e fazê-lo recuperar o gosto pela vida ao oferecer-lhe compaixão para tentar criar uma alternativa. Eles passaram a se perguntar: se esse é o objetivo dos bons médicos, por que isso não vira uma política de governo?

O relatório da comissão apresentava os seguintes pontos: “Os usuários devem ser tratados como membros plenos da sociedade, não como criminosos e párias”. Em vez de se ter como meta “a perfeição inatingível do uso zero”, o consumo de todas as drogas deveria ser descriminalizado. Usar

uma substância ou ficar dependente dela não deveria ser crime. Assim, todo o dinheiro gasto com a prisão, o julgamento e a punição dos dependentes deveria ser usado na educação de crianças e na recuperação dos dependentes.

Para o assombro de muitos, a proposta foi debatida na Assembleia da República de Portugal. Um alto integrante do governo tinha um irmão adicto em heroína, então João o levou para visitar muitos lugares da Europa onde os dependentes eram tratados com dignidade. Esse político se tornou um dos maiores entusiastas da proposta. A escala alarmante do problema em Portugal favoreceu a mudança de mentalidade da população. “O sentimento de que o adicto era um doente e não um criminoso estava presente na sociedade. Já diziam: ‘Meu filho é um bom menino, só precisa de ajuda’”, explicou João.

Então, em 2001 a perseguição foi encerrada oficialmente. A nova lei estipulava que os usuários de drogas recreativas “não deveriam ser rotulados ou marginalizados” e que os dependentes só deveriam ser abordados pelo Estado para receber “incentivo na busca do tratamento”. Deixou de ser crime a posse de uma quantidade que podia ser usada por dez dias.

É importante ressaltar que, enquanto a posse era descriminalizada, a venda seguia ilegal. Legalizar e regular o comércio das drogas tornaria Portugal o primeiro país a renunciar às convenções das Nações Unidas criadas por Anslinger. Seria um passo que resultaria em sanções internacionais. Isso significava que o controle do tráfico de drogas continuava nas mãos de redes criminosas, mas a Assembleia portuguesa concluiu que aquela era a medida mais ousada que podia ser tomada no momento.

Houve muitas previsões catastróficas da direita portuguesa e da comunidade internacional. O chefe da Direção Central de Investigação ao Tráfico de Estupefacientes (DCITE), João Figueira, acreditava que haveria uma “explosão no consumo e, por isso, a situação sairia do controle”. Há um

tom de “espere só para ver” nos documentos escritos por proibicionistas na época.

No seu consultório, Goulão me contou que havia duas dimensões na revolução portuguesa. A comissão não apenas retirou as penalidades legais e deixou que as pessoas se virassem. Eles desarticularam a máquina de repressão e a transformaram em uma máquina de recuperação. “O maior efeito da descriminalização foi poder desenvolver todas as outras políticas”, explicou. Nos Estados Unidos, 90% do dinheiro gasto nas drogas vai para policiamento e punição, enquanto apenas 10% são gastos no tratamento e na prevenção. Em Portugal, essa proporção é exatamente inversa. Em Nova York, o estado gasta 1 milhão de dólares para cada cinco pessoas presas por crimes de gravidade média relacionados a drogas — foi o que tirou a gangue de Chino Hardin de circulação por um tempo. Em Portugal, o dinheiro é aplicado de maneira diferente.

João acreditava que se o estigma e a vergonha que tornavam o vício um crime fossem retirados, seria possível chamar os dependentes para participar de uma rede de apoio e tratamento. Eu queria acreditar nisso, mas seria verdade?

Do outro lado de um banco Santander, em um dia nublado, um rapaz de dezessete anos com os cabelos espetados, vestindo uma grande parca, aguarda ser atendido. Ele acabou de passar por uma entrevista de uma hora com um psicólogo, e agora Nuno Capaz, um sociólogo de trinta e poucos anos, conversará com ele.

O sistema concebido por João e seu colega tem uma diferença muito importante: discernir os 90% de usuários que não têm complicações e devem ser deixados em paz dos 10% de dependentes que realmente precisam de ajuda. Eles tiveram que inventar um mecanismo para diferenciar dependentes de usuários. A solução foi criar uma salinha. Ela é chamada de Comissão para a Dissuasão da Toxicodependência (CDT). A polícia não corre mais atrás de usuários, mas, se encontra um por acaso, dá

uma notificação que o obriga a aparecer lá. O trabalho da Comissão para a Dissuasão é apenas avaliar se existe algum problema relacionado às drogas. Nada do que é conversado nessa salinha vai parar numa ficha criminal.

Se a entrevista com o psicólogo indicar que a pessoa é apenas uma usuária e não tem nenhum problema, vai apenas ouvir alertas sobre os riscos e como usar drogas de modo mais seguro — por exemplo, ter sempre alguém ao seu lado caso precise de ajuda. Depois, mandam a pessoa embora.

Nuno, que coordena esses encontros informais, destaca que a grande maioria das pessoas usa “porque gosta. Elas não têm problema com isso, usam porque sentem prazer. Nesse caso, não é necessário tratamento ou prisão. Elas têm que tomar cuidado, mas não precisam de um médico, um carcereiro ou uma intervenção legal”, diz. O psicólogo conta o caso de um sujeito que trabalhava num bar, onde cheirava cocaína todo primeiro sábado do mês. Ele usava só nesse dia e adorava a sensação. Por isso, sabia que precisava restringir o uso para conseguir resistir à tentação de consumi-la o resto do tempo. Nuno falou para ele: “Tome cuidado. Continue assim. Use apenas uma vez por mês, junto com outras pessoas que estão usando, porque você pode ter uma convulsão”. Esse tipo de orientação é o máximo que o Estado vai fazer com nove entre dez pessoas.

Observo enquanto Nuno tem uma conversa de vinte minutos com o adolescente de parca que foi encontrado fumando maconha na rua. Nuno explica a ele que é ruim para a concentração e para a memória, ambas capacidades fundamentais para ir bem na escola. O garoto concorda, pede indicações de livros sobre o assunto e vai embora. Fica nisso.

Assim que ele vai embora, explica:

Em muitos dos casos com menores, tentamos reduzir a ansiedade das mães e dos pais. Eles acham que um garoto pego com 0,3 grama de haxixe vai ficar adicto e destruir a família. Temos de dizer “calma”. Na maioria dos casos, uma hora eles param e não vão usar nada mais forte nem vão

apresentar nenhum dano físico ou psicológico, então não precisam entrar em pânico. Especialmente no caso dos menores, precisamos orientar mais os pais do que os garotos, porque o jovem, em geral, é muito mais bem informado que os pais.

Nuno continua: “A menos que você tenha muito azar ou esteja tentando ser pego”, um usuário não problemático geralmente nunca reaparece na Comissão para a Dissuasão, porque a polícia “não para pessoas na rua para serem revistadas”. Os usuários só são detidos quando usam ostensivamente em público ou quando as drogas são achadas por acaso, como em uma revista após uma briga de rua. “É muito difícil ser pego duas vezes”, diz Nuno. Mas se isso acontecer, a Comissão pode aplicar pequenas multas — em geral, de oitenta euros, o que faz disso o “baseado mais caro da vida dele, mas é uma quantia muito mais simbólica”, disse Nuno. No entanto, se a entrevista revelar que a pessoa está usando drogas de maneira perigosa — compartilhando agulhas, por exemplo —, vão mandá-la para o centro de troca de agulhas ou outro lugar para garantir que o consumo seja o mais seguro possível.

Quando se trata dos 10% que se tornam dependentes, o trabalho de Nuno é oferecer “informação sem julgamento” e direcioná-los para os serviços disponibilizados para mantê-los vivos e bem. “Não podemos obrigar ninguém a fazer nada” no que diz respeito ao tratamento — mas quando eles estão prontos para ser ajudados, o serviço está disponível. “Se a pessoa aparece às dez horas da manhã, conseguimos agendar uma consulta à uma da tarde num centro para começar tratamento.”

No consultório de Nuno, qualquer adicto que queira parar será mandado, de graça, ao Centro das Taipas, que fica próximo a um hospital rosa sobre uma colina.

Seis adictos estão deitados em uma esteira, sendo massageados. Alguns mantêm os olhos fechados, os outros observam de canto, com um

sorrisinho. Essas massagens os ajudam a lidar com as dores da síndrome de abstinência, uma das enfermeiras me disse, mas têm uma função mais importante. Com isso, eles aprendem a se acalmar — às vezes, pela primeira vez — sem precisar de substâncias químicas.

O programa, me disseram, foi baseado na crença de João de que “usar drogas é apenas um sintoma do sofrimento, é necessário chegar às origens” dos motivos pelos quais dependentes querem ficar chapados. “Pode-se ficar sem drogas por um tempo, mas se os problemas que existem na sua cabeça não são resolvidos, tudo volta. Precisamos trabalhar o trauma da sua vida, somente então você poderá mudar a forma como lida com isso.”

A clínica existe, portanto, para “melhorar a visão deles, para que analisem a si mesmos, ajudando-os a compreender como reagem”. Depois de passar um ano e meio no tratamento de desintoxicação, a equipe tenta construir um ambiente seguro e de confiança para a pessoa poder enfrentar suas próprias emoções e contar sua história com sinceridade, coisas das quais estava fugindo num primeiro momento.

Em geral, os primeiros passos são pequenos. Os dependentes em recuperação participam de um jogo semelhante ao Imagem e Ação, no qual precisam fazer uma cara que expresse uma emoção, como raiva ou tristeza. Muitos se recusam no começo, porque é assustador. Eles não conseguem deixar as emoções aflorarem, mesmo dentro de um jogo. Esse é o motivo por que precisam se manter intoxicados por tanto tempo: para escapar do terror e da falta de controle que vêm junto com as emoções.

Em outro jogo, precisam se deixar cair para que os outros, que estão atrás, os segurem. É comum os dependentes considerarem isso inconcebível e se recusarem a fazer o exercício. Não conseguem confiar em ninguém, mas, pouco a pouco, com o tempo, aprendem que essas emoções podem ser exploradas, sem a necessidade de reprimi-las. Para João, esse é o significado de recuperação.

Vejo esses dependentes brincando como crianças, aprendendo a lidar com suas emoções, e penso nas mulheres que conheci na Cidade das

Barracas. Elas não aprendiam nada, exceto anular seus sentimentos. Tento imaginar a mãe de Chino aqui, aprendendo finalmente a compreender seus sentimentos.

* * *

Veria depois que essa era apenas a primeira — e não a mais importante — camada de apoio para os dependentes em Portugal.

João acredita que o vício é uma manifestação do desespero e que a melhor forma de lidar com esse sentimento é oferecer condições melhores de vida, para o adicto não sentir mais necessidade de se anestesiar. O caminho é recompensar, e não fazer ameaças. Parabenize-os, dê opções a eles. Ajude-os a construir uma vida.

Era essa a motivação por trás da segunda e mais importante fase do tratamento em Portugal. Assim que você dá os primeiros passos corajosos até Taipas ou outro centro parecido, o governo vai atrás de um emprego com um salário decente para você, longe do mundo das drogas. “Eles querem fazer parte da sociedade. Não podemos dizer a eles que se comportem como cidadãos normais, privando-os de exercer um papel na sociedade, sem ter um emprego, um trabalho, um salário”, explica João. O objetivo é que eles tenham algo a perder.

Para tanto, o governo concede a isenção fiscal de um ano para qualquer um que empregue um adicto em recuperação. Quase sempre o empregador o mantém no seu quadro de funcionários porque mostra ser bom funcionário.

Na última vez em que João se mudou com sua família, contratou uma empresa que se estabeleceu com ajuda do seu departamento. Dez dependentes em recuperação se juntaram em uma cooperativa, o Estado emprestou o dinheiro para comprarem um caminhão a juros baixos. Sua mulher ficou nervosa, mas os rapazes fizeram um excelente serviço, disse João. É claro que em um grupo de dez “alguns deles vão ter uma recaída”, mas agora “os outros estão ali para ajudar a lidar com o problema. Eles vão

insistir para que vá ao médico, tente parar de novo, e quando conseguir, poderá voltar a trabalhar na cooperativa. Eles se protegem, como um grupo”.

A abordagem é o exato oposto da proibicionista. Na guerra às drogas, é quase impossível que os dependentes voltem a trabalhar por causa das suas fichas criminais. Com o fim dessa guerra, os dependentes em recuperação terão mais facilidade em encontrar um trabalho porque, com subsídios, veremos que isso será mais efetivo para evitar recaídas do que a ameaça de ser preso.

Se, no entanto, você ainda não estiver pronto para parar com as drogas, terá outra espécie de apoio.

Fui de metrô a um projeto que abriga pacientes na periferia de Lisboa. Os apartamentos eram ainda mais apertados que no resto da cidade, empilhados uns sobre os outros e construídos com tijolos coloridos. Um grande mural grafitado de um rapper que não reconheci me olhava, assim como muitas mulheres que penduravam suas roupas de baixo nas janelas. Havia uma neblina densa cobrindo o lugar, então precisei me concentrar muito para conseguir ler os nomes das ruas. Caminhava pela avenida Cidade de Bratislava.

Na parte de baixo do conjunto residencial, vi uma van branca e uma pequena fila de homens e mulheres conversando ao lado dela.

Os copos brancos que estavam sendo distribuídos continham metadona. Eles engoliam o líquido e depois conversavam com psicólogos e médicos, que ouviam com simpatia. Daí, iam embora e seguiam com sua vida. João me contou que quando se toma metadona você não fica chapado, mas deixa de sofrer com a falta de heroína e está completamente apto para trabalhar, estudar ou a fazer o que quiser. Mesmo dirigir um caminhão.

Conversei com os assistentes sociais, e logo ficou claro que os objetivos ali eram bem mais modestos do que no Centro de Taipas. Esses eram os dependentes que não estavam preparados para parar, que tinham sério risco de morrer de overdose ou de se contaminar com uma seringa suja.

Nuno Biscaia, psicólogo dos seus trinta e poucos anos, após anos de convivência, conhecia todos os que estavam ali pelo nome. Conversei com ele por horas. Ele se dava por satisfeito se, ao final de um dia de trabalho, conseguisse fazer o usuário deixar a injeção para fumar heroína. Observei a fila de dependentes. Havia um homem pequeno que falava três línguas, uma mulher dos seus quarenta anos com uma aparência cansada, um cara raivoso que subiu na sua motocicleta e não quis conversar. Pensei quanto tempo de vida teriam se esse serviço fosse encerrado.

Algumas pessoas argumentam que as drogas não precisavam ser descriminalizadas em Portugal para expandir o tratamento dessa maneira. Esses tratamentos poderiam existir, da mesma forma que a criminalização. Foi apenas ao observar a fila de dependentes que percebi os problemas desse argumento. Eles estavam reunidos em um local público, diante dos seus amigos, vizinhos e empregadores. Um carro de polícia passou enquanto estavam ali. Ninguém ficou tenso ou mesmo notou sua presença, exceto eu. Se fosse assim, será que viriam aqui todas as manhãs mostrando que eram criminosos?

Alguns dias depois, acompanhei um outro grupo de assistentes sociais que trabalham com os dependentes mais vulneráveis, que moram nas ruas ou em residências abandonadas. Eles contavam que antes da descriminalização, os dependentes corriam deles. Hoje, eles vêm atrás dos assistentes. Apresentam-se para trocar as agulhas, conversam, dizem o que estão pensando e pedem ajuda. Suas reações eram muito diferentes daquelas que tinha visto sob a proibição, pois eles não estavam mais fugindo das autoridades.

Queria compreender os efeitos de longo prazo dessa abordagem na escala individual, e foi no Porto, a segunda maior cidade de Portugal, que encontrei alguém que simbolizava esses resultados perfeitamente.

* * *

Sergio Rodrigues dormia em uma casa sem teto nos últimos dias da repressão às drogas em Portugal, quando foi acordado.

Foi chutado repetidamente em diversas partes do corpo.

Ele sabia o que era; qualquer adicto de rua saberia.

Era a polícia que batia nele por esporte, por diversão, porque guerra é guerra, e os dependentes são os inimigos.

Fazia onze anos que Sergio era dependente. Ele injetava cocaína e heroína cinco, dez, vinte vezes por dia, tanto quanto pudesse comprar, para ficar inconsciente sempre que possível. Ele cresceu em uma das regiões mais pobres do Porto, em ruas de concreto claustrofóbicas que misturam prédios do século XVI com a criminalidade do século XX. No seu bairro, os seus conhecidos da mesma idade vendiam ou cheiravam cocaína colombiana. Todos os seus irmãos eram dependentes de rua.

Ele começou aos dezesseis anos e tinha a impressão de que não duraria muito. Todos os seus amigos estavam morrendo na sua frente. Quando não via um deles por alguns dias, perguntava sobre seu paradeiro, mas no fundo já sabia o que tinha acontecido.

Com a descriminalização, Sergio teve uma nova chance assim que um outro grupo de pessoas apareceu para ajudar. João e sua comissão sabiam que alguém como Sergio — um marginalizado, com medo das autoridades — seria difícil de abordar. Foram contratadas equipes de psicólogos que ficavam nas ruas para oferecer ajuda bem nos lugares mais inóspitos. A primeira abordagem era muito modesta, oferecendo apenas seringas limpas e recolhendo as contaminadas.

Conversando, pouco a pouco, eles criaram laços de amizade com os dependentes. Davam conselhos sobre onde poderiam injetar de forma a se manterem mais seguros, para evitar doenças. Discretamente, ofereciam uma maneira de sair, se quisessem.

Algumas vezes, demorava anos para uma semente germinar; outras vezes, as pessoas queriam ajuda o mais rápido possível. Agora que não havia mais punições, pessoas como Sergio paravam para tentar ouvir. As autoridades

estavam mudando. Onde antes havia policiais com cassetetes, agora havia psicólogos oferecendo apoio.

Foi uma dessas equipes de rua que persuadiu Sergio a se tratar. Ele procurou ajuda, tentou, mas não conseguiu parar com a heroína.

Quando aquela tentativa falhou, mesmo assim não desistiram dele. Colocaram-no em um programa de longa duração chamado comunidade terapêutica, onde ele viveu por um ano e meio, via um psicólogo regularmente e ganhava metadona todos os dias.

Sergio conseguiu um emprego. Arrumou uma namorada, que ficou grávida. Seus laços com o mundo ao redor começaram a ficar mais estreitos e sua vontade de usar drogas diminuiu. Decidiu parar com a metadona. Hoje fuma maconha e, de vez em quando, cheira cocaína em festas.

“Minha vida mudou completamente”, ele me falou em um café da cidade do Porto, ao som de um piano e um garçom que se curvava a cada pedido nosso. Não havia diferença alguma entre ele e os outros clientes. Pagava seus impostos e seus olhos brilhavam quando falava sobre a expectativa de ser pai. Enquanto estávamos juntos, não consegui deixar de pensar nos países onde a repressão ainda vigorava: ele seria tratado como criminoso e fracassado.

Andamos pelas ruas calçadas de pedras onde antes ele dormia, sujo e derrotado. Sergio se despediu de mim para voltar à sua vida, que só foi possível por causa do fim da guerra às drogas.

Era de se esperar que as coisas melhorassem para os adictos. Mas e as crianças? Sou muito ligado aos meus sobrinhos — este livro é dedicado a eles — e, de todos os horrores da guerra às drogas, minha maior preocupação sempre foi evitar que mais crianças tivessem acesso a elas. Isso causa todo tipo de dano, mas existe um em especial: há forte evidência científica de que o consumo de maconha entre adolescentes pode prejudicar seu desenvolvimento cerebral e diminuir permanentemente seu QI. Um dos meus melhores amigos de infância fumava muitos baseados e ele sente que

foi prejudicado por isso. Ele pode estar certo. Cérebros em desenvolvimento são mais frágeis que os de adultos, por isso precisam ser protegidos.

Em uma sala de aula cheia de jovens do ensino médio no colégio Romeu Correia, oferecem cocaína a uma garota chamada Sabrina. Ela é alta e linda, seu sonho é ser modelo. O homem que oferece o pó branco a ela pela primeira vez tem mais de vinte anos, é bonito e sedutor. A sala de aula discute o que deve ser feito. Ela deveria ir com ele e cheirar?

São todos filhos da revolução das drogas. Tinham cinco anos quando todas as drogas foram descriminalizadas, então não sabem o que era essa guerra.

Para muitos da minha geração, a que cresceu nos anos 1980, a educação para o uso de drogas consistia apenas em dizer que, se você experimentasse, sua vida estaria arruinada. Ao fumar seu primeiro baseado e descobrir que não era nada daquilo, você passava a considerar todos os seus professores uns mentirosos quando o assunto envolvia drogas e, por isso, não escutava mais o que falavam — mesmo as coisas que precisavam ser ouvidas. Quando Portugal mudou sua política de drogas, também deixou de lado a política do terror na educação.

A professora Luz Baião diz aos alunos que podem discutir com toda a franqueza o que Sabrina deveria fazer. Pelo fato de as drogas não serem mais criminalizadas, desde que se conhecem por gente eles não se importam em falar a verdade. Observam a tela em que essa cena foi projetada e começam o debate.

Seria perigoso provar, diz um dos adolescentes, porque é mais viciante que maconha, que ele já tinha experimentado em festas. Tudo na vida é arriscado, diz um outro garoto, contrariando o primeiro. Sim, uma terceira opina, mas não existe motivo para assumir risco sem necessidade.

A classe ri um pouco, porém está interessada. É uma conversa que deve acontecer em todo lugar entre os jovens. Eu me lembro de quando tive a mesma conversa nessa idade com meus amigos — no ônibus, no parque, em

festas —, mas estávamos acompanhados só da nossa própria ignorância sobre o tema.

Luz medeia a conversa com neutralidade. Ela escuta e não emite juízos nem fica chocada. Então, quando menciona os riscos reais envolvidos em tomar drogas, os alunos escutam, exatamente porque ela não finge ser a dona da verdade.

Após o debate, a sala de aula chega à conclusão de que Sabrina seria boba de usar cocaína e vota pelo não. Chegam à conclusão sozinhos, não vi como uma tentativa de agradar à professora. Era uma expressão de seus próprios pensamentos. A repulsa social às drogas pesadas não morre com a revogação das leis antigas. Na verdade, está mais forte agora, já que seu uso não está mais associado a comportamentos subversivos.

Essa abordagem permite que a opinião dos jovens seja discutida com o mundo adulto, deixando de fingir que esse tipo de dúvida não existe. Em Portugal, os dilemas da vida dos jovens não são debatidos em segredo entre os adolescentes, pois eles conversam com seus pais e professores e ouvem o que têm a dizer. O fim da criminalização dá origem a uma conversa franca.

Enquanto observo os estudantes, penso que a filosofia presente nessas lições pode ser encontrada em todas as reformas do país desde 2001. A proibição tem como fundamento procurar desestimular o uso através do medo e da força. A alternativa portuguesa tem como fundamento a crença de que as drogas não vão desaparecer, então é necessário se valer de outras ferramentas, como a confiança, o conhecimento e o apoio, para que as pessoas possam tomar a melhor decisão por si mesmas.

O sinal toca, e os jovens saem correndo da sala. Percebi que naquela escola eles tiveram a conversa franca com os adultos que minha geração não teve.

Esse é o tipo de abordagem madura que os liberais defendem há anos. Mas existe certo nervosismo ao ver suas propostas colocadas em prática. E se fracassarem? E se, com o fim da guerra, o consumo de drogas disparar? E

se punir as pessoas realmente faz com que várias delas se mantenham limpas? E se mais pessoas acabarem dependentes, inclusive as que eu amo? E se surgirem consequências que nunca ninguém imaginou?

Mais que qualquer um, um homem chamado João Figueira alertou sobre esses problemas. Chefe da Direção Central de Investigação ao Tráfico de Estupefacientes (DCITE), o equivalente mais próximo em Portugal do DEA norte-americano, é um homem muito educado com um bigode invejável. Ele me recebeu na delegacia de polícia onde trabalha. As luzes fluorescentes amarelas nas paredes dão uma aparência lúgubre ao lugar.

Suas preocupações sobre a descriminalização faziam eco às de muitos em Portugal. Ele acreditava, como dissemos, que a explosão do consumo faria com que se perdesse o controle da situação.

Mais que qualquer um no país, seus homens perceberam as mudanças nas ruas de maneira imediata. Se formos honestos, esse temor também paira sobre aqueles que são a favor da reforma das políticas a respeito das drogas.

João Figueira viu os resultados das mudanças acontecerem em tempo real, de maneira muito próxima, esperando estar certo.

Só que ele viu um cenário diferente.

“Tínhamos medo de coisas que não aconteceram”, ele disse. Entidades importantes e isentas estudaram os resultados: o European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction (Centro de Monitoramento Europeu para Drogas e Vício em Drogas, EMCDDA, na sigla em inglês) e o *British Journal of Criminology*. Eles não torcem por nenhum lado. Seu trabalho é apenas compreender o que aconteceu.

Descobriram que houve um ligeiro aumento no uso pela população, de 3,4% para 3,7%.

Mas Portugal partiu de uma média baixa, exceto para a heroína, e se manteve baixa ao ser comparada à de outros países. No que tange ao uso da maconha, o EMCDDA coloca Portugal na nona posição mais baixa entre 28 países europeus; quando se trata de anfetamina e ecstasy, está na quinta posição mais baixa. Em uma década de descriminalização total, Portugal

tem “um nível de uso de drogas que é ao todo mais baixo que a média europeia e muito inferior ao seu único vizinho, a Espanha”.

Mas e aqueles três problemas do uso que os proibicionistas apontam como motivo para seguir reprimindo as drogas — dependência, mortes por drogas e uso entre adolescentes? Essas três cifras foram coletadas com cuidado.

O ministro da Saúde diz que o número de usuários problemáticos literalmente caiu pela metade, de 100 mil para 50 mil. O *British Journal of Criminology* confirmou essa queda, mas trouxe números mais modestos, de 7,6 pessoas para 6,8 entre mil, enquanto reiterou que o uso das drogas injetáveis realmente foi reduzido quase pela metade, de 3,5 para duas pessoas em um universo de mil. Ao se comparar a situação de países próximos, como Itália e Espanha, que ainda proíbem as drogas, descobriu-se que “Portugal é a única dessas nações onde foi verificado um declínio” no uso problemático dessas substâncias.

Portanto, há menos dependentes químicos após a legalização. Ao mesmo tempo, o *British Journal of Criminology* descobriu que o número de overdoses “caiu significativamente”, e a proporção de pessoas que contraíram o vírus HIV pelo uso de drogas teve uma queda de 52% para 20%. Menos pessoas como Vitor — o artista que foi tratado por João na clínica no início da revolução — estão ficando doentes.

Figueira acredita saber a razão de isso acontecer. É porque, ele diz, “já não vemos o adicto como um criminoso. Ele precisa de ajuda e todo mundo concorda com isso. Daí, passam a se considerar como pessoas doentes — e não mais alguém que está contra a sociedade. É uma grande mudança”. Significa que agora “não são mais marginalizadas. São exatamente como vítimas de um acidente. Não estão mais do outro lado da linha. São cidadãos normais. Têm um problema”.

Ele conta que antes, quando pessoas que você conhecia se tornavam alcoólatras, “eram tratadas como amigos que precisavam de ajuda”, e não de punição. Ele considera hoje que “os usuários de drogas estão no mesmo

nível. Na verdade, é a mesma situação. É uma doença que precisa ser tratada”. Agora, em vez de serem jogados na sarjeta, são encaminhados para hospitais. Nos anos em que a heroína foi descriminalizada, o uso em Portugal caiu de forma significativa, enquanto, nos Estados Unidos, onde a guerra continua, seu uso dobrou.

Mas e a questão dos adolescentes? Será que os jovens na aula de Luz estavam mais propensos a consumir drogas do que os meus sobrinhos? Eles são o grupo mais vulnerável, porque um aumento no uso pode alterar a química do cérebro para toda a vida.

“Jovens entre quinze e dezesseis anos também apresentam a menor taxa de uso de maconha da Europa ocidental (13%)”, descobriu o EMCDDA, enquanto o nível de uso de cocaína é a metade da média europeia. Observou-se uma leve redução desde o início da descriminalização: em 1999, 2,5% dos jovens entre dezesseis e dezoito anos usavam heroína. Em 2005, após seis anos de o modelo de descriminalização ser aplicado, o nível chegou a 1,8%. “Passei muito tempo na rua prendendo consumidores”, disse João Figueira, que afirmou acreditar no que fazia. Portanto, ele fala do que acontece com certo tom de admiração moderada.

Ele enfatiza que a descriminalização também mudou a vida das pessoas que nunca chegaram perto de qualquer droga. Era “muito comum” antes do final da guerra às drogas que dependentes de heroína cometessem assaltos para pagar por sua dose. O nível de crimes nas ruas estava associado ao consumo de drogas. Esses crimes não existem mais. Como há tratamento com metadona, “não é necessário mais roubar o carro de ninguém. É uma completa mudança”.

Essa modificação transformou também a forma como as pessoas encaram a polícia. “Não creio que os moradores dos bairros mais pobres ainda a vejam como inimiga. Acredito que isso é importante.” Figueira afirma que esse fato torna todas as investigações criminais muito mais fáceis: “Poupamos em recursos humanos, em papelada, em dinheiro”, e a polícia

pode perseguir os criminosos de verdade. No passado, perdia seu tempo “prendendo consumidores sem nenhum resultado”. Hoje, ele acredita que há uma melhora sensível.

Ele é cuidadoso ao fazer a seguinte ressalva: que as alterações não são apenas fruto da mudança na lei. O uso da heroína nos anos 1980 e 1990 era tão generalizado e danoso que criou um efeito de repulsa nos mais jovens, que resolveram não seguir o mesmo caminho. Ele acredita que algumas das transformações teriam sido verificadas mesmo sem a mudança na lei, mas não todas.

João Figueira descreve-se como um homem “muito conservador”. No princípio, ele relata, quando as leis foram mudadas, “quem era de esquerda era favorável e quem era de direita era contra”. Os resultados alcançados não estão mais no plano da ideologia. O que foi aplicado funcionou, independentemente das convicções. Os dados provam isso. Desde a revolução na política das drogas, Portugal teve dois governos de esquerda e dois de direita. Todos mantiveram a descriminalização. Nenhum partido político quer voltar atrás.

Fiquei aliviado ao ver esses números. No final das contas, fazer com que as pessoas desenvolvam uma resistência interna às drogas funciona melhor do que aterrorizá-las para que deixem as drogas à força. A alternativa funciona, e a melhor prova disso é que ninguém em Portugal quer a volta do modelo antigo.

“Toda a sociedade portuguesa aceita completamente. É um sistema que pegou”, diz Figueira. Enquanto viajava por Portugal, conversava com as pessoas nos trens, nos cafés e nas ruas, e era impressionante como a descriminalização se tornou senso comum no país. As pessoas falam sobre prender usuários com estranheza, como se fosse uma prática de um passado distante. Algumas delas acham que os dependentes recebem muitos benefícios, mas essa foi a única crítica que ouvi. Ninguém vê isso como um final feliz. Todos sabem que a dependência das drogas continua e que é uma tragédia. Mas diminuiu bastante.

João Figueira sorri e me diz, movimentando o bigode: “Nunca esperei que fosse funcionar tão bem”.

Assim que saí da minha reunião com ele, caminhei pelas ruas de Lisboa tomado pelo otimismo ao ver como é pequena a distância entre o mais apaixonado proibicionista e quem quer mudar radicalmente as leis.

A maioria das pessoas que conheci nessa jornada e que apoiam a guerra às drogas não é como Harry Anslinger, que foi movido pelo racismo e pela ira contra quem não se adéqua aos padrões sociais. Elas são como João Figueira: pessoas decentes, com dúvidas legítimas sobre o que é novo. Elas apoiam a repressão às drogas por temerem que as pessoas se tornem vítimas de leis mais frouxas.

Percebi que ambos os lados têm muitos valores em comum. Todos querem proteger as crianças das drogas. Querem evitar que as pessoas morram por causa delas. Querem reduzir o vício. E tudo indica que, se a guerra às drogas for superada, teremos maior capacidade para atingir esses objetivos comuns.

No início desta jornada, propus responder a uma contradição que tenho dentro de mim e que noto em nossa cultura, entre o impulso de ter compaixão pelos dependentes e o de esmagar seu vício. Hoje percebo — e sinto realmente — que não se trata de uma contradição. A abordagem mais humana leva à diminuição do vício. O conflito que tinha dentro de mim, e que achava assustador, não é uma questão de permitir que um impulso se sobreponha ao outro. Se fizermos a coisa certa, as duas coisas podem acontecer.

Se isso fosse mais bem compreendido, como mudaria o debate? Acredito que não se trata de um conflito de valores, mas de como atingir esses valores. Apenas nos Estados Unidos, legalizar as drogas economizaria 41 bilhões de dólares por ano que são gastos em prender, processar e encarcerar usuários e traficantes, de acordo com pesquisa do Instituto Cato. Se as drogas ainda forem taxadas da mesma forma que álcool e tabaco, renderão

mais 46,7 bilhões de dólares por ano, segundo cálculos do professor Jeffrey Miron, do Departamento de Economia da Universidade Harvard. Isso representaria 87,8 bilhões de dólares a mais no orçamento por ano. Com esse dinheiro, cada um dos dependentes químicos norte-americanos poderia obter um tratamento digno como em Portugal.

Sei que há muitas pessoas que defendem que o caso dos Estados Unidos e o da Grã-Bretanha, ou de outras nações maiores, são bem diferentes do de Portugal, que é um país muito pequeno e único. Quando me despedi de João Figueira da delegacia de polícia onde nenhum usuário será preso de novo, lembrei-me de Leigh Maddox, que me disse que esse modelo poderia salvar Baltimore.

Enquanto andava por Lisboa, muitos traficantes me abordaram oferecendo pacotes de droga.

É importante compreender as limitações do experimento. O uso pessoal foi descriminalizado, mas o tráfico segue como crime. É estranho porque todo mundo sabe que, para se ter droga, é preciso comprá-la, então ainda é necessário conviver com criminosos.

É verdade que o negócio sofreu um impacto. Quando a metadona começou a ser distribuída nas ruas, os traficantes atiraram pedras nas vans e quebraram os consultórios, porque, como colocou João Goulão, “foi a primeira vez que tiveram perda em seus ganhos”. Mas eles ainda têm o domínio da venda. A descriminalização não consegue derrotá-los, só a legalização.

Os arquitetos da descriminalização em Portugal acreditam que essa hora vai chegar. Perguntei a João Goulão se ele tinha simpatia por esse argumento. “Sim, acredito nessa tendência. Mas também é necessário ter um consenso amplo entre as nações, e não acredito que o ambiente político na Europa seja favorável a esse movimento. Mas acontecerá no futuro”, respondeu.

De volta às areias amarelas do Algarve, em 1996, antes que as leis fossem modificadas, antes que o tratamento fosse expandido, antes que a guerra às drogas fosse encerrada, um jovem adicto precisava de um médico.

Antonio Gago era um rapaz magro e alto que começou a fumar heroína para lidar com o fato de que, aos catorze anos, foi abusado por seu pai. Naquele momento, aos 21, sabia que todos os adictos da cidade tinham o telefone do dr. João Goulão, pois ele mesmo dava pessoalmente seu número a quem achasse que precisaria. Primeiro, João deu a Antonio um suprimento diário de metadona, mas, mais importante que isso, ele o escutou. Parecia se importar realmente com os sentimentos de Antonio. Mesmo quando estava de folga, às vezes se encontrava com ele. No dia de Natal, recebeu uma ligação do médico, que ligava para todos os seus pacientes. “Você vai conseguir o que quer, uma nova vida”, ele disse.

“Você pode ser honesto com um médico assim, nunca senti nenhuma forma de condenação, e aquilo me ajudou a abrir meu coração um pouco mais”, ele disse. Começou a abordar as causas reais de usar as drogas.

João o ajudou a se recuperar e, quando Antonio teve uma recaída, não o julgou. Estava apenas ali.

Quando o médico assumiu o posto de titular das políticas sobre drogas no país, fundou comunidades terapêuticas de longo prazo onde os dependentes podem ficar por anos em recuperação. Antonio acabou entrando numa dessas comunidades. Vivendo em um lugar muito verde na periferia de Lisboa, cercado pela calma do vento da fazenda, ele adquiriu confiança. Ficou admirado que as pessoas que conhecia o deixavam cuidar de suas carteiras e dos seus filhos. Ele nunca pensou que isso aconteceria e deu-lhe forças para abandonar o vício.

Hoje em dia, todas as manhãs, Antonio sai por aí com uma van para encontrar dependentes nas ruas para dar o que precisarem — comida, seringas limpas ou a informação de que há um lugar aonde podem ir, de graça, e encontrar amor quando estiverem prontos. Ele acredita em

distribuir abraços. Em todo o país, há legiões iguais a ele, resgatando pessoas abandonadas nas ruas.

Foi quando conheci Antonio que compreendi o que tinha acontecido no país. A proibição é uma espiral negativa, as pessoas são humilhadas e se tornam cada vez mais dependentes. Elas, então, precisam encontrar mais pessoas para comprar drogas, que, por sua vez, também são humilhadas, e por aí vai.

Em Portugal, depois da guerra às drogas, o Estado ajudou essas pessoas a melhorar, e essas pessoas ajudam outras a melhorar, e essa corrente continua. Assim, a espiral de sofrimento causada pela guerra às drogas foi substituída por uma corrente de cura que se espalhou devagar pela sociedade.

No meu último dia em Lisboa, imaginei João como um jovem estudante e percebi por que ele acreditava no espírito de 1974. O povo português enfrentou uma ditadura para mostrar que todos deveriam ter vez e voz, que jamais seriam reprimidos e calados de novo. A descriminalização afirma que todos os portugueses, até mesmo os mais fracos e doentes dentre eles, não merecem ser humilhados ou espancados, mas sim acolhidos e amados para terem esperança.

Em uma verdadeira democracia, ninguém é ignorado ou fica invisível. Ninguém é abandonado. Nenhuma vida pode ser considerada desprezível. Esse é o espírito da revolução. E a revolução vive.

17. Legalização da maconha no Uruguai

Quando comecei o livro, o máximo que um país tinha feito era descriminalizar as drogas, sendo que Portugal era a nação que havia ido mais longe. Mas isso mudou no meio do meu trabalho.

O Uruguai, um pequeno país, espremido entre a Argentina e o Brasil, deu um passo inédito desde o início da proibição nos anos 1930. A maconha foi completamente legalizada. Ao mesmo tempo, dois estados norte-americanos decidiram fazer o mesmo através de plebiscitos.

Estava prestes a descobrir o que acontece quando se legaliza uma substância antes proibida. Marquei minhas passagens e descobri a história muito peculiar do então presidente uruguaio que desafiou a repressão. Entrevistei sua mulher, seus amigos mais íntimos, seu biógrafo, seus opositores e seu chefe de governo para, depois, falar com ele.

José Mujica olhou em direção à luz. Parecia que o teto do poço onde ele estava preso havia dois anos e meio estava coberto apenas com uma fina chapa de alumínio. Se conseguisse alcançá-la, alongando-se, ele poderia arrastá-la para o lado e estaria livre. Voltaria ao mundo, finalmente.

Como prisioneiro, estava esquelético e fedido depois de ter bebido a própria urina.

“Aquilo me ensinou a conversar com a pessoa que todos temos dentro de nós. Como eu não podia conversar com o mundo, tentei me manter vivo

conversando com o mundo que tenho dentro de mim mesmo”, me contou. Ele apanhava algum inseto que caminhava ao seu redor, aproximava-o do ouvido e escutava, em meio àquele silêncio retumbante, gritos muito altos. Também fez amizade com sapos. Quando os guardas lhe jogavam água, tentava dividir um pouco com eles. “Eram os únicos seres vivos que não eram agressivos comigo naquela época”, explicou em uma outra entrevista.

Mas Mujica não deixou que os insetos e os sapos gritassem com ele por muito tempo, pois ele tinha medo. Acreditava que o governo havia plantado um dispositivo de escuta em seu ouvido e podia ler seus pensamentos. Tinha certeza disso porque sentia sua orelha arder. Estava convencido de que podiam fazer qualquer coisa.

Talvez tenha sido melhor que Mujica não haja descoberto que a cobertura de alumínio do poço não podia ser levantada, nem por ele nem por ninguém. Era parte de um tanque. A ditadura uruguaia não corria riscos. Queria isolá-lo do mundo. “A única coisa pior que a solidão é a morte”, disse Mujica.

Quando ele e seus amigos estavam sendo colocados em poços separados, os guardas falaram: “Vocês aqui são reféns. Se alguém fizer alguma besteira lá fora, vocês morrem”.

O guerrilheiro cresceu próximo de onde foi feito prisioneiro, em Montevideu. Era um desses bairros rurais próximos de cidades, em que esses espaços são separados por uma favela. Quando era garoto, observou o campo esvaziar e os agricultores rumarem para a capital em busca de sustento. O pai perdeu tudo o que possuía e morreu quando Mujica tinha sete anos. A mãe plantava flores e o menino as vendia. Só não passavam fome porque todos trabalhavam constantemente.

Quando Mujica foi para a faculdade, a economia do país passava por uma crise. Crianças com barrigas inchadas perambulavam pelas favelas, e o cenário político ficava cada vez mais tenso. Alguns dos criminosos de guerra nazistas mais desprezíveis— incluindo Josef Mengele — viviam no país, com a aprovação tácita do regime. Um dia, um general do Exército uruguaio

revelou que estavam planejando um golpe militar. Mujica e seus amigos se convenceram de que não podiam ficar passivos, então formaram o Movimento de Libertação Nacional — Tupamaros (MLN-T), conhecido como Tupamaros, e começaram a sequestrar caminhões de comida destinados aos mais ricos e a distribuir o conteúdo nos bairros mais pobres. Deram armas aos cortadores de cana para que tomassem os campos onde trabalhavam. Passaram a controlar cidades inteiras, ficando conhecidos como “guerrilhas Robin Hood”.

Escolheram como líder honorária uma mulher, Miss Marple, a detetive idosa que soluciona crimes nos livros de Agatha Christie. Para eles, ela representava o princípio da justiça pelo qual lutavam.

Como a Resistência francesa, os Tupamaros operavam em diferentes “pilares”, todos organizados separadamente. Se um deles fosse capturado, o movimento poderia seguir ativo. Mujica e a mulher, Lucía, pertenciam ao pilar número dez. Eles viviam na clandestinidade e se escondiam em aparelhos para planejar as operações. Um dia, enquanto ele esperava um contato no bar, sentiu algo atingi-lo no peito.

A polícia acertou seis balas, mas não o deixou morrer, porque precisava dele vivo, como refém, para dar uma lição em seus companheiros.

Mujica não fala sobre a tortura que sofreu preso, mas outros sobreviventes me contaram que uma das modalidades mais utilizadas era o “submarino” — segura-se a cabeça do torturado dentro da água e ela só é tirada de lá quando se está a ponto de se afogar. Outra tortura comum eram os eletrochoques em partes variadas do corpo, incluindo bochechas, mamilos e testículos.

Isolado no poço, Mujica podia escrever apenas para a mulher, Lucía. Ela também estava presa e sendo torturada. Disse a ela que, se saíssem dali, comprariam um pedaço de terra onde poderiam cultivar e ter um lugar só para eles.

Em alguns momentos, é possível que achasse que aquilo nunca terminaria. Em um poço próximo, um dos companheiros de Mujica morreu,

mas demorou anos para ele saber disso. Então, um dia, ouviu vozes humanas, que cantavam: “Sua luta é a nossa luta! Sua luta é a nossa luta! Estamos aqui! Acreditamos no que estão fazendo! Estamos aqui! Acreditamos no que estão fazendo!”.

Dessa vez, não era uma alucinação. A ditadura estava acabando.

Mujica manteve a promessa que fez a Lucía no silêncio do poço. Compraram uma cabana com teto de ferro em uma pequena propriedade na periferia de Montevideú. Lá, eles plantavam flores, como aquelas que sua mãe cultivava quando ele era criança.

Em novembro de 2009, José Mujica e a mulher chegaram em casa e tudo estava diferente. Todos os vizinhos estavam lá, vibrando e cantando, fazendo um churrasco com suas melhores carnes. Mujica tinha sido eleito presidente do Uruguai. Anunciou que não se mudaria para o Palácio Presidencial. Continuará morando em seu sítio durante os cinco anos de mandato. Além disso, 90% do seu salário seria doado aos pobres, e ele se manteria com o equivalente a 775 dólares por mês. Tampouco usaria a limusine presidencial. Andaria de ônibus.

No Uruguai, o presidente é empossado pelo senador mais bem votado. Nesse caso, Lucía tinha sido a senadora a angariar o maior número de votos naquela eleição. Em seu governo, promulgou uma lei que dava um laptop para cada criança no país, além de legalizar o casamento gay e o aborto. Mas outra questão estava à sua espera.

O seu gabinete observava com atenção o que acontecia no norte do México, região dominada pelos cartéis de drogas. Assim como seus vizinhos, o Uruguai também integra a rota da cocaína e da maconha cujo destino final é a Europa. Os cartéis já controlavam uma parte do Paraguai e não haveria muito que fazer contra uma ofensiva sobre o Uruguai. Mujica teria libertado seu país por nada.

Ao refletir sobre a história da guerra às drogas, percebeu que “seguimos a política da repressão há cem anos, e ela é um fracasso retumbante.

Precisamos tentar outros caminhos”.

Qual seria a alternativa? Explicaram para ele que quando as drogas são legalizadas, os cartéis são levados à falência. A regulação pelo governo pode garantir um produto mais barato, de melhor qualidade e que não precisa ser comercializado em vielas escuras. Os traficantes seguiriam o mesmo destino dos mafiosos que vendiam álcool durante a Lei Seca após ela ser revogada: desapareceriam. Mujica decidiu começar esse processo com a maconha para que, com o tempo, todas as drogas pudessem ser reguladas aos poucos.

Os países evitavam regular as drogas por causa de dois temores. O primeiro é os Estados Unidos. O segundo é o seu próprio povo. No entanto, Mujica notava que uma mudança muito importante estava em curso. Dentro dos Estados Unidos, vários estados estavam votando a favor da legalização completa da maconha, incluindo sua produção e seu consumo. Ele resolveu convencer o seu povo a fazer o mesmo. Na solitária, aprendeu a valorizar a vida acima de qualquer coisa. “Não podemos sacrificar uma geração inteira em nome de uma ideia”, ponderou.

Para ter uma noção melhor de como a legalização poderia funcionar, procurou dois homens da terra de Miss Marple, a Grã-Bretanha.

Muitos que tentam seguir um caminho alternativo à repressão contra as drogas acabam dando com a testa na parede, onde estão escritas a palavra “legalização” e o nome de Timothy Leary. Ele foi o rosto mais famoso da campanha a favor da legalização nos anos 1960, um professor de Harvard que largou tudo para defender que as pessoas experimentassem todos os tipos de drogas.

Com os olhos vidrados, Leary foi a programas de TV dizer que fundara uma nova religião que tinha a maconha e o LSD como seus sacramentos. Afirmou que essas drogas deveriam ser dadas a pré-adolescentes de doze anos para que “fizessem sexo sem culpa” e, para comprovar sua teoria, drogou seus próprios filhos, mesmo quando eles começaram a enlouquecer.

“Por favor, acorde. Você é destrutivo e mau”, escreveu a filha de Leary em cartas dirigidas ao pai. Ela mais tarde se suicidaria, depois de ser tomada pela loucura. O ex-professor já tinha admitido a amigos que era, na realidade, um psicopata.

Primeiro, Leary argumentou que as drogas colocavam as pessoas em um estado de graça, tornando-as pacíficas. Depois, disse a seus seguidores que deveriam matar policiais porque estariam em “uma guerra total”. Quando se refugiou na Argélia, disse a fundamentalistas islâmicos que deveriam gostar dele porque tinha “esculhambado a cabeça de vários norte-americanos brancos de classe média”. No final da vida, afirmou que deveríamos viver no espaço, porque “sempre tinha sido um inimigo da gravidade”.

Leary foi o maior marqueteiro da legalização que os Estados Unidos tinham visto desde Henry Smith Williams. Ainda hoje, muitos acreditam que a legalização seria uma expressão dos seus valores — que usar drogas é bom e deveria ser incentivado; que as drogas devem ser dadas para crianças; que a legalização vai difundir o uso das drogas e destruir nossa cultura.

Mas as pessoas que Mujica procurou defendem a legalização pelos motivos inversos. Eles querem legalizar as drogas para mantê-las longe das crianças, para preservar valores básicos da lei e da ordem, bem como diminuir a anarquia e a violência. Não querem um mundo no qual as drogas sejam empolgantes e revolucionárias. Os ingleses Danny Kushlick e Steve Rolles querem um mundo em que essas substâncias sejam consideradas desinteressantes. Danny trabalhava havia anos com detentos em liberdade condicional e estava farto de vê-los morrendo de overdose. Steve investigava os efeitos do ecstasy, indo com uma prancheta a raves e tomando notas. Ele percebeu que usuários da droga sintética são muito mais pacíficos que os consumidores de álcool. Era desolador ver a polícia prender aqueles jovens.

Juntos, Danny e Steve formaram um grupo chamado Transform Drugs Policy Institute [Instituto Transformar a Política para as Drogas], com o intuito de responder na prática o que significaria a legalização. Se acabarmos

com a proibição, como seriam distribuídas? Quem poderia usar? O que mudaria?

Tenho discutido essas questões com Danny e Steve há quase dez anos e eles se tornaram meus amigos. Quando começaram suas investigações, a maioria das pessoas acreditava que haveria uma prateleira com crack e metanfetamina nas farmácias, do lado das barrinhas de cereal e das águas saborizadas. Quem se opõe à legalização entende que ela será “liberada para todos”.

Mas, observando as evidências, Danny e Steve acreditam que o oposto disso aconteceria. Hoje, o tráfico consiste em criminosos que não conhecemos vendendo drogas que não sabemos quais são para usuários anônimos, tudo na clandestinidade. O cenário atual define o que é “liberado para todos”. A única forma de regular o comércio é colocar tudo às claras. E para legalizar as drogas não é preciso inventar nada. As estruturas todas já existem.

Hoje, as drogas recreativas mais letais do mundo, o álcool e o tabaco, estão reguladas e disponíveis no mercado.

A realidade nem sempre foi assim. No século XVII, o tsar Mikhail Fedorovitch, da Rússia, ordenou que qualquer um pego com tabaco deveria ser torturado até dizer o nome do fornecedor. Por volta da mesma época, o sultão Murad IV, do Império Otomano, introduziu a pena de morte para quem fosse pego fumando. Mesmo com essas punições, as pessoas seguiram fumando nesses lugares. Hoje, existe um sistema no qual adultos podem comprar essa droga de forma legal, ao mesmo tempo que se deixa claro que ela pode deixá-lo doente e, por isso, não se pode fumar na maioria dos espaços públicos, e grande parte das pessoas a considera um hábito desagradável.

Como resultado dessa política em que o tabaco é legalizado, mas socialmente reprovado, seu consumo caiu drasticamente. Em 1960, de acordo com o censo norte-americano, 59% dos homens e 43% das mulheres fumavam. Hoje, 26% dos homens e 23% das mulheres são fumantes. Essa

tendência se repete no mundo desenvolvido. As pessoas não se tornarão usuárias só porque algo que faz mal foi legalizado — na verdade, cada vez mais gente evita seu consumo.

Por isso, Danny e Steve concluíram que era preciso dividir as drogas em pelo menos dois grandes grupos, dependendo do seu grau de agressividade. No primeiro estão as menos ofensivas, como a maconha. Para estas, a solução seria tratá-las como o álcool e o tabaco, o que significaria, pelo menos na Europa, não ser objeto de propaganda ou de promoções. O negócio seria vendê-las apenas em locais autorizados sem grandes atrativos, em pacotes simples, sem logomarcas e cheios de avisos dos males que causam à saúde, impondo restrições rígidas de idade para seu consumo. Se qualquer um as usar em público, enquanto dirige, no trabalho ou fazendo alguma atividade que exija concentração, a pessoa deve ser punida com severidade. Se algum estabelecimento as vender para crianças, deve-se tirar a licença do local. Ou seja, é preciso fazer exatamente o que já se faz com o álcool e o cigarro.

No outro grupo estão as drogas mais potentes, como a heroína. Mais uma vez, Danny e Steve disseram que já existe uma forma de regulação compatível com esses tipos de substâncias. Em todo o mundo desenvolvido, há uma rede de farmacêuticos e médicos que prescrevem drogas poderosas por razões médicas, inclusive opiáceos e anfetaminas. Esse sistema também pode ser expandido, como aconteceu na Suíça. Nesse modelo, os dependentes recebem a droga sob prescrição médica, enquanto têm acesso a vários tipos de programas para auxiliá-los a parar de usar.

Segundo eles, se essas práticas de distribuição forem aplicadas aos dois grupos, praticamente todos os problemas do conflito contra as drogas acabarão. Significaria que as pessoas deixariam de procurar traficantes armados para ir até lojas licenciadas ou a um médico para conseguir drogas.

Nessa visão, de acordo com Danny e Steve, não perderemos o controle sobre as drogas, mas teremos domínio sobre elas, finalmente. Legalizar é a única forma de fiscalizar esse mercado. Ao fazer isso, não haveria mais

traficantes matando-se uns aos outros e os usuários saberiam exatamente o que estão usando. Com o dinheiro dos impostos sobre as drogas, seria possível educar crianças e investir em iniciativas que atacam as causas do vício na origem.

Já fizemos esse experimento histórico uma vez e sabemos o que acontece. Quando o álcool foi legalizado de novo, após a Lei Seca, em 1933, o envolvimento de criminosos no comércio do álcool praticamente foi zerado. A paz voltou às ruas de Chicago. Os índices de crimes e assassinatos caíram e só se intensificaram de novo em meio à repressão mais pesada contra as drogas nos anos 1970 e 1980.

Danny me conta que a legalização é um “programa de redução de dramas”. Todo apelo subversivo e sedutor das drogas vem do fato de serem proibidas. Alguém um dia me disse: é necessário fazer um filme sobre como seria o mundo depois da legalização. Imagino que seria o filme mais chato do mundo. Seria como ver uma pessoa comprando pão na padaria. O mundo horrível e excitante da legalização, baseado numa cultura do terror, se transformará, devagar mas de maneira inexorável, em uma cultura do tédio.

Já tinha visto que a proibição não funciona, e Portugal mostrou que a descriminalização já é um grande avanço. E como seria a legalização? A diferença é simples. Quando você descriminaliza, deixa de punir os usuários e dependentes, mas continua proibindo a produção e a comercialização. As drogas continuam sendo vendidas por traficantes. Quando legalizadas, farmácias e outras lojas podem comercializar as drogas.

Uma questão crucial que paira sobre essa visão faz com que muita gente desconfie desse argumento: ao facilitar o acesso às drogas, mais pessoas não passariam a usar? Uma série de preocupações surge com essa pergunta. Para mim, são estas: se mais pessoas usam, o número de dependentes não será maior? Os casos de overdose aumentarão? As crianças terão um acesso mais

fácil a elas? Se quisermos passar a fase da descriminalização e adentrar a da legalização, precisamos dessas respostas.

Para determinar se o consumo de drogas crescerá, passei a examinar as evidências de maneira cuidadosa e descobri que não existe um consenso sobre o tema. Há duas experiências importantes que aconteceram no passado que trazem lições diferentes: a legalização quase total da maconha na Holanda e o fim da proibição do álcool nos Estados Unidos.

Em 1976, a Holanda deu início à sua nova política de drogas. Foi anunciado que, se você portasse até um máximo de trinta gramas, não seria preso. O consumo pessoal foi descriminalizado. Todas as punições legais previstas para o uso entre adultos acabaram. E, de acordo com todos os dados disponíveis, nos sete anos seguintes, o uso da erva se manteve estável. Em seguida, a Holanda permitiu a venda de maconha em cafés. Foi a evolução da descriminalização para a legalização da própria venda da droga. Apesar disso, não foi usado o termo “legalização” para definir essa prática, porque isso fugiria dos tratados acordados com a ONU sobre o assunto que foram redigidos por Harry Anslinger. Mas se tratava de uma forma de legalização de padrões modestos.

Os resultados também foram claros. Constatou-se, realmente, um aumento no uso da droga. No grupo de usuários habituais, jovens de dezoito a vinte e poucos anos, houve um aumento de 8,5% para 18,5% entre os usuários. Em outras faixas etárias, o crescimento foi menor, mas aumentou mesmo assim. Esse crescimento não foi percebido em outras cidades europeias, então é razoável pensar que esse aumento foi verificado por causa da mudança na política holandesa. Outra hipótese é que, por deixar de ser crime, muitas pessoas se sentiram mais à vontade para admitir que fumam maconha de um modo mais aberto, mas isso não explicaria todo o aumento.

Esses números sugerem que o consumo não cresce com a descriminalização, mas que existe um aumento quando se legaliza a venda da droga. A razão óbvia é a facilidade de acesso. Acredito que todos nós

conhecemos alguém que compraria drogas se elas estivessem disponíveis em farmácias e outros estabelecimentos, mas não de um traficante na rua.

É importante notar esse crescimento, mas é igualmente necessário não exagerar a sua escala. O uso da maconha cresceu, porém é ainda baixo na Holanda. Cerca de 5% dos holandeses afirmaram ter fumado maconha no último mês, uma taxa menor que os 6,3% dos Estados Unidos e que os 7% da média na União Europeia. O consumo de maconha não cresceu de forma descontrolada e permaneceu baixo em comparação ao de outros países.

Mas há um fator complicador nesse crescimento, como me explicou Danny. Tente pensar no “uso de drogas” como um dado mais abrangente — todas as pessoas que vão usar alguma droga hoje à noite podem ser consideradas usuárias. Nesse grupo, seriam incluídas as que fumam um baseado ou tomam um comprimido de ecstasy. Mas não deveriam ser incluídas também quem toma um chope ou uma dose de uísque? Se você não conta o álcool como uso de drogas, o consumo aumenta. Mas se o álcool for considerado droga, há indícios de que o uso não aumenta com a legalização. Por quê? Parece que quando a maconha é legalizada, um número considerável de pessoas querendo relaxar passa a fumar em vez de beber. Depois que a Califórnia facilitou o acesso à maconha por razões de saúde, os acidentes de automóvel caíram 8% porque muitas pessoas fizeram essa transição. Por mais que seja uma má ideia dirigir chapado, não é nem de perto tão perigoso quanto dirigir embriagado.

É por isso que Danny acredita que falar em um aumento no “uso de drogas” é a maneira errada de abordar a questão. A forma mais interessante é compreender a mudança nos padrões do uso de drogas. Se o ecstasy for legalizado e muita gente deixar de beber até cair para tomar uma pílula na balada, a estatística oficial vai contar isso como “aumento no uso” de drogas. Na verdade, ele diz, isso seria um progresso. As ruas seriam menos violentas e a violência doméstica diminuiria. Menos gente sofreria de alguma doença hepática. Segundo ele, é uma conta mais complexa do que fazer uma medição estatística.

* * *

Compreendo e respeito o ponto de vista de Danny, até quero que ele esteja certo, mas não leva em conta outros aspectos.

Há um fato inconveniente para aqueles que apoiam a reforma da política de drogas: quando o álcool foi proibido nos Estados Unidos, poucas pessoas ingeriam a substância, mas quando voltou a ser legalizada, um número maior de pessoas passou a beber. É difícil saber o número preciso, pois medir uma atividade ilegal é sempre desafiador, mas é possível olhar os níveis de cirrose hepática (que corresponde ao consumo desenfreado de álcool) para ter uma ideia do uso entre a população. O alcoolismo parece ter caído entre 10% e 20% durante a Lei Seca, e esses níveis foram crescendo aos poucos nas décadas seguintes à sua revogação. As pessoas não estavam substituindo o consumo de álcool por outra droga, porque não havia opções naquela época. Muita gente apenas ficava sóbria. Não era somente uma queda no consumo de bebidas, mas no próprio alcoolismo.

Isso aconteceu em parte porque uma parcela significativa das pessoas obedece à lei porque é a lei. Se algo é ilegal, já fica mais difícil de conseguir. Neste livro, reclamei que algumas pessoas que defendem a guerra às drogas se valem de propaganda para promover essa causa, por isso preciso me policiar para não fazer o mesmo. Nós que acreditamos no fim da guerra às drogas devemos ser francos. É preciso reconhecer que a legalização levaria a um crescimento modesto, porém real, no consumo. Uma parte significativa seria formada por pessoas substituindo o álcool por drogas que antes eram proibidas, mas isso não aconteceria com todo mundo. É preciso, portanto, admitir que a proibição é bem-sucedida em conter o uso generalizado de drogas.

Faz mais de um ano que tento absorver o que isso significa. Ao conversar com Danny uma tarde no café da British Library, ele argumentou que a maioria das pessoas não é contra o uso em si. A preocupação está nas consequências ruins causadas pelo uso. É provável que você não se preocupasse se seu vizinho fumasse um baseado ou cheirasse uma carreira

de cocaína no fim de semana. Mas você, com razão, ficaria preocupado se uma adolescente se viciasse ou tivesse uma overdose. O problema, portanto, se encontra nos males provocados pelo consumo de drogas. E as evidências disso são surpreendentes. A legalização aumenta um pouco o uso da droga, mas reduz de forma significativa as consequências negativas.

A começar pelos adolescentes. Um importante estudo mostrou que um grande número de jovens nos Estados Unidos considera mais fácil comprar maconha que cerveja ou cigarro. Fiquei admirado com a informação, até que soube de uma história que me fez compreender esse fenômeno. Ela me foi contada no inverno de 2012 em Trenton, Nova Jersey — uma cidade de concreto que se assemelha muito à Faixa de Gaza.

Estava em um escritório com Fred Martens, quando ele me contou uma história sobre seu passado. No início dos anos 1970, ele aguardava no terreno de um estacionamento do lado de um shopping para comprar maconha, heroína, PCP (fenciclidina) e metanfetamina, e depois prender o traficante. Era a época dos filmes do Dirty Harry, e Fred era um agente infiltrado que poderia facilmente ter sido interpretado por Clint Eastwood, munido de uma arma e um olhar de desdém. “Eu não tinha nenhum problema em colocar uma arma na boca de um informante e mandá-lo falar a verdade”, contou.

Mas aconteceu uma coisa que o fez mudar sua atitude e seu apoio em relação à guerra às drogas.

Uma criança o abordou. Parecia ter doze anos. “Tio, tio, me faz um favor. Compre uma garrafa de vinho pra mim na loja de bebida?” Fred chutou o garoto e o mandou embora. Depois, continuou esperando pelo traficante para prendê-lo em flagrante.

Foi aí que ele teve um estalo. “Eu me dei conta de que o garoto precisava de mim para comprar a bebida, mas na rua ele poderia comprar a droga que quisesse sem minha ajuda. O que era mais bem regulado, a bebida ou as drogas? Foi uma epifania. O que estava acontecendo?” Esse momento

marcou-o, fazendo-o refletir isso por anos, até que assumiu ser a favor da legalização.

Enquanto Fred falava, pensei que na escola dos meus sobrinhos não tem ninguém vendendo Budweiser ou Jack Daniel's. Mas tem muita gente vendendo maconha e comprimidos. Isso acontece porque há uma punição clara por vender álcool aos jovens: os estabelecimentos perdem a licença para funcionar. Os traficantes têm um incentivo claro para vender drogas para crianças e adolescentes: são consumidores como quaisquer outros.

Com a legalização, uma barreira entre as drogas e a juventude que hoje não existe será criada. Essa não é uma constatação teórica, pois isso aconteceu nas sociedades que seguiram esse caminho: enquanto, na Holanda, 21% dos adolescentes holandeses experimentaram maconha, nos Estados Unidos, esse número é de 45%. É pensando em meus sobrinhos que sou a favor da legalização.

A adição é preocupante. É senso comum acreditar que se mais pessoas usarem drogas, maior será o número de adictos. Durante a proibição do álcool, menos pessoas bebiam e, conseqüentemente, menos pessoas morriam de alcoolismo e das doenças causadas por ele.

Mas essa informação precisa ser colocada em contraste com o caso de Portugal. Mais pessoas passaram a usar drogas, e a dependência caiu de forma drástica. Isso aconteceu porque punir, humilhar, prender e não empregar o adicto impede sua recuperação. Usar o dinheiro da repressão para incluir socialmente o dependente químico possibilita uma chance de ele parar de usar.

No fim da Lei Seca, o dinheiro arrecadado com a nova taxaçoão sobre o álcool não foi usado para educar crianças sobre os males da bebida, ou recuperar a vida de alcoólatras. Portugal mostrou que existe um caminho diferente a ser trilhado.

Mas e as overdoses? De longe, a coisa mais difícil de responder. Parece óbvio que se mais gente usa mais drogas, o número de pessoas mortas de modo acidental com doses letais acaba aumentando.

Mas vi em Vancouver e em Genebra que houve uma grande queda nos casos de morte em lugares onde o acesso às drogas pesadas foi expandido. Há dois motivos para isso: ao comprar a droga de um traficante, você não tem ideia do seu grau de pureza. Como comprar uma bebida que você não sabe se é ponche ou absinto. Os riscos de se beber demais e passar mal são mais altos. Em um estabelecimento com autorização para vender bebidas alcoólicas, o cliente sabe o que está comprando.

O segundo motivo é a lei de ferro da proibição. O transporte de uma droga proibida é muito arriscado, por isso os traficantes escolhem a droga que comporta o efeito mais poderoso em um tamanho menor. Isso significa que, quando proibida, a droga só será vendida em sua versão mais pesada. A cerveja sumiu durante a proibição, e outras variedades mais pesadas ganharam terreno; assim que a proibição terminou, essas variedades desapareceram.

Depois da proibição às drogas, é razoável pensar que, após a legalização, as formas mais suaves da droga voltarão a se popularizar de novo, exatamente como a cerveja com o fim da Lei Seca. Então, o crescimento no uso dessas substâncias não será composto de uma multidão de pessoas fumando crack, mas sim de pessoas tomando chá e fumando maconha. E ninguém tem overdose tomando um chá de coca.

* * *

Quando estou prestes a me convencer de que a legalização é uma boa ideia, outras questões surgem.

E as drogas mais pesadas? Permitiremos que as pessoas comprem as metanfetaminas? E o crack? Para essas drogas, o que significa a legalização? Elas serão vendidas de forma aberta? Se não, os médicos estariam dispostos a prescrevê-las?

Quando faço essas perguntas para os que defendem a legalização, primeiro, eles fazem ar de pouco-caso e dizem que essas drogas representam só 5% do mercado ilegal. Por isso, é preciso começar com os 95%, fazendo as negociações políticas que são possíveis de serem feitas hoje. Deixemos essas drogas mais fortes para quando a conversa não for completamente hipotética.

Para mim isso significa fugir do problema. Quando insisto um pouco mais, essas pessoas apresentam três possibilidades para trabalhar com essas substâncias.

Algumas defendem que elas continuem a ser ilegais. Significaria que algumas quadrilhas de traficantes ainda existiriam, mas em quantidade muito menor, porque atenderiam apenas um pequeno nicho do mercado.

Do outro lado desse espectro estão os libertários que defendem o direito de fazer o que se quiser com o próprio corpo. A escolha é sua; se é permitido esquiar, praticar o boxe ou acelerar um carro a quinhentos quilômetros por hora em uma pista, você tem o direito de ingerir a substância que quiser. O governo não tem nada a ver com isso. Se as pessoas querem comprar crack, deixe que elas façam isso. O crack deve ser vendido junto com as outras drogas em estabelecimentos autorizados.

Entre essas duas posições extremas existe uma outra via que defende a criação de uma terceira regulação, para além da venda aberta e da prescrição médica. Para tal, espaços restritos seriam criados, com médicos de plantão, onde se poderia adquirir e usar essas substâncias, de onde não se poderia sair até que toda a droga tivesse sido consumida. Seriam como as salas para injetar que existem em Vancouver e na Suíça, apenas com uma variedade maior de drogas oferecidas e regras mais rígidas. O argumento é que os usuários das drogas mais pesadas as usarão de qualquer forma, então é melhor criar um espaço onde não incomodem ninguém e onde eles possam ser cuidados.

Ainda assim, me mantive reticente sobre expandir o acesso legal a essas drogas por uma razão óbvia — e que sei desde criança. O crack e a metanfetamina são tão viciantes que quase todos que os experimentam se tornam dependentes. Descobri isso sem olhar para as evidências e, quando me deparei com os fatos, fiquei admirado.

Como um teste, gostaria que você pensasse e escrevesse na margem deste livro qual é a proporção de pessoas que usam o crack e se tornam dependentes.

Em abril de 2012, o brilhante reformista Ethan Nadelmann foi a um programa televisivo de debates chamado *Hardball*, transmitido pelo canal norte-americano MSNBC. O apresentador Chris Matthews claramente estava sendo convencido de início pelos argumentos de Ethan, só que recuou. Ele disse que se você tem dez pessoas e um copo de vinho, talvez uma entre essas dez ou uma entre cem se tornará dependente de álcool, mas se você experimenta crack uma vez, já se torna adicto. É o que eu e a maioria das pessoas acham.

Só que aí entrevistei o dr. Carl Hart, um dos maiores especialistas no assunto, em sua sala na Universidade Columbia, e o que ele me disse era tão surpreendente que precisei ouvi-lo ainda por um ano até que aceitasse o que estava afirmando. Em seu livro *High Price*, ele escreveu que as estatísticas mostram que, das pessoas que experimentaram crack, 3% delas usaram no último mês, e no máximo 20% foram dependentes em algum momento da vida.

Agora olhe o número que você anotou. É maior ou menor que o número de Hart? A minha estimativa inicial era de 90%, errei por 70%.

Entendo agora que a maioria dos usuários não se torna dependente, como eu e Chris Matthews pensávamos, inclusive para essas substâncias mais pesadas. Quando o prefeito de Toronto, Rob Ford, apareceu em um vídeo fumando crack e, um mês depois, Paul Flowers, um banqueiro da Grã-Bretanha, foi pego comprando metanfetamina e forçado a renunciar, houve um espanto geral. Não é a imagem que se tem de um usuário: eram pessoas

normais, com cargos importantes. Devem ser exceções. No entanto, de acordo com fontes de informação confiáveis, esses são os típicos usuários de crack.

Isso ainda soa estranho, pelo menos para mim. Mas os fatos mostram isso. Por que ficamos surpresos com esses números? Demorei um tempo para organizar os pensamentos, porém acredito que a razão seja a seguinte.

Ainda pensamos no vício como causado por substâncias químicas. Existe alguma coisa na droga que, depois de um tempo, faz com que o corpo peça outra dose dela, até que ele passa a precisar da substância cada vez mais. Achamos que o vício funciona dessa maneira. Só que o componente químico é uma parte menor do vício. Outros fatores, como isolamento e traumas psicológicos, são mais influentes. Mesmo assim, a guerra às drogas *aumenta* os principais impulsionadores do vício — o isolamento e o trauma — para proteger usuários em potencial de um impulsionador *menor*, que é de natureza química. Com a legalização, ainda que mais pessoas sejam expostas às substâncias viciantes, haverá uma incidência menor dos principais fatores que induzem ao vício.

Enquanto tento entender isso, vejo o grupo da corrente das mulheres da Cidade das Barracas. Imagine que o dinheiro usado para prendê-las seria gasto para colocá-las em uma clínica decente, que as ajudaria a lidar com a dor que sentem e a arranjar um emprego. Pense agora nesse tipo de transformação sendo difundido por toda a sociedade, até mesmo em uma em que as pessoas usam drogas. O vício aumentaria ou diminuiria?

Então, como você pode decidir pela legalização, e quais drogas poderiam ser legalizadas? Não posso decidir por você. No final, depende do que você mais valoriza. Tento, em seguida, montar uma tabela para ver o que eu valorizo mais. Espero que você também faça a sua lista de prós e contras.

Na coluna contra a legalização, escrevi que o uso das drogas deve crescer. Não será drástico, como vimos pelo histórico de experiências anteriores, mas é uma coisa que acontece de fato. Muitas pessoas não usam porque é

considerado um crime e temem comprar de traficantes ou não querem ser presos. Depois da legalização, esse motivo não existirá mais. É uma mudança significativa.

Pensei muito, mas não encontrei outro argumento para colocar nessa coluna. Se souber de outro, por favor me mande um e-mail.

Na coluna defendendo a legalização, escrevi o seguinte:

Em todo o mundo, terríveis organizações criminosas como os Zetas perderão sua principal fonte de renda. As quadrilhas que sobreviverem precisarão ingressar em mercados muito menos lucrativos, e não causarão tantos problemas. Como resultado, a cultura de terror que domina atualmente regiões e países, como Brownsville, Brooklyn e Ciudad Juárez, diminuirá, seguindo as consequências do fim da Lei Seca. O número de homicídios cairá de forma significativa. Um enorme efetivo policial deixará de ser empregado no combate às drogas e poderá se dedicar a investigar outros crimes. Comunidades pobres voltarão a confiar na polícia, como aconteceu em Portugal.

Ficará mais difícil para os adolescentes conseguirem drogas, como se viu na Holanda. A quantidade de overdoses declinará, assim como a transmissão do HIV, como ocorrido na Suíça, na Holanda e no Canadá. As drogas se tornarão mais leves. Haverá mais verba para investir no tratamento dos dependentes e no combate às causas primárias do vício. Muitos dos dependentes que pioram quando estão atrás das grades poderão melhorar, podendo ser cuidados em hospitais e, mais para a frente, arranjar empregos. Isso significa que a dependência química cairá, como se viu em Portugal.

Milhões de pessoas que hoje estão na cadeia por crimes não violentos, sendo mantidas pelo dinheiro dos impostos, poderão ser libertadas. Um grande número de negros e latinos que hoje estão presos e não conseguem encontrar emprego por causa da ficha suja voltará ao mercado. A humilhação dispensada aos dependentes será substituída por um tratamento mais humanizado.

Ao terminar, comparei os prós e contras de cada lado. O cálculo dos benefícios pode mudar de acordo com a droga, como fiz na minha tabela. Quando penso na maconha e nas drogas de festa, como ecstasy e até a cocaína, acredito que o mal causado por um pequeno aumento no uso é claramente compensado pelos ganhos. Por isso, acho que poderiam ser vendidas em estabelecimentos autorizados, como o álcool. Para drogas mais pesadas, optaria pelo meio-termo: lugares isolados para a venda e o uso.

Não posso apoiar uma política que sacrifica pessoas como Chino Hardin, Marcia Powell e Marisela Escobedo apenas para impedir o consumo de drogas por pessoas que querem usá-las. Não quero viver em um mundo assim.

Quando Steve chegou ao Uruguai, acompanhado de Lisa Sanchez, mostrou ao presidente Mujica como começar a construir esse caminho.

Foi o modelo deles, junto com recomendações de outras entidades, que mostrou a Mujica como organizar a produção e a comercialização da maconha. Houve polêmica no país. Em 2014, foi decidido que as farmácias venderiam a erva a maiores de 21 anos portadores de uma carteira de identidade válida. Ela seria plantada em fazendas no Uruguai e sua comercialização seria taxada. Também seria permitido o cultivo para uso pessoal.

Ninguém mais será preso por usar a erva. Num sábado à noite, adultos poderão escolher entre tomar uma cerveja e fumar um baseado. Mujica admitiu que talvez essa política fracasse, mas observou que a proibição “é um fracasso diário”. É difícil pensar que essa nova política possa ser pior, ponderou.

Danny afirmou que, ao se observar a história da humanidade, percebe-se que a legalização não é uma escolha radical. “O passo mais extremo foi a proibição.” Um experimento de um século que visou erradicar uma planta de todo o planeta e impedir as pessoas de ficarem chapadas por força de lei.

Quando Danny lançou sua iniciativa, em meados dos anos 1990, colocou 2020 como o ano que marcaria o fim da guerra às drogas. Ele sempre disse que presidentes bateriam à sua porta para perguntar como fazer isso. Muita gente achou graça na época. Hoje ninguém mais ri.

No dia ensolarado em que visitei o sítio do presidente, a primeira coisa que notei foram as cuecas do ex-guerrilheiro penduradas em um varal e balançando ao vento. Sua mulher, Lucía, diz da porta que não há muito o que ver. É uma casinha com um teto de zinco. Tem três cômodos: um quartinho, uma cozinha e uma pequena sala de estar com livros, uma lareira e uma pintura que foi dada pelo presidente boliviano Evo Morales. Só isso. O passeio pelo equivalente uruguaio à Casa Branca dura noventa segundos. Penso que o então primeiro-ministro britânico, David Cameron, não guardaria seus sapatos aqui.

Mujica “seria diferente se não tivesse sido preso”, me disse Lucía. “Ele teve muito tempo para pensar, e ficou claro o que era importante na vida.” Ele aprendeu “a viver com pouca bagagem na cadeia. Ele aprendeu que a felicidade não vem do que você possui, mas do que você é”.

Depois, quando conversei com ele pelo telefone, Mujica me disse: “Se tenho muita bagagem, muita propriedade, muitos bens materiais, isso me deixa preocupado, pois terei que defender essas coisas — não teria tempo de cuidar do que realmente amo, perderia a liberdade”. Ele filosofa: “Tenho 78 anos de idade. Tive o sonho de mudar a história — a possibilidade de criar um mundo onde um homem não explore o outro. Uma utopia chamada socialismo. Achávamos que estava próxima... Muitas décadas se passaram e, sem renunciarmos aos nossos sonhos, aprendemos que o impossível demora um pouco mais”.

Mujica tem um poço bem na entrada do seu sítio. É dele que vem a água para regar as flores que crescem ao seu redor. Ele cultiva flores e deixa que os outros cultivem as deles.

18. Matar ou morrer

Depois de ver como a legalização de drogas pode funcionar na prática, queria saber como ela poderia ser politicamente viável. Como se vai até o coração do país que tem imposto a guerra às drogas aos seus cidadãos e ao mundo há cem anos para tentar convencer as pessoas de que existe uma alternativa melhor? Sempre me recordo dos versos: “*If you can make it there, you’ll make it anywhere*” [Se você consegue aqui, consegue em qualquer lugar — trecho da música “New York, New York”, eternizada na voz de Frank Sinatra].

Nos estados do Colorado e de Washington, dois pequenos grupos de amigos e aliados decidiram a questão sobre legalizar, taxar e regular a maconha fazendo um plebiscito em seus estados, de forma que todos pudessem votar — e em sete anos conseguiram. Procurei quem realizou isso para entender como aconteceu. Fiquei surpreso ao perceber que as duas campanhas tiveram argumentos diferentes para defender o mesmo resultado final. Quem liderou a legalização no Colorado discordava de quem lutou pela regularização da maconha em Washington.

Ao averiguar isso, descobri as duas rotas da guerra às drogas que precisam ser compreendidas.

Mason Tvert desafiou o prefeito de sua cidade, diretamente das ruas, para um duelo, uma forma simbólica de dizer “matar ou morrer”. Quando o

Colorado integrava o chamado Velho Oeste, eram banais as ameaças de tiroteios, mas o último duelo tinha sido em uma pedreira no ano de 1904. Porém, em 2006, do lado de fora do Tribunal do Condado de Denver, Mason revisitava a tradição. Mais tarde, esse momento seria visto como o início do fim da proibição à maconha naquele estado.

A oferta era simples. John Hickenlooper, prefeito eleito de Denver, era um homem rico que fez fortuna com uma cervejaria, vendendo bebida. Mesmo assim, não aceitava que o mesmo fosse feito com a maconha, regulando-a e vendendo-a. Mason Tvert, que era um jovem grande e com voz poderosa, defendia que a erva era cientificamente mais segura que o álcool. Ele queria provar isso de novo. Então, sentou ao lado de muitos barris de chope, com um baseado falso na mão e um verdadeiro no bolso. Para cada gole que o prefeito desse na cerveja, ele daria uma tragada no baseado — então veriam quem morreria antes.

Hickenlooper alegou que estaria fora da cidade e que, portanto, não poderia participar. Ele prosseguiria por anos opondo-se à legalização, até se tornar governador do Colorado — quando algo sem precedentes aconteceu na história dos Estados Unidos.

Mason Tvert ficou de saco cheio da política de proibição à maconha quando foi intimado pela Justiça a depor. Ele era calouro da Universidade de Richmond, Virgínia, e estudava ciência política. Quando estava no meio dos seus exames finais, a polícia o denunciou. Mason só tinha fumado um baseado, mas foi interrogado como suspeito de terrorismo. Logo se tornaria claro que outro estudante tinha sido pego e estava soltando nomes. Os policiais exigiram saber onde ele comprava a maconha. Que traficantes conhecia? Até onde ia a corrente de contatos? Mason relatava ter comprado a erva em estacionamentos depois de shows de rock e que não sabia mais nada além disso; mesmo assim, tinha muito medo.

Enquanto refletia sobre isso, lembrou que a faculdade permitia e até mesmo incentivava oficialmente festas em que quantidades enormes de

álcool eram consumidas abertamente, e se questionou: por que o álcool é liberado e a polícia persegue quem fumava maconha, mesmo que seus usuários causassem muito menos problemas que as pessoas que bebiam?

Quando saiu da faculdade, Mason demonstrou ter vontade de mudar essa situação, que considerava absurda, e começou a estudar o assunto. Um amigo dele, Steve Fox, notou uma coisa esquisita na pesquisa de opinião pública sobre as leis da maconha. Se você acreditasse que a maconha era mais perigosa que o álcool, era bem provável que apoiaria a proibição. Se, por outro lado, acreditasse que a erva era menos perigosa que bebida, apoiaria a legalização. E os fatos mostravam, sem sombra de dúvida, que a maconha é mais segura que o álcool. Para Mason, essa era a senha para destravar a legalização, então ele se mudou para Denver e criou um grupo chamado Safer Alternative for Enjoyable Recreation [Alternativa Mais Segura para uma Diversão Prazerosa, Safer na sigla em inglês] do Colorado. Seu objetivo era fornecer informações factuais sobre a maconha. Ele colocou um cartaz ao lado do gabinete de Hickenlooper. “Qual é a diferença entre o prefeito e um traficante de maconha? É que Hickenlooper vende uma droga mais perigosa”, dizia.

Falaram que sua causa era quixotesca e que tudo não passava de perda de tempo. “Passamos anos dando com a cara na porta, políticos não queriam nos encontrar. Nem sequer retornavam nossas ligações. A polícia de vez em quando nos ameaçava. Até nossos pais nos desencorajavam, mas estávamos decididos”, me contou um aliado, Brian Vicente. Estavam determinados a ser livres para usar a droga da sua escolha.

A cerca de 6400 quilômetros dali, em Anchorage, no Alasca, Tonia Winchester assistia à apresentação do programa Drug Abuse Resistance Education [Educação à Resistência ao Abuso de Drogas, Dare na sigla em inglês], a iniciativa educacional promovida por Nancy Reagan para fazer as crianças repetirem o “Diga Não” às drogas. Ela levou tão a sério a mensagem que se tornou a presidente do programa na sua escola. Estava convencida de

que “todas as pessoas que usam maconha são más e mereciam estar na cadeia”. Ela me contou: “Pensava que, ao usar maconha, você logo se viciaria em heroína e se injetaria todos os dias. Foi assim que fui criada. Eu tinha horror a drogas”. Tonia nunca gostou pessoalmente de maconha e nunca viria a gostar — até mesmo quando liderou a legalização no estado de Washington.

Quando ela saiu da escola, estudou para ser advogada e chegou à promotoria pública em Wenatchee, uma cidade no meio do estado de Washington. Uma de suas responsabilidades era punir quem usava maconha e sempre acreditou nessa causa.

No entanto, gradualmente começou a notar algumas coisas que a deixaram desconfortável. Por que as pessoas que ela processava eram em sua grande maioria negras ou de origem latina, enquanto “a maioria dos usuários era formada por homens brancos”? Por que “um homem branco não era detido para responder por posse de maconha”? Começou a se questionar se não seria parte de um sistema racista — e então, nos momentos mais sombrios, questionava a si mesma. Será que ela própria não tomava decisões com base em preconceitos inconscientes? Se ela notasse que o acusado tinha um sobrenome latino, automaticamente pensava que não era um cidadão norte-americano e poderia ser deportado. Começou a se perguntar como acabou raciocinando dessa maneira. Era isso o que queria fazer pelo resto de sua vida?

E, então, ela notou algo ainda pior. As pessoas que ela acusava não eram apenas de minorias — eram muito jovens. Um dia recebeu a incumbência de processar um rapaz de dezoito anos que estava fumando maconha com amigos em um carro estacionado. Ele tinha uma bolsa de estudos para cursar a faculdade. Se fosse condenado, perderia a bolsa e seria muito difícil conseguir um emprego pelo resto da vida.

Não era um caso isolado. “Você já foi a um abatedouro, onde os animais apenas entram, e entram, e entram?”, ela me perguntou. Era igualzinho. “Como uma esteira de bagagem, só que com pessoas, entrando e saindo do

sistema... Caso aberto, sentença proferida, formulários preenchidos. Chama o oficial de Justiça... próximo caso. O drama vem depois, quando tentam arrumar emprego e não conseguem, porque têm uma ficha suja, não podem pagar suas multas e acabam mais tempo na cadeia. É um desespero sem fim.”

Suas dúvidas só aumentavam: um dia estava trabalhando em uma pilha de casos de maconha enquanto havia outra igualmente enorme de violência doméstica esperando para ela analisar. Reprimir a maconha era a prioridade para os chefes, e ela sempre indicava prisão — enquanto essa não era a mesma postura diante dos casos de violência doméstica. Naquele momento, ela fez uma promessa a si mesma: sair daquele ciclo vicioso e acabar com essa lei. Não mudou sua percepção sobre a maconha. Nunca ia gostar dela. Mudou de opinião sobre as leis. Logo depois, ela se aliou a uma outra advogada, chamada Alison Holcomb, que trabalhava em casos parecidos. Ela tinha resolvido que seu filho não cresceria em um país onde as pessoas eram tratadas dessa maneira. Tonia e Alison estavam praticamente sozinhas nessa luta. Quando começaram, quase ninguém levava essa bandeira adiante, pois achava-se que era uma causa impossível.

As duas campanhas tinham por intenção acabar com o trabalho repressivo de Harry Anslinger — mas de maneiras muito diferentes. Mason queria mostrar que era errada a ideia de que a maconha causava efeitos piores que os do álcool em seus usuários. Tonia queria recuperar a vida pessoal de quem foi preso por causa de maconha. Até aquele momento, todas as campanhas bem-sucedidas que eu tinha visto, como a da Suíça, tinham no seu âmago mensagens conservadoras da recuperação da ordem, levar organizações criminosas à falência e proteger as crianças. Tonia acreditava que essa era a abordagem correta para Washington — mas Mason estava indo em outra direção no Colorado.

Mason acredita que o motivo principal para legalizar a maconha é que, desde o início da proibição, as pessoas têm recebido informações falsas a

respeito da erva. Na verdade, é mais segura que aquela cervejinha no sábado à noite. “O álcool é um veneno. É uma substância tóxica que pode levar à overdose. Apenas seu consumo, sem incluir acidentes e ferimentos, é responsável por cerca de 40 mil mortes anuais nos Estados Unidos. Nenhuma morte é atribuída ao uso de maconha. O álcool é mais viciante. É seguramente muito mais problemático no âmbito social e é um fator decisivo na irrupção de atos de violência e mau comportamento.”

Por outro lado, ele fala sobre a maconha. “Não existe nenhuma evidência significativa de que a maconha cause esse tipo de problema. Na verdade, existe a forte suspeita de que a maconha reduz o comportamento de risco e torna as pessoas menos violentas. É menos danosa ao corpo e à sociedade. Se alguém fuma maconha em vez de beber, opta por um comportamento mais seguro.”

Ele acredita que essa posição muda o debate, pois, ao legalizar a maconha, muita gente optará por fumar um baseado em vez de beber num sábado à noite. A legalização não “aumentaria um vício” — ofereceria aos “adultos uma opção menos danosa de uso recreativo”. Ele, inclusive, afirma ser contra adolescentes usarem maconha, mas vê como “positiva” a ideia de deixarem de beber para fumar um baseado.

Assim, eles colocaram um cartaz da campanha de legalização da maconha bem em cima de uma loja de bebidas com uma mulher usando um casaco branco. Ela dizia: “Por muitos motivos, prefiro maconha ao álcool. Isso faz de mim uma má pessoa?”. Um outro outdoor colocava uma garota em um biquíni — parodiando propagandas de cerveja — dizendo: “Maconha: sem ressaca, sem violência e sem carboidratos!”. De maneira mais controversa, Mason notou uma pesquisa acadêmica que provava que os homens são oito vezes mais propensos a atacarem suas companheiras depois de beber, sendo que o mesmo não acontece depois de fumar maconha. Por isso, o Safer colocou um outdoor que mostrava uma mulher espancada pedindo que se votasse a favor da legalização da maconha para reduzir a violência doméstica.

Em cada etapa, Mason reforçava a ideia de que as leis atuais “levam as pessoas a usar uma substância mais danosa”. Quando a polícia local prendeu uma rede de traficantes de maconha, ele ficou do lado de fora da entrevista coletiva da Drug Enforcement Agency [Órgão para o Combate às Drogas, DEA, na sigla em inglês] segurando fotos de John Hickenlooper, o prefeito de Denver, explicando que ele tinha feito uma fortuna vendendo uma substância muito mais pesada e que, logicamente, deveria também ser preso. Mason disse que investigou todos os “traficantes de álcool” da cidade procurando as lojas licenciadas nas Páginas Amarelas e perguntou a eles por que não estavam sendo presos como os vendedores de maconha.

A campanha chamava essa tática de “jiu-jítsu da maconha” — jogar o ônus de volta aos proibicionistas para expor como o sistema é maluco. Mason acreditava que esse era o único caminho para a reforma. “As pessoas precisam compreender que a maconha não é tão danosa quanto foram levadas a acreditar, ou não apoiarão que seja legalizada”, disse.

Em todos os debates durante a campanha — pelo terreno rochoso e nevado do estado do Colorado —, ele criou uma regra para si. Nunca construiria um argumento pelo fim da proibição no qual pudesse substituir a palavra “maconha” por “metanfetamina”. Não diria, por exemplo, que a proibição da maconha representava um desperdício de recursos públicos, ou que dava poder às quadrilhas de criminosos ou que esse dinheiro poderia ser mais bem empregado em outras causas, porque se isso servisse para a maconha, por que não para a metanfetamina? Se fosse para esse lado, ele dizia, perdia-se a confiança do público. “A maconha continua a ser ilegal porque as pessoas acham que ela é perniciosa”, ele diz. “Nossa mensagem combatia essa percepção, enquanto os argumentos tradicionais evitavam esse aspecto do debate e simplesmente atacavam os problemas relacionados à proibição.”

Em Washington, Tonia Winchester estava de pé, na neve, do lado de fora de um jogo de futebol americano, para coletar as trezentas assinaturas

necessárias para o plebiscito que poderia legalizar a maconha. Muitos passavam, sorriam e agradeciam, outros eram agressivos e falavam que estava fazendo o trabalho do demônio e corrompendo a juventude.

Quando as pessoas paravam para falar com ela, difundia uma mensagem muito diferente da de Mason. Dizia que não esperava que concordassem sobre o uso de maconha, dizia preferir que ninguém usasse. A questão não era gostar ou não da maconha, ou defender seu uso. Estava discutindo uma política que não trazia benefícios à sociedade, que causava mais mal do que bem.

Ela falava sobre sua vida como promotora pública, sobre ter visto as leis da maconha destruírem a vida de muitas pessoas e como preferia ter dedicado seu tempo a colocar gente realmente perigosa na cadeia. “No meu entendimento, não importava com quem estivesse discutindo, o primeiro obstáculo na conversa sobre legalizar a maconha era chegar a fazê-los compreender que não estávamos fazendo apologia ao uso, não estávamos falando sobre gostar de maconha.”

Apenas 15% das pessoas no Colorado ou em Washington apreciam a maconha a ponto de fumá-la. Isso significa que 85% não gostam ou não querem usar. Tonia acreditava que tentar mobilizar essas pessoas para defender a erva em si nunca funcionaria. Ela queria mostrar, em vez disso, que a proibição da maconha afeta a todos: os que fumam e os que não fumam. Quando parece que você está elogiando a maconha, ela acredita, faz as pessoas se lembrarem de estereótipos negativos. “Quando as pessoas viam que eu não tinha roupas coloridas nem cabelo rastafári, a atitude delas mudava. Tenho amigos muito inteligentes e bem-sucedidos que, ao dizerem que fumam maconha, são completamente malvistas pelas pessoas”, explica. “*Eu* ainda tenho que combater meus próprios preconceitos sobre a imagem que tenho de quem fuma maconha.”

Dessa maneira, em Washington, a campanha foi feita de forma a não defender que a maconha é mais segura que o álcool porque, como Tonia coloca, “é um argumento fraco e não persuade as pessoas... Elas têm uma

reação visceral negativa à maconha, é apenas superando isso que se consegue o voto pela legalização”. Se você tenta dizer que ela não é tão ruim, a maioria — até mesmo pessoas que poderiam ser convencidas a favor da legalização — rapidamente dá vazão aos seus pensamentos negativos sobre a maconha. “E não acho que esse argumento consiga convencer a mudarem de opinião para votar pela legalização”, diz Tonia. “Você acaba se isolando.”

Mas não apenas duvidavam que o argumento de Mason fosse capaz de persuadir as pessoas — também acreditavam que ele não era verdadeiro. O professor Roger Roffman, especialista em dependência química, era um dos líderes da campanha em Washington e defende a legalização desde 1967, quando retornou do Vietnã. No entanto, quando ouviu pessoas durante a campanha dizerem que a maconha é “segura”, sentiu-se obrigado a discordar: “Talvez seja o que querem acreditar, mas a ciência não respalda isso. Há o risco de se viciar e de provocar acidentes. Adolescentes podem usar e ficar permanentemente afetados... é um risco, e dizer que a maconha é segura é uma desinformação, dizer isso às pessoas é desinformar”.

A campanha de Washington defende que as drogas devem ser legalizadas não porque são seguras, mas perigosas. É exatamente por serem danosas que precisam ser tiradas das mãos das quadrilhas e dos cartéis e entregues a lojas autorizadas, além de usar o dinheiro dos impostos arrecadados com essa venda na prevenção e no tratamento do vício. Nem sonhavam em dizer aos pais que seria melhor se seus filhos fumassem maconha em vez de beber. Diriam apenas que “traficantes não pedem identidade”. A legalização restringiria o acesso dos jovens à maconha. A Children’s Alliance, maior entidade beneficente para crianças do estado de Washington, votou a favor da legalização.

Essa diferença de filosofia não foi responsável apenas por produzir campanhas diferentes, mas também levou a modelos diversos de legalização.

Em Washington, criou-se a convicção de que a maconha causa problemas que precisam ser enfrentados. Então, decidiu-se investir a receita dos impostos arrecadados com a venda em programas de prevenção ao uso nas

escolas e no tratamento de dependentes. No Colorado, ao contrário, o dinheiro é investido apenas na construção de escolas. Em Washington, a legislação impõe uma proibição rígida por dirigir chapado. No Colorado, essa medida não foi aprovada. Em Washington, não se pode plantar em casa; e no Colorado, sim.

Ambas as campanhas argumentavam que a legalização melhoraria as condições de saúde pública, mas de maneiras diferentes. No Colorado, defendeu-se que a substituição do álcool pela maconha tornaria as pessoas mais saudáveis. Em Washington, o argumento é que essa melhora viria dos investimentos dos impostos no combate de alguns dos problemas causados pelo uso da maconha. Era uma diferença sutil, mas fundamental.

Uma noite, em Washington, os ativistas finalmente tiveram a confirmação de que sua iniciativa iria a plebiscito, então organizaram uma grande festa na casa de uma escritora local. Alison Holcomb, líder da campanha junto com Tonia, estava exausta e se afastou para refletir por um momento, sozinha. O céu apresentava uma coloração rosa e roxa, e aquela era a primeira vez que ela tinha a oportunidade de pensar sobre o que estava fazendo.

“Foi quando finalmente percebi que os eleitores de Washington tinham a chance de mudar o mundo. Eu olhava para as nuvens e pensava: este é o mesmo céu que existe sobre o México, o mesmo céu que existe sobre a Europa e no resto do mundo, e havia tanta gente no mundo todo esperando para ver o que aconteceria. Ver se conseguiríamos. Parei naquele momento e percebi o tamanho daquilo”, ela recordou.

Com a guerra à maconha prestes a terminar nesses dois estados, recordei dos primórdios à repressão.

A maconha começou a ser banida como parte de um pânico racista contra os latinos, que entravam nos Estados Unidos com a sua “erva *loca*”. Era um argumento que mobilizava o público a favor da proibição. Hoje,

tantos anos depois, Tonia e Alison explicavam para as pessoas que essa minoria ainda estava no centro da repressão. Após tantas décadas de mudança, o público passou a ver essa relação não mais como motivo para apoiar a guerra, mas para se opor a ela. O país desenvolveu compaixão.

Mas eu podia sentir os velhos hábitos da proibição voltando. No começo, Harry Anslinger usou a força coerciva da lei para calar vozes divergentes como a de Henry Smith Williams. E isso ainda acontecia. Uma noite, um dos aliados mais próximos de Mason — um advogado de origem latina chamado Brian Vicente — dirigiu até uma localidade nas planícies do leste do Colorado para apresentar seus argumentos em uma palestra.

Subitamente, o xerife local apareceu com seus homens. “Se eu pudesse fazer tudo do meu jeito, pegaria os maconheiros que estão passando na minha frente e atiraria neles”, berrou, enquanto fazia o gesto do tiro com os dedos.

Brian saiu de lá correndo, aterrorizado. Mas a intimidação não surgia apenas dos agentes da lei. Isso também aconteceu quando Brian foi a uma das rádios latinas mais importantes de Denver para defender a legalização. Ele sabia que o estado tinha muitos cidadãos que vieram do México, alguns fugindo da violência da guerra às drogas, então queria explicar para essas pessoas como a legalização retiraria parte da renda dos cartéis, levando-os à falência.

Os radialistas lhe disseram que ele não poderia falar isso no ar. “Não queremos que você fale isso na rádio porque temos medo de morrer”, disseram. Eles estavam convencidos de que se defendessem a legalização haveria alguma espécie de retaliação por parte dos representantes de cartéis mexicanos no Colorado, que plantavam maconha nos parques nacionais e contrabandeavam drogas mais pesadas para o norte do país.

Assim, lembrei de como, no começo de tudo, os criminosos apoiavam a proibição, tanto que subornaram agentes da lei para implementá-la com mais rapidez. Hoje, no fim da guerra às drogas, intimidavam as pessoas que

queriam o fim da proibição. Quanto isso mostra quem se beneficia com a guerra às drogas?

Ao conversar com pessoas de Washington e Colorado, fiquei me perguntando: qual dessas campanhas estaria correta? Que abordagem o resto do mundo deveria copiar para acabar com essa guerra?

Instintivamente, minha tendência era concordar mais com Tonia e Alison em Washington. Se fosse a favor da proibição, gostaria de chamar os grupos pela legalização de “um bando de maconheiros raivosos na luta pelo direito de ficarem chapados e fazendo a apologia à erva”. Mas também tinha a sensação de ser muito simplista rejeitar de cara o argumento de Mason. Perguntei-me por que havia mais receptividade para os argumentos a favor da legalização hoje do que nos anos 1930 e 1980.

Há muitas razões — uma delas é que não se acredita tanto nos mitos mais extremistas a respeito da maconha. Ninguém mudou de opinião sobre proibir: a opinião sobre a droga mudou. Mesmo um público mais conservador hoje ri dos avisos de Harry Anslinger sobre como a maconha pode transformar você em um assassino. Isso deveria ser um bom argumento para a legalização, não é?

Se foi necessário criar a histeria para proibir, não é justo atacar a histeria para legalizar?

Ao falar com Tonia e Alison sobre isso, ficou claro que a visão delas era um pouco mais complexa do que tinha entendido a princípio. Elas aceitaram que existe um pouco de verdade no argumento de atacar a histeria. Quando saiu do colégio, Tonia achava que a maconha era do mal porque transformava todo mundo em vagabundo. “Conheci pessoas incrivelmente inteligentes, articuladas e produtivas que usavam a maconha recreativamente... Foi aí que aceitei minhas ideias sobre os usuários de drogas como totalmente incorretas e deixei que essas crenças fossem desconstruídas diante dos fatos”, relatou.

Assim, elas aceitam, mesmo que de modo implícito, que precisamos de alguns aspectos da mensagem de Mason. Acreditam que ele vai longe demais, mas a mensagem de que a maconha é mais segura do que imaginamos é uma parte importante para se dialogar com a opinião pública. Talvez precisemos do argumento de que a maconha é mais segura que o álcool como uma meta cultural de longo prazo, enquanto os argumentos de Tonia e Alison seriam mais difíceis e cruciais da campanha. Mason afirmou que este foi sempre o plano: comunicar que a maconha é mais segura e, só então, usar os argumentos mais tradicionais diante de uma receptividade maior.

Mesmo assim, no entanto, alguns argumentos de Mason me soam errados, tanto politicamente quanto na prática. Fico imaginando como dizer para pais céticos: “É melhor para seus filhos fumar maconha do que beber cerveja”. Não consigo pensar em nada que possa fazê-los se aproximar com mais rapidez para o lado do proibicionismo. Eu mesmo ficaria tentado a votar contra a legalização se este fosse um dos argumentos: prefiro que meus sobrinhos bebam cerveja em vez de usar uma droga que pode danificar o cérebro deles para sempre.

Mas o estranho é que, mesmo sendo tão distintas, as duas campanhas venceram com uma margem ampla de diferença. No Colorado, 55% votaram a favor e 45% contra. Em Washington, a diferença foi quase exatamente a mesma. A margem foi de 10% para uma proposta em que, até alguns anos antes, ninguém acreditaria.

Assim que a população do Colorado viu a maconha ser vendida em lojas especializadas, o apoio à legalização cresceu mais. Depois de dois meses de vendas, 57% das pessoas diziam apoiar a legalização, enquanto 35% ainda eram contra essa medida — essa diferença ficou em 22% quando no plebiscito ela foi de apenas 10%. O medo da legalização acabou quando viram que ela funcionava na prática.

Para além da diferença nas campanhas, existe uma pergunta que pauta o futuro da guerra às drogas: podemos aplicar essa mesma mensagem para outras drogas? Mason tem uma resposta brusca: “Não acredito em absoluto que esse tipo de legalização vá acontecer de forma ampla para as outras drogas”.

Posso compreender sua resposta. Quem teria a coragem de contrapor álcool e cocaína? Ou álcool e metanfetamina?

Mason diz que “todas as drogas deveriam se tratadas com base em seus danos relativos. São substâncias diferentes que exigem tratamentos diferentes”. Então, enquanto a maconha deveria ser legalizada e regulada para o consumo de adultos porque é mais segura que o álcool, ele acredita que muitas outras drogas são mais perigosas e a mesma lógica não deve ser aplicada. Mason não é conservador e apoia diversas reformulações na política das drogas, como a descriminalização para uso pessoal e que outras drogas poderiam e deveriam ser legalizadas no futuro. “Mas serem reguladas, produzidas e distribuídas? Não acho que outra droga seria tratada da mesma forma que a maconha.”

Tonia e Alison abordam essa questão de maneira diferente. Como o argumento para a legalização não é o de que seria uma droga mais segura, mas que a proibição faz mais mal que bem, ele pode ser expandido para outras substâncias químicas. Uma por uma, acreditam, as substâncias serão colocadas dentro de uma política parecida com a da regulação da maconha. Levará uma geração ou mais, dizem, mas vai acontecer.

Todos os lados concordam que se a legalização da maconha der certo, abrirá o debate para a regulação de outras drogas. Mason acredita que podemos andar bastante ainda, e Tonia pensa que chegaremos à legalização total. Se o céu não cair em Washington e no Colorado, o debate será ampliado de modo radical.

Quando tento imaginar como será o avanço da legalização de outras drogas, sempre volto para as perguntas difíceis com as quais me deparei ao

começar a escrever este livro. Mason defendeu que a maconha é mais segura do que o senso comum acredita — especialmente na comparação com o álcool. E as outras drogas, seriam mais seguras do que acreditamos? Mais seguras que o álcool? Isso deveria fazer parte do argumento?

Quando pensei pela primeira vez nisso, me pareceu um argumento idiota — especialmente com meu histórico familiar. Eu vi o que as drogas são capazes de fazer. Ainda assim, o professor David Nutt, antigo consultor-chefe do governo britânico para as drogas, publicou um estudo na revista *Lancet* — a principal publicação médica da Grã-Bretanha — analisando cada droga recreativa, calculando a probabilidade de elas deixarem sequelas e como poderiam prejudicar outras pessoas que não o usuário. Ele descobriu que uma droga estava bem à frente de todas as outras. Tinha uma pontuação de dano de 72. A segunda droga mais danosa era a heroína, com uma pontuação de 55, logo na frente do crack, com 54, e da metanfetamina, com 32. O álcool era a droga mais nefasta e estava muito na frente.

Isso vai tão radicalmente contra tudo o que aprendemos que foi só quando conversei com os professores Nutt e Carl Hart, entre outros, que pude entender todos os detalhes. Nutt afirmou que todas as drogas são muito danosas, mas é comprovado que prejudicam poucas pessoas e, portanto, fazem com que menos gente seja prejudicada pelos usuários. Isso não quer dizer que sejam substâncias seguras, mas apenas que o álcool é muito mais perigoso do que se imagina.

Então, seria o caso de aplicar o argumento da maconha e dizer que as drogas são mesmo mais seguras que o álcool? Essa é uma mensagem complexa e não pode ser reduzida dessa maneira. Pense que você está assistindo à TV e vê uma campanha com a seguinte mensagem: “Essas drogas são muito perigosas, mas não são tão prejudiciais quanto o governo fez você acreditar por tantos anos. Elas também não são tão danosas quanto o álcool”. É difícil aceitá-la num primeiro momento. Ela precisa ser desconstruída e explicada por pessoas bem qualificadas, pois essa declaração

pode ser facilmente simplificada e usada para defender que as drogas são seguras — e não é o que mostram as evidências.

Mas o professor Hart — que é neurocientista na Universidade Columbia — defende de forma convincente que é essencial aplicar o argumento de Mason a outras drogas. “Não podemos mais vilanizar a maconha como fez Harry Anslinger, porque temos uma vasta experiência com essa droga. Então, se disserem que uma pessoa vai sair por aí matando depois de fumar maconha, ninguém vai acreditar nisso hoje em dia. Elas acreditavam nisso na época de Anslinger. Hoje, se você disser que alguém que toma metanfetamina, ou fuma crack, vai se tornar um assassino, as pessoas vão acreditar — mesmo que seja impossível de acontecer”, explicou. Então, se esses “mitos” não forem desconstruídos, ficaremos para sempre com a mentalidade repressiva.

Uma parte de mim concorda com o professor Hart: as pessoas nunca vão aceitar legalizar as drogas enquanto acreditarem que são substâncias demoníacas que controlam os indivíduos e destroem vidas. Quando descobrirem que as drogas são muito mais seguras que o álcool e que o vício é causado pelo trauma e pelo isolamento mais do que pela química da droga, ficarão mais receptivas a novas abordagens e pensarão diferente.

Mas uma parte minha diz que isso é loucura. As drogas *são* terríveis para muitas pessoas. Ninguém pode questionar isso. A maior parte das substâncias proibidas é tão prejudicial quanto o álcool, apresentando propriedades mais destrutivas do que a maconha. Por que entender como funcionam as propriedades destrutivas do álcool faria com que se pensasse diferente sobre os efeitos um pouco menos horríveis provocados pelo crack ou pela metanfetamina? Com isso, não se consegue ganhar uma discussão a favor das drogas, apenas contra sua proibição. Por que escolher o caminho mais difícil?

A diferença entre a abordagem de Mason e a de Tonia me deixa dividido por dentro e não consigo resolver esse conflito. Mas sei que um dia essa indecisão vai chegar ao fim. Nas próximas décadas haverá campanhas que

testarão essas duas posições. Alguns vão tentar mudar a forma como pensamos sobre as drogas; outros, as leis sobre as drogas. Saberemos em breve qual delas será a mais bem-sucedida.

O governador John Hickenlooper nunca aceitou o desafio de Mason para fazer o duelo da maconha contra o álcool, mas seis meses depois que a maconha foi legalizada ele falou à Reuters: “Parece que as mesmas pessoas que antes fumavam são as que estão fumando agora. Se for isso mesmo, não teremos mais gente dirigindo chapada. Não teremos mais problemas como esses. Teremos um sistema que regula a maconha e gera impostos que ficam no Colorado... e não estaremos dando dinheiro a grupos corruptos de criminosos”. Ele passou a chamar a legalização da maconha de “senso comum”, e acrescentou: “Vamos encarar: a guerra às drogas foi um desastre”.

Parece que, ao final, Mason acabou tendo seu duelo, e está muito claro quem ganhou.

Depois que as pessoas do Colorado se pronunciaram, era trabalho dos burocratas de todo o estado fazer o que não se fazia havia mais de sete décadas: vender maconha legalmente. No outono de 2013, me sentei em um café com Barbara Brohl, que chefia o Departamento de Receitas Fiscais do Colorado, para descobrir como cumpriram essa tarefa inesperada.

“É um novo mundo”, ela diz, arregalando um pouco os olhos. Barbara não me contou de que forma votou porque seu trabalho é aplicar de modo imparcial a vontade dos eleitores do estado, seja ela qual for. Disseram para Barbara organizar as coisas, e lá estava ela, fazendo isso. A vontade da população do Colorado era muito simples: qualquer pessoa com idade acima de 21 anos poderia comprar um suprimento de 28 gramas da erva em uma das 136 lojas autorizadas e fumar em casa. Também é permitido plantar em casa para uso pessoal.

Ela me explicou por mais de uma hora todos os problemas que o departamento teve que resolver para criar a nova regulação. Entre eles:

quem teria permissão de cultivar? Quem poderia vender? Qual seria a alíquota aplicável em impostos? Taxar a maconha por peso não incentivaria a produção de uma maconha mais forte? Se a taxa for aplicada por nível de THC (tetra-hidrocanabinol, o componente ativo da maconha, responsável por seus efeitos alucinógenos), como se mede isso? Como impedir que a maconha saia do estado? Que tipo de produtos comestíveis com maconha poderiam ser liberados? Existe uma lei federal que regula os aditivos na carne, então pode produzir carne-seca de maconha?

Falamos sobre todos os meandros da burocracia enquanto bebíamos cafeína para nos manter alertas. Uma frase típica de Barbara era: “Tínhamos que ver como as agências regulatórias nacionais e locais iriam trabalhar em conjunto”. A outra era: “Na área médica, houve uma integração vertical, o que significava que uma mesma empresa poderia ser dona do local de cultivo e do centro médico onde a maconha seria vendida — e isso significava que deveríamos liberar as licenças para os dois estabelecimentos antes que qualquer licença fosse aprovada”.

Pouco a pouco, ouvindo todos os detalhes sobre como funcionava na prática a venda legal de maconha, tive uma sensação estranha. Primeiro não entendi o que era, mas depois me dei conta de que estava achando chato ouvir aquilo. Pela primeira vez, ao apurar este livro, estava entediado. Não por culpa de Barbara, que é uma pessoa encantadora. É que não havia mais pressão. Sem a guerra, as drogas se tornavam uma coisa enfadonha, uma banalidade, como vender peixe, pneus ou lâmpadas.

A matança deu lugar a contratos. As armas viraram cláusulas contratuais. Todo o sofrimento foi transformado em planilhas.

Penso que é assim que o fim da guerra às drogas será. Não é uma montanha de cadáveres. Não é o céu caindo por culpa de dependentes frenéticos. É uma mãe do Colorado falando a respeito de taxaço de impostos sobre o produto em uma sala de conferências. O advogado Brian Vicente, que teve papel fundamental na legalização, disse: “Por anos, nossa única discussão foi: ‘Por quanto tempo prendemos essa pessoa com

maconha?'. Agora nós discutimos que fonte será usada no rótulo de um brownie de maconha”.

Então, ao mesmo tempo que acho aquilo chato, uma lágrima de alívio escorre pelo meu queixo.

19. A única desculpa

Percebo o quanto eu era ingênuo na época em que meu avião pousou pela primeira vez no Rio de Janeiro. Sabia que lá existia uma guerra às drogas e que não seria agradável de ver, da mesma forma como não tinha sido agradável em nenhum outro lugar. Achei que o conflito seria similar ao que tinha visto na Argentina, país que eu acabara de visitar, e que apresentava um padrão que, àquela altura, já me era tão familiar quanto catastrófico, ainda que com características locais. Mas tive contato com um cenário bem diferente. A guerra às drogas no Brasil é, na verdade, uma mutação desse padrão, que se mistura aos aspectos mais sombrios do passado do país para criar, talvez, a versão per capita mais mortal dessa guerra em todo o mundo — além de ser uma das mais peculiares.

Só que à medida que viajava pelo país, percebi outra coisa: o Brasil já descobriu como dar os primeiros passos para superar essa catástrofe, incrustada bem no coração de São Paulo, a maior cidade do país. O Brasil possuía tanto o veneno como o esboço de um antídoto para combater esse problema.

* * *

No outono de 2016, um grupo de policiais furiosos dirigia em alta velocidade pelas quebradas do Complexo do Alemão, uma das maiores

favelas do Rio de Janeiro — uma enorme e confusa massa de concreto e zinco e emaranhados de fios de energia que se ergue por sobre os morros cidade acima, dando a impressão de estar encostada nas nuvens. Quando chegaram a determinado beco, começaram a berrar o nome de Raull Santiago. Eles já tinham disparado muitos tiros para o alto, sobre aquela casa, em várias ocasiões. Ameaçaram aquele rapaz incontáveis vezes. As pessoas já haviam perdido a conta das invasões àquela favela e do número de rapazes que tinham sido alvejados ao longo daquele ano.

O problema é que Raull tinha ido longe demais, e foram atrás dele.

Ele não respondeu quando gritaram. Ao invadirem a casa, encontraram-na vazia. Sua mulher e seus filhos estavam escondidos em outra parte da favela. Raull estava em um abrigo secreto, bancado por grupos ligados à Anistia Internacional, que acreditava que a polícia o mataria a qualquer momento.

Dezessete anos antes de a polícia entrar nessa viela, dois garotos de onze anos observavam o céu sobre a comunidade. Quando se está no ponto mais alto da favela, pode-se enxergar toda a cidade — as praias de tom amarelado, a baía de Guanabara com sua água infecta e o Cristo Redentor de braços abertos, acolhendo tudo aquilo. Raull e seu amigo Fábio perambulavam pelo Complexo do Alemão em busca de alguma pipa caída e, naquele dia, encontraram uma, balançando acima de suas cabeças.

Raull e Fábio eram vizinhos e amigos desde sempre. Raull tinha um rosto largo e pele clara, enquanto Fábio era magrinho e mais moreno. O pai de Raull era pedreiro, e a mãe, camareira de um hotel da cidade. Ninguém sabia do pai de Fábio — o menino, aos onze anos, era o chefe da família. Era uma responsabilidade muito grande para ele, uma vez que sua irmã mais nova sofria de uma doença crônica grave, e a mãe, que ganhava muito mal, tinha dificuldade em comprar a medicação necessária. Para ajudar a família, Fábio passava o dia inteiro andando pelo Alemão e pelas favelas do entorno, catando latinhas para vendê-las como sucata de alumínio. Ele tinha espírito

empreendedor e fez um acordo com os donos dos botecos: se recebesse com exclusividade todas as latinhas consumidas no bar, dividiria com eles parte do que ganhava.

Na escola, Fábio era um dos melhores alunos da turma — especialmente em matemática. Mas tanto Raull quanto Fábio passaram a entender que havia algo muito singular no lugar onde cresceram. Um dia, aos oito anos, Raull topou com alguma coisa na rua. Parecia uma pessoa, mas era difícil ter certeza num primeiro momento, pois o corpo tinha sido cortado em pedaços. Encontrar gente morta na rua e ver cadáveres jogados ao léu tinha virado rotina para as crianças do Alemão. Quando Raull via as fotos do lugar onde morava nos jornais, era sempre a mesma coisa: corpos de pessoas mortas. “A primeira coisa que se aprendia era que estávamos em guerra”, me disse Raull anos depois, sobre a vida no Alemão. Eles viam que a maioria parecia pelas mãos da polícia. As crianças eram ensinadas a ver os policiais como uma espécie de “bicho-papão”, do qual deveriam fugir como o diabo da cruz. Todo mundo que vivia ali sabia que a polícia atirava antes e não perguntava jamais. Se os policiais descobriam que um jovem sem envolvimento com o tráfico havia sido morto, plantavam drogas nele e ameaçavam qualquer testemunha que pudesse delatá-los.

Quando tinham catorze anos, Raull e Fábio foram ao centro do Rio procurar emprego. Perguntaram em uma loja de sapatos se havia vagas. Raull explicou que aquele seria o primeiro emprego dos dois, e, já naquela época, ele era tão articulado que o dono ficou com boa impressão e resolveu contratá-los. Quando preencheram a ficha e informaram o local de residência, o lojista ficou horrorizado. Ele não podia ter ninguém do Complexo do Alemão trabalhando na loja, porque seria roubado e alguma versão nacional de Pablo Escobar poderia persegui-lo. Rejeitados, os garotos foram embora se perguntando quem seria aquele Pablo Escobar. Fábio passou o resto do dia catando suas latinhas.

Dois meses depois, o menino foi para a única função que pagava melhor do que ser catador. Ele virou “vapor”, ou seja, vendia a droga direto para o

usuário. O cargo tem esse nome porque eles precisam “evaporar” — desaparecer na hora — se a polícia chegar. Fábio era bom de matemática, então subiu rápido na hierarquia, pois precisavam de alguém responsável pela contabilidade. Isso também significava participar da violência para provar sua lealdade. Quando a polícia chegava para fazer uma batida na favela, Fábio tinha que atirar contra os policiais. “É um cenário de extrema violência. Você percebe que não pertence a lugar nenhum, então decide entrar para o grupo... Eles acabam participando disso para ter ao menos alguma coisa”, disse Raull depois.

Raull ficou fora desse esquema, mas Fábio continuou sendo seu melhor amigo. Uma manhã, um ano depois de terem sido rejeitados na loja, alguém contou a Raull que Fábio tinha sido morto pela polícia. Ele tinha quinze anos.

“Normalmente dizemos que os mortos que conhecemos não serão esquecidos por causa da nossa luta, que nossos amigos queridos não serão esquecidos”, me contou Raull. “Que suas vozes serão ouvidas através da nossa luta. Mas isso não é verdade — não me lembro mais de todas as pessoas que morreram na favela. Toda morte é esquecida quando mais uma acontece. Você acaba não se lembrando de todas as pessoas... Elas são esquecidas.”

* * *

Foi mais ou menos na época da morte de Fábio que a internet chegou ao Complexo do Alemão. Raull ficou obcecado — de repente, ele podia ver e aprender sobre o mundo todo. Alguns anos depois, vieram os smartphones — e, com eles, a opção de gravar vídeos.

Assim, quando a polícia chegava atirando, os mais corajosos começaram a filmar das janelas o que acontecia. Era comum flagrarem a polícia matando gente desarmada — às vezes, crianças de dez anos de idade —, em cujos corpos plantavam provas. Era uma atividade arriscada: se a polícia visse alguém filmando, poderia ir atrás da pessoa. Alguns desses registros

começaram a ser compartilhados na internet. Então Raul e seus amigos tiveram uma ideia. E se, pensaram, organizássemos uma página no Facebook que servisse como uma central que reunisse todas as provas de violência policial nas favelas do Brasil? Assim nasceu o coletivo Papo Reto, que administra a página. Em pouco tempo, a página, que já contava com 40 mil seguidores, passou a publicar vídeos de favelas do país todo, que muitas vezes viralizavam. O coletivo passou a ajudar as famílias dos mortos, oferecendo-lhes contatos de advogados e organizando manifestações contra os assassinatos.

Por causa dessas atividades, Raul tornou-se, ele próprio, um alvo.

Em 2016, com a página no Facebook cada vez mais popular, a polícia começou a enviar recados através de outras pessoas na favela para que Raul tomasse cuidado, pois alguma “bala perdida” poderia facilmente atingi-lo a qualquer hora. Raul soube imediatamente o que aquilo queria dizer: “As balas perdidas são sempre culpadas pelas mortes, mas o problema é que, na favela, só tem bala perdida”, ele diz. Um dia, Raul foi abordado pela polícia na rua: “Sabemos quem você é. Acha que não sabemos onde é sua casa? Se a gente quiser, pode ir até lá e matar você a qualquer momento”. (Outra testemunha confirmou esse relato.)

E, então, algumas coisas misteriosas começaram a acontecer. Alguém criou um perfil falso e muito detalhado de Raul no Facebook — conseguiram até copiar o certificado azul que atesta que a conta é mesmo dele. Com essa página, passaram a ameaçar os chefes do tráfico local como se fossem ele, dizendo que tinham planos de expô-los — isso com certeza faria com que Raul fosse morto.

Fábio reagiu à violência no Alemão sendo cooptado pelo Comando Vermelho, uma das maiores facções criminosas locais, e acabou morto pela polícia. Raul teve a iniciativa de documentar dentro da lei os abusos policiais, mas a polícia ameaçava matá-lo também. Ele começou a achar que, não importava o que fizesse no Alemão, as forças do Estado tentariam destruí-lo.

A família de Raull entrou em pânico. Ele parou de sair à noite. Nessa época, tinha 27 anos e quatro filhos. Começou a dar notícias sobre seu paradeiro através de um grupo de WhatsApp do Alemão para todo mundo saber onde ele estava; em contrapartida, as pessoas também poderiam avisá-lo sobre alguma chegada repentina da polícia. Um de seus amigos lhe disse que precisavam mais dele vivo do que de um herói morto e, por isso, era para ele deixar o Alemão — mas ele via isso como uma traição. A favela era sua casa e onde deveria ficar. Precisavam dele ali. “Você não pode ficar parado e ver isso acontecer com a sua comunidade”, ele disse. O propósito do seu trabalho era “tornar mais difícil matar pessoas” — como poderia largar tudo?

Ele tinha a sensação de que seu trabalho era essencial. Raull via os grandes veículos de comunicação, em geral, retratarem as favelas como um reduto violento cheio de criminosos cometendo atrocidades. Ele sabia que a maioria dos moradores só desejava viver em paz, mas tinha esse direito negado pelo Estado brasileiro e por sua guerra contra as drogas. Sua página no Facebook e a rede construída ao redor dela eram as únicas formas de difundir essa mensagem. A grande mídia se recusava a entrar no Alemão, então eles precisavam criar seus próprios veículos de comunicação.

Depois de três dias circulando apenas nas cercanias do esconderijo financiado pela Anistia Internacional, ele decidiu voltar para casa. Passou a vida toda ouvindo que a vida das pessoas que moram na favela não importava e pensou que, se fugisse, a situação continuaria na mesma, e a mudança jamais viria para sua comunidade ou para seus filhos.

Raull Santiago decidiu lutar por seus ideais.

Encontrei Raull em uma esquina na entrada do Complexo do Alemão no início de 2017. Ele me esperava próximo a um boteco e a um conjunto de lojas. A rua estava cheia de carros, e as crianças perambulavam pelo lugar. Um frango assava atrás de uma tela. Havia um sutiã abandonado na calçada. Ele estava com o rosto voltado para o celular, digitando mensagens para os

inúmeros grupos de WhatsApp com os quais se comunica sem parar. “Temos informação em tempo real sobre onde é seguro estar no Alemão hoje”, disse ele, batendo o dedo no telefone. Tinha planejado um trajeto para me mostrar o lugar, mas descobriu que a polícia estava dando tiros na região, então perguntava aos amigos por onde poderíamos circular. Ele me pareceu jovem por trás dos seus óculos escuros — jovem demais para desafiar as forças policiais do Rio. Notei que tinha uma tatuagem no pescoço. “Aloha”, dizia, indicando seu amor pelo surfe. Ele leu as mensagens e balançou a cabeça: “É melhor seguir pelo outro caminho”, disse.

As vielas estreitas que escalamos eram atravessadas por emaranhados de fios elétricos. Fiquei espantado ao perceber que aquela massa quilométrica de concreto que abriga 200 mil almas tinha sido construída sem nenhum apoio estatal. Parecia um monumento à engenhosidade humana.

As quebradas do Alemão têm uma beleza estranha, como se as ruelas tivessem saído do século XVIII, ou no mínimo de alguma época anterior à invenção do carro. Elas lembram a cidade italiana de Nápoles depois de ser atingida por uma espécie de apocalipse. Enquanto percorríamos as ruas, Raull era parado o tempo todo por pessoas pedindo ou dando conselhos. Cruza-se a favela de mototáxi, e todos os motoqueiros pareciam conhecê-lo. Paramos em um mercado porque alguém queria falar com Raull. Era como qualquer mercado de qualquer outra parte do mundo: pessoas compravam roupas e comida — só que, de repente, fomos interrompidos pelo primeiro tiro do dia. Ele passou bem por cima de nossas cabeças, com uma proximidade perigosa. Algumas pessoas encostaram nas paredes, mas logo continuaram andando, como se nada tivesse acontecido.

Raull parou e escutou com muita atenção. Houve mais disparos. “Escuto isso desde que nasci. Como você pode ver, ninguém mais se importa”, disse. Pela forma como soa o tiro, ele explicou, é possível perceber sua proximidade e de onde veio: é uma habilidade desenvolvida por quem vive ali. Ele apontou para uma construção no alto do morro. Os disparos vinham da base da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) que fora instalada no

Alemão em 2012, com o objetivo de “pacificar” a população. Os tiros tinham como alvo uma base do Comando Vermelho. No meio de tudo estava a população civil. Aquilo acontecia todos os dias. “Esse tipo de disparo mostra que a polícia vai descer para terminar a operação”, explicou.

Ficamos escondidos e esperamos. Alguns minutos depois, os homens da polícia surgiram na esquina segurando fuzis enormes, que eram apontados para todo mundo que passava. Havia um grupo de crianças pequenas sentadas com a mãe — a mais velha não tinha mais que três anos —, e vi quando passaram e apontaram as armas bem na direção delas. Os moradores diminuíram o passo, mas continuaram caminhando. Os disparos que aconteciam por cima das nossas cabeças tinham cessado: me dei conta de que eram aquelas as armas que tínhamos ouvido antes. Quando um policial avistou Raull, apontou um dedo para ele, mas, ao perceber minha presença e a do intérprete — dois homens brancos que pareciam ter caído ali de paraquedas —, pareceu reconsiderar o que ia dizer.

Com bastante frequência, o Batalhão de Operações Especiais (o famoso Bope) entra na comunidade com o chamado Caveirão — um blindado equipado com uma torre giratória com alcance de 360 graus que consegue acertar tiros em qualquer direção. O símbolo oficial do grupo — pintado nas laterais dos tanques — é uma caveira gigante com uma faca atravessada de cima para baixo.

Quando a polícia foi embora, continuamos a caminhar pela favela. Ele me mostrou a casa onde viveu com sua mãe e brincou com seu amigo Fábio. Apontou para as paredes. Olhando de relance, as casas pareciam cobertas de acne. Em seguida entendi que eram buracos de bala. A polícia atira nas casas o tempo todo. Enquanto subíamos o morro, paramos em uma vendinha, um cômodo de concreto onde dá para comprar bebidas. Num canto, alguns homens jogavam em máquinas caça-níqueis iguaizinhas às que se viam em pubs britânicos nos anos 1980. Parei embaixo de um ventilador para sentir o ar estagnado circular.

Quando subimos mais um pouco, um grupo de senhoras abordou Raull para contar o que tinha acontecido. Enquanto escutava e tranquilizava aquelas mulheres, percebi que ele era importante, alguém que podia difundir para o mundo o que ocorria ali. O caminho que percorríamos seguia mudando, de acordo com as instruções do grupo de WhatsApp que informava os lugares a serem evitados.

E, então, finalmente chegamos ao topo do morro do Alemão, onde Raull empinara pipa com Fábio na infância, com uma vista exclusiva da cidade. Ao nosso lado, havia uma coisa que parecia uma espaçonave. Era, na verdade, o teleférico, que, inaugurado com grande pompa em 2011, funcionou por alguns anos, mas logo quebrou e hoje está abandonado. As laterais estão marcadas por sinais de bala. Em um dos lados havia o desenho do Pateta, personagem da Disney. Ninguém acredita que o teleférico voltará a funcionar. Na nossa frente, havia uma sede da UPP de onde vieram os tiros disparados na favela. Raull me explicou que as casas do entorno da UPP foram apropriadas pela polícia, que expulsou os antigos moradores. Uma corrente de ar quente soprou em nossa direção.

Perguntei a Raull se ele tinha medo. Ele pareceu pensar um pouco. “Todo o trabalho de comunicação que temos realizado é importante, porque alertamos a sociedade sobre os abusos que os servidores públicos estão praticando aqui. Mas o problema é que, ao expormos esses abusos, somos perseguidos pela polícia. Então é uma situação muito estranha... E isso só acontece nas áreas carentes, como as favelas, porque somos considerados piores, inferiores. E por quê? Essa é a pergunta que me faço muito. Por que não podemos denunciar os abusos que o Estado está cometendo? É assim: eu sou parte deste lugar e não posso fazer nada a respeito disso, preciso aceitar tudo calado.”

Ele me contou sobre o dia em que um menino de dez anos foi baleado na cabeça por um policial. A polícia fechou os dois lados da rua onde ocorrera o crime para que ninguém pudesse ver o que havia acontecido. Raull caminhou pelos telhados até que a cena do crime estivesse visível. Tirou

fotos. Postou as imagens no Facebook, tomando o cuidado de borrar a cabeça do garoto. Não queria que os familiares soubessem da morte da criança daquela maneira.

“Se deixássemos que a polícia dissesse que o menino foi o culpado pela própria morte, ele seria assassinado duas vezes. Primeiro matam o corpo, depois acabam com sua imagem”, disse Raull.

Ele pensou sobre aquilo em silêncio por alguns minutos, checou algumas mensagens no WhatsApp e disse: “Não dá para ficar só olhando isso acontecer”.

Caminhamos em silêncio pelos becos da favela até encontrarmos uma mulher de uns cinquenta anos chamada Adenize Moraes da Silva. Ela trabalhava em uma loja e nos conduziu ao fundo do estabelecimento para nos mostrar uma série de fotos. Eram imagens de vários estágios da vida de um homem: primeiro como um bebê redondinho, em seguida, um menino fantasiado de pirata e, depois, como um jovem rapaz, sem camisa e sorrindo para a câmera.

Ela contou que ficou muito apreensiva quando engravidou de Caio porque sofria de hipertensão. Mas ele nasceu saudável, aos berros, no dia 6 de abril de 1994. Disse que eram muito próximos, mostrando uma mensagem de texto dele na qual agradecia a Deus por tê-la como mãe. No dia 27 de maio de 2014, seu filho participou de uma manifestação contra a morte de um homem acusado de ser traficante. A polícia chegou para dispersar a multidão e “não quis nem saber em quem estava atirando, simplesmente atirou”, contou. Seu filho foi atingido no peito. Ela foi até a delegacia para prestar queixa. Os policiais riram dela.

Quando você cresce no Alemão, aprende que precisa conviver com isso. “Não há nada que se possa fazer — apenas manter a boca fechada, não dizer nada e esperar que nada de ruim aconteça com você”, disse Adenize. Por isso, era preciso que eu entendesse como era radical o que Raull e seu coletivo estavam fazendo. Ninguém ali desafia a polícia porque tem medo

dela. Antes deles, “pensávamos que os direitos humanos eram apenas uma coisa que se via na TV e que não se podia reivindicar. Mas, com eles, sei que posso lutar”. Ela processou os homens que mataram seu filho, amparada pelo coletivo de Raull. Depois da morte de Caio, “fiquei completamente perdida, mas eles me ajudaram e me mostraram uma forma de resistir”.

Julita Lemgruber, antiga diretora da Secretaria de Estado de Administração Penitenciária do Rio de Janeiro e hoje pesquisadora em segurança pública e uma das maiores ativistas contra a guerra às drogas no Brasil, me disse que, alguns anos atrás, durante um encontro de moradores do Leblon, o bairro com o metro quadrado mais caro do Rio, alguém apresentou a estatística de que as mortes realizadas por policiais tinham atingido um número recorde naquele ano. Houve uma salva de palmas espontânea.

Contei isso para Adenize, perguntando como ela se sentia com aquilo. Ela ficou em silêncio. Em seguida, afirmou: “Eles só aplaudiram porque não foi o filho deles. Foi o meu. Eles acham que nós somos vermes, mas somos gente. Eles usam estas palavras, dizem que somos ‘parasitas’. Acham que nós não somos nada”. E então seus olhos se inundaram de lágrimas.

Ela disse baixinho: “Fico muito triste por terem batido palmas para a minha desgraça”.

Fiquei desorientado pelo que vi no Alemão e em outras favelas que visitei depois, todas consideradas por investigações da Anistia Internacional e da Human Rights Watch como parte de um padrão muito mais amplo, espalhado pelo Brasil. Estive em muitos lugares do mundo e só consigo me lembrar de um único local onde a população civil é tratada dessa maneira em sua própria casa, diariamente, ano após ano: nos territórios ocupados da Palestina. Fiquei com a impressão de que os moradores das favelas se tornaram palestinos dentro de seu próprio país, sendo que a Cisjordânia brasileira fica a poucos minutos de carro de Copacabana. Mas me perguntei se não estaria perdendo algo importante para compor o cenário mais amplo;

queria entender melhor o outro lado da história. Desejava saber o ponto de vista da polícia. Por que as coisas chegaram a esse ponto?

Bruno Vieira de Freitas serviu como policial no Alemão por muitos anos, antes de ser transferido por discordar das ações realizadas lá. Ele concordou em me encontrar no centro do Rio para um café e acabamos conversando por horas. Falou em um tom baixo e ponderado, confirmando em grande parte tudo o que Raull havia me contado.

“Quando você luta na guerra às drogas, tudo isso é efeito colateral”, ele explicou, referindo-se à violência que testemunhou. A polícia é orientada a reprimir drogas e traficantes valendo-se da força. “A polícia está no Complexo do Alemão para alcançar um objetivo e ir embora. O objetivo era apreender armas e drogas e sair — ao fazer isso, [nos disseram] teríamos sucesso. Todas as mortes e tudo o que acontece nesse processo são efeitos colaterais, aceitáveis quando se está dentro de uma lógica de guerra.” Se crianças não conseguem ir para a escola — como acontece durante semanas com os tiroteios —, paciência. Se pessoas são mortas, paciência.

A polícia precisa atingir cotas de prisões, então simplesmente encarcera todos os jovens que possam ter algum envolvimento com o tráfico de drogas — e entram na favela atirando para pegá-los. “A polícia não é homogênea, mas, no geral, os agentes que trabalham nesses lugares não discutem a segurança da população. Falam apenas da sua própria dificuldade de trabalhar”, enfatizou.

Perguntei como a polícia fala em particular sobre quem mora no Alemão, e ele me falou que a resposta honesta seria impublicável. A abordagem policial é “principalmente fundamentada no ódio. Isso não é verdade para todos os policiais e todos os moradores, mas é muito difícil fugir disso”. Daí, ele repetiu, apontando com a cabeça para o gravador: “Existem coisas que não dá para publicar”. Geralmente, a polícia considera todos os moradores e seus familiares como inimigos.

Algumas noites depois, o ex-subsecretário de Segurança do estado do Rio, Luiz Eduardo Soares, me confirmou tudo isso. Ele explicou que, na prática, cada policial tem um “salvo-conduto para matar — sem sofrer nenhuma consequência”. A polícia trata a população como inimiga e atua “como se estivesse em guerra” contra boa parte dos civis. É assim que funciona no Rio, disse ele. “Eles precisam prender. E quem vão prender? A política antidrogas é seu instrumento — sua principal ferramenta.” Precisam prender alguém, então pegam quem está mais à mão. “A grande maioria dos que acabam presos é formada por jovens pobres e negros, de baixa escolaridade.” Na prisão, “precisam se organizar para sobreviver” e, assim, “desenvolvem uma carreira no crime. Dessa forma, gastamos dinheiro público para criar criminosos, ajudar o crime organizado e tornar a sociedade cada vez mais violenta, e estamos destruindo a vida desses jovens”.

Luiz Eduardo disse que é difícil ter ideia da escala desse quadro. O Brasil tem uma das maiores taxas de homicídio do mundo — 61 mil pessoas por ano, mais que todo o contingente de norte-americanos mortos na Guerra do Vietnã. (Mais tarde, eu enfim perceberia o papel das leis antidrogas nesse quadro.) Cerca de 71% dos mortos são negros. Apenas 20% dos homicídios são solucionados, mas essa taxa pode ter uma margem de erro grande — segundo algumas fontes, entre 5% e 8%, na verdade —, pois não existe uma base de dados nacional com esses números, sendo que apenas seis estados brasileiros conseguiram disponibilizar informações sobre o tema (Pará, Espírito Santo, Rondônia, São Paulo, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul). O Brasil tem a população carcerária que mais cresce no mundo desde 2002, e 30% dos encarcerados estão detidos por crimes relacionados às drogas, e muitos outros mais pela violência ligada à guerra contra as drogas.

Se desejamos entender por que os moradores do Leblon aplaudiram o anúncio de que as forças de segurança do Rio estavam matando mais que nunca, Luiz Eduardo Soares me disse que é preciso pensar nos “norte-americanos que comemoraram a morte de Osama bin Laden. Eles não veem esses caras como seres humanos, mas como inimigos. Inimigos da

civilização, da sociedade, da paz, que precisam ser exterminados. Dessa forma, a sociedade autoriza a barbárie. Essas coisas que você viu [no Alemão] não seriam possíveis se a sociedade não as aceitasse e autorizasse”.

Nos países que visitei — lugares tão diferentes como Noruega, Vietnã e Austrália —, a guerra contra as drogas travou batalhas entranhadas na história de cada nação. A guerra às drogas nos Estados Unidos, por exemplo, era uma extensão histórica de tentativas de reprimir a população negra e latina. Portanto, meu objetivo era descobrir o que estaria na base da guerra às drogas no Brasil. Soube que um jovem acadêmico chamado Dênis Petuco dedicou sete anos pesquisando os arquivos nacionais para sua tese de doutorado, em que recupera essa história. Marquei um encontro com ele num dia de sol inclemente no Rio.

A primeira lei de criminalização de drogas no Brasil que ele encontrou data de 1831, em circunstâncias muito específicas. O Rio de Janeiro tinha, na época, o maior contingente de escravos do mundo — o Brasil foi o último país das Américas a abolir formalmente a escravidão, em 1888. Um decreto foi emitido proibindo o uso da maconha, “em especial entre escravos negros, os quais seriam condenados a açoites e chibatadas”, Dênis me contou. “Era uma questão de controle social da população negra. Devia ser particularmente perturbador para os senhores ver os escravos se reunindo depois de um dia de trabalho extenuante para confraternizar em um ritual quase religioso em torno do uso de drogas.”

Desde o início, as leis de proibição às drogas foram modeladas para prevenir que uma população oprimida se reunisse, com o intuito de mantê-la desunida e desorganizada.

Ao pensar sobre isso, me lembrei de uma coisa. Quando desembarquei no Rio para fazer a pesquisa relativa a este capítulo, peguei um táxi em direção ao meu hotel, deixei minha bagagem na recepção e fui caminhar na praia de Ipanema. Lá, fui abordado por um homem que, vendo um europeu quase

albino caminhando pela praia, perguntou em tom confiante: “Ei, amigo, quer comprar um pouco de cocaína?”

Durante minha estada, frequentei lugares badalados no Rio. Notei que o uso de drogas é muito comum e abundante na sociedade brasileira — especialmente maconha e cocaína. As classes média e alta agem como se as drogas já estivessem descriminalizadas. Para elas, está. Quando as leis que regulam as drogas passaram por mudanças, em 2006, foi feita uma distinção na maneira de lidar com usuários e traficantes — mas havia uma pegadinha: o texto não estipulava uma quantidade mínima para diferenciar um do outro. A decisão final volta-se, então, para critérios subjetivos, ficando a cargo da autoridade policial e do juiz. Na prática, significa que, quando integrantes da classe média e alta são pegos com drogas, quase sempre são enquadrados como usuários, ao passo que os moradores das favelas quase sempre são classificados como traficantes.

Tentei pensar como seria se um dia a polícia chegasse à praia de Ipanema como faz todos os dias no Complexo do Alemão. Imaginei um tanque com o desenho da faca na caveira percorrendo as areias e atirando a esmo, acertando algumas pessoas, deixando as fachadas dos hotéis cheias de marcas de bala e ameaçando matar quem tentasse filmar essas atrocidades com o celular. Isso viraria notícia em todos os veículos da imprensa mundial. Mas, quando acontece no Complexo do Alemão, parece não merecer nem uma linha nos jornais.

Dênis descobriu em sua pesquisa que reforçar essa separação — entre a elite, com seus direitos humanos e segurança garantidos, e a maioria pobre, sem direito a nada — esteve no cerne das leis brasileiras a respeito das drogas desde o início. Em 1915, o representante brasileiro no Congresso Científico Pan-Americano, em Washington, D.C., afirmou que os negros queriam espalhar as drogas pelas Américas como uma vingança pela escravidão. Até uma década depois da derrubada do nazismo, o ministro da Saúde brasileiro publicou documentos oficiais explicando que o uso de drogas ameaçava a “eugenia da raça”. O medo que se sente da população

pobre e negra e a determinação de mantê-la no estrato mais baixo da sociedade orientam historicamente todas as posições oficiais a respeito das drogas no país.

Raull tinha me contado que já suspeitava disso. Ele organizou um projeto chamado Movimentos — Drogas, Juventude e Favelas e reuniu no Rio ativistas que pensassem dessa maneira, para exigir que o país encerre sua guerra às drogas. Em uma reunião do grupo, no Centro de Estudos e Cidadania da Universidade Cândido Mendes (Cesec), ele disse: “A guerra às drogas está ligada à permanência da desigualdade. Se você garantir os direitos básicos ao povo do Alemão, ao povo da Maré, não será bom para quem está no alto da pirâmide”. Se as favelas forem libertadas desse conflito, todos passarão a exigir uma melhor distribuição de riqueza no país. Então, a guerra às drogas faz com que as favelas permaneçam desunidas e aterrorizadas. E funciona. “Não é uma guerra contra as drogas”, Raull disse, olhando pela janela do 42º andar do prédio na direção de sua comunidade, é uma “guerra contra os pobres”.

Segui pensando a respeito disso enquanto conhecia partes diferentes do Rio de Janeiro e, depois, do país. A guerra às drogas é sempre usada como um pretexto para lutar outras guerras em todos os lugares do mundo — mas, no Brasil, o caso é tão extremo que parece um caricato. Um dia, eu estava no centro do Complexo da Maré bebendo uma Coca Zero com uma jovem ativista chamada Maíra Gabriel Anhorn. Ela me explicou que seu grupo de ativistas — formado principalmente por moradores da Maré — tenta trazer alguma mudança ao explicar para as pessoas que elas têm direito à segurança. A população entende muito bem que educação é um direito, que saúde é um direito, mas quando se trata de segurança, as pessoas ficam admiradas. Elas foram ensinadas a vida toda que essa sensação permanente de insegurança e essa violência extrema são necessárias porque fazem parte da guerra às drogas. O Estado precisava lançar uma campanha com base na violência. Isso tudo era necessário.

Maira descobriu que “todas as vezes que tentava criticar as operações policiais, a resposta era: ‘Mas é um lugar realmente sem segurança, tem muita gente vendendo droga.’ Para o povo daqui, é uma desculpa aceitável. É a *única* desculpa que torna essas operações violentas aceitáveis — porque existem pessoas aqui que compram drogas”.

A engenhosidade dessa guerra, Maira me falou, é que ela — sozinha — permite criar um conflito contra os pobres que o restante da sociedade, e até mesmo muitos dos pobres, vê como uma necessidade.

Eu pensei muito sobre essa frase — a de que é a “única desculpa” —, e ela acerta bem na mosca. Maira acredita que acabar com a guerra às drogas pode ser uma coisa boa por muitos motivos — um deles é que desconstrói a justificativa para a guerra que o governo trava contra a parcela mais carente da população. Deixa à mostra o que está realmente acontecendo e o motivo de isso acontecer. Assim que a lógica é exposta, fica mais fácil de ser combatida, concluiu ela.

No começo dos anos 1980, uma jovem juíza chamada Maria Lúcia Karam observou acusados de envolvimento com drogas serem levados, um após outro, até sua presença na corte. “Eu nunca gostei de nenhuma dessas drogas ilícitas, mas não podia entender por que alguém devia ser punido porque queria fumar maconha”, lembrou, quando nos encontramos. Ser forçada a aplicar punições severas em tantas pessoas por causa da maconha fez Maria Lúcia sentir que fazia parte de uma grande farsa — por isso, ela começou a ler e pesquisar sobre a guerra às drogas. Ao longo dos anos, à medida que via mais casos e que lia sobre os efeitos da proibição às drogas, começou a entender o que realmente acontecia no Brasil.

A guerra às drogas, ela disse, teve um papel fundamental em tornar o Brasil uma das sociedades mais violentas do mundo. Ela reuniu as opiniões de mais de quatrocentos policiais que lutaram nessa guerra, e eles estimam que, por baixo, metade de todas as mortes que acontecem no Brasil é resultado desse conflito — seja por facções que combatem rivais ou

aterrorizam as favelas, seja pela polícia que as combate, seja porque pessoas acabam no meio do fogo cruzado. O número de mortes chega a cerca de 30 mil por ano — o equivalente ao total anual de mortos durante a ditadura argentina, ou a uma guerra civil síria a cada década.

Para compreender como a guerra às drogas causa isso, Maria Lúcia me contou, durante uma conversa em sua casa, no Rio, que gosta de “usar o exemplo dos Estados Unidos durante a proibição ao álcool. Antes não havia pessoas armadas vendendo cerveja ou uísque, mas com a proibição passou a haver. Vamos, então, refletir sobre isto: qual é a diferença entre produção e fornecimento de álcool e produção e fornecimento de maconha e cocaína? A diferença é óbvia”. Ela acredita que, se as drogas fossem legalizadas, essa violência toda jamais teria acontecido. É claro que a “legalização não vai acabar de vez com toda a violência”, mas vai “dar fim a uma boa parte dela” — como aconteceu nos lugares que optaram por esse caminho.

A ideia de que é possível erradicar as drogas do Brasil é uma fantasia absurda, concluiu. “As leis criminais foram criadas por nós, e uma lei criminal não pode se sobrepor ou anular uma lei econômica. As leis econômicas são naturais. As leis penais são artificiais.” As drogas são usadas “desde o início da humanidade”, e as leis de repressão a elas “não podem fazer nada” contra isso. Mas a proibição é tentadora porque “é fácil dizer que o problema é o crack, que o problema é a cocaína — assim não é preciso investigar quais são, de fato, os problemas. Existe uma crença em um poder mágico das leis penais. As pessoas acreditam que, se você proíbe tudo, está resolvido. Se você prende alguém, está resolvido”.

Ela descobriu, como juíza, que essa situação convém a muita gente. “Nos bairros de classe média, o policiamento é normal, como em qualquer nação democrática. Mas nas favelas existe um Estado policial, uma ditadura.” Não existe um “império da lei” — ela chama a atenção, por exemplo, para o fato de juízes terem concedido mandado coletivo de busca garantindo a policiais o direito de invadir qualquer residência em uma comunidade enorme como a Maré, o que seria impensável em Ipanema. A guerra às drogas é a maneira

de justificar para o público esse tipo de atitude. “É evidente que esse é um instrumento muito poderoso de controle dos pobres, das favelas”, ela me explica, com um cigarro na mão. As UPPs “foram vendidas como a grande solução para a violência. Eram claramente uma forma de controle. Foi uma ocupação militar das favelas”.

Em abril de 2014, data do começo das operações da Força de Pacificação do Complexo da Maré, Maria Lúcia presenciou uma cena que resumia bem o que a deixava abalada. Ao substituírem parte do efetivo da Polícia Militar que ficava na favela, tropas do Exército e da Marinha entraram com tanques, metralhadoras, soldados e o apoio da polícia, mostrando seu domínio sobre pessoas como Raull. A data desse evento por pouco não coincidiu com o quinquagésimo aniversário do golpe militar de 1964 no Brasil. “Dilma ainda era a presidente, e nem mesmo ela ou as pessoas de esquerda pensaram nessa coincidência”, disse Maria Lúcia, balançando a cabeça com incredulidade.

Ela viu na corte como as forças da lei falam sobre as comunidades pobres: “É como uma guerra na qual se conquista um território inimigo. Eles até mesmo hasteiam uma bandeira do Brasil como símbolo da ocupação”. Por que, na opinião dela, isso acontece?, perguntei. “Acho que é para perpetuar a desigualdade, manter nessa posição aqueles que têm o potencial de desafiar o sistema econômico, de inverter o sistema social. O pretexto é a violência... mas acho que a ideia é controlar gente ‘indesejável’”.

Depois de se dar conta de tudo isso, Maria Lúcia se tornou uma figura central no estabelecimento, no Brasil, do braço da Law Enforcement Against Prohibition (Agentes da Lei contra a Proibição, Leap na sigla em inglês) — um grupo de agentes e ex-agentes da lei que lutam pelo fim da guerra às drogas. A organização conta com mais de quatrocentos membros, 90% deles ainda na ativa, e sua motivação para exigir essa mudança é que os policiais “matam, mas também são mortos, e percebem que isso não funciona”. Eles são obrigados a matar e a morrer por causa de um desastre. Desde que começaram a se organizar, ela tem visto o debate mudar de tom. “Se você

pensar em vinte anos ou até mesmo dez anos atrás, não haveria essa discussão. Hoje se fala sobre isso. Existem muitas organizações que defendem uma reforma nas leis relacionadas às drogas.”

Maria Lúcia me contou que algumas pessoas dizem que superar a guerra contra as drogas é muito bom para países desenvolvidos como a Suíça e Portugal, mas não é relevante para um país como o Brasil. “Acho que é *até mais importante*” aqui, disse ela, projetando-se para a frente e movendo o cigarro no ar. “Porque na Suíça ou em Portugal não há violência.” Não há quase 30 mil pessoas morrendo todos os anos. Em que outro lugar poderia ser mais urgente acabar com esse conflito do que no Brasil?

No país, vi alguns dos piores aspectos da guerra contra as drogas, que não testemunhei em nenhum outro lugar. E, mesmo assim, no meio de tudo isso, descobri algo surpreendente: que o Brasil tinha, ao mesmo tempo, achado um caminho para solucionar esse problema. De fato, o Brasil assumiu um pioneirismo admirável entre os países em desenvolvimento, trazendo bons resultados com a implementação de um programa municipal. Soube dessa iniciativa ao visitar a Cracolândia, situada em alguns quarteirões da região central de São Paulo.

As pernas de Carmen Lopes tremiam de terror. Ela manteve suas costas firmemente apoiadas na parede e caminhou devagar. Era seu primeiro dia de trabalho como assistente social na Cracolândia, no verão de 2013, e ela esperava encontrar a imagem difundida pela mídia daquele lugar, o lixo do lixo — a escória de São Paulo jogada nas ruas. Muito tempo antes, aquele havia sido um dos bairros mais caros do país, mas, na época da chegada de Carmen, no asfalto das ruas e nos terrenos baldios viam-se lonas estendidas como em um campo de refugiados. Dentro das tendas improvisadas, pessoas em situação de rua fumavam e comercializavam entre si pedrinhas de crack. Mulheres com os rostos magros tentavam vender o próprio corpo,

e um cheiro de chorume e fezes pairava no ar. Era a maior concentração de crack do Brasil.

Até hoje, assistentes sociais abordam os dependentes químicos seguindo o padrão da polícia: é comum agredirem e até mesmo espancarem os adictos que têm recaídas, gritando: “Não é assim que se faz!”. Os dependentes recebem a orientação de interromper o uso imediatamente, sendo às vezes tirados à força das ruas e levados para centros de internação, onde são humilhados e acusados de ser pecadores. A polícia diversas vezes chegou a entrar na área jogando bombas de gás lacrimogêneo e atirando balas de borracha para dispersar os usuários — que acabaram se concentrando a algumas quadras dali. O nome oficial desse tipo de estratégia policial é “dor e sofrimento”, pois é esse o efeito causado por esse tipo de ação. Outra operação realizada pela Polícia Militar de São Paulo foi chamada de “saturação” e tem por objetivo remover à força usuários de droga espalhados nos arredores da região da Luz.

Por tudo isso, os usuários apenas encaravam Carmen. Tinham aprendido a não confiar nas autoridades. Não queriam falar com ela.

Mas Carmen e seus novos colegas estavam prestes a se redimir com algo muito diferente e que teria um efeito impressionante.

Trinta anos antes, um jovem psiquiatra chamado Dartiu Silveira, que trabalhava em um pronto-socorro de São Paulo, percebeu que toda vez que alguém com um problema de dependência química chegava lá, os psiquiatras e os outros médicos não tinham ideia do que fazer com a pessoa. Viam-nos como fracassados que não mereceriam muito cuidado. Dartiu sabia instintivamente que aquilo estava errado. Não muito tempo depois, criou o primeiro centro de apoio para a dependência química da cidade. Naquele lugar, começou a experimentar uma abordagem inovadora e muito diferente do que era feito em lugares como os Estados Unidos.

Um dia, durante o jantar, ele me contou ter notado que “a maioria das pessoas que fazem uso de drogas, seja álcool, maconha ou cocaína, não se

vicia”. Por isso, começou a se perguntar: “Por que existe uma minoria que fica dependente? O que acontece com essas pessoas? É possível usar drogas de forma controlada — o chamado uso recreativo. Então, por que algumas pessoas perdem o controle?”. Ele começou a acreditar — sem ter acesso à pesquisa do canadense Bruce Alexander, que criava o Rat Park mais ou menos ao mesmo tempo — que essas pessoas tinham um “problema de conexão”. Dartiu observava isto em seus pacientes dependentes: eles usavam drogas compulsivamente para lidar com uma profunda dor interna. Então, desde os anos 1990, com o surgimento de locais como a Cracolândia, ele passou a conversar com seus frequentadores e, desses diálogos, concluiu que ali também havia “problemas de conexão”.

No Brasil acreditava-se que esses usuários iam parar na rua porque eram dependentes. Mas e se, Dartiu se perguntou, acontecesse o contrário — e se essas pessoas se tornaram usuárias problemáticas porque eram profundamente infelizes e estavam tentando se sentir melhor? “Se o uso de drogas é a consequência, precisamos investigar as causas”, ele me explicou, e lidar com isso. Era o primeiro vislumbre de uma abordagem totalmente diferente.

Ele defendeu essa teoria com paciência durante décadas, sendo considerado louco por seus colegas. Mas, em 2013 — bem quando Carmen começou seu trabalho —, Dartiu propôs fazer um experimento. Ele foi falar com o então prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, para sugerir que, em vez de oprimir ainda mais essas pessoas que já sofriam, a cidade lidasse com as causas desse sofrimento para reduzir os danos provocados pela dependência química. Com apoio e verba da prefeitura, ele ajudou a organizar o programa De Braços Abertos. O princípio era simples: criar uma relação com os dependentes em situação de rua. Em vez de tentar convencê-los a parar de usar, foi-lhes oferecido um lugar para viver onde não seriam julgados, onde teriam comida e compaixão, para ver se, com a melhora de vida, o consumo caótico de drogas seria reduzido.

Fazendo parte do quadro de assistentes sociais da prefeitura, Carmen começou a implementação do programa. Ela estava insegura — ninguém jamais tinha tentado nada assim no Brasil, ninguém sabia se funcionaria. Mas eles começaram a abordar as pessoas, oferecendo quartos em hotéis do bairro que antes estavam abandonados e foram alugados pelo programa. Os que moravam na rua se mantiveram céticos — pensavam que era um truque ou uma armadilha. Se o programa insistisse em que ficassem abastêmios, Carmen me disse, ninguém participaria. Mas quando eles souberam que poderiam usar drogas — e que não seriam julgados por isso —, foram, aos poucos, ver os quartos.

A partir do momento em que passaram a morar ali, o programa começou a oferecer trabalhos remunerados a quinze reais por dia trabalhado — primeiro, na varrição de ruas e limpeza das praças, depois em uma série de outras funções. Uma mulher chamada Otília tinha vivido nas ruas por 45 anos. Seu rosto era o mais marcado com linhas e rugas que eu já tinha visto: ela parecia um rio seco no deserto. Carmen queria que ela voltasse a ter uma casa, o que não ocorria desde a década de 1960. Ela não estava interessada. Recusou-se a ouvir. Mas, aos poucos, à medida que Carmen continuou voltando, ela concordou em dar uma olhada em um quarto. E, então, aceitou passar uma noite lá. Alguns meses depois, reconheceu seu filho, que não encontrava havia anos, hospedado no mesmo hotel.

Gradualmente, os moradores de rua começaram a desmanchar seus barracos e a chamar os quartos do hotel de casa. O diferencial, segundo Carmen, era colocar o mínimo de pressão sobre eles — para que soubessem que aquele era seu espaço e que lá estariam seguros.

Conforme Carmen foi conhecendo melhor os moradores da Cracolândia, percebeu que eles eram obcecados por duas coisas. A primeira era que o mais importante para eles eram seus cachorros. Eles falavam sobre seus cães e seus filhotes o tempo inteiro — adoravam tanto seus animais que as necessidades dos bichos vinham em primeiro lugar. Quem morava na

Cracolândia geralmente passava fome, mas os cachorros não. Em todos os lugares pelos quais passei, vi cachorros bastante saudáveis.

Eles eram também obcecados por algo inesperado: o respeito pelos mortos. Até o início das atividades do De Braços Abertos, se alguém morresse na Cracolândia, quase sempre seria enterrado como indigente. Como aquela vida tinha sido ignorada, na morte a pessoa continuaria sendo ignorada, para depois ser esquecida. Eles achavam essa ideia insuportável, a de que a vida de seus amigos não importava, o que significava que, no final, a vida deles também não era importante. Eles apodreceriam na obscuridade. Mas, assim que os dependentes químicos conseguiram assegurar um local de residência, começaram a realizar vigílias sempre que alguém morria, saíam às ruas entoando músicas e, então, passaram também a protestar e a coletar dinheiro para que os mortos pudessem ter uma sepultura com identificação.

Para quem trabalhava ali, num primeiro momento foi difícil não julgar os dependentes de crack. “Quando você chega para trabalhar aqui, precisa vir sem nenhum tipo de preconceito ou julgamento, porque precisa estar aberto de verdade e não condenar quem vive aqui”, disse Carmen. Mas, conforme convivia com aquelas pessoas, percebia que eram exatamente iguais a ela — com esperanças, sonhos e medos. Havia um homem chamado Jamaica que a ameaçou e insultou na primeira vez em que ela o convidou para viver em um dos hotéis. Contudo, ao notar que as autoridades — pela primeira vez em sua vida — estavam ali para ajudá-lo, e não maltratá-lo, acabou dizendo a Carmen que ela se parecia com a mãe dele, “uma pessoa que trabalhava muito, uma mulher forte, muito guerreira”.

Muitos dos habitantes da Cracolândia começaram a chamar Carmen de “mãe”. Enquanto caminhava ao seu lado por aquelas ruas, ela acariciava os rostos das pessoas, que se levantavam para abraçá-la.

O De Braços Abertos — e sua política de oferecer acolhimento incondicional — liderou uma inovação na política de drogas que nenhuma outra nação como o Brasil já tinha ousado fazer. Uma verdadeira revolução,

causada, em parte, por um acidente histórico. Na Europa, os surtos de uso de drogas nos anos 1980 e 1990 tiveram como foco principal a heroína. Esses países aprenderam, com o tempo, a minimizar muitos dos problemas associados a essa droga. Essa abordagem ficou conhecida como “redução de danos”, consistindo, na maior parte das vezes, no fornecimento de agulhas descartáveis e no acesso a outras drogas, como a metadona. Mas, no Brasil, a heroína nunca chegou em grandes quantidades — o problema sempre foram a cocaína e o crack. Não havia nenhuma prática semelhante, como distribuir agulhas e fornecer metadona. Foi necessário, então, repensar o que a redução de danos significaria aqui, em um país pobre em meio a uma epidemia de crack. Em vez de pensar que o objetivo da redução de danos é minimizar os *sintomas* da dependência química, como a Europa e os Estados Unidos tinham feito, brasileiros como Dartiu e Carmen começaram a pensar em como minimizar as *causas* do vício — a dor profunda que faz com que as pessoas queiram ficar inconscientes.

Depois de funcionar por alguns anos, o De Braços Abertos recebeu a primeira validação acadêmica do programa, patrocinada pela Open Society Foundations (OSF). Descobriu-se que a maioria das pessoas que participavam desse projeto já tinha passado por algum outro programa de tratamento fundamentado na abstinência, por vezes de fundo religioso, mas que não havia funcionado. No entanto, assim que começaram a participar do De Braços Abertos, cerca de 65% dos 467 beneficiários reduziram o consumo de crack. Mais da metade deles voltou a ter contato com suas famílias — geralmente depois de muito tempo — e 73% trabalharam em alguns dos serviços oferecidos pelo programa. “Muitas pessoas, apenas por terem recebido um alojamento e comida, pararam de usar drogas”, explicou Dartiu. “Isso ficou muito claro.” Muitos outros reduziram o uso e se estabilizaram. Para ele isso mostra que “o abuso de drogas é um sintoma, uma consequência de alguma coisa que não está indo bem. Não é a causa do problema”.

Perguntei a muitos usuários que moram na rua por que eles usam drogas. Falei com eles nas “cracolândias” da favela da Maré e de São Paulo, além de entrevistar pessoas num abrigo para menores abandonados mantido pela organização Viva Rio. Logo notei que havia um tema em comum.

Em um abrigo, encontrei um garoto sorridente de dezesseis anos chamado André Luiz Bandeira; no pescoço, tinha uma tatuagem com o nome da namorada, Larissa. Ele era muito inquieto, não conseguia ficar sentado — tanto que me lembrou o Tigrão, personagem do Ursinho Pooh. André me contou que vivia sozinho na rua desde os oito anos de idade. Não queria ser controlado pela mãe, e quando perguntei mais sobre o assunto, parecia não querer falar disso. Quando vivia na rua, cheirava cola compulsivamente. Perguntei como ele se sentia ao fazer aquilo. “Usava para ficar mais calmo. Eu me sentia perturbado, então usava drogas para me acalmar... Quando estava cheio de ódio, usava, então melhorava”, ele explicou. Mais tarde, ao falar de novo sobre isso, disse que se drogava porque “era um alívio, evitava que algo pior acontecesse”.

Esses meninos de rua que usam drogas nunca ouviram falar das teorias de Dartiu, mas quase todos eles, quando eu perguntava sobre drogas, falavam coisas assim. Fiquei com a impressão de que, longe de ser uma patologia irracional, o uso de drogas tinha uma função óbvia: era uma forma de escapar de uma realidade insuportável. Com isso, lembrei o que a roqueira britânica Marianne Faithfull disse sobre o período em que viveu nas ruas de Londres, nos anos 1960: “A heroína salvou a minha vida”, porque, sem ela, “eu teria me matado”.

Pensei sobre o que André me disse — que usava drogas para “evitar que algo pior acontecesse”. Enquanto refletia sobre isso, lembrei-me de um episódio da história britânica. No século XVIII, um enorme contingente de pessoas saiu das regiões rurais para se instalar em áreas degradadas e imundas de grandes centros urbanos como Londres e Manchester. Essas pessoas haviam perdido tudo o que dava significado à vida delas. E isso foi acompanhado de uma epidemia de alcoolismo. Muita gente começou a

beber gim compulsivamente, o que ficou conhecido como “*gin craze*” [loucura do gim, em tradução livre]. O que se disse na época foi que o gim era maligno e que as pessoas eram dominadas por ele. Se conseguissem acabar com o gim, o problema seria resolvido. Uma famosa gravura da época, *Gin Lane*, de William Hogarth, mostra uma mãe, bêbada de gim, deixando seu bebê cair do colo.

Hoje, em retrospecto, a conclusão inevitável é que não foi o gim que causou a crise. Qualquer pessoa na Inglaterra pode hoje comprar gim, ninguém fica largado na sarjeta, bêbado, enquanto o filho cai no chão. O que aconteceu é que as pessoas tinham motivos para estar profundamente angustiadas — eram maltratadas, não recebiam o que todo ser humano necessita para ter uma vida decente. Assim, se anesthesiavam com a melhor substância que podiam encontrar — naquele caso, o gim.

Para André, era a cola. Quando caminhei pela Cracolândia, notei uma mulher transgênero de trinta e poucos anos andando com uma postura perfeita, como se estivesse desfilando na Semana de Moda de Paris. Fui falar com ela. Seu nome era Yasmin. Quando disse que era jornalista, ela pediu que tirasse uma foto. Expliquei que não tinha uma câmera e ela ficou, de repente, muito angustiada, pegou um pedaço de vidro e o pressionou na região da barriga, que era cheia de cicatrizes. Yasmin tremia. Não sei o que causava tanta dor nela, mas percebi que usava crack para tentar diminuir esse sofrimento.

Uma hora depois, Carmen e eu estávamos no meio da Cracolândia, com pessoas ao nosso redor circulando e discutindo. Um cachorro veio cheirar meu pé. Alguns vinham até Carmen para abraçá-la e chamá-la de “mãezinha”. Um dos usuários, ao saber que eu era britânico, fez uma elaborada mesura e disse, em inglês: “*My lord*”. E, então, soltou uma risada gostosa.

Carmen me olhou e disse que tinha visto um debate on-line no qual falei sobre o Rat Park. Ela disse que, quando está naquelas ruas, pensa muito sobre os ratos. Faz anos que ela vem tentando entender a dependência

química — e acredita que o experimento de Bruce Alexander revela algo crucial sobre o Brasil. Não muito tempo antes, contou, na ocasião do Dia da Mulher, convidaram vinte usuárias para ir até um salão com cabeleireiros e maquiadores, onde também puderam escolher o que queriam vestir. Queriam dar um descanso para as mais vulneráveis. Primeiro, Carmen ficou preocupada, achando que elas talvez não conseguissem se concentrar — uma delas tinha cheirado cola naquela manhã. Mas, então, notou algo interessante. Quando as mulheres estavam no salão — sendo bem tratadas, recebendo atenção e sendo prestigiadas —, não falaram de drogas nem uma vez. Era como se fosse irrelevante. “Pensei muito sobre a jaula, sobre o que poderíamos oferecer além do básico... Quanto mais nós oferecemos, menos elas procuram a droga”, Carmen me disse.

O De Braços Abertos iniciou essa mudança — mas todos ali sabiam muito bem que era apenas o primeiro passo de um experimento.

Depois de ir embora da Cracolândia pela última vez, caminhei um pouco e, a apenas algumas quadras, fiquei admirado ao ver que havia restaurantes com ar-condicionado, teatros e grandes estátuas de ferro que pareciam saídas de Viena. De repente, estava em outro país. Enquanto caminhava por esse lugar, os representantes desse outro país já tinham começado a agir contra o De Braços Abertos.

Em 2016, São Paulo elegeu como prefeito João Doria, que havia ficado famoso por apresentar um reality show e venceu as eleições com o discurso de que não era político. Ele descreveu a população de rua como “lixo vivo”, em uma nítida alusão à Cracolândia, e declarou que iria limpá-la. Nos primeiros meses de seu reinado, as coisas permaneceram estranhamente paradas. Começou a retirar a verba do De Braços Abertos — a maior parte da equipe foi demitida; assim, os viciados em crack foram deixados nos hotéis sem assistência. E então, seis semanas depois da minha passagem pela Cracolândia, quinhentos policiais militares chegaram lançando gás lacrimogêneo e balas de borracha, expulsando todo mundo. Depois vieram

escavadeiras e demoliram tudo. Durante a operação, uma escavadeira atingiu a parede de uma pensão, ferindo três pessoas.

“Não haverá mais pensão, hotel, nenhum tipo de acomodação desse tipo, como existia anteriormente”, declarou Doria. “Toda a área será reurbanizada, os hotéis serão fechados e a área passará por amplo projeto de restauração.” Então Otilia — a mulher que ficou sem ter onde morar por 45 anos, antes que Carmen a acolhesse no hotel — foi jogada de volta às ruas, assim como seu filho e todos os outros participantes do De Braços Abertos.

Doria disse que seriam oferecidas duas alternativas para quem estava ali. A primeira delas, um programa de emprego, através do qual as dependentes poderiam trabalhar em redes de fast-food. Havia cem vagas para as 20 mil pessoas em situação de rua em São Paulo. Quanto ao resto, ele queria forçar as pessoas a frequentar programas de abstinência, através dos quais seriam submetidas a sermões sobre a necessidade de confrontar suas próprias “falhas morais”. Mas a maioria delas *já tinha* passado por programas semelhantes, sendo que os sobreviventes com os quais falei descreviam, com frequência, que essa experiência os deixou ainda mais traumatizados, porque os humilhava.

Tudo o que Carmen, Dartiu e seus colegas tinham construído com tanto cuidado — um corajoso avanço na forma como pensamos a dependência química, com lições significativas para o mundo — foi destruído.

Quando meu voo decolou do Brasil, pensei sobre as duas forças que estiveram em conflito no país. No Complexo do Alemão, vi um braço do Estado brasileiro determinado a usar as drogas como pretexto para oprimir violentamente os mais pobres. No De Braços Abertos, vi um braço do Estado brasileiro tentar o exato oposto, superando a guerra às drogas, oferecendo compaixão, amor e apoio para pessoas que sofrem, permitindo, assim, que transponham seus problemas. Era um embate entre o viés autoritário e o democrático da sociedade brasileira. O futuro depende muito

de qual dessas correntes sairá vencedora, percebi ao afivelar meu cinto de segurança.

Pensei em Fábio, o amigo de Raull, coletando latas para conseguir comprar remédios para sua irmã, e em como foi assassinado a tiros apenas um ano depois. Pensei em Raull, pulando de telhado em telhado para encontrar o melhor ângulo para fotografar o corpo de um menino de dez anos que tinha sido morto pela polícia, porque acreditava que alguém precisava mostrar o que estava acontecendo. Pensei em Yasmin, a mulher trans cheia de cicatrizes que conheci em uma caminhada nas ruas da Cracolândia, tão carente e agora lançada à própria sorte.

E pensei em como tudo isso faz com que quase 30 mil pessoas sejam mortas por ano no Brasil — até que, um dia, a corrente mais racional e solidária da sociedade finalmente prevaleça. O avião trepidava com a turbulência; abaixo de mim, conseguia ver uma série de favelas e me perguntei quem estaria morrendo ali naquele momento.

Epílogo: Se você estiver só

Chegava a discar o número do telefone deles, mas acabava desligando antes que atendessem.

Em meio às viagens, voltava a Londres e sabia que deveria procurar as pessoas cujas adições me motivaram a seguir por esse caminho: a minha parente e o meu ex-namorado. Mas algo em mim me impedia de contatá-los. Não estava preparado — apesar de tudo o que tinha visto — para finalmente resolver o conflito interior entre o proibicionista e o legalizador. Por isso, me mantinha ocupado com outras coisas.

Ao relembrar todas as pessoas com quem cruzei nessa jornada e que haviam perdido entes queridos para a guerra às drogas, imaginava o seguinte:

Duas guerras mundiais começaram em 1914. A Primeira Guerra Mundial durou quatro anos. Tornou-se um símbolo de futilidade: milhares de jovens morrendo para conquistar alguns metros de território enlameado. A guerra às drogas já dura mais de cem anos e não acaba nunca.

Fico tentando imaginar as vítimas desse conflito deitadas ao lado das que morreram na Primeira Guerra, concentradas em um enorme cemitério.

Quem estaria ali, embaixo das lápides anônimas?

Billie Holiday e todas as músicas que ela não cantou.

Os pacientes da clínica de Edward Williams, que deveriam ser afogados porque “só serviriam para isso” na visão dos agentes de Anslinger.

Arnold Rothstein, com seus dentes brancos falsos e a ameaça de que, se ele morresse, seus capangas se vingariam.

A mãe de Chino, Deborah Hardin.

Ed Toatley, o agente infiltrado que levou um tiro na cabeça de um traficante, motivando a policial Leigh Maddox em sua luta contra a guerra.

Tiffany Smith, que levou um tiro na varanda de casa sem nem ao mesmo saber o que são drogas.

Marcia Powell, presa em uma jaula, onde torrou embaixo do sol.

Todos os corpos velados por Juan Manuel Olguín, cujas asas de anjo tremulam na brisa de Ciudad Juárez.

Todas as pessoas que Rosalio Reta torturou e matou para os Zetas.

Com o tempo, provavelmente o próprio Rosalio Reta.

Marisela Escobedo, que caminhou pelo deserto e pelas tempestades de areia para procurar o assassino de sua filha, para no final descobrir que não havia mais lei no México.

Os amigos de Bud Osborn, que morreram de overdose nos lixões de Montreal, antes de organizar sua revolta.

Julia Scott, a jovem mãe de Liverpool que disse que morreria se não recebesse mais receitas para tomar heroína — e foi o que acabou acontecendo.

Os pacientes de João Goulão no Algarve, mortos antes que ele fizesse Portugal descriminalizar as drogas.

Para cada uma dessas pessoas existem outras dezenas de milhares que nunca conhecerei e cujos nomes nunca serão registrados.

Eu me forcei a tocar a campainha. Sabia que meus entes queridos ainda não estavam nesse cemitério — teria sido avisado se isso tivesse ocorrido —, mas não sabia se eles estavam caminhando para lá.

Minha parente estava em seu sofá e sorriu. Fazia um ano que não usava drogas e trabalhava, como me contou freneticamente, em uma linha de apoio para adictos, todos os dias, numa jornada diária de dez horas. Percebi que ela, por vezes, ainda tinha dificuldade de se manter presente. Mas estava viva e progredia.

Pouco tempo depois, numa tarde encontrei meu ex, no café da British Library. Estava claramente livre das drogas, tinha o rosto corado e estava mais encorpado. Frequentava o Narcóticos Anônimos todos os dias, e fazia um ano que não usava nada. Antes, ele só falava sobre sua adição na defensiva — para mim funciona, então não enche o saco — ou em surtos de autocomiseração: sou um idiota, estraguei minha vida. Agora se expressava de maneira mais reflexiva. Contou que usava drogas para aguentar as dores de experiências que teve na infância, que eram insuportáveis.

Então comecei a rascunhar um final feliz para esta história. Alguns meses depois, ele me mandou uma mensagem de texto explicando que tinha tido uma recaída. Segundo me disse, precisava de drogas que fossem mais rápidas que sua dor. Estava em uma boca de crack no leste da cidade.

Nossa cultura — através de filmes e programas de TV — me ensinou a agir em situações como essas fazendo uma intervenção, em que o dependente é confrontado, humilhado para que veja como errou e ameaçado de ser expulso da vida das pessoas conhecidas se não procurar ajuda e parar de usar. É a lógica da guerra às drogas aplicada na intimidade. Já tinha tentado essa tática muitas vezes. Elas sempre falharam.

Agora via por quê. Meu ex lidava com sua infância traumática se desligando de tudo ao seu redor. Ele se voltava para as substâncias químicas porque não conseguia se conectar com um outro ser humano por muito tempo. Então, quando eu ameaçava excluí-lo da minha vida — encerrando uma das poucas coisas que funcionavam afetivamente para ele e para mim —, ameaçava aprofundar sua dependência.

O desejo de julgar tanto a ele e minha parente quanto a mim mesmo parecia ter passado. As antigas vozes de julgamento e repressão foram

rebaixadas a sussurros. Disse para ele me ligar a qualquer momento e que eu iria com ele a encontros dos Narcóticos Anônimos. Se ele tivesse vontade de usar, garanti que ficaria ao seu lado até que o desejo passasse. Não ameacei cortar nossa relação, me comprometi a aprofundá-la.

Enquanto escrevo isto, ele está desmaiado na cama de hóspedes da minha casa. Nas últimas semanas, tem usado crack e heroína quase todos os dias: tem medo de perder o emprego, então quer quebrar esse padrão. Ele me pediu ontem para dormir aqui por um tempo para tentar aguentar as primeiras 48 horas sem usar nada. Depois disso, ele diz, fica mais fácil. Talvez fique. Acabei de olhar para ele, deitado, com o rosto mais uma vez pálido e, enquanto passo a mão em seu cabelo, entendi uma coisa pela primeira vez. O oposto da adição não é a sobriedade. É a conexão. É tudo o que posso oferecer. É tudo o que vai ajudá-lo no final. Se você estiver só, não dá para escapar da adição. Se você for amado, tem uma chance. Por cem anos cantamos músicas de guerra sobre adictos. Mas devíamos estar entoando canções de amor.

Uma única coisa tem o potencial — mais do que qualquer outra — de acabar com essa tentativa de cura: a guerra às drogas. Se as pessoas que amo são pegas pela polícia durante uma recaída, fichadas e consideradas não empregáveis, fica ainda mais difícil para elas criarem conexões com o mundo. Aqui não é o Arizona, ou a Rússia ou a Tailândia: o risco de um branco de classe média ser pego é baixo. Mas ainda acontece: na Grã-Bretanha, 24 mil pessoas nessa condição são advertidas ou incriminadas por posse de maconha, sem contar outras drogas.

E se isso acontecer? Elas estarão perdidas, como ocorreu com várias pessoas que conheci ao longo do caminho.

Estou aprendendo a aplicar essa lição em mim mesmo. No passado, quando me voltei para as pílulas, fiquei com vergonha e tentei reprimir esses sentimentos. Isso só me deixou mais propenso a usar. Ainda existem dias em que tenho vontade de anular todos esses sentimentos. Quando isso acontece, tento me lembrar do que aprendi com Bruce Alexander e Bud Osborn. Você

não precisa de uma substância química, precisa de uma companhia. Então procuro quem eu amo, converso e escuto essas pessoas. Tento o máximo possível estar presente naquele momento, não em algum lugar do passado ou do futuro. Descobri que, até agora, a vontade vai embora com o passar do tempo.

Deixei de travar uma guerra contra as drogas na minha cabeça. Estou ciente de que esse é um privilégio meu como um homem branco de classe média da Europa ocidental, onde o pior desse conflito não se voltou para pessoas como eu. Fico pensando em quem conheci que não teve esse privilégio, por causa da cor da sua pele ou porque nasceu no lugar errado. Isso não é certo. Não precisava ser assim — e não precisa ser.

Nos anos 1930, Harry Anslinger reviu seu apoio à proibição do álcool. Ele escreveu: “A lei precisa aceitar os fatos. A proibição nunca terá sucesso através da promulgação de uma simples lei que os americanos consideram odiosa. A sobriedade por opção é muito melhor do que a condição atual de ser obrigado a ficar sóbrio”. Se essa lógica fosse aplicada a outras substâncias, a guerra não teria feito tamanho estrago.

Um dia depois do Natal de 2013 o afilhado de Billie Holiday, Bevan Du y — a quem ela deu de mamar dizendo “este é meu filho, porra!” —, estava em uma clínica de San Francisco. Ele era responsável por ajudar pessoas em situação de rua da cidade e estava lá para dar apoio a um adicto em heroína em abstinência e que tinha acabado de ser retirado do seu programa de metadona. Ele disse a Bevan que queria arrancar a pele do próprio corpo porque não aguentava mais ficar sem a droga.

Aos quatro anos de idade, Bevan viu policiais se recusarem a deixar que seus pais vissem Billie Holiday em seu leito de morte. Assim que pararam de lhe dar metadona, ela morreu.

Bevan olhou a clínica e todas as pessoas que estavam ali em um estado parecido. “Já se foram 65 anos dessa guerra e eu estou aqui encarando essas

peças cuja vida é tão vazia”, ele me disse. “Tudo o que podia fazer era pensar: onde viemos parar depois de todos esses anos?”

Há dias em que a batalha contra a repressão às drogas parece chegar a uma encruzilhada. Mas quando penso em perder a esperança me lembro de outras coisas. Em seu discurso de posse do segundo mandato, Barack Obama falou que a revolta de Stonewall foi “um dos grandes momentos na história americana”. Ouvindo suas palavras, imaginava estar com aquele grupo de drag queens e gays na noite de junho de 1969 na frente do Stonewall Inn, em Greenwich Village, enquanto a polícia lançava bombas de gás lacrimogêneo contra eles, que também eram espancados por policiais — pessoas como eles sempre foram agredidas dessa forma.

Eles faziam parte de uma das minorias mais desprezadas do mundo. O ódio por esse grupo se encontra em todos os principais textos religiosos e nas leis de todos os países do mundo. Até em uma cidade liberal como Nova York eram vistos como párias, e quem via os manifestantes sentia asco. Esse levante foi um grito de desespero — dirigido para a escuridão.

“Escutem”, eu me imaginava dizendo naquela noite. “Vocês não acreditarão em mim agora, mas daqui a 45 anos, um presidente negro falará em seu discurso de posse que o que estão fazendo hoje é um dos momentos mais importantes da história dos Estados Unidos. Essa frase será ovacionada. Haverá 1 milhão de pessoas, na maioria heterossexuais, aplaudindo vocês de pé. Vocês triunfarão. Vai acontecer devagar, pouco a pouco, e haverá períodos longos em que parecerá que estão perdendo. Mas vocês vão ganhar essa discussão. Vocês triunfarão.”

Pareceria ficção científica, mas muitos dos que participaram da rebelião de Stonewall viveram para ver esse momento. Aconteceu durante o tempo de uma vida humana, porque começaram de um ponto e lutaram por aquilo em que acreditavam.

Se tivessem se dispersado, como indivíduos isolados e desesperados, nada teria mudado. Se tivessem esperado que os políticos de Washington

enxergassem o óbvio, estariam esperando até agora. Em vez disso, eles se uniram — encontrando-se uns aos outros, nervosos, pois isso significava arriscar sua liberdade e sua reputação — e depois saíram para a rua para convencer as pessoas, enfrentando o preconceito e o ódio, até que, devagar, transformaram a cultura e o mundo.

Quando falamos sobre acabar com a guerra às drogas, somos um pouco como os ativistas gays de 1969 — o final desse conflito está tão distante que ainda não conseguimos enxergá-lo, mas podemos ver os primeiros passos desse caminho, mostrando que é possível alcançar esse objetivo.

Quando fico deprimido, digo para mim mesmo: parece difícil agora? Era muito mais difícil para a primeira geração de mulheres e homens abertamente gays. O preço que pagavam por assumirem essa posição era possivelmente ser condenados à prisão. Eles não desistiram, resistiram.

Daí penso nas pessoas que conheci para fazer este livro, que já começaram a combater a guerra às drogas. Chino era um traficante condenado que ninguém queria ouvir. Mas ele não desistiu, lutou para fechar o centro de detenção para menores onde foi preso — e conseguiu. Bud Osborn era um morador de rua adicto a quem ninguém dava atenção. Ele não desistiu e, por sua causa, a expectativa de vida em seu bairro aumentou dez anos, tanto que as ruas foram fechadas para homenageá-lo na ocasião de sua morte.

O que aprendi com Chino e Bud é que, se você tiver uma voz, pode começar a persuadir as pessoas; e se seus argumentos forem bons, você convencerá algumas pessoas que vão se juntar à sua luta e você triunfará. Mesmo quando aparentemente você estiver perdendo, isso faz parte de um processo que levará à vitória. Edward Williams perdeu — sua clínica foi fechada e teve que se retirar da vida pública. Mas, setenta anos depois, descobri sua história e ela me inspirou a terminar este livro. Billie Holiday perdeu — foi presa e perseguida de uma forma que acabou sendo morta. Só que sua música continua a ser tocada, e as pessoas se sentem mais fortes ao ouvi-la. Nos últimos anos de sua vida, a cantora estava convencida de que

seria esquecida. Se você for corajoso, se não desistir, as suas ações causarão efeitos que você nunca vai saber e que estarão transformando vidas.

Qualquer pessoa pode começar a luta, e qualquer país pode romper com o sistema e iniciar o processo de legalização. Se o Uruguai, com 3 milhões de pessoas e liderado por um ex-guerrilheiro, foi corajoso, por que a Grã-Bretanha, a Austrália ou qualquer outra nação não fazem o mesmo? Esses países podem seguir por esse caminho, se fizermos nossa parte.

Não muito antes de morrer, Billie Holiday disse: “Um dia, os Estados Unidos aprendem... Posso não estar viva para ver, mas isso não é problema, porque não posso ser mais machucada do que já fui”. Antes de falecer, Marisela Escobedo fez um apelo para que todos se juntassem a ela. “Se estiver só, não vai conseguir nada. Juntos, podemos vencer”, disse.

Se estiver só, você está vulnerável à dependência e à guerra às drogas. Mas se der o primeiro passo para encontrar pessoas que concordam com você — ao fazer uma conexão —, não estará mais vulnerável e começará a triunfar.

Antes de terminar, há mais duas coisas que você precisa saber sobre Harry Anslinger. Ele se tornou traficante e usuário de drogas.

Nos anos 1950, Harry soube que um membro muito importante do Congresso era dependente de heroína. “Ele presidia uma das principais comissões do Congresso”, escreveu. “Suas decisões e declarações ajudavam a orientar o destino dos Estados Unidos e de todo o mundo livre.”

Harry procurou esse homem nos corredores de Washington e disse a ele, em tom sério, que parasse de usar. “Eu não tentaria fazer nada, comissário. Será pior para você”, ele respondeu. Ameaçou ir até os criminosos e descobrir o que Harry fez, e se isso viesse a público e criasse “um escândalo que abalasse o país, eu não me importaria... A escolha é sua”.

Por todos os Estados Unidos, Anslinger obstruiu as vias legais para se conseguir drogas, obrigando os adictos a procurar traficantes para comprar o que precisavam. Mas ele imaginava que isso era feito pelas “classes viciosas

e mentalmente deficientes, instáveis, desequilibradas, histéricas e degeneradas”.

Agora Harry tinha diante de si um homem respeitado que era adicto. Garantiu, assim, ao político um suprimento legal e seguro de drogas em uma farmácia de Washington, para que ele não precisasse procurar traficantes ou ficar a seco. O departamento pagou por esse fornecimento até o final da vida dele. Um jornalista descobriu a história e, quando estava para publicá-la, Harry disse que o prenderia por dois anos caso a reportagem saísse. O jornalista abafou o caso.

Anos depois, quando todos os envolvidos estavam mortos, Will Oursler — que escreveu livros junto com Anslinger — revelou ao *Ladies' Home Journal* a identidade do congressista: o senador Joe McCarthy. Anslinger havia admitido isso e desviou o olhar para não encará-lo. McCarthy era um drogado e Anslinger era seu traficante. Ninguém acha que a guerra às drogas deve ser travada contra quem se ama. Até mesmo Harry Anslinger mudou ao se ver diante de um adicto ao qual era ligado.

Anos depois, quando se aposentou, Harry passou a sofrer de angina e começou a tomar doses diárias de morfina, a droga que combateu a vida inteira. Anslinger morreu com o sangue cheio de substâncias químicas que lutou para proibir no mundo todo.

Fico tentando imaginar como ele se sentiu na primeira vez em que tomou uma dose de opiáceo, que deve tê-lo deixado calmo e sereno. O que será que veio à sua cabeça naquele momento? Teria pensado em Henry Smith Williams, Billie Holiday e nos seus agentes seguindo suas ordens de “atirar primeiro” nas batidas? Teria pensado no grito que ouviu quando era um garoto na fazenda em Altoona e em todas as pessoas que fez gritar ao tentar suprimir essa sensação da condição humana — ou será que, por um momento, com as drogas em suas mãos, ele teria, finalmente, conseguido esquecer aquele grito?

Se você quiser saber como pode ajudar na luta para acabar com a repressão às drogas, acesse: <<http://www.chasingthescream.com/getinvolved>>.

Se quiser ficar informado a respeito das ações que você pode tomar e saber mais sobre o que está acontecendo em torno do tema, faça parte da *mailing list*: <<http://www.chasingthescream.com/maillinglist>>

Uma nota sobre técnicas narrativas

Perto do começo de cada capítulo, como deve ter percebido, explico como cheguei à informação que vou apresentar.

No caso dos capítulos históricos, houve uma mistura de fontes primárias e secundárias, que são apresentadas nas notas finais, junto com um pequeno número de entrevistas com historiadores e algumas das poucas pessoas que estavam presentes nos acontecimentos narrados aqui.

No caso de capítulos sobre fatos recentes, tomei por base principal extensas entrevistas com os personagens e com pessoas que os conheceram. O que foi dito diretamente a mim consta em áudio no site do livro, disponível em: <<http://www.chasingthescream.com>> (em inglês).

Em diversas partes, descrevo o que a pessoa estava pensando e sentindo. Isso foi baseado nos relatos que me deram nas entrevistas, ou em relatos adicionais — como os registros dos processos judiciais, ou entrevistas que foram concedidas a outros escritores, ou em seus próprios escritos. Todas essas fontes são apresentadas nas notas finais.

Depois que os capítulos foram escritos, li ou mostrei os que eram relevantes para quem tinha sua vida exposta, para assegurar que todas as minhas declarações fossem fiéis às suas lembranças. Todas essas conversas de checagem dos fatos foram gravadas. Em muitos casos, foram oferecidos esclarecimentos e outras informações que acabaram incorporados ao texto final.

Segui esse processo com Chino Hardin, Leigh Maddox, Gabor Maté, Liz Evans, Bruce Alexander, Bud Osborn, John Marks, Ruth Dreifuss, João Goulão, Sergio Rodrigues, Danny Kushlick, Steve Rolles, Mason Tvert, Brian Vicente, Tonia Winchester e Alison Holcomb. As únicas pessoas ainda vivas que não leram o material sobre suas vidas foram Rosalio Reta, pelos motivos explicados nas notas finais do capítulo, e José Mujica, que precisava governar um país e não teve tempo de participar dessa fase final.

Fiz o possível para verificar de maneira independente todos os relatos contrapondo-os a documentos e a declarações de outras testemunhas, sempre que possível. Não paguei nem compensei financeiramente nenhuma de minhas fontes, com a exceção de bancar uma ou outra refeição.

Como indicado no texto, houve três momentos em que mudei os nomes de pessoas para proteger suas identidades: a ex-namorada de Chino, que havia sido estuprada, foi chamada de Dee; uma das dependentes de Vancouver, que foi identificada como Hannah, e um dos pacientes da clínica suíça, que foi chamado de Jean. No primeiro caso, fiz isso para preservar a identidade de uma vítima de estupro que poderia facilmente ser reconhecida por pessoas que conviveram com ela na época. No segundo caso, fiz isso porque Liz Evans queria manter a privacidade de sua antiga cliente, que agora está morta, mas poderia ser identificada pela família através da história. No terceiro caso, fiz isso porque “Jean” confessou atos criminosos e poderia ser investigado e processado se isso viesse a público. Os áudios foram levados aos editores do livro. Nenhuma outra informação foi alterada neste texto.

Agradecimentos

Dependi de um grande número de pessoas para escrever este livro. Agradeço principalmente a todos que concordaram em me conceder entrevistas, em especial aos personagens deste livro, que com frequência compartilharam experiências muito dolorosas. Eles se abriram de forma generosa, porque acreditam ser importante que as pessoas saibam o custo dessa guerra, e por isso lhes sou muito grato.

Há seis pessoas em especial com as quais discuti este livro por anos, sendo que ele foi moldado e reformulado com base em seus questionamentos e sugestões: Alex Higgins (que não é o jogador de sinuca), Rob Blackhurst, Stephen Grosz, Matt Hill, Alex Ferreira e Alison MacDonald. Tenho para com eles uma dívida incalculável.

Anton Mueller, da Bloomsbury, foi um editor bastante sensível e inteligente que me ajudou a melhorar muito este livro. Também sou grato na Bloomsbury a George Gibson, Bill Swainson e Imogen Corke.

Agradeço aos meus agentes maravilhosos — Peter Robinson, em Londres, e Richard Pine, em Nova York.

Em Londres, Danny Kushlick e Steve Rolles têm sido meus guias nesse tema há uma década. Eles produzem a pesquisa mais consistente no mundo sobre a proibição das drogas. Em Ciudad Juárez e no norte do México, Julian Cardona, um excelente jornalista e uma pessoa incrível, foi meu guia, tradutor e amigo. Também sou muito grato a Sandra Rodriguez, do *El*

Diario, em Juárez. Em El Paso, Sandra, Carlos e Alejandra Spektor foram inestimáveis ao me colocarem em contato com as vítimas da guerra às drogas mexicana através de sua organização, “Mexicanos en Exilio”. Agradeço pela tradução feita por Josie Font.

Em Phoenix, no Arizona, não teria conseguido nada sem a extraordinária Peggy Plews, que está em uma luta diária pelos direitos dos prisioneiros no Arizona e expõe constantemente as atrocidades feitas contra eles, assim como Donna Leone Hamm, Stephen Lemons e Mike Mann, que continuam expondo a repressão aos usuários em seu estado. Em Baltimore, Donny Andrews foi meu guia, enquanto, em Las Vegas, o dr. Rob Hunter me explicou o vício no jogo e generosamente permitiu que eu assistisse a uma das sessões do seu grupo de Jogadores Anônimos. Em Nova York, Rachel Schubert, Christopher Rogers, Antonia Cedrone, Carlos Saavedra e Gential Mullaj me ajudaram um bocado. Todo mundo na brilhante Aliança para uma Política de Drogas me prestou um grande auxílio, especialmente Tony Newman e Ethan Nadelmann.

Em Vancouver, sou muito grato a todos na Portland Hotel Society, especialmente Liz Evans. Em Washington, D.C., Jasmine e Billie Tyler foram guias inestimáveis e pessoas maravilhosas. No Uruguai, Alex Ferreira me guiou de forma espetacular. Também contei com a ajuda de Hannah Hetzer, Geoffrey Ramsey e Will Carless. Dario Moreno traduziu minha entrevista com o presidente. Em Stanford, Charlie Keeden realizou um trabalho de pesquisa nos arquivos de George White para mim.

Gostaria também de agradecer às muitas pessoas que leram e comentaram este livro, tornando-o melhor, ou que me auxiliaram de qualquer outra maneira: Patrick Strudwick, Jessica Smerin, Josepha Jacobson, Adam Irlwell, Russell Brand, Lizzie Davidson, Noam Chomsky, Sarah Punshon, Daniel Bye, Tom Angell, Evgeny Lebedev, Ammie al-Whatey, Rachel Seifert, Glenn Greenwald, Arianna Huffington, Eugene Jarecki, Sarah Morrison, Jeremy Heimans, Alnoor Lahda, Ali Weiner, Jack Bootle, Alex Romain, Ronan McCrea, Matthew Bloch, Greg Sanderson, Josh

Cullimore, Anna Powell-Smith, David Pearson, Dorothy Byrne, Rupert Everett, Peter Marshall, Chris Wilkinson, Owen Jones, Damon Barrett, Matthew Todd, Stephen Fry, Matt Getz, Deborah Orr, Sally-Ann Larson, Zoe Ross, Joss Garman, Ben Stewart, Anna Moschovakis, Dennis Hardman, Simon Wills, meus pais, Violet e Eduard Hari, meu irmão e minha irmã, Steven e Elisa, e minha cunhada Nicola.

A Harm Reduction International pagou os custos da minha viagem à convenção da World Federation Against Drugs [Federação Mundial contra as Drogas], em Estocolmo, na Suécia, em troca de fazer um relatório curto sobre o que vi. Sou grato a Mike Trace por essa chance. O *Le Monde Diplomatique* me contratou para ir ao Uruguai, e eu escrevi uma reportagem para eles e um artigo sobre o presidente Mujica: obrigado, Renaud Lambert e Serge Halimi, por possibilitarem isso. O Airbnb e os ônibus Greyhound deram um apoio para eu conseguir chegar a diversos lugares. Amanda Fielding e a Beckley Foundation compartilharam comigo algumas de suas pesquisas mais inovadoras.

Os dois melhores biógrafos de Billie Holiday, Julia Blackburn e Donald Henderson Clarke, foram muito generosos em dividir comigo seus conhecimentos e visões, e o arquivo de Julia foi de um valor incalculável. O afilhado de Billie Holiday, Bevan Du y, foi extremamente gentil ao compartilhar comigo as notas e os pensamentos de sua mãe. Meus amigos classicistas, Caroline Higgins e Natalie Haynes, revisaram meu capítulo sobre os mistérios de Elêusis e corrigiram alguns erros.

Muitos cientistas e médicos especialistas nesse campo encontraram tempo para conversar comigo e me explicaram diversos dados cruciais. Sou grato em particular a David Nutt, Sophie Macken, Carl Hart, Raquel Peyraube, Paul Enck, Sunil Aggarwal, Scott Kellogg, Daniele Piomelli, Lance Dodes, Ambros Uchtenhagen, Barbara Broers, Richard DeGrandpre, Dylan Evans, Howard Becker e Fabrizio Benedetti. Muitas pessoas fizeram um excelente trabalho no texto: Joe Daniels como chegador, Emily DeHuff como

revisora, Laura Phillips na produção, Alan J. Kaufman e Kirsty Howarth como advogados e Stuart Rodger na transcrição das entrevistas.

Todos os erros são apenas meus. Se você encontrar algum, por favor mande um e-mail para chasingthescream@gmail.com, que publicarei a errata no site do livro e corrigirei as edições seguintes.

Guardando o melhor para o final, tenho especial gratidão a Elton John, David Furnish e Andrew Sullivan, que apadrinham os gays de todos os lugares. Jemima Khan, Naomi Klein e Eve Ensler, as madrinhas de quem é de esquerda, e Barbara Bateman, que é minha madrinha pessoal. Nunca teria feito este livro sem vocês.

Notas

Qualquer citação que não conste aqui foi uma declaração dada diretamente ao autor e pode ser ouvida no site do livro: <chasingthescream.com/interviews-2>.

INTRODUÇÃO

“Quase cem anos”: Essa informação foi verificada de maneira independente pelo editor deste livro ao entrar em contato com meu ex-namorado e ter acesso a relatos escritos por uma parente minha.

“tomava punhados de enormes pílulas brancas para tratar narcolepsia havia anos”: O uso que eu fazia das drogas foi verificado de maneira independente pelo editor deste livro junto ao médico responsável pelo meu tratamento durante e depois desse período.

“certa manhã, um pensamento me ocorreu”: Pouco antes disso, estive envolvido em uma polêmica jornalística. Queria ressaltar que isso — e os erros cometidos por mim — não teve nada a ver com o uso de drogas. Errei tanto antes como durante o período em que usei drogas, então não existe correlação entre uma coisa e outra.

“Cheguei a Nova York”: Esse foi um dos vários motivos pelos quais fui a Nova York naquele verão, sendo o único relevante para este livro.

“a viagem acabaria me levando a nove países”: Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha, México, Portugal, Suíça, Suécia, Uruguai e Vietnã.

1. A MÃO NEGRA

“o juramento de travar uma ‘guerra implacável’”: Arquivos de Anslinger, caixa 1, arquivo 10, “Discurso feito pelo comissário do Departamento de Narcóticos antes da Conferência Nacional do Crime”.

“Só então entendi quem ele foi realmente”: A visão de Anslinger como um “empreendedor moral” que foi pioneiro da guerra às drogas como uma maneira de manter vivos a burocracia e o seu departamento foi explicitada pela primeira vez pelo sociólogo Howard Becker no clássico *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. Cheguei a entrevistar Becker depois. A leitura que fiz dos arquivos de Anslinger confirmou como o sociólogo estava certo e o quanto foi profético.

“Em 1904, um garoto de doze anos foi visitar”: Harry Anslinger, *e Murderers: e Shocking Story of the Narcotics Gangs*. Nova York: Garden City, 1962, pp. 17-8; Jill Jonnes, *Hep-Cats, Narcs, and Pipe Dreams: A History of America’s Romance With Illegal Drugs*. Nova York: Scribner, 1996, p. 91.

“Por que uma mulher adulta gritaria como um animal?": Anslinger, *Murderers*.

“Nunca esqueci aqueles gritos”: Ibid.

“emotivas, históricas, degeneradas, doentias e deficientes mentais”: Larry Sloman, *Reefer Madness: A History of Marijuana*. Nova York: St. Martin’s Griffin, 1998, p. 258.

“Seu filho de três anos segurava uma faca sobre o irmão mais velho”: David Pietrusza, *Rothstein: e Life, Times, and Murder of the Criminal Genius Who Fixed the 1919 World Series*. Nova York: Basic, 2003, p. 17.

“Mais tarde declararia”: Nick Tosches, *King of the Jews: e Greatest Mob Story Never Told*. Nova York: Hamish Hamilton, 2005, p. 32; Leo Katcher, *e Big Bankroll: e Life and Times of Arnold Rothstein*, Cambridge, MA: Da Capo, pp. 18-9.

“Sua mãe tinha a convicção”: John White, *Billie Holiday: Her Life and Times*. Londres: Omnibus, 1987, pp. 18-9.

“Aquilo provocava nela um sentimento”: Entrevista de Billie Holiday concedida a Mike Wallace, 8 nov. 1956 — encontrada no arquivo de Julia Blackburn, caixa 18, notas de Linda Kuehl, v. VIII.

“Os xaropes mais populares para combater a tosse”: Mark Easton, “Can we imagine a Britain where all drugs are legal?”. BBC, 16 dez. 2010. Disponível em: <bbc.co.uk/blogs/thereporters/markeaston/2010/12/can_we_imagine_a_britain_where.html>. Acesso em: dez. 2012. Ver também Marek Kohn, *Dope Girls: e Birth of the British Drug Underground* (Londres, Granta, 1992, p. 33).

“Billie Holiday subia ao palco”: Essa descrição foi baseada nas imagens em que ela aparece no quinto episódio da série *Jazz*, de Ken Burns.

“Foi em uma dessas noites, em 1939”: Julia Blackburn, *With Billie: A New Look at the Unforgettable Lady Day*. Nova York: Vintage, 2005, p. 112.

“*Southern trees bear a strange fruit*”: David Margolick faz uma bela e magistral descrição da história dessa música em *Strange Fruit: Billie Holiday, Café Society, and an Early Cry for Civil Rights* (Edimburgo: Canongate, 2001).

“Antes disso, mulheres negras — com raras exceções”: White, *Billie Holiday*, pp. 24-5.

“fúria pelo assassinato em massa dos seus irmãos no Sul”: John Chilton, *Billie's Blues*. Nova York: Quartet, 1975, p. 69.

“Mas Billie a compôs porque”: Billie Holiday, com William Dufty, *Lady Sings the Blues*. Londres: Penguin, 1984, p. 84.

“início do movimento pelos direitos civis”: Margolick, op. cit., p. 19.

“Começou a ser perseguida pelo Departamento Federal de Narcóticos de Harry”: Blackburn, op. cit., p. 111.

“Ele havia acabado de ser designado”: Anslinger, *Murderers*, pp. 16-24; Douglas Valentine, *Strength of the Wolf: The Secret History of America's War on Drugs*. Nova York: Verso, 2004, p. 21; Jonathon Erlen e Joseph F. Spillane (Orgs.), *Federal Drug Control: The Evolution of Policy and Practice*. Binghamton, NY: Haworth, 2004, p. 66.

“Quando examinou a nova equipe”: Harry Anslinger, *The Protectors: Our Battle Against the Crime Gangs*. Nova York: Farrar Straus, 1966, p. 24.

“Esses homens eram corruptos notórios”: Anslinger, *Murderers*, p. 42.

“Muitas drogas, incluindo a maconha, ainda eram legalizadas”: Arthur Benavie, *Drugs: America's Holy War*. Nova York: Routledge, 2009, p. 25; Rufus King, *Drug Hang-Up: America's Fifty-Year Folly*. Nova York: W. W. Norton, 1972, p. 45. Erlen e Spillane, op. cit., p. 39.

“Mas, pouco antes de Harry assumir o cargo”: Richard Davenport-Hines, *The Pursuit of Oblivion: A Global History of Narcotics*. Nova York: W. W. Norton, 2003, p. 275.

“faria com que todo o cabelo de Harry caísse”: Valentine, *Strength of the Wolf*, p. 298.

“parecido com um pôster antigo de um lutador”: Sloman, op. cit., p. 196; Valentine, *Strength of the Wolf*, p. 32.

“A estratégia de Harry para reagir”: King, *Drug Hang-Up*, pp. 69-71; Erlen e Spillane, op. cit., p. 61.

“Seu pai, um cabeleireiro suíço”: John C. McWilliams, *The Protectors: Harry J. Anslinger and the Federal Bureau of Narcotics, 1930-62*. Newark, DE: University of Delaware Press, p. 25.

“foi forçado a trabalhar na ferrovia”: Ibid.

“Ele era um menino determinado”: Ibid., p. 26.

“Ele tinha a tarefa de supervisionar”: Anslinger, *Murderers*, p. 18.

“sobre algo que chamavam de ‘Mão Negra’”: Ibid., pp. 18-20.

“O que era essa Mão Negra?”: McWilliams, op. cit., p. 27.

“Numa manhã, Harry encontrou um dos seus subordinados”: Ibid.

“se não dessem dinheiro à Máfia, acabariam”: Anslinger, *Murderers*, p. 19.

“Se o Giovanni morrer, vou cuidar pra que você seja enforcado”: McWilliams, op. cit., p. 28; Anslinger, *Murderers*, p. 19.

“tão fantasiosa quanto o Monstro do Lago Ness”: McWilliams, op. cit., p. 28; Anslinger, *Murderers*, pp. 17, 81; Arthur Schlesinger, *Robert Kennedy and His Times*. Londres: Deutsch, 1978, p. 268, v. 1.

“quando alguém defende teorias conspiratórias”: Anslinger, *Protectors*, p. 82.

“um suposto ‘governo secreto mundial’, que controlava tudo o que acontecia”: Anslinger, *Murderers*, p. 79.

“Um dia, pensava, acabaria usando aquelas informações”: Os arquivos dele estavam repletos desses recortes.

“De lá, embarcou para Hamburgo”: Erlen e Spillane, op. cit., p. 64.

“e, depois, para Haia”: King, *Drug Hang-Up*, p. 70.

pp. 23-4, “Harry olhava para suas faces esqueléticas”: Ibid., p. 64; Anslinger, *Murderers*, p. 25.

“revolução, baderna e caos”: Anslinger, *Murderers*, pp. 20-4.

“Amedrontados e pensando se tratar de um integrante da escolta do Kaiser”: Ibid., pp. 20-1.

“A decisão havia sido tomada”: Ibid., pp. 22-3.

“um acordo de paz decente poderia ter sido firmado”: Ibid., pp. 23-4.

“A visão de uma cidade grande reduzida a escombros”: Arquivos de Anslinger, caixa 1, arquivo 1.

“Pontes bombardeadas viraram destroços”: Ibid.

“Harry estava no saguão de um hotel em Berlim”: Anslinger, *Murderers*, p. 23.

“Depois disso, e pelo resto da vida”: *Playboy*, “ e Drug Revolution”, p. 74, fev. 1970. Nessa conversa, Anslinger associa, como fez durante toda a sua carreira, o uso de drogas à ideia do fim da civilização.

“Em 1926, foi transferido”: King, *Drug Hang-Up*, p. 70; Anslinger, *Murderers*, p. 11.

“Era o auge da proibição das bebidas alcoólicas”: Anslinger, *Protectors*, pp. 10-5.

“ele acreditava que estavam cheios de ‘doenças contagiosas horripilantes’”: Sloman, op. cit., p. 36.

“É só me dar um rifle de grosso calibre”: Anslinger, *Protectors*, p. 42.

pp. 25-6, “até que todos estivessem presos”: McWilliams, op. cit., p. 33.

“FAMÍLIA MEXICANA ENLOUQUECE”: Sloman, op. cit., p. 20.

“Havia muito tempo Harry considerava a maconha um estorvo”: Erlen e Spillane, op. cit., pp. 68-9; McWilliams, op. cit., p. 14.

“Achava que a planta não viciava”: Erlen e Spillane, op. cit., p. 76.

“Ele acreditava que os dois grupos mais temidos”: Richard J. Bonnie e Charles H. Whitehead, *e Marijuana Conviction: A History of Marijuana Prohibition in the United States*. Nova York: Lindesmith Center, 1999, pp. 32-40.

“Resultado: gravidez”: McWilliams, op. cit., p. 53.

“Desses, 29 responderam”: Sloman, op. cit., p. 39.

“Finalmente, chegará ao fim da linha: ‘insanidade’”: Erlen e Spillane, op. cit., p. 75.

“Você poderia ficar chapado com facilidade, sair e matar uma pessoa”: Harry Anslinger com Courtney Riley Cooper, “Marijuana, Assassin of Youth”, *e American Magazine*, v. 124, n. 1, jul. 1937. Disponível em: <redhousebooks.com/galleries/assassin.htm>. Acesso em: 20 mar. 2013.

“transforma as pessoas em animais selvagens”: William O. Walker, *Drug Control in the Americas*. Albuquerque, NM: University of New Mexico Press, 1981, p. 111.

“se o horrível monstro do Frankenstein”: Bonnie e Whitebread, op. cit., p. 117.

“O mal da maconha não pode ser mais contemporizado”: McWilliams, op. cit., p. 61.

“nunca financiaria uma pesquisa científica independente”: King, *Drug Hang-Up*, p. 82.

“estavam ‘pisando onde não deviam’”: Walker, *Drug Control in the Americas*, p. 113.

“Em vez disso, escreveu para policiais”: Erlen e Spillane, op. cit., p. 73.

“normal e quietinho”: Sloman, op. cit., p. 63.

“Ele entrou em um ‘sonho emacanhado’”: Ibid., p. 61.

“Comandada por Harry, a imprensa”: Disponível em: <hightimes.com/lounge/ht_admin/8215>. Acesso em: 1 abr. 2013.

“Anslinger não foi o criador desse medo”: Ver Isaac Campos, *Home Grown: Marijuana and the Origins of Mexico’s War on Drugs* (Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 2012).

“As pessoas começaram a reivindicar”: Erich Goode e Nachman Ben-Yehuda, *Moral Panics: e Social Construction of Deviance*, Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2009, pp. 196-202.

“Muitos anos depois, o professor de direito John Kaplan”: Excerto do livro *Marijuana — e New Prohibition*, de John Kaplan. Disponível em: <drugtext.org/Marijuana-e-New-Prohibition/iv-marijuana-and-aggression.html>. Acesso em: 7 abr. 2013.

“Os psiquiatras que o examinaram”: Sloman, op. cit., p. 62.

“Para os psiquiatras, sua experiência com maconha era”: Ibid.

“Cuidado, pais!”: Steve Fox, Paul Armentano e Mason Tvert, *Marijuana Is Safer: So Why Are We Driving People to Drink?*. White River Junction, VT: Chelsea Green, 2009, p. 51.

“Ele passou a organizar num caderno”: Anslinger, *Murderers*, pp. 82, 86.

“As batidas que ordenava provavam que estava certo”: Anslinger, *Protectors*, pp. 203-4.

“Alguns faziam vista grossa porque eram corruptos”: Anslinger, *Murderers*, p. 83.

“uma parte não queria que seu alto nível de desempenho”: Anslinger, *Protectors*, pp. 214-5.

“O chefe da polícia de New Orleans”: Anslinger, *Murderers*, p. 87.

“Fazia com que esquecessem das diferenças raciais”: Carolyn Gallaher, *On the Fault Line: Race, Class, and the American Patriot Movement*, Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2002, p. 140.

“Mais tarde, um dos seus únicos agentes negros”: Valentine, *Strength of the Wolf*, p. 63.

“Quando a Associação Médica Norte-Americana”: Sloman, op. cit., p. 207.

“Harry instruiu seus subordinados”: Valentine, *Strength of the Wolf*, p. 64.

“associado a uma ‘organização criminoso’”: David Patrick Keys e John F. Galliher, *Confronting the Drug Control Establishment: Alfred Lindesmith as a Public Intellectual*. Nova York: Suny, 2000, pp. 13, 137.

“ele foi grampeado”: Ver também John F. Galliher, David P. Keys e Michael Elsner, “Lindesmith v. Anslinger: An Early Government Victory in the Failed War on Drugs”, *Journal of Criminal Law and Criminology*, v. 88, n. 2, pp. 661-82, inverno de 1998.

“recebeu ameaças para que ficasse com a boca calada”: Richard Lawrence Miller, *A Case for Legalizing Drugs*. Santa Barbara, CA: Praeger, 1996, p. 77.

“Harry não podia controlar a circulação das drogas”: Keys e Galliher, op. cit., p. 160; King, op. cit., pp. 62-3.

“Então rastreei todo mundo”: Falei com Yolande Bavan, Annie Ross, Eugene Callendar, Bevan Du y e Lorraine Feather.

“como as florestas na calada da noite”: Arquivos de Anslinger, caixa 9, arquivo 54, “Músicos”.

“os ritos incrivelmente antigos das Índias Orientais ressurgiram”: Ibid. Anslinger não estava sozinho ao acreditar nessas coisas. Ver Harry Shapiro, *Waiting for the Man: A Story of Drugs and Popular Music*. Londres: Helter Skelter, 2003, pp. 56-61.

“fede de imundícies”: Shapiro, *Waiting for the Man*, p. 72.

“Seus agentes relataram”: Arquivos de Anslinger, caixa 9, arquivo 54, “Músicos”. Parece ser um relatório interno do departamento, mas não está marcado como tal.

“O departamento acreditava que a maconha retardava muito a percepção do tempo”: Sebastian Marincolo, *High: Insights on Marijuana*. Indianápolis, IN: Dog Ear, 2010, p. 106.

“A música tem seus encantos”: Arquivos de Anslinger, caixa 9, arquivo 54, “Músicos”.

“Por exemplo, a música ‘at Funny Reefer Man’”: Ibid.

“nomes como Charlie Parker”: Anslinger se vangloria de seus homens terem prendido Parker em *Protectors*, pp. 157-60.

“Louis Armstrong”: Terry Teachout, *Pops: A Wonderful World of Louis Armstrong*. Londres: JR, pp. 156-8, discute o uso de maconha de Armstrong e como as acusações de Anslinger o afetaram. Ver também Shapiro, *Waiting for the Man*, p. 60.

“elionious Monk”: Shapiro, *Waiting for the Man*, pp. 74, 89-90.

“ansiava por colocá-los atrás das grades”: Shane Blackman, *Chilling Out: e Cultural Politics of Substance Consumption, Youth and Drug Policy*, Nova York: Open University Press, 2004, p. 83; Sloman, op. cit., p. 149. Shapiro (*Waiting for the Man*, p. 67), como Sloman, chama isso de “pogrom”.

“Por favor, reúnam todos os casos”: Charles Whitebread, “ e History of the Non-Medical Use of Drugs in the United States”, discurso proferido na conferência anual da Associação de Juízes da Califórnia, 1995. Disponível em: <druglibrary.org/schaffer/History/whiteb1.htm>. Acesso em: 1 out. 2012. Bonnie e Whitebread, op. cit., p. 183.

“atirar primeiro”: “Atire primeiro’ é um slogan nacional para dar batidas em traficantes”, *Pathfinder*, p. 24, 23 jan. 1952.

“não afetaria ‘os bons músicos, apenas os sujeitos do jazz””: Shapiro, *Waiting for the Man*, p. 73; Bonnie e Whitebread, op. cit., p. 185.

“Os homens de Anslinger não encontraram quase nenhum deles disposto a denunciar”: Jonnes, op. cit., p. 129.

“Sempre que algum era preso”: Bonnie e Whitebread, op. cit., p. 185; Shapiro, op. cit., p. 71.

“No final, o Departamento do Tesouro disse a Anslinger”: Anslinger, *Protectors*, pp. 150-64.

“Billie Holiday nasceu alguns meses depois do Harrison Act”: Holiday, op. cit., p. 5.

“isso marcaria fortemente a sua vida”: Seu nome de nascença era Eleanora; para ser mais claro, chamei-a de Billie o tempo todo, mesmo que ela só tenha adotado este nome durante a infância.

Além disso, usei uma fonte considerada amplamente confiável, *Lady Sings the Blues*, que ela escreveu com William Du y. Existe um debate sobre o quanto essas memórias são confiáveis, mas, em 1995, o biógrafo Stuart Nicholson, em meio às suas investigações, descobriu, por exemplo, que uma das passagens mais questionadas — a descrição do seu estupro quando criança — era um relato preciso. Ver Nicholson, *Billie Holiday* (Londres: Victor Gollancz, 1995, p. 6). A própria Billie disse uma vez que Du y tinha escrito todas as suas memórias — “Caralho, velho, eu nunca li aquele livro” —, mas o editor fez com que ela rubricasse todas as páginas do manuscrito para atestar o rigor daqueles relatos. Ver Margolick, op. cit., pp. 33-4.

“Sadie, aos dezenove anos, passou a se prostituir”: Holiday, op. cit., p. 5.

“Ele mais tarde morreu de pneumonia”: Robert O’Meally, *Lady Day: e Many Faces of Billie Holiday*. Nova York: Simon & Schuster, 2012, p. 67; White, *Billie Holiday*, p. 51; Holiday, op. cit., pp. 68-9. A série de documentários da BBC *Reputations*, episódio “Billie Holiday: Sensational Lady”. Shapiro, *Waiting for the Man*, p. 99.

“Todos os dias, Billie lavava e limpava sua bisavó”: Ibid., p. 17; Holiday, op. cit., p. 8; O’Meally, op. cit., p. 171.

“Uma lanchonete que vendia cachorro-quente”, Holiday, op. cit., p. 13.

“Um dia simplesmente decidi que não faria”: Ibid., p. 86.

“um quarentão chamado Wilbert Rich”: Ken Vail, *Lady Day’s Diary: e Life of Billie Holiday, 1937-1959*. Londres: Castle Communications, 1996, p. 4. Em sua autobiografia, *Lady Sings the Blues*, Billie chama-o de “Mr. Dick”.

“Ela gritou e arranhou Wilbert”: Holiday, op. cit., pp. 15-6, 103.

“Billie foi condenada a passar um ano em um reformatório”, Donald Clarke, *Billie Holiday: Wishing on the Moon*. Cambridge, MA: Da Capo, p. 34. Existe uma discussão sobre quanto tempo Mr. Dick ficou na cadeia — Clarke diz que foram três meses, sendo que as memórias de Billie afirmam que foram cinco anos. Ver Holiday, op. cit., p. 17.

“decidiram que precisavam ‘dar uma lição’ nela”: A série de documentários da BBC *Reputations*, episódio “Billie Holiday: Sensational Lady”.

“Billie esmurrou as portas”: White, *Billie Holiday*, p. 18. Outras pessoas que foram confinadas naquele lugar, mais tarde, confirmaram que era assustador. Ver O’Meally, op. cit., pp. 79-81. Ver também nos arquivos de Julia Blackburn, caixa 18, notas de Linda Kuehl, v. VIII, entrevista com Peter O’Brien e Michelle Wallace.

“estava determinada a encontrar a mãe”: Holiday, op. cit., p. 20. Em suas memórias, Billie diz que sua mãe mandou procurá-la, mas muitos outros relatos dizem que ela mesma fugiu para encontrá-la.

“Ao desembarcar do ônibus”: Arquivos de Julia Blackburn, caixa 18, notas de Linda Kuehl, v. VIII.

“Uma cafetina propôs a ela”: Arquivos de Maely Du y compartilhados por seu filho, Bevan Du y — documento intitulado “Introdução”.

“a mãe de Billie a encorajou a se casar com Louis”: *Ebony*, jul. 1949, p. 32.

“Billie foi pega pela polícia se prostituindo”: Holiday, op. cit., p. 23. Alguns acham que ela foi prostituída ainda mais jovem em Baltimore; ver O’Meally, op. cit., pp. 84-7.

“acabou punida”: A série de documentários da BBC *Reputations*, episódio “Billie Holiday: Sensational Lady”.

“No começo, sua preferida era o White Lightning”: Blackburn, op. cit., p. 43; Clarke, op. cit., p. 35; Mike Gray, *Drug Crazy*. Nova York: Random House, p. 107.

“Uma noite, um rapaz branco de Dallas chamado Specks”: Arquivos de Julia Blackburn, caixa 18, notas de Linda Kuehl, v. VIII, entrevista com Willard (o sobrenome do entrevistador não foi revelado).

“Era só esquentar com uma colher”: Como descrito no documentário da BBC *e Long Night of Lady Day*, 1984.

“Quando Billie não estava bêbada ou chapada”: Chilton, op. cit., p. 127.

“mal conseguia falar”: Ibid., p. 22.

“Ainda acordava à noite gritando”: Holiday, op. cit., pp. 103-4.

“Adquiri um hábito e sei que ele não é bom”: Entrevista com Eugene Callender.

“Ele apontou para um velho tocando um piano no canto”: Holiday, op. cit., p. 34.

“Quando terminou a música seguinte”: White, *Billie Holiday*, p. 29.

“Ela enfiou uma garrafa no seu rosto”: Clarke, *Billie Holiday*, p. 230.

“Em uma ocasião, em outro bar”: Ibid. Ver também arquivos de Julia Blackburn, caixa 18, notas de Linda Kuehl, v. VIII, entrevista concedida a Sylvia Simms.

“Quando se tratava dos homens que passavam por sua vida”: Nicholson, op. cit., p. 198.

“Depois de sua maior performance no Carnegie Hall”: A série de documentários da BBC *Reputations*, episódio “Billie Holiday: Sensational Lady”.

“Harry sabia dos boatos”: Blackburn, op. cit., p. 209. Eu tentei checar as fontes originais desse material sobre Jimmy Fletcher. A única fonte primária era a entrevista dele concedida a Linda Kuehl. Entrei em contato com Toby Byron, que cuida do arquivo. Com desgosto, ele me contou que a transcrição da entrevista de Fletcher tinha sido perdida. Isso significa que temos que recorrer a fontes secundárias de agora em diante. Tanto Julia Blackburn quanto Donald Clarke — que leram a transcrição original — descrevem-na com detalhes, eu também conversei com eles por telefone sobre o assunto.

“se mandasse um cara branco para o Harlem”: Entrevista com Douglas Valentine.

“Ele era um ‘homem de arquivo’ e assim permaneceria”: Blackburn, op. cit., p. 207.

“Muitos agentes nessa posição se injetavam heroína com seus clientes”: Entrevista com Douglas Valentine.

“Nunca conheci uma vítima”: Clarke, *Billie Holiday*, p. 254.

“A primeira vez que Jimmy viu Billie”: Blackburn, op. cit., p. 207.

“O maior talento de Billie, depois de cantar, era xingar”: A série de documentários da BBC *Reputations*, episódio “Billie Holiday: Sensational Lady”.

“ser chamado por ela de ‘filho da puta’”: Blackburn, op. cit., p. 94.

“Por que não colabora?”: Ibid., p. 212.

“Quando Billie cantou ‘Loverman, Where Can You Be?’”: Arquivos de Maely Du y, documento marcado como “Introdução”.

“implorou que parassem”: Entrevista com Yolande Bavan. Ver também arquivos de Julia Blackburn, caixa 18, notas de Linda Kuehl, v. VIII, entrevista com Peter O’Brien e Michelle Wallace.

“chamava a si mesma de ‘covarde’”: William Du y, “ e True Story of Billie Holiday”, artigo 3, série do *New York Post*, arquivo de Julia Blackburn, caixa 18, arquivo VII.

“Já é bem difícil”: Holiday, op. cit., p. 118.

“Não quero que você perca seu trabalho”: Blackburn, op. cit., p. 213. p. 38, “Não muito tempo depois, ele a encontrou em um bar”: Ibid. O nome do cão aparece nos arquivos de

Julia Blackburn, caixa 18, notas de Linda Kuehl, entrevista com Memry Midgett.

“era do tipo que ama”: Blackburn, op. cit., p. 214.

“O homem que Anslinger mandou seguir”: Ibid., pp. 11, 216.

“tinham que enfaixar suas costelas”: Entrevista com John Levy, notas de Linda Kuehl, v. VII, caixa 18.

“Não me envolvo”: Entrevista com Louis MacKay, notas de Linda Kuehl, v. VIII, arquivos de Julia Blackburn, caixa 18.

“Viajou até Washington para ver Harry”: Blackburn, op. cit., p. 211.

“acabou indo a julgamento”: Ibid., p. 11.

“Os Estados Unidos da América versus Billie Holiday”: Holiday, op. cit., p. 127.

“Recusou-se a chorar”: Chilton, op. cit., p. 116.

“só quero me curar”: Holiday, op. cit., pp. 129-30.

“um ano na prisão de West Virginia”: Arthur Kempton, “Street Diva”, *e New York Review of Books*, 14 jul. 2005. Disponível em: <nybooks.com/articles/archives/2005/jul/14/street-diva/?pagination=false>. Acesso em: 12 mar. 2014.

“um chiqueiro”: Vail, op. cit., p. 103.

“não cantou”: A série de documentários da BBC *Reputations*, episódio “Billie Holiday: Sensational Lady”. White, *Billie Holiday*, p. 93.

“Billie foi atrás de Jimmy Fletcher”: Clarke, *Billie Holiday*, p. 252.

“A maioria dos agentes federais é gente boa”: Holiday, op. cit., pp. 125-6.

“Billie “pagou o que devia” à sociedade”: Arquivos de Maely Du y, “Introdução”.

“não podia cantar em nenhum lugar”: White, *Billie Holiday*, p. 94.

“Você vai, com certeza!”: Blackburn, op. cit., p. 162.

“se a amiga realmente acreditava nisso”: Ibid., p. 255.

“Sonhava ter uma fazenda grande”: Ibid., p. 304; Holiday, op. cit., pp. 169-70. Ela foi impedida de adotar por causa da sua condenação por drogas. Ver Shapiro, op. cit., p. 97.

“Um dia, foi com uma amiga adolescente ao Central Park”: Arquivo de Julia Blackburn, caixa 18, notas de Linda Kuehl, seção identificada como “Billie H. vai para Cuba”.

“Em todos os lugares aonde ela ia havia agentes pedindo informações”: Arquivos de Julia Blackburn, caixa 18, notas de Linda Kuehl, artigo da *Ebony*: “I’m Cured Now” (sem data).

“Ela começou a se distanciar”: Arquivos de Julia Blackburn, caixa 18, notas de Linda Kuehl, v. VIII, entrevista com Peter O’Brien e Michelle Wallace.

“Tiveram uma conversa amigável”: Ray Tucker, “News Behind the News”, arquivos de Anslinger, caixa 5, arquivo 9.

“escreveu para o estúdio no qual ela trabalhava”: McWilliams, op. cit., p. 101. É provável que Judy Garland seja a mulher descrita como “nossa mais querida estrela de cinema” que Anslinger diz ter trabalhado meses para salvar em *Murderers*, pp. 184-6.

“uma moça da alta sociedade de Washington”: Anslinger, *Murderers*, p. 166.

“A razão principal para banir as drogas”: O melhor relato sobre como isso se encaixa na longa história de racismo nos Estados Unidos está no importante livro de Michelle Alexander, *e New Jim Crow: Mass Incarceration in the Age of Colorblindness* (Nova York: New, 2010). Também há uma narrativa excelente desse episódio em Timothy A. Hickman, *e Secret Leprosy of Modern Days: Narcotic Addiction and Cultural Crisis in the United States, 1870-1920* (Amherst, MA: University of Massachusetts Press, 2007), pp. 60-92. Soube da importância do preconceito contra chineses no início da proibição às drogas através de Richard Lawrence Miller, que a discute no documentário *e House I Live In*, de Eugene Jarecki. Isso também aparece nos livros do mesmo autor *Drug Warriors and their Prey: From Police Power to Police State* (Santa Barbara, CA: Praeger, 1996), p. 26, e *Case for Legalizing Drugs*, op. cit., pp. 88-91.

“seu objetivo principal”: Shapiro, op. cit., p. 87.

“o crescimento [no vício em drogas] era de praticamente 100% entre os negros”: Arquivos de Anslinger, caixa 1, arquivo 12, “Entrevistas Médicas Modernas”.

“já respondem por 60% dos dependentes”: Arquivos de Anslinger, caixa 1, arquivo 10, “Fórum de Nova York: Sábado, 28 abr. 1962, Transcrição do Programa”. De fato, antes da criminalização, os registros oficiais mostravam que a imensa maioria dos dependentes era formada por brancos. Foi apenas depois da criminalização que os registros começaram a indicar a maioria dos dependentes como negros — sugerindo que esses resultados são fruto de uma aplicação racista da lei, mais que um reflexo real da distribuição da dependência química pela população norte-americana. Ver King, op. cit., pp. 108-9.

“COCAÍNA DO NEGRO É NOVO DEMÔNIO QUE AMEAÇA O SUL”: Ioan Grillo, *El Narco: Inside Mexico's Criminal Insurgency*. Nova York: Bloomsbury, 2011, p. 28.

“aumentar o calibre das suas armas”: Hickman, op. cit., pp. 77-8.

“O crioulo com cocaína”: Ibid. Ver também os comentários de Hamilton Wright diante do Congresso no mesmo livro, p. 116. Até a ideia de que os afro-americanos usavam cocaína de forma desproporcional, ou que era um dos fatores entre os psicóticos afro-americanos, parece ser um mito: no auge do medo em relação ao “negro da cocaína”, dos 2100 afro-americanos que ingressaram em um manicômio na Geórgia, apenas dois foram confirmados como usuários de cocaína. Ver Walker, *Drug Control in the Americas*, p. 14.

“Mas Harry acreditava haver outro grupo racial”: King, *Drug Hang-Up*, pp. 27-8; Erlen e Spillane, op. cit., pp. 12-3.

“Em meados do século XIX”: Benson Tong, *e Chinese Americans*. Boulder, CO: University Press of Colorado, 2003, p. 2; há um relato muito bom sobre os motivos da imigração nas páginas 21-2. David Musto, *e American Disease: Origins of Narcotic Control*. Oxford: Oxford University Press, 1987, p. 6. Craig Reinerman e Harry Levine (Orgs.), *Crack in America: Demon Drugs and Social Justice*. Berkeley, CA: University of California Press, 1997,

p. 6. John Givler, *To Die in Mexico: Dispatches from Inside the Drug War*. San Francisco: City Lights, 2011, pp. 44-5. Kohn, op. cit., pp. 2-3. Um dos livros que mais me ajudaram a compreender a história do preconceito contra chineses nos Estados Unidos é o excelente *Charlie Chan: the Untold Story of the Honorable Detective and His Rendez-vous with American History*, de Yunte Huang (Nova York: W. W. Norton, 2010).

“maldade particular oriental”: Anslinger, *Murderers*, pp. 29-36.

“as ‘calcinhas’ ficavam à mostra”: Anslinger, *Murderers*, p. 37. No geral, ele fala muito sobre coisas sendo contrabandeadas dentro da vagina (ver Anslinger, *Protectors*, p. 4) ou em meio a “seios grandes” de mulheres (ibid., p. 49). Parece que conotações sexuais foram colocadas deliberadamente por ele em seus relatos.

“a raça amarela mandaria no mundo”: Bruce Alexander, *Peaceful Measures: Canada’s Way Out of the “War on Drugs”*. Toronto: University of Toronto Press, 1990, p. 32. Emily Murphy, *e Black Candle*. Toronto: Thomas Allen, 1922, pp. 188-9.

“quando chegasse o momento certo, dominariam o mundo”: Murphy, op. cit., p. 5.

“Em Los Angeles, 21 chineses foram mortos”: Huang, op. cit., p. 124.

“mas a Justiça declarou essa ação inconstitucional”: Tong, op. cit., p. 81.

“A fumaça sufocante se espalhou por toda a Chinatown”: Jefferson M. Fish (Org.), *How To Legalize Drugs*. Northvale, NJ: Jason Aaronson, 1998, p. 244.

“um homem branco, obeso e forte”: Anslinger, *e Protectors*, p. 79.

“Tenho muitos amigos assassinos”: H. P. Albarelli Jr., *A Terrible Mistake: e Murder of Frank Olson and the CIA’s Secret Cold War Experiments*. Waltherville, OR: Trine Day, 2009, p. 392.

“ter uma foto do homem que estrangulou”: Clarke, *Billie Holiday*, p. 296; Holiday, op. cit., pp. 160-1; Anslinger, *e Protectors*, p. 80. Alguns detalhes dessa história são contestados em Albarelli, op. cit., pp. 402-3. Ele diz que a vítima era de origem chinesa, não japonesa, e que não levou um tiro, e sim foi estrangulada.

“uma ‘boa freguesa’”: Blackburn, op. cit., p. 219.

“‘não tinha nada a perder’ [...] ‘acabar com ela’”: Ibid., p. 220.

“ele era um sádico”: Entrevista com Douglas Valentine.

“nadava no imundo rio Hudson”: Albarelli, op. cit., p. 394.

“Por onde passava, ela sempre era o centro das atenções”: Arquivo de Julia Blackburn, caixa 18, notas de Linda Kuehl 1.

“usava uma camisola de seda”: Arquivo de Julia Blackburn, caixa 18, notas de Linda Kuehl, seção sobre George White.

“Billie foi indiciada por posse”: Maely (Du y) Lewis, *Killer Jazz*, 3, fornecidos por Bevan Du y. Ver também arquivos de George White, caixa 1, pasta 12. Vail, op. cit., p. 118. Nicholson, op. cit., p. 173.

“ele respondeu na defensiva”: Arquivo de George White, caixa 1, pasta 12; Maely (Du y) Lewis, *Killer Jazz*, 3.

“lembrarão de mim”: Entrevista com Yolande Bavan.

“Não pensei muito na performance da srta. Holiday”: Arquivos de George White, caixa 1, pasta 12.

“não exibia nenhum sintoma de abstinência”: Holiday, op. cit., pp. 159-63.

“Ela se internou por vontade própria ao custo de mil dólares”: Vail, op. cit., p. 119. Maely Du y discordava disso — ela lembrou que Billie usava heroína naquela época e disse que a cantora passou por uma crise de abstinência naquela noite. *Killer Jazz*, 4.

“Ele costumava fingir que era artista”: Martin A. Lee e Bruce Shlain, *Acid Dreams: e CIA, LSD, and the Sixties Rebellion*. Grove Press, pp. 32-3.

“colocava LSD na bebida”: Isso acontecia geralmente (mas não sempre) por recomendação da CIA, como parte do programa MK-ULTRA para descobrir uma “droga da verdade” que pudesse ser usada em seus inimigos. Essa foi uma das histórias mais estranhas que descobri, e vale a pena se informar mais sobre ela. Se não estivesse tão bem documentada, teria a impressão de ser uma fantasia paranoica da Guerra Fria. Ver Douglas Valentine, *e Strength of the Pack: e Personalities, Politics and Espionage Intrigues that Shaped the DEA* (Walterville, OR: Trine Day, 2009, pp. 16-8, 346-50). Ver também Albarelli, op. cit., pp. 216-22, 235, 237-41, 279, 379-81. O comportamento de White despertou suspeitas dentro da própria CIA; ver pp. 279-81, 289-90, 412. Ele continuou dopando mulheres por anos; ver p. 427. A CIA reuniu uma lista das vítimas conhecidas no final dos anos 1970, quando o MK-ULTRA se tornou um escândalo; ver Albarelli, op. cit., pp. 578-9.

“Uma de suas vítimas foi uma jovem atriz”: Albarelli, op. cit., p. 279.

“drogou-a”: Ibid., p. 290.

“mentir, matar, roubar, estuprar e saquear”: McWilliams, op. cit., p. 168. Lee e Shlain, op. cit., p. 35.

“A perseguição e as tensões”: Nicholson, op. cit., p. 174.

“uma ansiedade capaz de matar um cavalo”: Maely (Du y) Lewis, *Killer Jazz*, 4.

“inocência da cantora”: Há um relato importante desse julgamento no artigo “‘He’s My Man!’ Lyrics of Innocence and Betrayal in the People v. Billie Holiday”, de Sarah Ramshaw, *Canadian Journal of Women and the Law*, v. 16, n. 1, 2004. Disponível em: <papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2041361>. Acesso em: 14 mar. 2013.

“Sua voz estava acabada”: Anslinger, *e Protectors*, p. 157.

“desabou de repente”: Clarke, *Billie Holiday*, p. 433; White, *Billie Holiday*, pp. 110-1; Vail, op. cit., p. 204; Chilton, op. cit., p. 193.

pp. 47-8, “disseram que era uma dependente e a mandaram embora”: Arquivos de Maely Du y, “Introdução”. Nicholson, op. cit., p. 223.

“Um dos motoristas da ambulância a reconheceu”: Arquivos de Maely Du y, “Introdução”.

“Assim que a tiraram do oxigênio”: Clarke, *Billie Holiday*, p. 434.

“Tem sempre algum desgraçado querendo me embalsamar”, Vail, op. cit., p. 205.

“muitas úlceras nas pernas”: White, *Billie Holiday*, pp. 109-10. Ver também arquivos de Julia Blackburn, caixa 18, notas de Linda Kuehl, v. VIII, entrevista com dr. Kurt Altman para o documentário *Billie Holiday: e Long Night of Lady Day*, da BBC Arena. Ver também William Du y, “ e True Story of Billie Holiday”, artigo 3, série do *New York Post*. Arquivo de Julia Blackburn, caixa 18, pasta VII.

“não viveria por muito tempo”: Blackburn, op. cit., p. 297.

“Pode anotar, querido”: Arquivos de Maely Du y, “Introdução”.

“menos de dois gramas de heroína dentro de um envelope”: Chilton, op. cit., p. 194.

“estava pregado na parede”: Arquivos de Maely Du y, “Introdução”.

“Entraram na Justiça”: Clarke, *Billie Holiday*, p. 440.

“o nome do seu fornecedor”: Blackburn, op. cit., p. 296.

“Eles confiscaram”: Davenport-Hines, op. cit., pp. 275, 282.

“Algemaram-na à cama”: Entrevista com Eugene Callender.

“impedir qualquer visita”: Blackburn, op. cit., p. 296.

“não podiam vê-la de jeito nenhum”: Entrevista com Annie Ross.

“Sua amiga Maely Du y gritou com eles”: Maely Du y, “Introdução”.

“Mas então a metadona foi retirada de repente”: Clarke, *Billie Holiday*, p. 442. Alguns dos seus primeiros biógrafos questionam a afirmação de que ela continuava usando heroína no final da vida. Ver Chilton, op. cit., p. 193.

“Eu tinha muita esperança de que ela sairia viva de tudo isso”: Documentário da BBC *Billie Holiday: e Long Night of Lady Day*.

“Sempre fui religiosa”: A série de documentários da BBC *Reputations*, episódio “Billie Holiday: Sensational Lady”.

“Callender tinha uma clínica para recuperação de dependentes em sua igreja”: Entrevista com Eugene Callender.

“Tiraram as fotos de identificação dela na cama do hospital”: Blackburn, op. cit., p. 298.

“Prenderam-na ao leito”: Clarke, *Billie Holiday*, p. 438.

“Culpou a própria guerra às drogas”: Holiday, op. cit., p. 126.

“Imagine se o governo...”: Ibid., p. 132.

p. 0, “temia ir para o inferno”: Blackburn, op. cit., p. 253. Arquivos de Julia Blackburn, caixa 18, pasta 1 de Linda Kuehl, entrevista com Memry Midgett.

p. 0, “arrancada da vida de forma violenta”: A série de documentários da BBC *Reputations*, episódio “Billie Holiday: Sensational Lady”.

p. 0, “Queria dar o dinheiro como agradecimento às enfermeiras”: Artigo de Du y para o *New York Post*, arquivos de Julia Blackburn, caixa 18.

p. 0, “No funeral de Billie, várias viaturas policiais”: Entrevista com Eugene Callender.

p. 0, “Acabou “Good Morning Heartache” para ela”: Anslinger, *Protectors*, p. 157.

“O último viciado está morto”: Arquivo de Anslinger, caixa 1, pasta 14, poema intitulado “L’Envoie”.

2. OS FRACOS

“uma história que, até onde sei, permanecia enterrada”: Henry Smith Williams é mencionado de passagem em *Reefer Madness*, então sabemos que Larry Sloman o leu; existem também alguns artigos acadêmicos sobre os Smith Williams.

“Usava óculos pequenos com armação de metal”: Essa descrição de HSW é baseada em fotos dele que aparecem no Google Images, como a que está disponível em: <librarything.com/gallery/author/williamshenrysmith>. Acesso em: 25 out. 2012.

“os dependentes eram ‘seres fracos’”: Henry Smith Williams, *Drugs Against Men*. Nova York: Arno, 1981, p. ix.

“a ideia de que toda vida humana é valiosa”: *Ibid.*, p. 74.

“as drogas só levavam à ruína”: Henry Smith Williams, *Survival of the Fittest*. Nova York: R. M. McBride, 1932, p. 35; *Id.*, *Adding Years to Your Life*. Nova York: Hearst’s International Library, 1914, pp. 111-3.

“O golpe do século”: Essa é a premissa central de Henry Smith Williams em *Drug Addicts Are Human Beings*.

“Edward era um dos maiores especialistas”: E. H. Williams, *Opiate Addiction: Its Handling and Treatment*. Nova York: Macmillan, 1922; ver também “ e Combined Addiction Disease Chronologies of William White, MA, Ernest Kurtz, PhD, and Caroline Acker, PhD, 1920-1941”. Disponível em: <bhrm.org/media/pdf/pub/1920-1941.pdf> . Acesso em: 23 maio 2013.

pp. 53-4, “O homem está muito mal [...] conforto físico e mental”: Williams, *Drug Addicts*, p. 149.

“Voltará a ser funcional”: Ver Williams, *Drug Addicts*, capítulos 3 e 22.

“a Suprema Corte decidiu, em 1925”: W. C. Woodward, “ e Supreme Court Decision in Linder Vs. United States — as it Affects the Harrison Narcotic Act”, *California and Western Medicine*, v. XXIV, n. 3, mar. 1936, pp. 362-4. Disponível em: <ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1655029/pdf/calwestmed00219-0042.pdf>. Acesso em: 4 maio 2014.

“Dizia-se que ele sabia mais sobre a química e a biologia [...] cerca de 10 mil pacientes”: Williams, *Drug Addicts*, p. iii.

“depois da prisão do irmão”: William L. White, *Slaying the Dragon: e History of Addiction Treatment and Recovery in America*. Bloomington, IL: Chestnut Health Systems, 1998, p. 120.

“Xarope Calmante da Sra. Winslow”: Musto, *American Disease*, p. 94.

“65 miligramas de morfina pura”: Nathan Birch, “ e 10 Most Insane Medical Practices in History”, 20 nov. 2007. Disponível em: <cracked.com/article_15669_the-10-most-insane-medical-practices-in-history.html>. Acesso em: maio 2014.

“não apresentava nenhum tipo de problema”: Robert J. MacCoun e Peter Reuter (Orgs.). *Drug War Heresies: Learning from Other Vices, Times, and Places*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 197.

“se vissem manchas de cigarro nos seus dedos”: Williams, *Drug Addicts*, pp. 17, 49.

“apropriados para sistemas nervosos instáveis”: Williams, *Drugs Against Men*, p. xii.

“Um estudo oficial do governo”: Williams, *Drug Addicts*, p. 15; Miller, *Case for Legalizing Drugs*, p. 6.

“Cerca de 22% destes eram ricos”: Richard DeGrandpre, *e Cult of Pharmacology: How America Became the World's Most Troubled Drug Culture*. Durham, NC: Duke University Press, 2006, p. 126. *Ibid.*, p. 104.

“raramente saíam do controle ou se tornavam criminosos”: King, *Drug Hang-Up*, pp. 18-9.

“Havia dezenas de milhares de pessoas”: Williams, *Drug Addicts*, p. 9.

“As gangues cobravam um dólar”: *Ibid.*, p. 11; King, *Drug Hang-Up*, p. 65.

“a maior e mais poderosa fábrica de criminosos dos últimos séculos”: Williams, *Drug Addicts*, p. 12.

“uma brecha muito clara e deliberada”: *Ibid.*, p. xviii; Hickman, *Secret Leprosy*, pp. 121-4; King, *Drug Hang-Up*, pp. 33-4, 40; Miller, *Case for Legalizing Drugs*, p. 93.

“Pacientes que chegavam desempregados e debilitados”: Williams, *Drug Addicts*, p. 24.

“O prefeito de Los Angeles”: Caroline Jean Acker e Sarah W. Tracey (Orgs.). *Altering American Consciousness*. Amherst, MA: University of Massachusetts Press, 2004, p. 231.

“o Departamento Federal de Narcóticos estava indignado”: Anslinger, *Protectors*, pp. 48-9.

“lojas de departamento para cleptomaníacos”: Erlen e Spillane, *op. cit.*, p. 127.

“descreviam as clínicas como antros do pecado”: Acker e Tracey, *op. cit.*, p. 230; Bonnie e Whitebread, *op. cit.*, pp. 100-1.

“eles serão ótimos para alimentar os peixes”: Williams, *Drug Addicts*, p. 37.

“quase todos os dependentes perderam seus empregos”: Musto, *American Disease*, p. 178.

“Dezenas deles morreram”: Williams, *Drug Addicts*, p. 70.

“O departamento descumpria a legislação da Suprema Corte”: Ibid., p. 170; King, *Drug Hang-Up*, pp. 44-6; John Martin Murtagh e Sara Harris, *Who Live in Shadow*. Londres: New English Library, 1960, pp. 114-6.

“a ‘Suprema Corte não possui um exército para fazer valer suas decisões’”: “ e Czar Nobody Knows”, *New York Post*, arquivos de Anslinger, caixa 5, pasta 10.

“e 95% deles foram condenados”: Williams, *Drug Addicts*, p. 22.

“alguns receberam penas de cinco anos”: Ibid., p. 91. Um relato mais abrangente sobre a perseguição pode ser encontrado em King, *Drug Hang-Up*, pp. 47-58.

“o júri, horrorizado”: Arquivos de Anslinger, caixa 1, pasta 9.

“O efeito moral de sua condenação”: Acker e Tracey, op. cit., p. 238.

“Qualquer um que ousou aparecer com algum trabalho acadêmico...”: Sloman, op. cit., p. 199. Ver também King, *Drug Hang-Up*, p. 71.

p. 0, “quanto antes morressem”: Henry Smith Williams, *Luther Burbank*. Nova York: Hearst’s International Library, 1915, p. 316.

p. 0, “Ele se encontrou com Harry Anslinger”: Arquivos de Anslinger, caixa 8, pasta 8, memorando marcado com “Califórnia”.

p. 0, “por que um homem como aquele tinha sido atacado”: Arquivos de Anslinger, caixa 3, arquivo 6, carta de HSW para Beck.

p. 0, “‘histeria’”: Arquivos de Anslinger, caixa 3, pasta 6, carta intitulada “Memorando para o sr. Gaston”, por Anslinger.

p. 0, “todos os dezessete médicos”: Acker e Tracey, op. cit., p. 238.

p. 0, “condenado”: King, *Drug Hang-Up*, p. 61.

p. 0, “um ano”: Acker e Tracey, op. cit., p. 238.

p. 0, “nunca mais”: Em 1955, o dr. Hubert Howe testemunhou diante de uma subcomissão do Senado explicando que ele e seus colegas queriam prescrever opiáceos, “mas os médicos foram coagidos pela Polícia Federal”. Ver King, *Drug Hang-Up*, pp. 125-6. Ver também pp. 139-40.

p. 0, “Os médicos”, Anslinger, *Protectors*, p. 219.

p. 0, “William G. Walker declarou”: Acker e Tracey, op. cit., p. 242.

“transformando-o em uma peneira”: Anslinger, *Murderers*, pp. 221-2.

“absolutamente inútil”: Ryan Grim, *is Is Your Country on Drugs: e Secret History of Getting High in America*, Hoboken: John Wiley and Sons, 2009, p. 44.

“a história de Chris Hanson”: Alfred Lindesmith em matéria para o *Washington Post*. Capítulo 1 de *e Addict and the Law*. Disponível em: <onlinepot.org/chapter-1-the-addict-and-the-law/>. *Liberty*, 26 fev. 1938, p. 43; Anslinger, *Protectors*, pp. 53-4. Anslinger não diz o nome de Hanson nessa passagem sobre o agente corrupto, mas, pelo contexto, parece claro que está falando sobre ele. Sabemos disso porque a “Dama de Vermelho” sobre a qual

ele fala era uma parte importante do caso de Hanson. Ver a reportagem da revista *Liberty* citada acima.

“Woo Sing”: Arquivo Nacional, San Francisco, casos judiciais de Nevada, arquivos 9580 e 9581. Williams, *Drug Addicts*, pp. 100-1.

“pelos próprios traficantes”: Há três interpretações possíveis para os crimes de Hanson. A primeira é a de Henry Smith Williams, que acreditava que Big Chris trabalhava o tempo todo para os traficantes, fechando clínicas a mando deles. A segunda é de que ele estava trabalhando para eles e recebia propina para fazer vista grossa em relação ao tráfico — algo como o que a polícia faz hoje quando recebe esse tipo de suborno. A terceira é de que só começou a aceitar propina depois que saiu da Califórnia e foi para Nevada. Acredito na explicação de Henry, uma vez que os próprios colegas de Hanson levantaram a hipótese de ele ser corrupto na época em que chefiava o departamento em LA. Ver “In the Crime Spotlight”, *Official Detective Stories*, p. 43, 1 ago. 1939.

“algum caminho alternativo”: Acker e Tracey, op. cit., p. 255.

“fracos e desinteressantes”: Williams, *Survival of the Fittest*, pp. 309-10. Não foi uma simples mudança. Williams expõe seus antigos preconceitos, mas com menos força que antes, indicando que eles estão indo por água abaixo. Ver Williams, *Drugs Against Men*, p. IX.

“problemas com o Tio Sam”: King, *Drug Hang-Up*, p. 61.

“mas chegou perto”: Sloman, *Reefer Madness*, p. 83.

“toda a gentileza possível”: “ e Tsar Nobody Knows”, *New York Post*, arquivos de Anslinger, caixa 5, pasta 10.

3. O MUNDO DOS FORTES

“a proibição foi generalizada”: O historiador David Bewley-Taylor realizou um trabalho brilhante sobre o tema, e, com isso, foi possível rastrear as ações de Anslinger na esfera internacional.

“Baltimore”: Arquivos de Anslinger, caixa 2, pasta 20.

“inundando os Estados Unidos”: McWilliams, op. cit., p. 150. Erlen e Spillane, op. cit., p. 194.

“frio, cruel, calculista e sistemático”: Davenport-Hines, op. cit., pp. 275, 284.

“construir uma quinta-coluna”: Jay Richard Kennedy, “One World-Against Dope”, *is Week*, p. 22, 7 mar. 1948. Ver também Anslinger, *Murderers*, pp. 207-11.

“nada daquilo”: Valentine, *Strength of the Wolf*, p. 68.

“Não havia nada”: McWilliams, op. cit., p. 153; Valentine, *Strength of the Wolf*, p. 211.

“no mundo inteiro”: Para a história completa, ver David Bewley-Taylor, *e U.S. and International Drug Control, 1909-1997*. Nova York: Continuum, 1999, capítulos 2 e 4. Ver também King, *Drug Hang-Up*, capítulo 21.

“A Tailândia, por exemplo”: Anslinger, *Protectors*, p. 19.

“Charles Siragusa”: King, *Drug Hang-Up*, p. 225.

“Estou convencido”: Bewley-Taylor, op. cit., p. 105.

“pertence aos fortes”: Ibid., p. 48.

“quarentena”: Arquivos de Anslinger, caixa 5, pasta 8, artigo com o título “Ganhos na Guerra às Drogas contados por Anslinger”, não há nenhuma referência ao nome do autor nem ao jornal em que foi publicado.

“desapareceu”: Jonnes, op. cit., p. 104. John Rainford, *Consuming Pleasures: Australia and the International Drug Business*. Freemantle, Austrália: Freemantle, 2010, p. 150. Blackburn, *With Billie*, p. 53.

“hospitalizado”: Jonnes, op. cit., p. 104.

“maior fornecedor”: McWilliams, op. cit., p. 184.

4. A BALA NA ORIGEM DE TUDO

“rosto infantil”: Donald Henderson Clarke, *In the Reign of Rothstein*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2006, p. 19.

“mãos pequenas, femininas”: Ibid., p. 9.

“não bebia”: Katcher, op. cit., p. 227. Carolyn Rothstein, *Now I'll Tell*. Nova York: Vanguard, 1934, p. 31.

“Nem mascava chiclete”: David Pietrusza, op. cit., p. 10.

“ternos”: Rothstein, op. cit., p. 19.

“Geralmente, no meu caminho para casa”: Ibid., p. 3.

“Lindy’s”: Ibid., p. 3.

“rede de fraudes”: “Rothstein: Puzzle in Life, Still Enigma in Death”, *Pittsburgh Press*, 12 nov. 1928, p. 1.

“fonte de água”: Rothstein, op. cit., p. 232.

“*Guys and Dolls*”: O musical *Guys and Dolls* foi inspirado nos contos de Damon Runyon, que foram, por sua vez, inspirados em Arnold e Carolyn. Ver Ron Rosenbaum, “American Shylock: Arnold Rothstein (1882-1928)”, *e New Republic*, 24 out. 2012. Disponível em: <newrepublic.com/article/109050/american-shylock-arnold-rothstein-1882-1928#>. Acesso em: 24 fev. 2012.

“sua risada”: Rothstein, op. cit., p. 50.

“repor o dinheiro”: Ibid., p. 19.

“fugiu de casa”: Katcher, op. cit., p. 30.

“2 milhões de tolos”: Tosches, op. cit., p. 34.

“vivia contando as notas”: Rothstein, op. cit., p. 40; Pietrusza, op. cit., p. 2.

“apenas as estatísticas”: Rothstein, op. cit., p. 78.

“Quando conheceu”: Ibid., p. 42.

“só atirava dados sobre uma mesa”: Pietrusza, op. cit., p. 43; Rothstein, op. cit., p. 20.

“anel de noivado”: Rothstein, op. cit., p. 30.

“desligando”: Ibid., pp. 142-3.

“Descobri minhas limitações”: Clarke, *Reign of Rothstein*, p. 305.

“pagava aos jôqueis”: Rothstein, op. cit., p. 97.

“A proibição durará”: Pietrusza, op. cit., p. 198.

“intoxicação em massa por álcool”: Daniel Okrent, *Last Call: e Rise and Fall of Prohibition*. Nova York: Simon & Schuster, 2012, p. 221.

“empresas de fachada”: Jonnes, op. cit., p. 77.

“grupos pequenos”: Katcher, op. cit., p. 238.

“controle de todo o tráfico”: Valentine, *Strength of the Wolf*, p. 7.

p. 0, “mandou-o embora”: Rothstein, op. cit., p. 172.

p. 0, “jornal e World”: Tosches, op. cit., p. 209.

p. 0, “tratava-o tão bem”: Clarke, *Reign of Rothstein*, p. 5.

p. 0, “plata o plomo”: Ed Vuilliamy, *Amexica: War Along the Borderline*. Londres: Bodley Head, 2010, p. 4.

p. 0, “Dois detetives”: “Indict Arnold Rothstein: Charged With Shooting Two Detectives,” *New York Times*, 7 jun. 1919.

p. 0, “não levou o caso para a frente”: Tosches, op. cit., p. 288; Clarke, *Reign of Rothstein*, pp. 6-7, 40-8.

“dar uns tirinhos”: Ibid., p. 52.

“Pagou a um dentista”: Rothstein, op. cit., p. 130.

“com seu próprio dinheiro”: Pietrusza, op. cit., p. 321.

pp. 82-3, “O *New York Times* escreveu”: Ibid., p. 323.

“cultura do terror”: Reinerman e Levine, *Crack in America*, p. 68. Steven Pinker dá pistas sobre o que está acontecendo em seu excelente livro *e Better Angels of Our Nature Why Violence Has Declined* (Londres: Penguin, 2011, p. 89) [Ed. bras.: *Os anjos bons da nossa natureza: Por que a violência diminuiu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Trad. de Bernardo Joffily e Laura Teixeira Motta], no qual argumenta que com o “aumento do tráfico de drogas” na Jamaica, no México e na Colômbia, “as taxas de homicídio cresceram”. Miller, *Case for Legalizing Drugs*, pp. 67-8.

“medo que Rothstein inspirava”: Clarke, *Reign of Rothstein*, p. 50.

“broche de pérola”: Rothstein, op. cit., p. 120.

“por causa da polícia”: Ibid., p. 34.

“perderia toda a dignidade”: Ibid., p. 52.

“recolhendo as fichas rapidamente”: Ibid., p. 34.

“calma e segura”: Ibid., p. 16.

pp. 83-4, “cinco ou seis horas”: Ibid., pp. 31-3.

“nunca chegaria”: Katcher, op. cit., p. 214.

“É tarde demais”: Clarke, *Reign of Rothstein*, p. 32.

“Pense bem nisso”: Ibid., p. 304.

“assustado”: Rothstein, op. cit., p. 116.

“haviam pegado o cara errado”: Ibid., p. 238.

“amarrado e amordaçado”: Ibid., p. 240.

“Hotel Fairfield”: Ibid., p. 241.

“divórcio”: Ibid., p. 237.

“5 de novembro de 1928”: Katcher, op. cit., p. 1.

“baleado no intestino”: Sherwin D. Smith, “35 Years Ago: Arnold Rothstein was mysteriously murdered”, *New York Times Magazine*, 27 out. 1963.

“Chamem um táxi”: Rothstein, op. cit., p. 246.

“Se eu sobreviver”: Jonnes, op. cit., p. 72.

“um dia antes de morrer”: Stanley Walker, *e Night Club Era*, Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1999, p. 11. David Wallace, *e Capital of the World: A Portrait of New York City in the Roaring Twenties*. Guildford, CT: Lyons, 2011, p. 260.

“um novo testamento”: Clarke, *Reign of Rothstein*, p. 289.

“não sobrou nada”: “Rothstein Estate Is Held Insolvent”, *New York Times*, 6 out. 1935.

“nunca foi paga”: Rothstein, op. cit., p. 252.

“comprados por Rothstein”: “Section of Polite Society Is on Trial with McManus”, *Miami News*, 24 nov. 1929, p. 7.

“Era como se ninguém”: Tosches, op. cit., p. 317.

“absolvido pelo júri”: “McManus, Gambler, Dies in New Jersey”, *New York Times*, 30 ago. 1940, p. 38.

“a guerra pelas drogas”: Charles Bowden, *Murder City: Ciudad Juárez and the Global Economy's New Killing Fields*. Nova York: Nation, 2010, p. 18.

“escalando sobre os cadáveres de outro”: Anslinger, *Murderers*, p. 17.

“evolução de Darwin”: John Marks — que é tema de um capítulo posterior — em “ e Paradox of Prohibition” (sem data, mas claramente escrito durante o período), que me foi enviado por ele próprio, usa a imagem da “seleção natural de criminosos”, chamando-a de “efeito darwiniano da proibição”. Eu mesmo usei essa imagem antes de me deparar com essa referência — ela parece ser comum na literatura que trata da reforma das políticas para drogas.

5. SOULS OF MISCHIEF

“Um amigo meu”: Tony Newman, da Aliança para uma Política de Drogas.

“Quase setenta anos depois”: O nome de nascimento de Chino era Pemanicka; ele era conhecido como Pam e, depois, como Jason por um tempo, sendo que adotou o nome Chino por volta dos quinze anos. Para que ficasse mais claro, chamei-o de Chino.

“tempestade elétrica”: Eu já havia usado essa frase em uma coluna no *Independent*, para descrever Bette Davis.

“estranha o silêncio”: Wendell E. Pritchett, *Brownsville, Brooklyn: Blacks, Jews, and the Changing Face of the Ghetto*. Chicago: University of Chicago Press, 2002, p. 261.

“Ele nunca deixou de punir”: Rothstein, op. cit., p. 96.

“Mais de três quartos”: Soube disso por um estudo que aparece em Michael Massing, *e Fix* (Berkeley, CA: University of California Press, 2000, p. 39). Li depois o relatório original, em P. Goldstein, H. Brownstein e Patrick J. Ryan, “Drug Related Homicide in New York: 1984 and 1988”, *Crime and Delinquency*, v. 38, n. 4, pp. 459-76, 1 out. 1992.

“Assim como a guerra ao álcool”: Reinerman e Levine, op. cit., *Crack in America*, p. 118.

“Centro Nacional de Gangues Juvenis”: James Gray, *Why Our Drug Laws Have Failed and What We Can Do About It*. Philadelphia, PA: Temple University Press, 2001, p. 77.

“menos de 2%”: Elizabeth Pisani, *e Wisdom of Whores: Bureaucrats, Brothels, and the Business of AIDS*. Londres: Granta, 2009, p. 231.

“caíram 75%”: Ibid., p. 232.

“ameaçadas com prisão”: Entrevista com Allan Clear e Judith Rivera.

“22% de risco”: Ver MacCoun e Reuter, op. cit., pp. 26-7.

“agentes penitenciários”: Graham Rayman, “Rikers Island Fight Club”, *Village Voice*, 8 abr. 2008. Disponível em: <villagevoice.com/2008-04-08/news/rikers-fight-club/>. Acesso em: fev. 2013. Benjamin Weiser, “Lawsuits Suggest Pattern of Rikers Guards Looking Other Way” *New York Times*, 3. fev. 2009. Disponível em: <nytimes.com/2009/02/04/nyregion/04rikers.html?_r=1>. Acesso em: 5 fev. 2013. Benjamin Weiser e Michael Schwirtz. “U.S. Inquiry Finds a ‘Culture of Violence’ Against Teenage Inmates at Rikers Island”, 4 ago. 2014. Disponível em: <nytimes.com/2014/08/05/nyregion/us-attorneys-office-reveals-civil-rights-investigation-at-rikers-island.html>. Acesso em: 2 out. 2014.

“Chino estava em uma esquina”: Houve detalhes da história de Chino em que achei difícil acreditar. Tudo aquilo seria verdade mesmo? Então, encontrei seu melhor amigo da adolescência, seus colegas e seu primo. Todos contaram uma história similar à dele. As fichas criminais das suas prisões estão sob sigilo por essas contravenções terem acontecido quando era menor de dezoito anos, seguindo a lei do estado de Nova York. No entanto, em 16 de janeiro de 2014, com a Justiça de Nova York, consegui verificar por telefone e e-mail

que uma pessoa com o mesmo nome e data de nascimento de Chino de fato cometeu muitos crimes em Brownsville, Brooklyn, durante o período relatado por ele; apesar disso, não me foi descrita a natureza desses atos. Houve partes importantes da história que não consegui confirmar com mais ninguém — como aconteceu com Arnold Rothstein, traficantes não deixam documentos. Todas as partes que consegui verificar são condizentes com o relato de Chino.

“brancos são um pouco mais propensos”: Alexander, *New Jim Crow*, p. 97.

“acabar com o dono da Coors”: Acho que Glenn Greenwald foi uma das primeiras pessoas a falar comigo sobre essa questão. Escrevi sobre outras variantes possíveis em outros artigos. É uma analogia muito comum usada por reformistas e deve ter sido criada ao mesmo tempo por muitos de nós. O exemplo mais antigo do seu uso pode ser encontrado em Gray, *Why Our Drug Laws Have Failed and What We Can Do About It*, p. 68.

“professor Jeffrey Miron”: Jeffrey Miron, *Drug War Crimes: e Consequences of Prohibition*. Chicago: Independent Institute, 2004, p. 47.

“controlar o comércio ilegal”: Ibid., p. 48.

“entre 25% e 75%”: Ibid., p. 51. A Rand Corporation também tem uma pesquisa interessante sobre isso. Beau Kilmer, Jonathan P. Caulkins, Brittany M. Bond e Peter H. Reuter, “Reducing Drug Trafficking Revenues and Violence in Mexico: Would Legalizing Marijuana in California Help?”, 2010. Disponível em: <rand.org/content/dam/rand/pubs/occasional_papers/2010/RAND_OP325.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2014.

6. O LADO DA POLÍCIA

“entrevistei quinze policiais”: Foram eles: Joe Arpaio, no Arizona; Leigh Maddox, em Maryland; Stephen Dowling, na cidade de Nova York; Fred Martens, em Nova Jersey; Howard Wooldridge, em Washington, D.C.; João Figueira, em Lisboa; Joe To , em Reno, Nevada; Michael Levine, no norte do estado de Nova York; Neil Franklin, em Baltimore; Peter Moskos, na cidade de Nova York; Olivier Gueniat, em Neuchâtel, na Suíça; Terry Nelson, em Fort Worth, no Texas; Marisol Valles García, nos Estados Unidos (com o objetivo de mantê-la em segurança, me foi pedido que não especificasse a cidade, já que ela fugiu dos cartéis mexicanos); Richard Newton, em El Paso, Texas; e Charlie Mandigo, do estado de Washington.

“Ed Toatley”: A passagem com a descrição de Ed Toatley também contém informações obtidas da minha conversa com Neil Franklin.

“limpar o lugar de uma vez por todas”: Timothy Lynch (Org.), *After Prohibition: An Adult Approach to Drug Policies in the 21st Century*. Washington D.C.: Cato Institute, 2000, pp. 94-7.

“estudou as estatísticas”: Miron, *Drug War Crimes*, p. 50.

“Outros estudos confirmam isso”: A Comissão Global de Política de Drogas, liderada por ex-secretários de Estado e outros líderes do governo, estudou as provas e concluiu: “Virtualmente todos os estudos sobre o assunto concluíram que o aumento da violência do tráfico estava associado ao aumento dos níveis de aplicação das leis”. Ver *War on Drugs and HIV/AIDS: How the Criminalization of Drug Use Fuels the Global Pandemic*, Relatório da Comissão Global de Política de Drogas, p. 14. Disponível em: <globalcommissionondrugs.org/wp-content/themes/gcdp_v1/pdf/GCDP_HIV-AIDS_2012_REFERENCE.pdf>. Ver também Kilmer, Caulkins, Bond e H. Reuter, “Reducing Drug Trafficking Revenues and Violence in Mexico”, 2010. Disponível em: <rand.org/content/dam/rand/pubs/occasional_papers/2010/RAND_OP325.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2014.

“vencedor do Oscar”: Anslinger, *Protectors*, p. IX. Anslinger, *Murderers*, p. 15.

“Não senti nenhum remorso”: Del Quentin Wilbur, “Drug Dealer Gets Life for Killing State Trooper,” *Baltimore Sun*, 15 dez. 2001, “Telegraph”, 1A.

“caminho de Damasco”: Leigh disse isso em um discurso no Instituto Cato no outono de 2011. Eu estava na plateia. O áudio está disponível em <cato.org/events/ending-global-war-drugs>. Acesso em: 5 fev. 2013.

“o filho de Ed, que tinha cinco anos”: Daniel Stephen Manning, “Slain Trooper Remembered as Model Policeman”, *Associated Press*, 3 nov. 2000. Acesso via LexisNexis em 1 abr. 2013. Wilbur, “Drug Dealer Gets Life”.

“Censo do Abuso de Drogas”: MacCoun e Reuter, op. cit., p. 114.

“De fato, em qualquer período considerado”: DeGrandpre, op. cit., p. 174.

“Fogg, você tem razão”: “Matthew Fogg, Chief Deputy U.S. Marshal (Ret.), Speaks About Racism of Drug War”, 3 jul. 2010. Disponível em: <christiansagainstoprohibition.org/node/383>. Acesso em: 8 jan. 2014.

“quando se é preso”: Alexander, *New Jim Crow*, p. 153.

“urgood Marshall”: Benavie, op. cit., p. 14.

“bandeira branca”: Discurso de Leigh no Instituto Cato, outono de 2011.

7. COGUMELOS

“próxima à calçada”: William B. Talbott e Frank D. Roylance, “6-year-old girl caught in cross-fire, killed in W. Baltimore last summer”, 20 jan. 1992. Disponível em:

<articles.baltimoresun.com/1992-01-20/news/1992020097_1_tiffany-gunmen-baltimore>. Acesso em: 2 out. 2012.

“O dia havia sido divertido”: Tom Keyser e Alisa Samuels, “Man arrested in killing of 6-year-old Police say ‘turf war’ led to fatal W. Baltimore shooting”, 11 jul. 1991. Disponível em: <articles.baltimoresun.com/1991-07-11/news/1991192151_1_tiffany-smith-rosedale-turf-war>. Acesso em: 2 out. 2012.

“O nome do quarteirão”: Peter Hermann, “A mother says best thing she ever did was leave city”, 11 dez. 2008. Disponível em: <articles.baltimoresun.com/2008-12-11/news/0812100212_1_tiffany-devone-leave-baltimore>. Acesso em: 2 out. 2012.

8. VERGONHA

“As detentas”: Levei meu gravador enquanto estive na Cidade das Barracas e quando saí com um grupo de detentas, então tenho o áudio completo de todo o conteúdo deste capítulo.

“EU ERA UMA DEPENDENTE DE DROGAS”: Nesse dia em particular, entre as mulheres que estavam nesse grupo de detentas, havia algumas acusadas de violência doméstica e de não pagarem pensão alimentícia para seus filhos.

“Uma garota não fica acorrentada”: Optei por não publicar os nomes completos para não aumentar ainda mais seu sentimento de humilhação.

“Michelle começa a vomitar”: Depois de um tempo, levaram-na para receber cuidados médicos. As outras mulheres me contaram que isso só acontece na presença de jornalistas. Arpaio diz que a participação na “turma da corrente” é voluntária; ver Joe Arpaio, *Joe’s Law: America’s Toughest Sheriff Takes On Illegal Immigration, Drugs, and Everything Else at reatens America* (Nova York: Amacom, 2008, p. 126). Mas os guardas que supervisionam o grupo afirmaram: “Elas não pedem para participar, nós as forçamos”. As mulheres confirmaram isso. Elas são colocadas na solitária e, geralmente, a única forma de sair é participar da “turma da corrente”. Uma mulher me disse que escolheu participar porque era melhor sair do que ficar presa lá dentro, mas a maioria não escolhe.

“um herói”: Este capítulo teve principalmente como base entrevistas com Donna Leone Hamm, Steve Lemmons e Peggy Plews.

“campo de concentração”: Lawrence Downes, “In Arpaio’s Arizona, they Fought Back”, 21 jul 2012. Disponível em: <nytimes.com/2012/07/22/opinion/sunday/in-arpaios-arizona-they-fought-back.html?_r=0>. Acesso em: 10 nov. 2012.

“leprosos”: Arquivos de Anslinger, caixa 1, pasta 10. Arpaio, *Joe’s Law*, p. 94.

“quinze centavos de dólar”: Ibid., p. 213.

“carne não identificada”: Ted Hesson, “Why Two Decades of Tent City Is Enough”, *ABC News*, 29 jul. 2012. Disponível em: <abcnews.go.com/ABC_Univision/Politics/problem-sheriff-joe-arpaios-tent-city-analysis/story?id=19804368>. Acesso em: 2 out. 2014. Sadhbh Walshe, “Joe Arpaio, Maricopa County’s king of cruel”, *e Guardian*, 27 jun. 2012. Disponível em: <theguardian.com/commentisfree/2012/jun/27/joe-arpaiio-maricopa-county-king-cruel>. Acesso em: 2 out. 2014.

“Não deixe ninguém ver este papel”: Tenho este bilhete, além do nome completo da prisioneira e seu número de identidade. A diretora Rachel Seifert filmou o bilhete para seu documentário no dia em que o recebi.

p. 0, “consideram melhor ter companhia”: A única exceção é que algumas possuem companheiras de cela. Elas são confinadas em um espaço tão minúsculo que até mesmo defecam na frente umas das outras.

“pelo tratamento médico”: Descobri esse caso, a princípio, através da entrevista que fiz com Peggy Plews. Ela escreveu primeiro sobre o que aconteceu no site Arizona Prison Watch. Disponível em: <arizonaprisonwatch.blogspot.co.uk/2011/06/new-az-juvenile-correctionsdirector_14.html>. Foi também documentado no relatório da Anistia Internacional “Isolamento Cruel: Preocupações da Anistia Internacional sobre as Condições em Prisões de Segurança Máxima do Arizona”, 22n30.

“abrigo para animais”: Scott Craven, “Inside Arpaio’s Pet Shelter, Where Pets Get New Life — Or Life Sentence”, *Arizona Republic*. Disponível em: <google.co.uk/#hl=en&client=psy-ab&q=joe+arpaio+animal+shelter&oeq=joe+arpaio+animal+shelter&gs_l=hp.3..0j0i5j0i5i30l2.6l655.63380.1.63561.14.11.0.3.3.0.201.1081.4j5j1.10.0.les%3B..0.0...1c.1.Ud2A56Vc0A&pbx=1&bav=on.2,or.r_gc.r_pw.r_qf.&fp=686a68ff5cd60d08&bpcl=37643589&biw=1175&bih=618>. Acesso em: 10 nov. 2012.

“aprimonam mais pessoas”: MacCoun e Reuter, op. cit., p. 24.

“todos os prisioneiros fossem somados”: Graham Boyd, “ e Drug War Is the New Jim Crow”, *Nacla Report on the Americas*, v. xxxv, n. 1, jul./ ago. 2001, p.18.

“mais homens estuprados”: Christopher Glazek, “Raise the Crime Rate”, *Machine Politics*, n. 13, inverno 2012. Disponível em: <nplusonemag.com/raise-the-crime-rate>. Acesso em: 12 dez. 2012.

“estava presa porque, um ano antes”: Apresentação da investigação do caso CR9611017, e *State of Arizona vs. Marcia Joanne Powell*.

“Ela foi levada”: Ver a investigação do Departamento de Correções do Arizona, sumário.

“uma pessoa para zelar”: Carta de James Hass, Gabinete da Defensoria Pública, Maricopa County, para o Departamento de Liberdade Provisória, recomendando uma sentença para Marcia Powell em 11 de julho de 2008. Ver também o e-mail de Gary Strickland para Karyn Klausner em 29 de maio de 2009, mostrando que a penitenciária sabia que um guardião

havia sido indicado para ela, como publicado na investigação oficial. Ver também o parecer da Corte Superior de Maricopa County de 7 de julho de 2008, definindo-a como “inimputável”.

pp. 153-4, “Mas a médica concluiu”: Relatório sobre a morte de Marcia Powell do inspetor-geral do Departamento de Correções do Arizona.

“cigarro e café”: Memorando Administrativo do inspetor-geral do Departamento de Correções do Arizona, 6 de setembro de 2009, entrevista com o agente penitenciário Evan Hazelton.

“Ela cagou nas calças”: Depoimento da agente penitenciária Electra Allen ao inspetor-geral da investigação oficial em 2 de setembro de 2009. Ver também carta de Donna Leone Hamm, do Middle Ground Prison Reform, para Richard Romley, procurador de Maricopa County, em 14 de maio de 2010. Ver também a carta da mesma para Kathleen Ingley, do *Arizona Republic*, em 24 de setembro de 2009.

“Jay-Z”: Departamento de Correções do Arizona, memorando para o diretor de divisão John Hallahan, 6 de setembro de 2009.

“quente demais”: Memorando Administrativo do inspetor-geral do Departamento de Correções do Arizona, 1 set. 2009.

“superengraçado”: Essa frase foi tirada de um depoimento de uma testemunha que foi publicado junto com toda a investigação oficial. Os nomes das prisioneiras que deram depoimento foram censurados, mas os testemunhos foram publicados na íntegra. Todas elas dizem que têm medo de dar depoimento, mas acreditam ser a coisa certa a fazer em termos morais.

“até os 42 graus”: Carta do inspetor-geral Frigo do Departamento de Correções do Arizona, de 1º de junho de 2009, ao diretor T. Schroeder. Ver também Stephen Lemmons, “Marcia Powell’s Death Unavenged: County Attorney Passes on Prosecuting Prison Staff”, *Phoenix New Times*, 1——set. 2010. Disponível em: <blogs.phoenixnewtimes.com/bastard/2010/09/marcia_powells_death_unavenged.php>. Acesso em: 2 abr. 2013.

“como se estivessem em um forno”: Stephen Lemmons, “Arizona’s Shameless About the Cage Death of Marcia Powell”, *Phoenix New Times*, 1 out. 2009. Disponível em: <phoenixnewtimes.com/2009-10-01/news/arizona-s-shameless-about-the-human-cage-death-of-marcia-powell-and-you-might-not-want-to-worship-pot-like-the-church-of-cognizance-but-why-the-heck-can-t-you-just-smoke-it/>. Acesso em: 2 abr. 2013.

“obrigação legal”: Stephen Lemmons, “Marcia Powell Update: Her Guardian, the Cages, and a Friend from Perryville Speaks”, *Phoenix New Times*, 29 maio 2009. Disponível em: <blogs.phoenixnewtimes.com/bastard/2009/05/marcia_powell_update_the_guard.php>. Acesso em: 2 abr. 2013.

“tão secos quanto um pergaminho”: Stephen Lemmons, “Marcia Powell Update: Her Guardian, the Cages, and a Friend from Perryville Speaks”, *Phoenix New Times*, 29 maio 2009. Disponível em: <blogs.phoenixnewtimes.com/bastard/2009/05/marcia_powell_update_the_guard.php>. Acesso em: 2 abr. 2013.

“Três funcionários da prisão foram demitidos”: Stephen Lemmons, “Arizona’s Shameless About the Cage Death of Marcia Powell”, *Phoenix New Times*, 1 out. 2009. Disponível em: <phoenixnewtimes.com/2009-10-01/news/arizona-s-shameless-about-the-human-cage-death-of-marcia-powell-and-you-might-not-want-to-worship-pot-like-the-church-of-cognizance-but-why-the-heck-can-t-you-just-smoke-it/>. Acesso em: 2 abr. 2013.

“escândalo de Abu Ghraib”: “It Happened Here First: Exporting America’s Most Notorious Prison Officials to Abu Ghraib”. Disponível em: <democracynow.org/2004/6/2/it_happened_here_first_exporting_americas>. Acesso em: 2 abr. 2013.

“passou outros três em um orfanato”: e *State of Arizona vs. Marcia Joanne Powell*, caso n. CR9611017 — Apresentação do Inquérito.

“recortes das reportagens de jornal”: Ver “Teenager Suspected in Missouri Triple Slaying”, *Associated Press*, 28 mar. 2004. Acesso via LexisNexis em 29 fev. 2013.

“há uma emergência federal!”: e *State of Arizona vs. Marcia Joanne Powell*, caso n. CR9611017 — Apresentação do Inquérito.

9. O ANJO DE JUÁREZ E BART SIMPSON

“mais de 60 mil”: “Who is behind Mexico’s drug-related violence?”, *BBC News*, 10 fev. 2014. Disponível em: <bbc.co.uk/news/world-latin-america-10681249>. Acesso em: 6 dez. 2013.

“O TEMPO É CURTO”: Fui acompanhado nessa parte da viagem pela cineasta Rachel Seifert.

“Eu o conheci algum tempo depois”: Ele me contou que já tinha ficado sobre um cadáver dessa maneira alguns meses antes.

“90% da cocaína”: “Mexico Drug War Fast Facts”, *CNN Library*. Disponível em: <cnn.com/2013/09/02/world/americas/mexico-drug-war-fast-facts/>. Acesso em: 6 dez. 2013.

“entre 19 bilhões e 29 bilhões”: “United States — Mexico Bi-National Criminal Proceeds Study”, US Department of Homeland Security. Disponível em: <ice.gov/doclib/cornerstone/pdf/cps-study.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2013, via reportagem da CNN acima.

“Billie Holiday tomou um porre”: Nicholson, op. cit., p. 208.

“queremos uma sociedade melhor”: Juan não defende a legalização; ele acredita que a guerra às drogas vai terminar com a evangelização da sociedade e com advertências morais. “Acredito de todo o meu coração que alguns dos matadores ouvirão minha mensagem.”

“e então saiu”: Guardas entraram e saíram durante toda a entrevista. Passadas duas horas, uma guarda se sentou e escutou a conversa até o fim.

“Em 2005, Rosalio Reta estava em um acampamento de férias”: Neste livro, sempre que escrevi sobre pessoas ainda vivas e o que acontecia com elas internamente, se formavam uma parte importante da história, li para elas ou enviei-lhes o material que redigi para ver se estava tudo certo. Rosalio é uma de duas exceções. (A outra é o presidente José Mujica, que tinha um país para governar e, por isso, não teve tempo para ler minha obra.)

Sobre os fatos mais sombrios de sua vida entre os Zetas, com poucas exceções que são explicadas no texto, Rosalio sempre contou uma história razoavelmente consistente sobre sua vida. Mas, como se percebe, quando se trata de explicar por que ele fez o que fez, sua história mudou de maneira radical com o passar do tempo. De início, ele disse que escolheu ser Zeta; depois, declarou que foi forçado a se tornar um.

Durante nossa longa conversa, ficou claro que ele queria que os jornalistas apresentassem a segunda narrativa — a de que ele foi sequestrado e forçado a se tornar um matador — como a verdade, de modo a desmentir a primeira versão. Em nossa conversa, descobri que Rosalio tem muita raiva de todos os jornalistas que escreveram sobre ele por não terem feito isso. Por exemplo, sobre o jornalista Rusty Fleming, que o entrevistou e escreveu sobre ele, afirmou: “A maior parte do que ele disse é conversa fiada”. Quando pedi a Rosalio que especificasse o que Fleming não tinha entendido direito, contou que tinha o artigo de Fleming na sua cela e disparou: “Nada disso é verdade”. Mas, depois, admitiu: “É parecido com o que aconteceu, mas com as palavras dele... É, era verdade”.

Logo se tornou óbvio para mim que a origem do ressentimento de Rosalio com jornalistas é que eles não apoiavam essa nova narrativa, que ele deseja que seja apresentada exclusivamente a partir das palavras dele e que seja recebida sem nenhum ceticismo. Ele me disse que todos os jornalistas distorceram suas palavras porque “sempre tendem a distorcer as coisas, de modo que não pareço uma vítima, mas o vilão. Isso não é justo. Esta é a única coisa que lhe peço. Não me coloque nessa posição. Você não sabe pelo que tive de passar”. Mais tarde, comentou: “Não é certo tentar contar a história da maneira dele. Não é certo”. Sobre os jornalistas, disse que “usam a mesma teoria, mas contam com as palavras deles”. Para mim, ele pediu: “Não quero que você conte isso com suas palavras, como todos os outros”.

Perguntei se achava que a entrevista deveria consistir apenas no que ele dizia e mais nada além disso, no que ele respondeu: “Sim”. Eu não concordei com esta condição, e falei explicitamente: “Não posso usar apenas o que me disse”.

Então, ficou claro para mim que o meu processo regular de checagem — aquele que fiz, por exemplo, com Chino Hardin e Leigh Maddox, no qual pedi que verificassem frase por frase se tudo o que eu tinha escrito estava correto — não faria sentido com Rosalio. A única versão da sua história que ele consideraria correta seria aquela que o eximiria por completo dos seus atos. Diante disso, não acho que seria razoável ou comprometido com os fatos apresentar a narrativa dele como a realidade. (Inclusive, a história apresentava inconsistências e mudava durante toda a entrevista, como fica claro no texto.)

A afirmação de que os atos de violência cometidos por ele não lhe agradavam é amplamente contrariada, por exemplo, pelas gravações reunidas pela polícia e que são citadas neste capítulo.

Isso me deixou num dilema: a história dele seria suficientemente confiável para constar no livro, e, em caso afirmativo, como eu a contaria? Não existe dúvida de que ele trabalhou para os Zetas — está preso por isso e as gravações são provas explícitas disso. E, isto é muito importante, os relatos das suas ações criminosas são bastante consistentes. O que mudou foram os motivos e a lógica por trás desses atos — e não a narrativa dessas ações violentas, com exceção de como ele entrou para o crime. Também tendo a acreditar que ele conta a verdade sobre os acontecimentos, porque a parte da história que ele relata com maior consistência é a menos lisonjeira: os fatos crus — confirmados por Rosalio — mostram que ele foi um *serial killer*. Concluí que se uma pessoa conta por anos uma história consistente sobre ter cometido crimes graves, e existem várias evidências legais para provar que esses crimes ocorreram, então é legítimo confiar na história dela.

No entanto, essa entrevista é redigida de uma maneira diferente das outras, com o intuito de refletir o alto nível de ambiguidade quanto a algumas questões. Primeiro, não mandei o texto a Rosalio. Tenho certeza de que ele reagiria da mesma forma que reagiu à reportagem de Rusty Fleming: vai dizer que está errado porque não o apresentei apenas como uma vítima, mas não conseguiria apontar nenhum erro específico, já que usei como base apenas nossa conversa de quatro horas, além de provas de outras fontes confiáveis. Em segundo lugar, apontei no texto os momentos em que ele me contou coisas diferentes sobre um mesmo evento, para permitir que o leitor chegue às suas próprias conclusões. Incluí esta nota final para ser o mais transparente possível sobre como cheguei às conclusões presentes neste livro.

“Ele lembra muito bem que aprendeu a técnica”: Uma descrição sobre os campos de treinamento dos Zetas que bate com a descrição de Rosalio pode ser encontrada em George W. Grayson e Samuel Logan, *Executioner’s Men: Los Zetas, Rogue Soldiers, Criminal Entrepreneurs, and the Shadow State they Created*. New Brunswick, NJ: Transaction, 2012, pp. 46-8.

“Se eu recuar”: Grillo, op. cit., p. 105.

“atingiam uma escala industrial”: Grayson e Logan, op. cit., p. 181.

“levaram o grupo para Fort Bragg”: Chris Arsenault, “US-trained cartel terrorises Mexico”, *Al Jazeera*, 3 nov. 2010. Disponível em: <aljazeera.com/indepth/features/2010/10/20101019212440609775.html>. Acesso em: 5 out. 2012.

“Nem mesmo a morte”: Grillo, op. cit., p. 96.

“desertaram em massa”: Sergio González Rodríguez, *e Femicide Machine*. Los Angeles: Semiotext(e), 2012, p. 62.

“Esses desertores”: Gibler, op. cit., p. 59; Grayson e Logan, op. cit., pp. 46-7.

“ele cresceu”: James C. McKinley Jr., “Mexican cartels lure American teens as killers”, *New York Times*, 22 jun. 2009. Disponível em: <nytimes.com/2009/06/23/us/23killers.html>. Acesso em: 5 out. 2012.

“se você não é policial”: Ayse Wieting, “ e Day I Met a Cartel Assassin”, *Fox News*, 20 ago. 2009. Disponível em: <foxnews.com/story/2009/08/20/day-met-cartel-assassin.html>. Acesso em: 5 out. 2012.

p. 0, “Eu me senti o Superman”: Ed Lavandera, “Police: U.S. teens were hit men for Mexican cartel”, *CNN News*, 13 mar. 2009. Disponível em <edition.cnn.com/2009/CRIME/03/12/cartel.teens/index.html>. Acesso em: 5 out. 2012.

p. 0, “Outros dormem tão bem”: James C. McKinley Jr., “Mexican cartels lure American teens as killers”, *New York Times*, 22 jun. 2009. Disponível em: <nytimes.com/2009/06/23/us/23killers.html>. Acesso em: 5 out. 2012.

p. 0, “se tornasse um dos Zetas”: Grayson e Logan, op. cit., p. 179.

p. 0, “Por três anos, trabalhou”: Ibid., pp. 180-1.

“Mercenários”: Johnthomas Didymus, “Mexican Drug Cartels Recruit US Teenagers as ‘Expendables’”, *Digital Journal*, 18 out. 2011. Ver também Grayson e Logan, op. cit., p. 36.

“Cada parte do corpo é um quadro de avisos”: Howard Campbell, *Drug War Zone: Frontline Dispatches from the Streets of El Paso and Juárez*. Austin, TX: University of Texas Press, 2009, p. 29.

“sempre acordado”: Ed Lavandera, “Police: U.S. teens were hit men for Mexican cartel”, *CNN News*, 13 mar. 2009. Disponível em: <edition.cnn.com/2009/CRIME/03/12/cartel.teens/index.html>. Acesso em: 5 out. 2012.

“Mas no meio do terror”: Grayson e Logan, op. cit., pp. 91-2.

“quinhentos dólares”: Grillo, op. cit., p. 254.

“375 mil dólares”: Ayse Wieting, “ e Day I Met a Cartel Assassin”, *Fox News*, 20 ago. 2009. Disponível em: <foxnews.com/story/2009/08/20/day-met-cartel-assassin.html>. Acesso em: 5 out. 2012.

“casa luxuosa”: James C. McKinley Jr., “Mexican Cartels Lure American Teens as Killers”, *New York Times*, 22 jun. 2009. Disponível em: <nytimes.com/2009/06/23/us/23killers.html>. Acesso em: 5 out. 2012.

“Eles morreram sozinhos”: Luke Dittrich, “Four Days on Mexico Border Control”, *Esquire*, 8 jun. 2009.

“A polícia local”: Grayson e Logan, op. cit., p. 183.

“Eu matei pessoas enquanto”: Ibid., pp. 36, 181.

“incluindo suas mulheres grávidas”: Chris Arsenault, “US-trained cartel terrorises Mexico”, *Al Jazeera*, 3 nov. 2010. Disponível em: <aljazeera.com/indepth/features/2010/10/20101019212440609775.html>. Acesso em: 5 out. 2012.

“exibi-las em público”: Ibid.

“e a costurar em uma bola de futebol”: Nick Allen, “Murder victim has face stitched on football”, *e Telegraph*, 10 jan. 2010. Disponível em: <telegraph.co.uk/news/worldnews/centralamericaandthecaribbean/mexico/6962500/Murder-victim-has-face-stitched-on-football.html>. Acesso em: 8 out. 2012. Grillo, op. cit., p. 6.

“Carolyn Rothstein contou”: Rothstein, op. cit., p. 119.

“Agora não tem polícia”: Isso é sustentado pela maioria dos relatos. Ver, por exemplo, Grayson e Logan, op. cit., pp. 67-82, no qual dizem que os Zetas têm “dupla soberania”, formando um “governo das sombras”.

“entre 60% e 70%”: Bowden, *Murder City*, p. 45.

“Em 48 horas”: Isso é explicado claramente em *Nothing Personal*, “Young Guns,” episódio 5, apresentado por Steve Schirripa (2011).

“Foi o instante em que a guerra às drogas”: Como dito antes, foi um conceito cunhado por Charles Bowden; ver Bowden, *Murder City*, p. 18.

p. 0, “comando supremo”: “Zetas boss Heriberto Lazcano’s death confirmed”, *e Guardian*, 9 out. 2012. Disponível em: <guardian.co.uk/world/2012/oct/09/zetas-boss-heriberto-lazcano-death-confirmed>. Acesso em: 6 out. 2012.

p. 0, “capturado pela polícia mexicana”: “Mexico captures Zetas leader Miguel Angel Treviño Morales, known as Z-40”, *e Guardian*, 16 jul. 2013. Disponível em: <theguardian.com/world/2013/jul/16/mexico-drugs-trade>. Acesso em: 20 nov. 2013.

10. CONEXÃO MEXICANA

“por meio de pessoas”: Fui apresentado a Juan Fraire Escobedo pelo extraordinário grupo Mexicanos en Exilio, que luta pelo direito de os mexicanos que fugiram da violência relacionada à guerra às drogas conseguirem asilo nos Estados Unidos.

“Não tenho palavras”: Disponível em: <mariselaescobedo.com/media.html>. Acesso em: 24 abr. 2014.

“apenas 2%”: Bowden, *Murder City*, p. 238.

“São apenas algumas de nós”: Disponível em: <mariselaescobedo.com/vid_protests.html>. Acesso em: fev. 2013, e traduzido para mim por Francis Whatlington.

“O calor nessas estradas”: Essa descrição teve como base minha própria experiência ao ser levado por essas estradas, quando fui a Creel para entrevistar uma mulher cujo marido e filhos tinham desaparecido. Escrevi essa história para o jornal *Le Monde Diplomatique*.

p. 0, “Então, deixe que ele me mate”: Ken Ellingwood, “Mexico Under Siege,” *Los Angeles Times*, 18 dez. 2010.

p. 0, “acertou bem na cabeça”: Isso está registrado em vídeo. Parte dele está em “Marisela Escobedo Ruiz Killed — Omicidio In Diretta Messico”. Disponível em: <youtube.com/watch?v=i9P1gNCAZNw> ou <youtube.com/watch?v=jfH5U3JnCDs>. Acesso em: 2 abr. 2013. Assim como no documentário *8 Murders a Day* (2011).

“o controle dos cartéis”: Você pode ouvir o próprio Juan fazendo um relato de suas experiências em Melissa del Bosque, “Justice in Exile,” *Texas Observer*, 13 mar. 2012. Disponível em: <texasobserver.org/justice-in-exile/>. Acesso em: 2 abr. 2013.

“escritas pelo próprio Harry Anslinger”: Anslinger, *Protectors*, pp. 10-1.

“Não era o que a família queria”: H. Nelson Goodson, “Barraza Bocanegra Killed in Zacatecas By Mexican Military,” *Hispanic News Network*, 23 nov. 2012. Disponível em: <hispanicnewsnetwork.blogspot.co.uk/2012/11/barraza-bocanegra-killed-in-zacatecas.html>. Acesso em: 23 nov. 2013.

“o maior especialista em drogas”: Gretchen Kristine Pierce, “Sobering the Revolution: Mexico’s Anti-Alcohol Campaigns”. Tese de doutorado. Universidade do Arizona, 2008. Disponível em: <repository.arizona.edu/handle/10150/194341>.

“o indicou como chefe”: Bewley-Taylor, op. cit., p. 42.

“as mesmas descobertas”: Ele condenou explicitamente a abordagem de Harry; ver Walker, *Drug Control in the Americas*, p. 125.

“não causa psicose”: Ibid., p. 68.

“mito da marijuana”: Campos, op. cit., p. 226.

“É impossível”: Walker, *Drug Control in the Americas*, p. 67.

“impediria que criminosos”: “Globalisation, Drugs and Criminalisation: Final Research Report on Brazil, China, India and Mexico”, Relatório da Unesco, 2002, p. 60. Disponível em: <unesdoc.unesco.org/images/0012/001276/127644e.pdf>. Acesso em: 21 out. 2012.

“eram primeiro criminosos”: Walker, *Drug Control in the Americas*, p. 126.

“acabou deixando o cargo”: Ibid., pp. 67, 133.

“gritavam de dor”: Ibid., pp. 127-32.

“vitória notável para Harry”: Ibid., p. 132.

“sinal do sucesso”: Julian Miglierini, “Bodies found as Mexicans march against drug violence”, *BBC News*, 7 abr. 2011. Disponível em: <bbc.co.uk/news/world-latin-america-

12992664>. Acesso em: 21 out. 2013.

11. EXPERIÊNCIAS COM ANIMAIS

“um mundo livre das drogas”: Libby Brooks, “Never Mind the Evidence — A Drug-free World is Nigh”, *e Guardian*, 5 mar. 2009. Disponível em: <guardian.co.uk/commentisfree/2009/mar/05/war-on-drugs-prohibition>. Acesso em: 1 jul. 2012.

“não existe”: “Warning Campaign Launched Against Club Drugs”, *Associated Press*, 3 dez. 1999, acesso via LexisNexis, 1 jul. 2012.

“dois presidentes norte-americanos”: Ronald Siegel, *Intoxication: Life in Pursuit of Artificial Paradise*. Nova York: Simon & Schuster, 1989, p. 14.

“desorientados”: *Ibid.*, p. 72.

“Depois de coletarem”: *Ibid.*, p. 11.

“Em todos os países”: *Ibid.*, p. 13.

“Ficaram tão bêbados”: *Ibid.*, p. 105; ver também a entrevista com Siegel.

“não é capaz de fazer nada”: Siegel, *op. cit.*, p. 198.

“apenas 10%”: Disponível em: <unodc.org/documents/commissions/CND-Session51/CND-UNGASS-CRPS/ECN72008CRP17.pdf>, pp. 3-4. Acesso em: 12 jul. 2012. Sou grato a Steve Rolles, da Transform, e ao dr. Carl Hart por me alertarem para esse fato. Esse dado também é discutido em Alice Speri, “Cryptomarkets Are Gentrifying the Drug Trade, and that’s Probably a Good Thing”, *VICE*, 5 set. 2014. Disponível em: <news.vice.com/article/cryptomarkets-are-gentrifying-the-drug-trade-and-thats-probably-a-good-thing>. Acesso em: 24 set. 2014. Para ver estudos que indicam uma proporção semelhante, ver DeGrandpre, *op. cit.*, p. 231.

“Mesmo William Bennett”: Ver Miller, *Drug Warriors*, p. 5.

“usando drogas nas ruas”: Jacob Sullum, *Saying Yes: In Defense of Drug Use*. Nova York: Penguin, 2003, p. 10.

“a OMS”: “e WHO cocaine reports the US didn’t want you to see”, 10 jun. 2009. Disponível em: <transform-drugs.blogspot.co.uk/2009/06/report-they-didnt-want-you-to-see.html>. Acesso em: 2 dez. 2013.

“é a norma, não a exceção”: Sullum, *op. cit.*, p. 9.

“ficar doidão por prazer”: Siegel, *op. cit.*, p. 14. Ver também entrevista com Siegel.

“chacoalhão na cabeça”: Stuart Walton, *Out of It: A Cultural History of Intoxication*. Londres: Penguin, 2001, p. 10.

“No alto dos Andes”: Mike Jay, *High Society: Mind-Altering Drugs in History and Culture*. Londres: Thames and Hudson, 2010, p. 14.

“casa de William Shakespeare”: David Derbyshire. “Did Shakespeare seek inspiration in cocaine?”, *e Telegraph*, 8 mar. 2001. Disponível em: <telegraph.co.uk/news/science/science-news/4760882/Did-Shakespeare-seek-inspiration-in-cocaine.html>. Acesso em: 24 jun. 2014.

“George Washington”: Okrent, op. cit., p. 8.

“A ubiquidade”: Walton, op. cit., p. 2. Arnold Trebach, *e Heroin Solution*. New Haven, CT: Yale University Press, 1982, p. xi.

“quarto imperativo”: Walton, op. cit., p. 208.

“novo, surpreendente”: R. Gordon Wasson, Albert Hofmann e Carl A. P. Ruck, *e Road to Eleusis: Unveiling the Secret of the Mysteries*. Nova York: Harcourt, 1978, p. 17.

“Sófocles, Aristóteles”: Walton, op. cit., pp. 38-9.

“A cerimônia anual”: Ibid., p. 38; Wasson, Hofmann e Ruck, op. cit., pp. 51-3.

“por dois milênios”: Wasson, Hofmann e Ruck, op. cit., p. 9. Ver também Heródoto, *Histórias*, 8, 65, e Isócrates, *Panegírico*, 4, 157.

“nada menos que”: McWilliams, op. cit., p. 186.

“outros escritores”: Wasson, Hofmann e Ruck, op. cit.

“estavam sendo reprimidos”: Ibid., p. 55.

“era compartilhado pela multidão”: Walton, op. cit., p. 38; Wasson, Hofmann e Ruck, op. cit., pp. 76-85. Carl Kerényi, *Eleusis: Archetypal Image of Mother and Daughter*. Princeton: Princeton University Press, 1967, pp. 177-80.

“causava alucinações”: D. C. A. Hillman, *e Chemical Muse: Drug Use and the Roots of Western Civilisation*. Nova York: St. Martin, 2008, p. 209. Ver também Wasson, Hofmann e Ruck, op. cit., pp. 25-34, 47-8. Não existe um consenso entre os estudiosos do período clássico sobre essas conclusões. Alguns concordam e outros não. Mas essas visões são defendidas por grandes acadêmicos, e não por impostores. George Luck, professor emérito de período clássico na Universidade Johns Hopkins, diz que foi “comprovado, para além de qualquer dúvida, que a bebida servida durante o rito de iniciação dos mistérios de Elêusis continha ergotamina”, o fungo alucinógeno, e que isso “é responsável pelas visões maravilhosas de um outro mundo que tornavam a experiência religiosa tão única”. Ver Carl A. P. Ruck, *Sacred Mushrooms of the Goddess: Secrets of Eleusis*. Berkeley, CA: Ronin, 2006, p. 161.

“organizada pelos governantes”: Hillman, op. cit., p. 209.

“o primeiro crime de posse de droga”: Walton, op. cit., p. 44.

“usuários de drogas”: Ver Hillman, op. cit., pp. 3, 6.

“apenas goles de vinho”: Walton, op. cit., p. 27.

“Essa ‘repressão forçada’”: Ibid., p. 38.

“Nós estamos descobrindo”: Ibid., p. 11.

“entorpecimento”: Ibid., p. xvii.

“intoxicologia”: Ibid., p. xxv.

“A intoxicação exerce”: Ibid., p. ix.

12. CIDADE TERMINAL

“Só que, até lá, o leite”: Essa informação teve como base o relato de Gabor em relação às memórias de Judith: ela morreu antes que eu a conhecesse. Ver entrevista com Gabor Maté. Judith descreveu esses acontecimentos a Gabor, ao mesmo tempo que manteve um diário, que ele leu. Gabor também descreve essas experiências em *Scattered Minds: e Origins and Healing of Attention Deficit Disorder* (Toronto: Knopf Canada, 1999), pp. 87-93.

“uma plataforma de trem em Budapeste”: Ibid., p. 91.

“Eu irei”: Gabor Maté, *In the Realm of Hungry Ghosts: Close Encounters with Addiction*. Berkeley, CA: North Atlantic, 2010, p. 241.

“a única roupa”: Maté, *Scattered Minds*, p. 92.

“acabará morrendo”: Reinerman e Levine, op. cit., p. 148.

“seus ex-colegas e pacientes”: Inclusive Bud Osborn, Dean Wilson e Liz Evans.

“Esse bairro”: Existe uma boa discussão sobre o bairro feita por Douglas Coupland em *City of Glass* (edição revisada. Vancouver: Douglas and McIntyre, 2009), p. 87; ele fala sobre o lugar ser o fim da linha na p. 111.

“uma estrutura de concreto vazia”: Mais tarde foi transformada em um conjunto habitacional e edifícios de apartamentos.

“homens injetando heroína na jugular”: Como mostrado no documentário *Fix: e Story of an Addicted City* (2012).

“Quem mora na cidade”: Charles Demers, *Vancouver Special*. Vancouver: Arsenal Pulp, 2009, p. 85.

“Liz foi nomeada”: Maté, *Hungry Ghosts*, p. 11.

“um filme do diretor italiano Federico Fellini”: Ibid., p. 9.

“um homem de 36 anos chamado Carl”: Ibid., p. 37.

“um abraço quentinho”: Ibid., p. 165.

“não havia risco significativo”: Ibid., p. 141.

“as fichas da roleta”: Ibid., p. 140.

“uma ‘magnitude raramente vista’”: Ibid., pp. 201-2.

“quanto a obesidade é para doenças cardíacas”: Disponível em: <providence.net/bariatrics/internal.php?page=obesity-facts>. Acesso em: 27 fev. 2013. Lá, pode-se ler: “Cerca de 70% dos casos diagnosticados de doença cardiovascular estão relacionados à obesidade”.

“publicado na *American Psychologist*”: A princípio, descobri esse relatório em Sullum, op. cit., p. 15. Daí, li o estudo original, em *American Psychologist*, maio 1990, pp. 612-30.

“é sintoma, não a causa”: Sullum, op. cit., p. 15. Se isso parece estranho, lembre-se das fortes evidências que mostram como os traumas de infância podem fazer com que o crescimento físico da criança seja interrompido — e como colocá-la em um lar amoroso pode fazer com que volte a crescer. Ver Daniel E. Moerman, *Meaning, Medicine and the Placebo Effect*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 133.

“a ‘causa básica’”: Maté, op. cit., p. 189.

“Não sei muito de psicologia”: *Ebony*, jul. 1949, p. 32.

“crescem em lares”: Anslinger, *Murderers*, p. 174.

“O motivo pelo qual tinha o vício”: Arquivos de Julia Blackburn, caixa 18, notas de Linda Kuehl, entrevista com Memry Midgett.

“porque não conseguem”: Arquivos de Julia Blackburn, caixa 18, notas de Linda Kuehl, v. VIII, entrevista com Peter O’Brien e Michelle Wallace.

“aguentar muita merda”: Como me foi explicado por Liz Evans.

“seu avô teve o que mereceu”: Maté, *Hungry Ghosts*, p. 75.

“passagens da poesia de Goethe”: *Ibid.*, pp. 82-3.

“*Heil Hitler*”: *Ibid.*, p. 84.

“compulsão de comprar discos”: *Ibid.*, p. 120.

“por trás dos meus olhos”: *Ibid.*, p. 118.

“Depois, já adulto”: *Ibid.*, p. 21.

“antes que o uso”: *Ibid.*, p. 30.

13. BATMAN ESTAVA ERRADO

“Ouvi falar pela primeira vez”: Acho que li sobre ele pela primeira vez no brilhante livro de Lauren Slater, *Opening Skinner’s Box: Great Psychological Experiments of the Twentieth Century* (Nova York: W. W. Norton, 2004).

“Não era um evento isolado”: DeGrandpre, op. cit., pp. 124, 203. Miller, *Drug Warriors*, p. 17.

“Era possível evitar o suprimento da droga”: Existe um exemplo similar e muito mais complexo: 90% dos dependentes químicos que passam por desintoxicação em clínicas — que, em outras palavras, recebem cuidados até que seus corpos estejam inteiramente livres de drogas e sem sintomas de abstinência — voltam a usá-las. Ver Miller, *Case for Legalizing Drugs*, p. 30.

“sintomas eram contornáveis”: Miller, *Case for Legalizing Drugs*, pp. 5-6.

“Seu professor disse que não eram tão sérios, é?”: Essa conversa é lembrada por Bruce.

“estava um pouco entupido”: Como discutido anteriormente, os sintomas de abstinência de Billie Holiday eram uma ameaça para sua vida, não porque a abstinência seja sempre um risco à vida, mas porque ela era muito frágil. Quem tem um sistema imunológico fraco pode morrer de uma simples gripe.

“Os pesquisadores”: John Henry Merryman (Org.), *Stanford Legal Essays*. Stanford, CA: University of California Press, 1975, p. 284. Theodore Dalrymple, “Withdrawal from heroin is a trivial matter”, *The Observer*, 7 jan. 2009; Disponível em: <spectator.co.uk/features/3212846/withdrawal-from-heroin-is-a-trivial-matter/> Acesso em: 3 mar. 2013; <ps.psychiatryonline.org/article.aspx?articleID=62279>. Acesso em: 8 jan. 2014.

“os experimentos com ratos”: DeGrandpre, op. cit., p. 29. Ver também B. K. Alexander, R. B. Coombs e P. F. Hadaway, “The Effect of Housing and Gender on Morphine Self-Administration in Rats”, *Psychopharmacology*, v. 58, n. 2, 6 jul. 1978, pp. 175-9.

“Apenas uma droga é tão viciante”: “Cocaine Rat — Drug-Free America”. Disponível em: <youtube.com/watch?v=7kS72J5Nlm8&list=PL6301BC630AE6F23E&index=106&feature=plpp_video>. Acesso em: 1 nov. 2012.

“E se, ele pensou”: A discussão sobre o experimento baseia-se nos dois estudos originais do Rat Park feitos por Alexander e seus colegas: “The Effect of Housing and Gender on Morphine Self-Administration in Rats” (*Psychopharmacology*, v. 58, n. 2, pp. 175-96, jun. 1978) e “Effect of Early and Later Colony Housing on Oral Ingestion of Morphine by Rats” (*Pharmacology, Biochemistry and Behaviour*, v. 15, n. 4, pp. 571-6, out. 1981).

“Dentro da jaula de madeira compensada”: Slater, op. cit., p. 165.

“Ele chamou o lugar de Rat Park”: Ver Bruce K. Alexander, “The View from Rat Park”. Disponível em: <brucekalexander.com/articles-speeches/rat-park/148-addiction-the-view-from-rat-park>. Acesso em: 1 nov. 2012.

“os ratos”: Slater, op. cit., p. 168.

“nada do que tentamos”: Bruce K. Alexander, *Globalizing Addiction: A Study in Poverty of the Spirit*. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 195. Apesar de em outras entrevistas e em seus escritos Bruce falar sobre a ideia de ratos serem dependentes como uma forma mais simples para se referir ao uso pesado de drogas, ele me asseverou que talvez tenhamos que ter mais cuidado com esses termos: “Com o que isso pareceria em um rato? Acredito que esse é um ponto discutível, nós não sabemos como é a dependência química em um rato... Como daria para saber se um rato é adicto?”. Como os ratos não podem nos informar sobre seu estado psicológico, não podemos saber quais são os desejos e necessidades deles. Podemos falar do uso pesado e compulsivo, que pode ser medido; mas Bruce acredita que o “vício” implica um estado mental, o que é inacessível em ratos. Para

esclarecer, quando usei “vício” neste capítulo, é uma maneira mais simplificada para falar do uso pesado de drogas por partes dos ratos, quando estes se veem em situações infelizes.

“Naquele conflito”: Dan Baum, *Smoke and Mirrors*. Nova York: Little, Brown, 1996, p. 49.

“Não foi uma hipérbole jornalística”: Reinerman e Levine, op. cit., p. 10. Maté, *Hungry Ghosts*, p. 142.

“Isso significava que havia mais dependentes”: Como mostra o documentário *e Most Secret Place on Earth: e CIA's Covert War on Laos* (2008).

“As autoridades militares reprimiram”: Baum, op. cit., p. 50.

“O senador Robert Steele”: Ibid., p. 48. Há uma boa discussão sobre o uso de drogas pelas tropas norte-americanas no Vietnã em Valentine, *Strength of the Pack*, pp. 117-32.

“o senador Harold Hughes”: Reinerman e Levine, op. cit., p. 10; Sally Satel e Scott O. Lilienfeld, *Brainwashed: e Seductive Appeal of Mindless Neuroscience*. Nova York: Basic Books, 2013, pp. 49-50.

“O estudo do *Archives of General Psychiatry*”: Maté, *Hungry Ghosts*, p. 142. DeGrandpre, op. cit, p. 117.

“mostraram que”: Maté, *Hungry Ghosts*, p. 146.

“Tire um homem”: Baum, op. cit., p. 62. Miller, *Case for Legalizing Drugs*, pp. 54-5.

“acima de qualquer outro”: Ver Bruce K. Alexander, “ e Rise and Fall of the Official View of Addiction”. Disponível em: <brucekalexander.com/articles-speeches/277-rise-and-fall-of-the-official-view-of-addiction-6>. Acesso em: 12 mar. 2013.

“*Gin Craze*”: Ver Jessica Warner, *Craze: Gin and Debauchery in an Age of Reason*. Londres: Profile, 2003.

“consumo compulsivo de metanfetamina”: Ver Nick Reding, *Methland: e Death and Life of an American Small Town*. Nova York: Bloomsbury, 2009.

“o fluxo elevado do vício hoje”: Bruce K. Alexander, “ e View From Rat Park”. Disponível em: <brucekalexander.com/articles-speeches/rat-park/148-addiction-the-view-from-rat-park>. Acesso em: 12 mar. 2013.

“por outra: ‘vinculação’”: Peter Cohen, “Is the addiction doctor the voodoo priest of Western man?”, 2000. Disponível em: <cedro-uva.org/lib/cohen.addiction.html>. Acesso em: 5 fev. 2012. Uma versão estendida desse artigo foi publicada em *Addiction Research*, edição especial, v. 8, n. 6, pp. 589-98.

“melhor que a solidão”: Descobertas mais recentes reforçam isso. Quando houve falta de heroína na Europa no século XXI, longe de se manter limpos, os usuários passaram a usar intoxicantes ainda mais nocivos. Ver Eliza Ronalds-Hannon, “Heroin Shortages Drive Deadly Alternatives”, Relatório do Projeto do Crime Organizado e Corrupção, 28 mar. 2013. Disponível em: <reportingproject.net/occrp/index.php/en/ccwatch/cc-watch-indepth/1901-heroin-shortages-drive-users-to-deadly-alternatives>. Acesso em: 30 mar. 2013.

“conferência”: O próprio DuPont não usou a imagem do sequestro ou da escravidão química, uma vez que não lhe agrada esse tipo de metáfora, mas essas figuras apareceram muitas vezes na conferência.

“uma palestra em Londres”: “Addiction What to Do When Everything Else Has Failed”. Disponível em: <thersa.org/discover/videos/event-videos/2011/03/addiction-what-to-do-when-everything-else-has-failed->. Acesso em: 15 dez. 2012.

“Vários estudos mostram”: Matthew E. Brashears, “Small Networks and High Isolation? A Reexamination of American Discussion Networks”, *Social Networks*, v. 33, n. 4, out. 2011, pp. 331-41.

“um dos mais mortais”: Benavie, op. cit., p. 12.

“mata 650”: Ibid., p. 11.

“enquanto a cocaína mata quatro”: DeGrandpre, op. cit., p. 85.

14. REVOLTA DOS ADICTOS

“Esta é a história”: Esse relato sobre as origens da Vandu teve como base entrevistas com Bud e outros que estiveram lá naquela época — Ann Livingstone, Dean Wilson, Donald MacPherson, Liz Evans, Philip Owen, Gabor Maté, Bruce Alexander, Clare Hacksel, Coco Cuthbertson, Laura Shaver, além de trabalhos escritos e documentários mencionados nas notas finais.

“que vivia na rua”: Disponível em: <cosmik.com/aa-december99/bud_osborn.html>. Acesso em: 1-abr. 2013.

“não parou mais”: John Armstrong, “Poet had a choice of gutters”, *Vancouver Sun*, 6 abr. 1996.

“Era uma consequência”: Bud Osborn, *Hundred Block Rock*. Vancouver: Arsenal Pulp, 1999, p. 13.

“Mais tarde, ele escreveu”: Ibid., p. 26.

“via um buraco negro abrir na minha frente”: Ibid., p. 33.

“Passei um bom tempo”: Ibid., p. 111.

“As pessoas têm overdoses”: Benavie, op. cit., p. 43.

“países da Europa”: Pisani, op. cit., p. 232.

“trancá-los”: Maté, *Hungry Ghosts*, p. 101.

“Eu me oponho violentamente”: Susan Boyd, Donald MacPherson e Bud Osborn (Orgs.), *Raise Shit! Social Action Saving Lives*. Vancouver: Fernwood, 2009, p. 92.

“vampiros’ e ‘lobisomens””: Ibid., p. 84.

“sequer urinariam”: “‘Wouldn’t Piss on If They Were on Fire’: How Discrimination Against Sex Workers, Drug Users and Aboriginal Women Enabled a Serial Killer”, Relatório

do Conselho Independente do Comissário da Comissão de Investigação de Mulheres Desaparecidas, Vancouver, 25 jun. 2012. Disponível em: <scribd.com/doc/103641727/Independent-Counsel-Report-to-Commissioner-of-Inquiry-August-16-2012>. Acesso em: 25 out. 2012.

“Por que não isolam”: Boyd, MacPherson e Osborn, op. cit., p. 189.

“uma orca”: Ibid., p. 35.

“um gesto dramático”: Uma boa discussão sobre isso está em Dan Small, Anita Papelu e Mark W. Tyndall, “ e Establishment of North America’s First State-Sanctioned Injection Facility: A Case Study in Cultural Change”, no *International Journal of Drug Policy*, v. 17, 2006, pp. 73-82. Disponível em: <communityinsite.ca/pdf/culture-change-case-study.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2013.

“Cada cruz representava”: Ben Christopher, “Vancouver, B.C.’s drug revolution”, *Street Roots News*, 14 mar. 2012. Disponível em: <news.streetroots.org/2012/03/14/vancouver-bc-s-drug-revolution>. Acesso em: 1-abr. 2013.

“Seus nomes estavam escritos”: Como visto no documentário *Fix: e Story of na Addicted City* (2012).

“campos de extermínio”: Boyd, MacPherson e Osborn, op. cit., p. 19.

pp. 266-7, “Distribuíram panfletos”: Greg Joyce, “Downtrodden March in Vancouver”, *Edmonton Journal*, 12 jul. 2000, acesso via LexisNexis em 5 nov. 2012.

“mil cruces no Oppenheimer Park”: Bud Osborn, *Sign of the Times*. Vancouver: Anvil, 2006, pp. 26-30.

“QUEM SERÁ A PRÓXIMA VÍTIMA DE OVERDOSE?”: Boyd, MacPherson e Osborn, op. cit., p. 50.

“O USUÁRIO DE DROGAS TAMBÉM É GENTE”: Ibid., p. 59.

“se colocasse Bud no conselho”: Ian Mulgrew, “Health Board’s Rabble-rousing Social Conscience”, *Vancouver Sun*, 24 jul. 1999, acesso via LexisNexis em 5 nov. 2012.

p. 0, “uma blusa rosa”: Osborn, op. cit., p. 79.

p. 0, “a guerra às drogas”: Boyd, MacPherson e Osborn, op. cit., p. 89.

“cofundador da Vandu, Dean Wilson”: Soube desse momento porque consta no excelente documentário *Fix: e Story of an Addicted City* (2012).

“O comerciante Price Vassage”: Ibid. Essa frase está no documentário.

“A expectativa de vida”: Disponível em: <theprovince.com/news/Life+expectancy+Downtown+Eastside/7202585/story.html>. Acesso em: 5 nov. 2012.

“A manchete do jornal”: Disponível em: <<http://www2.canada.com/theprovince/news/story.html?id=6ee496bd-5a4c-4bca-8323-42d3f4d91df1>>. Acesso em: 27 fev. 2013.

“O *Globe and Mail* noticiou”: Robert Matas, “BC Drug Deaths Hit a Low Not Seen in Years”, *Globe and Mail*, 9 dez. 2008, acesso via LexisNexis em 2 nov. 2012.

“morreu no seu apartamento”: Kim Pemberton, “Bud Osborn a ‘true hero’ for Downtown Eastside”, *Vancouver Sun*, 8 maio 2014. Disponível em: <pressreader.com/canada/vancouver-sun/20140508/281921656064210>. Acesso em: 14 maio 2014.

“Em memória dele”: Infelizmente não consegui ir. Isso foi descrito por Liz Evans, que estava lá.

15. NEVASCAS E A FORÇA

“Eu me dei conta de que era a hora”: Enquanto fazia pesquisa para este livro, ficava indo e voltando da Grã-Bretanha, mas esse foi o momento em que decidi voltar definitivamente e concentrar minhas energias em entender os efeitos da guerra às drogas fora da América do Norte.

“encontrar todos”: Enumerando: John Marks, Russell Newcombe, Pat O’Hare, Cindy Fazey, Allan Parry e Andrew Bennett.

“fazer a água escorrer morro acima”: “Toxteth riots: Howe proposed ‘managed decline’ for city”, *BBC News*, 30 dez. 2011. Disponível em: <bbc.co.uk/news/uk-england-merseyside-16355281>. Acesso em: 24 abr. 2013.

“Estados Unidos”: A melhor explicação para a atual política de drogas britânica está na excelente obra de Alex Stevens, *Drugs, Crime and Public Health: e Political Economy of Drug Policy* (Londres: Routledge, 2011).

“homens negros têm dez vezes mais”: Mark Townsend, “Black people six times more likely to face drug arrest”, *e Guardian*, 31 out. 2010. Disponível em: <guardian.co.uk/society/2010/oct/31/race-bias-drug-arrests-claim>. Acesso em: 24 abr. 2013.

“no dia 27 de novembro de 1918”: Kohn, op. cit., pp. 84-5.

p. 0, “grupo repulsivo”: Ibid., p. 129.

p. 0, “músicos crioulos”: Ibid., p. 120.

p. 0, “NEGRO MALIGNO PEGO”: Ibid., p. 158.

p. 0, “Sir Humphrey Rolleston”: Trebach, op. cit., p. 90.

p. 0, “As recaídas”: Ibid., p. 93.

p. 0, “Sua posição”: King, *Drug Hang-Up*, pp. 190-207; G. Bammer, “Drug Abuse: e Heroin Prescribing Debate; Integrating Science and Politics”, *Science*, v. 284, n. 5418, pp. 1277-8, 21 maio 1999.

p. 0, “explica Mike Gray”: Gray, *Drug Crazy*, p. 155.

“adicto estabilizado”: Trebach, op. cit., p. 104.

“Quando Billie Holiday visitou”: Holiday, op. cit., pp. 182-3.

“em Hong Kong”: Arquivos de Anslinger, caixa 1, arquivo 10, “Fórum de Nova York: sábado, 28 de abril de 1962, Transcrição do Programa”.

“Anslinger não conseguiu acabar com eles”: King, *Drug Hang-Up*, pp. 212-4. Ambros Uchtenhagen, “Heroin Maintenance Treatment: From Idea to Research to Practice”, *Drug and Alcohol Review*, v. 30, n. 2, mar. 2013, pp. 130-7.

“tinha aumentado”: Elizabeth Young, “ e Needle and the Damage Done”, e *Guardian*, 20 ago. 1994.

“Ele dizia que precisavam parar”: Linnet Myers, “Europe Finds U.S. Drug War Lacking in Results”, *Chicago Tribune*, 2 nov. 1995.

“Newcombe viu”: Gray, *Drug Crazy*, p. 158. John Marks, “To Prescribe or Not to Prescribe,” *Mersey Drugs Journal*, p. 5, set.-out. 1987.

“Os médicos são unânimes”: Soube disso através de uma excelente série de artigos e do documentário e *Truth About Heroin*, realizado pelo jornalista britânico Nick Davies, em 2001.

“Disse a um jornalista”: Ed Bradley, “Success of Britain’s Addict Treatment Program”, segmento do *60 Minutes*, 27 dez. 1992, transcrito pela CBS News.

“No ano de 1942, gabava-se”: Arquivos de Anslinger, caixa 1, pasta 8.

“baseados de heroína”: Will Self, *Junk Mail*. Londres: Bloomsbury, 1995, p. 92.

“Também prescrevia cocaína”: Sally Woods, “Heroin and Methadone Substitution Treatments”. Tese de doutorado não publicada. John Moores University, Liverpool, 2005.

“Se você fosse um alcoólatra”: Young, “Needle and the Damage Done”, e *Guardian*, 20 ago. 1994.

“O inspetor Michael Lo s monitorou”: Myers, “Europe Finds U. S. Drug War Lacking in Results”, *Chicago Tribune*, 2 nov. 1995.

“uma queda de 93%”: Edward Pilkington, “ e Smack Doctor”, e *Guardian*, 26 out. 1995.

“disse o inspetor à imprensa”: Ibid.

“chato, chato, chato”: Self, op. cit., p. 91.

“Voltei só uma vez”: Bradley, “Success of Britain’s Addict Treatment Program”.

“Preciso de heroína”: Ibid.

“John exagerou”: Ver Self, op. cit., p. 94.

“Desde que as clínicas abriam”: Gabriele Bammer e Grayson Gerrard (Orgs.), “Heroin Treatment: New Alternatives”. Parte de um seminário realizado em 1-de novembro de 1991, no teatro Ian Wark, Canberra, Centro Nacional de Epidemiologia e Saúde Pública.

“O uso de heroína mostra-se concentrado”: Davenport-Hines, op. cit., pp. 275, 282.

“amadurecimento’ ou ‘recuperação natural””: Uma boa discussão sobre esse tema pode ser encontrada em Harald Klingemann, “Natural Recovery from Alcohol Problems”, capítulo 10 de *Essential Handbook of Treatment and Prevention of Alcohol Problems*, editado por Nick Heather (Hoboken: John Wiley and Sons, 2004). Ver também Satel e Lilienfeld, op. cit., pp. 54-6.

“a maioria dos adictos simplesmente deixa de usar”: Self, op. cit., p. 93.

“dez anos”: Miller, *Case for Legalizing Drugs*, p. 53.

“Se forem usuários determinados””: Bradley, “Success of Britain’s Addict Treatment Program”.

“o consumo certamente aumenta””: Boletim sobre Narcóticos, jan.-abr. 1954, p. 6.

“o consumo se manteria estável””: Marks, “Paradox of Prohibition”.

“doze vezes menor””: John Marks, “North Wind and the Sun”, *Proceedings of the Royal College of Physicians of Edinburgh*, v. 21, n. 3, jul. 1991. A prescrição de heroína teve um nível de sucesso consideravelmente melhor do que a de metadona. Na única tentativa de prescrição aleatória de heroína e metadona, 71% dos pacientes que receberam metadona saíram do programa, comparados aos 26% dos pacientes com heroína. Os pacientes que receberam metadona também apresentaram uma probabilidade muito maior de cometer crimes e de usar drogas em maior quantidade. Ver Woods, op. cit., e Uchtenhagen, “Heroin Maintenance Treatment”.

“descobriu o que acredita ser a explicação””: Ele explica isso na entrevista que me concedeu (ver áudio de Russell Newcombe) e no brilhante documentário de Nick Davies, *Truth About Heroin* (2001).

“cem libras por dia”. Marks, “Paradox of Prohibition”.

“esquema de pirâmide””: Ibid., p. 7. Esse fenômeno já havia sido notado antes, mas por outro médico. No final dos anos 1950, nos Estados Unidos, o dr. Walter Treadway escreveu: “É fato conhecido que indivíduos dependentes, quando adquirem um suprimento, estão bastante aptos a abrir mão de parte dele para garantir futuras compras. É também conhecido que esses vendedores dependentes, ou ‘traficantes’, como geralmente são chamados, com frequência conseguem arregimentar novos dependentes, em geral pelo mesmo motivo”. Ver King, *Drug Hang-Up*, p. 178.

“a loja de departamento Marks and Spencer””: Marks, “North Wind and the Sun”, *Proceedings of the Royal College of Physicians of Edinburgh*, v. 21, n. 3, jul 1991.

“Como policiais””: Pat O’Hare, “Merseyside, the First Harm Reduction Conferences, and the Early History of Harm Reduction”, *International Journal of Drug Policy*, v. 18, n. 2, 2007, pp. 141-4.

p. 0, “um programa com participação da audiência na CNN”: “Media Downplay Bigotry of Jesse Helms”, FAIR, 31 ago. 2001. Disponível em: <fair.org/press-release/media-downplay-bigotry-of-jesse-helms/>. Acesso em: 26 abr. 2013.

p. 0, “Estamos sendo muito pressionados”: Marks também discute isso em Mark Smith, “Dr John Marks talks about controversial Harm Reduction Clinic in Widnes”, *Runcorn and Widnes Weekly News*, 19 ago. 2010. Disponível em: <drugs-forum.com/ams/dr-john-marks-talks-about-controversial-harm-reduction-clinic-in-widnes.13846/>. Acesso em: 28 nov. 2012.

p. 0, “John não podia fazer nada”: Woods, op. cit., pp. 45-6.

p. 0, “de 1982 a 1995”: Marks, “Paradox of Prohibition”.

p. 0, “Dos 450 pacientes”: Peter Carty, “Drug Abuse: e End of the Line”, e *Guardian*, 10 dez. 1997.

p. 0, “entre 10% e 20%”: John Marks, “Preventing Drug Misuse”, *Psychiatry Online*, v. 1, n. 7, artigo 2.

“Ruth lembrou-se dos operadores de Wall Street”: A história dessas cenas de rua foi resumida bem por Ambros Uchtenhagen em “Heroin-Assisted Treatment in Switzerland: A Case Study in Policy Change”, *Addiction*, v. 105, n. 1, pp. 29-37, jan. 2010.

“Todos os símbolos da nação remetem”: Joelle Kuntz, *Switzerland: How an Alpine Pass Became a Country*. Historiator, 2008, p. 7.

“dar a descarga”: Stephen Armstrong, “It’s illegal to WHAT officer?”, e *Guardian*, 2 ago. 2007. Disponível em: <guardian.co.uk/travel/blog/2007/aug/02/itsillegaltowhatofficer>. Acesso em: 22 jan. 2012.

“Um casal maravilhoso”: Ver Holiday, op. cit., p. 137.

“a pior epidemia de HIV”: Joanne Csete, *From the Mountaintops*. Londres: Open Society Foundation, 2011, p. 17; Uchtenhagen, “Heroin-Assisted Treatment in Switzerland: A Case Study in Policy Change”, *Addiction*, v. 105, n. 1, pp. 29-3, jan. 2010.

“disseram que haviam conhecido”: Entrevista com dr. Ambros Uchtenhagen. Ele também descreve sua missão lá em “Heroin-Assisted Treatment in Switzerland: A Case Study in Policy Change” (*Addiction*, v. 105, n. 1, pp. 29-37, jan. 2010). Ver também O’Hare, “Merseyside, the First Harm Reduction Conferences, and the Early History of Harm Reduction” (*International Journal of Drug Policy*, v. 18, n. 2, pp. 141-4, 2007).

“um experimento bem grande”: Csete, op. cit., p. 18; Uchtenhagen, “Heroin-Assisted Treatment in Switzerland: A Case Study in Policy Change”, *Addiction*, v. 105, n. 1, pp. 29-37, jan. 2010; Ambros Uchtenhagen, “ e Medical Prescription of Heroin to Heroin Addicts”, *Drug and Alcohol Review*, v. 16, pp. 297-8, 1997.

“Vou chamá-lo de Jean”: Quando fui apresentado a Jean pela dra. Rita Manghi e seus colegas na clínica em Genebra, ele concordou em conversar mediante a condição de que eu não usasse seu nome verdadeiro nem colocasse o áudio de sua entrevista on-line. O motivo disso é que sua história implica admitir que realizou atos criminosos antes da mudança da lei — como o repasse de drogas, por exemplo — cuja regulação ainda não havia sido alterada. Por causa disso é que não poste o áudio da entrevista no site. As conversas foram

gravadas e o áudio foi apresentado à Bloomsbury. A dra. Rita Manghi também confirmou por escrito aos editores que fui apresentado a diversos pacientes de sua clínica, incluindo “Jean”.

“O adicto nunca está satisfeito”: “Narcotic Addiction”, *Spectrum*, p. 139, 1-mar. 1957.

“Uma pessoa em condição de”: e *Narcotics Officer’s Handbook*, pp. 79-80. Anslinger constrói esse argumento em *Murderers*, p. 219.

“estabilizar as doses”: Csete, op. cit., p. 19.

“é uma etapa”: Em um período de três anos, dos 353 pacientes que deixaram o programa estudado em Ambros Uchtenhagen et al., *Prescription of Narcotics for Heroin Addicts: Main Results of the Swiss National Cohort Study* (Basileia; Londres: Karger, 2000, p. 6), 83 saíram, pois escolheram seguir uma terapia de abstinência. Ver Uchtenhagen et al., *Prescription of Narcotics*, p. 7.

“um copo vazio por dentro”: Houve uma ligeira barreira de linguagem entre nós, mas esse foi o melhor entendimento que tive da metáfora.

“apenas 15%”: Gaëlle Faure, “Why Doctors Are Giving Heroin to Heroin Addicts”, *Time*, 28 set. 2009. Disponível em: <time.com/time/health/article/0,8599,1926160,00.html>. Acesso em: 22 jan. 2013.

“55% [...] 80%”: Denis Ribeaud, “Long-term Impacts of the Swiss Heroin Prescription Trials on Crime of Treated Heroin Users”, *Journal of Drug Issues*, v. 34, n. 1, p. 173, 2004. Disponível em: <<http://jod.sagepub.com/content/34/1/163>>.

“quase imediata”: Ibid., p. 188.

“68% [...] 5%”: Joanne Csete e Peter J. Grob, “Switzerland, HIV, and the Power of Pragmatism: Lessons for Drug Policy Development”, *International Journal of Drug Policy*, v. 23, pp. 82-6, 2012. Disponível em: <hivlawandpolicy.org/resources/view/753>. Acesso em: 22 jan. 2013.

“caiu drasticamente”: Jurgen Rehm et al., “Mortality in heroin assisted treatment in Switzerland 1994-2000”, *Drug and Alcohol Dependence*, v. 79, n. 2, pp. 137-43, ago. 2005.

“residência fixa”: Uchtenhagen et al., *Prescription of Narcotics*, p. 6.

“Um terço dos dependentes”: Ibid.

“94,7%”: Ribeaud, “Long-term Impacts of the Swiss Heroin Prescription Trials on Crime of Treated Heroin Users”, *Journal of Drug Issues*, v. 34, n. 1, p. 173, 2004.

“35 francos suíços diários”: Uchtenhagen et al., *Prescription of Narcotics*, p. 89.

“44 francos por dia”: Ibid., p. 94. Woods, op. cit., p. 33.

“50 mil assinaturas”: Csete, op. cit., p. 16.

“Em 1997, cerca de 70%”: Ibid., pp. 27-8. Uchtenhagen et al., *Prescription of Narcotics*, p. 96.

“Essas campanhas mostram”: Ao mesmo tempo, ela tentou liderar uma campanha pela legalização da maconha, mas foi rejeitada pelo povo suíço.

“como a proibição pode acabar no mundo”: Foi o brilhante panfleto de Joanne Csete que me fez chegar a essa conclusão.

“Seis meses atrás”: Estas palavras vêm da memória de Ruth.

“Qualquer um que brinque”: Peter Reuter e Robert MacCoun, “Heroin Maintenance: Is a US Experiment Needed?”. In: David Musto (Org.). *One Hundred Years of Heroin*. Westport, CT: Greenwood, 2002.

“Não haverá”: Em particular, ela disse que ele estava “muito, muito” interessado no programa de metadona do país.

“25 anos de prisão”: Jerry Markon, “Pain Doctor is Guilty of Drug Trafficking”, *Washington Post*, 28 abr. 2007. Disponível em: <mapinc.org/newscsd/v07/n531/a05.html>. Acesso em: 20 fev. 2014.

“assaltar uma farmácia”: Abby Goodnough, “Pharmacies Besieged by Addicted Patients”, *New York Times*, 6 fev. 2011. Disponível em: <nytimes.com/2011/02/07/us/07pharmacies.html?ref=prescriptiondrugabuse>. Acesso em: 20 fev. 2014.

“três vezes mais forte”: A força dos opiáceos é comparada na literatura médica com o uso de um instrumento chamado “tabela de doses equianalgésicas”. Ver, por exemplo, o conversor disponível nestes sites: <globalrph.com/narcoticonv.htm> e <medscape.com/viewarticle/542574_3>. Muitas dessas tabelas permitem a comparação entre os mais variados opiáceos e determinam mais ou menos o quanto um equivale ao outro. Elas mostram que há um consenso médico de que a diamorfina (a forma de heroína administrada em pacientes em hospitais) é considerada mais forte que a oxicodona. (Dados acessados em 14 de maio de 2014.) Ver também o relatório do Serviço Público de Saúde (NHS, na sigla em inglês) da Escócia, “Pain and Management of Pain in Patients with Cancer”, de 21 de novembro de 2009, disponível em: <palliativecareguidelines.scot.nhs.uk/guidelines.aspx>. Acesso em: 20 jun. 2014.

“não vicia”: Maté, *Hungry Ghosts*, p. 141.

“Desde a Grande Depressão”: O trabalho dos economistas vencedores do prêmio Nobel Joseph Stiglitz e Paul Krugman traz o melhor registro sobre essa tendência.

“ir a qualquer jogo de futebol americano”: A discussão sobre esse fenômeno está em Gray, *Drug Crazy*, e em minha entrevista com Gray. Ver também Mark Thornton, “Cato Institute Policy Analysis n. 157: Alcohol Prohibition Was a Failure”, *Policy Analysis*, 17 jul. 1991. Disponível em: <cato.org/pubs/pas/pa157.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2012.

“regra de ferro da proibição”: Thornton, “Cato Institute Policy Analysis n. 157: Alcohol Prohibition Was a Failure”, *Policy Analysis*, 17 jul. 1991. Disponível em: <cato.org/pubs/pas/pa157.html>. Acesso em: 3 mar. 2013.

“Um dia antes de as bebidas alcoólicas serem proibidas”: Gray, *Drug Crazy*, p. 68.orton, “Cato Institute Policy Analysis n. 157: Alcohol Prohibition Was a Failure”, *Policy Analysis*, 17 jul. 1991. Disponível em: <cato.org/pubs/pas/pa157.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2012.

“proibida a entrada de álcool”: Gray, *Drug Crazy*, p. 68.

“O Xarope Calmante de Mrs. Winslow”: Musto, *American Disease*, p. 94.

“Um vinho chamado Vin Mariani”: Terence McKenna, *Food of the Gods: A Radical History of Plants, Drugs and Human Evolution*. Nova York: Random House, 1992, p. 212.

“chá e na fórmula original do refrigerante”: Steve Rolles, *After the War on Drugs: Blueprint for Regulation*. Bristol: Transform, 2009, p. 125.

16. O ESPÍRITO DE 74

“Nas primeiras horas da manhã”: Um bom relato da Revolução Portuguesa está no capítulo 7 do livro de Malcolm Jack, *Lisbon: City of the Sea; A History* (Londres: I. B. Tauris, 2007), que me ajudou a embasar a criação deste capítulo.

“As autoridades pediram”: Phil Mailer, *Portugal: e Impossible Revolution?* Londres: Solidarity London, 1977, pp. 38-9.

“jogou um cravo vermelho”: Hugo Gil Ferreira e Michael W. Marshall, *Portugal's Revolution: Ten Years On*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 5.

“A população subiu nos tanques”: Martin Kayman, *Revolution and Counter Revolution in Portugal*. Wolfeboro, NH: Merlin, 1987, p. 74.

“Os anos 1960 não aconteceram”: Artur Domoslawski, *Drug Policy in Portugal: e Benefits of Decriminalizing Drug Use*. Nova York: Open Society Foundations, 2011, p. 13.

“a heroína explodia”: Ibid., p. 15. Kellen Russoniello, “ e Devil (and Drugs) in the Details: Portugal's Focus on Public Health as a Model for Decriminalization of Drugs in Mexico”, *Yale Journal of Health Policy, Law, and Ethics*, v. 12, n. 2, p. 382, 2012.

“No começo dos anos 1990”: Michael Specter, “Getting a Fix”, *New Yorker*, 17 out. 2011.

“Estamos sem opção”: Ibid.

“Os usuários devem ser tratados”: Russoniello, “ e Devil (and Drugs) in the Details: Portugal's Focus on Public Health as a Model for Decriminalization of Drugs in Mexico”, *Yale Journal of Health Policy, Law, and Ethics*, v. 12, n. 2, p. 385, 2012.

“tinha um irmão adicto em heroína”: João me disse os nomes do político e do irmão dele, que morreu logo em seguida de causas não relacionadas, mas pediu que seus nomes não fossem publicados em respeito à privacidade da família. Muitas outras pessoas mencionaram essa história para mim; parece ser bem conhecida em Portugal.

“usuários de drogas recreativas”: “Drug Policy profiles: Portugal”, Relatório do Centro de Monitoramento Europeu para Drogas e Vício em Drogas, 2012, p 12.

“Houve muitas previsões catastróficas”: Otto Pohl, “Portugal shi s aim in drug war”, *Christian Science Monitor*, 11 out. 2001.

“Em Portugal, essa proporção”: Specter, “Getting a Fix”, *New Yorker*, 17 out. 2011.

“1 milhão de dólares”: Tara Herivel e Paul Wright (Orgs.), *Prison Profiteers: Who Makes Money from Mass Incarceration*. Nova York: New, 2007, pp. 27-35.

“João acreditava”: Esse relato do pensamento por trás das mudanças nas leis portuguesas para as drogas também se baseou em Mirjam van het Loo et al., “Decriminalization of Drug Use in Portugal: the Development of a Policy”, *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 582, pp. 49-63, jul. 2002.

“O trabalho da Comissão para a Dissuasão”: Russoniello, “ e Devil (and Drugs) in the Details: Portugal’s Focus on Public Health as a Model for Decriminalization of Drugs in Mexico”, *Yale Journal of Health Policy, Law, and Ethics*, v. 12, n. 2, pp. 386-8, 2012.

“qualquer adicto que queira parar”: Você deverá pagar 20% dos custos se considerarem que tem condições financeiras para tal.

“A clínica existe, portanto”: João concorda com Bruce Alexander e Gabor Maté em que, mesmo se as drogas hoje proibidas pudessem desaparecer de alguma maneira, os adictos simplesmente mudariam para outras formas de vício. “Acredito que a maioria deles desenvolveria outras dependências — substâncias legais ou coisas do tipo”, diz ele. “O que realmente importa é a relação do indivíduo com a substância, não a substância em si.”

“será que viriam aqui”: Domszlawski, op. cit., p. 18.

“A primeira abordagem era”: O relato de como as equipes de rua funcionam também foi baseado na equipe com a qual passei uma tarde em Lisboa.

“Onde antes havia policiais”: Para ele, o fato de a polícia não bater tanto em dependentes quanto antes não está tão ligado à descriminalização, mas porque um adicto morreu em um espancamento.

“diminuir permanentemente seu qR”: Madeline H. Meier et al., “Persistent Cannabis Users Show Neuropsychological Decline from Childhood to Midlife”, *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 27 ago. 2012. Disponível em: <pnas.org/content/early/2012/08/22/1206820109>. Acesso em: 21 nov. 2012. Um resumo do artigo encontra-se em James Gallagher, “How Could Cannabis Alter the Teenage Brain?”, *BBC News*, 28 ago. 2012. Disponível em: <bbc.co.uk/news/health-19396351>. Acesso em: 21 nov. 2012.

“Em uma sala de aula cheia de jovens”: Eles falavam em inglês — o tema fazia parte de uma atividade da aula de inglês —, mas alguns deles se enrolavam um pouco (muito melhor, no entanto, que qualquer aula de língua estrangeira que eu tenha visto na Grã-Bretanha). Transcrevi o que consegui entender do que estavam dizendo. Tudo foi gravado.

“de 3,4% para 3,7%”: Keith O’Brien, “Drug Experiment”, Boston.com, 16 jan. 2011. Disponível em: <boston.com/news/world/europe/articles/2011/01/16/drug_experiment/>. Acesso em: 9 jan. 2014. Ver também “Mixed Results For Portugal’s Great Drug Experiment”, rádio NPR, 20 jan 2011. Disponível em: <npr.org/2011/01/20/133086356/Mixed-Results-For-Portugals-Great-Drug-Experiment>. Acesso em: 9 jan. 2014.

“o EMCDDA coloca Portugal”: Boletim de Estatística do Centro de Monitoramento Europeu para Drogas e Vício em Drogas (EMCDDA, na sigla em inglês), 2010.

“O *British Journal of Criminology*”: Caitlin Elizabeth Hughes e Alex Stevens, “What Can We Learn From the Portuguese Decriminalization of Illicit Drugs?”, *British Journal of Criminology*, v. 50, p. 1006, jul. 2010. Disponível em: <scribd.com/doc/46235617/What-Can-We-Learn-From- e-Portuguese-Decriminalization-of-Illicit-Drugs>.

“de 52% para 20%”: Ibid., p. 1015; Domoslowski, op. cit., p. 40.

“dobrou”: Amy Hubbard, “Heroin ‘Epidemic’ as Drug Grows More Plentiful in U.S.”, *Los Angeles Times*, 3 fev. 2014. Disponível em: <latimes.com/nation/shareitnow/la-sh-heroin-comeback-20140203,0,5569498.story>. Acesso em: 20 fev. 2014. Alyssa Giacobbe, “ e Heroin Mystique”, e *Boston Globe*, 23 fev. 2014. Disponível em: <bostonglobe.com/magazine/2014/02/23/philip-seymour-hoffman-and-danger-romanticizing-heroin/dJhAQgBSmvtzNpPK4HYTRP/story.html>. Acesso em: 23 fev. 2014.

“Jovens entre quinze e dezesseis anos”: “Drug Policy profiles: Portugal”, relatório do Centro de Monitoramento Europeu para Drogas e Vício em Drogas, p. 20.

“chegou a 1,8%”: Domoslowski, op. cit., p. 19.

“pesquisa do Instituto Cato”: Jeffrey A. Miron e Katherine Waldo, “ e Budgetary Impact of Ending Drug Prohibition”, Washington D.C.: Cato Institute, 2010. Disponível em: <cato.org/sites/cato.org/files/pubs/pdf/DrugProhibitionWP.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2013.

“renderão mais 46,7 bilhões de dólares”: Palash Ghosh, “ e pros and cons of drug legalization in the U.S.”, *International Business Times*, 19 out. 2010. Disponível em: <ibtimes.com/pros-cons-drug-legalization-us-246712>. Acesso em: 7 dez. 2012.

17. LEGALIZAÇÃO DA MACONHA NO URUGUAI

“Entrevistei”: Meus entrevistados foram Mujica, Lucía Topolansky (mulher dele), Mauricio Rosencoff (também dissidente, que foi preso em um poço e que é um dos próximos mais amigos de Mujica), Miguel Ángel Campodónico (biógrafo de Mujica), Rolando Sasso (editor dos discursos de Mujica, que também foi preso na ditadura uruguaia), os deputados Julio Bango e Sebastián Sabini, o chefe do cartel de drogas Julio Calzada, o escritor Eduardo Galeano (velho amigo de Mujica), o chefe de gabinete Diego Cánepa, a dra. Raquel Parquet (especialista em tratamento de drogas que orientou a política

de governo), Federico Graña, Geoffrey Ramsay, Guillermo Garat, Juan Tubino, Juan Vaz, e seus rivais na oposição Gerardo Amarilla e Verónica Alonso.

“Tinha certeza disso porque sentia sua orelha arder”: José Alberto Cordano, *Mujica en Búsqueda*. Montevideu: Fin de Siglo, 2009, p. 21.

“Só não passavam fome porque”: Esse relato está em *Mujica en Búsqueda*, assim como apareceu nas entrevistas com Topolansky, Campodónico e Sasso.

“sequestrar caminhões de comida”: Pablo Brum, “José Mujica and Uruguay’s ‘Robin Hood Guerrillas’”, *e National Interest*, 16 set. 2013. Disponível em: <nationalinterest.org/commentary/josé-mujica-uruguays-robin-hood-guerrillas-9066?page=1>. Acesso em: 8 out. 2013.

“guerrilhas Robin Hood”: Ibid.

“Miss Marple”: Disponível em: <dailymtimes.com.pk/default.asp?page=story_24-9-2005_pg9_1>. Acesso em: 23 dez. 2012. Dennis Altman, “Reading Agatha Christie”, *Inside Story*, 5 jan. 2009. Disponível em: <inside.org.au/reading-agatha-christie/>. Acesso em: 23 dez. 2012. Ver também M. E. L. Mallowan, “Mallowan’s Memoirs: Agatha and the Archaeologist”, *e Times*. Disponível em: <thetimes.co.uk/tto/arts/books/article2450603.ece,223–24>. Acesso em: 23 dez. 2012.

“A polícia acertou seis balas”: Entrevista com Sasson.

“Sua luta é a nossa luta!”: Eleuterio Huidobro e Mauricio Rosencoff, *Memorias del Calabozo*. Montevideu: Banda Oriental, 1988, p. 371.

“Compraram uma cabana”: Benjamin Dangl, “Celebrating Compromises in Uruguay: José Mujica Inaugurated as President”, *Upside Down World*, 4 mar. 2010. Disponível em: <upsidedownworld.org/main/uruguay-archives-48/2385-celebrating-compromises-in-uruguay-mujica-inaugurated-as-president>. Acesso em: 8 out. 2013.

“Em novembro de 2009”: Entrevista com Topolansky.

“90% do seu salário”: Vladimir Hernandez, “Jose Mujica: e World’s ‘Poorest’ President”, *BBC News*, 15 nov. 2012. Disponível em: <bbc.co.uk/news/magazine-20243493>. Acesso em: 15 dez. 2012.

“experimentassem todos os tipos de drogas”: Robert Greenfield, *Timothy Leary: A Biography*. Nova York: Harcourt, 2006, p. 333.

“Com os olhos vidrados, Leary”: Ibid., p. 273.

“fizessem sexo sem culpa”: Ibid., p. 355.

“drogou seus próprios filhos”: Ibid., p. 168.

“começaram a enlouquecer”: Muitos outros defensores apaixonados do LSD ficaram horrorizados com a crença dele de que a droga deveria ser tomada por crianças. Ver *ibid.*, p. 427.

“Por favor, acorde”: Ibid., p. 308.

“tomada pela loucura”: Ibid., pp. 380, 557.

“já tinha admitido”: Ibid., p. 108.

“uma guerra total”: Ibid., p. 392.

“esculhambado a cabeça”: Ibid., p. 397.

“um inimigo da gravidade”: Ibid., p. 532.

“qualquer um pego com tabaco”: Tomas Szasz, *Ceremonial Chemistry: e Ritual Persecution of Drugs, Addicts, and Pushers*. Londres: Routledge and Segan Paul, 1975, p. 198.

“de acordo com o censo norte-americano”: Site do Conselho de Pesquisa Médica. Disponível em: <mrc.ac.uk/Achievementsimpact/Storiesofimpact/Smoking/index.htm>. Acesso em: 10 fev. 2013.

“Os índices de crimes e assassinatos caíram”: Miron, *Drug War Crimes*, p. 47.

p. 0, “Em 1976, a Holanda”: MacCoun e Reuter, op. cit., p. 240.

p. 0, “de acordo com todos os dados disponíveis”: Ibid., p. 256. Isso também foi verificado nos estados dos Estados Unidos que descriminalizaram a posse de maconha nos anos 1970. Ver Mary O’Leary, “Data shows pot use probably won’t grow”, *New Haven Register*, 12 jun. 2011.

p. 0, “de 8,5% para”: MacCoun e Reuter, op. cit., p. 257.

p. 0, “Esse crescimento não foi”: Ibid., p. 258.

“Cerca de 5% dos holandeses”: Sara Webb, “Dutch fear threat to liberalism in ‘so drugs’ curbs”, *Reuters*, 10 out. 2011. Disponível em: <ca.reuters.com/article/topNews/idCATRE7992IX20111010>. Acesso em: 1 dez. 2012.

“menor que os 6,3% dos Estados Unidos”: Disponível em: <stash.norml.org/bigbook/monthlyadult-use-by-state.html>. Acesso em: 3 mar. 2013.

“em vez de beber”: D. Mark Anderson e Daniel I. Rees, “ e Legalization of Recreational Marijuana: How Likely is the Worst-Case Scenario?”. Disponível em: <dmarkanderson.com/Point_Counterpoint_07_31_13_v5.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2013. Alan Travis, “David Nutt: Alcohol Consumption Would Fall 25% If Cannabis Cafes Were Allowed”, *e Guardian*, 19 jun. 2012. Disponível em: <guardian.co.uk/science/2012/jun/19/david-nutt-alcohol-cannabis-cafes>. Acesso em: 20 nov. 2012.

“caíram 8%”: Steve Chapman, “ e Reality Of Permissive Pot Laws”, *Chicago Tribune*, 31 out. 2012. Disponível em: <articles.chicagotribune.com/2013-10-31/news/ct-oped-1031-chapman-20131031_1_medical-marijuana-marijuana-use-drug-use>. Acesso em: 2 dez. 2013.

“entre 10% e 20%”: Miron, *Drug War Crimes*, p. 26. Miron nota que estava caindo antes da proibição em âmbito nacional; mas isso pode ser atribuído ao fato de a maioria dos estados ter introduzido suas próprias proibições durante esse período.

“crescendo aos poucos”: MacCoun e Reuter, op. cit., p. 28.

“mais fácil comprar maconha”: Tom Feiling, *e Candy Machine: How Cocaine Took Over the World*. Nova York: Penguin, 2009, p. 270.

“até que assumiu”: Houve alguns momentos decisivos que fizeram com que passasse a apoiar a legalização e que apareceram durante nossa conversa.

“21% dos adolescentes holandeses”: “Dutch Marijuana Use Half that of America, Study Reveals”, 7 jan. 1999. Disponível em: <norml.org/news/1999/01/07/dutch-marijuana-use-half-that-of-america-study-reveals>. Acesso em: 2 dez. 2013. Ver também Robert J. MacCoun, “What Can We Learn from the Dutch Coffee Shop System?”, *Addiction*, v. 106, n. 11, nov. 2011. Disponível em: Working Paper for RAND Corporation, <rand.org/content/dam/rand/pubs/working_papers/2010/RAND_WR768.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2014.

“programa televisivo de debates chamado *Hardball*, transmitido pelo canal norte-americano MSNBC”: Disponível em: <msnbc.msn.com/id/47064492/ns/msnbc_tv-hardball_with_chris_matthews/t/hardball-chris-matthews-monday-april/#.T9-Ds82TSqk>. Acesso em: 1 maio 2012.

“3% delas usaram”: Para referência, ler o relato de Jacob Sullum sobre as teorias de Hart em “Everything You’ve Heard About Crack And Meth Is Wrong”, *Forbes*, 4 nov. 2013. Disponível em: <forbes.com/sites/jacobsullum/2013/11/04/everything-youve-heard-about-crack-and-meth-is-wrong/>. Acesso em: 10 nov. 2013. Miron, *Drug War Crimes*, p. 48. Ver também Beau Kilmer, Jonathan P. Caulkins, Brittany M. Bond e Peter H. Reuter, “Reducing Drug Trafficking Revenues and Violence in Mexico: Would Legalizing Marijuana in California Help?”, 2010, p. 40. Disponível em: <rand.org/content/dam/rand/pubs/occasional_papers/2010/RAND_OP325.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2014.

18. MATAR OU MORRER

“quem realizou isso”: Sobre a campanha do Colorado, conversei oficialmente com Mason Tvert, Steve Fox, Art Way, Joe Megyesy, Brian Vicente, Christian Sederberg, Tom Tancredo, Barbara Brohl e Betty Aldworth. Sobre a campanha de Washington, conversei com Alison Holcomb, Tonia Winchester, Pete Holmes, Roger Rofmann, Maru Mora Villalpando e Charlie Mandigo.

“Quem liderou”: Também havia mulheres na liderança da equipe no Colorado, como Betty Aldworth. Sua análise, no entanto, era mais próxima da do time de Washington. Também havia homens que falavam pela equipe de Washington.

“matar ou morrer”: Disponível em: <archive.saferchoice.org/safercolorado06/pressroomcf1a.html?id=1159426802>. Acesso

em: 2 jan. 2014.

“uma pedreira no ano de 1904”: “Colorado Guards Fight a Duel To e Death”, *San Francisco Call*, v. 96, n. 56, 26 jul. 1904. Disponível em: <cdnc.ucr.edu/cgi-bin/cdnc?a=d&d=SFC19040726.2.31>. Acesso em: 2 jan. 2014.

“o início do fim”: Enquanto esse duelo inicial recebeu pouca cobertura da imprensa, o duelo principal, entre Mason Tvert e John Hickenlooper — que começou, de algumas formas, lá — teve um papel muito mais importante na guerra às drogas.

“uma cervejaria, vendendo bebida”: Molly Ball, “Colorado’s Beer-Brewing Governor Critiques the White House Beer”, *e Atlantic*, 5 set. 2012. Disponível em: <theatlantic.com/politics/archive/2012/09/colorados-beer-brewing-governor-critiques-the-white-house-beer/262018/>. Acesso em: 2 jan. 2014.

“veriam quem morreria antes”: Simultaneamente, ele lançou o mesmo desafio a Pete Coors — o proprietário da cervejaria Coors —, um proeminente membro do Partido Republicano. O desafio era bipartidário.

“não poderia participar”: “Drug Duel?! Marijuana vs. Alcohol! High Noon!”. Disponível em: <youtube.com/watch?v=yaN5ERdnHrw>. Acesso em: 2 jan. 2014.

“tinha muito medo”: Mason mais tarde foi dispensado de dar seu depoimento.

“festas em que quantidades enormes”: Disponível em: <thecollegianur.com/2012/10/10/richmond-alumnus-is-leading-advocate-to-legalize-marijuana/29323/>. Acesso em: 2 jan. 2014.

“vende uma droga mais perigosa”: Fox, Armentano e Tvert, op. cit., p. 139.

“Nenhuma morte é atribuída”: O site do Safer Colorado fornece as fontes para estas informações. Disponível em: <archive.saferchoice.org/content/view/24/53/> Acesso em: 6 jan. 2014. Ver também Ruth Weissenborn, David J Nutt, “Popular Intoxicants: What Lessons Can Be Learned from the Last 40 Years of Alcohol and Cannabis Regulation?”, *Journal of Psychopharmacology*, v. 26, n. 2, 17 set. 2011.

“comportamento mais seguro”: Entrevista com Mason. Ver também Fox, Armentano e Tvert, op. cit., pp. xviii-xix, e capítulo 3 do livro, em que ele sustenta essas declarações.

“aumentaria um vício”: Fox, Armentano, e Tvert, op. cit., p. xx.

“faz de mim uma má pessoa”: Disponível em: <archive.saferchoice.org/content/view/1335/10/>. Acesso em: 2 jan. 2014.

“Maconha: sem ressaca”: Disponível em: <cannabisculture.com/articles/4837.html>. Acesso em: 2 jan. 2014.

“oito vezes mais propensos”: Disponível em: <archive.saferchoice.org/content/view/24/53/>. Acesso em: 2 jan.; 2014; ver também W. Fals-Stewart, J. Golden e J. A. Schumacher, “Intimate partner violence and substance use: a longitudinal day-to-day examination”, *Addiction Behavior*, v. 28, n. 9, pp. 1555-74, 2003. Disponível em: <ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/14656545>. Acesso em: 6 jan. 2014.

“reduzir a violência doméstica”: Disponível em: <archive.saferchoice.org/content/view/387/38/>. Acesso em: 2 jan. 2014.

p. 0, “jiu-jítsu da maconha”: Entrevista com Steve Fox; ver também Fox, Armentano e Tvert, op. cit., p. 125.

p. 0, “Nossa mensagem combatia essa percepção”: Mais tarde, por e-mail, Mason esclareceu que essa era apenas uma etapa do trabalho. Depois de ler uma versão deste capítulo, ele escreveu para mim: “Nos concentramos na mensagem de que a maconha é mais segura que o álcool até a campanha de 2012, na qual começamos a apresentar os argumentos tradicionais contra a proibição, ao mesmo tempo que apresentávamos o argumento do Safer, então, nos meses finais apresentamos apenas os argumentos tradicionais contra a proibição. Isso foi muito importante para as ações em seu conjunto. O objetivo era garantir que as pessoas realmente compreendessem que a maconha é menos danosa que o álcool, para então promover os argumentos tradicionais assim que elas estivessem mais instruídas e receptivas. Você fez parecer que rejeitávamos todos os argumentos tradicionais contra a proibição”.

“Ela queria mostrar, em vez disso”: “Yes on 1-502: Common Sense”. Disponível em: <youtube.com/watch?v=qA0u98YFq04>. Acesso em: 6 fev. 2014.

“usar os argumentos mais tradicionais”: Mason disse isso para mim por e-mail durante o processo de checagem, em 14 de fevereiro de 2014.

“danificar o cérebro”: Mason disse que o estudo científico indicou que essa ligação é falsa.

“O medo da legalização”: Matt Ferner, “Coloradans Even Happier About Legal Weed After A Few Months Of Retail Sales”, *e Huffington Post*, 19 mar. 2013. Disponível em: <huffingtonpost.com/2014/03/19/marijuana-legalization-colorado_n_4989191.html>.

Acesso em: 6 maio 2014.

“a mesma lógica não deve ser aplicada”: Inicialmente, eu tinha deduzido de minha conversa com Mason que ele acreditava que todas as outras drogas eram mais perigosas que o álcool. Em um e-mail que fez parte do meu processo de checagem, ele esclareceu que esse não era o caso, escrevendo: “Tenho 100% de certeza de que muitas substâncias ilegais — particularmente a psilocibina, o MDMA e o LSD — não são nem remotamente tão perigosas quanto o álcool”.

“Não acho que outra droga”: Como parte do trabalho de checagem, mostrei este capítulo para Mason, como fiz com todas as pessoas ainda vivas sobre as quais escrevi (com as exceções destacadas). Tive, então, uma discussão intermitente com ele por e-mail durante um tempo bem considerável para esclarecer a sua posição. Gostaria de apresentar os aspectos dessa conversa aqui, para tornar o mais claro possível como cheguei às conclusões sobre as posições políticas de Mason, e — tão importante quanto — porque acredito que nossa conversa pode mostrar algo útil sobre o debate que vai surgir com o fim da guerra às drogas.

Em minha entrevista inicial com Mason, ele disse que as outras drogas “deveriam” ser tratadas de maneira diferente da maconha, porque têm efeitos destrutivos diferentes (e, por consequência, maiores). Perguntei: “Você acredita que com o tempo o modelo de regulação que conseguiu para a maconha, ou outros modelos de regulação podem ser aplicados a outras drogas que estão atualmente proibidas?”. Ele respondeu: “Não acredito nisso, não”. Quando eu disse: “Essa é uma causa da divisão no movimento pela reforma nas drogas também, não é?”, ele respondeu: “Bem, é uma divisão entre pessoas racionais e realistas e as que não o são”.

Sendo assim, na minha versão inicial, apresentei Mason como alguém que se opõe à legalização de qualquer outra droga, fora o álcool e a maconha, porque tinha sido assim que entendi sua posição, a qual descrevi como diferente da posição de Alison e Tonia, uma vez que ambas me disseram que acreditavam na legalização de outras drogas com o passar do tempo.

Quando teve acesso ao texto inicial, Mason achou que era errado descrevê-lo como alguém com uma posição diferente da de Tonia e Alison — que acreditam em uma legalização mais ampla, abrangendo outras drogas — e reiterou que acredita em reformas como a descriminalização do uso pessoal. Logo percebi que essa discordância vinha dos diferentes significados que nós dois atribuímos a essas palavras. Ele escreveu que “palavras como ‘legalizar’ (e até ‘descriminalizar’) têm uma ambiguidade que as tornam quase inúteis”. Não concordei: acredito que as palavras “legalizar” e “descriminalizar” têm significados bastante distintos e claros, sendo que tentei esclarecê-los.

Uso a palavra “descriminalização” no sentido de que o uso pessoal deixe de ser crime — de maneira que não se possa prender ou deter alguém por estar com, digamos, um papelote de pó ou um LSD para uso pessoal. Para mim, “legalização” significa que a venda da droga seria retirada das mãos de gangues para ser transferida a lojas e farmácias (ou por outra via legal).

Então, com base em minha entrevista inicial com ele e usando essas definições como ponto de partida, não consegui entender como a posição de Mason não se opunha a uma legalização para além da maconha e do álcool, então continuei fazendo perguntas. Em resposta a essas questões de esclarecimento, Mason sugeriu que eu explicasse qual era sua posição declarando que ele apenas acredita ser “improvável” a legalização de outras drogas. Pedi que explicasse melhor. Entendi de nossa conversa inicial que ele pensava que as outras drogas *não deveriam* ser legalizadas — mas agora parecia que ele estava apenas dizendo que elas provavelmente *não seriam* legalizadas.

Ele continuou defendendo que o termo “legalização” não quer dizer nada, dizendo que legalizar uma droga é diferente de regularizá-la. Para mim, legalização e regulação são sinônimos — querem dizer a mesma coisa. Legalização é o processo de estabelecimento de um marco regulatório no qual uma droga pode ser vendida e consumida.

Mas para Mason não é assim. No final, concordamos em um enunciado que os dois acreditamos ser correto para descrever a sua posição, e é o que uso neste capítulo — ele acredita que as outras drogas podem e devem ser legalizadas, mas não da mesma maneira que a maconha.

Quis colocar toda essas informações aqui para que o leitor possa tirar suas próprias conclusões, mas também porque acredito que possa ser útil explicar aos leitores que mesmo alguém como Mason, uma pessoa informada, inteligente e comprometida com a questão, não concorda com alguns dos termos que eu uso para descrever as soluções. Ocorreu-me durante a troca de e-mails com ele que uma parte da luta para acabar com a guerra às drogas é chegar a um acordo sobre como descrever as alternativas. Mesmo pessoas que concordam sobre o essencial — como Mason e eu — podem chegar a uma aparente discordância por não ter chegado a um consenso sobre o significado de algumas palavras.

“um estudo na revista *Lancet*”: “Scoring Drugs”, *e Economist*, 2 nov. 2010. Disponível em: <economist.com/blogs/dailychart/2010/11/drugs_cause_most_harm>. Acesso em: 6 jan. 2014. David J. Nutt, Leslie A. King e Lawrence D. Phillips, “Drug Harms in the UK: A Multicriteria Decision Analysis”, *e Lancet*, v. 376, n. 9752, pp. 1558-65, 6 nov. 2010. Disponível em: <[thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(10\)61462-6/](http://thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(10)61462-6/)>. Acesso em: 30 mar. 2014.

p. 0, “Parece que as mesmas pessoas”: German Lopez, “Colorado Governor Who Opposed Legalizing Pot Now Says It’s Going Fine”, *Vox*, 3 jul. 2014. Disponível em: <vox.com/2014/7/3/5868249/colorado-governor-who-opposed-legalizing-pot-now-says-its-going-fine>. Acesso em: 3 jul. 2014.

“senso comum”: Matt Ferner, “Marijuana Legalization: Colo. Gov. Hickenlooper Signs First Bills In History To Establish A Legal, Regulated Pot Market For Adults”, *e Huffington Post*, 28 maio 2013. Disponível em: <huffingtonpost.com/2013/05/28/hickenlooper-signs-colora_n_3346798.html>. Acesso em: 2 jan. 2014.

“Vamos encarar: a guerra”: Dylan Stableford, “Colorado Governor on Pot Legalization: ‘It Could’ve Been a Lot Worse’”, *Yahoo News*, 1 jul. 2014. Disponível em: <yahoo.com/colorado-governor-marijuana-legalization-221049661.html>. Acesso em: 4 jul. 2014.

“um brownie de maconha”: Disponível em: <online.wsj.com/news/articles/SB20001424052748703559504575630760766227660>. Acesso em: 14 jan. 2014.

19. A ÚNICA DESCULPA

“coletivo Papo Reto”: Disponível em: <facebook.com/ColetivoPapoReto/>.

“61 mil pessoas por ano”: Daniel Mello, “Com mais de 61 mil assassinatos, Brasil tem recorde de homicídios em 2016”, *Agência Brasil*, 30 out. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-10/commais-de-61-mil-assassinatos-brasil-tem-recorde-de-homicidios-em-2016>>. “You Killed My Son: Killings By Military Police In Rio de Janeiro”, 31 jul. 2015. Disponível em: <amnestyusa.org/reports/you-killed-my-son-killings-by-military-police-in-rio-de-janeiro/>. “You Killed My Son: Homicides By Military Police In the City of Rio de Janeiro”, Londres/ Rio de Janeiro: Anistia Internacional, 2015, p. 10. Disponível em: <amnestyusa.org/files/youkilled_final_bx.pdf>.

“um jovem acadêmico”: Blog Dênis Petucco: Drogas, Educação & Saúde. Disponível em: <<http://denispetuco.blogspot.com.br>>.

“*Gin Lane*”: Warner, op. cit.

“lixo vivo”: Leonardo Sakamoto, “Caro João Doria, precisamos mesmo limpar sp. De todo tipo de preconceito”, 12 maio 2015. Disponível em: <blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2016/12/05/carjoao-doria-precisamos-mesmo-limpar-sp-de-todo-tipo-de-preconceito/>.

“demoliram tudo”: “Brazil Police Clear New ‘Crackland’ in São Paulo”, *BBC News*, 12 jun. 2017. Disponível em: <bbc.co.uk/news/world-latin-america-40243389>.

“ferindo três pessoas”: César Muñoz, “São Paulo Ramps Up ‘War On Drugs’”, Human Rights Watch, 25 maio 2017. Disponível em: <hrw.org/news/2017/05/25/sao-paulo-ramps-war-drugs>. Elaine Patricia Cruz, “Governo de São Paulo e prefeitura fazem operação na Cracolândia”, *Agência Brasil*, 21 maio 2017. Disponível em: <agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-05/governo-de-sao-paulo-e-prefeitura-fazem-operacao-na-cracolandia>.

EPÍLOGO: SE VOCÊ ESTIVER SÓ

“um enorme cemitério”: Mentalizei pela primeira vez essa imagem de um cemitério alternativo da guerra às drogas enquanto lia a incrível história de resistência sobre a Primeira Guerra, *To End All Wars: A Story of Loyalty and Rebellion, 1914-1918*, de Adam Hochschild, na qual ele imagina um enorme cemitério onde estão enterrados todos os que resistiram.

“24 mil pessoas”: Niamh Eastwood, “Drugs — It’s Time for Better Laws”, *Release*, 18 jun. 2013. Disponível em: <release.org.uk/blog/drugs-its-time-better-laws>. Acesso em: 14 jan. 2014.

“A lei precisa aceitar os fatos”: Sloman, op. cit., p. 34.

“Eles não desistiram”: Acredito ter pegado este slogan — “Eles não desistiram, resistiram” — do grupo australiano Get Up, que teve como um dos seus fundadores meu amigo Jeremy

Heimans.

“se sentem mais fortes”: Acredito que tenha sido Julia Blackburn, biógrafa de Billie Holiday, quem primeiro falou para mim sobre como as músicas da cantora tornavam as pessoas mais fortes — adorei isso, tanto que me marcou muito.

“seria esquecida”: Entrevista com Yolande Bavan.

“Um dia, os Estados Unidos”: Arquivos de Julia Blackburn, “The Story of Billie”, artigo v, por William Dufty, caixa 18, pasta VII.

“Se estiver só”: Entrevista com Juan Fraire Escobedo, recordando as palavras de sua mãe.

“membro muito importante”: Anslinger, *Murderers*, pp. 172-3.

“A escolha é sua”: “Was Senator Joseph McCarthy a Heroin Addict?”, Schaffer Library of Drug Policy. Disponível em: <druglibrary.org/schaffer/library/joe_mccarthy.htm>. Acesso em: 24 fev. 2013.

“instáveis, desequilibradas, histéricas”: Sloman, op. cit., p. 258.

“abafou o caso”: Anslinger, *Murderers*, p. 173.

“Anslinger havia admitido isso”: Maxine Cheshire, “Drugs and Washington, D.C.”, *Ladies Home Journal*, v. 95, dez. 1978. Disponível em: <druglibrary.org/schaffer/history/e1970/drugswashdc.htm>.

“tomar doses diárias de morfina”: McWilliams, op. cit., p. 187. Mesmo um biógrafo bastante simpático a Anslinger, John McWilliams, considerou isso “uma incrível ironia para alguém que dedicou toda a sua vida adulta à repressão e ao enfrentamento de narcóticos desse tipo”. Ver *ibid*.

Referências bibliográficas

- ACKER, Caroline Jean. *Creating the American Junkie: Addiction Research in the Classic Era of Narcotic Control*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 2006.
- ACKER, Caroline Jean; TRACY, Sarah W. (Orgs.). *Altering American Consciousness*. Amherst, MA: University of Massachusetts Press, 2004.
- ALBARELLI, H. P., Jr. *A Terrible Mistake: The Murder of Frank Olson and the CIA's Secret Cold War Experiments*. Walterville, OR: Trine Day, 2009.
- ALEXANDER, Bruce K. *The Globalization of Addiction: A Study in Poverty of the Spirit*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- _____. *Peaceful Measures: Canada's Way Out of the "War on Drugs"*. Toronto: University of Toronto Press, 1990.
- _____. "The Rise and Fall of the Official View of Addiction". Disponível em: <<http://www.brucekalexander.com/articles-speeches/277-rise-and-fall-of-the-official-view-of-addiction-6>>.
- ALEXANDER, Michael. *Jazz Age Jews*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001.
- ALEXANDER, Michelle. *The New Jim Crow*. Nova York: New Press, 2010.
- ANDREAS, Peter (Org.). *Policing the Globe: Criminalization and Crime Control in International Relations*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- ANSLINGER, Harry. *The Murderers: The Shocking Story of the Narcotics Gang*. Nova York: Garden City, 1962.
- _____. *The Protectors: Our Battle Against the Crime Gangs*. Nova York: Farrar, Straus, 1966.
- ANSLINGER, Harry; TOMPKINS, William F. *The Traffic in Narcotics*. Nova York: Funk and Wagnalls, 1953.
- ARPAIO, Joe; SHERMAN, Len. *Joe's Law: America's Toughest Sheriff Takes On Illegal Immigration, Drugs, and Everything Else That Threatens America*. Nova York: Amacom, 2008.
- ATTWOOD, Shawn. *Hard Time: Life with Sheriff Joe Arpaio in America's Toughest Jail*. Nova York: Skyhorse, 2011.
- BALKO, Radley. *Overkill: The Rise of Paramilitary Police Raids in America*. Washington, D.C.: Cato Institute, 2006.

- _____. *Rise of the Warrior Cop*. Nova York: Public Affairs, 2013.
- BARRETT, Damon (Org.). *Children of the Drug War: Perspectives on the Impact of Drug Policies on Young People*. Londres: International Debate Education Association, 2011.
- BAUM, Dan. *Smoke and Mirrors*. Nova York: Little, Brown, 1996.
- BECKER, Howard. *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. Nova York: Free, 1966.
- BEITH, Malcolm. *The Last Narco: Hunting El Chapo, the World's Most Wanted Drug Lord*. Nova York: Penguin, 2010.
- BENAVIE, Arthur. *Drugs: America's Holy War*. Nova York: Routledge, 2009.
- BENNETT, William J.; DI IULIO John R.; WALTERS, John P. *Body Count: Moral Poverty... and How to Win America's War Against Crime and Drugs*. Nova York: Simon & Schuster, 1996.
- BERGMANN, Luke. *Getting Ghost: Two Young Lives and the Struggle for the Soul of an American City*. Nova York: New Press, 2008.
- BEWLEY-TAYLOR, David. *The United States and International Drug Control, 1909-1997*. Nova York: Continuum, 1999.
- _____. *International Drug Control: Consensus Fractured*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2012.
- BLACKBURN, Julia. *With Billie: A New Look at the Unforgettable Lady Day*. Nova York: Vintage, 2005.
- BLACKMAN, Shane. *Chilling Out: The Cultural Politics of Substance Consumption, Youth and Drug Policy*. Nova York: Open University Press, 2004.
- BONNIE, Richard J.; WHITEBREAD, Charles H. *The Marijuana Conviction: A History of Marijuana Prohibition in the United States*. Nova York: Lindesmith Center, 1999.
- BOWDEN, Charles. *Down by the River: Drugs, Money, Murder and Family*. Nova York: Simon & Schuster, 2004.
- _____. *Murder City: Ciudad Juárez and the Global Economy's New Killing Fields*. Nova York: Nation, 2010.
- _____. *A Shadow in the City*. Nova York: Harcourt, 2005.
- BOWDEN, Mark. *Killing Pablo*. Nova York: Penguin, 2001.
- BOYD, Susan; MACPHERSON, Donald; OSBORN, Bud (Orgs.). *Raise Shit! Social Action Saving Lives*. Vancouver: Fernwood, 2009.
- BRAND, Russell. *My Booky Wook*. Londres: Hodder, 2007.
- _____. *Booky Wook 2: It's Time It's Personal*. Londres: HarperCollins, 2010.
- BURROUGHS, William. *Junky*. Nova York: Penguin, 2003.
- BUTLER, Paul. *Let's Get Free: A Hip-Hop Theory of Justice*. Nova York: New Press, 2009.
- CALLENDER, Reverendo Eugene. *Nobody's a Nobody: The Story of a Harlem Ministry Hard at Work to Change America*. Nova York: Create Space Independent Publishing Platform, 2012.
- CAMPBELL, Howard. *Drug War Zone: Frontline Dispatches from the Streets of El Paso and Juárez*. Austin, TX: University of Texas Press, 2009.
- CAMPBELL, Larry; BOYD, Neil; CULBERT, Lori. *A Thousand Dreams: Vancouver's Downtown Eastside and the Fight for Its Future*. Vancouver: D&M, 2009.
- CAMPBELL, Nancy; OLSEN, J. P.; WALDEN, Luke. *The Narcotic Farm: The Rise and Fall of America's First Prison for Drug Addicts*. Nova York: Abrams, 2008.

- CAMPOS, Isaac. *Home Grown: Marijuana and the Origins of Mexico's War on Drugs*. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 2012.
- CARPENTER, Ted Galen. *Bad Neighbor Policy: Washington's Futile War on Drugs in Latin America*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2003.
- CARROLL, Jim. *e Basketball Diaries*. Nova York: Penguin, 1995.
- CHADWICK, Charlie; PARKER, Howard. "Wirral's Enduring Heroin Problem: e Prevalence, Incidence and the Characteristics of Drug Use in Wirral, 1984—87." e Misuse of Drugs Research Project [Projeto de Pesquisa do Mau Uso das Drogas], apresentado ao Comitê Wirral de Aconselhamento para Drogas do Departamento de Assistência Social da Universidade de Liverpool, 1988.
- CHILTON, John. *Billie's Blues*. Nova York: Quartet, 1975.
- CLARKE, Donald. *Billie Holiday: Wishing on the Moon*. Cambridge, MA: Da Capo, 2000.
- CLARKE, Donald Henderson. *In the Reign of Rothstein*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2006.
- CLEGG, Bill. *Portrait of an Addict as a Young Man: A Memoir*. Nova York: Jonathan Cape, 2010.
- CORDANO, José Alberto. *Mujica en Búsqueda*. Montevideu: Fin de Siglo, 2009.
- COUPLAND, Douglas. *City of Glass*, edição revisada. Vancouver: Douglas and McIntyre, 2009.
- COURTRIGHT, David; JARLAIS, Don Des; JOSEPH, Herman. *Addicts Who Survived: An Oral History of Narcotic Use in America, 1923-1965*. Knoxville, TN: University of Tennessee Press, 1989.
- CSETE, Joanne. *From the Mountaintops*. Londres: Open Society Foundation, 2011.
- DAVENPORT-HINES, Richard. *e Pursuit of Oblivion*. Nova York: W. W. Norton, 2003.
- DEGRANDPRE, Richard. *e Cult of Pharmacology: How America Became the World's Most Troubled Drug Culture*. Durham, NC: Duke University Press, 2006.
- DEMERS, Charles. *Vancouver Special*. Vancouver: Arsenal Pulp, 2009.
- DHYWOOD, Jeffrey. *World War D: e Case Against Prohibitionism: A Roadmap to Controlled Re-legalization*. Columbia Communications, 2011.
- DOMOSLAWSKI, Artur. *Drug Policy in Portugal: e Benefits of Decriminalizing Drug Use*. Nova York: Open Society Foundations, 2011.
- EDWARDS, Griffith (Org.). *Addiction: Evolution of a Specialist Field*. Londres: Blackwell, 2002.
- ELSNER, Alan. *e Gates of Injustice: e Crisis in America's Prisons*. Nova York: FT, 2004.
- ELTON, Ben. *High Society*. Londres: Black Swan, 2003.
- EPPINGA, Jane. *Arizona Sheriffs: Badges and Bad Men*. Phoenix, AZ: Rio Nuevo, 2006.
- EPSTEIN, Edward Jay. *Agency of Fear: Opiates and Political Power in America*. Nova York: Verso, 1990.
- ERLEN, Jonathon; SPILLANE, Joseph F. (Orgs.). *Federal Drug Control: e Evolution of Policy and Practice*. Binghamton, NY: Haworth, 2004.
- ESCOHOTADO, Antonio. *A Brief History of Drugs: From the Stone Age to the Stoned Age*. South Paris, ME: Park Street, 1999.
- EVANS, Dylan. *Placebo: e Belief Effect*. Londres: HarperCollins, 2003.
- FEILING, Tom. *e Candy Machine: How Cocaine Took Over the World*. Nova York: Penguin, 2009.

- FERENTZY, Peter. *Dealing with Addiction: Why the Twentieth Century Was Wrong*. Raleigh, NC: Lulu, 2010.
- FERREIRA, Hugo Gil; MARSHALL, Michael W. *Portugal's Revolution: Ten Years On*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- FINE, Doug. *Too High to Fail: Cannabis and the New Green Economic Revolution*. Nova York: Gotham, 2012.
- FISH, Jefferson M. (Org.). *How to Legalize Drugs*. Northvale, NJ: Jason Aaronson, 1998.
- FOX, Steve; ARMENTANO, Paul; TVERT, Mason. *Marijuana Is Safer: So Why Are We Driving People to Drink?*. White River Junction, VT: Chelsea Green, 2009.
- GALLAHER, Carolyn. *On the Fault Line: Race, Class, and the American Patriot Movement*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2002.
- GARCÍA, Alfredo. *Pepe Coloquios*. Montevidéo: Fin de Siglo, 2009.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *News of a Kidnapping*. Nova York: Vintage, 2008.
- GERBER, Rudolph Joseph. *Legalizing Marijuana: Drug Policy Reform and Prohibition Politics*. Westport, CT: Greenwood, 2004.
- GERHARDT, Sue. *Why Love Matters*. Londres: Routledge, 2004. [Por que o amor é importante: como o afeto molda o cérebro do bebê. Artmed, 2017.]
- GIBLER, John. *To Die In Mexico: Dispatches from Inside the Drug War*. San Francisco: City Lights, 2011.
- GLENNY, Misha. *McMafia*. Londres: Bodley Head, 2008. [McMáfia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.]
- GOBLET D'ALVIELLA, Eugène. *e Mysteries of Eleusis: e Secret Rites and Rituals of the Classical Greek Mystery Tradition*. Wellingborough: Aquarian, 1981.
- GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, Sergio. *e Femicide Machine*. Los Angeles: Semiotext(e), 2012.
- GOODE, Erich; BEN-YEHUDA, Nachman. *Moral Panics: e Social Construction of Deviance*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2009.
- GRAHAM-MULHALL, Sara. *Opium: e Demon Flower*. Montrose: Montrose, distribuído pela World Foundation for Public Enlightenment on Traffic in Opium, 1928.
- GRAY, juiz James P. *Why Our Drug Laws Failed and What We Can Do About It: A Judicial Indictment of the War on Drugs*. Philadelphia, PA: Temple University Press, 2001.
- GRAY, Mike. *Drug Crazy*. Nova York: Random House, 1998.
- GRAYSON, George W.; LOGAN, Samuel. *e Executioner's Men: Los Zetas, Rogue Soldiers, Criminal Entrepreneurs, and the Shadow State ey Created*. New Brunswick, NJ: Transaction, 2012.
- GREENFIELD, Robert. *Timothy Leary: A Biography*. Nova York: Harcourt, 2006.
- GREENWALD, Glenn. *With Liberty and Justice for Some: How the Law Is Used to Destroy Equality and Protect the Powerful*. Nova York: Metropolitan, 2011.
- GRILLO, Ioan. *El Narco: Inside Mexico's Criminal Insurgency*. Nova York: Bloomsbury, 2011.
- GRIM, Ryan. *is Is Your Country on Drugs: e Secret History of Getting High in America*. Hoboken: John Wiley and Sons, 2009.
- HARNEY, Malachi; CROSS, John. *e Narcotic Officer's Notebook*. Springfield, IL: Charles C. omas, 1973.

- HEATHER, Nick (Org.). *The Essential Handbook of Treatment and Prevention of Alcohol Problems*. Hoboken: John Wiley and Sons, 2004.
- HENTOFF, Nat. *At the Jazz Band Ball*. Berkeley, CA: University of California Press, 2010.
- _____. *The Jazz Life*. Cambridge, MA: Da Capo, 1961.
- HERIVEL, Tara; WRIGHT, Paul (Orgs.). *Prison Profiteers: Who Makes Money from Mass Incarceration*. Nova York: New Press, 2007.
- HICKMAN, Timothy A. *The Secret Leprosy of Modern Days: Narcotic Addiction and Cultural Crisis in the United States, 1870-1920*. Amherst, MA: University of Massachusetts Press, 2007.
- HILLMAN, D.C.A. *The Chemical Muse: Drug Use and the Roots of Western Civilization*. Nova York: St. Martin, 2008.
- HOLIDAY, Billie; DUFTY, William. *Lady Sings the Blues*. Londres: Penguin UK, 1984.
- HUANG, Yunte. *Charlie Chan: The Untold Story of the Honorable Detective and His Rendezvous with American History*. Nova York: W. W. Norton, 2010.
- HUIDOBRO, Eleuterio. *La Fuga de Punta Carretas*. Montevidéo: Banda Oriental, 2012.
- HUIDOBRO, Eleuterio; ROSENCOF, Mauricio. *Memorias del Calabozo*. Montevidéo: Banda Oriental, 1988.
- HUXLEY, Aldous. *The Doors of Perception*. Nova York: Vintage, 2004. [As portas da percepção. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.]
- INKSTER, Nigel; COMOLLI, Virginia. *Drugs, Insecurity and Failed States: The Problems of Prohibition*. Londres: Routledge, 2012.
- JACK, Malcolm. *Lisbon: City of the Sea; A History*. Londres: I. B. Tauris, 2007.
- JARVIS, Brian. *Cruel and Unusual: Punishment and U.S. Culture*. Sterling, VA: Pluto, 2004.
- JAY, Mike. *Emperors of Dreams: Drugs in the Nineteenth Century*. Sawtry, Cambridgeshire: Dedalus, 2000.
- _____. *High Society: Mind-Altering Drugs in History and Culture*. Londres: Thames and Hudson, 2010.
- JONNES, Jill. *Hep-Cats, Narcs, and Pipe Dreams: A History of America's Romance With Illegal Drugs*. Nova York: Scribner, 1996.
- KAISER, David. *How the Hippies Saved Physics: Science, Counterculture, and the Quantum Revival*. Nova York: W. W. Norton, 2011.
- KATCHER, Leo. *The Big Bankroll: The Life and Times of Arnold Rothstein*. Cambridge, MA: Da Capo, 1994.
- KAYMAN, Martin. *Revolution and Counter-Revolution in Portugal*. Wolfeboro, NH: Merlin, 1987.
- KERÉNYI, Carl. *Eleusis: Archetypal Image of Mother and Daughter*. Princeton: Princeton University Press, 1967.
- KEYS, Daniel Patrick; GALLIHER, John F. *Confronting the Drug Control Establishment: Alfred Lindesmith as a Public Intellectual*. Nova York: Suny, 2000.
- KING, Alexander. *May His House Be Safe from Tigers*. Londres: Heinemann, 1960.
- KING, Rufus. *The Drug Hang-Up: America's Fifty-Year Folly*. Nova York: W. W. Norton, 1972.
- KOBLER, John. *Capone: The Life and World of Al Capone*. Cambridge, MA: Da Capo, 1992.
- KOHN, Marek. *Dope Girls: The Birth of the British Drug Underground*. Londres: Granta, 1992.

- KUNTZ, Joelle. *Switzerland: How an Alpine Pass Became a Country*. Historiator, 2008.
- LASCH, Christopher. *The Culture of Narcissism: American Life in an Age of Diminishing Expectations*. Nova York: W. W. Norton, 1991.
- LEE, Martin A.; SHLAIN, Bruce. *Acid Dreams: The CIA, LSD, and the Sixties Rebellion*. Grove, 1985.
- LEVINE, Michael. *Deep Cover: The Inside Story of How DEA Infighting, Incompetence and Subterfuge Lost Us the Biggest Battle of the Drug War*. Backprint, Lincoln, NE: Authors Guild, 2000.
- LIDDY, G. Gordon. *Will*. Nova York: St. Martin, 1998.
- LINDESMITH, Alfred. *The Addict and the Law*, edição on-line.
- LONGMIRE, Sylvia. *Cartel: The Coming Invasion of Mexico's Drug Wars*. Nova York: Palgrave, 2011.
- LOWES, Peter. *The Genesis of International Narcotics Control*. Genebra: Librairie Droze, 1966.
- LYNCH, Mona. *Sunbelt Justice: Arizona and the Transformation of American Punishment*. Redwod City, CA: Stanford University Press, 2010.
- LYNCH, Timothy (Org.). *After Prohibition: An Adult Approach to Drug Policies in the 21st Century*. Washington D.C.: Cato Institute, 2000.
- MACCOUN, Robert J.; REUTER, Peter (Orgs.). *Drug War Heresies: Learning from Other Vices, Times, and Places*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- MAILER, Phil. *Portugal: The Impossible Revolution?* Londres: Solidarity London, 1977.
- MALINOWSKA-SEMPRUCH, Kasia; GALLAGHER, Sarah (Orgs.). *War on Drugs, HIV/ AIDS and Human Rights*. Nova York: International Debate Education Association, 2004.
- MAREZ, Curtis. *Drug Wars: The Political Economy of Narcotics*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2004.
- MARGOLICK, David. *Strange Fruit: Billie Holiday, Café Society, and an Early Cry for Civil Rights*. Edimburgo: Canongate, 2001.
- MARINCOLO, Sebastian. *High: Insights on Marijuana*. Indianapolis, IN: Dog Ear, 2010.
- MARTINEZ, Oscar J. *Border Boom Town: Ciudad Juárez Since 1848*. Austin, TX: University of Texas Press, 1978.
- MASSING, Michael. *The Fix*. Berkeley, CA: University of California Press, 2000.
- MATÉ, Gabor. *In the Realm of Hungry Ghosts: Close Encounters with Addiction*. Berkeley, CA: North Atlantic, 2010.
- _____. *Scattered Minds: The Origins and Healing of Attention Deficit Disorder*. Toronto: Knopf Canada, 1999.
- _____. *When the Body Says No: Exploring the Stress-Disease Connection*. Hoboken, NJ: John Wiley and Sons, 2011.
- MCKENNA, Terence. *Food of the Gods: A Radical History of Plants, Drugs and Human Evolution*. Nova York: Random House, 1992.
- MCKIBBEN, Bill. *Deep Economy: The Wealth of Communities and the Durable Future*. Nova York: Holt Paperbacks, 2007.
- MCWILLIAMS, John C. *The Protectors: Harry J. Anslinger and the Federal Bureau of Narcotics, 1930-62*. Newark, DE: University of Delaware Press, 1991.

- MERRYMAN, John Henry. *Stanford Legal Essays*. Stanford, CA: University of California Press, 1975.
- MILLER, Richard Lawrence. *The Case for Legalizing Drugs*. Santa Barbara, CA: Praeger, 1991.
- _____. *Drug Warriors and Their Prey: From Police Power to Police State*. Santa Barbara, CA: Praeger, 1996.
- MIRON, Jeffrey. *Drug War Crimes: The Consequences of Prohibition*. Chicago: Independent Institute, 2004.
- MOLLOY, Molly; BOWDEN, Charles (Orgs.). *Confessions of a Cartel Hit Man*. Londres: Arrow, 2012.
- MOSKOS, Peter. *Cop in the Hood: My Year Policing Baltimore's Eastern District*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2008.
- MURPHY, Emily. *The Black Candle*. Toronto: Thomas Allen, 1922.
- MURTAGH, John Martin; HARRIS, Sara. *Who Live in Shadow*. Londres: New English Library, 1960.
- MUSTO, David. *The American Disease: Origins of Narcotic Control*. Oxford: Oxford University Press, 1987.
- _____. (Org.). *One Hundred Years of Heroin*. Westport, CT: Greenwood, 2002.
- NAWA, Fariba. *Opium Nation: Child Brides, Drug Lords, and One Woman's Journey through Afghanistan*. Nova York: Harper Perennial, 2011.
- NEWARK, Tim. *Boardwalk Gangster: The Real Lucky Luciano*. Nova York: St. Martin, 2010.
- NICHOLSON, Stuart. *Billie Holiday*. Londres: Victor Gollancz, 1995.
- NUTT, David. *Drugs Without the Hot Air: Minimising the Harms of Legal and Illegal Drugs*. Cambridge: UIT, Cambridge, 2012.
- OKRENT, Daniel. *Last Call: The Rise and Fall of Prohibition*. Nova York: Simon & Schuster, 2012.
- O'MEALLY, Robert. *Lady Day: The Many Faces of Billie Holiday*. Nova York: Arcade, 1993.
- O'ROURKE, Beto; BYRD, Susie. *Dealing Death and Drugs: The Big Business of Dope in the U.S. and Mexico*. El Paso, TX: Cinco Puntos, 2011.
- OSBORN, Bud. *Hundred Block Rock*. Vancouver: Arsenal Pulp, 1999.
- _____. *Signs of the Times*. Londres: Anvil, 2005.
- PARENTI, Christian. *Lockdown America: Police and Prisons in the Age of Crisis*. Nova York: Verso, 1999.
- PIETRUSZA, David. *Rothstein: The Life, Times, and Murder of the Criminal Genius Who Fixed the 1919 World Series*. Nova York: Basic, 2003.
- PINCHBECK, Daniel. *Breaking Open the Head: A Psychedelic Journey into the Heart of Contemporary Shamanism*. Nova York: HarperCollins, 2003.
- PINKER, Steve. *The Better Angels of Our Nature Why Violence Has Declined*. Londres: Penguin, 2011.
- PISANI, Elizabeth. *The Wisdom of Whores: Bureaucrats, Brothels, and the Business of AIDS*. Londres: Granta, 2009.
- PRITCHETT, Wendell E. *Brownsville, Brooklyn: Blacks, Jews, and the Changing Face of the Ghetto*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

- PUTNAM, Robert D. *Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community*. Nova York: Simon & Schuster, 2000.
- QUINONES, Sam. *True Tales from Another Mexico*. Albuquerque, NM: University of New Mexico Press, 2001.
- RAINFORD, John. *Consuming Pleasures: Australia and the International Drug Business*. Freemantle, Australia: Freemantle, 2010.
- RASTELLO, Luca. *I Am the Market: How to Smuggle Cocaine by the Ton and Live Happily*. Londres: Granta, 2010.
- REDING, Nick. *Methland: The Death and Life of an American Small Town*. Nova York: Bloomsbury, 2009.
- REED, Jeremy. *Saint Billie*. Londres: Enitharmon, 2001.
- REINARMAN, Craig; LEVINE, Harry (Orgs.). *Crack in America: Demon Drugs and Social Justice*. Berkeley, CA: University of California Press, 1997.
- REMPEL, William C. *At the Devil's Table: The Untold Story of the Insider Who Brought Down the Cali Cartel*. Nova York: Random House, 2011.
- ROLLES, Steve. *After the War on Drugs: Blueprint for Regulation*. Bristol: Transform, 2009.
- ROSENCOF, Mauricio; HUIDOBRO, Eleuterio. *Memorias del Calobozo*. Montevidéo: Banda Oriental, 2004.
- ROTHSTEIN, Carolyn. *Now I'll Tell*. Nova York: Vanguard, 1934.
- RUCK, Carl A. P. *Sacred Mushrooms of the Goddess: Secrets of Eleusis*. Berkeley, CA: Ronin, 2006.
- RUDGLEY, Richard. *The Alchemy of Culture: Intoxicants in Society*. Londres: British Museum, 1993.
- SASSO, Rolando W. (Org.). *Pepe en la Radio, Pensando el País*. Montevidéo: Participando, 2010.
- SATEL, Sally; LILIENFELD, Scott O. *Brainwashed: The Seductive Appeal of Mindless Neuroscience*. Nova York: Basic, 2013.
- SCHLESINGER, Arthur. *Robert Kennedy and His Times*. Vol. 1. Londres: Deutsch, 1978.
- SCHLOSSER, Eric. *Reefer Madness: Sex, Drugs, and Cheap Labor in the American Black Market*. Londres: Penguin, 2003.
- SELF, Will. *Junk Mail*. Londres: Bloomsbury, 1995.
- SHAPIRO, Harry. *Shooting Stars: Drugs, Hollywood and the Movies*. Londres: Serpent's Tail, 2003.
- _____. *Waiting for the Man: The Story of Drugs and Popular Music*. Londres: Helter Skelter, 2003.
- SHAPIRO, Nat; HENTOFF, Nat. *Hear Me Talkin' to Ya: The Story of Jazz as Told by the Men Who Made It*. Nova York: Penguin, 1962.
- SIEGEL, Ronald K. *Intoxication: Life in Pursuit of Artificial Paradise*. Nova York: Simon & Schuster, 1989.
- SIMON, David; BURNS, Ed. *The Corner: A Year in the Life of an Inner-City Neighborhood*. Londres: Canongate, 2009.
- SLATER, Lauren. *Opening Skinner's Box: Great Psychological Experiments of the Twentieth Century*. Nova York: W. W. Norton, 2004.

- SLOMAN, Larry. *Reefer Madness: A History of Marijuana*. Nova York: St. Martin's Griffin, 1998.
- SONDERN, Frederic. *Brotherhood of Evil: The Mafia*. Londres: Hamilton, 1961.
- STEVENS, Alex. *Drugs, Crime and Public Health: The Political Economy of Drug Policy*. Londres: Routledge, 2011.
- STRICKLAND, Joy. *In the Mourning: A Mother's Journey from Tragedy to Triumph*. Dallas, TX: Strickland, 2010.
- SULLUM, Jacob. *Saying Yes: In Defense of Drug Use*. Nova York: Penguin, 2003.
- SZASZ, Thomas. *Ceremonial Chemistry: The Ritual Persecution of Drugs, Addicts, and Pushers*. Londres: Routledge and Segon Paul, 1975.
- _____. *Our Right to Drugs: The Case for Free Markets*. Nova York: Praeger, 1992.
- TEACHOUT, Terry. *Pops: The Wonderful World of Louis Armstrong*. Londres: JR, 2009.
- THOMPSON, Hunter S. *Hell's Angels: A Strange and Terrible Saga*. Londres: Michael Joseph, 2009.
- THORNTON, Mark. *The Economics of Prohibition*. Salt Lake City, UT: University of Utah Press, 1991.
- TONG, Benson. *The Chinese Americans*. Boulder, CO: University Press of Colorado, 2003.
- TOSCHES, Nick. *King of the Jews: The Greatest Mob Story Never Told*. Nova York: Hamish Hamilton, 2005.
- TREBACH, Arnold S. *The Heroin Solution*. New Haven, CT: Yale University Press, 1982.
- UCHTENHAGEN, Ambros, et al. *Prescription of Narcotics for Heroin Addicts: Main Results of the Swiss National Cohort Study*. Basilea/Londres: Karger, 2000.
- VAIL, Ken. *Lady Day's Diary: The Life of Billie Holiday, 1937-1959*. Londres: Castle Communications, 1996.
- VALENTINE, Douglas. *The Strength of the Pack: The Personalities, Politics and Espionage Intrigues that Shaped the DEA*. Walterville, OR: Trine Day, 2009.
- _____. *The Strength of the Wolf: The Secret History of America's War on Drugs*. Nova York: Verso, 2004.
- VULLIAMY, Ed. *Amexica: War Along the Borderline*. Londres: Bodley Head, 2010.
- WALKER, Stanley. *The Night Club Era*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1999.
- WALKER, William O. *Drug Control in the Americas*. Albuquerque, NM: University of New Mexico Press, 1981.
- WALLACE, David. *Capital of the World: A Portrait of New York City in the Roaring Twenties*. Guildford, CT: Lyons, 2011.
- WALTON, Stuart. *Out of It: A Cultural History of Intoxication*. Londres: Penguin, 2001.
- WARNER, Jessica. *Craze: Gin and Debauchery in an Age of Reason*. Londres: Profile, 2003.
- WASSON, R. Gordon; HOFMANN, Albert; RUCK, Carl A. P. *The Road to Eleusis: Unveiling the Secret of the Mysteries*. Nova York: Harcourt, 1978.
- WATT, Peter; ZEPEDA, Roberto. *Drug War Mexico: Politics, Neoliberalism and Violence in the New Narcoeconomy*. Londres: Zed, 2012.
- WESTON, Paul (Org.). *Narcotics USA*. Nova York: Greenberg, 1952.
- WHIPPLE, Sidney. *Noble Experiment: A Portrait of America Under Prohibition*. Londres: Methuen, 1934.

- WHITE, John. *Billie Holiday: Her Life and Times*. Universe, 1987.
- WHITE, William M. *Slaying the Dragon: The History of Addiction Treatment and Recovery in America*. Bloomington, IL: Chestnut Health Systems, 1998.
- WILLIAMS, E. H. *Opiate Addiction: Its Handling and Treatment*. Nova York: Macmillan, 1922.
- WILLIAMS, Henry Smith. *Adding Years to Your Life*. Nova York: Hearst's International Library, 1914.
- _____. *Drug Addicts Are Human Beings*. Washington, D.C.: Shaw, 1938.
- _____. *Drugs Against Men*. Reimpressão. Nova York: Arno, 1981.
- _____. (Org.). *The Historians' History of the World*. Vol. 3. Encyclopaedia Britannica, 1926.
- _____. *Luther Burbank*. Nova York: Hearst's International Library, 1915.
- _____. *The Science of Happiness*. Nova York, Londres: Harper & Brothers, 1909.
- _____. *The Survival of the Fittest*. Nova York: R. M. McBride, 1932.
- WOODS, Sally C. "Heroin and Methadone Substitution Treatments". Tese não publicada, Liverpool John Moores University, 2005.
- YARDLEY, Tom. *Why We Take Drugs: Seeking Excess and Communion in the Modern World*. Londres, Nova York: Routledge, 2012.

DOCUMENTÁRIOS

- 8 Murders a Day*, produzido por Charlie Minn (2011).
- Bastards of the Party*, produzido por Alex Alonso e Lisa Caruso (2005).
- Billie Holiday: Sensational Lady* (da série da BBC "Reputations"), dirigido por David F. Turnbull (2001).
- Cocaine Unwrapped*, dirigido por Rachel Seifert (2011).
- Dateline NBC: Inside Mexico's Drug War*, produzido por Solly Granatstein e Rayner Ramirez (2011).
- Endgame: AIDS in Black America*, produzido por Raney Aronson (2012).
- Fix: The Story of an Addicted City*, produzido por Nettie Wild e Betsy Carson (2012).
- Gladiator Days: Anatomy of a Prison Murder*, dirigido por Marc Levin (2002).
- The House I Live In*, dirigido por Eugene Jarecki (2013).
- Jazz*, dirigido por Ken Burns, produzido por Wynton Marsalis (2001).
- The Most Secret Place on Earth: The CIA's Covert War on Laos*, dirigido por Marc Eberle (2008)
- Nothing Personal*, "Young Guns," episódio 5, apresentado por Steve Schirripa (2011).
- Our Drug War*, dirigido por Angus MacQueen (2011).
- Pablo's Hippos*, produzido por Lawrence Elman e Antonio von Hildebrand (2010).
- Return Engagement*, dirigido por Alan Rudolf (1983).
- Sins of My Father*, dirigido por Nicolas Entel (2009).
- The Truth About Heroin*, dirigido por Nick Davies (2011).

ARQUIVOS E BIBLIOTECAS

Arquivos de Harry Anslinger na Penn State University, Pensilvânia
Arquivos de George White na Stanford University, Califórnia
Arquivo Nacional em San Francisco, Califórnia
Wellcome Trust Library, Londres
Arquivos do Federal Bureau of Narcotics, Virgínia
Biblioteca Pública de Nova York, Nova York
Library of Congress, Washington, D.C.
British Library, Londres
Arquivos de Julia Blackburn na Biblioteca de Brotherton, University of Leeds
Arquivo Público em Phoenix, Arizona



SIMON EMMETT

JOHANN HARI nasceu em Glasgow, na Escócia, em 1979. Graduado em ciências sociais e políticas pela Universidade de Cambridge, trabalhou como crítico e jornalista nos periódicos *New Statesman*, *Slate* e *The Independent*. É autor de *God Save the Queen?* e *Lost Connections*, ainda inéditos no Brasil.

Copyright © 2015 by Johann Hari
Proibida a venda em Portugal.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Chasing the Scream: The First and Last Days of the War on Drugs

Capa

Daniel Trench

Foto de capa

MAKOVSKY ART/ Shutterstock

Preparação

Paula Carvalho

Revisão

Isabel Cury

Ana Maria Barbosa

ISBN 978-85-545-1259-0

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

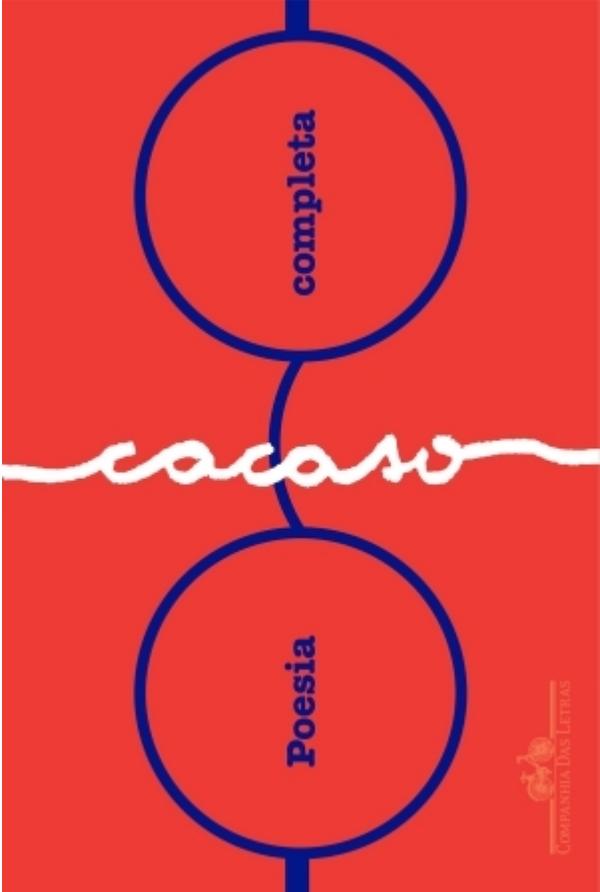
www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras



Poesia completa

Cacaso

9788554512880

456 páginas

[Compre agora e leia](#)

A reunião de toda a poesia de um dos principais expoentes da geração mimeógrafo. Com verso coloquial, breve e divertido — "rápido e rasteiro" —, Cacaso aliou bom-humor, sagacidade e vasto repertório intelectual em uma obra que deixou sua marca incontornável nos anos 1970. Professor, ensaísta, poeta e letrista, o mineiro foi um dos protagonistas da poesia marginal, período em que a postura arrojada, do "desbunde", se firmou como resposta ao autoritarismo dos anos de chumbo. O livro abarca a produção de 1967, com o título de estreia, Palavra cerzida, segue até o derradeiro Mar de mineiro, de 1982, e inclui uma farta seção de poemas inéditos, organizada por Heloisa Jahn, além de uma amostra da breve incursão do poeta nos contos. Poesia completa traz ainda um caderno de imagens com reproduções dos diários de Cacaso e textos de Roberto Schwarz, Heloisa Buarque de Hollanda, Francisco Alvim, Vilma Arêas e Mariano Marovatto sobre o poeta que se definiu com precisão: "Exagerado em matéria de ironia e em matéria de matéria moderado".

[Compre agora e leia](#)

CHIMAMANDA
NGOZI ADICHIE

.....
SEJAMOS
TODOS
FEMINISTAS


COMPANHIA DAS LETRAS



Sejamos todos feministas

Adichie, Chimamanda Ngozi

9788543801728

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis as questões que estão no cerne de *Sejamos todos feministas*, ensaio da premiada autora de *Americanah* e *Meio sol amarelo*. "A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente. "Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'" . Apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que

gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens". Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para pensar o que ainda precisa ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.

[Compre agora e leia](#)

1

COLEÇÃO DIRIGIDA POR
FERNANDO A. NOVAIS
VOLUME ORGANIZADO POR
LAURA DE MELLO E SOUZA

HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA NO BRASIL

*Cotidiano e vida privada
na América portuguesa*



História da vida privada no Brasil - vol. 1

Vários autores

9788554512934

424 páginas

[Compre agora e leia](#)

História da Vida Privada no Brasil traz um Brasil visto de perto, ano a ano, hora a hora. Nova edição em formato de bolso, com texto integral. A coleção História da Vida Privada no Brasil, em quatro volumes, tem por objetivo descrever e analisar os costumes, os hábitos e os modos de ser dos brasileiros ao longo de quase cinco séculos, dos primórdios da colonização portuguesa aos dias de hoje. Lançada no final dos anos 1990, a premiada coleção tornou-se uma referência incontornável na historiografia nacional e agora retorna ao mercado numa cuidadosa edição de bolso. O primeiro volume retrata os três primeiros séculos da vida nacional, desde a chegada dos portugueses às costas brasileiras até a instalação da corte de dom João VI no Rio de Janeiro. Os nove artigos aqui reunidos focalizam detalhes do dia a dia dos nossos antepassados: o que e como comiam; onde dormiam; que educação recebiam; o cotidiano dos escravizados; as viagens pelo interior; como se sabia a hora; os hábitos de higiene; a vida nas cidades: como se namorava, noivava e casava; como se nascia e como se morria.

[Compre agora e leia](#)

Pós-escrito da nova edição

BRASIL:
UMA Lilia M. Schwarcz
e Heloisa M. Starling
BIOGRAFIA



COMPANHIA DAS LETRAS

Brasil: uma biografia - Pós-escrito

Schwarcz, Lilia Moritz

9788554510763

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste pós-escrito do monumental Brasil: uma biografia, Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling lançam um olhar atualizado sobre os acontecimentos recentes e decisivos do país. A democracia posta em xeque, os desdobramentos das manifestações populares e o impeachment de Dilma Rousseff são alguns dos temas tratados pelas pesquisadoras, que mantêm o rigor na pesquisa e o texto fluente da obra lançada em 2015. Tanto continuidade dessa nova (e pouco convencional) biografia como análise independente do cenário brasileiro dos últimos anos, este é um convite para conhecer um país cuja história — marcada pelas falhas nos avanços sociais e pela violência — permanece em construção.

[Compre agora e leia](#)

FÉ, PODER
E O DECLÍNIO DOS
ROMÁNOV

RASPÚTIN

DOUGLAS
SMITH


COMPANHIA DAS LETRAS

Raspútin

Smith, Douglas

9788554512897

1128 páginas

[Compre agora e leia](#)

A biografia que mudará para sempre a forma como vemos uma das figuras mais poderosas da Rússia tsarista. Mais de cem anos após seu assassinato, Raspútin continua na imaginação popular como um símbolo da encarnação do mal. Muitos livros e filmes contam a história de sua ascensão misteriosa ao poder como confidente de Nicolau e Alexandra, e guardião do debilitado herdeiro do trono russo. Separando fato e ficção, o trabalho monumental do premiado historiador Douglas Smith apresenta Raspútin em toda sua complexidade: homem religioso, súdito leal, adúltero e boêmio. Com base em documentos encontrados em sete países, Raspútin é a biografia definitiva de um homem extraordinário que viveu o ocaso da dinastia Románov. "A biografia definitiva da figura mais misteriosa e controversa da Rússia." — The Washington Post "Douglas Smith pesquisa meticulosamente o homem atrás do mito. O resultado é uma narrativa lúcida e vívida de um Raspútin inesquecível." — The Wall Street Journal "Douglas Smith faz a biografia definitiva de Raspútin. Brilhante, envolvente e hipnótica. Selvagem e erótica em suas revelações, sensível no retrato humano, astuta na análise

política e muito rica no material pesquisado." — Simon Sebag Montefiore

[Compre agora e leia](#)